

ELIZABETH GILBERT

Da mesma autora de

COMER, REZAR, AMAR



A ASSINATURA *de* TODAS AS COISAS

ROMANCE

ALFAGUARA





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ELIZABETH
GILBERT

A ASSINATURA
de
TODAS AS COISAS

Tradução
Débora Landsberg

ALFAGUARA




Copyright © 2013, Elizabeth Gilbert

Todos os direitos reservados

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

The Signature of All Things

Capa

Alison Forner (adaptação de Marianne Lépine)

Ilustrações internas

Cinchona calisaya

Dicranaceae

Aerides odoratum

Autocarpus incisa

Juglans laciniosa

The LuEsther T. Mertz Library of The New York Botanical Garden, Bronx,
Nova York

Revisão

Raquel Correa

Rita Godoy

Fatima Fadel

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Freitas Bastos



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G393a

Gilbert, Elizabeth

A assinatura de todas as coisas [recurso eletrônico] / Elizabeth Gilbert ;
tradução Débora Landsberg. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.
520 p., recurso digital

Tradução de: *The signature of all things*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7962-261-8 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Landsberg, Débora. II.
Título.

13-03091

CDD: 813

CDU:

821.111(73)-3

A minha avó
Maude Edna Morcomb Olson
em homenagem ao seu centésimo aniversário

O que a vida é não sabemos. O que a vida faz sabemos bem.

— LORD PERCEVAL

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Parte Um | A árvore das febres](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Parte Dois | A Ameixa de White Acre](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Parte Três | A confusão de mensagens](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Parte Quatro | As consequências das missões](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

Capítulo vinte e seis

Parte Cinco | A curadora dos musgos

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Agradecimentos

Prólogo

Alma Whittaker, nascida com o século, deslizou para o nosso mundo em 5 de janeiro de 1800.

Rapidamente — quase imediatamente — opiniões começaram a se formar em torno dela.

A mãe de Alma, ao ver a criança pela primeira vez, ficou muito satisfeita com o resultado. Até então, Beatrix Whittaker não tivera sorte na geração de um herdeiro. As três primeiras tentativas de concepção tinham esvaecido em tristes regatos antes de sequer darem sinal de vida. A tentativa mais recente — um filho de constituição perfeita — estava à beira da vida, porém mudara de ideia exatamente na manhã em que deveria nascer, e chegara já tendo partido. Após tais perdas, qualquer criança que sobrevive é uma criança satisfatória.

Segurando o robusto bebê, Beatrix murmurou uma oração em seu idioma natal, o holandês. Orou para que a filha crescesse com saúde, sensatez e inteligência, e para que jamais fizesse amizade com garotas empoadas demais, ou risse de histórias vulgares, ou se sentasse a uma mesa de jogos com homens negligentes, ou lesse romances franceses, ou se comportasse de maneira adequada somente a um indígena selvagem, ou de alguma forma se tornasse a pior espécie de desonra que uma boa família pode sofrer; a saber, *een onnozelaar*, uma garota simplória. Assim concluíra sua bênção — ou o que constitui uma bênção, vinda de uma mulher tão austera quanto Beatrix Whittaker.

A parteira, uma mulher da cidade nascida na Alemanha, era da opinião de que aquele tinha sido um parto digno em uma casa digna, e que portanto Alma Whittaker era um bebê digno. O quarto estivera quente, serviram sopa e cerveja sem moderação, e a mãe tinha sido forte — exatamente o que se esperava de holandeses. Ademais, a parteira sabia que seria paga, e muito bem paga. Qualquer bebê que traga dinheiro é um bebê aceitável. Assim, a parteira também deu sua bênção a Alma, ainda que sem grande emoção.

Hanneke de Groot, a governanta da propriedade, não se impressionou tanto. O bebê não era menino nem era belo. O rosto parecia uma tigela de mingau, e era pálido como um assoalho pintado. Assim como todas as crianças, daria trabalho. Assim como todo trabalho, provavelmente recairia em seus ombros. Mas ela abençoou a criança mesmo assim, pois a bênção de um novo bebê é uma obrigação, e Hanneke de Groot sempre cumpria com suas obrigações. Hanneke

pagou à parteira e trocou a roupa de cama. Foi auxiliada nas tarefas, embora sem competência, por uma jovem criada — uma interiorana tagarela recém-incorporada à vida doméstica — que estava mais interessada em contemplar o bebê do que em arrumar o quarto. O nome da criada não merece registro aqui, já que Hanneke de Groot dispensaria no dia seguinte a garota por ser imprestável, e a mandaria embora sem referências. Todavia, durante aquela noite, a criada imprestável e condenada fez estardalhaço pelo novo bebê, e desejou um bebê para si, e concedeu uma bênção muito doce e sincera à jovem Alma.

Dick Yancey — um homem alto e intimidador de Yorkshire, que trabalhava para o cavaleiro da casa gerenciando com mão de ferro todos os seus interesses relativos ao comércio internacional (e que por acaso residia na propriedade naquele mês de janeiro, à espera de que os portos da Filadélfia degelassem para poder seguir para as Índias Orientais holandesas) — teve poucas palavras a dizer sobre o novo bebê. A bem da verdade, não era muito dado a conversas excessivas. Ao ser informado de que a sra. Whittaker dera à luz uma menina saudável, o sr. Yancey apenas franziu a testa e proclamou, num discurso tipicamente econômico: “Negócio difícil, viver.” Tratava-se de uma bênção? Difícil saber. Melhor lhe darmos o benefício da dúvida e supor que sim. Seguramente não pretendia que fosse uma maldição.

Quanto ao pai de Alma — Henry Whittaker, o dono da propriedade —, ele estava contente com a filha. Muito contente. Não se importava com o fato de não ser um menino, nem com a falta de beleza. Não abençoou Alma, mas só porque não fazia seu estilo. (“Os negócios de Deus não me dizem respeito”, falava com frequência.) Sem reservas, porém, Henry *admirou* a filha. Afinal, ele a havia feito, e a tendência de Henry Whittaker na vida era admirar sem reservas tudo o que havia feito.

Para celebrar a ocasião, Henry colheu um abacaxi de sua maior estufa e dividiu-o em partes iguais entre todas as pessoas da casa. Lá fora nevava, um típico inverno da Pensilvânia, mas o homem tinha várias estufas aquecidas com a queima de carvão que ele mesmo projetara — estruturas que não só causavam inveja em todos os horticultores e botânicos das Américas, como também lhe davam grande riqueza — e, se queria um abacaxi em janeiro, por Deus que conseguiria um abacaxi em janeiro. Assim como cerejas em março.

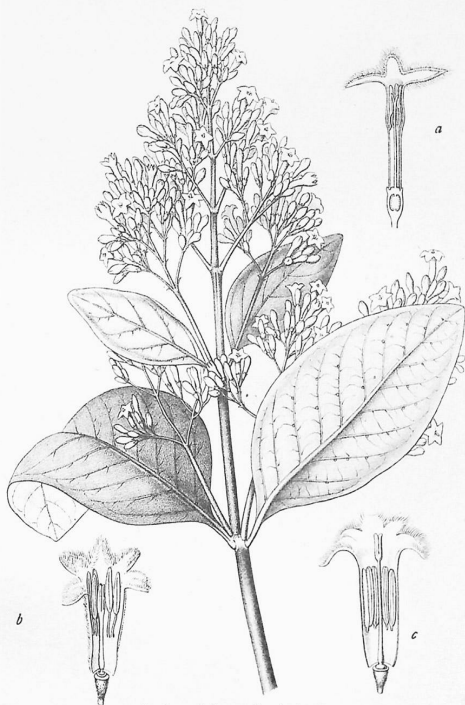
Em seguida se isolou no escritório e abriu seu livro contábil, no qual, como fazia todas as noites, registrou todos os gêneros de transações de bens, tanto oficiais como íntimos. Ele começou: “Uma nova aristocrata e interessante passageira se juntou a nós”, e prosseguiu com os detalhes, a cronologia e as despesas do nascimento de Alma Whittaker. Sua letra era um garrancho vergonhoso. Cada frase era um vilarejo abarrotado de maiúsculas e minúsculas, vivendo lado a lado numa apertada penúria, se empilhando umas em cima das outras como se tentassem fugir da folha. A ortografia ia muitos graus além da

arbitrariedade, e a pontuação fazia a razão suspirar de infelicidade.

Mas Henry atualizava seu registro mesmo assim. Achava importante manter as coisas em dia. Embora soubesse que aquelas folhas seriam estarrecedoras para qualquer homem educado, também sabia que ninguém jamais veria seus escritos — à exceção da esposa. Quando Beatrix recobrasse as forças, transcreveria suas anotações para seu próprio livro contábil, como sempre fazia, e sua elegante tradução dos garranchos de Henry se tornaria o registro oficial da casa. A parceira de sua vida era Beatrix — e era de grande valia, além disso. Ela cumpriria essa tarefa por ele, além de mais uma centena de outras tarefas.

Se Deus permitisse, ela retomaria logo as atividades.

A papelada já estava se amontoando.



Cinchona Calisaya, Var. *Ledgeriana*.

Cinchona calisaya, var. *ledgeriana*.

PARTE UM

A árvore das febres

Capítulo um

Em seus primeiros cinco anos de vida, Alma Whittaker foi mesmo uma mera passageira no mundo — como todos somos passageiros em tão tenra infância —, e portanto sua história ainda não era nobre, nem muito interessante, afora o fato de que a feiosa criança atravessava os dias sem doenças ou incidentes, cercada por um nível de riqueza praticamente desconhecido na América da época, mesmo na elegante Filadélfia. Como seu pai conseguira conquistar tamanha riqueza é uma história que vale a pena ser contada aqui, enquanto esperamos a menina crescer e voltar a atrair nosso interesse. Pois em 1800 era tão incomum quanto em qualquer outra época que um homem nascido na pobreza e quase analfabeto se tornasse o habitante mais rico de sua cidade, e portanto os meios pelos quais Henry Whittaker prosperou são assaz interessantes — ainda que talvez não fossem nobres, como ele mesmo seria o primeiro a admitir.

Henry Whittaker nascera em 1760 na aldeia de Richmond, logo depois de Londres, subindo o Tâmis. Era o caçula de um casal pobre que já tinha filhos em demasia. Foi criado em uma casa de dois cômodos com chão de terra batida, um telhado quase suficiente, uma refeição na lareira quase todo dia, uma mãe que não bebia e um pai que não batia na família — em comparação com inúmeras famílias da época, em outras palavras, uma existência praticamente refinada. A mãe tinha até um pedacinho de terra atrás da casa onde podia cultivar esporas e tremoços, como enfeite, à maneira de uma dama. Mas Henry não se deixava enganar pelas esporas e tremoços. Crescera dormindo separado dos porcos por uma parede, e não havia um instante de sua vida em que não se sentisse humilhado pela pobreza.

Talvez Henry tivesse se sentido menos aviltado por seu destino caso não visse a opulência que o cercava e com a qual podia comparar a própria condição de pobreza — mas o garoto cresceu testemunhando não apenas a opulência, como a realeza. Havia um palácio em Richmond, e havia também um jardim público, chamado Kew, cultivado com destreza pela princesa Augusta, que trouxera consigo da Alemanha uma comitiva de jardineiros ávidos por criar uma paisagem falsa e régia a partir de campinas inglesas genuínas e humildes. Seu filho, o futuro rei George III, passou ali os verões de sua infância. Quando virou rei, George tentou transformar Kew em um jardim botânico à altura de qualquer rival continental. Os ingleses, em sua ilha fria, úmida, isolada, estavam muito

atrás do resto da Europa no que se referia à botânica, e George III estava louco para alcançá-lo.

O pai de Henry trabalhava no pomar de Kew — um homem humilde, respeitado pelos patrões, tanto quanto era possível alguém respeitar um homem humilde que trabalhava num pomar. O sr. Whittaker tinha o dom de cuidar de árvores frutíferas e nutria uma veneração por elas. (“Elas pagam à terra por todo o aborrecimento”, costumava dizer, “ao contrário das outras”.) Uma vez salvou a macieira predileta do rei transplantando a muda do espécime adoentado para um rizoma mais vigoroso e firmando-o com barro. O enxerto da árvore dera frutos no mesmo ano e pouco depois produziu quilos de maçãs. Por esse milagre, o sr. Whittaker ganhara do rei em pessoa o apelido de “Mago das Maçãs”.

O Mago das Maçãs, apesar de todos os talentos, era um homem simples, com uma esposa acanhada, mas, sabe-se lá como, eles criaram seis filhos rudes e violentos (inclusive um menino apelidado de “Terror de Richmond”, e dois outros que acabariam morrendo em brigas de taberna). Henry, o caçula, em certos aspectos era o mais rude de todos, e talvez precisasse sê-lo para sobreviver aos irmãos. Era um cãozinho whippet obstinado e resistente, um artefato magricelo e explosivo que sempre aguentava com estoicismo os golpes dos irmãos e cujo destemor era testado com frequência pelos outros, que gostavam de desafiá-lo a correr riscos. Mesmo sem considerar os irmãos, Henry era um experimentalista perigoso, um provocador de fogos ilícitos, um escarnecedor de donas de casa que corria pelos telhados, uma ameaça a crianças menores, um garoto que não surpreenderia ninguém se caísse de uma torre de igreja ou se afogasse no Tâmisa — embora por mero acaso essas situações nunca tenham acontecido.

Porém, ao contrário dos irmãos, Henry tinha uma característica redentora. Duas características, para ser exato: era inteligente e nutria interesse por árvores. Seria um exagero alegar que Henry venerava árvores, assim como o pai, mas tinha interesse em árvores porque eram uma das poucas coisas em seu universo miserável que poderia ser facilmente aprendida, e a experiência já havia ensinado a Henry que aprender coisas dava à pessoa uma vantagem sobre os outros. Se quisesse continuar vivo (e Henry queria) e prosperar um dia (e Henry queria), então qualquer coisa que desse para aprender ele aprenderia. Latim, caligrafia, arco e flecha, equitação, dança — tudo isso estava fora do seu alcance. Mas ele tinha as árvores, e tinha o pai, o Mago das Maçãs, que teve a paciência de se dar ao trabalho de ensinar a ele.

Portanto, Henry aprendeu tudo sobre as ferramentas do enxertador, que consistiam em barro, cera e facões, e sobre truques de germinação, preparação do solo, escarificação, plantio e poda com uma mão criteriosa. Aprendeu a transplantar árvores na primavera, se o solo estivesse retentivo e espesso, ou a fazê-lo no outono, se o solo estivesse arenoso e seco. Aprendeu a fixar e suspender damascos para protegê-los do vento, a cultivar frutas cítricas no

laranjal, a fumigar o mofo das groselhas, a amputar galhos doentes das figueiras, e a saber quando o esforço não valia a pena. Aprendeu a arrancar a casca desgastada de uma árvore velha ou a deixar que ela fosse totalmente abaixo, sem sentimentalismo ou remorso, para forçar que a vida voltasse a ela durante a dúzia de estações vindouras.

Henry aprendeu muito com o pai, embora tivesse vergonha do homem, que considerava um fraco. Se o sr. Whittaker era realmente o Mago das Maçãs, Henry ponderava, então por que a admiração do rei não havia se transformado em riqueza? Havia homens mais burros que eram ricos — inúmeros. Por que a família Whittaker ainda vivia com os porcos, quando havia logo ao lado os amplos gramados verdes do palácio e as casas confortáveis na Quadra da Dama de Honra, onde os criados da rainha dormiam em lençóis franceses? Henry, um dia, escalara até o alto do muro de um esmerado jardim e espiara uma senhora, vestida com um longo vestido marfim, praticando adestramento em seu cavalo branco imaculado enquanto um criado tocava violino para entretê-la. Havia gente vivendo dessa forma, bem ali em Richmond, enquanto os Whittaker nem sequer tinham assoalho.

Mas o pai de Henry nunca lutou por requinte. Ganhou o mesmo salário irrisório por trinta anos e jamais o questionou, nem mesmo reclamou de ter de trabalhar ao ar livre em climas nocivos por tanto tempo que sua saúde foi arruinada. O pai de Henry optara pelos passos mais cautelosos ao longo da vida, em especial ao interagir com os superiores — e via todo mundo como um superior. O sr. Whittaker fazia questão de jamais ofender e jamais tirar vantagem, mesmo quando as vantagens seriam oportunas à colheita. Ele disse ao filho: “Henry, não seja imprudente. A ovelha só pode ser abatida uma vez. Mas, se você for criterioso, pode tosquiá-la todos os anos.”

Com um pai tão fraco e conformado, o que Henry poderia esperar da vida além do que pudesse agarrar com as próprias mãos? Um homem deve lucrar, Henry passou a dizer a si mesmo, quando tinha apenas treze anos. Um homem deve abater uma ovelha por dia.

Mas onde achar a ovelha?

Foi então que Henry Whittaker começou a roubar.

Em meados de 1770, os jardins em Kew tinham virado uma Arca de Noé da botânica, com milhares de espécies já na coleção e novos carregamentos chegando todas as semanas — hidrâneas do Extremo Oriente, magnólias da China, samambaias das Índias Ocidentais. Além disso, Kew tinha um superintendente novo e ambicioso: sir Joseph Banks, recém-chegado de uma viagem triunfante pelo mundo como botânico-chefe do *Endeavour*, do capitão Cook Banks, que trabalhava sem salário (estava interessado somente na glória do Império Britânico, declarava, embora outros sugerissem que talvez tivesse um

pouquinho de interesse na glória de sir Joseph Banks), agora colecionava plantas com um furor ardoroso, empenhado na criação de um jardim nacional realmente espetacular.

Ah, sir Joseph Banks! Aquele aventureiro belo, corrupto, ambicioso, competitivo! O homem era tudo que o pai de Henry não era. Aos vinte e três anos, uma herança aterradora de seis mil libras por ano fizera de Banks um dos homens mais ricos da Inglaterra. Era provável que também fosse o mais bonito. Banks poderia muito bem ter passado a vida num ócio luxuoso, mas preferiu se esforçar para se tornar o mais audacioso dos exploradores botânicos — vocação que seguiu sem sacrificar nem um pouquinho o brilho e o glamour. Banks investira um bocado na primeira expedição do capitão Cook, tirando dinheiro do próprio bolso, o que lhe garantia o direito de levar no navio abarrotado dois criados negros, dois criados brancos, um botânico reserva, um secretário científico, dois artistas, um desenhista e um par de galgos italianos. No decorrer dos dois anos de aventura, Banks seduzira rainhas taitianas, dançara nu com selvagens em praias e vira jovens pagãs fazendo tatuagens nos traseiros sob o luar. Levou para sua casa na Inglaterra um taitiano chamado Omai, para ser seu bichinho de estimação, e também levou para casa quase quatro mil espécies de plantas — das quais praticamente a metade o mundo da ciência nunca tinha visto antes. Sir Joseph Banks era o homem mais famoso e elegante da Inglaterra, e Henry nutria imensa admiração por ele.

Mas o roubou mesmo assim.

A oportunidade simplesmente se *apresentou*, e a oportunidade foi óbvia demais. Banks era conhecido nas rodas científicas não apenas como grande colecionador botanista, mas também como grande acumulador. Os cavalheiros da botânica, naquela época cortês, geralmente dividiam suas descobertas uns com os outros sem ressalvas, mas Banks não dividia nada. Professores, dignitários e colecionadores do mundo inteiro iam a Kew com a esperança lógica de conseguir sementes e mudas, bem como amostras do vasto herbário de Banks — mas Banks dava as costas a todos eles.

O jovem Henry admirava Banks por ser acumulador (também não teria dividido o próprio tesouro, caso tivesse algum), mas logo percebeu a oportunidade nos semblantes graves daqueles visitantes estrangeiros contrariados. Ele os aguardava ao lado do terreno de Kew, surpreendendo os homens quando saíam dos jardins, às vezes os surpreendendo enquanto xingavam sir Joseph Banks em francês, alemão, holandês ou italiano. Henry se aproximava, perguntava a eles quais amostras desejavam e prometia obtê-las até o fim da semana. Sempre carregava um bloco de papel e um lápis de carpinteiro: caso não falassem inglês, Henry pedia que desenhassem retratos do que precisavam. Eram todos excelentes artistas botânicos, portanto suas necessidades eram compreendidas com facilidade. Tarde da noite, Henry entrava de fininho nas

estufas, passava correndo pelos trabalhadores que mantinham as fornalhas gigantescas funcionando ao longo das noites geladas e furtava plantas em troca de dinheiro.

Era o menino perfeito para a tarefa. Era bom em identificar plantas, especialista em manter mudas vivas, tinha um rosto familiar o bastante nos jardins para não levantar suspeitas e era exímio em cobrir seus rastros. O melhor de tudo era que não parecia ter necessidade de dormir. Trabalhava o dia inteiro com o pai nos pomares e depois roubava a noite inteira — plantas raras, plantas preciosas, orquídeas sapatinhos-de-vênus, orquídeas tropicais, maravilhas carnívoras do Novo Mundo. Também guardava todos os desenhos botânicos que os distintos cavalheiros lhe faziam e estudava tais esboços até conhecer todos os estames e pétalas de todas as plantas desejadas pelo mundo.

Como todo bom ladrão, Henry era escrupuloso quanto à própria segurança. Não confiava seu segredo a ninguém e enterrava seus ganhos em diversos esconderijos espalhados pelos jardins de Kew. Não gastava nem um centavo. Deixava a prata latente no solo, como um bom rizoma. Queria que a prata se acumulasse até que pudesse gerar brotos abundantes e lhe comprar o direito de virar um homem rico.

Em um ano Henry já tinha alguns clientes regulares. Um deles, um velho cultivador de orquídeas dos Jardins Botânicos de Paris, teceu o que talvez tenha sido o primeiro elogio agradável ao garoto: “Você é um sarrento de grande serventia, não é?” Em dois anos, Henry já conduzia um negócio próspero, vendendo plantas não só para homens sérios da botânica, mas também para um círculo da abastada pequena nobreza de Londres, que queria espécies exóticas para as próprias coleções. Em três anos, já despachava ilicitamente amostras de plantas para a França e a Itália, acondicionando habilmente as mudas em musgo e cera para garantir que sobreviveriam ao trajeto.

Depois de três anos, Henry Whittaker foi pego em flagrante — pelo próprio pai.

O sr. Whittaker, que em geral tinha o sono pesado, um dia notara o filho saindo de casa depois da meia-noite e, devastado pela suspeita instintiva de pai, seguiu o menino até a estufa e vira a seleção, o furto, o acondicionamento habilidoso. Reconheceu de imediato o zelo ilícito característico dos ladrões.

O pai de Henry não era homem de bater nos filhos, mesmo quando mereciam (e mereciam com frequência), e tampouco bateu em Henry naquela noite. Nem confrontou o menino. Henry não tinha se dado conta de que fora pego. Não, o sr. Whittaker fez algo muito pior. A primeira atitude que tomou na manhã seguinte foi pedir uma entrevista em particular com sir Joseph Banks. Não era todo dia que um pobre coitado como Whittaker podia pedir para dar uma palavrinha com um cavalheiro como Banks, mas o respeito que o pai de Henry tinha conquistado em Kew ao longo de trinta anos de labuta incessante era suficiente para justificar

a intrusão, ao menos esta única vez. Era um homem velho e pobre, de fato, mas também o Mago das Maças, o salvador da árvore predileta do rei, e este título lhe garantiu o acesso.

O sr. Whittaker se apresentou a Banks praticamente de joelhos, cabeça abaixada, penitente como um santo. Confessou a vergonhosa história referente ao filho, além da desconfiança de que Henry já roubava havia anos. Apresentou a própria demissão de Kew como punição, se ao menos poupassem o garoto de ser preso ou prejudicado. O Mago das Maças prometeu levar a família para longe de Richmond e garantir que Kew e Banks nunca mais fossem maculados pelo sobrenome Whittaker.

Banks — impressionado com a enorme honradez do responsável pelo pomar — rejeitou a demissão e pediu para falar pessoalmente com o jovem Henry. De novo, tratava-se de um acontecimento incomum. Se já era raro sir Joseph Banks receber um horticultor analfabeto em seu escritório, mais raro ainda era receber o filho ladrão de dezesseis anos de um horticultor analfabeto. Era provável que tivesse o dever de fazer com que o garoto fosse preso. Porém, furto era um crime punido com enforcamento, e crianças ainda mais novas que Henry já tinham sido mandadas para a forca — e por infrações muito menos graves. Embora o ataque à sua coleção fosse um desplante, a compaixão que Banks tinha pelo pai bastava para que investigasse o problema por conta própria antes de convocar as autoridades.

O problema, quando adentrou o escritório de sir Joseph Banks, se revelou um rapaz esguio, cabelos ruivos, lábios cerrados, olhar tímido, ombros largos e peito encovado, de tez pálida já abrutilhada pelo excesso de exposição a vento, chuva e sol. O garoto era desnutrido mas alto e tinha mãos largas; Banks percebeu que talvez um dia se tornasse um homem grande, caso conseguisse se alimentar direito.

Henry não sabia muito bem por que fora chamado ao gabinete de Banks, mas com sua inteligência imaginou o pior e estava muito assustado. Só com uma tenacidade para lá de intensa foi capaz de entrar no escritório de Banks sem tremer visivelmente.

Mas, meu Deus, que escritório lindo era aquele! E como eram esplêndidos os trajes de Joseph Banks, com sua peruca lustrosa e um terno de veludo preto reluzente, fivelas de sapato engraxadas e meias brancas. Henry mal tinha passado pela porta e já havia imaginado o custo da graciosa escrivadinha de mogno, examinado com inveja as belas caixas de colecionador empilhadas em todas as prateleiras e vislumbrado com admiração o lindo retrato do capitão Cook na parede. Minha mãe do céu, só a moldura do retrato devia ter custado umas noventa libras!

Ao contrário do pai, Henry não abaixou a cabeça diante de Banks, mas sim parou em frente do grande homem, olhando-o nos olhos. Banks, que estava

sentado, permitiu que Henry ficasse de pé, calado, quiçá à espera de uma confissão ou justificativa. Porém, Henry nem confessou, nem justificou, nem abaixou a cabeça de vergonha, e se sir Joseph Banks achou que Henry Whittaker seria bobo a ponto de falar primeiro em circunstâncias tão árduas, então não sabia nada a respeito de Henry Whittaker.

Portanto, após um longo silêncio, Banks se impôs: “Diga-me, então — que motivo eu tenho para não levá-lo à forca em Tyburn?”

Então é isso, pensou Henry. Estou frito.

Contudo, o garoto tentou bolar um plano. Precisava encontrar uma tática, e precisava encontrá-la em um instante breve e tênue. Não passara a vida apanhando dos irmãos mais velhos até desmaiar sem aprender alguma coisa sobre lutas. Quando um adversário maior e mais forte desferia o primeiro soco, havia apenas uma chance de revidar antes de ser surrado até cair na lama, e era melhor retrucar com algo inesperado.

“Porque sou um sarrento de grande serventia”, declarou Henry.

Banks, que gostava de acontecimentos incomuns, vociferou com uma risada surpresa. “Confesso que não vejo serventia em você, rapazinho. Só o que você fez foi roubar o tesouro que conquistei a duras penas.”

Não era uma pergunta, mas Henry respondeu mesmo assim.

“Talvez eu tenha podado ele um bocadinho”, ele disse.

“Você não nega?”

“Grito nenhum no mundo vai mudar os fatos, não é verdade?”

De novo, Banks riu. Talvez pensasse que o garoto simulava uma falsa valentia, mas a valentia de Henry era genuína. Bem como seu temor. E a falta de penitência. Ao longo da vida inteira, Henry consideraria a penitência uma fraqueza.

Banks mudou o rumo da conversa. “Preciso dizer, rapazinho, que você é uma desgraça suprema para o seu pai.”

“E ele para mim, senhor”, Henry disparou.

Mais uma vez, o ronco surpreso da gargalhada de Banks. “É mesmo? Que mal aquele bom homem já fez a você?”

“Ele me fez ser pobre, senhor”, disse Henry. Em seguida, numa percepção súbita de tudo, Henry acrescentou: “Foi ele, não foi? Quem me delatou para o senhor?”

“Foi, sim. É uma alma honrada o seu pai.”

Henry deu de ombros. “Não para mim, sabe?”

Banks absorveu o comentário e assentiu, tendo a generosidade de admitir a situação. Depois perguntou: “Para quem você anda vendendo minhas plantas?”

Henry enumerou, contando nos dedos: “Mancini, Flood, Willink, LeFavour, Miles, Sather, Evashevski, Feuerle, Lord Lessig, Lord Garner...”

Banks o interrompeu com um gesto desdenhoso. Fitou o garoto sem esconder a

perplexidade. Por incrível que pareça, caso a lista fosse mais modesta, talvez a fúria de Banks fosse maior. Mas esses eram os botânicos mais renomados da época. Banks considerava alguns deles seus amigos. Como o garoto os descobrira? Alguns desses homens não iam à Inglaterra fazia anos. A criança devia estar *exportando*. Que espécie de campanha aquela criatura vinha gerenciando bem debaixo de seu nariz?

“Como é que você sabe lidar com plantas?”, indagou Banks.

“Sempre entendi de plantas, senhor, a minha vida inteira. É como se já entendesse delas antes.”

“E esses homens, eles lhe pagam?”

“Do contrário não recebem as plantas, não é?”, disse Henry.

“Você deve estar ganhando muito bem. Aliás, deve ter acumulado uma bela quantia de dinheiro nos últimos anos.”

Henry era astucioso demais para responder.

“O que você fez com o dinheiro que ganhou, rapazinho?”, Banks prosseguiu. “Não se pode dizer que você investiu em roupas. Sem dúvida nenhuma, seus lucros são propriedade de Kew. Então onde estão?”

“Gastei, senhor.”

“Gastou em quê?”

“Nos dados, senhor. Minha fraqueza é o jogo, entende?”

Podia ser verdade ou não, Banks ponderou. Mas não restavam dúvidas de que o garoto era mais ousado do que qualquer outra besta de dois pés que já tivesse cruzado seu caminho. Banks ficou intrigado. Era um homem, afinal, que tinha um selvagem como bicho de estimação e que — para ser franco — gozava da reputação de ser ele mesmo meio selvagem. Sua situação de vida exigia que pelo menos fingisse admirar a nobreza, mas secretamente preferia um pouco de selvageria. E que frangote selvagem era Henry Whittaker! Banks estava cada vez menos propenso a entregar aquele curioso artigo humano aos condestáveis.

Henry, que tudo via, observou algo acontecer no semblante de Banks — a suavização da fisionomia, o desabrochar da curiosidade, uma lasca de chance de que sua vida fosse salva. Inebriado pelo ímpeto da autopreservação, o garoto se atirou sobre essa pequena esperança uma última vez.

“Não me mande para a força”, disse Henry. “O senhor se arrependerá disso.”

“O que você sugere que eu faça, então?”

“Me dê alguma serventia.”

“Por que deveria fazê-lo?”, indagou Banks.

“Porque não há ninguém melhor que eu.”

Capítulo dois

Assim, Henry não pendeu da forca de Tyburn, no final, nem seu pai perdeu o emprego em Kew. Os Whittaker foram salvos de forma miraculosa, e Henry foi apenas exilado, mandado ao mar, despachado por sir Joseph Banks para descobrir o que o mundo faria dele.

Era 1776, e o capitão Cook estava prestes a embarcar em sua terceira viagem pelo mundo. Banks não participaria da expedição. Em suma, não fora convidado. Também não tinha sido convidado para a segunda viagem, o que o deixara magoado. A extravagância e a busca por atenção de Banks haviam aborrecido o capitão Cook, e, vergonhosamente, ele fora substituído. Agora Cook viajaria com um botânico mais modesto, alguém mais fácil de controlar — um homem chamado sr. David Nelson, jardineiro acanhado e competente de Kew. Mas Banks queria ter alguma participação na jornada de qualquer maneira, e queria muito ficar de olho na coleta botânica de Nelson. Não gostava da ideia de que um trabalho científico importante fosse feito pelas suas costas. Portanto, tomou providências para que Henry entrasse na expedição como um dos auxiliares de Nelson, com instruções para que o garoto observasse tudo, aprendesse tudo, se lembrasse de tudo e depois relatasse tudo a Banks. Haveria melhor utilidade para Henry Whittaker do que encaixá-lo como informante?

Ademais, exilar Henry no mar era uma boa estratégia para manter o garoto longe de Kew Gardens por alguns anos, ao mesmo tempo em que lhe daria um bom distanciamento para determinar exatamente que tipo de pessoa o tal Henry se tornaria. Os três anos de navio gerariam inúmeras oportunidades para que o verdadeiro temperamento do garoto emergisse. Se acabassem enforcando Henry no lais por ser ladrão, assassino ou amotinado... bom, o problema seria de Cook, e não de Banks, não é? Por outro lado, o garoto poderia se revelar em algum aspecto, e então Banks poderia utilizá-lo no futuro, depois que a expedição lhe extrairse na marra um pouco de sua selvageria.

Banks apresentou Henry ao sr. Nelson nestes termos: “Nelson, gostaria de lhe apresentar meu braço direito, o sr. Henry Whittaker, da família dos Whittaker de Richmond. Ele é um sarrento de grande serventia, e creio que você notará — no que tange a plantas — que ele já sabe tudo de antemão.”

Mais tarde, em particular, Banks deu a Henry um último conselho antes de mandar o garoto para o mar: “Todos os dias que estiver embarcado, filho,

defenda sua saúde com exercícios vigorosos. Ouça o senhor Nelson: ele é um chato, mas sabe mais de plantas do que você jamais será capaz de saber. Você estará à mercê dos marujos mais velhos, mas jamais reclame deles, senão a situação ficará ruim para o seu lado. Fique longe de meretrizes se não quiser contrair a doença francesa. Serão dois navios velejando, mas você ficará no *Resolution*, com o Cook em pessoa. Nunca fique no caminho dele. Nunca lhe dirija a palavra. E, se o fizer, o que jamais deve ocorrer, de jeito nenhum fale com ele da maneira que você às vezes falou comigo. Ele não o achará divertido como eu acho. Não somos parecidos, Cook e eu. O homem é um verdadeiro dragão em termos de protocolo. Seja invisível para ele, pois assim você será mais feliz. Para terminar, devo lhe dizer que a bordo do *Resolution*, assim como em todos os navios de Sua Majestade, você se dará conta de que está vivendo no meio de um grupo esquisito, composto tanto de patifes como de cavalheiros. Seja astuto, Henry. Tome como exemplo os cavalheiros.”

O semblante propositadamente inexpressivo de Henry tornaria impossível a qualquer pessoa interpretá-lo, portanto Banks não teve como perceber a admiração com que a última frase foi recebida. Aos ouvidos de Henry, Banks tinha acabado de sugerir algo extraordinário — a possibilidade de que Henry um dia virasse cavalheiro. Mais do que uma possibilidade, até, deve ter soado como uma ordem, e uma ordem muitíssimo bem-vinda: *Ganhe o mundo, Henry, e aprenda a ser um cavalheiro*. E nos árduos e solitários anos que Henry logo passaria no mar, talvez essa declaração casual de Banks só fizesse se expandir em sua mente. Talvez se tornasse seu único pensamento. Talvez com o tempo, Henry Whittaker — aquele garoto ambicioso e esforçado, tão provido do instinto de progresso — passasse a recordá-la como se tivesse sido uma *promessa*.

Henry partiu da Inglaterra em julho de 1776. O objetivo declarado da terceira expedição de Cook era duplo. O primeiro era navegar até o Taiti para devolver o bicho de estimação de sir Joseph Banks — o homem chamado Omai — à terra natal. Omai se cansara da vida na corte e estava louco para voltar para casa. Havia se tornado rabugento, gordo e difícil, e Banks tinha se cansado do bichinho de estimação. A segunda tarefa era navegar para o norte, subindo até a costa do Pacífico das Américas, em busca da Passagem do Noroeste.

As atribulações de Henry começaram de imediato. Foi alojado abaixo do convés, junto com o galinheiro e os barris. Aves e bodes gritavam ao seu redor, mas ele não reclamou. Foi ameaçado, ridicularizado, ferido por homens com mãos descamadas pelo sal e bigornas no lugar dos punhos. Os marujos mais velhos o viam como uma enguia de água doce, que nada sabia sobre as durezas das viagens marítimas. Em todas as expedições, homens morriam, disseram eles, e Henry seria o primeiro.

Eles o subestimaram.

Henry era o mais jovem, mas não, como logo ficaria claro, o mais fraco. A vida ali não era muito mais desconfortável do que a que sempre tivera. Aprendia o que fosse necessário. Aprendeu a secar e preparar as plantas do sr. Nelson para o registro científico, e a pintar espécies botânicas a céu aberto — espantando mosquitos que pousavam nos pigmentos até enquanto os misturava —, mas também aprendeu a ser útil no navio. Foi obrigado a esfregar todas as frestas do *Resolution* com vinagre e forçado a tirar vermes das roupas de cama dos marujos mais velhos. Ajudava o açougueiro do navio a salgar e embarrilar porcos, e aprendeu a mexer na máquina de destilação de água. Aprendeu a engolir o vômito, em vez de fazer a felicidade dos outros demonstrando seu enjoo. Enfrentou tempestades sem expor seu medo aos céus ou a qualquer homem. Comeu tubarões, e os peixes meio podres que estavam na barriga dos tubarões. Ele nunca hesitou.

Desembarcou em Madeira, em Tenerife, na baía da Mesa. Já no Cabo, encontrou pela primeira vez os representantes da Companhia Holandesa das Índias Orientais, que o impressionaram pela sobriedade, competência e riqueza. Viu os marujos perdendo todos os seus ganhos em mesas de jogos. Viu gente pedindo dinheiro emprestado aos holandeses, que pareciam não jogar. Henry também não jogava. Viu um colega de navio, um aspirante a falsário, ser pego trapaceando e ser açoitado pelo crime até perder a consciência — por ordens do capitão Cook. Ele mesmo não cometeu crime nenhum. Ao contornar o Cabo tomado por gelo e ventania, tremia à noite debaixo do lençol fino, a mandíbula tiritando com tanta força que quebrou um dente, mas não reclamou. Passou o Natal em uma ilha cruelmente fria de leões-marinhos e pinguins.

Desembarcou na Tasmânia e conheceu os nativos nus — ou, como os britânicos os chamavam (e a todos os povos de pele acobreada), os “índios”. Viu o capitão Cook dando aos índios medalhas de souvenir, gravadas com a imagem de George III e a data da expedição, para marcar o encontro histórico. Viu os índios martelando as medalhas na mesma hora para transformá-las em anzóis e pontas de lanças. Perdeu outro dente. Viu os marujos ingleses não acreditarem que a vida de qualquer índio selvagem tivesse alguma importância, enquanto Cook tentava em vão ensinar o contrário. Viu marujos se impondo a mulheres que não poderiam convencer, e convencer mulheres com quem não poderiam arcar, e simplesmente comprar para si garotas pagando aos pais delas, quando os marujos tinham ferro para trocar pela carne. Ele evitava todas as garotas.

Passava longos dias a bordo do navio, ajudando o sr. Nelson a desenhar, descrever, organizar e classificar suas coletas botânicas. Não tinha nenhum grande sentimento de afeição pelo sr. Nelson, embora desejasse aprender tudo o que ele sabia.

Desembarcou na Nova Zelândia, que aos seus olhos era idêntica à Inglaterra, só que com garotas tatuadas que podiam ser compradas com punhados de

pregos. Ele não comprou garota nenhuma. Viu os colegas de navio, na Nova Zelândia, comprando dois irmãos sôfregos e enérgicos — de dez e quinze anos — do pai deles. Os garotos nativos foram incorporados à excursão como mão de obra. Eles queriam ir, sinalizaram. Mas Henry sabia que os meninos não tinham noção do significado de deixar o próprio povo. Chamavam-se Tibura e Gowah. Tentaram fazer amizade com Henry, pois era quem mais se aproximava da faixa etária deles, mas ele os ignorou. Eram escravos e estavam condenados. Não queria se relacionar com condenados. Viu os garotos neozelandeses comerem cães crus e sentirem saudades de casa. Sabia que mais cedo ou mais tarde morreriam.

Navegou até a ilha verdejante, ondulada, perfumada do Taiti. Viu o capitão Cook ser acolhido como um rei, como um grande amigo, em sua volta ao Taiti. O *Resolution* foi recebido por um formigueiro de índios, que nadaram em direção ao navio e gritaram o nome de Cook. Henry viu Omai — o nativo que conhecera o rei George III — ser recebido em sua terra primeiro como herói e depois, pouco a pouco, como um estranho de quem se ressentiam. Percebia que agora Omai não era de lugar nenhum. Viu os taitianos dançarem ao som de cornetas e gaitas de foles inglesas, e também viu o sr. Nelson, seu sisudo mestre de botânica, se embriagar uma noite e se despir até a cintura, dançando ao sabor de tambores taitianos. Henry não dançou. Viu o capitão Cook mandar que o barbeiro do navio cortasse ambas as orelhas de um nativo a partir das têmporas, por ter furtado duas vezes o ferro da forja do *Resolution*. Viu um dos caciques taitianos tentando roubar um gato dos ingleses e levar uma chicotada de açoite no rosto pelo transtorno causado.

Viu o capitão Cook disparar fogos de artifício sobre a baía de Matavai no intuito de impressionar os nativos, conseguindo apenas apavorá-los. Em uma noite mais tranquila, viu milhões de lampiões do céu no firmamento que cobria o Taiti. Bebeu direto dos cocos. Comeu cães e ratos. Viu templos de pedras entulhados de caveiras humanas. Escalou alamedas traiçoeiras de penhascos rochosos ladeados por cachoeiras, recolhendo amostras de samambaias para o sr. Nelson, que não escalava. Viu o capitão Cook lutar para manter a ordem e a disciplina entre seus protegidos enquanto a licenciosidade reinava. Todos os marujos e oficiais haviam se apaixonado por garotas taitianas, e cada uma delas tinha a reputação de saber um ato de amor secreto e especial. Os homens não queriam ir embora da ilha nunca mais. Henry guardou distância das mulheres. Eram lindas, os seios delas eram lindos, o cabelo delas era lindo, o cheiro delas era extraordinário e elas povoavam seus sonhos — mas a maioria já tinha a doença francesa. Recuou diante de uma centena de tentações perfumadas. Foi ridicularizado por sua atitude. Recuou mesmo assim. Tinha planos maiores para si. Concentrava-se na botânica. Juntou gardêneas, orquídeas, jasmims, frutas-pão.

Continuaram navegando. Ele viu um nativo das ilhas Amigáveis ter o braço

cortado pelo cotovelo, por ordem do capitão Cook, por ter roubado um machadinho do *Resolution*. Ele e o sr. Nelson estavam estudando botânica nessas mesmas ilhas quando sofreram uma emboscada por parte dos nativos, que lhes arrancaram as roupas e — num ato muito mais ofensivo — lhes arrancaram também as amostras de plantas e os cadernos. Queimados de sol, nus e abalados, eles voltaram ao navio, mas ainda assim Henry não reclamou.

Com atenção, observava os cavalheiros a bordo, avaliando suas condutas. Imitava seus modos de falar. Treinava a dicção. Melhorou suas maneiras. Entreouviu um oficial dizer a outro: “Por mais que a aristocracia tenha sempre sido um artifício, ela ainda constitui o melhor obstáculo contra as turbas dos ignorantes e dos estouvados.” Viu como os oficiais sempre concediam honrarias a qualquer nativo que parecesse um nobre (ou, pelo menos, que se encaixasse no ideal inglês de nobre). Em todas as ilhas que visitavam, os oficiais do *Resolution* escolhiam algum moreno cujo enfeite de cabeça fosse mais belo que o dos outros, ou que ostentasse mais tatuagens, ou que segurasse a maior lança, ou tivesse mais esposas, ou que fosse carregado numa padiola por outros homens, ou que — na ausência de qualquer um desses luxos — fosse simplesmente *mais alto* que os outros. Os ingleses tratavam esse homem com respeito. Era com ele que negociavam, a quem davam presentes e a quem, de vez em quando, proclamavam “o rei”. Concluiu que em qualquer lugar do mundo onde os cavalheiros ingleses pisavam, procuravam sempre um rei.

Henry caçou tartarugas e comeu golfinhos. Foi devorado por formigas pretas. Seguiu navegando. Viu índios pequeninos com conchas gigantes nas orelhas. Viu uma tempestade dos trópicos tingir o céu de um verde nauseante — a única coisa que deixou os marujos mais velhos nitidamente amedrontados. Viu as montanhas incandescentes chamadas de vulcões. Seguiram adiante para o norte. O clima voltou a esfriar. Ele comeu ratos de novo. Desembarcaram na costa oeste do continente norte-americano. Comeu cervo e rena. Viu gente que se vestia de peles e que aceitava peles de castor como moeda de troca. Viu um marujo entrelaçar a perna na amarra da âncora e ser arrastado até o mar, morrendo em seguida.

Continuaram avançando na direção norte. Viu casas feitas de costelas de baleia. Comprou uma pele de lobo. Coletou prímulas, violetas, groselhas e juníperos ao lado do sr. Nelson. Viu índios que viviam em buracos cavados no chão e que escondiam suas mulheres dos ingleses. Comeu porco salgado salpicado de larvas. Perdeu outro dente. Chegou ao estreito de Bering e ouviu animais uivando na noite do ártico. Todos os artigos secos que tinha ficaram encharcados, depois congelados. Viu a própria barba crescer. Apesar de rala, sincelos se formavam. Seu jantar congelou no prato antes que pudesse comê-lo. Não reclamou. Não queria que relatassem a sir Joseph Banks que ele tinha feito alguma reclamação. Trocou a pele de lobo por um par de sapatos adequados à

neve. Viu o sr. Anderson, cirurgião do navio, morrer e ser enterrado no mar na paisagem mais lúgubre que alguém seria capaz de imaginar — um mundo congelado de noite ininterrupta. Viu marujos dispararem uma saraivada de tiros de canhão contra leões-marinhos na costa, por diversão, até não haver nenhuma criatura viva na praia.

Viu a terra que os russos chamavam de *Elaskah*. Ajudou a fabricar cerveja com pinho, que os marujos detestavam, mas era só o que tinham para beber. Viu índios que viviam em tocas que não eram nem um tiquinho mais confortáveis do que as moradas dos animais que caçavam e comiam, e conheceu russos, encalhados em um posto de pesca de baleias. Entreouviu o capitão Cook comentando, a respeito do oficial-chefe russo (um louro alto e bonito): “Está claro que ele é um cavalheiro de boa família.” Em todos os cantos, ao que parecia, até mesmo naquela tundra funesta, era importante ser um cavalheiro de boa família. Em agosto, o capitão Cook desistiu. Não conseguia achar a Passagem do Noroeste e o *Resolution* já estava bloqueado por catedrais de icebergs. Mudaram de rumo e seguiram em direção ao sul.

Mal pararam até chegar ao Havaí. Jamais deveriam ter ido ao Havaí. Estariam mais seguros passando fome no meio do gelo. Os reis do Havaí eram bravos, e os nativos eram dados a furtos e agressividade. Os havaianos não eram taitianos — não eram amigos pacíficos — e, além do mais, existiam aos milhares. Mas o capitão Cook precisava de água doce e teve de permanecer no porto até que os porões de carga fossem reabastecidos. Aconteceram muitos saques por parte dos nativos e ainda mais castigos por parte dos ingleses. Armas foram disparadas, índios foram feridos, caciques ficaram consternados, ameaças foram trocadas. Alguns dos homens disseram que o capitão Cook estava perdendo a cabeça, se tornando mais brutal, tendo acessos de raiva mais teatrais e demonstrando uma indignação mais enraivecida a cada roubo. Ainda assim, os índios continuavam a roubar. Não se podia permitir uma coisa dessas. Eles arrancavam os pregos do próprio navio. Botes foram roubados, armas também. Mais armas foram disparadas e mais índios mortos. Henry passou dias sem dormir, de vigília. Ninguém dormia.

O capitão Cook foi até a terra, pois queria uma reunião com os caciques no intuito de apaziguá-los, porém foi recebido por centenas de havaianos furiosos. Em um instante, a multidão virou um cerco. Henry viu o capitão Cook ser assassinado, o peito furado pela lança de um nativo e a cabeça golpeada com um porrete, o sangue se misturando às ondas. Em um momento, o grande navegador deixou de existir. Seu corpo foi arrastado pelos nativos. Naquela noite, como última ofensa, um índio numa canoa atirou um pedaço da coxa do capitão Cook dentro do *Resolution*.

Henry viu os marujos ingleses queimando o povoado em retaliação. Seria quase impossível impedir que os marujos matassem todos os homens, mulheres e

crianças indígenas da ilha. As cabeças de dois índios foram cortadas e postas a pique — e haveria outras, prometeram os marujos, enquanto o corpo do capitão Cook não fosse devolvido para ter um enterro digno. No dia seguinte, o resto do cadáver de Cook chegou ao *Resolution*, despojado de vértebras e pés, que jamais seriam recuperados. Henry viu os restos mortais de seu comandante sendo enterrados no mar. O capitão Cook jamais tinha dirigido a palavra a Henry, e Henry — que seguiu as recomendações de Banks — jamais tinha deixado que Cook notasse sua presença. Mas agora Henry Whittaker estava vivo, e o capitão Cook não.

Imaginou que voltariam à Inglaterra depois do desastre, mas não foi o que aconteceu. Um homem chamado sr. Clerke virou capitão. Ainda tinham uma missão — tentar de novo a Passagem do Noroeste. Quando o verão retornou, voltaram a navegar para o norte, para uma região onde o frio era tenebroso. Henry estava coberto de cinzas e rochas de um vulcão. Já fazia muito tempo que todas as verduras frescas tinham sido consumidas, e bebiam água salobra. Tubarões seguiam o navio, para jantar à custa das latrinas derramadas. Ele e o sr. Nelson registraram onze novas espécies de patos polares e comeram nove delas. Viu um urso branco gigantesco passar nadando ao lado do navio, chapinhando numa ameaça preguiçosa. Viu índios se amarrando a canoinhas cobertas de peles e navegando as águas como se eles e os barcos fossem um só animal. Viu os índios correndo no gelo, puxados por seus cães. Viu o substituto do capitão Cook — capitão Clerke — morrer aos trinta e oito anos e ser enterrado no mar.

Henry já tinha sobrevivido a dois capitães de navio ingleses.

Desistiram mais uma vez da Passagem do Noroeste. Navegaram até Macau. Ele viu frotas de juncos chineses, e de novo conheceu representantes da Companhia Holandesa das Índias Orientais, que pareciam ser onipresentes em seus trajes pretos simplórios e tamancos modestos. Aos olhos dele, em todos os lugares do mundo havia alguém que devia dinheiro a um holandês. Na China, Henry soube de uma guerra na França e uma revolução na América. Era a primeira vez que ouvia falar disso. Em Manila, viu um galeão espanhol, carregado, segundo disseram, de um tesouro de prata que valia dois milhões de libras. Trocou os sapatos de neve por um jaleco naval espanhol. Adoeceu por causa da disenteria — todos adoeceram —, mas ele sobreviveu. Chegou a Sumatra, e depois a Java, onde, mais uma vez, viu os holandeses ganhando dinheiro. Tomou nota disso.

Deram a volta no Cabo uma última vez e seguiram rumo à Inglaterra. No dia 6 de outubro de 1780, chegaram sãos e salvos a Deptford. Henry tinha se ausentado por quatro anos, três meses e dois dias. Já era um rapaz de vinte anos. Ao longo da jornada, adquirira modos cavalheirescos. Esperava e supunha que dissessem isso a seu respeito. Também havia sido um zeloso observador e colecionador botânico, como o instruído, e agora estava pronto para expor seu

relato a sir Joseph Banks.

Ele desembarcou do navio, recebeu os ordenados, conseguiu uma carona até Londres. A cidade era um horror imundo. O ano de 1780 tinha sido terrível para a Grã-Bretanha — motins, violência, fanatismo anticatolicismo, a casa de Lord Mansfield destruída pelo fogo, as mangas do arcebispo de York arrancadas de seus trajes e atiradas em seu rosto no meio da rua, prisões arrombadas, lei marcial —, mas Henry não sabia de nada disso, e não se importava. Caminhou até Soho Square, 32, direto para a residência particular de Banks. Bateu à porta, anunciou-se e se preparou para receber a recompensa que lhe cabia.

Banks o enviou ao Peru.

Essa seria a recompensa de Henry.

Banks ficou atônito ao ver Henry Whittaker na porta de sua casa. Nos últimos anos, havia praticamente se esquecido do garoto, embora fosse astuto demais e educado demais para revelá-lo. Banks carregava uma quantidade descomunal de informações na cabeça e uma grande quantidade de responsabilidades. Não apenas supervisionava a expansão de Kew Gardens, como também administrava e financiava incontáveis expedições botânicas mundo afora. Era raro um navio chegar a Londres na década de 1780 sem trazer uma planta, semente ou muda destinada a sir Joseph Banks. Ademais, ele tinha uma posição na alta sociedade e estava metido em todos os avanços científicos da Europa, da química à astronomia, passando pela procriação de ovelhas. Em suma, sir Joseph Banks era um cavalheiro extremamente atarefado, que não pensara em Henry Whittaker nos últimos quatro anos na mesma medida em que Henry Whittaker tinha pensado nele.

Entretanto, ao se recordar do filho do horticultor, autorizou a entrada de Henry em seu escritório particular e lhe ofereceu um cálice de vinho do Porto, que Henry recusou. Mandou que o garoto lhe contasse tudo sobre a viagem. Claro que Banks já sabia que o *Resolution* tinha atracado sem danos na Inglaterra, e havia recebido cartas do sr. Nelson no decorrer da jornada, mas Henry era a primeira pessoa com que Banks se encontrava logo após a chegada do navio, e por isso ele o recebeu — depois de lembrar quem era o garoto — com aguçada curiosidade. Henry falou por quase duas horas, dando todos os detalhes botânicos e pessoais. Falou com mais liberdade do que melindre, é preciso admitir, o que fez da narrativa uma preciosidade. Ao fim do relato, Banks se deu conta de que obtivera informações deliciosas. Não havia nada que Banks adorasse mais do que saber de coisas que os outros não tinham noção de que sabiam, e agora — muito antes de os diários oficiais e politicamente decorosos do *Resolution* estarem à sua disposição — ele já sabia de tudo o que acontecera na terceira expedição de Cook.

À medida que Henry falava, Banks ficava mais impressionado. Ele percebia

que Henry tinha passado os últimos anos não apenas estudando, mas dominando a botânica, e que agora tinha potencial para virar um horticultor de primeira grandeza. Banks se deu conta de que teria de empregar o garoto antes que alguém o surrupiasse. O próprio Banks nunca parava de surrupiar. Volta e meia usava seu dinheiro e charme para furtar jovens promissores de outras instituições e levá-los a prestar seus serviços a Kew. Naturalmente, também perdeu alguns jovens ao longo dos anos — seduzidos por cargos seguros e lucrativos como jardineiros de propriedades opulentas. Aquele ali, Banks decidiu que não perderia.

Henry podia até ser um mal-educado, mas Banks não se incomodava com mal-educados, se fossem competentes. A Grã-Bretanha produzia naturalistas como quem produz linhaça, mas em sua maioria eram burros e diletantes. Enquanto isso, Banks estava afoito por plantas novas. Ficaria contente em participar de expedições, mas já beirava os cinquenta anos e sofria tremendamente de gota. Estava inchado e dolorido, passava grande parte dos dias aprisionado à escrivaninha. Portanto, tinha que despachar coletores em seu lugar. A tarefa de achá-los não era tão simples como seria de se supor. Não existiam tantos jovens saudáveis quanto se esperaria — rapazes que quisessem ganhar salários miseráveis para morrer de febre intermitente em Madagascar, ou naufragar nos Açores, ou sofrer ataques de bandoleiros na Índia, ou ser encarcerados em Granada, ou simplesmente desaparecer para sempre no Ceilão.

O truque era fazer com que Henry sentisse que *já* estava destinado a trabalhar para Banks eternamente e não dar ao garoto a chance de refletir, ou de ser desaconselhado, ou de se apaixonar por alguma garota de roupas atrevidas, ou de traçar planos para o próprio futuro. Banks precisava convencer Henry de que o futuro estava predeterminado e de que o lugar que cabia a Henry no futuro já era em Kew. Henry era um rapaz autoconfiante, mas Banks sabia que sua riqueza, poder e fama lhe davam vantagem na situação — aliás, lhe davam um ar, às vezes, de ser a mão da providência divina em pessoa. O truque era usar a mão sem pestanejar e com agilidade.

“Bom trabalho”, disse Banks, depois de Henry passar adiante suas histórias. “Você se saiu bem. Na semana que vem você irá para os Andes.”

Henry teve de pensar por um instante: O que eram os Andes? Ilhas? Montanhas? Uma nação? Que nem os Países Baixos?

Mas Banks já falava do futuro, como se tudo estivesse resolvido. “Estou financiando uma expedição botânica peruana, e ela partirá na próxima quarta-feira. Você será chefiado pelo sr. Ross Niven. Ele é um velho escocês durão — talvez velho demais, se me permite a franqueza —, mas é o homem mais resistente que você conhecerá na vida. Ele sabe tudo de árvores e, me atrevo a dizer, conhece bem a América do Sul. Prefiro escoceses a ingleses para esse tipo

de trabalho, entende? Eles são mais cabeça fria e mais estáveis, mais propensos a buscar seus objetivos com um ardor implacável, e é isso que você quer de um homem no estrangeiro. Seu salário, Henry, é de quarenta libras por ano, e apesar de não ser o tipo de salário que engorda a vida de um rapaz, trata-se de um cargo digno, que traz consigo a gratidão do Império Britânico. Como você ainda é solteiro, tenho certeza de que consegue se virar. Quanto mais frugal for sua vida agora, Henry, mais rico você se tornará um dia.”

Henry parecia prestes a fazer uma pergunta, mas Banks o surpreendeu. “Imagino que você não fale espanhol?”, indagou, com ares de reprovação.

Henry fez que não.

Banks suspirou com uma decepção exagerada. “Bom, você aprende, deduzo eu. Permito que você participe da expedição apesar disso. Niven fala, mas com um estridulo cômico. Você terá de achar alguma forma de lidar com o governo espanhol. Eles protegem o Peru, sabe, e são uma amolação... mas são os donos, creio eu. Deus sabe que eu adoraria saquear cada selva daquele lugar, se tivesse a chance. Admito que detesto espanhóis, Henry. Odeio a mão morta da lei espanhola, que retarda e corrompe tudo o que vê pela frente. E a igreja deles é terrível. Dá para imaginar — os jesuítas ainda acreditam que os quatro rios dos Andes são os mesmos quatro do paraíso, como mencionado no Livro de Gênesis? Imagine só, Henry! Confundir o Orinoco com o Tigre!”

Henry não tinha ideia do que o homem estava falando, mas ficou em silêncio. Havia aprendido nos últimos quatro anos a falar somente quando sabia do que estava falando. Ademais, tinha aprendido que o silêncio às vezes relaxa o ouvinte, levando-o a crer que o interlocutor é inteligente. Por fim, estava distraído, ainda escutando o eco destas palavras: *Mais rico você se tornará um dia...*

Banks tocou uma sineta, e um serviçal pálido e inexpressivo entrou no cômodo, se sentou à escrivaninha e pegou uma folha para escrever. Banks, sem dizer nem uma palavra ao garoto, ditou:

“Sir Joseph Banks, tendo a satisfação de recomendá-lo aos Lordes Comissários do Jardim Botânico de Sua Majestade em Kew, et cetera, et cetera... sou autorizado por vossas senhorias a informar que eles têm o prazer de designá-lo, Henry Whittaker, como coletor de plantas para o jardim de sua majestade, et cetera, et cetera... em troca de sua recompensa e remuneração e em troca de sua pensão, ordenados e despesas de viagem, você terá direito ao salário de quarenta libras por ano, et cetera, et cetera, et cetera...”

Mais tarde, Henry pensaria que era uma bela quantidade de “et ceteras” por quarenta libras por ano, mas que outro futuro tinha ele? Houve um rascar de canetas floreado, e em seguida Banks balançou a carta no ar com um jeito preguiçoso para que a tinta secasse, enquanto declarava: “Sua missão, Henry, é a cinchona. É provável que você a conheça pelo nome de árvore da febre. É a fonte da casca jesuíta. Aprenda tudo o que puder sobre ela. É uma árvore

fascinante e eu gostaria de ver estudos mais aprofundados a respeito dela. Não faça inimigos, Henry. Proteja-se de ladrões, idiotas e canalhas. Tome muitas notas e não deixe de me informar em que tipo de solo achou seus espécimes — arenoso, argiloso, pantanoso — para tentarmos cultivá-los aqui em Kew. Seja avarento com seu dinheiro. Pense como um escocês, garoto! Quanto menos se permitir agora, mais poderá se permitir no futuro, quando tiver feito fortuna. Resista à embriaguez, ao ócio, às mulheres e à melancolia; você poderá gozar de todos esses prazeres mais tarde, quando for um velho imprestável como eu. Seja cuidadoso. Melhor você não deixar que ninguém saiba que é um homem da botânica. Proteja suas plantas de bodes, cães, gatos, pombos, aves, insetos, mofo, marujos, água do mar...”

Henry escutava com meio ouvido.

Ele iria ao Peru.

Na quarta-feira seguinte.

Ele era um homem da botânica, sob os designios do rei da Inglaterra.

Capítulo três

Henry chegou a Lima após quase quatro meses em alto-mar. Viu-se numa cidade de cinquenta mil almas — um posto colonial avançado de batalhadores, onde era comum famílias espanholas da alta sociedade terem menos comida do que as mulas que puxavam suas carruagens.

Ele chegou sozinho. Ross Niven, o líder da expedição (uma expedição, aliás, composta exclusivamente por Henry Whittaker e Ross Niven), havia falecido no caminho, perto da costa de Cuba. O velho escocês nunca devia ter obtido permissão para deixar a Inglaterra, para início de conversa. Era tísico e pálido, e cuspiu sangue toda vez que tossia, mas era teimoso e escondera a doença de Banks. Niven não durou nem um mês em alto-mar. Em Cuba, Henry redigira uma carta quase ilegível para Banks, dando a notícia do falecimento de Niven e exprimindo a resolução de levar a missão adiante por conta própria. Não aguardou uma resposta. Não queria receber ordens de voltar para casa.

Antes de morrer, contudo, o homem se dera ao útil trabalho de ensinar uma ou duas coisas sobre a cinchona a Henry. Por volta de 1630, segundo Niven, missionários jesuítas nos Andes peruanos perceberam que os índios quíchuas tomavam um chá quente feito de casca pulverizada, para curar febres e calafrios provocados pelo frio extremo da grande altitude. Um monge observador se questionou se o pó amargo da casca não seria capaz de tratar também as febres e os calafrios sintomáticos da malária — doença que nem existia no Peru, mas que, na Europa, já matava havia muito tempo tanto papas como indigentes. O monge despachou um pouco de cinchona para Roma (aquele repugnante pântano malárico que chamavam de cidade), junto com instruções para que o pó fosse testado. Por milagre, descobriu-se que a cinchona realmente interrompia o avanço das devastações causadas pela malária, por razões que ninguém entendia. Fosse qual fosse o motivo, a casca parecia curar totalmente a doença, sem efeitos colaterais além de surdez persistente — um pequeno preço a ser pago em troca da vida.

No começo do século XVIII, a casca peruana, ou casca jesuíta, já era o artigo de exportação mais valioso do Novo Mundo para o Velho. Um grama de casca jesuíta pura equivalia a um grama de prata. Era a cura dos ricos, mas havia muitos homens ricos na Europa, e nenhum deles queria morrer de malária. Depois, Luis XIV foi curado pela casca jesuíta, o que só fez aumentar ainda mais

seu preço. Assim como Veneza enriqueceu com a pimenta e a China enriqueceu com o chá, os jesuítas enriqueciam com a casca das árvores peruanas.

Porém, os britânicos demoraram a perceber o valor da cinchona — principalmente devido ao preconceito que tinham contra espanhóis e católicos, mas também graças à duradoura preferência por sangrar os pacientes, em vez de tratá-los com pós esquisitos. Ademais, a extração do remédio a partir da cinchona era uma ciência complexa. A árvore tinha cerca de setenta subespécies e ninguém sabia exatamente quais cascas eram as mais potentes. Era preciso confiar na dignidade do próprio coletor de casca, que em geral era um índio a dez mil quilômetros de distância. O pó chamado de “casca jesuíta” encontrado nas farmácias de Londres, contrabandeado para o país através de rotas belgas secretas, era em grande parte falso e ineficaz. Todavia, a casca enfim chamara a atenção de sir Joseph Banks, que desejava saber mais a respeito dela. E agora — com uma mínima alusão à riqueza em potencial — também a de Henry, que se tornava o líder da própria expedição.

Em pouco tempo, Henry já andava pelo Peru como um homem instigado pela ponta de uma baioneta, e essa baioneta era sua ambição indomável. Ross Niven, antes de morrer, dera a Henry três conselhos lúcidos sobre percorrer a América do Sul, e o rapaz seguiu todos eles. Um: jamais usar botas. Endureça os pés até parecerem os pés de um índio, desertando para sempre o abraço podre da pele de animal molhada. Dois: abandone as roupas pesadas. Use trajes leves e aprenda a aguentar o frio, assim como os índios. Você terá mais saúde agindo assim. E três: banhe-se no rio todos os dias, assim como os índios.

Isso constituía tudo o que Henry sabia, além do fato de que a cinchona era lucrativa e de que era encontrada no alto dos Andes, em uma área remota do Peru chamada Loxa. Não tinha acompanhante, mapa ou livro para obter mais instruções, então se esclareceu sozinho. Para chegar a Loxa, teve de sobreviver a rios, espinhos, cobras, doenças, calor, frio, chuva, autoridades espanholas e — o mais perigoso — sua própria equipe de mulas emburradas, ex-escravos e negros amargurados, cujas línguas, ressentimentos e planos secretos só lhe restava imaginar.

Descalço e faminto, ele seguiu adiante. Mascava folhas de cacau, assim como os índios, para manter a força. Aprendeu espanhol, o que significa que decidiu por teimosia que já sabia falar espanhol e que as pessoas já eram capazes de entendê-lo. Se não conseguiam entendê-lo, gritava com elas com uma energia cada vez maior até que entendessem. Passado um tempo, chegou à região chamada Loxa. Achou, e subornou, os *cascarilleros*, os “cortadores de casca” — índios do local que sabiam onde cresciam as árvores boas. Não parou de procurar e achou até outros aglomerados escondidos de cinchona.

Típico filho de horticultor, Henry logo percebeu que as cinchonas, em sua maioria, estavam em mau estado, doentes e exauridas. Havia poucas árvores

com troncos densos como sua própria barriga, mas nenhuma era maior que ela. Começou a cobrir as árvores de musgo, sempre que a casca havia sido retirada, para que cicatrizassem. Ensinou os *cascarilleros* a cortar a casca em tiras verticais em vez de matar as árvores arrancando faixas na horizontal. Cortou boa parte das outras cinchonas doentes para que crescessem de novo. Adoeceu, mas continuou trabalhando. Quando não conseguia andar por causa de doença e infecção, pedia aos índios que o amarrassem à sua mula, como um cativo, no intuito de poder visitar suas árvores todos os dias. Comeu porquinhos-da-índia. Atirou em um jaguar.

Permaneceu em Loxa por quatro anos sofridos, descalço e com frio, dormindo em uma cabana com índios descalços e com frio, que queimavam esterco para se aquecerem. Continuou cuidando do bosque de cinchona, que pertencia legalmente à Botica Real Espanhola, mas que Henry em silêncio reclamara para si. Estava numa área tão remota das montanhas que nenhum espanhol o perturbava, e depois de um tempo os índios também não se incomodavam com ele. Deduziu que as cinchonas de troncos mais escuros produziam um remédio mais potente do que as de outros tipos e que as árvores recém-crescidas davam a casca mais forte. Uma poda intensiva, portanto, era recomendável. Identificou e nomeou sete subespécies novas de cinchona, mas a maioria delas era considerada inútil. Concentrou sua atenção no que chamava de cinchona *roja* — a árvore vermelha, a mais farta. Enxertou a *roja* no rizoma de espécies de cinchona mais robustas e resistentes a doenças para gerar uma produção superior.

Também pensava bastante. Um rapaz sozinho em uma floresta alta e distante tem muito tempo para pensar, e Henry formulou teorias grandiosas. O finado Ross Niven lhe dissera que o comércio de casca jesuíta gerava dez milhões de reales por ano para a Espanha. Por que sir Joseph Banks queria que ele apenas estudasse o produto, se poderiam vendê-lo? E por que a produção de casca jesuíta deveria ficar restrita àquela região inacessível do mundo? Henry lembrou-se do pai ensinando que todas as plantas valiosas à história da humanidade tinham sido caçadas antes de serem cultivadas, e que caçar uma árvore (como escalar os Andes para achar o maldito troço) era muito menos eficaz do que cultivá-la (como aprender a germiná-la em outro lugar, em um ambiente controlado). Sabia que os franceses tinham tentado transplantar a cinchona para a Europa em 1730 e que não tinham conseguido, e acreditava saber a razão: eles não entendiam de altitude. Seria impossível cultivar aquela árvore no vale do Loire. A cinchona precisava do ar rarefeito das grandes altitudes e de uma floresta úmida — e não existia um lugar desses na França. Nem na Inglaterra. Nem na Espanha, por sinal. Era uma pena. Não dava para exportar condições climáticas.

Ao longo de quatro anos de ponderações, no entanto, foi esta a ideia que

ocorreu a Henry: a Índia. Henry estava disposto a apostar que a cinchona vicejaria nos sopés frios e úmidos do Himalaia — lugar onde nunca estivera, mas sobre o qual tinha ouvido falar através de oficiais britânicos durante a viagem por Macau. Além do mais, por que não cultivar aquela planta medicinal valiosa mais perto de regiões maláricas, mais perto de onde era de fato necessária? Havia uma enorme demanda de casca jesuíta na Índia, para o combate de febres debilitantes em tropas britânicas e trabalhadores locais. Por enquanto, a droga era cara demais para ser dada a soldados rasos e trabalhadores, mas não precisava ser assim. Na década de 1780, o preço da casca jesuíta já aumentava uns duzentos por cento entre sua fonte no Peru e seus mercados europeus, mas grande parte desse custo era acarretada pelas despesas com remessa. Era hora de parar de caçar a árvore e começar a cultivá-la pela lucratividade, mais perto de onde era necessária. Henry Whittaker, agora com vinte e quatro anos de idade, acreditava ser o homem certo para fazê-lo.

Foi embora do Peru no início de 1785, levando não só anotações, um amplo herbário e amostras de casca embrulhadas em linho, mas também mudas de raízes nuas e umas dez mil sementes de cinchona *roja*. Também levou para casa algumas espécies de cápsico, bem como uns nastúrcios e umas poucas fúcias raras. Mas o verdadeiro tesouro era o estoque de sementes. Henry esperara dois anos para que as sementes emergissem, aguardando que as melhores árvores gerassem flores intocadas pelo gelo. Secara as sementes ao sol durante um mês, virando-as a cada duas horas para evitar que mofassem e embrulhando-as em linho à noite para protegê-las do orvalho. Henry sabia que raramente sementes sobreviviam a viagens oceânicas (nem Banks tinha obtido êxito ao levar sementes para casa em suas expedições com o capitão Cook), portanto decidiu fazer uma experiência com três técnicas de acondicionamento. Algumas das sementes foram envoltas em areia, algumas incrustadas em cera e outras ficaram soltas junto com musgo seco. Todas foram empacotadas em bexiga de boi para que permanecessem secas, e em seguida agasalhadas em lã de alpaca para que ficassem escondidas.

Os espanhóis ainda tinham o monopólio da cinchona, então agora Henry era oficialmente um contrabandista. Como tal, evitou a movimentada costa do Pacífico e seguiu pelo leste, atravessando por terra a América do Sul, portando um passaporte que o identificava como mercador têxtil de origem francesa. Ele e suas mulas e ex-escravos e seus índios infelizes tomaram a rota dos gatunos — de Loxa ao rio Zamora, ao Amazonas, à costa do Atlântico. Dali ele navegou até Havana, depois a Cádiz, depois de volta à Inglaterra. O regresso levou um ano e meio, no total. Não se deparou com nenhum pirata, nenhuma tempestade digna de nota, nenhuma doença debilitante. Não perdeu nenhum espécime. Não foi tão difícil assim.

Sir Joseph Banks, ele pensou, ficaria satisfeito.

Porém, sir Joseph Banks não ficou satisfeito quando Henry se reuniu com ele de novo, no conforto de Soho Square, 32. Banks estava simplesmente mais velho e adoentado, mais distraído do que nunca. A gota lhe causava enorme tormento, e ele lutava com questões científicas da própria lavra, que considerava importantes para o futuro do Império Britânico.

Banks tentava achar uma maneira de acabar com a dependência que a Inglaterra tinha de algodão estrangeiro, e por isso despachara horticultores para as Índias Ocidentais Britânicas, que estavam se empenhando — sem sucesso, por enquanto — no cultivo de algodão por lá. Também tentava, igualmente sem sucesso, quebrar o monopólio holandês sobre o comércio de especiarias por meio do cultivo de noz-moscada e cravo em Kew. Ele havia submetido ao rei a proposta de transformar a Austrália em colônia penal (tratava-se apenas de uma ideia que lhe surgira como passatempo), mas até então ninguém tinha lhe dado ouvidos. Esforçava-se para construir um telescópio de doze metros de altura para o astrônomo William Herschel, que acalentava o desejo de descobrir novos cometas e planetas. Mas, acima de tudo, Banks queria balões. Os franceses tinham balões. Os franceses vinham fazendo experiências com gases mais leves que o ar e mandando tripulantes em voos sobre Paris. Os ingleses estavam ficando para trás! Em nome da ciência e da segurança nacional, por Deus, *o Império Britânico precisava de balões*.

Portanto, Banks, naquele dia, não estava com disposição para ouvir as afirmações de Henry Whittaker de que o necessário mesmo para o Império Britânico eram plantações de cinchonas na altitude mediana do Himalaia indiano — uma ideia que não fomentava de forma nenhuma as questões do algodão, das especiarias, da busca de cometas ou do balonismo. A cabeça de Banks estava cheia, seu pé doía horrores e ele estava tão irritado com a presença agressiva de Henry que desconsiderou a conversa inteira. Nesse momento, sir Joseph Banks cometeu um raro erro tático — um erro que custaria caro para a Inglaterra.

Mas é preciso dizer que Henry também cometeu erros táticos em relação a Banks naquele dia. Vários erros consecutivos, na verdade. Aparecer sem aviso prévio foi o primeiro. Sim, já tinha agido assim antes, mas Henry não era mais um garoto atrevido, cujo lapso de decoro poderia ser desculpado. A essa altura já era um homem-feito (e era um homem grande, aliás), cujas batidas insistentes na porta da frente insinuavam tanto imprudência social como ameaça física.

Além do mais, Henry chegara à soleira da porta de Banks de mãos vazias, o que um coletor botânico jamais devia fazer. A coleção peruana de Henry ainda estava a bordo do navio de Cádiz, atracado em segurança no porto. Era uma coleção impressionante, mas como Banks poderia saber se todos os espécimes estavam fora do alcance de sua visão, escondidos em um distante navio mercante, camuflados em bexigas de boi, barris, sacos de juta e caixas de Ward? Henry devia ter levado alguma coisa para entregar pessoalmente nas mãos de

Banks — se não uma muda de cinchona *roja*, ao menos uma fúcsia com belas flores. Qualquer coisa que chamasse a atenção do velho, que o amansasse e o levasse a crer que as quarenta libras por ano que investira em Henry Whittaker e no Peru não tinham sido um desperdício.

Mas Henry não era de amansar. Preferiu se lançar verbalmente contra Banks, com essa acusação brusca: “O senhor está errado por querer somente estudar a cinchona quando poderia vendê-la!” Esta inacreditável declaração imponderada acusava Banks de ser um tolo, ao mesmo tempo em que sujava a casa de Soho Square, 32, com a mancha desagradável do *interesse financeiro* — como se sir Joseph Banks, o cavalheiro mais abastado da Grã-Bretanha, um dia fosse precisar recorrer pessoalmente ao comércio.

Para ser justo com Henry, ele não estava exatamente com a cabeça no lugar. Havia passado muitos anos sozinho em uma floresta remota, e um rapaz numa floresta pode virar um pensador perigosamente irrestrito. Henry já tinha discutido o assunto com Banks tantas vezes *na cabeça dele* que agora se impacientava com a conversa verdadeira. Na imaginação de Henry, tudo já estava combinado e era um sucesso. Na cabeça de Henry, havia um único resultado possível: Banks acharia a ideia brilhante, apresentaria Henry aos devidos administradores da Companhia Britânica das Índias Orientais, providenciaria todas as licenças, garantiria o financiamento e seguiria adiante — na melhor das hipóteses, até a tarde do dia seguinte — com o ambicioso projeto. Nos sonhos de Henry, a plantação de cinchonas já crescia no Himalaia, ele já era um homem de fortuna resplandecente que Joseph Banks tinha prometido que seria, e já tinha sido acolhido como cavalheiro pelos braços da sociedade londrina. Acima de tudo, Henry tinha se permitido acreditar que ele e Joseph Banks já se viam como amigos íntimos e queridos.

Pois seria bem possível que Henry Whittaker e sir Joseph Banks se tornassem amigos íntimos e queridos, exceto por um probleminha, que era o fato de que sir Joseph Banks jamais considerou Henry Whittaker algo além de um trabalhadorzinho mal-educado e capaz de cometer furtos, cujo único objetivo de vida era gastar toda sua serventia em benefício de seus superiores.

“E também”, disse Henry, enquanto Banks ainda se recuperava do ataque contra seus sentidos, sua honra e sua sala de estar, “acredito que precisamos discutir minha indicação à Royal Society of Fellows”.

“Perdão”, retrucou Banks. “Quem neste mundo o indicou para a Royal Society of Fellows?”

“Confio que o senhor o fará”, disse Henry. “Como recompensa pelo meu trabalho e minha perspicácia.”

Banks passou um bom tempo emudecido. As sobrancelhas, por conta própria, correram para o alto de sua testa. Ele respirou fundo. Em seguida — para a grande desventura do futuro do Império — gargalhou. Gargalhou com tamanha

franqueza que teve de enxugar os olhos com um lenço de renda belga que podia muito bem ter custado mais do que a casa em que Henry Whittaker fora criado. Era bom gargalhar, depois de um dia tão cansativo, e se entregou à hilaridade de corpo inteiro. Gargalhou tão alto que o criado, parado junto à porta, enfiou a cabeça pela fresta, curioso a respeito daquela súbita explosão de alegria. Gargalhou de tal maneira que não conseguia falar. O que talvez fosse melhor, pois mesmo sem a risada Banks teria dificuldade em achar palavras para exprimir como era absurda a ideia — de que Henry Whittaker, que pela lógica deveria ter pendido da forca de Tyburn nove anos antes, que tinha o rosto de um furão e cara de batedor de carteiras nato, cujas cartas escritas de modo pavoroso tinham sido uma ótima fonte de diversão para Banks ao longo dos anos, cujo pai (pobre coitado!) fazia companhia aos porcos — de que aquele jovem *vigarista* esperasse ser convidado a tornar-se membro do consórcio científico mais estimado e distinto de toda a Grã-Bretanha. Que grande piada era essa!

Claro, sir Joseph Banks era o muito adorado presidente da Royal Society of Fellows — como Henry sabia muito bem — e caso Banks indicasse um texugo aleijado como membro, ela acolheria a criatura e também lhe concederia uma medalha de honra. Mas acolher Henry Whittaker? Permitir àquele tratante imprudente, àquele rapazote de costas compridas, àquele *furão* de meia-tigela acrescentar as iniciais RSF à sua assinatura indecifrável?

Não.

Quando Banks caiu na risada, o estômago de Henry se revirou e se dobrou em um cubo pequeno e duro. Sua garganta se fechou como se tivesse, enfim, dado um nó. Ele fechou os olhos e viu morte. Era capaz de cometer um assassinato. Visualizou o assassinato e ponderou com cuidado as consequências daquilo. Teve um bom tempo para refletir sobre a morte, enquanto Banks ria sem parar.

Não, Henry decidiu. Nada de assassinato.

Quando abriu os olhos, Banks ainda gargalhava, e Henry era um ser humano transformado. Toda a juventude que ainda lhe restava naquela manhã tinha sido morta a pontapés. A partir daquele momento, sua vida não se resumiria a quem ele se tornaria, e sim ao que poderia adquirir. Jamais seria um cavalheiro. Tudo bem. Que se danassem os cavalheiros. Que se danassem todos eles. Henry ficaria mais rico do que qualquer cavalheiro que tivesse vivido, e um dia seria dono de todos eles, de cima a baixo. Henry esperou Banks parar de rir e então saiu do aposento sem dizer uma palavra.

Imediatamente ganhou as ruas e arrumou uma prostituta. Ele a apertou contra a parede de um beco e expulsou à força a própria virgindade, ferindo tanto a garota como ele mesmo no transcorrer do ato, até que ela o xingou de selvagem. Achou uma taverna, tomou duas jarras de rum, esmurrou um estranho na barriga, foi atirado à rua e levou chutes no rim. Agora, pronto — estava feito. Tudo de que vinha se abstendo nos últimos oito anos no intuito de virar um

cavalheiro respeitável. Estava tudo feito. Viu como foi fácil? Não havia prazer nenhum nisso, sem dúvida, mas estava feito.

Ele contratou um barqueiro para levá-lo rio acima, até Richmond. Já era noite. Passou pela casa pavorosa dos pais sem parar. Nunca mais os veria — nem desejava vê-los. Entrou de fininho em Kew, achou uma pá e desencavou todo o dinheiro que enterrara aos dezesseis anos. Havia um bom montante de prata esperando por ele no solo, bem mais do que se lembrava.

“Bom garoto”, disse ao menino ladrão e acumulador que tinha sido.

Dormiu à margem do rio com um saco úmido de moedas como travesseiro. No dia seguinte, voltou a Londres e comprou um terno satisfatório. Supervisionou a retirada de sua coleção de botânica peruana inteira — todas as sementes e bexigas e amostras de cascas — do navio que viera de Cádiz e transferiu a carga para um navio que iria para Amsterdã. Legalmente, a coleção inteira pertencia a Kew. Dane-se Kew. Dane-se Kew até sangrar. Que Kew fosse atrás dele e o achasse.

Três dias depois, navegou rumo à Holanda e vendeu sua coleção, suas ideias e seus serviços à Companhia Holandesa das Índias Orientais — cujos administradores austeros e sagazes o receberam, é preciso dizer, sem nenhum indício de riso.

Capítulo quatro

Passados seis anos, Henry Whittaker era um homem rico, em vias de enriquecer ainda mais. Sua plantação de cinchonas vicejava no posto colonial avançado dos holandeses em Java, crescendo felizes como ervas daninhas em uma propriedade rural montanhosa, fria, úmida e escalonada chamada Pengalengan — um ambiente quase idêntico, como Henry sabia que seria, aos Andes peruanos e também à parte baixa do Himalaia. Henry vivia na própria plantação e prestava bastante atenção em seu tesouro botânico. A essa altura, seus sócios em Amsterdã já estabeleciam os preços internacionais da casca jesuíta e ganhavam sessenta florins a cada quarenta e cinco quilos de cinchona processados. Nem toda a velocidade do mundo bastaria. Havia uma fortuna a ser obtida ali, e a fortuna era obtida nos detalhes. Henry continuara a refinar seu pomar, que agora era protegido da polinização cruzada com matérias-primas inferiores e produzia uma casca mais potente e mais homogênea do que as originárias do Peru. Além do mais, era transportada sem problemas e — sem a interferência corrupta das mãos dos espanhóis e dos índios — era considerada pelo mundo um produto digno de confiança.

Os colonos holandeses já eram os maiores produtores e consumidores de casca jesuíta do mundo, usando o pó para manter soldados, administradores e trabalhadores livres da malária em todos os cantos das Índias Orientais. A vantagem que isso lhes dava sobre os rivais — em especial, sobre os ingleses — era literalmente impossível de calcular. Com seu resolutivo espírito vingativo, Henry não fazia nenhum esforço para tirar totalmente seu produto dos mercados britânicos, ou para ao menos aumentar o preço sempre que a casca jesuíta conseguia entrar na Inglaterra ou em seus postos avançados.

De volta a Kew, e agora bem atrasado nessa competição, sir Joseph Banks chegou a tentar cultivar a cinchona no Himalaia, mas sem a perícia de Henry o projeto ficou defasado. Os britânicos despendiam fortunas, energia e angústia plantando a espécie errada de cinchona na altitude errada, e Henry, com fria satisfação, sabia disso. Na década de 1790, incontáveis cidadãos e súditos britânicos morriam de malária na Índia todas as semanas, sem acesso à casca jesuíta, ao mesmo tempo que os holandeses avançavam com sua saúde robusta.

Henry admirava os holandeses e trabalhava bem junto com eles. Não precisava fazer esforço nenhum para compreender aquele povo — aqueles

calvinistas diligentes, incansáveis, que cavavam fossos, tomavam cerveja, não mediam as palavras e contavam moedinhas, que vinham estabelecendo as normas através do comércio desde o século XVI, e que dormiam em paz todas as noites de suas vidas com a certeza de que Deus queria que fossem ricos. Uma nação de banqueiros, comerciantes e jardineiros, os holandeses gostavam de suas promessas da mesma maneira que Henry gostava das dele (em outras palavras, cobertas de lucro), e, portanto, faziam o mundo de refém com suas taxas de juros exorbitantes. Não o julgavam pelos modos rudes ou o jeito agressivo. Em pouco tempo, Henry Whittaker e os holandeses já geravam fortunas estupendas uns para os outros. Na Holanda, havia gente que chamava Henry de “O Príncipe do Peru”.

Naquele momento, Henry era um homem rico de trinta e um anos, e já estava na hora de orquestrar o resto de sua vida. Para começar, agora tinha a oportunidade de dar início aos próprios negócios, totalmente independentes de seus sócios holandeses, e examinou as opções com cuidado. Não tinha nenhum fascínio por minério ou pedras preciosas, já que não entendia nada de minério e pedras. Nem por construção naval, indústria editorial ou têxtil. Seria botânica, portanto. Mas que tipo de botânica? Henry não tinha nenhuma vontade de entrar no comércio de especiarias, apesar da fama de que era muito lucrativo. Já havia muitas nações envolvidas com aquilo, e o custo de defender o próprio produto de piratas e frotas rivais anulava os ganhos, pelo que Henry percebia. Também não tinha respeito nenhum pelo comércio de açúcar ou de algodão, que achava insidioso e dispendioso, assim como intrinsecamente ligado à escravidão. Henry não queria nada com a escravidão — não por achá-la uma abominação moral, mas por considerá-la ineficiente do ponto de vista financeiro, desorganizada e cara, e por ser controlada por alguns dos intermediários mais repugnantes do mundo. O que realmente interessava a ele eram as plantas medicinais — um mercado que ainda não tinha sido capitalizado plenamente por ninguém.

Portanto, seriam plantas medicinais e farmácia.

Em seguida, tinha que resolver onde morar. Era dono de uma bela propriedade em Java, com uma centena de criados, mas no decorrer dos anos o clima do local o deixara mal, causando-lhe doenças tropicais que devastariam sua saúde com frequência pelo resto da vida. Precisava de um lar mais ameno. Preferiria cortar o braço a morar de novo na Inglaterra. O continente não o atraía: a França era cheia de gente irritante; a Espanha era corrupta e instável; a Rússia, impossível; a Itália, absurda; a Alemanha, rígida; Portugal, decadente. A Holanda, embora bem-intencionada em relação a ele, era maçante.

Os Estados Unidos da América, ele decidiu, eram uma possibilidade. Henry nunca tinha estado lá, mas ouvira coisas promissoras. Ouvira coisas promissoras principalmente sobre a Filadélfia — a animada capital daquela jovem nação. Diziam que era uma cidade com um porto de expedição bastante bom, central à

costa leste do país, repleta de quacres pragmáticos, farmacêuticos e fazendeiros trabalhadores. Segundo os boatos, era um lugar sem aristocratas esnobes (ao contrário de Boston), sem puritanos que tinham o prazer (ao contrário de Connecticut) e sem os autoproclamados e desagradáveis príncipes feudais (ao contrário de Virginia). A cidade havia sido fundada sob os princípios sensatos de tolerância religiosa, liberdade de imprensa e belo paisagismo, criado por William Penn — um homem que cultivava brotos de árvores em banheiras e que imaginou sua metrópole como um grande viveiro de plantas e de ideias. Todo mundo era bem-vindo na Filadélfia, todo mundo mesmo — à exceção, é claro, dos judeus. Ao tomar conhecimento disso tudo, Henry suspeitou de que a Filadélfia fosse um vasto panorama de lucros não alcançados e planejou tirar proveito do local.

Antes de se estabelecer em qualquer lugar, contudo, queria que lhe providenciassem uma esposa, e — como não era bobo — queria uma esposa holandesa. Desejava uma mulher inteligente e digna, com o mínimo possível de frivolidade, e a Holanda era o lugar certo para encontrá-la. Ao longo dos anos, Henry de vez em quando se satisfizera com prostitutas, e até mantivera uma jovem javanesa em sua propriedade em Pengalengan, mas já era hora de adquirir uma esposa decente, e se recordou do conselho de um sábio marujo português, que lhe dissera anos antes: “Para ser próspero e feliz na vida, Henry, é simples. Escolha uma mulher, escolha bem, e se renda.”

Portanto, navegou de volta para a Holanda a fim de escolher uma. Selecionou rápido e com cautela, arrancando uma esposa da respeitável família tradicional chamada Van Devender, que era curadora dos jardins botânicos Hortus em Amsterdã havia muitas gerações. O Hortus era um dos principais jardins voltados para a pesquisa na Europa — uma das conexões mais antigas da história entre botânica, academia e comércio — e a família Van Devender sempre o administrara com honradez. Não eram aristocratas de modo algum, certamente não eram ricos, mas Henry não precisava de uma esposa rica. Os Van Devender eram, no entanto, uma família europeia de grande relevância em termos de erudição e ciência — e isso sim ele admirava.

Infelizmente, a admiração não era recíproca. Jacob van Devender, atual patriarca da família e do Hortus (e uma mão magistral no cultivo de aloés ornamentais), sabia quem era Henry Whittaker e não gostava dele. Sabia que o rapaz tinha um histórico de roubos e também que traía a própria pátria em troca de lucro. Não era o tipo de conduta que Jacob van Devender aprovava. Jacob era holandês, sim, e gostava de seu dinheiro, mas não era banqueiro nem especulador. Não media o valor dos outros por suas pilhas de ouro.

Entretanto, Jacob van Devender tinha uma filha com excelente potencial — ou era o que Henry pensava. O nome dela era Beatrix, e não era nem feia nem bonita, o que achava ótimo para uma esposa. Era corpulenta e despeitada, uma

mulher que era um perfeito barrilzinho, e já rolava rumo à solteirice quando Henry a conheceu. Para o gosto da maioria dos pretendentes, Beatrix van Devender pareceria tão instruída a ponto de assustar. Era proficiente em cinco línguas vivas e duas mortas, com um conhecimento de botânica que se igualava ao de qualquer homem. Sem dúvida, a mulher não era uma coquete. Não era um enfeite para a sala de estar. Vestia-se em todos os tons de cores que são associados a pardais comuns. Nutria uma forte suspeita quanto à paixão, exagero ou beleza, dando confiança apenas ao que era genuíno e crível, e sempre preferia a sabedoria adquirida ao instinto impetuoso. Henry a via como uma placa viva de lastro, exatamente o que desejava.

E quanto ao que Beatrix pensava de Henry? Aqui, nos deparamos com um leve mistério. Henry não era bonito. Certamente não era refinado. A bem da verdade, havia um quê de ferreiro de aldeia em seu rosto vermelho, mãos largas e modos grosseiros. Aos olhos da maioria, não pareceria nem genuíno nem crível. Henry Whittaker era um homem apaixonado, impulsivo, barulhento e belicoso, que tinha inimigos pelo mundo afora. Também havia se tornado, nos últimos anos, um bocadinho beerrão. Que moça respeitável escolheria de bom grado um tipo desses para marido?

“O homem não tem princípios”, Jacob van Devender se contrapôs à filha.

“Ah, pai, o senhor está cometendo um erro grave”, Beatrix o corrigiu com segurança. “O sr. Whittaker é cheio de princípios. Só que não dos melhores tipos.”

Verdade, Henry era abastado, e conseqüentemente alguns observadores especularam que talvez Beatrix tivesse maior apreço pela fortuna dele do que deixava transparecer. Além disso, Henry tinha a intenção de levar a noiva para a América, e talvez — os gaiatos da cidade prosseguiram com as fofocas — ela tivesse algum motivo secreto e vergonhoso para ir embora da Holanda e nunca mais voltar.

A verdade, entretanto, era mais simples: Beatrix van Devender se casou com Henry Whittaker porque gostava do que via nele. Gostava de sua força, sua astúcia, sua ascendência, seu potencial. Ele era tosco, verdade, mas ela também não era uma florzinha delicada. Ela respeitava a objetividade dele, assim como ele respeitava a dela. Entendia o que ele queria dela, e tinha certeza de que poderia ajudá-lo — talvez até influenciá-lo um pouco. Assim, Henry e Beatrix fizeram uma aliança, com rapidez e franqueza. A única palavra realmente precisa para descrever a união deles era uma palavra holandesa, um termo de negócios: *partenrederij* — uma parceria baseada em trocas honestas e em negócios justos, em que os lucros de amanhã eram resultantes das promessas de hoje, e em que a cooperação de ambas as partes contribuía na mesma medida para a prosperidade.

Os pais a deserdaram. Ou talvez seja mais exato dizer que Beatrix os deserdou. Formavam uma família rígida, todos eles. Discordavam da aliança dela, e as

discordâncias na família Van Devender tendiam a ser eternas. Após escolher Henry e partir para os Estados Unidos, Beatrix nunca mais se comunicou com Amsterdã. O último vislumbre que teve da família foi do irmão mais novo, Dees, de dez anos, chorando por sua partida, puxando suas saias, dizendo: “Eles estão tirando ela de mim! Eles estão tirando ela de mim!” Ela afastou os dedos do irmão de sua bainha, disse que ele nunca mais devia se humilhar derramando lágrimas em público e foi embora.

Beatrix levou para a América sua criada pessoal — uma jovem atarracada muitíssimo competente chamada Hanneke de Groot. Também pegou da biblioteca do pai uma edição de 1665 de *Micrographia*, de Robert Hooke, e um valiosíssimo compêndio das ilustrações botânicas de Leonhart Fuchs. Cerziu dezenas de bolsos no vestido de viagem e encheu todos eles com os bulbos das tulipas mais raras do Hortus, todos protegidos com musgo. Também levou consigo várias dezenas de livros-razão em branco.

Já planejava sua biblioteca, seu jardim e — ao que parecia — sua fortuna.

Beatrix e Henry Whittaker chegaram à Filadélfia no início de 1793. A cidade, sem a proteção de muros ou outras fortificações, consistia ao mesmo tempo num porto movimentado, nuns poucos quarteirões de edifícios comerciais e políticos, num conglomerado de fazendas e em algumas belas propriedades novas. Era um lugar de possibilidades vastas, produtivas — um verdadeiro leito aluvial de desenvolvimento em potencial. O Primeiro Banco dos Estados Unidos tinha sido aberto ali no ano anterior. A Comunidade da Pensilvânia inteira estava em guerra com suas florestas — e seus habitantes, munidos de machados, bois e ambição, venciam a luta. Henry comprou 140 hectares de pastos inclinados e bosques intactos, além da margem oeste do rio Schuylkill, com o objetivo de anexar mais terrenos assim que pudesse adquiri-los.

A princípio, Henry planejava ser rico ao completar quarenta anos, mas tinha forçado tanto seus cavalos a cavalgarem, como dizia o ditado, que chegara mais cedo ao seu destino. Tinha apenas trinta e dois anos e já tinha dinheiro acumulado em libras, florins, guinéus e até copeques russos. Pretendia enriquecer ainda mais. Mas, por enquanto, após chegar à Filadélfia, estava na hora de simular pompa.

Henry deu à propriedade o nome de White Acre, um trocadilho com o próprio sobrenome, e imediatamente pôs mãos à obra para erigir uma mansão paladiana de dimensões senhoriais, muito mais bela do que qualquer outra construção particular que a cidade já tivesse visto. A casa seria de pedra, ampla e bem equilibrada — guarnecida de belos pavilhões leste e oeste, um pórtico com colunas ao sul e um terraço largo ao norte. Também ergueu uma cocheira grandiosa, uma ferraria espaçosa e uma extravagante guarita, bem como diversas estruturas botânicas (inclusive a primeira das inúmeras estufas

independentes que levantaria no futuro, um laranjal nos moldes da famosa construção de Kew e a estrutura inicial de uma estufa de dimensões espantosas). Junto à margem lamacenta do Schuylkill — de onde meros cinquenta anos antes os índios colhiam cebolas silvestres — ele construiu uma doca particular para barcas, como aquelas das lindas residências antigas à beira do Tâmis.

A cidade da Filadélfia, de modo geral, ainda vivia com frugalidade naquela época, mas Henry projetou White Acre como uma afronta descarada exatamente ao conceito de parcimônia. Desejava que o lugar pulsasse de tanta extravagância. Não temia ser invejado. Na verdade, achava um ótimo passatempo ser invejado, e um ótimo negócio também, pois a inveja aproximava as pessoas. Seu lar era projetado não só para parecer majestoso a distância — dava para vê-lo do rio, imponente e sublime em seu promontório, observando friamente a cidade na margem oposta —, mas também para externar opulência em cada mínimo detalhe. Todas as maçanetas seriam de latão, e o latão sempre reluziria. A mobília chegou direto do Seddon de Londres, as paredes eram cobertas de papel belga, os pratos eram de louça cantonesa, a adega era repleta de rum jamaicano e clarete francês, os lustres eram de vidro soprado à mão em Veneza e os lilases que cercavam a propriedade haviam florescido pela primeira vez no Império Otomano.

Deixou que boatos sobre sua fortuna se espalhassem sem restrições. Por mais rico que fosse, não faria mal que pensassem que era mais rico ainda. Quando os vizinhos começaram a sussurrar que as patas dos cavalos de Henry Whittaker eram recobertas de prata, ele deixou que continuassem a acreditar nisso. Na verdade, as patas dos cavalos não eram recobertas de prata: eram recobertas de ferro, assim como as dos cavalos de todo mundo, e, além do mais, Henry as recobriria com as próprias mãos (uma prática que havia aprendido no Peru — em mulas medíocres, com ferramentas medíocres). Mas por que alguém precisaria saber disso, se o boato era muito mais agradável e formidável?

Henry entendia o fascínio exercido pelo dinheiro, mas também o fascínio mais misterioso exercido pelo poder. Sabia que sua propriedade não devia apenas deslumbrar, mas também intimidar. Luis XIV tinha o hábito de levar as visitas para passear em seus jardins não porque era uma diversão, mas como demonstração de poder: todas as árvores floridas exóticas e todas as fontes cintilantes e todas as esculturas gregas inestimáveis eram somente um meio de mandar um único recado inequívoco ao mundo: *Não é recomendável que você declare guerra contra mim!* Henry queria que White Acre exprimisse este mesmo sentimento.

Henry também construiu um enorme armazém e fábrica junto ao porto da Filadélfia para receber plantas medicinais do mundo todo: ipecacuanha, simaruba, ruibarbo, casca de guáiaço, raiz-da-china e salsaparrilha. Fez sociedade com um atlético farmacêutico quacre chamado James Garrick, e na

mesma hora os dois começaram a manipular comprimidos, pós, unguentos e xaropes.

Deu início ao seu negócio com Garrick no momento certo. No verão de 1793, uma epidemia de febre amarela devastava a Filadélfia. As ruas eram obstruídas por cadáveres, e órfãos se agarravam às finadas mães nas sarjetas. As pessoas morriam aos pares, em família, em bandos de dezenas — arfando rios asquerosos de lama preta goelas e entranhas afora a caminho da morte. Médicos da cidade haviam decidido que a única cura possível era fazer com que os pacientes expurgassem de forma ainda mais violenta, através de rodadas frequentes de vômito e diarreia, e o purgante mais conhecido do mundo era uma planta chamada jalapa, que Henry já importava aos fardos do México.

O próprio Henry suspeitava de que a cura pela jalapa fosse uma mentira e se negava a deixar que alguém em sua casa a tomasse. Ele sabia que os médicos crioulos do Caribe — muito mais familiarizados com a febre amarela do que suas contrapartes no norte — tratavam pacientes com uma receita menos brutal de líquidos revigorantes e repouso. Não havia dinheiro a ganhar, entretanto, com líquidos revigorantes e repouso, mas poderia ganhar muito dinheiro com jalapa. Foi dessa maneira que aconteceu de, no final de 1793, um terço da população da Filadélfia morrer de febre amarela e Henry Whittaker dobrar sua fortuna.

Henry pegou seus lucros e construiu mais duas estufas. Seguindo a sugestão da esposa, começou a cultivar flores, árvores e arbustos naturais da América a fim de exportá-los para a Europa. Era uma ideia valiosa: os prados e as florestas americanos eram repletos de espécimes botânicos que pareceriam exóticos aos olhos europeus e seriam vendidos com facilidade no estrangeiro. Henry estava cansado de despachar seus navios do porto da Filadélfia com os porões de carga vazios: agora poderia ganhar dinheiro em ambas as pontas. Continuava a fazer fortunas com Java, processando casca jesuíta com os sócios holandeses, mas também havia uma fortuna a ganhar localmente. Em 1796, Henry já mandava coletores às montanhas da Pensilvânia para que colhessem as raízes de ginseng que exportava para a China. Por anos a fio, aliás, ele seria o único homem na América a ter compreendido como vender alguma coisa aos chineses.

No final de 1798, Henry também já enchia suas estufas americanas com exotismos tropicais importados para vender aos novos aristocratas americanos. A economia dos Estados Unidos estava em franca e brusca ascensão. Tanto George Washington como Thomas Jefferson tinham propriedades rurais opulentas, então todo mundo queria uma propriedade rural opulenta. A jovem nação de repente testava os limites da prodigalidade. Alguns cidadãos enriqueciam; outros caíam na miséria. A trajetória de Henry era pura ascensão. A base de todos os cálculos de Henry Whittaker era “Vou vencer”, e sempre vencia — na importação, na exportação, na manufatura, no oportunismo de todos os gêneros. O dinheiro parecia amar Henry. O dinheiro o seguia por todos os lados como um cãozinho

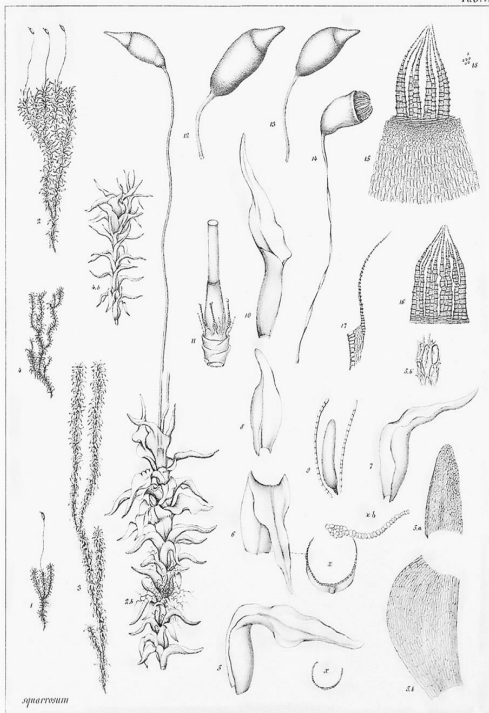
entusiasmado. Em 1800, já era o homem mais rico da Filadélfia e um dos três mais ricos do Hemisfério Ocidental.

Portanto, quando Alma, a filha de Henry, nasceu naquele ano — apenas três semanas depois da morte de George Washington —, foi como se nascesse uma espécie de criatura totalmente inédita, que o mundo jamais tinha visto: uma poderosa e recém-inventada sultana americana.

DICRANACEAE

Dicranum

Tab. V.



Dicranaceae / Dicranum

PARTE DOIS

A Ameixa de White Acre

Capítulo cinco

Tinha saído ao pai. Era o que diziam sobre ela desde o início. Em primeiro lugar, Alma Whittaker era igualzinha a Henry: cabelos ruivos, pele rosada, boca pequena, testa larga, nariz abundante. Era, de certo modo, uma situação lastimável para Alma, embora ela fosse levar alguns anos para percebê-lo. O rosto de Henry era muito mais adequado a um homem-feito do que a uma menina pequena. Não que o próprio Henry fizesse objeção a esse acontecimento; Henry Whittaker gostava de olhar sua imagem onde quer que a encontrasse (no espelho, em um retrato, no rosto de uma criança), portanto a aparência de Alma sempre o agradou.

“Não há dúvida de quem semeou essa aí!”, ele se gabava.

Além disso, Alma era sagaz como ele. Vigorosa também. Um pequeno dromedário, ela era — incansável e incapaz de reclamar. Nunca ficava doente. Teimosa. A partir do momento em que aprendeu a falar, não se dava por vencida. Se a pedra de moinho que era sua mãe não tivesse sido firme na hora de triturar-lhe o atrevimento, ela poderia muito bem ter virado uma pessoa extremamente grosseira. Por conta disso, era apenas contundente. Queria entender o mundo e adquiriu o hábito de procurar informações até achar seu último esconderijo, como se o destino das nações estivesse em jogo em todas as ocasiões. Exigia saber por que um pônei não era um cavalo bebê. Exigia saber por que descargas elétricas surgiam quando ela passava a mão nos lençóis nas noites de calor do verão. Não só exigia saber se cogumelos eram plantas ou animais, mas também — quando lhe davam a resposta — exigia saber *por que tinham certeza daquilo*.

Alma tinha nascido na família certa para esses tipos de questionamentos impacientes; contanto que as perguntas fossem feitas de modo respeitoso, seriam respondidas. Tanto Henry como Beatrix Whittaker, igualmente intolerantes à estupidez, incentivavam o espírito investigativo da filha. Até a pergunta sobre cogumelos feita por Alma mereceu uma resposta séria (por parte de Beatrix, neste caso, que citou o conceituado taxonomista botânico sueco Lineu acerca de como distinguir minerais de plantas e plantas de animais: “Pedras crescem. Plantas crescem e vivem. Animais crescem, vivem e sentem.”). Beatrix não acreditava que uma criança de quatro anos era nova demais para discutir Lineu. Aliás, Beatrix dera início à educação formal de Alma praticamente desde o

instante em que a criança conseguiu ficar de pé sem ajuda. Se os bebês dos outros podiam ser ensinados a cecear preces e catecismos assim que começavam a falar, então — Beatrix acreditava — sem dúvida poderia ensinar à filha *qualquer coisa*.

Consequentemente, antes de completar quatro anos Alma já sabia contar — em inglês, holandês, francês e latim. O estudo de latim era bastante enfatizado, já que Beatrix achava que ninguém que ignorasse o latim seria capaz de escrever uma frase correta em inglês e em francês. Houve também umas gotas iniciais de grego, porém com um pouco menos de insistência. (Nem mesmo Beatrix achava que uma criança precisava aprender grego antes dos cinco anos.) Beatrix instruía a inteligente filha por conta própria, e com satisfação. É indesculpável que uma genitora não ensine pessoalmente o filho a pensar. Beatrix também julgava que as faculdades intelectuais da humanidade estavam em franca deterioração desde o segundo século *anno Domini*, portanto adorava a sensação de conduzir um liceu ateniense particular na Filadélfia, exclusivamente em benefício da filha.

Hanneke de Groot, a governanta-chefe, achava que o jovem cérebro feminino de Alma podia estar saturado de tanto estudo, mas Beatrix fazia ouvidos moucos, pois ela mesma tinha sido educada dessa forma, bem como todas as crianças da família Van Devender — meninos e meninas — desde priscas eras. “Pare com essa bobagem, Hanneke”, ralhou Beatrix. “Em nenhum momento da história uma menina brilhante com comida de sobra e boa constituição física pereceu por *excesso de aprendizado*.”

Beatrix prezava mais o útil do que o insípido, o edificante do que o divertido. Suspeitava de qualquer coisa que alguém pudesse descrever como “uma distração inocente” e detestava tudo o que fosse tolo ou desprezível. Entre as coisas tolas e desprezíveis, incluía: tavernas; mulheres de ruge; dias de eleição (sempre davam em tumulto); o consumo de sorvete; visitas a sorveterias; anglicanos (que ela considerava católicos disfarçados e cuja religião, alegava, estava em desacordo tanto com a moralidade como com o bom-senso); chá (holandesas de verdade só tomavam café); pessoas que no inverno dirigiam trenós sem sinos nos cavalos (não dava para ouvi-los chegando por trás!); ajuda barata nos afazeres domésticos (uma barganha problemática); pessoas que pagavam seus empregados com rum em vez de dinheiro (contribuindo, assim, para a bebedeira pública); pessoas que a procuravam com problemas, mas se negavam a escutar conselhos sensatos; comemorações de ano-novo (o ano novo chega de uma forma ou de outra, independentemente do badalar dos sinos); a aristocracia (a nobreza deveria ser baseada na conduta, não na herança); e crianças que recebiam muitos elogios (o bom comportamento devia ser esperado, não recompensado).

Ela adotou o lema *Labor ipse Voluptas* — o trabalho é por si só a recompensa. Acreditava haver uma dignidade inerente em ficar imune e indiferente à

emoção; aliás, acreditava que a indiferença à emoção era a própria definição de dignidade. Acima de tudo, Beatrix Whittaker acreditava em respeitabilidade e moralidade — mas, se obrigada a optar por uma ou outra, provavelmente escolheria a respeitabilidade.

Tudo isso ela se esforçava para ensinar à filha.

Quanto a Henry Whittaker, era óbvio que não tinha como ajudar no ensino dos clássicos, mas apreciava o empenho educacional de Beatrix com relação a Alma. Como homem da botânica sagaz, mas sem instrução, sempre tivera a impressão de que grego e latim eram como duas grandes estacas de ferro que lhe obstruíam a porta do conhecimento; não deixaria que a filha enfrentasse empecilho semelhante. Na verdade, não deixaria que a filha enfrentasse empecilho nenhum.

E quanto ao que Henry ensinava a Alma? Bom, ele não ensinava nada. Isto é, não ensinava nada diretamente. Não tinha paciência para ministrar lições formais e não gostava de ficar perto de crianças. Mas o que Alma aprendeu indiretamente com o pai daria uma longa lista. Em primeiríssimo lugar, aprendeu a não irritá-lo. No instante em que irritasse o pai, seria expulsa do ambiente, então aprendeu desde o início turvo da consciência a jamais exasperar ou provocar Henry. Era um desafio para Alma, pois precisava sufocar com firmeza todos os seus instintos naturais (que eram exatamente os de exasperar e provocar). Ela aprendeu, todavia, que o pai não fazia total objeção às perguntas sérias, interessantes ou eloquentes da filha — contanto que jamais interrompesse a fala dele ou (o que era mais complicado) os pensamentos dele. Às vezes as perguntas que fazia até o divertiam, embora ela nem sempre entendesse a razão — como quando ela questionou por que o porco era tão devagar ao montar nas costas da dona porca, se o touro era tão rápido com as vacas. Essa pergunta fez com que Henry caísse na risada. Alma não gostava que rissem dela. Aprendeu a nunca mais fazer uma pergunta dessas.

Alma percebeu que o pai era impaciente com os funcionários, com as visitas, com a esposa, com ela mesma e até com seus cavalos — mas com as plantas jamais perdia a cabeça. Era sempre benevolente e indulgente com plantas. Isso fazia com que Alma às vezes desejasse ser uma planta. Ela nunca falou desse desejo, no entanto, pois passaria por tola, e tinha aprendido com Henry que ninguém devia passar por tolo. “O mundo é um tolo com vontade de ser enganado”, ele dizia com frequência, e havia transmitido à filha que existia um imenso vão que separava os idiotas dos espertos, e que era preciso optar pelo lado da esperteza. Demonstrar desejo por algo que não se podia ter, por exemplo, não era uma postura esperta.

Alma aprendeu com Henry que existiam lugares muito distantes no mundo, para onde certos homens iam e de onde nunca mais voltavam, mas o pai tinha

ido a esses lugares *e tinha voltado deles*. (Gostava de imaginar que ele tinha voltado para casa por causa dela, para ser o papai dela, embora ele nunca tivesse insinuado tal coisa.) Aprendeu que Henry tinha enfrentado o mundo porque era corajoso. Aprendeu que o pai queria que ela também fosse corajosa, mesmo nas situações mais assustadoras — trovoadas, perseguições de gansos, um transbordamento do rio Schuyllkill, o chimpanzé de corrente no pescoço que viajava na carroça com o funileiro. Henry não permitia que Alma temesse nada disso. Antes que ela sequer entendesse devidamente o que era a morte, ele também já proibía que ela a temesse.

“Pessoas morrem todos os dias”, disse a ela. “Mas as chances de que seja você são de uma em oito mil.”

Aprendeu que havia semanas — semanas de chuva, em especial — em que o corpo do pai o afligia mais do que qualquer homem da cristandade deveria ser obrigado a suportar. A dor era constante em uma perna devido a um osso quebrado mal endireitado, e sofria de febres recorrentes que havia contraído naqueles lugares distantes e perigosos do mundo. Havia épocas em que Henry passava metade do mês sem poder sair da cama. Ele jamais devia ser incomodado nessas ocasiões. Até ao levar as correspondências para ele, era preciso agir em silêncio. Essas dores eram a razão pela qual Henry não podia mais viajar, e o motivo para, em vez disso, chamar o mundo para si. Era por isso que havia sempre tantas visitas em White Acre, e por isso que muitos negócios eram geridos da sala de estar e da mesa da sala de jantar. Era também por isso que Henry tinha um homem chamado Dick Yancey — o atemorizante, quieto e calvo homem de Yorkshire com olhos gélidos que viajava como representante de Henry e que disciplinava o mundo em nome da Whittaker Company. Alma aprendeu a nunca falar com Dick Yancey.

Alma aprendeu que o pai não guardava o sábado, embora mantivesse, em seu nome, o melhor assento particular da igreja luterana sueca onde Alma e a mãe passavam os domingos. A mãe de Alma não gostava muito dos suecos, mas, como não existia igreja reformista holandesa nas redondezas, era melhor os suecos do que nada. Os suecos, pelo menos, entendiam e compartilhavam as crenças essenciais dos ensinamentos calvinistas, a saber: Você é responsável por sua própria situação de vida, é provável que você esteja condenado e o futuro será terrivelmente macabro. Todas elas ofereciam a Beatrix o conforto da familiaridade. Melhor do que qualquer outra religião, com suas garantias fajutas, benevolentes.

Alma queria não ter de ir à igreja e poder ficar em casa aos domingos assim como o pai, para mexer com plantas. A igreja era entediante e desconfortável e cheirava a suco de tabaco. No verão, grupos de perus e cães às vezes entravam pela porta da frente, para fugir do calor inclemente. No inverno, o frio dentro do antigo edifício de pedras era insuportável. Sempre que um feixe de luz

atravessava uma das janelas largas de vidraças onduladas, Alma voltava o rosto para ele como a videira tropical numa das estufas botânicas de vidro do pai, desejando escalar para fugir dali.

O pai de Alma não gostava de igrejas e religiões, mas era comum que apelasse a Deus ao praguejar contra os inimigos. Quanto às outras coisas de que Henry não gostava, a lista era extensa, e Alma passou a conhecê-la bem. Sabia que o pai detestava homens grandes que tinham cachorros pequenos. Também detestava pessoas que compravam cavalos velozes e não sabiam cavalgá-los. Ademais, detestava: veleiros recreativos; inspetores; sapatos malfeitos; franceses (a língua, a comida, o povo); auxiliares de escritório nervosos; pratinhos minúsculos de porcelana que quebravam na maldita mão de um homem; poesia (mas não canções!); as costas curvadas dos covardes; ladrões filhos da mãe; línguas mentirosas; o som do violino; o exército (qualquer exército); tulipas (“cebolas com ares de grã-finas!”); gaios azuis; o consumo de café (“um hábito holandês execrável e repugnante!”); e — embora Alma ainda não entendesse o significado de nenhuma dessas palavras — tanto a escravidão quanto os abolicionistas.

Henry era propenso a explosões. Era capaz de ofender e rebaixar Alma na mesma velocidade com que um homem era capaz de abotoar o colete (“Quem é que vai gostar de um leitãozinho burro e egoísta!”), mas também havia momentos em que parecia claro que gostava dela, e que até se orgulhava dela. Um estranho foi a White Acre um dia, para vender um pônei a Henry, para que Alma aprendesse a montar. O nome do pônei era Soames, era da cor de açúcar cristalizado, e Alma o adorou assim que o viu. Foi negociado um preço. Os dois homens concordaram em três dólares. Alma, que tinha apenas seis anos, perguntou: “Perdão, senhor, mas o preço inclui também a rédea e a sela que o pônei está usando neste momento?”

O estranho hesitou diante da questão, mas Henry caiu na gargalhada. “Ela te pegou, hein, moço!”, ele urrou, e pelo resto do dia acariciou os cabelos de Alma sempre que ela se aproximava, declarando: “Que ótima negociante minha filhinha é!”

Alma aprendeu que o pai bebia das garrafas à noite e que tais garrafas às vezes continham riscos (vozes alteradas; expulsão), mas também podiam conter milagres — como a permissão para se sentar no colo do pai, onde poderia ouvir histórias fantásticas, e poderia ser chamada por seu apelido mais infrequente: “Ameixa.” Em noites assim, Henry lhe dizia coisas do tipo: “Ameixa, você tem que ter sempre ouro suficiente com você para comprar de volta a sua vida em caso de rapto. Costure o ouro na bainha das roupas, se for preciso, mas nunca ande sem dinheiro!” Henry lhe contou que os beduínos do deserto às vezes costuravam pedras preciosas sob a pele, para o caso de emergências. Contou que ele mesmo havia costurado uma esmeralda da África do Sul debaixo da pele

frouxa de sua barriga, e que quem não soubesse disso acharia que era a cicatriz deixada por um tiro, e que ele nunca, jamais mostraria a ela — mas a esmeralda estava ali.

“Você tem que ter sempre uma forma de suborno decisiva, Ameixa”, ele explicou.

No colo do pai, Alma soube que Henry tinha viajado o mundo com um grande homem chamado capitão Cook. Essas eram as melhores histórias. Um dia uma baleia gigante subiu à superfície do mar de boca aberta e o capitão Cook manobrou o navio até o interior da baleia, deu uma olhada em sua barriga e saiu de dentro dela — de ré! Uma vez Henry ouviu um som de choro no mar e viu uma sereia boiando sobre o oceano. A sereia tinha sido ferida por um tubarão. Henry tirou a sereia do mar com uma corda e ela morreu em seus braços — mas não sem antes, em nome de Deus, abençoar Henry Whittaker, dizendo que um dia ele seria um homem rico. E foi assim que ele conseguiu a casa enorme onde viviam — por causa da bênção daquela sereia!

“Que língua a sereia falava?”, Alma quis saber, imaginando que provavelmente fosse grego.

“Inglês!”, respondeu Henry. “Ora bolas, Ameixa, por que eu salvaria uma sereia estrangeira diabólica?”

Alma ficava intimidada e vez por outra amedrontada com a mãe, mas adorava o pai. Ela o amava mais do que qualquer outra coisa. Ela o amava mais do que Soames, o pônei. Seu pai era um colosso, e ela espreitava o mundo por entre suas pernas imensas. Em comparação com Henry, o Senhor da Bíblia era banal e distante. Assim como o Senhor da Bíblia, Henry às vezes testava o amor de Alma — principalmente depois que as garrafas eram abertas. “Ameixa”, ele dizia, “por que você não usa essas suas pernas finas para correr bem rápido até o cais e ver se não tem nenhum navio do papai chegando da China?”.

O cais ficava a onze quilômetros de distância, do outro lado do rio. Podia ser nove da noite de domingo sob uma tempestade geladíssima de março, mas Alma pulava do colo do pai e saía correndo. Um criado tinha de pegá-la na porta e levá-la de volta para a sala de estar, caso contrário — aos seis anos de idade, sem estar vestida com capote e boina, sem um centavo no bolso ou um pedacinho de ouro escondido na bainha —, meu Deus, ela atenderia o pedido.

Que infância a menina teve!

Alma não só tinha esses pais poderosos e sagazes como também o terreno inteiro de White Acre para explorar à vontade. Era de fato uma Arcádia. Havia tanto a aprender. A casa, por si só, já era um assombro com revelações intermináveis. Havia a girafa empalhada cheia de protuberâncias no pavilhão leste, de semblante assustado e cômico. Havia o trio de enormes costelas de mastodontes no átrio da entrada, desencavado de um campo próximo dali, pelo

qual Henry dera em troca um rifle novo para um fazendeiro da região. Havia o salão de baile, reluzente e vazio, onde outrora — no frio do final do outono — Alma achara um beija-flor preso que passou raspando junto à sua orelha numa trajetória inacreditável (um missil cravado de joias, teve a impressão, disparado por um canhãozinho). Havia o estorninho engaiolado no escritório do pai, que tinha vindo lá da China, e que falava com fervorosa eloquência (ou era o que Henry alegava), mas somente na língua materna. Havia as raras peles de cobra, conservadas com um recheio de feno e serragem. Havia prateleiras enfeitadas com corais dos Mares do Sul, ídolos javaneses, joias antigas de lápis-lazúli egípcio e almanaques turcos empoeirados.

E havia tantos lugares onde podiam comer! A sala de jantar, a sala de estar, a cozinha, a sala de visitas, o escritório, o solário e as varandas com pérgulas que faziam sombra. Havia almoços compostos de chá e pão de mel, castanhas e pêssegos. (E que pêssegos — rosados de um lado, dourados do outro.) No inverno, podiam tomar sopa no berçário do segundo andar vendo o rio lá embaixo, que cintilava sob o céu estéril como um espelho lustrado.

Mas ao ar livre, os deleites eram ainda mais numerosos e repletos de mistério. Havia as nobres estufas, cheias de cicadáceas, palmas e samambaias, todas embaladas em cascas curtidas e grossas, pretas e fedorentas para que ficassem aquecidas. Havia a bomba de água ruidosa e assustadora que mantinha a umidade das estufas. Havia as enigmáticas estufas de vidro — sempre numa quentura de desmaiar —, onde as delicadas plantas importadas se recuperavam após longas jornadas em alto-mar e onde orquídeas eram induzidas a florir. Havia os limoeiros no laranjal, que eram levados para fora em carrinhos todos os verões, como pacientes tísicos, para aproveitar a luz natural do sol. Havia o pequeno templo grego, escondido no final de uma avenida de carvalhos, onde se podia imaginar o Olimpo.

Havia a leiteria e, logo ao lado, a despensa — com seu aroma encantador de alquimia, superstição e bruxaria. As alemãs que trabalhavam na leiteria desenhavam hexágonos a giz na porta da despensa e balbuciavam feitiços antes de entrar na fábrica. O queijo não endureceria de jeito nenhum, disseram a Alma, se fosse amaldiçoado pelo diabo. Quando Alma perguntou à mãe sobre isso, foi repreendida por ser uma tola ingênua e recebeu um longo sermão sobre a realidade do endurecimento do queijo — ao que constava, acontecia por meio de uma transmutação química perfeitamente razoável de leite fresco tratado com coalho, que então era posto para envelhecer em crostas de cera a temperaturas controladas. Lição cumprida, Beatrix apagou os hexágonos da porta da despensa, censurando as funcionárias da leiteria por serem bobas e supersticiosas. No dia seguinte, Alma reparou, os hexágonos foram redesenhados. De uma forma ou de outra, o queijo continuou a endurecer como devia.

E havia também inesgotáveis hectares de florestas silvestres — não cultivadas de propósito — repletas de coelhos, raposas e gazelas que comiam na mão de pessoas. Alma tinha permissão — que nada, incentivo! — dos pais para vagar pelas florestas à vontade a fim de aprender sobre o mundo natural. Catava besouros, aranhas e mariposas. Um dia, viu uma enorme cobra listrada ser comida viva por uma cobra preta muito maior — operação que se estendeu por várias horas e foi uma cena horrível e espetacular. Viu tarântulas cavando túneis fundos no humo e tordos juntando musgo e lodo das margens do rio para fazer ninhos. Adotou uma bela lagartinha (bela segundo critérios pertinentes a lagartas) e a embrulhou em uma folha para levar para casa como amiga, mas depois a assassinou sentando-se nela por acidente. Foi um grande baque, mas é preciso seguir em frente. Foi isso o que a mãe disse: “Para com essa choradeira e siga em frente.” Certos animais morrem, lhe explicaram. Certos animais, como ovelhas e vacas, nascem sem outra finalidade *senão* morrer. Não podia lamentar todas as mortes. Aos oito anos, Alma já havia dissecado, com a ajuda de Beatrix, a cabeça de um cordeiro.

Alma sempre ia à floresta paramentada com o traje mais sensato, armada de seu kit pessoal de coleta com vidrinhos, caixinhas de armazenagem, algodão em ramas e cadernos de anotação. Ela saía sob qualquer clima, pois encantos podiam ser encontrados em qualquer tempo. Teve um ano em que uma nevasca de final de abril ocasionou o som ímpar de canoros e guizos misturados, e só isso já valeu a saída de casa. Aprendeu que andar com cuidado pela lama para poupar as botas ou as bainhas das saias nunca recompensava a busca. Nunca era repreendida por voltar para casa de botas enlameadas, contanto que voltasse com bons espécimes para seu herbário particular.

Soames, o pônei, era o companheiro constante de Alma nessas incursões — às vezes transportando-a pela floresta, às vezes seguindo-a como um cachorro grande e bem-educado. No verão, ele usava esplêndidas borlas de seda nas orelhas para evitar efeméridas. No inverno, usava peles sob a sela. Soames era o melhor parceiro de coleta botânica que poderia existir, e Alma falava com ele o dia inteiro. Ele fazia qualquer coisa pela menina, menos andar rápido. Só de vez em quando ele comia os espécimes.

Em seu nono verão, totalmente a sós, Alma aprendeu a ver as horas pela abertura e fechamento das flores. Às cinco da manhã, ela reparou, as pétalas das barbas-de-cabra sempre desabrochavam. Às seis horas, as margaridas e globulárias se abriam. Quando o relógio marcava sete horas, os dentes-de-leão vicejavam. Às oito, era a vez da pimpinela escarlate. Nove horas: morrião-dos-passarinhos. Dez horas: açafraão-do-prado. Às onze, começava o processo contrário. Ao meio-dia, as barbas-de-cabra se fechavam. À uma hora, o morrião-dos-passarinhos se fechava. Às três, os dentes-de-leão já tinham se dobrado. Se Alma não estivesse em casa de mãos lavadas às cinco — quando a

globulária se fechava e a primula-da-noite começava a se abrir —, estava em apuros.

O que Alma mais desejava saber era como o mundo era regulado. Qual era o mecanismo principal por trás de tudo? Ela decompunha flores e explorava suas arquiteturas mais profundas. Agia da mesma forma com insetos e com todas as carcaças que achava. Em uma manhã no fim de setembro, Alma ficou fascinada pela aparição súbita de um croco, uma flor que sempre imaginara florir somente na primavera. Que baita descoberta! Não conseguiu obter uma resposta satisfatória de ninguém a respeito de que diabos aquelas flores pensavam que estavam fazendo, aparecendo bem no frio do início do outono, desfolhadas e desprotegidas, exatamente quando tudo mais agonizava. “São crocos de outono”, Beatrix lhe disse. Sim, estava claro e nítido que eram — mas com que propósito? Por que florir agora? Eram flores burras? Tinham perdido a noção de tempo? A que compromisso importante aquele croco precisava comparecer para se dar ao trabalho de florescer durante as primeiras e cruéis noites de geada? Ninguém conseguia elucidá-la. “É simplesmente como a espécie se comporta”, declarou Beatrix, numa resposta que Alma achou atipicamente insatisfatória. Quando Alma insistiu, Beatrix retrucou: “Nem tudo tem resposta.”

Alma achou o comentário de uma inteligência tão desconcertante que ficou horas emudecida. Só lhe restava sentar e ponderar esse conceito numa espécie de torpor pasmado. Quando se recuperou, desenhou o enigmático croco outonal em seu bloco de papel e datou a entrada, além dos questionamentos e objeções. Era bastante diligente nesse aspecto. As coisas tinham de ser registradas — até as incompreensíveis. Beatrix a instruíra a sempre anotar suas descobertas com os desenhos mais fiéis que pudesse fazer, classificadas, quando possível, de acordo com a taxonomia correta.

Alma gostava do ato de esboçar, mas muitas vezes se decepcionava com seus desenhos finalizados. Não conseguia desenhar rostos e animais (até as borboletas eram atozes), embora vez por outra percebesse não ser *terrível* no desenho de plantas. Seus primeiros êxitos foram esboços bastante bons de umbelas — aqueles membros de caule oco e flores retas da família das cenouras. Suas umbelas eram precisas, embora desejasse que fossem mais do que precisas: queria que fossem lindas. Disse isso à mãe, que a corrigiu: “A beleza não é necessária. A beleza é um desvio da exatidão.”

Às vezes, nas incursões pela floresta, Alma encontrava outras crianças. Sempre se assustava. Sabia quem eram os intrusos, apesar de nunca falar com eles. Eram filhos dos criados de seus pais. A propriedade White Acre era uma besta gigantesca e viva, cuja metade do corpo imenso era necessária para acomodar os empregados — os jardineiros alemão e escocês que o pai preferia contratar em vez dos preguiçosos americanos nascidos ali e as criadas holandesas

que sua mãe exigia e nas quais confiava. Os empregados domésticos ocupavam o sótão e os que trabalhavam ao ar livre viviam com suas famílias em cabanas e choupanas espalhadas pelo terreno. E eram belas cabanas — não porque Henry se importava com o conforto dos criados, mas porque Henry não aguentava ver miséria.

Sempre que Alma encontrava os filhos dos criados na floresta, era dominada por medo e horror. Tinha um método para sobreviver a tais encontros, entretanto: fingia que não estavam acontecendo. Passava ao lado e *por cima* das crianças em seu pônei atlético (que se movia, como sempre, no ritmo vagaroso e despreocupado de um melaço grosso e frio). Alma prendia a respiração ao passar pelas crianças, sem olhar nem para a esquerda nem para a direita, até estar distante e a salvo dos intrusos. Se não olhasse para eles, não precisava acreditar que existiam.

Os filhos dos empregados nunca interagiam com Alma. Era provável que tivessem sido advertidos a deixá-la em paz. Todo mundo temia Henry Whittaker, portanto a filha também devia ser automaticamente temida. De vez em quando, contudo, Alma espiava as crianças de uma distância segura. Suas brincadeiras eram toscas e incompreensíveis. Vestiam-se de forma diferente de Alma. Nenhuma daquelas crianças carregava kits de coleta botânica pendurados nos ombros e nenhuma delas andava em pôneis com protetores de orelha de seda colorida. Empurravam e gritavam umas com as outras, usando palavras grosseiras. Alma tinha mais medo daquelas crianças do que de qualquer outra coisa no mundo. Era comum ter pesadelos com elas.

Mas era isso o que se fazia quando tinha pesadelos: a pessoa ia atrás de Hanneke de Groot, no porão da casa. Às vezes, era providencial e reconfortante. Hanneke de Groot, a governanta, exercia autoridade sobre o cosmos inteiro de White Acre, e sua autoridade a recobria de uma seriedade bastante tranquilizadora. Hanneke dormia num cômodo próprio, junto à cozinha do subsolo, onde as chamas jamais se apagavam. Ela existia em meio ao banho quente do ar da despensa, perfumado pelos presuntos salgados que pendiam de todas as vigas. Hanneke morava em uma gaiola — ou era o que parecia a Alma —, pois seus aposentos particulares contavam com grades nas janelas e portas, já que era somente Hanneke quem controlava o acesso à prataria e à louça da casa e quem administrava a folha de pagamentos da equipe toda.

“Não vivo em uma gaiola”, uma vez Hanneke corrigiu Alma. “Vivo em um cofre-forte de banco.”

Quando Alma não conseguia dormir por causa de pesadelos, às vezes encarava a atemorizante jornada de três lances de escada na escuridão, até chegar ao canto mais rebaixado do porão, onde se agarrava às barras dos aposentos de Hanneke e chorava para que ela abrisse a porta. Tais expedições eram sempre um risco. Hanneke às vezes se levantava, sonolenta e queixosa,

destrancava sua porta de carcereira e deixava que Alma se deitasse ao seu lado. Vez por outra, entretanto, não agia assim. Vez por outra a repreendia, chamando-a de bebezona, perguntando por que ela importunava uma holandesa exausta, e mandava Alma subir a angustiante escadaria escura e ir para o quarto.

Mas as raras ocasiões em que recebia permissão para ficar na cama de Hanneke compensavam pelas outras dez em que era expulsa, pois Hanneke contava histórias, e sabia tantas coisas! Hanneke conhecia a mãe de Alma desde sempre, desde a mais tenra infância. Hanneke contava histórias de Amsterdã, o que Beatrix nunca fazia. Hanneke sempre falava holandês com Alma, e o holandês, aos ouvidos de Alma, seria eternamente a língua do conforto, dos cofres de banco, de presuntos salgados e da segurança.

Nunca havia passado pela cabeça de Alma correr para a mãe, cujo quarto era ao lado do seu, em busca de tranquilidade durante a noite. A mãe de Alma era uma mulher cheia de dons, mas o de reconfortar não era um deles. Como Beatrix Whittaker dizia com frequência, qualquer criança com idade suficiente para andar, falar e raciocinar devia ser capaz — sem ajuda nenhuma — de se reconfortar por conta própria.

E havia também as visitas — uma sucessão ininterrupta de visitantes que chegavam a White Acre quase todos os dias, de carruagem, de cavalo, de barco ou a pé. O pai de Alma vivia com pavor de ficar enfadado, portanto gostava de chamar pessoas à sua mesa de jantar para que o divertissem, para que lhe trouxessem notícias do mundo ou para que lhe dessem ideias de empreendimentos. Sempre que Henry Whittaker chamava as pessoas, elas iam — e iam de bom grado.

“Quanto mais dinheiro alguém tem”, Henry explicou a Alma, “melhores se tornam os modos das pessoas. É um fato notável”.

A essa altura, Henry já tinha uma pilha de dinheiro bem robusta. Em maio de 1803, havia fechado contrato com um homem chamado Israel Whelen, um agente do governo que fornecia produtos médicos à expedição de Lewis e Clark pela América Ocidental. Henry tinha arrumado para a expedição grandes quantidades de mercúrio, láudano, ruibarbo, ópio, colombo-da-américa, calomelano, ipecacuanha, chumbo, zinco, sulfato — alguns eram realmente úteis do ponto de vista médico, mas todos eram lucrativos. Em 1804, a morfina foi isolada pela primeira vez das papoulas por médicos alemães, e Henry foi um dos primeiros a investir na manufatura deste benéfico artigo. No ano seguinte, lhe foi concedido o contrato para fornecer produtos médicos ao exército inteiro dos Estados Unidos. Isso lhe conferiu certo poder político, bem como poder fiduciário, e então, sim, as pessoas iam aos jantares que oferecia.

Não se tratava de jantares para a sociedade, de jeito nenhum. Os Whittaker não eram exatamente bem recebidos no pequeno e rarefeito círculo da alta

sociedade da Filadélfia. Logo ao chegar à cidade, os Whittaker foram convidados uma única vez para jantar com Anne e William Bingham, na Third Street com Spruce, mas a recepção não terminara bem. Servida a sobremesa, a sra. Bingham — que se comportava como se estivesse na corte de Saint-James — perguntara a Henry: “Que tipo de nome é Whittaker? Parece-me tão incomum.”

“Interior da Inglaterra”, Henry respondera. “Vem da palavra Warwickshire.”

“Warwickshire é onde a família do senhor se assentou oficialmente?”

“É sim, além de em outros lugares. Nós da família Whittaker nos sentamos onde houver cadeira.”

“Mas o pai do senhor ainda tem a residência de Warwickshire?”

“Meu pai, madame, se ainda estiver vivo, tem dois porcos e um penico particular debaixo da cama. Duvido muito que ele seja o dono da cama.”

Os Whittaker nunca mais foram convidados para jantar com os Bingham. Os Whittaker supostamente não se importavam. Beatrix reprovava as conversas e os trajes de damas elegantes, em todo caso, e Henry não gostava dos modos enfadonhos das recepções refinadas. Então Henry criou sua própria sociedade, do outro lado do rio, no alto da colina. Os jantares em White Acre não eram terreno de fofocas, e sim exercícios de estímulo intelectual e comercial. Se havia um rapaz audacioso em algum canto do mundo realizando proezas curiosas, Henry queria que o rapaz fosse chamado à sua mesa de jantar. Se havia um filósofo venerável de passagem pela Filadélfia, ou um cientista de boa reputação, ou um inventor novato promissor, também eram convidados. Mulheres também iam aos jantares de vez em quando, se fossem esposas de pensadores respeitados, ou tradutoras de livros relevantes, ou se fossem atrizes interessantes em turnê pela América.

A mesa de Henry era um pouco exagerada para certas pessoas. As refeições em si eram fartas — ostras, bife, faisão —, mas não era exatamente relaxante jantar em White Acre. As visitas já esperavam ser interrogadas, desafiadas, provocadas. Adversários reconhecidos eram postos lado a lado. Crenças preciosas eram surradas em conversas mais atléticas do que cordiais. Certos luminares saíam de White Acre com a sensação de terem sofrido humilhações inacreditáveis. Outros convivas — mais espertos, talvez, ou mais cascas-grossas, ou os mais necessitados de patrocínio — saíam de White Acre com acordos rentáveis, ou parcerias benéficas, ou a carta de referência certa para algum homem importante no Brasil. A sala de jantar de White Acre era um campo perigoso, mas a vitória podia consolidar a carreira de um camarada para o resto de sua vida.

Alma era bem-vinda nessa mesa belicosa desde os quatro anos de idade, e em geral se sentava ao lado do pai. Tinha permissão para fazer perguntas, contanto que não fossem imbecis. Alguns convidados se encantavam com a criança. Um especialista em simetria química uma vez proclamou: “Ora, você é tão

inteligente quanto um livrinho!” — um elogio que Alma jamais esqueceu. Outros grandes cientistas, constatou-se, não estavam habituados a serem questionados por uma menininha. Mas alguns grandes cientistas, como Henry destacava, não conseguiam defender suas teorias para uma menininha, e, se era este o caso, mereciam ser desmascarados como impostores.

Henry acreditava, e Beatrix concordava plenamente, que não existia assunto tão obscuro, tão complexo, tão perturbador que não pudesse ser debatido na frente da filha. Caso Alma não entendesse do que estavam falando, Beatrix inferia, isso só serviria para motivá-la ainda mais a aprimorar o intelecto a fim de não ficar para trás na próxima vez. Caso Alma não tivesse nenhuma contribuição inteligente para dar à conversa, Beatrix ensinou que devia sorrir para a última pessoa que tivesse se pronunciado e murmurar educadamente: “Prossiga.” Caso Alma se entediasse à mesa, bom, isso não era problema de ninguém. Os jantares de White Acre não tinham como cerne a diversão de uma criança (na verdade, Beatrix alegava que poucas coisas na vida deviam ter como cerne a diversão de uma criança), e quanto mais cedo Alma aprendesse a ficar quieta em uma cadeira com espaldar por horas a fio, escutando com atenção ideias que iam muito além de sua capacidade de compreensão, mais salutar seria para ela.

Assim, Alma passou o começo da infância ouvindo conversas extraordinárias — de homens que estudavam a decomposição de restos humanos; de homens que tinham ideias para a importação das excelentes mangueiras de incêndio belgas para a América; de homens que faziam desenhos médicos de deformações monstruosas; de homens que acreditavam que qualquer remédio podia ser tão eficaz se engolido quanto se esfregado na pele e absorvido pelo corpo; de homens que examinavam a matéria orgânica de fontes sulfurosas; e de um homem que era especialista na função pulmonar de aves aquáticas (um assunto que ele declarava ser mais fértil em questões fascinantes do que qualquer outro no mundo natural — ainda que, pela apresentação monótona feita à mesa de jantar, essa afirmação não tenha se mostrado verdadeira).

Algumas dessas noites eram divertidas para Alma. Gostava mais quando os atores e exploradores apareciam e contavam histórias empolgantes. Outras noites eram tensas devido às discussões. Havia também noites que eram eternidades tortuosamente maçantes. Às vezes adormecia à mesa com os olhos abertos, as costas pregadas à cadeira apenas pelo pavor da censura da mãe e as amarras do espartilho de seu vestido de baile. Mas a noite de que Alma se lembraria para sempre — a noite que mais tarde pareceria o apogeu de sua infância — foi a da visita do astrônomo italiano.

Era final do verão de 1808, e Henry Whittaker havia adquirido um novo telescópio. Vinha admirando as noites através das ótimas lentes alemãs, mas

começava a se sentir um analfabeto celestial. Seu conhecimento das estrelas era um conhecimento de marinheiro — o que não era pouca coisa —, mas não acompanhara as últimas descobertas. Avanços gigantescos aconteciam no campo da astronomia, e Henry sentia cada vez mais que o céu noturno se tornava mais uma biblioteca que mal conseguia ler. Portanto, quando mestre Luca Pontesilli, o brilhante astrônomo italiano, foi à Filadélfia para proferir uma palestra na Associação Filosófica, Henry o atraiu a White Acre fazendo um baile em sua homenagem. Henry tinha ouvido falar que Pontesilli era fanático por dança, e presumiu que o homem não resistiria a um baile.

Esse seria o evento mais complexo que os Whittaker tentariam organizar na vida. O melhor serviço de bufê da Filadélfia — homens negros de uniformes brancos impecáveis — chegou no início da tarde e se pôs a arrumar os merengues refinados e misturar os ponches coloridos. Flores tropicais que nunca tinham sido tiradas das amenas estufas de vidro foram arranjadas em conjuntos por todos os lados da mansão. De repente, uma orquestra de estranhos temperamentais perambulava pelo salão de baile, afinando os instrumentos e balbuciando reclamações a respeito do calor. Alma foi esfregada e embalada em crinolinas brancas, a crista de fios ruivos rebeldes obrigados a entrar em um laço de cetim quase do tamanho de sua cabeça. Então as visitas chegaram, em ondas de seda e pó de arroz.

Fazia calor. Fez calor o mês inteiro, mas aquele era o dia mais abafado até então. Prevendo o clima desconfortável, os Whittaker só deram início ao baile às nove horas, muito depois do pôr do sol, mas o calor opressivo do dia ainda não tinha se dissipado. O salão de baile logo se transformou em uma estufa, fervilhante e úmida, ao gosto das plantas tropicais, mas não das damas. Os músicos sofriam e transpiravam. Os convidados se derramavam porta a fora em busca de alívio, ocupando as varandas, se apoiando nas estátuas de mármore, tentando em vão tirar o frio da pedra.

No afã de saciar a sede, as pessoas beberam muito mais ponche do que talvez pretendessem. Como resultado natural, as inibições se dissolveram e um ar generalizado de alegre zonzeira dominou todo mundo. A orquestra abandonou a formalidade do baile e montou uma barulheira entusiasmada no amplo gramado. Lâmpioes e tochas foram carregados para fora, jogando sobre todos os convidados sombras turbulentas e indômitas. O encantador astrônomo italiano tentou ensinar aos cavalheiros da Filadélfia uns passos doidos de dança napolitana, e também dançou com todas as damas — todas o acharam cômico, audacioso, sensacional. Ele chegou a tentar dançar com os garçons negros, para a risada geral.

Pontesilli daria uma palestra naquela noite, com ilustrações e cálculos apurados, para explicar as rotas elípticas e velocidades dos planetas. A certa altura da noite, no entanto, a ideia foi descartada. Que aglomeração, com essa

energia incontrolável, realmente conseguiria se sentar e sossegar para assistir a uma palestra científica séria?

Alma jamais saberia de quem foi a ideia — de Pontesilli ou do pai —, mas, pouco depois da meia-noite, ficou resolvido que o famoso mestre cosmológico italiano criaria uma réplica do universo no enorme gramado de White Acre usando os próprios convidados como corpos celestes. Não seria exatamente um modelo em escala real, o italiano embriagado declamou, mas pelo menos daria às damas certa noção sobre as vidas dos planetas e as relações entre eles.

Com um ar maravilhoso tanto de autoridade como de ator cômico, Pontesilli pôs Henry Whittaker — o Sol — no centro do gramado. Em seguida, reuniu alguns cavalheiros para servir de planetas, cada um deles irradiando para o lado oposto ao do anfitrião. Para a diversão desenfreada de todos, Pontesilli tentou escolher para os papéis os homens mais parecidos com os planetas que deviam representar. Assim, o minúsculo Mercúrio foi representado por um diminuto mas digno mercador de grãos de Germantown. Já que Vênus e Terra eram maiores que Mercúrio, mas tinham quase o mesmo tamanho, Pontesilli escolheu para esses planetas um par de irmãos de Delaware — dois homens praticamente idênticos em termos de estatura, circunferência e compleição. Marte precisava ser maior do que o mercador de grãos, mas não tão grande quanto os irmãos de Delaware; um conhecido banqueiro de figura esguia se encaixava perfeitamente. Para Júpiter, Pontesilli recrutou um capitão de mar aposentado, um homem de gordura realmente hilariante, cuja aparência corpulenta no sistema solar reduziu a festa inteira a gargalhadas histéricas. Quanto a Saturno, um jornalista um pouco menos gordo mas ainda divertidamente roliço cumpriu a tarefa.

E assim foi, até que todos os planetas estavam organizados no quintal a uma distância adequada do sol e uns dos outros. Em seguida, Pontesilli os pôs para orbitar em torno de Henry, tentando desesperadamente manter todos os homens embriagados nas rotas celestiais corretas. Logo as damas começaram a pedir para participar da diversão, e então Pontesilli as arrumou em volta dos homens, para que servissem de satélites, com cada satélite em sua órbita restrita. (A mãe de Alma fez o papel de satélite da Terra com uma fria perfeição lunar.) O mestre então criou constelações estelares nas cercanias do gramado, urdidas com os grupos mais adoráveis de beldades.

A orquestra voltou a tocar, e essa paisagem de corpos celestes adquiriu a forma da mais linda e estranha valsa que as boas pessoas da Filadélfia já tinham visto. Henry, o Rei Sol, sorria de orelha a orelha no centro de tudo aquilo com seu cabelo cor de fogo, enquanto homens grandes e pequenos rodavam em torno dele e mulheres giravam em torno dos homens. Bandos de garotas solteiras reluziam nos cantos mais afastados do universo, longínquas como galáxias desconhecidas. Pontesilli subiu numa mureta do jardim e oscilou com instabilidade lá em cima, conduzindo e comandando o quadro vivo inteiro,

berrando na noite: “Não percam o ritmo, homens! Não abandonem suas trajetórias, senhoras!”

Alma queria participar. Nunca tinha visto algo tão sensacional. Nunca tinha ficado acordada até tão tarde — exceto depois de pesadelos —, mas por algum motivo tinha sido esquecida naquela folia toda. Era a única criança presente, e a vida inteira tinha sido a única criança presente. Correu até a mureta do jardim e se lamuriou para o perigosamente instável mestre Pontesilli: “Me deixa participar, senhor!” O italiano a perscrutou do alto do poleiro, se dando ao trabalho de tentar focar os olhos — que criança é essa? Poderia tê-la ignorado por completo, mas Henry gritou do centro do sistema solar: “Dê um *papel* para a menina!”

Pontesilli deu de ombros. “Você é um cometa!”, ele berrou para Alma, sem interromper a fantasia de que conduzia o universo balançando um dos braços.

“O que um cometa faz, senhor?”

“Você voa de um lado para o outro!”, o italiano ordenou.

E foi o que ela fez. Ela se jogou no meio dos planetas, se abaixando e rodopiando pela órbita de todo mundo, correndo e girando, o laço se desprendendo dos cabelos. Sempre que se aproximava do pai, ele berrava: “Não chegue tão perto de mim, Ameixa, senão você vai virar cinzas!”, e a afastava de seu corpo flamejante, inflamável, impelindo a filha a correr em outra direção.

Por incrível que pareça, a certa altura, alguém entregou uma tocha faiscante em suas mãos. Alma não viu quem foi. Nunca haviam lhe permitido chegar perto de fogo. A tocha cuspiam fagulhas e soltava nacos de alcatrão em chamas que rodopiavam atrás dela enquanto ela corria pelo cosmos — o único corpo nos céus que não ficava preso a uma rota elíptica limitada.

Ninguém a impediu.

Ela era um cometa.

Ela não sabia que não estava voando.

Capítulo seis

A infância de Alma — ou melhor, sua fase mais simples e inocente — teve um final abrupto em novembro de 1809, a altas horas da noite, em uma terça-feira que de resto foi normal.

Alma foi despertada de um sono profundo pelas vozes levantadas e o som de rodas de carruagem se arrastando pelo cascalho. Em lugares onde a casa estaria silenciosa àquela hora (o corredor que dava na porta de seu quarto, por exemplo, e os aposentos dos criados no andar de cima), ouvia passos deslizantes vindo de todas as direções. Levantou-se no ar frio, acendeu uma vela, achou as botas de couro e pegou um xale. O instinto lhe dizia que algum problema se abatia sobre White Acre e que sua assistência podia ser necessária. Anos depois, se lembraria do absurdo dessa ideia (como poderia de fato acreditar que tinha como ajudar em alguma coisa?), mas naquele momento, em sua mente, ela era uma jovem dama de quase dez anos, e ainda tinha certa fé na própria importância.

Quando Alma chegou ao degrau mais alto da escada ampla, viu lá embaixo, na imponente entrada da casa, um grupo de homens segurando lâmpioes. O pai, trajando um sobretudo por cima das roupas de dormir, estava no centro do aglomerado, o semblante tenso devido à irritação. Hanneke de Groot também estava ali, o cabelo preso em uma touca. A mãe de Alma também estava. Devia ser sério, então; Alma nunca tinha visto a mãe acordada àquela hora.

Mas havia algo mais, e os olhos de Alma se voltaram direto para ela — uma menina, ainda menor que Alma, com uma trança de cabelos platinados caindo pelas costas, parada entre Beatrix e Hanneke. As duas estavam com a mão no ombro fino da menina. Alma achou que a menina não lhe era exatamente estranha. A filha de um dos empregados, talvez? Não tinha certeza. A menina, quem quer que fosse, tinha um rosto lindíssimo — embora aparentasse choque e temor à luz do lâmpio.

O que provocou inquietação em Alma, entretanto, não foi o medo da menina, mas a firmeza de propriedade das mãos de Beatrix e Hanneke nos ombros da criança. Quando um homem se aproximou como se fosse pegar a menina, as duas tencionaram as mãos, segurando-a com ainda mais força. O homem recuou — e foi sábio ao fazê-lo, pensou Alma, pois tinha acabado de vislumbrar a expressão no rosto da mãe: ferocidade inexorável. A mesma expressão tomava o rosto de Hanneke. Foi essa expressão partilhada de ferocidade no rosto das duas

mulheres mais importantes na vida de Alma que lhe causou um pavor inexplicável. Algo preocupante acontecia ali.

Nesse instante, tanto Beatrix como Hanneke viraram a cabeça ao mesmo tempo, olhando para o alto da escada onde estava Alma, assistindo em silêncio, segurando a vela e as botas grossas. Viraram-se para ela como se Alma tivesse chamado seus nomes, e como se não recebessem bem a intromissão.

“Vá para a cama”, ambas vociferaram — Beatrix em inglês, Hanneke em holandês.

Alma poderia ter reclamado, mas era indefesa diante da potência da força conjunta das duas. O rosto tenso e taciturno de ambas a assustou. Nunca tinha visto nada parecido. Não era nem necessária nem querida ali, estava claro.

Alma lançou mais um olhar angustiado para a bela criança no centro da sala apinhada de estranhos e fugiu para o quarto. Ao longo de uma hora que não passava nunca, ficou sentada na beirada da cama, escutando até os ouvidos doerem, esperando que alguém aparecesse para lhe dar explicações ou tranquilizá-la. Mas as vozes diminuíram, ouviu o som de cavalos partindo aos galopes e ninguém apareceu. Por fim, Alma desmaiou de sono em cima das cobertas, enrolada no xale e calçada com as botas. De manhã, quando acordou, viu que toda a multidão de desconhecidos tinha ido embora de White Acre.

Porém, a menina ainda estava lá.

Seu nome era Prudence.

Ou melhor, Polly.

Ou, para ser mais exato, seu nome era Polly-que-virou-Prudence.

Sua história era terrível. Houve tentativa em White Acre de abafá-la, mas histórias assim não gostam de ser abafadas, e em poucos dias Alma tomaria conhecimento dela. A menina era filha do horticultor principal de White Acre, um alemão pacato que revolucionara a estrutura das estufas para melões, com um resultado lucrativo. A esposa do horticultor era uma mulher da Filadélfia de origem humilde mas famosa beleza, e era sabidamente uma meretriz. O marido, o horticultor, a adorava, mas não conseguia controlá-la. Esse fato também era de conhecimento geral. A mulher lhe botara os cornos de forma implacável por anos a fio, fazendo pouco esforço para esconder as imprudências. Ele havia tolerado em silêncio — ou sem notar, ou fingindo não notar — até que, basicamente do nada, parou de tolerar.

Naquela noite de terça-feira de novembro de 1809, o horticultor despertou a esposa de um sono pacato a seu lado, arrastou-a pelo cabelo para fora de casa e cortou-lhe o pescoço de orelha a orelha. Logo depois, se enforcou em um olmo das redondezas. A comoção acordou os outros empregados de White Acre, que saíram correndo de casa para investigar. Quem foi deixada para trás na esteira dessas mortes repentinas foi a menininha chamada Polly.

Polly tinha a mesma idade de Alma, mas era mais delicada, e sua beleza era espantosa. Parecia uma estatueta perfeita esculpida em sabão francês de qualidade, na qual alguém incrustara um par de deslumbrantes olhos azul-pavão. Mas era a almofadinha rosada de seus lábios que dava à menina mais do que uma beleza simplória: fazia dela uma inquietante garotinha voluptuosa, uma Betsabá entalhada em miniatura.

Quando Polly foi levada à mansão de White Acre naquela noite trágica, cercada de trabalhadores robustos e condestáveis — todos eles com as mãos em cima dela —, Beatrix e Hanneke logo previram nada além de riscos para a criança. Alguns dos homens sugeriam que a menina fosse levada para um asilo de pobres, mas outros já proclamavam que ficariam contentes em tomar a responsabilidade pela órfã para si. Metade dos homens naquela sala tinha copulado com a mãe da menina em uma ocasião ou outra — como Beatrix e Hanneke sabiam muito bem — e as mulheres não queriam nem imaginar o que estaria guardado para aquela gracinha, aquela cria da prostituta.

As duas mulheres, agindo como se fossem uma só, arrebataram Polly das mãos da turba e mantiveram-na longe da multidão. Não foi uma decisão ponderada. Nem um gesto de caridade, coberto pelo manto caloroso de bondade materna. Não, foi uma atitude intuitiva, nascida de um conhecimento feminino profundo e tácito quanto ao funcionamento do mundo. Não se deixa uma criatura do sexo feminino tão pequena e bela sozinha com dez homens exaltados no meio da noite.

Mas depois de Beatrix e Hanneke terem salvaguardado Polly — depois de os homens terem ido embora —, o que devia ser feito dela? Então tomaram uma decisão ponderada. Ou melhor, Beatrix tomou a decisão, já que só ela tinha autoridade para decidir. Tomou, na verdade, uma decisão bem chocante. Decidiu ficar com Polly para sempre, adotá-la imediatamente como uma Whittaker.

Alma descobriria mais tarde que o pai rejeitara a ideia (Henry não ficou feliz ao ser acordado no meio da noite, muito menos ao adquirir uma filha repentina), mas Beatrix interrompera a queixa dele com um único olhar firme, e Henry tivera o bom senso de não reclamar uma segunda vez. Que fosse. A família deles era pequena demais, em todo caso, e Beatrix nunca tinha conseguido ampliá-la. Não haviam nascido mais dois bebês depois de Alma? Não era verdade que os dois bebês jamais tinham respirado? E esses dois nenéns mortos não estavam enterrados no adro da igreja luterana, sem utilidade nenhuma para ninguém? Beatrix sempre quisera outro filho, e agora, graças à divina providência, uma criança chegava. Com a inclusão de Polly ao lar, a prole dos Whittaker podia ser dobrada da noite para o dia de um jeito eficiente. Fazia um pouquinho de sentido. A decisão de Beatrix tinha sido rápida e firme. Sem dar mais nem uma palavra de objeção, Henry consentira. Ademais, não tinha alternativa.

De qualquer maneira, a menina era uma coisinha linda e não parecia ser

totalmente simplória. De fato, quando a situação se acalmou, Polly demonstrou verdadeiro decoro — uma compostura quase aristocrática — que era ainda mais digna de nota em uma criança que tinha acabado de testemunhar a morte do pai e da mãe.

Beatrix via um claro potencial em Polly, além de não ver outra possibilidade de futuro digno para a criança. Em um lar decente, Beatrix acreditava, e com a influência moral correta, a garota poderia ser guiada em direção a um rumo na vida que não o da perversidade e da alegria da busca de prazer pelas quais sua mãe pagara o preço derradeiro. A primeira tarefa era limpá-la. A pobre coitada tinha sangue espalhado nos sapatos e nas mãos. A segunda tarefa era mudar seu nome. Polly era um nome adequado somente a aves de estimação ou prostitutas que fazem ponto na rua. Dali em diante, a menina se chamaria Prudence — um nome que serviria de sinal, Beatrix esperava e supunha, de uma orientação mais virtuosa.

Então estava tudo resolvido — e resolvido em uma hora. E foi assim que aconteceu de Alma Whittaker acordar na manhã seguinte e receber a informação surpreendente de que agora tinha uma irmã, e de que seu nome era Prudence.

A chegada de Prudence mudou tudo em White Acre. Anos mais tarde, quando Alma já era cientista, ela entenderia melhor como a introdução de um novo elemento em um ambiente controlado altera o ambiente de maneiras diversas e imprevisíveis, mas, quando criança, só o que percebia era uma invasão inimiga e um presságio da ruína. Alma não recebeu a intrusa de coração aberto. No entanto, por que deveria fazê-lo? Quem de nós já recebeu um intruso de coração aberto?

No começo, Alma não tinha nenhuma noção de que motivo havia para a menina estar ali. O que viria a descobrir sobre a história de Prudence (extraída das empregadas da leiteria, e em alemão, ainda por cima!) esclareceu muitas coisas — mas no primeiro dia após a chegada de Prudence, ninguém explicou nada. Até Hanneke de Groot, que em geral tinha mais informações sobre mistérios do que qualquer outra pessoa, dizia apenas: “É o plano de Deus, menina, e é para o bem.” Quando Alma insistiu que a governanta desse mais informações, Hanneke sussurrou em tom cortante: “Tenha compaixão e não me faça mais perguntas!”

As meninas foram apresentadas formalmente uma à outra na mesa do café da manhã. Não fizeram menção ao confronto da noite anterior. Alma não conseguia desviar o olhar de Prudence, e Prudence não conseguia tirar os olhos do prato. Beatrix falou com as crianças como se nada estivesse fora do normal. Explicou que uma pessoa chamada sra. Spanner chegaria da cidade no fim da tarde para cortar vestidos novos para Prudence de materiais mais adequados do que os usados por ela. Haveria também um põnei novo, e Prudence teria de aprender a

montar — quanto antes, melhor. Além disso, dali em diante haveria um preceptor em White Acre. Beatrix tinha concluído que ficaria sobrecarregada demais se tivesse de ensinar duas garotas ao mesmo tempo, e já que Prudence não tinha recebido nenhuma educação formal até aquela altura da vida, um jovem preceptor seria um útil acréscimo ao lar. O berçário seria transformado em escola exclusiva. Esperava que Alma, nem é preciso dizer, ajudasse a irmã em caligrafia, adição e algarismos. Alma já estava bem avançada no treinamento mental, é claro, mas se Prudence se empenhasse de verdade — e se a irmã ajudasse — ela conseguiria se sobressair. O intelecto de uma criança, Beatrix declarou, é um objeto de elasticidade impressionante, e Prudence ainda tinha idade para se recuperar. A mente humana, se exercitada regularmente, era capaz de realizar tudo o que exigimos dela. Era só uma questão de trabalhar duro.

Enquanto Beatrix falava, Alma fitava. Como era possível existir algo tão belo e perturbador como o rosto de Prudence? Se a beleza era de fato um desvio da exatidão, como a mãe sempre afirmara, o que isso dizia a respeito de Prudence? Era provável que fosse o objeto menos exato e mais desviado do mundo inteiro! A sensação de inquietude de Alma se multiplicava a cada instante. Começava a perceber algo pavoroso sobre si mesma, algo que nunca dantes tivera motivos para ponderar: *ela própria não era uma coisinha linda*. Foi só por meio da terrível comparação que de repente se deu conta disso. Prudence era delicada; Alma era grandalhona. Prudence tinha cabelos fiados com seda platinada; os cabelos de Alma tinham cor e textura de ferrugem — e cresciam, horivelmente, para todos os lados, exceto para baixo. O nariz de Prudence era uma florzinha; o de Alma era uma batata em expansão. E assim em diante, da cabeça aos pés: um inventário muito triste.

Encerrado o café da manhã, Beatrix disse: “Agora vamos lá, meninas, deem um abraço de irmãs.” Alma abraçou Prudence, obediente, mas sem ternura. Lado a lado, o contraste era ainda mais notável. Mais do que tudo, Alma teve a impressão, as duas juntas eram como um perfeito ovo de tordo e uma enorme pinha tosca, que de súbito e sem explicações dividiam o mesmo ninho.

A percepção disso tudo fez com que Alma tivesse vontade de chorar, ou de brigar. Sentiu o próprio rosto se transformar em carranca. A mãe deve ter reparado, pois disse: “Prudence, por favor, nos dê licença para eu conversar um minutinho com a sua irmã.” Beatrix pegou Alma pelo braço, segurando-a com tanta firmeza que ardia, e escoltou-a até o corredor. Alma sentia as lágrimas se formando, mas fez força para contê-las, e depois para contê-las de novo, e depois para contê-las mais uma vez.

Beatrix olhou para a única filha biológica e se pronunciou numa voz de granito gelado: “Não pretendo ver nunca mais a careta que acabei de ver dirigida à minha filha. Você entendeu?”

Alma conseguiu dizer apenas uma palavra vacilante (“*Mas...*”) antes de ser

interrompida.

“Nenhum roubo de ciúmes ou de maldade é bem-vindo aos olhos de Deus”, Beatrix prosseguiu, “e nenhum roubo desses será bem-vindo aos olhos da nossa família. Se você tem sentimentos dentro de si que sejam desagradáveis ou egoístas, deixe que caiam natimortos no chão. Torne-se dona de si mesma, Alma Whittaker. Está me entendendo?”.

Dessa vez, Alma só pensou na palavra (“*Mas...*”); no entanto, deve ter pensado em voz alta, pois a mãe a escutou, sabe-se lá como. Agora Beatrix achava que ela já tinha passado dos limites.

“Sinto pena de você, Alma Whittaker, por encarar os outros de forma tão egoísta”, disse Beatrix, o rosto fechado de tanta raiva. Quanto às palavras finais, ela as cuspiu como se fossem afiadas lascas de gelo:

“*Trate de melhorar.*”

Mas Prudence também precisava melhorar, e muito!

Para começo de conversa, estava bem atrás de Alma em termos de escolarização. Para ser justo, entretanto, que criança não estaria atrás de Alma? Aos nove anos, Alma lia sem problemas os *Comentários* de César no original, além de Cornélio Nepos. Já era capaz de defender a superioridade de Teofrasto frente a Plínio. (Um era um verdadeiro erudito em ciência natural, alegava, já o outro era mero copista.) Seu grego, que ela adorava e via como uma forma delirante de matemática, estava cada dia melhor.

Prudence, por outro lado, sabia as letras e os números. Tinha uma voz doce e melodiosa, mas o discurso em si — o símbolo mais imponente de seu passado desventurado — precisava de muitas correções. No início da estadia de Prudence em White Acre, Beatrix não parava de cutucar partes do linguajar da menina, como se usasse a ponta afiada de uma agulha de tricô, perfurando os usos que soavam vulgares ou ordinários. Alma também era incentivada a fazer correções. Beatrix instruiu Prudence a jamais dizer “pra lá e pra cá”, pois “de um lado para o outro” era muito mais refinado. A palavra “chique” em qualquer contexto era tida como grosseira, bem como a palavra “gente”. Quando alguém mandava correspondência para White Acre, ela passava pelo “serviço postal”, não pelo “correio”. A pessoa não ficava “doente”, ficava “indisposta”. A pessoa não sairia para ir à igreja “já, já”, ela sairia para ir à igreja “em instantes”. Ninguém estava “meia” assim, estava “meio” assim. As pessoas não “saíam correndo”, se “apressavam”. E naquela família as pessoas não “falavam”, elas “conversavam”.

Uma criança mais frágil simplesmente desistiria de falar. Uma criança mais belicosa exigiria saber por que Henry Whittaker podia *falar* como um maldito estivador — por que podia se sentar à mesa de jantar e dizer na cara de um homem que ele era um “asno comedor de merda” sem nunca ser corrigido por

Beatrix — enquanto o resto da família tinha de *conversar* ao estilo dos advogados. Mas Prudence não era nem frágil nem belicosa. Na verdade, se revelou uma criatura de constante e resoluta cautela, que se aperfeiçoava diariamente como se afliesse a navalha da alma, tomando o cuidado de jamais cometer o mesmo erro duas vezes. Depois de cinco meses em White Acre, o jeito de falar de Prudence nunca mais precisou ser apurado. Nem mesmo Alma era capaz de achar erros, embora jamais parasse de procurar. Outros aspectos do comportamento de Prudence — a postura, os modos, a toalete diária — também foram rapidamente calibrados.

Prudence aceitava todas as correções sem reclamar. Aliás, ela pedia correções — em especial, a Beatrix! Sempre que Prudence deixava de executar uma tarefa da maneira adequada, ou se deixava absorver por um pensamento nada generoso, ou fazia um comentário impróprio, ela se reportava pessoalmente a Beatrix, assumia os erros e de bom grado ouvia um sermão. Dessa forma, Prudence fez de Beatrix não apenas sua mãe, mas também sua mãe-confessora. Alma, que escondia suas falhas e mentia sobre os próprios defeitos desde pequena, considerava esse comportamento monstruosamente incompreensível.

Em consequência, Alma via Prudence com crescente desconfiança. Havia certa dureza de diamante em Prudence que Alma imaginava ser uma máscara para algo perverso e talvez até diabólico. A menina lhe parecia astuta e perspicaz. Prudence tinha um jeito de sair deslizando dos cômodos, sem nunca dar as costas a ninguém, sem nunca fazer barulho ao fechar a porta. Além disso, Prudence era atenciosa demais com as pessoas, incapaz de se esquecer de datas importantes para os outros, sempre tomando o cuidado de desejar feliz aniversário às criadas e um shabat agradável na hora certa, e essas coisas todas. Essa busca diligente pela bondade parecia incessante demais para Alma, assim como o estoicismo.

O que Alma sabia sem sombra de dúvida era que havia pouca vantagem em ser comparada a uma pessoa de verniz tão perfeito como Prudence. Henry chegava a ponto de chamar Prudence de “Nossa Pequena Adorável”, o que fazia o antigo apelido de Alma, “Ameixa”, parecer humilde e sem graça. Tudo o que dizia respeito a Prudence levava Alma a se sentir humilhada e sem graça.

Mas havia os consolos. Na sala de aula, pelo menos, Alma sempre tinha a primazia. Prudence nunca conseguia alcançar a irmã nesse quesito. Nem era por falta de esforço, pois a menina com certeza trabalhava duro. Pobre coitada, se debruçava sobre os livros como um pedreiro basco. Para Prudence, cada livro era uma chapa de granito a ser carregada morro acima debaixo do sol, numa labuta de tirar o fôlego. Era quase doloroso ver aquilo, mas Prudence teimava em perseverar e nunca caía em prantos. Em consequência, de fato avançou — e de forma impressionante, é preciso admitir, levando-se em conta sua origem. A matemática sempre seria uma luta para ela, mas conseguiu enfiar na cabeça os fundamentos básicos do latim, e depois de um tempo conseguiu falar um francês

aceitável, com bom sotaque. Quanto à caligrafia, Prudence não parou de treinar até torná-la tão elegante quanto a de uma duquesa.

Mas nem toda a disciplina do mundo basta para tapar uma verdadeira lacuna no âmbito do conhecimento, e Alma tinha dons intelectuais que iam muito além do que Prudence jamais seria capaz de atingir. Alma tinha memória excelente para palavras e brilhantismo inato para cálculos. Adorava exercícios, testes, fórmulas, teoremas. Para Alma, ler algo uma vez era ter domínio daquilo para sempre. Desconstruía um argumento assim como um bom soldado desmontava um rifle — mesmo sonolenta em meio às trevas, a coisa ainda se desmontava lindamente. Cálculo lhe causava surtos de êxtase. A gramática era uma velha amiga — talvez por ter crescido falando tantas línguas ao mesmo tempo. Também amava o microscópio, que via como uma extensão do olho direito, habilitando-a a perscrutar a garganta do próprio Criador.

Por todas essas razões, seria normal supor que o preceptor preferisse Alma a Prudence, mas esse não era o caso. Na verdade, ele tomava cuidado para não demonstrar preferência por uma ou outra criança — ele parecia considerar ambas uma obrigação monótona e similar. O preceptor era um rapaz sem graça, britânico de nascença, de pele ruim e pálida e semblante sempre preocupado. Suspirava muito. Seu nome era Arthur Dixon, e ele havia acabado de se formar na Universidade de Edimburgo. Beatrix o selecionara depois de uma série de testes rigorosos com dezenas de candidatos, todos eles rejeitados por — entre outros defeitos — serem burros demais, falantes demais, religiosos demais, pouco religiosos demais, radicais demais, bonitos demais, gordos demais e gaguejantes demais.

Durante o primeiro ano em que Arthur Dixon exerceu o cargo, Beatrix volta e meia também se sentava na sala de aula, fazendo seus remendos em um canto, assistindo para se assegurar de que Arthur não cometia erros factuais ou tratava as meninas de alguma forma inadequada. Um dia se satisfez: o jovem Dixon era um mago da academia perfeitamente maçante, que não parecia ter nenhum ossinho jocoso ou imaturo. Era totalmente digno de confiança, portanto, para ministrar às duas meninas Whittaker, quatro dias por semana, lições alternadas de filosofia natural, latim, francês, grego, química, astronomia, mineralogia, botânica e história. Alma também recebia exercícios extras de óptica, álgebra e geometria esférica, dos quais Prudence — num raro gesto de misericórdia da parte de Beatrix — era poupada.

Às sextas-feiras, se distanciavam da programação, já que um professor de desenho, um professor de dança e um professor de música as visitavam, para enriquecer o currículo educacional das meninas. De manhã, as meninas tinham que trabalhar junto com a mãe em seu jardim grego particular — um triunfo da matemática e da beleza que Beatrix tentava levar a cabo, com veredas e topiarias arranjadas segundo rigorosos princípios euclidianos de simetria (cheio

de bolas, cones e triângulos complexos, podados, firmes e exatos). As meninas também tinham de dedicar várias horas por semana ao aperfeiçoamento de suas habilidades no bordado. No fim da tarde, Alma e Prudence eram convocadas a participar de jantares formais e entabular conversas inteligentes com convidados do mundo inteiro. Se não houvesse visitas em White Acre, Alma e Prudence passavam os fins de tarde na sala de estar, ficando acordadas até altas horas da noite ajudando o pai e a mãe com as correspondências oficiais de White Acre. Domingo era dia de igreja. A hora de dormir trazia consigo uma longa série de preces noturnas.

Tirando isso, podiam fazer o que quisessem com o tempo delas.

No entanto, a programação não era tão cansativa assim — não para Alma. Ela era uma juvenzinha enérgica e empenhada, que precisava de pouco descanso. Gostava de exercitar a mente, gostava de trabalhar no jardim e das conversas nos jantares. Sempre ficava feliz em passar um tempo ajudando o pai com a correspondência tarde da noite (já que às vezes essa era sua única oportunidade de ter uma conversa mais íntima com o homem àquela altura). De alguma forma conseguia até arrumar horas para si, e nessas horas criava projetinhos botânicos inventivos. Brincava com mudas de salgueiro, ponderando como às vezes expeliam raízes dos brotos e às vezes das folhas. Dissecava e memorizava, conservava e categorizava todas as plantas ao seu alcance. Construiu um belo *hortus siccus* — um esplêndido herbário seco.

Alma adorava botânica cada dia mais. Não era tanto a beleza das plantas o que a atraía, mas a ordem mágica que havia nelas. Alma era uma menina dotada de um entusiasmo sublime por sistemas, sequências, arquivamentos e indexações; a botânica lhe dava inúmeras oportunidades de se entregar a todos esses prazeres. Apreciava como, depois de botar uma planta na ordem taxonômica correta, ela permanecia na ordem. Havia sérias regras matemáticas inerentes à simetria das plantas, ademais, e Alma encontrava serenidade e reverência nessas regras. Em todas as espécies, por exemplo, existe uma proporção fixa entre os dentes das sépalas e as divisões da corola, e a proporção nunca muda. Dava para ajustar o relógio de acordo com ela. Era uma lei permanente, reconfortante, inabalável.

A bem da verdade, Alma desejava ter mais tempo ainda para dedicar ao estudo das plantas. Tinha fantasias bizarras. Gostaria de viver em uma caserna do exército das ciências naturais, onde seria acordada ao amanhecer por um toque de corneta e marcharia em fila com outros jovens naturalistas, de uniforme, para trabalhar o dia inteiro em florestas, riachos e laboratórios. Gostaria de viver em uma espécie de mosteiro ou convento botânico, rodeada por outras taxonomistas dedicadas, onde ninguém interferiria nos estudos alheios, porém dividiriam as descobertas mais empolgantes. Até uma prisão botânica seria agradável! (Não passava pela cabeça de Alma que tais lugares de asilo intelectual e isolamento

fortificado de fato existissem, até certo ponto, e que se chamassem “universidades”. Mas as meninas em 1810 não sonhavam com universidades. Nem mesmo as filhas de Beatrix Whittaker.)

Portanto, Alma não se incomodava em trabalhar duro. Mas tinha enorme aversão às sextas-feiras. Aulas de arte, aulas de dança, aulas de música — todos esses exercícios a irritavam e a desviavam de seus reais interesses. Não era graciosa. Não conseguia distinguir bem um quadro famoso de outro, tampouco foi capaz de aprender a desenhar rostos sem que os retratados parecessem apavorados ou mortos. A música também não lhe era um dom, e, por volta do seu aniversário de onze anos, o pai solicitou oficialmente que ela parasse de torturar o piano. Em todas essas atividades, Prudence se sobressaía. Prudence também costurava lindamente, e organizava um aparelho de chá com delicadeza de mestre, e também tinha muitos outros talentos dispensáveis e irritantes. Às sextas-feiras, era grande a probabilidade de que Alma tivesse os mais sombrios e mais invejosos pensamentos a respeito da irmã. Era nesses momentos que ela pensava sinceramente, por exemplo, que ficaria feliz em trocar uma de suas línguas extras (qualquer uma, menos grego!) pela simples capacidade de dobrar um envelope *somente uma vez* com a beleza com que Prudence conseguia fazê-lo.

Apesar de tudo isso — ou talvez por causa disso —, Alma se sentia muito realizada nas áreas em que se sobressaía à irmã, e o lugar onde sua superioridade era mais evidente era na famosa sala de jantar dos Whittaker, principalmente quando o ambiente era dominado por ideias instigantes. À medida que Alma crescia, seus argumentos se tornavam mais arrojados, mais seguros, mais influentes. Mas Prudence jamais desenvolvera tamanha autoconfiança à mesa. Tinha propensão a permanecer calada, mas adorável, uma espécie de enfeite inútil às reuniões que apenas ocupava uma cadeira entre os convivas sem contribuir com nada além de sua beleza. De certo modo, assim Prudence se tornava útil. Podiam colocar Prudence ao lado de qualquer um sem que ela reclamasse. Em muitas noites, a pobre coitada era colocada de propósito ao lado de professores velhos, enfadonhos e surdos — mausoléus em forma de homens —, que palitavam os dentes com o garfo ou adormeciam em cima dos pratos, roncando de leve enquanto debates se encolerizavam ao redor. Prudence nunca fazia objeção nem pedia companheiros de jantar mais ilustres. Não parecia fazer diferença quem sentava perto de Prudence, na verdade: a postura e o semblante cuidadosamente arquitetado nunca se alteravam.

Enquanto isso, Alma se lançava no envolvimento com todos os assuntos possíveis — de gestão de solo a moléculas de gases, passando pela fisiologia das lágrimas. Uma noite, por exemplo, havia um convidado em White Acre recém-chegado da Pérsia, onde tinha descoberto, nas cercanias da cidade antiga de Esfahan, amostras de uma planta que ele acreditava produzir goma de amoníaco

— ingrediente medicinal antigo e rentável, cuja fonte era até aquele momento um enigma para o mundo ocidental, já que seu comércio era controlado por bandoleiros. O rapaz vinha trabalhando para a Coroa britânica, mas estava desiludido com os superiores e queria falar com Henry Whittaker sobre o financiamento de um projeto de pesquisa continuada. Henry e Alma — trabalhando e pensando como um só ser, como muitas vezes acontecia à mesa de jantar — atacaram o homem com questões de ambos os lados, como dois cães pastores encurralando um carneiro.

“Qual é o clima nessa região da Pérsia?”, Henry indagou.

“E a altitude?”, acrescentou Alma.

“Bom, meu senhor, a planta cresce nos prados”, o convidado respondeu. “E a goma é tão abundante por lá, posso lhe dizer, que expele grandes volumes de...”

“Sim, sim, sim”, Henry interrompeu. “É o que você repete o tempo todo, e precisamos que você dê a sua palavra quanto a isso, porque já vi que você não me trouxe mais nada além de um dedinho de goma como prova. Mas me diga: quanto você tem que pagar às autoridades da Pérsia? De impostos, quero dizer, pelo privilégio de perambular pela região coletando amostras de goma à vontade?”

“Bom, realmente exigem alguns impostos, meu senhor, mas me parece um preço pequeno a pagar...”

“A Whittaker Company jamais paga impostos”, retrucou Henry. “Não estou gostando nada do que estou ouvindo. Por que você deixou que alguém de lá soubesse o que estava fazendo?”

“Bom, meu senhor, é bem complicado brincar de contrabandista!”

“Sério?”, Henry ergueu a sobancelha. “É complicado?”

“Mas a planta não poderia ser cultivada em outro lugar?”, Alma interveio. “Veja só, senhor, de pouco nos serviria mandá-lo a Esfahan todos os anos em custosas expedições de coleta.”

“Eu ainda não tive chance de explorar...”

“Poderia ser cultivada em Kattywar?”, Henry questionou. “Você tem algum aliado em Kattywar?”

“Bom, não sei, meu senhor, eu só...”

“Ou poderia ser cultivada no sul dos Estados Unidos?”, Alma se intrometeu. “Qual é a quantidade de água necessária?”

“Não tenho interesse em nenhum empreendimento que envolva cultivo no sul dos Estados Unidos, como você bem sabe, Alma”, disse Henry.

“Mas, pai, as pessoas andam dizendo que o território de Missouri...”

“Francamente, Alma, dá para imaginar que um molequinho inglês pálido como esse aí vai prosperar no território de Missouri?”

O molequinho inglês pálido em questão pestanejou, e pareceu ter perdido completamente a capacidade de falar. Mas Alma insistia, perguntando ao

convidado com uma avidez crescente: “O senhor acha que a planta que estamos discutindo pode ser a mesma que Dioscórides menciona em *Materia Medica*? Seria o máximo, não seria? Temos uma edição antiga esplêndida do Dioscórides na nossa biblioteca. Se quiser, eu mostro ao senhor depois do jantar!”

Nesse momento, Beatrix finalmente se intrometeu, repreendendo a filha de quinze anos: “Pergunto-me, Alma, se lhe é absolutamente necessário revelar ao mundo inteiro todos os seus pensamentos. Por que não deixa que seu pobre convidado tente responder a uma pergunta antes de atacá-lo com outra? Por favor, meu jovem, tente mais uma vez. O que estava tentando dizer?”

Mas nesse momento Henry retomava a palavra. “Você nem me trouxe mudas, não foi?”, ele perguntou ao estupefato sujeito — que, a essa altura, como já não sabia a qual Whittaker responder primeiro, cometeu o grave erro de não responder a ninguém. No longo período de silêncio que se seguiu, todos o fitavam. Ainda assim, o rapaz não conseguia pronunciar uma única palavra.

Contrariado, Henry rompeu o silêncio, virando-se para Alma e dizendo: “Ah, deixa essa história para lá, Alma. Não tenho interesse nele. Ele não pensou direito nos detalhes. E, no entanto, olha só para ele! Continua aí, sentado, comendo meu jantar, tomando meu clarete e querendo o meu dinheiro!”

Alma realmente deixou a questão de lado e não fez mais perguntas sobre a goma de amoníaco, ou Dioscórides, ou os costumes tribais da Pérsia. Preferiu voltar sua alegre atenção para outro cavalheiro à mesa — sem perceber que esse segundo conviva havia empalidecido bastante — e indagou: “Pois bem, vi pelo artigo maravilhoso que escreveu que o senhor descobriu uns fósseis extraordinários! Já teve a oportunidade de comparar os ossos a amostras modernas? Acha mesmo que eles são de dentes de hiena? E o senhor ainda acredita que a caverna sofreu inundação? Já leu o artigo escrito recentemente pelo sr. Winston sobre inundação primordial?”

Nesse ínterim, Prudence — sem que ninguém reparasse — tinha se virado com calma para o abalado jovem inglês sentado ao seu lado, aquele que tinha acabado de ser interrompido com tanta firmeza, e murmurado: “Prossiga.”

Naquela noite, antes de se deitarem e após o cômputo e as preces noturnas, Beatrix corrigiu as meninas, como mandava a praxe diária.

“Alma”, ela começou, “uma conversa educada não deve ser uma competição até a linha de chegada. Talvez você ache mais proveitoso e civilizado, em raras ocasiões, permitir que sua vítima termine uma linha de pensamento. Seu mérito como anfitriã consiste em demonstrar os talentos dos convidados, e não exaltar os seus”.

Alma iniciou um protesto: “Mas...”

Beatrix a interrompeu e continuou: “Além disso, não é preciso seguir rindo dos gracejos depois que já cumpriram sua função e divertiram as pessoas. Percebo

que ultimamente suas risadas se prolongam por tempo demais. Nunca conheci uma mulher verdadeiramente honrada que grasnasse como um ganso.”

Em seguida, Beatrix se voltou para Prudence.

“Quanto a você, Prudence, admiro o fato de que não tome parte em conversas fúteis e irritantes, porém, tal atitude é totalmente distinta de se afastar por completo das conversas. As visitas vão pensar que você é burra, e você não é. Seria uma marca triste de descrédito à nossa família as pessoas acharem que só uma das minhas filhas tem a capacidade de falar. A timidez, como eu já disse inúmeras vezes, é somente outra forma de vaidade. Acabe com ela.”

“Peço desculpas, mãe”, declarou Prudence. “Estava me sentindo indisposta esta noite.”

“Creio que você *pensa* que estava se sentindo indisposta esta noite. Mas eu a vi com um livro de poemas leves nas mãos pouco antes do jantar, contente em perder tempo com a leitura. Não é possível que uma pessoa que leia um livro desses pouco antes do jantar se sinta indisposta uma hora depois.”

“Peço desculpas, mãe”, repetiu Prudence.

“Também quero conversar com você, Prudence, a respeito da conduta do senhor Edward Porter esta noite, à mesa. Você não devia ter permitido que ele a fitasse por tanto tempo, como permitiu. Tãmanha atenção é aviltante para todos. Você precisa aprender a abortar esse tipo de comportamento por parte dos homens, conversando com eles com inteligência e firmeza sobre assuntos sérios. Talvez o sr. Porter despertasse mais cedo de seu torpor enamorado se você tivesse discutido com ele a Campanha da Rússia, por exemplo. Não basta ser apenas boa, Prudence; também é necessário se tornar astuta. Como mulher, é claro, a sua consciência moral sempre será superior à dos homens, mas, se você não aguçar as faculdades mentais em defesa própria, sua moralidade lhe será de pouca serventia.”

“Compreendo, mãe”, disse Prudence.

“Nada é mais essencial do que a dignidade, meninas. O tempo revelará quem a tem e quem não a tem.”

A vida poderia ter sido mais agradável para as meninas Whittaker se — como os cegos e os coxos — tivessem aprendido a se ajudar, suprimindo as deficiências uma da outra. Mas mancavam lado a lado em silêncio, as duas tendo que tatear sozinhas em meio aos próprios defeitos e problemas.

A favor delas, e a favor da mãe que as mantinha sempre bem educadas, uma menina jamais era desagradável com a outra. Palavras indelicadas jamais eram trocadas. Dividiam um guarda-chuva respeitosamente, de braços dados, sempre que caminhavam debaixo da chuva. Abriam caminho uma à outra nas soleiras das portas, uma permitindo que a outra passasse na frente. Ofereciam-se a última fatia de torta, ou a melhor cadeira, mais próxima do calor da lareira.

Trocavam presentes modestos e bem pensados na véspera do Natal. Houve um ano em que Alma deu a Prudence — que gostava de desenhar flores (lindas, mas não *perfeitas*) — um livro adorável sobre gravuras botânicas intitulado *Toda dama é seu próprio mestre de desenho: Um novo tratado sobre a pintura de flores*. No mesmo ano, Prudence fez para Alma uma bela alfineteira de cetim, na cor preferida de Alma, berinjela. Portanto, elas de fato tentavam ser atenciosas.

“Obrigada pela alfineteira”, Alma escreveu para Prudence, num curto bilhete de ponderada cortesia. “Certamente a usarei sempre que precisar de um alfinete.”

Ano após ano, as meninas Whittaker se comportavam em relação uma à outra com decoro extremamente minucioso, mas talvez por razões diferentes. Para Prudence, o decoro era uma expressão de seu estado natural. Para Alma, era um esforço supremo — a repressão constante e quase física de seus instintos mais cruéis, forçados à passividade pela absoluta disciplina moral e o medo da censura da mãe. Assim, os modos eram assegurados e tudo parecia estar em paz em White Acre. Mas, na verdade, havia um poderoso quebra-mar entre Alma e Prudence que não se movia com o tempo. Ademais, ninguém as ajudava a movê-lo.

Em um dia de inverno, quando as meninas tinham cerca de quinze anos, um velho amigo de Henry do Jardim Botânico de Calcutá foi visitar White Acre depois de muitos anos de distância. Parado no vestibulo, ainda tirando a neve do capote, o visitante berrou: “Henry Whittaker, sua velha doninha! Apresente-me à famosa filha de quem você tanto fala!”

As meninas estavam ali ao lado, transcrevendo apontamentos botânicos na sala de estar. Dava para escutar cada palavra.

Henry, com sua voz explosiva, chamou: “Alma! Venha aqui imediatamente! Sua presença é requisitada!”

Alma correu para o átrio, radiante de tanta expectativa. O desconhecido a olhou por um instante, depois caiu na gargalhada. Ele disse: “Não, seu idiota — não era isso o que eu queria dizer! Eu quero ver a bonita!”

Sem vestígio de reprovação, Henry respondeu: “Ah, você está interessado na nossa Pequena Adorável, não é? Prudence, venha aqui! Sua presença é requisitada!”

Prudence deslizou porta adentro e parou ao lado de Alma, cujos pés agora afundavam no assoalho como se ele fosse um pântano denso e terrível.

“Aí está!”, disse o convidado, contemplando Prudence como se calculasse seu preço. “Ah, ela *é realmente* esplêndida, não é? Eu tinha dúvida. Imaginei que todo mundo estivesse exagerando.”

Henry fez um gesto desdenhoso. “Ah, todo mundo faz rebuliço demais em torno da Prudence”, ele declarou. “Para mim, a feinha vale dez vezes mais do que a bonitinha.”

Portanto, vejam vocês, é bem provável que as duas meninas tenham sofrido na mesma medida.

Capítulo sete

O ano de 1816 mais tarde seria lembrado como o Ano sem Verão — não apenas em White Acre, mas em boa parte do mundo. Explosões vulcânicas na Indonésia encheram a atmosfera da Terra de cinzas e trevas, provocando secas na América do Norte e fome glacial na maior parte da Europa e da Ásia. A safra de milho minguou na Nova Inglaterra, a safra de arroz murchou na China, safras de aveia e trigo desmoronaram por todo o Norte da Europa. Mais de uma centena de milhar de irlandeses morreu de fome. Cavalos e gado, sofrendo com a falta de grãos, foram aniquilados em massa. Aconteceram rebeliões por comida na França, Inglaterra e Suíça. Na cidade de Quebec, foram trinta centímetros de neve em junho. Na Itália, a neve caiu marrom e vermelha, levando a população a se apavorar com a possibilidade do apocalipse.

Na Pensilvânia, ao longo de junho, julho e agosto desse ano terrível, a zona rural foi envolta por uma bruma densa, gelada, escura. Poucas coisas cresciam. O inverno que veio em seguida foi ainda pior. Milhares de famílias perderam tudo. Para Henry Whittaker, no entanto, o ano não foi ruim. As fornalhas das estufas deram conta de manter a maioria de suas plantas tropicais exóticas vivas mesmo na semiescuridão, e ele nunca tinha ganhado a vida com os riscos do cultivo ao ar livre, em todo caso. Grande parte de suas plantas medicinais era importada da América do Sul, onde o clima não havia sido afetado. Além do mais, o clima fazia com que as pessoas adoecessem, e pessoas adoentadas compravam mais fármacos. Tanto do ponto de vista botânico como do financeiro, portanto, Henry ficou basicamente incólume.

Não, naquele ano, Henry descobriu a prosperidade na especulação imobiliária e o prazer nos livros raros. Fazendeiros fugiam da Pensilvânia aos montes, partindo para o oeste na esperança de encontrar um sol mais radiante, um solo mais sadio e um ambiente mais hospitaleiro. Henry adquiriu boa parte das propriedades que essas pessoas arruinadas deixaram para trás, conseguindo junto excelentes moinhos, florestas e pastos. Várias famílias da Filadélfia de posição social e reputação caíram em desgraça naquele ano, desancadas pela escalada de declínio econômico acarretada pelo tempo repugnante. Era uma ótima notícia para Henry. Sempre que mais uma família abastada ia à falência, ele conseguia comprar com enorme desconto suas terras, móveis, cavalos, as belas selas francesas, tecidos persas e — o que era mais prazeroso — suas bibliotecas.

No decorrer dos anos, a aquisição de livros magníficos havia se tornado uma espécie de mania para Henry. Era uma mania peculiar, já que o homem mal conseguia ler em inglês, e indubitavelmente era incapaz de ler, digamos, Catulo. Porém, Henry não queria ler os livros: só queria possuí-los, como prêmios para sua crescente biblioteca em White Acre. Tomos médicos, filosóficos e botânicos ilustrados com primor eram os mais desejados. Tinha consciência de que tais volumes eram tão deslumbrantes aos olhos das visitas quanto os tesouros tropicais de suas estufas. Ele até adotou o hábito de, antes dos jantares, escolher (ou melhor, deixar Beatrix escolher) um livro precioso para mostrar aos convidados. Sentia um prazer especial em realizar esse ritual quando estudiosos ilustres prestavam visita, no intuito de vê-los perder o fôlego e ficar tontos de cobiça; a maioria dos homens de letras nunca esperaria segurar nas próprias mãos um Erasmo do início do século XVI, com texto em grego de um lado e em latim do outro.

Henry adquiria livros com voracidade e volúpia — não volume a volume, mas baú cheio a baú cheio. Obviamente, todos esses livros precisavam ser triados e, claro, Henry não era a pessoa certa para aquilo. Essa tarefa árdua, física e intelectualmente, por anos recaía sobre Beatrix, que examinava constantemente os lotes, guardando as preciosidades e descarregando muitos dos refugos na Biblioteca Pública da Filadélfia. Mas Beatrix, no final do outono de 1816, estava com a tarefa atrasada. Os livros chegavam numa velocidade maior do que sua capacidade de selecioná-los. Os cômodos vazios da cocheira agora continham diversos baús ainda por ser abertos, todos cheios de tomos. Com a sorte inesperada de novas bibliotecas particulares inteiras chegando a White Acre por semana (já que uma família depois da outra enfrentava a ruína financeira), a coleção estava a ponto de se tornar um aborrecimento incontrollável.

Em consequência, Beatrix elegeu Alma para ajudá-la a peneirar e catalogar os livros. Alma era a escolha mais evidente para a empreitada. Prudence não era muito útil nessas questões, já que era imprestável em grego, praticamente imprestável em latim e nunca conseguia de fato aprender como separar volumes de botânica com exatidão entre as edições pré-1753 e pós-1753 (isto é, antes e após o advento da taxonomia de Lineu). Mas Alma, agora com dezesseis anos, revelou-se eficiente e entusiástica quanto à missão de pôr ordem na biblioteca de White Acre. Tinha uma sólida compreensão histórica do que estava manuseando e era uma catalogadora febril, diligente. Alma também tinha força física suficiente para carregar os pesados engradados e caixotes. Ademais, o clima estava tão ruim em 1816 que pouco prazer poderia ser obtido ao ar livre, e também não havia muita utilidade em trabalhar no jardim. Felizmente, Alma passou a considerar sua tarefa na biblioteca uma espécie de jardinagem em ambiente fechado, com todas as satisfações concomitantes de labuta muscular e desdobramentos fascinantes.

Alma chegou até a descobrir que tinha talento para restaurar livros. Sua experiência com sustentação de espécimes de plantas a tornavam exímia no manuseio dos materiais do quartinho de encadernação — um cômodo pequeno e escuro com porta secreta ao lado da biblioteca, onde Beatrix armazenava todos os papéis, tecidos, couro, cera e colas necessários para conservar as frágeis edições antigas. Depois de uns meses, aliás, Alma estava se saindo tão bem nessas tarefas que Beatrix pôs exclusivamente nas mãos da filha o comando da biblioteca de White Acre, tanto das coleções selecionadas como das não selecionadas. Beatrix já estava corpulenta demais, esgotada demais para subir os degraus da biblioteca, e cansada da empreitada.

Ora, certas pessoas poderiam questionar se uma garota respeitável e solteira de dezesseis anos devia ser deixada sozinha, sem nenhuma supervisão, no meio de uma inundação não censurada de livros, encarregada de galgar por conta própria um transbordamento tão vasto de ideias irrestritas. Só nos resta imaginar que talvez Beatrix considerasse seu trabalho em relação a Alma encerrado, tendo obtido êxito na criação de uma jovem que parecia pragmática e decente e que sem dúvida saberia como resistir a ideias corruptoras. Ou talvez Beatrix não tenha refletido sobre os tipos de livros com que Alma poderia topar naqueles baús fechados. Ou talvez Beatrix acreditasse que a feiura e esquisitice de Alma tornavam a menina imune aos perigos da, ai meu Deus, *sensualidade*. Ou talvez Beatrix (que já se aproximava da casa dos cinquenta anos e sofria de ataques de vertigem e dispersão) simplesmente estivesse ficando desleixada.

De uma forma ou de outra, Alma Whittaker era deixada a sós, e foi assim que achou o livro.

Ela jamais saberia de quem era a biblioteca da qual tinha vindo. Alma descobriu aquilo em um baú sem identificação, com uma coleção de tomos de resto desinteressante, em geral de natureza médica — uns clássicos de Galeno, umas traduções recentes de Hipócrates, nada novo ou empolgante. Mas no meio daquilo tudo havia um livro grosso, resistente, com encadernação de couro de bezerro chamado *Cum Grano Salis*, escrito por um autor anônimo. Que título engraçado: *Com um grão de sal*. A princípio, Alma pensou que fosse um tratado sobre culinária, similar à reedição veneziana feita no século XV do *De Re Coquinaria* do século IV, que já fazia parte da biblioteca de White Acre. Mas uma breve folheada das páginas revelou que o livro era escrito em inglês e não continha ilustrações ou listas destinadas ao cozinheiro. Alma abriu na primeira página e o que leu ali fez sua mente se agitar.

“Intriga-me”, escrevera Anônimo, em sua introdução, “que a todos nós sejam outorgados desde o nascimento maravilhosas varas e buracos corporais, que mesmo a criança mais nova sabe que são objetos de puro deleite, mas que devamos fingir em nome da civilização se tratarem de abominações — que

jamais devem ser tocadas, jamais devem ser compartilhadas, jamais devem ser desfrutadas! No entanto, por que não explorar essas dádivas do corpo, tanto dos nossos como os de nossos semelhantes? É apenas a nossa mente que nos impede de tais encantos, apenas nosso conceito artificial de ‘civilização’ que proíbe diversões tão simples. Minha própria mente, outrora trancafiada no cárcere da opressiva civilidade, foi aberta após anos de golpes desferidos pelos mais deliciosos dos prazeres físicos. De fato, descobri que a expressão carnal pode ser exercida como uma bela arte, se praticada com a mesma dedicação que podemos demonstrar à música, pintura ou literatura.

“O que há nas páginas seguintes, respeitável leitor, é um relato sincero da minha vida inteira de aventuras eróticas, que algumas pessoas chamariam de *obsceñas*, mas as quais levei adiante satisfatoriamente — e creio que inofensivamente — desde a juventude. Caso eu fosse um homem religioso, preso pelas amarras da vergonha, talvez considerasse este livro uma *confissão*. Mas não me submeto à vergonha sensual, e minhas investigações revelaram que *inúmeros agrupamentos humanos mundo afora também não se submetem à vergonha com relação ao ato sensual*. Fui levado a crer que a ausência de tal vergonha pode ser, aliás, nosso estado natural como espécie humana — um estado que nossa civilização infelizmente desvirtuou. Por esse motivo, não *confesso* minha história incomum, mas apenas a *revelo*. Espero e confio que minhas revelações serão lidas como guia e distração, não somente por cavalheiros mas também por damas aventureiras e educadas.”

Alma fechou o livro. Conhecia essa voz. Não conhecia o autor em pessoa, é claro, mas reconhecia seu tipo: um educado homem de letras, do gênero que jantava com frequência em White Acre. Esse era o tipo de homem que facilmente escreveria quatrocentas páginas sobre a filosofia natural dos gafanhotos, mas que, nesse caso, havia resolvido redigir quatrocentas páginas sobre suas aventuras sensuais. Essa sensação de reconhecimento ao mesmo tempo confundia e instigava Alma. Se o tratado tinha sido escrito por um cavalheiro respeitável, de voz respeitável, ele se tornava respeitável?

O que Beatrix diria? Alma soube de imediato. Beatrix diria que o livro era ilícito, perigoso e abominável — uma fraude repleta de incorreções. Beatrix iria querer o livro destruído. O que teria feito Prudence, caso achasse um livro desses? Bom, Prudence não o tocaria nem com um mastro. Ou, caso Prudence de alguma forma acabasse com o livro nas mãos, demonstraria sua obediência entregando-o a Beatrix para que fosse destruído, e provavelmente receberia um castigo severo por ter sequer encostado naquela coisa. Mas Alma não era Prudence.

O que, então, Alma faria?

Destruiria o livro, decidiu, e não diria nada a ninguém. Aliás, ela o destruiria naquele exato momento. Naquela mesma tarde. Sem ler nem mais uma palavra.

Abriu o livro de novo, numa página qualquer. Mais uma vez, se deparou com aquela voz familiar, respeitável, falando de um assunto simplesmente inacreditável.

“Eu queria descobrir”, escrevera o autor, “em que idade a mulher perde a capacidade de receber prazer sensual. Meu amigo, o dono de bordel, que me assistira em muitos experimentos passados, me falou de certa cortesã que desfrutara ativamente de sua ocupação dos catorze anos de idade aos sessenta e quatro, e que agora, aos setenta anos, vivia em uma cidade não muito distante da nossa. Escrevi à mulher em questão, e ela respondeu com uma carta de encantadora candidez e cordialidade. Ao longo de um mês, lhe fiz visitas em que ela me permitiu examinar-lhe a genitália, que não era facilmente distinguível da genitália de uma mulher muito mais nova. Demonstrou que ainda era bastante capaz de ter prazer, aliás. Usando os dedos e uma camada fina de óleo de noz em seu capuz de ardor, se acariciou rumo a uma crise de êxtase...”.

Alma fechou o livro. Aquele livro não podia continuar existindo. Ela o incineraria na fogueira da cozinha. Não naquela tarde, quando poderia ser vista, mas naquela noite.

Tornou a abri-lo, mais uma vez em uma página qualquer.

“Fui levado a crer”, o tranquilo narrador prosseguia, “que existem certas pessoas que se beneficiam tanto física como mentalmente de surras regulares no traseiro despido. Muitas vezes, vi essa prática elevar o ânimo de homens e de mulheres, e suspeito de que seja o tratamento mais salutar que temos à nossa disposição para a melancolia e outras doenças da mente. Por dois anos, tive a companhia de uma moça deliciosa, uma filha de chapeleira, cujos orbes inocentes e angelicais ficavam firmes e fortes com flagelos repetidos e cujas tristezas eram rotineiramente apagadas pela sensação do chicote. Como já descrevi antes nestas páginas, antigamente tinha em meus aposentos um complexo sofá, feito especialmente para mim por um exímio estofador de Londres, equipado com sarilhos e cordas. A moça só gostava de ser amarrada com firmeza no sofá, onde ela segurava meu membro na boca, me chupando como uma criança chupa um bastão de açúcar, enquanto um companheiro...”

Alma fechou o livro outra vez. Qualquer um que tivesse uma mentalidade um pouquinho superior à vulgaridade pararia de ler aquela coisa na mesma hora. Mas e a lagarta da curiosidade que vivia na barriga de Alma? E o desejo que a lagarta sentia de se alimentar diariamente do desconhecido, do extraordinário, da *verdade*?

Alma abriu o livro de novo e passou mais uma hora lendo, tomada de ímpeto, dúvida e confusão. Sua consciência puxava as bainhas da saia, suplicando que ela parasse, mas não conseguia se conter. O que descobriu naquelas páginas deixava-a aflita, espumando e sem fôlego. Quando achou que poderia desmaiar de verdade por causa das hastes enredadas de imaginação que agora se

entrançavam em toda a sua mente, ela enfim fechou o livro e o trancou no baú inócuo de onde tinha saído.

Às pressas, abandonou a cocheira, alisando o avental com as mãos úmidas. Lá fora o tempo estava frio e nublado, como estivera o ano inteiro, com uma decepcionante bruma causada pela garoa. O ar estava tão denso que daria para dissecá-lo com um bisturi. Havia tarefas importantes para terminar naquele dia. Alma prometera a Hanneke de Groot que ajudaria a supervisionar o arriar dos esquifes de cidra até o porão, onde ficavam no inverno. Alguém tinha descartado papéis embaixo dos lilases junto à cerca do bosque sul; teria de fazer a limpeza. O aglomerado de arbustos atrás do jardim grego da mãe tinha sido invadido por heras e precisaria mandar um menino tirá-las. Iria se dedicar a todas essas responsabilidades imediatamente, com a eficiência de sempre.

Varas e buracos.

Só conseguia pensar em *varas e buracos*.

A noite chegou. A sala de jantar estava iluminada e a louça posta. Os convidados chegariam logo. Alma havia acabado de pôr a roupa para o jantar, embrulhada em um vestido caro de musselina de algodão. Deveria esperar os convidados na sala de estar, mas pediu licença para ir à biblioteca um instante. Trancou-se no quartinho de encadernação, atrás da porta secreta, ao lado da entrada da biblioteca. Era a porta mais próxima com tranca forte. Não estava com o livro. Não precisava do livro; suas imagens seguiram-na pelo terreno a tarde inteira: brutais, teimosas e inquiridoras.

Estava cheia de pensamentos, e esses pensamentos faziam exigências loucas ao seu corpo. Sua vulva doía. Parecia renegada. A dor vinha se acumulando a tarde inteira. No mínimo, a sensação dolorosa de privação entre as pernas era como uma espécie de feitiçaria, um assombro diabólico. Sua vulva queria ser esfregada da forma mais feroz. As saias eram um empecilho. Ela se coçava e morria dentro do vestido. Levantou as saias. Sentada ali no banquinho do quartinho de encadernação minúsculo, escuro, trancado, com seu odor de cola e couro, ela abriu as pernas e começou a se acariciar, se cutucar, mexer os dedos por dentro e por cima de si, explorando freneticamente suas pétalas esponjosas, tentando achar o diabo que se escondia ali, ávida por apagar o diabo com a mão.

Achou. Ela esfregou, com mais e mais força. Sentiu um desenredar. A dor em sua vulva se transformou em outra coisa — um fogo agitado, um vórtice de prazer, um efeito chaminé de calor. Seguiu o prazer aonde ele a levasse. Ela não tinha peso, não tinha nome, não tinha pensamento, não tinha história. Em seguida veio uma explosão de fosforescência, como se um fogo de artifício tivesse detonado atrás de seus olhos, e estava acabado. Ela se sentiu tranquila e animada. Pela primeira vez na sua vida de ser consciente, a mente estava livre de reflexão, livre de preocupação, livre do trabalho e da perplexidade. Depois, do âmago

dessa maravilhosa penugem de quietude, um pensamento tomou forma, tomou posse, tomou tudo:

Terei que fazer isso de novo.

Nem meia hora depois, Alma estava de pé no átrio de White Acre, aturdida e constrangida, recebendo os convidados do jantar. Naquela noite, estavam entre as visitas o muito jovem George Hawkes, editor na Filadélfia de belas gravuras, livros, periódicos e gazetas relativos à botânica; e um distinto cavalheiro de mais idade cujo nome era James K. Peck, que lecionava na Escola de Nova Jersey, em Princeton, e havia acabado de publicar um livro sobre a fisiologia dos negros. Arthur Dixon, o pálido preceptor das meninas, jantou com a família, como de hábito, apesar de raramente acrescentar algo às conversas e de ter propensão a passar as horas de jantar lançando olhares preocupados às próprias unhas.

George Hawkes, o editor de botânica, já tinha sido convidado para os jantares de White Acre inúmeras vezes, e Alma gostava dele. Era tímido, porém gentil, e extremamente inteligente, com a postura de um urso enorme, desajeitado, esquivo. Suas roupas eram grandes demais, o chapéu não se encaixava direito na cabeça, e ele parecia nunca saber exatamente onde ficar. Instigar George Hawkes a falar era um desafio, mas depois que começava, era uma agradável preciosidade. Entendia mais de litografia botânica do que qualquer outra pessoa da Filadélfia, e suas publicações eram requintadas. Falava com carinho de plantas e artistas e do ofício da encadernação de livros, e Alma apreciava muito sua companhia.

Quanto ao outro convidado, o professor Peck, ele era uma novidade na mesa de jantar, e a antipatia de Alma por ele foi imediata. Ele tinha todos os sintomas da chatice, e uma chatice resoluto, aliás. Logo ao chegar, passou vinte minutos no átrio de White Acre, narrando em detalhes homéricos as tribulações de seu percurso de carruagem de Princeton à Filadélfia. Depois de exaurir esse assunto fascinante, compartilhou sua surpresa diante do fato de que Alma, Prudence e Beatrix se uniram aos cavalheiros à mesa de jantar, já que a conversa sem dúvida escaparia à compreensão delas.

“Ah, não”, Henry corrigiu o convidado. “Acho que em breve o senhor descobrirá que minha esposa e minhas filhas têm uma capacidade razoável de participar das conversas.”

“Têm mesmo?”, o cavalheiro indagou, nem um pouco convencido. “Sobre quais temas?”

“Bem”, Henry disse, passando os dedos pelo queixo enquanto refletia sobre a família: “A Beatrix aqui sabe de tudo, Prudence tem conhecimento artístico e musical, e Alma — a alta e grande — é a criatura certa se o tema for botânica.”

“Botânica”, o professor Peck repetiu, exímio na condescendência. “Uma recreação muito instrutiva para moças. O único trabalho científico adequado ao

sexo feminino, sempre supus, devido à ausência de crueldade e de rigor matemático. A minha filha mesmo faz belos desenhos de flores silvestres.”

“Que interessante para ela”, Beatrix murmurou.

“Sim, bastante”, disse o professor Peck, e voltou-se para Alma. “Os dedos das damas são mais flexíveis, entende? Mais macios que os dos homens. Mais aptos do que as mãos masculinas, declaram alguns, para os procedimentos mais delicados da coleta de plantas.”

Alma, que não tinha propensão ao rubor, ficou vermelha até os ossos. Por que aquele homem estava falando de seus dedos, de flexibilidade, de delicadeza, de maciez? Agora todo mundo olhava para as mãos de Alma, que, pouco tempo antes, tinham sido genuinamente enterradas dentro de sua vulva. Foi apavorante. De soslaio, viu seu velho amigo George Hawkes lhe lançar um sorriso nervoso em solidariedade. George enrubescia o tempo inteiro. Enrubescia sempre que alguém olhava para ele, e sempre que era obrigado a falar. Talvez estivesse compadecido do incômodo que ela sentia. Com os olhos de George em cima dela, Alma sentiu que ruborizava ainda mais. Pela primeira vez na vida, não conseguia achar palavras e desejava que ninguém olhasse para ela. Teria feito qualquer coisa para fugir do jantar naquela noite.

Para a sorte de Alma, o professor Peck não parecia ter interesse especial em ninguém além de si mesmo, e quando o jantar foi servido, ele deu início a uma longa e minuciosa dissertação, como se tivesse confundido White Acre com um auditório de Princeton e os anfitriões com seus alunos.

“Há alguns”, ele começou, depois da dobragem esmerada do guardanapo, “que sugeriram recentemente que o negroidismo nada mais é do que uma doença de pele, que talvez possa, usando-se as combinações químicas corretas, ser *limpa*, por assim dizer, transformando o negro em um branco sadio. É uma informação incorreta. Como minha pesquisa provou, o negro não é um branco doente, mas uma espécie à parte, como vou demonstrar...”

Alma achou um desafio prestar atenção. Sua cabeça estava no *Cum Grano Salis* e no quartinho de encadernação. No entanto, este dia não marcou a primeira ocasião em que Alma ouvira falar de genitálias, ou mesmo da função sexual humana. Ao contrário de outras meninas — que ouviam das famílias que os índios traziam os bebês, ou que a fecundação acontecia por meio da inserção de sementes em pequenos cortes nas laterais do corpo da mulher —, Alma sabia dos rudimentos da anatomia humana, tanto masculina como feminina. Existiam tratados médicos e obras científicas demais em White Acre para que continuasse totalmente ignorante a respeito do assunto, e toda a linguagem da botânica, com a qual Alma tinha tamanha intimidade, era extremamente sexualizada. (O próprio Lineu se referia à polinização como “casamento”, chamava pétalas de flores de “nobres cortinas de leito”, e uma vez tivera a audácia de descrever uma flor que tinha nove estames e um pistilo como “nove homens no quarto da mesma noiva,

com uma mulher”.)

Ademais, Beatrix não permitiria que as filhas fossem criadas como ingênuas que se colocariam em risco, principalmente diante do histórico infeliz da mãe biológica de Prudence, portanto foi a própria Beatrix quem — com muito gaguejo e sofrimento, e uma boa dose de abanação de leque em volta do pescoço — transmitiu a Alma e Prudence os procedimentos essenciais da propagação humana. Dessa conversa ninguém gostou, e todas fizeram sua parte para encerrá-la o mais rápido possível — mas a informação foi dada. Uma vez, Beatrix chegou a avisar a Alma que certas partes do corpo jamais deviam ser tocadas, exceto com o propósito da limpeza, e que as pessoas não podiam fazer hora no vaso sanitário, por exemplo, devido aos perigos das paixões solitárias impudicas. Alma não prestara atenção à advertência na época porque ela não fazia sentido: Quem é que iria querer fazer hora no vaso sanitário?

Mas com a descoberta do *Cum Grano Salis*, Alma de repente se deu conta de que os acontecimentos sensuais mais inimagináveis ocorriam no mundo inteiro. Homens e mulheres faziam coisas simplesmente espantosas uns com os outros, e não faziam somente com fins de procriação, mas também de recreação — assim como homens e homens, mulheres e mulheres, crianças e criados, fazendeiros e viajantes, marujos e costureiras, às vezes até maridos e esposas! Era possível até mesmo fazer coisas espantosas *consigo mesmo*, como Alma havia aprendido na saleta de encadernação. Com ou sem uma fina camada de óleo de noz.

Será que outras pessoas faziam isso? Não apenas os atos ginásticos da penetração, mas essa esfregação íntima? Anônimo escreveu que muitas pessoas faziam — até damas de sangue azul, segundo seu relato e experiência. E quanto a Prudence? Ela o fazia? Já teria vivenciado as pétalas esponjosas, o vórtice do fogo agitado, a explosão de fosforescência? Era impossível imaginar; Prudence nem sequer transpirava. Se já era difícil ler suas expressões faciais, era ainda mais complicado supor o que se escondia debaixo de suas roupas ou nos recônditos de sua mente.

E Arthur Dixon, o preceptor? Haveria algo mais à espreita em sua mente além do tédio acadêmico? Haveria alguma coisa enterrada em seu corpo, afora os espasmos e a eterna tosse seca? Fitou Arthur, procurando um sinal de vida sensual, mas sua figura, seu rosto, nada revelava. Não conseguia imaginá-lo em um estremecimento de êxtase como aquele que ela acabara de experimentar no quartinho de encadernação. Mal conseguia imaginá-lo se reclinando, e obviamente não era capaz de imaginá-lo despido. Dava todos os indícios de que era um homem que já tinha nascido sentado, trajando um colete ajustado e calções de lã, segurando um livro grosso e suspirando de infelicidade. Se tinha desejos, onde e quando os aliviava?

Alma sentiu uma mão fria no braço. Era a da mãe.

“Qual é a sua opinião, Alma, sobre o tratado do professor Peck?”

Beatrix sabia que Alma não prestara atenção. Como é que ela sabia? O que mais ela sabia? Alma se recompôs rapidamente, lançou sua mente de volta ao início do jantar, tentou recuperar as poucas ideias que tinha de fato escutado. Atipicamente, não lhe ocorreu nada. Pigarreou e disse: “Preferiria ler o livro do professor Peck na íntegra antes de emitir um juízo.”

Beatrix lançou um olhar cortante à filha: surpreso, crítico e indiferente.

O professor Peck, contudo, tomou o comentário de Alma como um convite a falar mais — na verdade, a *recitar* grande parte do primeiro capítulo de sua obra, de cor, em benefício das damas à mesa. Henry Whittaker normalmente não permitiria tal ato de completo tédio em sua sala de jantar, mas Alma via por seu semblante que o pai estava exausto e aborrecido, provavelmente à beira de um de seus surtos. O mal-estar iminente era a única coisa que silenciava o pai daquele jeito. Se Alma conhecia Henry, e ela o conhecia bem, ele passaria o dia seguinte inteiro na cama, e possivelmente toda a semana seguinte. Por ora, entretanto, Henry aguentava a monótona declamação do professor Peck se servindo de uma boa dose de clarete atrás da outra, e fechando os olhos por longos períodos.

Enquanto isso, Alma estudava George Hawkes, o editor de botânica. Será que ele fazia aquilo? Será que se esfregava até ter uma crise de prazer? Anônimo escreveu que os homens praticavam o onanismo numa frequência ainda maior que as mulheres. Um rapaz com saúde e vigor, ao que constava, podia se levar à ejaculação algumas vezes por dia. Ninguém descreveria George Hawkes exatamente como um rapaz cheio de vigor, mas era um jovem de corpo robusto, pesado, propenso à transpiração — um corpo que parecia ser cheio de *algo*. Teria George realizado aquele ato recentemente, talvez até naquele mesmo dia? O que o membro de George Hawkes estaria fazendo naquele exato instante? Descansando em langor? Ou tendendo ao desejo?

De repente, a coisa mais espantosa que se possa imaginar aconteceu.

Prudence Whittaker *falou*.

“Perdão, senhor”, disse Prudence, dirigindo as palavras e o olhar sereno ao professor Peck, “se estou entendendo corretamente, me parece que o senhor identificou as diversas texturas de cabelo humano como prova de que negros, indígenas, orientais e brancos são membros de espécies diferentes. Mas acho inevitável não questionar sua suposição. Nesta propriedade mesmo, senhor, criamos várias espécies de ovelhas. Talvez o senhor tenha notado ao chegar aqui de carruagem esta noite. Algumas de nossas ovelhas têm pelos sedosos, algumas têm pelos grossos e outras têm cachos de lã espessa. Com certeza, o senhor não duvida do fato de que — apesar das diferenças de pelugem — todas elas são ovelhas. E se o senhor me desculpa, creio que todas essas variedades de ovelha também podem cruzar umas com as outras com êxito. Não ocorre a mesma

coisa com o homem? Não podemos, então, argumentar que negros, indígenas, orientais e brancos também são da mesma espécie”?

Todos os olhos se voltaram para Prudence. Alma teve a sensação de que era despertada abruptamente por um esguicho de água gelada. Os olhos de Henry se abriram. Ele pôs os óculos na mesa e se aprumou na cadeira, a atenção totalmente estimulada. Teria sido necessário um olhar mais perspicaz para notar, mas Beatrix também se endireitou na cadeira, como se tomasse a posição de alerta. Arthur Dixon, o preceptor, arregalou os olhos para Prudence devido ao susto e imediatamente se pôs a percorrer o ambiente com os olhos com ansiedade, como se pudesse levar a culpa pelo ataque. Havia muito a admirar ali, de fato. Era o maior discurso que Prudence já havia feito à mesa de jantar — ou em *qualquer* lugar.

Infelizmente, Alma não tinha acompanhado o debate até aquele ponto, portanto não tinha certeza se a declaração de Prudence era correta ou relevante, porém, meu Deus, a menina falou! Estavam todos perplexos, ao que parecia, menos a própria Prudence, que fitava o professor Peck com a habitual beleza fria, imperturbável, olhos azuis grandes e cristalinos, aguardando a resposta. Era como se tivesse desafiado princetonianos célebres todos os dias de sua vida.

“Não podemos comparar seres humanos a ovelhas, mocinha”, o professor Peck corrigiu. “Simplesmente porque duas criaturas são capazes de procriar... bem, se o seu pai me permitir mencionar esse assunto diante das damas?” Henry, agora bem atento, fez um gesto soberano de aprovação. “O simples fato de que duas criaturas possam procriar não significa que sejam membros da mesma espécie. Cavalos podem cruzar com asnos, como talvez seja de seu conhecimento. Além de canários com tentilhões, galos com perdizes e bodes com ovelhas. Isso não os torna biologicamente equivalentes. Ademais, é de conhecimento geral que os piolhos e vermes intestinais atraídos pelos negros são diferentes dos atraídos por brancos, o que prova, de forma incontroversa, a diferenciação das espécies.”

Prudence fez um educado gesto afirmativo para o convidado. “Erro meu, senhor”, disse ela. “Por favor, prossiga.”

Alma continuava emudecida e confusa. Por que todo esse papo sobre procriação? Justamente nesta noite?

“Enquanto a *diferenciação* entre as raças é visível até para uma criança”, o professor Peck continuou, “a *superioridade* do branco fica clara para qualquer um que tenha a mínima instrução acerca da história e origem humana. Como teutões e cristãos, honramos a virtude, a saúde plena, a frugalidade e a moralidade. Guiamos nossas paixões. Por conseguinte, lideramos. As outras raças, recuando ante a civilização, jamais poderiam ter inventado avanços tais como a moeda, o alfabeto e a manufatura. Mas nenhuma é tão impotente quanto a raça negra. O negro demonstra um superdesenvolvimento do lado emocional, o

que causa sua infame ausência de autocontrole. Vemos esse superdesenvolvimento da sensualidade se manifestar na estrutura facial. Há no todo um excesso de olhos, lábios, nariz e orelhas — o que significa que é inevitável para o negro ser estimulado demais por seus sentidos. Portanto, ele é capaz da afeição mais fervorosa, mas também da violência mais soturna. Além do mais, o negro não pode enrubescer, e por isso não é capaz de se envergonhar”.

À mera menção de enrubescimento e de vergonha, Alma enrubescceu de vergonha. Não tinha domínio nenhum sobre seus sentidos naquela noite. George Hawkes lhe sorriu de novo, mais uma vez com cordial solidariedade, o que a fez enrubescer ainda mais. Beatrix lançou um olhar de menosprezo tão devastador para Alma que por um instante ela temeu estar prestes a levar um tapa. Alma quase desejava *levar mesmo* um tapa, ao menos para clarear os pensamentos.

Prudence — surpreendentemente — se pronunciou de novo.

“Pergunto-me”, ela propôs, num tom de voz tranquilo e equilibrado, “se o negro mais sábio não seria superior em termos de inteligência ao branco mais tolo? Pergunto, professor Peck, apenas porque no ano passado nosso preceptor, o senhor Dixon, nos falou de um festival no qual estive uma vez, onde encontrou um ex-escravo chamado sr. Fuller, de Maryland, que era famoso pela rapidez nos cálculos. Segundo o sr. Dixon, se o senhor dissesse para esse negro exatamente a data e o horário de nascimento, ele calculava instantaneamente há quantos *segundos* o senhor estava vivo, computando até os anos bissextos. É evidente que se trata de um caso impressionante”.

Arthur Dixon parecia estar prestes a desmaiar.

O professor, agora sem esconder a irritação, retrucou: “Mocinha, já vi mulas de festival capazes de aprender a contar.”

“Assim como eu”, Prudence respondeu, de novo no mesmo tom apático, sereno. “Mas ainda não encontrei uma mula de festival, senhor, capaz de calcular anos bissextos.”

O professor Peck se agitou levemente com esse comentário ousado, mas a seguir fez um curto gesto afirmativo e professeguiu. “Pois bem, então. Para responder à sua pergunta, há indivíduos idiotas e até indivíduos sábios em todas as espécies. A norma, contudo, não é nem um caso nem o outro. Há anos que colete e meço crânios de brancos e de negros, e minha pesquisa até agora conclui sem dúvida nenhuma que o crânio dos brancos, quando enchido de água, retém uma média de cento e treze gramas a mais do que o crânio dos negros — o que prova sua maior faculdade intelectual.”

“Pergunto-me”, Prudence disse com doçura, “o que teria acontecido caso o senhor tivesse tentado derramar conhecimento no crânio de um negro vivo, em vez de água no crânio de um morto?”.

A mesa caiu num silêncio severo. George Hawkes ainda não tinha falado

naquela noite e estava claro que não começaria agora. Arthur Dixon fazia uma imitação perfeita de um cadáver. O rosto do professor Peck havia adquirido um nítido tom purpúreo. Prudence, que, como sempre, parecia ser de porcelana e inatacável, aguardava uma resposta. Henry fitava a filha adotiva com um princípio de espanto, mas por algum motivo escolhia não se pronunciar — talvez se sentisse indisposto demais para se envolver diretamente, ou talvez estivesse simplesmente curioso para ver o rumo que aquela conversa bastante inesperada tomaria em seguida. Alma, outrossim, não dava nenhuma contribuição. Francamente, Alma não tinha nada *para* acrescentar. Nunca tinha se visto com tão pouco a dizer, e Prudence nunca tinha sido tão loquaz. Portanto recaía sobre Beatrix a responsabilidade de pôr as palavras de volta na mesa de jantar, e ela o fez com o típico senso valente de dever holandês.

“Ficaria fascinada, professor Peck”, declarou Beatrix, “de ver a pesquisa que o senhor mencionou mais cedo, sobre a diferença de tipos de piolho e parasitas intestinais entre o negro e o homem branco. Estaria o senhor de posse de tal documentação? Gostaria de examiná-la. A biologia de nível parasitário é a que mais me instiga”.

“Não carrego a documentação comigo, madame”, disse o professor, recuperando aos poucos a dignidade. “Nem preciso dela. A documentação neste caso é desnecessária. A diferenciação de piolhos e parasitas intestinais entre negros e homens brancos é um fato notório.”

É quase impossível acreditar, mas Prudence falou *de novo*.

“Que pena”, murmurou, fria como mármore. “Perdoe-nos, senhor, mas nesta casa não temos permissão para nos apoiarmos na conjectura de que algum fato seja tão notório a ponto de podermos nos esquivar da necessidade de documentos corretos.”

Henry — indisposto e exausto como estava — caiu na gargalhada.

“E *isso*, senhor”, ele vociferou contra o professor, “é um fato notório!”.

Beatrix, como se nada estivesse acontecendo, voltou sua atenção para o mordomo e pediu: “Parece que agora estamos prontos para o pudim.”

Os convidados iriam pernoitar em White Acre, mas o professor Peck, desconcertado e irritado, optou por tomar a carruagem de volta à cidade, anunciando que preferia se hospedar em um hotel do centro e começar o árduo trajeto até Princeton ao amanhecer do dia seguinte. Ninguém se entristeceu ao vê-lo partir. George Hawkes pediu para dividir a carruagem até o centro da Filadélfia com o professor Peck, e o acadêmico concordou com rispidez. Mas, antes de ir embora, George perguntou se poderia ficar a sós com Alma e Prudence por um instante. Mal tinha dito uma palavra naquela noite, mas agora queria dizer algo — e queria, ao que parecia, dizê-lo às duas meninas. Portanto, os três — Alma, Prudence e George — foram juntos à sala de estar enquanto os

outros perambulavam no átrio, pegando sobretudos e embrulhos.

George dirigiu seus comentários a Alma, depois de receber uma anuência quase imperceptível de Prudence.

“Srta. Whittaker”, ele iniciou, “sua irmã me contou que a senhorita escreveu, com o mero intuito de satisfazer a própria curiosidade, um artigo muito interessante sobre a planta *Monotropa*. Se não estiver cansada demais, será que poderia dividir comigo os resultados essenciais?”.

Alma ficou perplexa. Era um pedido estranho, e numa hora tão estranha do dia. “Com certeza o senhor está cansado demais para conversar sobre meus passatempos botânicos a esta hora”, ela concedeu.

“De modo nenhum, srta. Whittaker”, disse George. “Eu adoraria. No mínimo, me ajudaria a relaxar.”

Diante de tal comentário, Alma também se descobriu mais relaxada. Enfim, um tema simples! Enfim, botânica!

“Bem, sr. Hawkes”, ela disse, “como sem dúvida já é de seu conhecimento, *Monotropa hypopitys* cresce somente à sombra, e é de uma brancura doentia — a cor é quase fantasmagórica. Naturalistas precedentes sempre presumiram que a falta de pigmento da *Monotropa* se deve à ausência de luz solar em seu ambiente, mas esta teoria não faz sentido para mim, já que alguns de nossos tons de verde mais vívidos também são encontrados à sombra, em plantas como samambaias e musgos. Minhas investigações também mostram que a *Monotropa* tem igual propensão a se *esquivar* e a *procurar* o sol, o que me levou a questionar se realmente não se alimenta dos raios de sol, mas sim de outra fonte. Cheguei à conclusão de que a *Monotropa* obtém seus nutrientes das plantas nas quais crescem. Em outras palavras, creio que seja uma parasita”.

“O que nos leva a um assunto de que tratamos no começo desta noite”, disse George, com um sorrisinho.

Meu Deus, George Hawkes estava fazendo um gracejo! Alma não sabia que George era capaz de fazer gracejos, mas, ao perceber a piada, riu com alegria. Prudence não riu, apenas ficou sentada observando os dois, bela e distante como um retrato.

“Sim, exatamente!”, respondeu Alma, ganhando mais impulso. “Mas ao contrário do professor Peck e de seus piolhos, posso apresentar a documentação. Vi pelo microscópio que o caule da *Monotropa* é desprovido daqueles poros cuticulares através dos quais o ar e a água geralmente são absorvidos em outras plantas, e também não parece haver mecanismo para que sugue a umidade do solo. Acredito que a *Monotropa* obtenha alimento e umidade do pai adotivo. Acredito que a cadavérica falta de cor derive do fato de que ela se nutre de alimento já digerido, por assim dizer, pelo hospedeiro.”

“Que especulação extraordinária”, declarou George Hawkes.

“Bem, a esta altura não passa de mera especulação. Talvez um dia a química

seja capaz de provar o que o meu microscópio, no momento, apenas sugere.”

“Se a senhorita não se importar de me mostrar o artigo esta semana”, disse George, “gostaria de considerar sua publicação”.

Alma ficou tão maravilhada com o convite inesperado (e tão aturdida com os acontecimentos estranhos daquele dia, e tão animada porque falava com um homem feito sobre quem acabara de nutrir pensamentos sensuais) que nem parou para pensar no aspecto mais esquisito daquela conversa toda — a saber, o papel da irmã, Prudence. Por que Prudence sequer presenciava aquela discussão? Por que, para início de conversa, Prudence fizera um gesto afirmativo com a cabeça para que George Hawkes começasse a falar? E quando — em que momento indeterminado anterior àquele — Prudence tivera a oportunidade de conversar com George Hawkes sobre os projetos de pesquisa botânica particulares de Alma? Quando Prudence havia sequer *notado* os projetos de pesquisa botânica particulares de Alma?

Em qualquer outra noite, essas questões poderiam ter povoado a cabeça de Alma e instigado sua curiosidade, mas naquela noite ela não lhes deu atenção. Naquela noite — no fim daquele que havia sido o dia mais esquisito e confuso de sua vida — a cabeça de Alma rodava e mergulhava em tantos outros pensamentos que ela deixou esse escapar. Perplexa, cansada e um pouco zomba, deu boa-noite a George Hawkes e depois ficou sentada na sala de estar com a irmã, esperando Beatrix aparecer e discutir com as duas.

Ao pensar em Beatrix, a euforia de Alma diminuiu. A avaliação feita por Beatrix todas as noites quanto às deficiências das filhas nunca era um deleite, mas naquela noite Alma temia o sermão mais do que o de hábito. A conduta de Alma naquele dia (a descoberta do livro, os pensamentos excitantes, a paixão solitária no quartinho de encadernação) lhe dava a sensação de que visivelmente emanava culpa. Tinha medo de que Beatrix percebesse de alguma forma. Ademais, a conversa à mesa de jantar havia sido catastrófica: Alma aparentara uma burrice ostensiva, enquanto Prudence, num comportamento sem precedentes, chegara às raias da grosseria. Beatrix não ficaria satisfeita com nenhuma das duas.

Alma e Prudence aguardaram a mãe na sala de estar, mudas como freiras. As duas meninas sempre emudeciam quando estavam a sós. Nunca tinham conversado à vontade. Nunca tinham tagarelado. Jamais o fariam. Prudence estava sentada com as mãos no colo, Alma mexia na costura de um lenço. Alma olhou para Prudence, buscando algo que não saberia nomear. Companheirismo, talvez. Ternura. Alguma espécie de afinidade. Talvez uma alusão a qualquer dos acontecimentos da noite. Mas Prudence — brilhando com a força de sempre com sua beleza incisiva, extrassolar — não convidava à intimidade. Apesar disso, Alma resolveu tentar.

“Essas ideias que você expressou esta noite, Prudence”, Alma indagou. “De

onde foi que você as tirou?”

“Do sr. Dixon, de modo geral. A condição e o drama da raça africana é um dos assuntos prediletos de nosso bom preceptor.”

“É? Nunca o ouvi mencionar tal coisa.”

“No entanto, o assunto o sensibiliza muito”, Prudence afirmou, sem alterar sua expressão.

“É sério? Ele é abolicionista, então?”

“Ele é.”

“Céus”, exclamou Alma, admirada com a noção de que Arthur Dixon fosse sensível a *qualquer coisa*. “Melhor que mamãe e papai não saibam disso!”

“Mamãe sabe”, respondeu Prudence.

“Ela sabe? E o papai?”

Prudence não respondeu. Alma tinha mais perguntas — muitas delas —, mas Prudence não parecia disposta a continuar a discussão. De novo, o ambiente caiu no silêncio. E de repente Alma saltou sobre o silêncio, permitindo que uma pergunta desvairada e indômita irrompesse dos lábios.

“Prudence”, chamou ela. “O que você acha do sr. George Hawkes?”

“Acho que ele é um cavalheiro decente.”

“E eu acho que estou loucamente apaixonada por ele!”, exclamou Alma, surpreendendo até a si mesma com essa confissão absurda, inesperada.

Antes que Prudence pudesse reagir — se é que reagiria, aliás —, Beatrix entrou na sala de estar e olhou para as duas filhas sentadas no divã. Beatrix passou um bom tempo calada. Contemplava as filhas com um olhar severo, inexorável, examinando primeiro uma, depois a outra. Esse ato era mais apavorante para Alma do que qualquer sermão, pois o silêncio continha possibilidades infinitas, oniscientes, horripilantes. Beatrix poderia estar a par de qualquer coisa, poderia saber de *tudo*. Alma puxou uma ponta do lenço, desfiando-o. O semblante e a postura de Prudence não se alteraram.

“Estou cansada esta noite”, declarou Beatrix, quebrando enfim aquele silêncio terrível. Ela olhou para Alma e disse: “Não sinto vontade esta noite, Alma, de falar das suas deficiências. Só serviria para me tirar ainda mais o ânimo. Vou dizer apenas que, se eu vir você distraída e abobalhada à mesa de jantar outra vez, pedirei para fazer as refeições em outro lugar.”

“Mas mãe...”, começou Alma.

“Não se explique, filha. É uma fraqueza.”

Beatrix se virou como se fosse sair do aposento, mas deu meia-volta e dirigiu o olhar a Prudence, como se acabasse de se lembrar de alguma coisa.

“Prudence”, ela disse. “Belo desempenho esta noite.”

Era totalmente fora do comum. Beatrix nunca fazia elogios. Mas havia alguma coisa naquele dia que *não* tivesse sido fora do comum? Alma, estupefata, se virou para Prudence mais uma vez, de novo em busca de algo. Identificação?

Comiseração? O sentimento compartilhado de perplexidade? Mas Prudence não revelava nada e não retribuía o olhar de Alma, portanto ela desistiu. Levantou-se do divã e seguiu para a escada, depois a cama. Aos pés da escada, contudo, se voltou para Prudence e se surpreendeu consigo mesma outra vez.

“Boa noite, irmã”, disse Alma. Nunca tinha usado aquele termo antes.

“Para você também”, foi a única resposta de Prudence.

Capítulo oito

Entre o inverno de 1816 e o outono de 1820, Alma Whittaker escreveu mais de três dúzias de artigos para George Hawkes, todos eles publicados no periódico mensal *Botanica Americana*. Os artigos dela não eram inovadores, mas suas ideias eram brilhantes, as ilustrações livres de erros e os estudos rigorosos e corretos. Se o trabalho de Alma não chegava a inflamar o mundo, certamente inflamava Alma, e seus esforços eram mais do que suficientes para as páginas de *Botanica Americana*.

Alma escreveu análises aprofundadas sobre loureiro, mimosa e verbena. Escreveu sobre uvas e camélias, sobre o fungo *Cyttaria gunnii*, sobre os cuidados com figueiras. Publicava sob o nome “A. Whittaker”. Nem ela nem George Hawkes acreditavam que seria muito benéfico para Alma se declarar mulher no papel. No mundo científico da época, ainda vigorava a rígida divisão entre “botânica” (o estudo de plantas pelos homens) e “botânica decorosa” (o estudo de plantas pelas mulheres). Bem, a “botânica decorosa” era muitas vezes indistinguível da “botânica” — só que um campo era visto com respeito e o outro não —, mas, ainda assim, Alma não queria ser desdenhada como uma simples botânica decorosa.

É óbvio que o sobrenome Whittaker era famoso no universo das plantas e da ciência, portanto muitos botânicos sabiam exatamente quem era “A. Whittaker”. Mas não todo mundo. Em consequência de seus artigos, então, Alma às vezes recebia correspondências de botânicos do mundo inteiro, enviadas aos cuidados da gráfica de George Hawkes. Algumas delas começavam com “Meu caro senhor”. Outras eram dirigidas ao “Sr. A. Whittaker”. Houve até uma missiva assaz inesquecível endereçada ao “Dr. A. Whittaker”. (Alma guardou a carta por muito tempo, encantada com o honorífico inesperado.)

Já que George e Alma dividiam pesquisas um com o outro e editavam artigos juntos, ele se tornou uma visita ainda mais constante em White Acre. Felizmente, sua timidez amainou com o tempo. Agora se pronunciava bastante à mesa de jantar, e às vezes tentava até fazer comentários espirituosos.

Quanto a Prudence, ela não tornou a falar à mesa. Sua explosão acerca dos negros na noite em que o professor Peck os visitara devia ter sido um acesso de febre passageiro, já que nunca mais repetiu o desempenho nem voltou a desafiar um convidado. Henry não parava de caçoar Prudence por seus pontos de vista

desde aquela noite, chamando-a de “nossa guerreira adoradora de escuros”, mas ela se recusava a falar de novo do assunto. Preferiu retomar seu estilo frio, distante, misterioso, tratando todos e tudo com a mesma cortesia indiferente e indecifrável de sempre.

As meninas cresceram. Quando completaram dezoito anos, Beatrix enfim suspendeu as aulas, anunciando que a educação delas estava concluída e mandando embora o pobre e enfadonho Arthur Dixon, que assumiu o cargo de monitor de línguas clássicas na Universidade da Pensilvânia. Por conseguinte, parecia que as meninas não eram mais consideradas crianças. Qualquer outra mulher que não Beatrix Whittaker veria esse momento como a hora de se dedicar a procurar marido. Qualquer outra mãe teria apresentado Alma e Prudence à sociedade de forma ambiciosa, incentivando as meninas ao flerte, à dança e à corte. Seria uma ótima época para encomendar vestidos novos, providenciar novos cortes de cabelo, solicitar novos retratos. Essas atividades, no entanto, aparentemente nem passavam pela cabeça de Beatrix.

A bem da verdade, Beatrix nunca fez nenhum favor a Alma e Prudence no tocante à possibilidade de casá-las. Certas pessoas da Filadélfia murmuravam que os Whittaker haviam deixado as filhas totalmente inaptas ao casamento, com toda aquela educação e isolamento das famílias mais nobres. Nenhuma delas tinha amigos. Só haviam jantado com homens adultos das ciências e do comércio, portanto suas mentes eram claramente informes. Não tinham a mínima instrução de como falar da maneira certa com um jovem pretendente. Alma era o tipo de garota que, quando um jovem visitante admirava as vitórias-régias em um dos lindos lagunhos de White Acre, respondia: “Não, o senhor está enganado. Não são vitórias-régias. São lótus. A vitória-régia boia na superfície da água e o lótus paira um pouco acima dela, entende? Depois que aprender a diferença, o senhor nunca mais vai cometer esse engano.”

A esta altura, Alma já tinha a estatura de um homem, com ombros largos. Parecia capaz de manusear um machado. (De fato, *era* capaz de lidar com um machado, e tinha de fazê-lo com frequência no trabalho de campo com a botânica.) Isso não necessariamente a impediria de se casar. Certos homens gostavam de mulheres maiores, com potencial para compleição mais forte, e Alma, seria possível dizer, tinha um perfil bonito — pelo menos o da esquerda. Sem dúvida era de índole agradável, simpática. Todavia, lhe faltava algum ingrediente invisível, essencial, e sendo assim, apesar de todo o erotismo pleno que se escondia em seu corpo, sua presença em um ambiente não provocava ideias de ardor em homem nenhum.

Não contribuía o fato de que a própria Alma se acreditava repulsiva. Acreditava apenas porque haviam lhe dito isso repetidas vezes, e de muitas formas diferentes. Nos últimos tempos, a notícia de sua feiura viera direto do pai, que — após tomar uma bela dose de rum numa noite — dissera a ela,

basicamente do nada: “Deixe isso para lá, minha menina!”

“Deixar o quê para lá, pai?”, Alma indagou, desviando os olhos da carta que escrevia em nome dele.

“Não desanime por isso, Alma. Ter um rosto agradável não é tudo na vida. Há muitas mulheres que não são belas e são amadas. Pense na sua mãe. Ela jamais foi uma beldade, mas arrumou marido, não foi? Pense na sra. Cavendesh, que mora perto da ponte! A mulher é tão feia que assusta, mas o marido a considera tão aceitável que fez sete filhos com ela. Então você vai acabar arrumando alguém, Ameixa, e eu acho que a sorte vai ser dele de encontrar você.”

E pensar que tudo isso foi dito a título de *consolação*!

Quanto a Prudence, ela era uma beldade amplamente reconhecida — provavelmente a maior beldade da Filadélfia —, mas a cidade inteira era da opinião de que ela era fria e inconquistável. Prudence causava inveja nas mulheres, mas não estava claro se causava paixão nos homens. O jeito de Prudence causava neles a impressão de que era melhor nem se darem ao trabalho, e, portanto, sabiamente, eles não se davam. Eles fitavam, pois era impossível não fitar Prudence Whittaker, mas não se aproximavam.

Seria de esperar que as meninas Whittaker atraíssem caçadores de fortunas. É verdade que inúmeros rapazes cobiçavam o dinheiro da família, mas a possibilidade de ser genro de Henry Whittaker parecia tão perturbadora que não valeria a pena, e ninguém acreditava de fato que Henry se desfaria da fortuna um dia, de qualquer modo. De uma forma ou de outra, nem mesmo a perspectiva de riqueza levava pretendentes a chegarem perto de White Acre.

Claro que sempre havia homens na propriedade — mas eles iam procurar Henry, não as filhas. A qualquer hora do dia, era possível encontrar homens no átrio de White Acre, na esperança de conseguir uma reunião com Henry Whittaker. Eram homens de todos os estilos: desesperados, sonhadores, zangados, mentirosos. Eram homens que apareciam na casa carregando mostruários, invenções, desenhos, projetos ou processos judiciais. Surgiam oferecendo cotas de ações, ou pedidos de empréstimo, ou o protótipo de uma nova bomba a vácuo, ou a certeza de uma cura para icterícia, se ao menos Henry investisse em suas pesquisas. Mas não iam a White Acre pelos prazeres do cortejo.

George Hawkes, entretanto, era diferente. Nunca quis nada material de Henry, mas ia a White Acre somente para conversar com ele e apreciar as benesses das estufas. Henry gostava da companhia dele, pois George havia publicado suas últimas descobertas científicas nos periódicos que editava e sabia de tudo o que acontecia no universo da botânica. George certamente não se portava como pretendente — não era galanteador nem brincalhão —, mas era *atento* às meninas Whittaker, e gentil com elas. Era sempre solícito com Prudence. Quanto a Alma, se relacionava com ela como se fosse uma respeitada colega da botânica. Alma prezava o olhar amável de George, mas queria mais. O discurso

acadêmico, ela sentia, não era a maneira de um rapaz falar com a garota que amava. Era uma grande lástima, pois Alma de fato amava George Hawkes de todo coração.

Ele era uma opção estranha como objeto de amor. Ninguém seria capaz de acusar George de ser um homem lindo, mas, aos olhos de Alma, ele era exemplar. Por alguma razão, sentia que formavam um bom par, talvez até um par óbvio. Não havia dúvida de que George era robusto demais, pálido, esquisito e desajeitado — mas Alma também era assim. Ele sempre se vestia de modo atrapalhado, mas Alma também não era elegante. Os coletes de George eram sempre justos demais e as calças largas demais, mas se Alma fosse homem, com toda certeza se vestiria desse jeito, pois sempre tinha se deparado com esse mesmo tipo de confusão ao tentar decidir como combinar seus trajes. George tinha uma testa exagerada e o queixo era insuficiente, mas era dotado de uma massa densa e úmida de cabelo preto, que Alma nutria grande desejo de tocar.

Alma não sabia agir como coquete. Não tinha a mínima noção de como cortejar George, a não ser lhe escrevendo artigo após artigo sobre temas botânicos cada vez mais obscuros. Houvera apenas um momento entre George e Alma que poderia ser interpretado sensatamente como terno. Em abril de 1818, Alma presenteara George Hawkes com uma bela visão através de seu microscópio do *Carchesium polypinum* (perfeitamente iluminado e vivo, dançando com alegria em uma poça de água do lago, com seus cálices rotativos, cílios ondulantes e galhos floridos e franjados). George tinha segurado sua mão esquerda, apertando-a num gesto espontâneo entre suas palmas grandes e úmidas, e dito: “Que estelar, srta. Whittaker! Que microscopista brilhante a senhorita se tornou!”

Aquele toque, aquela pressão na mão, aquele elogio, fizeram o coração de Alma pulsar sem parar. Também a levava a correr para o quartinho de encadernação, para se saciar mais uma vez com as próprias mãos.

Ah, sim — para o quartinho de encadernação de novo!

O quartinho de encadernação havia se transformado, desde o outono de 1816, num lugar que Alma visitava todos os dias — aliás, não raro várias vezes por dia, com pausas apenas durante as menstruações. Alguém poderia se perguntar quando ela achava tempo para tal atividade, com todos os seus estudos e responsabilidades, mas, em poucas palavras, não havia a possibilidade de *não* fazê-lo. O corpo de Alma — alto e másculo, abrutalhado e sardento, de ossatura larga, articulações ásperas, quadril quadrado e peito compacto — havia se tornado, ao longo dos anos, um órgão improvável de desejo sexual, e ela estava sempre supercongestionada de necessidade.

A essa altura já tinha lido *Cum Grano Salis* tantas vezes que o livro estava gravado na memória, e havia passado a outros materiais de leitura mais audaciosos. Toda vez que o pai comprava a biblioteca dos outros, Alma prestava

muita atenção ao separar os livros, sempre em busca de algo perigoso, algo com uma capa capciosa, algo ilícito escondido em meio a tomos mais inócuos. Foi assim que descobriu Safo e Diderot, além de umas traduções bem inquietantes de guias de prazer japoneses. Encontrara um livro francês sobre doze aventuras sexuais, divididas por mês, intitulado *L'Année galante*, que falava de concubinas perversas e padres lascivos, de bailarinas decaídas e governantas seduzidas. (Ah, aquelas resignadas governantas seduzidas! Como eram subjugadas e arruinadas pela situação! Apareciam em tantos livros picantes! Por que alguém se tornava governanta, Alma se questionava, se isso apenas levava ao estupro e à escravidão?) Alma leu até o manual de uma secreta “Sociedade Feminina das Chicotadas” de Londres, bem como inúmeras narrativas de orgias romanas e obscenos ritos de iniciação hindus. Todos esses livros, ela separava dos outros e escondia em baús no antigo palheiro da cocheira.

Mas não parava por aí! Ela também examinava periódicos de medicina, onde às vezes encontrava relatórios muito esquisitos e grotescos sobre o corpo humano. Lia com sobriedade teorias repetidas sobre o possível hermafroditismo de Adão e Eva. Lia relatos científicos sobre pelos genitais que cresciam numa abundância tão extraordinária que podiam ser coletados e vendidos como perucas. Lia estatísticas sobre a saúde das prostitutas da região de Boston. Lia testemunhos de marinheiros que alegavam ter acasalado com focas. Lia comparações de tamanhos de pênis em diversas raças e culturas, e em diversas espécies de mamíferos.

Sabia que não devia ler nenhum desses materiais, mas não conseguia evitar. Queria saber tudo o que pudesse. Todas essas leituras enchiam sua cabeça de um autêntico desfile de circo de corpos — despídos e chicoteados, aviltados e humilhados, sequiosos e desmontados (só para serem remontados depois, para sofrerem mais degradação). Havia também adquirido uma fixação pela ideia de pôr coisas na boca — coisas, para ser específico, que uma dama jamais deveria desejar. Partes do corpo dos outros e afins. Acima de tudo, o membro masculino. Desejava o membro na boca ainda mais do que o desejava em sua vulva, pois queria a relação mais íntima possível com aquilo. Gostava de estudar as coisas em minúcias, até mesmo microscopicamente, portanto fazia sentido que almejasse ver e até provar o aspecto mais oculto de um homem — o mais secreto ninho de sua existência. Todos esses pensamentos, junto com a consciência elevada dos próprios lábios e língua, viraram uma obsessão problemática, que se acumulava dentro dela até o ponto de se ver dominada. Só conseguia resolver o problema com as pontas dos dedos, e só podia resolvê-lo no quatinho de encadernação — naquela escuridão segura e isoladora, com todos aqueles aromas familiares de couro e cola ao seu redor e a confiável tranca na porta. Conseguia resolver apenas com uma das mãos entre as pernas e a outra dentro da boca.

Alma sabia que a autoviolação era o apogeu da imoralidade e que poderia até fazer mal à sua saúde. De novo, incapaz de se impedir de descobrir as coisas, ela pesquisou o assunto, e o que ficou sabendo não era animador. Em um periódico de medicina britânico, leu que crianças criadas com alimentação saudável e ar fresco jamais deveriam sentir alguma sensação sexual, por mais leve que fosse, em seus corpos, nem deveriam buscar informações sensuais. Os deleites simples da vida rural, alegava o autor, deveriam ser distração suficiente para que os jovens não fossem dominados pelo desejo de explorar seus genitais. Em outro periódico de medicina, aprendeu que a precocidade sexual podia ser causada porque a criança urinava na cama, por terem batido muito nela na infância, por irritação na área retal causada por vermes ou (e aqui Alma perdeu o fôlego) pelo “desenvolvimento intelectual prematuro”. Devia ser esse o caso, ponderou. Pois se a mente é excessivamente estimulada quando tem pouca idade, é inevitável o surgimento das perversões, e a vítima busca substituições hedonistas para o coito. A princípio, esse era um problema no desenvolvimento dos meninos, ela leu, mas, em raros casos, se manifestava em meninas. Jovens que se satisfaziam com o próprio corpo acabariam virando adultos casados que atormentavam os cônjuges com a ânsia de coito todos os dias da semana, a ponto de levar a família à doença, à decadência e à falência. O hedonismo também destruía a saúde do corpo, causando costas arredondadas e andar claudicante.

O hábito, em outras palavras, não se anunciava como algo bom. Mas a intenção original de Alma não era fazer do autoprazer um hábito. Fazia juras genuínas e seriíssimas de que pararia. Ou era o que fazia *no começo*. Prometia a si mesma que pararia de ler materiais libidinosos. Prometia a si mesma que pararia de se entregar a devaneios sensuais a respeito de George Hawkes e sua massa úmida de cabelos pretos. Nunca mais imaginaria que botava o membro oculto dele em sua boca. Jurou que jamais entraria no quartinho de encadernação outra vez, nem mesmo se um livro precisasse de reparos!

Inevitavelmente, a determinação evaporava. Prometia a si mesma que visitaria o quartinho só mais uma vez. Só mais uma vez, permitiria que sua cabeça fosse preenchida por esses pensamentos excitantes e abomináveis. Só mais uma vez, arrastaria os dedos pela vulva e os lábios, sentindo suas pernas se contraírem e o rosto se aquecer, e o corpo relaxar de repente em uma miscelânea de caos incrível, terrível, irrestrito. Só mais uma vez.

E então, talvez, só uma vez mais.

Logo ficou claro que não tinha como vencer, e por fim a única alternativa que restou a Alma foi admitir em silêncio o próprio comportamento e levá-lo adiante. De que outra maneira poderia liquidar o desejo que se acumulava dentro dela, a cada hora do dia? Ademais, os efeitos dessa autoviolação sobre sua saúde e energia pareciam tão marcadamente distintos das admoestações dos periódicos que por um tempo se perguntou se não estaria fazendo aquilo errado, de modo a

ser por acaso benéfico, em vez de prejudicial? O que mais poderia explicar o fato de que sua atividade secreta não provocava nenhuma das consequências horrendas sobre as quais os periódicos de medicina advertiam? O ato trazia alívio a Alma, não doenças. Dava às bochechas uma cor saudável, em vez de drenar toda a vitalidade de seu semblante. Sim, a compulsão lhe causava uma sensação de vergonha, mas sempre — depois de encerrar o ato — se sentia imersa em um estado de clareza mental vívida e precisa. Saía do quartinho de encadernação e corria direto para a pesquisa, na qual trabalhava com um senso renovado de prioridade, catapultada de volta ao estudo pela lucidez vigorosa, por uma pulsação corporal de entusiasmo proveitoso, eletrizante. Era sempre depois que ela ficava mais sagaz, mais desperta. Era sempre depois que o seu trabalho realmente avançava.

Além do mais, Alma agora tinha onde trabalhar. Tinha um escritório próprio — ou ao menos algo que chamava de escritório. Após tirar da cocheira todos os livros supérfluos do pai, havia tomado para si um dos depósitos de selas espaçosos, abandonados, de andar térreo, e o transformara em um cômodo de refúgio intelectual. Era uma situação agradável. A cocheira de White Acre era uma bela construção de tijolos aparentes, magnificente e tranquila, de pé-direito alto abobadado e janelas largas e abundantes. O escritório de Alma era a parte mais agradável do edifício, abençoado com uma luz pacata oriunda do norte, assoalho de ladrilhos lisos e vista para o imaculado jardim grego da mãe. O aposento cheirava a feno, poeira e cavalos, e era tomado por um amontoado aprazível de livros, peneiras, pratos, panelas, espécimes, correspondências, vasos e latas de doces antigas. Para o aniversário de dezenove anos de Alma, a mãe lhe dera uma *camera lucida*, que lhe permitia ampliar e investigar espécimes botânicos de modo a fazer desenhos científicos mais fiéis. A essa altura também tinha um ótimo conjunto de prismas italianos, que a faziam se sentir um pouco como Newton. Tinha uma escrivaninha maciça e um laboratório amplo e simples para os experimentos. Usava barris antigos como bancos, em vez de cadeiras comuns, já que achava mais fácil se acomodar neles com suas saias. Tinha um par de microscópios alemães maravilhosos, que aprendera a manusear — como reparara George Hawkes! — com a destreza de uma mestra do bordado. De início, os invernos no escritório foram desagradáveis (tão frios que a tinta não fluía), mas logo depois Alma se arrumou com uma fornalhinha Franklin, e com as próprias mãos tapou as rachaduras das paredes com musgo seco, e foi assim que uma hora seu escritório virou o refúgio aconchegante e encantador que qualquer um desejaria, o ano inteiro.

Foi ali na cocheira que Alma ergueu seu herbário, consolidou sua compreensão de taxonomia e assumiu projetos cada vez mais detalhistas. Leu o exemplar antigo de *Gardener's Dictionary* de Philip Miller tantas vezes que o livro adquiriu um aspecto de folhagem velha, desgastada. Lia os artigos mais

recentes da medicina sobre os benefícios de digitális para os pacientes que sofriam de hidropisia e o uso de copaíba para o tratamento de doenças venéreas. Empenhava-se para melhorar suas ilustrações botânicas — que nunca foram exatamente belas, mas eram sempre belamente exatas. Trabalhava com uma diligência incansável, os dedos correndo rápido pelos blocos de papel e os lábios se mexendo como numa oração.

Enquanto o resto de White Acre seguia em frente com as atividades e combates costumeiros, a procura séria por comércio, competição e batalha, esses dois ambientes — o quartinho de encadernação e o escritório da cocheira — se tornavam pontos equivalentes para Alma em relação à privacidade e revelação. Um cômodo era destinado ao corpo; o outro, à mente. Um cômodo era pequeno e sem janela, o outro arejado e bem-iluminado. Um cômodo tinha cheiro de cola velha; o outro, de feno novo. Um cômodo trazia à tona pensamentos secretos; o outro trazia à tona ideias que podiam ser publicadas e compartilhadas. Os dois cômodos existiam em construções separadas, afastadas por gramados e jardins, bifurcadas por uma trilha ampla de cascalho. Ninguém tinha percebido a correlação entre um e outro.

Porém, ambos os cômodos pertenciam somente a Alma Whittaker, e em ambos ela ganhava vida.

Capítulo nove

Alma estava sentada à escrivaninha da cocheira num dia de outono de 1819, lendo o quarto volume da história natural dos invertebrados de Jean-Baptiste Lamarck, quando viu um vulto atravessar o jardim grego da mãe.

Alma estava acostumada aos empregados de White Acre passando para cumprir seus deveres, e em geral havia também um perdiz ou pavão bicando gramado afora, mas aquela criatura não era nem um empregado nem uma ave. Era uma garota miúda, elegante, de cabelos escuros e cerca de dezoito anos, vestida com vistosos trajes rosa de passeio. Enquanto perambulava pelo jardim, a menina balançava despreocupadamente uma sombrinha franjada com enfeites verdes. Era difícil ter certeza, mas a menina parecia falar sozinha. Alma deixou o periódico de lado e observou. A estranha não tinha pressa e, na verdade, acabou achando um banco onde se sentar, e depois — num gesto ainda mais curioso — *se recostar*, deitando-se de costas. Alma assistia, esperando a menina se mexer, mas ela parecia ter adormecido.

Aquilo era muito esquisito. Havia visitas em White Acre naquela semana (um especialista em plantas carnívoras de Yale e um acadêmico enfadonho que tinha escrito um importante tratado sobre ventilação de estufas), mas nenhum deles trouxera filhas. Era nítido que a menina também não era parenta de nenhum dos empregados da propriedade. Nenhum jardineiro teria condições de comprar para a filha uma sombrinha requintada como aquela, e nenhuma filha de trabalhador passearia de forma tão despreocupada pelo estimado jardim grego de Beatrix Whittaker.

Intrigada, Alma abandonou o trabalho e saiu porta afora. Aproximou-se da menina com cuidado, sem querer acordá-la com um susto, mas ao examiná-la mais de perto percebeu que ela não estava cochilando — apenas olhava o céu, a cabeça aconchegada em uma pilha de cachos pretos brilhosos.

“Olá”, cumprimentou Alma, olhando-a de cima.

“Ah, olá!”, respondeu a jovem, nada alarmada pela aparição de Alma. “Eu estava dando graças a Deus por este banco!”

A menina se sentou abruptamente, abriu um largo sorriso e batucou o espaço a seu lado, convidando Alma a se sentar. Alma obedeceu e se sentou, avaliando a companheira de banco enquanto se acomodava. A menina sem dúvida era uma coisinha esquisita. Parecia mais bonita a distância. Era verdade, ela tinha um

lindo porte, uma cabeleira magnífica e um par encantador de covinhas, mas de perto dava para ver que o rosto dela era meio achatado e redondo — semelhante a um prato de jantar — e os olhos verdes eram muito grandes e expressivos. Piscava sem parar. A soma disso tudo a fazia parecer nova demais, não muito inteligente e um pouquinho desvairada.

A menina virou o rostinho abobalhado para Alma e indagou: “Agora me diga uma coisa, você ouviu sinos repicarem ontem à noite?”

Alma pensou na pergunta. De fato, *tinha* ouvido sinos repicarem na noite anterior. Ocorrera um incêndio em Fairmont Hill e os sinos soaram o alarme para a cidade inteira.

“Ouvi sim”, declarou Alma.

A menina assentiu com satisfação, bateu palma e disse: “Eu *sabia!*”

“Você sabia que eu ouvi os sinos repicarem ontem à noite?”

“Eu sabia que os sinos eram *de verdade!*”

“Não tenho certeza se já nos conhecemos”, Alma disse em tom cauteloso.

“Ah, mas não nos conhecemos! Meu nome é Retta Snow. Vim andando até aqui!”

“Veio? Posso lhe perguntar de onde?”

Seria quase de esperar que a menina dissesse: “Das páginas de um livro de contos de fada!” Mas ela disse: “De lá”, e apontou para o sul. Alma, num piscar de olhos, entendeu tudo. Uma nova casa estava em construção à margem do rio, a meros três quilômetros de White Acre. O dono era um abastado comerciante têxtil de Maryland. A menina devia ser filha do comerciante.

“Estava torcendo para que houvesse uma menina da minha idade vivendo por aqui”, disse Retta. “Quantos anos você tem, se me permite a indiscrição?”

“Tenho dezenove”, disse Alma, embora se sentisse bem mais velha, principalmente em comparação com aquela criancinha.

“Excepcional!” Retta bateu palmas de novo. “Tenho dezoito, então a diferença não é muito grande, certo? Agora você tem que me dizer uma coisa, e rogo que seja sincera. Qual é a sua opinião sobre o meu vestido?”

“Bem...”, Alma não sabia nada a respeito de vestidos.

“Concordo!”, exclamou Retta. “Realmente não é meu melhor vestido, não é? Se você visse os outros, concordaria mais ainda, porque tenho uns vestidos colossais. Mas você também não o acha totalmente detestável, ou acha?”

“Bem...”, de novo Alma lutava para encontrar uma resposta.

Retta lhe poupou da réplica. “Você está sendo uma doçura comigo! Você não quer ferir meus sentimentos! Já considero você minha amiga! Além disso, você tem um queixo muito bonito e reconfortante. Faz com que a pessoa queira confiar em você.”

Retta passou o braço em torno da cintura de Alma e deitou a cabeça em seu ombro, se aconchegando com ternura. Não existia motivo nenhum no mundo

para que Alma aceitasse aquele gesto. Quem quer que fosse Retta Snow, estava claro que se tratava de uma pessoa ridícula, uma baciazinha de tolice e distração. Alma tinha trabalho a fazer e a menina era uma interrupção.

Mas nunca ninguém tinha chamado Alma de amiga.

Ninguém nunca tinha perguntado a Alma o que ela achava de um vestido.

Ninguém nunca tinha admirado seu queixo.

Passaram um tempo sentadas no banco nesse abraço terno e surpreendente. Então Retta se afastou, olhou para Alma e sorriu — pueril, crédula, cativante.

“O que nós vamos fazer agora?”, ela perguntou. “E qual é o seu nome?”

Alma riu e se apresentou, e confessou que não sabia muito bem o que fazer a seguir.

“Tem outras meninas?”, Retta perguntou.

“Tem a minha irmã.”

“Você tem uma irmã! Que sortuda! Vamos atrás dela.”

Partiram juntas, vagando pelo terreno até achar Prudence fazendo um de seus jardins de rosas diante do cavalete.

“Você deve ser a irmã!”, exclamou Retta, correndo em direção a Prudence como se tivesse ganhado um prêmio, e ele fosse Prudence.

Prudence — apumada e correta como sempre — deixou o cavalete de lado e educadamente estendeu a mão para cumprimentar Retta. Depois de balançar o braço de Prudence com entusiasmo excessivo, Retta a examinou por um instante, a cabeça pendente para o lado. Alma ficou tensa, esperando Retta comentar a beleza de Prudence ou insistir em saber como era humanamente possível Alma e Prudence serem irmãs. Sem dúvida era o que todo mundo se perguntava ao ver Alma e Prudence juntas pela primeira vez. *Como uma irmã podia ser tão porcelana e a outra tão ferrugem? Como uma irmã podia ser tão delicadinha e a outra tão alta?* Prudence também ficou tensa, aguardando as mesmas perguntas indesejáveis. Porém, Retta não parecia nem um pouco fascinada ou intimidada pela beleza de Prudence, nem hesitou perante a ideia de que as irmãs eram, de fato, irmãs. Apenas não teve pressa ao avaliar Prudence da cabeça aos pés e depois bateu palmas de satisfação.

“Então agora somos três!”, ela comemorou. “Que sorte! Se nós fôssemos garotos, sabem o que teríamos de fazer agora? Teríamos de arranjar encrencas terríveis umas com as outras, brigar e socar e fazer o nariz sangrar. Depois, terminada nossa batalha, após sofrer ferimentos horríveis, nós viraríamos amigas do peito. É verdade! Já vi isso acontecer! Agora, por outro lado deve ser bem divertido, mas eu ficaria triste em estragar meu vestido novo — apesar de não ser o meu melhor vestido, como Alma já declarou — e por isso hoje eu levanto as mãos aos céus porque *não* somos garotos. E como não somos garotos, podemos virar amigas do peito sem briga nenhuma. Concordam?”

Ninguém teve tempo de concordar, já que Retta logo continuou: “Então está

resolvido! Nós somos As Três Amigas do Peito. Alguém devia escrever uma canção sobre a gente. Alguma de vocês sabe compor canções?”

Prudence e Alma se entreolharam, abismadas.

“Então componho eu, se é o caso!”, Retta se ofereceu. “Esperem um instante.”

Retta fechou os olhos, moveu os lábios e tamborilou a cintura com os dedos, como se contasse sílabas.

Prudence lançou um olhar questionador para Alma, e Alma deu de ombros.

Depois de um silêncio tão longo que qualquer pessoa no mundo se sentiria incomodada, exceto Retta Snow, ela abriu os olhos.

“Acho que consegui”, anunciou. “Outra pessoa vai ter de fazer a melodia, porque eu sou terrível com melodia, mas já compus a primeira estrofe. Acho que traduz nossa amizade com perfeição. O que vocês acham?” Ela pigarreou e recitou:

*Somos rabeca, colher e forquilha,
Com a lua dançamos quadrilha,
Se um beijo quiser nos roubar,
É melhor você não demorar!*

Antes que Alma tivesse chance de tentar decifrar essa rimazinha peculiar (para tentar descobrir quem era a rabeca, quem era a colher e quem era a forquilha), Prudence caiu na gargalhada. Era incrível, porque Prudence nunca ria. Sua gargalhada era magnífica, insolente e sonora — nada do que se esperaria de um ser tão parecido com uma boneca.

“Quem é você?”, Prudence indagou quando enfim parou de rir.

“Sou Retta Snow, madame, e sou a sua amiga mais recente e mais constante.”

“Bem, Retta Snow”, disse Prudence, “creio que você seja constantemente louca”.

“É o que todo mundo acha!”, retrucou Retta, fazendo uma mesura floreada. “Mas apesar disso... cá estou!”

De fato, estava.

Retta Snow logo se tornou uma constante no terreno de White Acre. Quando criança, Alma teve uma gatinha que vagava pela propriedade e conquistava o local de maneira bem similar. A gata — uma bela bichana, com listras amarelas — havia simplesmente adentrado a cozinha de White Acre em um dia ensolarado, se esfregado nas pernas de todo mundo e se acomodado ao lado da lareira com o rabo enrolado em volta do corpo, soltando leves ronronados, os olhos semicerrados de satisfação. A gata ficava tão à vontade e era tão presunçosa que ninguém teve coragem de informar à criatura que ela não era dali — e, portanto, em pouco tempo ela *passou a ser*.

O estratagema de Retta foi semelhante. Ela apareceu em White Acre naquele dia, ficou à vontade e de repente a impressão era de que sempre estivera ali. Ninguém nunca exatamente convidou Retta, mas ela não parecia ser do tipo de jovem que precisava de convite para alguma coisa. Chegava quando queria, ficava o tempo que queria, se servia do que bem entendesse e ia embora quando lhe dava na veneta.

Retta Snow tinha uma vida chocantemente — e até invejavelmente — desregrada. A mãe era uma presença constante na alta sociedade, cujas manhãs eram ocupadas por longas horas de cuidados com a toalete, cujas tardes eram consumidas por visitas a outras damas de sociedade, e cujas noites eram inteiramente dominadas por bailes. O pai, um homem tanto complacente como ausente, acabou comprando para a filha um confiável cavalo puxador de coches e uma carruagem de duas rodas, na qual a menina circulava pela Filadélfia a seu bel-prazer. Passava os dias correndo o mundo de carruagem como uma abelha feliz, fanfarrona. Caso desejasse ir ao teatro, ia ao teatro. Caso desejasse assistir a um desfile, achava um desfile. Caso desejasse passar o dia inteiro em White Acre, fazia isso no seu próprio ritmo.

No decorrer do ano seguinte, Alma se depararia com Retta nos locais mais surpreendentes de White Acre: em cima de um tanque da leiteria, provocando gargalhadas nas funcionárias ao interpretar uma cena de *A escola do escândalo*; ou balançando os pés na doca, enfiando-os na água oleosa do rio Schuylkill, fingindo pegar peixes com os dedos; ou cortando ao meio um de seus lindos xales, a fim de dividi-lo com a criada que o elogiara. (“Veja só, agora nós duas temos um pedaço do xale, então somos gêmeas!”) Ninguém sabia o que pensar dela, mas ninguém a botava para fora. Não era exatamente pelo fato de Retta encantar as pessoas; a questão é que se livrar dela era uma impossibilidade. A única alternativa era se sujeitar.

Retta conseguiu conquistar até Beatrix Whittaker, uma proeza realmente digna de nota. De acordo com todas as suposições sensatas, Beatrix detestaria Retta, que encarnava seus maiores temores em relação a meninas. Era tudo que Beatrix criara Alma e Prudence para *não* ser — uma garota empoada, cabeça de vento e de roupinhas imodestas, que destruía sapatos de dança caros na lama, de lágrimas e riso fáceis, que apontava coisas em público de forma grosseira, nunca era vista com um livro e não tinha o bom senso de cobrir a cabeça debaixo da chuva. Como era possível Beatrix aceitar uma criatura dessas?

Prevendo que seria um problema, Alma chegou a tentar esconder Retta Snow de Beatrix no começo da amizade, temendo o pior caso uma se deparasse com a outra. Mas não era fácil esconder Retta Snow, e não era fácil enganar Beatrix. Levou menos de uma semana, na verdade, para Beatrix interpelar Alma durante um café da manhã: “Quem é aquela *criança*, com aquela *sombrinha*, que está sempre correndo pelo meu terreno ultimamente? E por que sempre a vejo com

você?”

Relutantemente, Alma foi obrigada a apresentar Retta à mãe.

“Como vai, sra. Whittaker?”, Retta iniciou, correta o bastante, lembrando-se até de fazer reverência, ainda que com uma atitude um pouco teatral demais.

“Como vai, menina?”, Beatrix replicou.

Beatrix não buscava uma resposta sincera para a pergunta, mas Retta levou a questão a sério, refletindo um pouco antes de dizer. “Bem, preciso admitir, sra. Whittaker, que não estou muito bem. Uma tragédia horrorosa aconteceu na minha casa hoje de manhã.”

Alma observou com pavor, sem esperanças de interferir. Alma não conseguia imaginar o que Retta pretendia com o rumo dado à conversa. Ela estivera em White Acre o dia inteiro, muito animada, e esta era a primeira vez que Alma ouvia falar da tragédia horrorosa no lar dos Snow. Rezava para que Retta se calasse, mas a menina seguia em frente como se Beatrix tivesse insistido para que continuasse.

“Esta manhã mesmo, sra. Whittaker, sofri uma crise de nervos atordoante. Uma de nossas criadas — minha criadinha inglesa, para ser exata — estava às lágrimas no café da manhã, portanto eu a segui até seus aposentos depois de terminada a refeição, para investigar a origem de sua tristeza. A senhora jamais imaginaria o que descobri! Ao que parece, a avó dela havia falecido, exatamente três anos atrás, *nesta mesma data*! Ao saber dessa tragédia, eu mesma me debulhei em lágrimas, como a senhora já deve imaginar! Devo ter chorado por uma hora na cama da pobre coitada. Graças a Deus ela estava lá para me consolar. Não lhe dá vontade de chorar também, sra. Whittaker? Pensar em perder uma avó, apenas três anos atrás?”

Com a mera lembrança do incidente, os olhos verdes e grandes de Retta se encheram de lágrimas, derramadas logo depois.

“Que monte de contrassensos”, Beatrix repreendeu, enfatizando cada palavra, enquanto Alma se sobressaltava a cada sílaba. “Com a idade que tenho, dá para imaginar quantas avós dos outros eu já não vi morrerem? E se eu chorasse por cada uma delas? A morte de uma avó não constitui uma tragédia, menina — e a morte da avó de outrem há três anos certamente não deveria lhe causar uma crise de choro. Avós *morrem*, menina. É a ordem natural das coisas. É possível até argumentar que o papel das avós é morrer, após transmitir, espera-se, umas lições de decência e bom senso à geração mais nova. Além disso, suspeito que você não tenha sido de grande valia para consolar sua criada, a quem você seria mais útil se lhe desse um exemplo de estoicismo e discrição, em vez de desatar a chorar na cama da moça.”

Retta escutou a censura com uma expressão cândida, enquanto Alma definhava de aflição. Bem, este é o fim de Retta Snow, Alma pensou. Mas então, inesperadamente, Retta riu. “Que reprimenda maravilhosa, sra. Whittaker! Que

maneira revigorante a senhora tem de ver as coisas! A senhora tem toda razão! Nunca mais pensarei na morte de uma avó como uma tragédia!”

Era quase possível enxergar as lágrimas subindo pelas faces de Retta, rastejando pelo caminho oposto e desaparecendo por completo.

“E agora preciso me retirar!”, declarou Retta, com o frescor da aurora. “Pretendo dar uma caminhada esta noite, então preciso ir para casa e escolher o melhor chapéu para a ocasião. Eu adoro caminhar, sra. Whittaker, mas não com o chapéu errado, como a senhora certamente compreende.” Retta estendeu a mão para Beatrix, que não podia se recusar a apertá-la. “Sra. Whittaker, este encontro foi de grande serventia! Nem sei como lhe agradecer pela sabedoria. A senhora é o Salomão das mulheres, e não é à toa que suas filhas lhe têm tamanha admiração. Imagine se a senhora fosse minha mãe — imagine só como eu seria inteligente! Minha mãe, a senhora ficará triste em saber, nunca teve uma ideia sensata na vida. Pior ainda, ela põe uma camada tão grossa de cera, pasta e pó no rosto que parece um manequim de alfaiate. Imagine minha desgraça, portanto — ter sido criada por um manequim ignorante de alfaiate e não por alguém como a senhora. Bem, agora vou indo!”

Ela foi saltitando, enquanto Beatrix permanecia boquiaberta.

“Que figura ridícula essa pessoa”, Beatrix murmurou depois que Retta partiu e a casa voltou ao silêncio.

Ousando defender a única amiga, Alma retrucou: “Sem dúvida ela é ridícula, mãe. Mas creio que tenha um bom coração.”

“O coração dela pode ser ou não bom, Alma. Somente Deus pode julgar essas coisas. Mas o rosto dela, sem dúvida nenhuma, é absurdo. Ela parece capaz de moldá-lo a qualquer expressão, menos a de inteligência.”

Retta voltou a White Acre logo no dia seguinte, cumprimentando Beatrix Whittaker de boníssimo grado, como se a reprovação inicial nunca tivesse acontecido. Levou até um ramallete de flores para Beatrix — colhidas do jardim de White Acre mesmo, em uma jogada bastante audaciosa. Por milagre, Beatrix aceitou o ramallete sem dar um pio. Daquele dia em diante, Retta Snow teria permissão para continuar sendo uma constante na propriedade.

Na opinião de Alma, desarmar Beatrix Whittaker tinha sido a proeza mais esplêndida de Retta. Havia nisso quase um toque de bruxaria. Ter acontecido tão rápido era ainda mais extraordinário. De algum modo, em um único encontro breve e ousado, Retta dera um jeito de cair nas graças da matriarca (ou cair em graças *suficientes*) a ponto de agora ter carta branca para visitá-la sempre que quisesse. Como ela tinha conseguido? Alma não sabia direito, mas tinha suas teorias. Em primeiro lugar, era difícil conter Retta. Além disso, Beatrix estava mais velha e mais frágil, e a essa altura menos disposta a lutar até a morte por suas objeções. Talvez a mãe de Alma já não pudesse medir forças com as Retta Snow do mundo. Mas, acima de tudo, havia uma questão: a mãe de Alma podia

até não gostar de contrassensos, e definitivamente era uma mulher difícil de bajular, mas Retta Snow não poderia ter tido ideia melhor do que chamá-la de “o Salomão das mulheres”.

Talvez a menina não fosse tola como parecia.

Portanto, Retta permaneceu. Na verdade, no transcorrer do outono de 1819, tornou-se comum Alma chegar ao escritório de manhã cedo, pronta para trabalhar em um projeto de botânica, e descobrir que Retta já estava lá — encolhida no divã antigo do canto, olhando as ilustrações de moda do último número de *Joy's Lady's Book*.

“Ah, olá, querida!”, Retta arrulhava, erguendo os olhos com animação, como se tivessem um encontro marcado.

Com o passar do tempo, Alma já não se assustava mais com isso. Retta não incomodava. Nunca tocava nos instrumentos científicos (exceto os prismas, aos quais não resistia) e, quando Alma pedia: “Pelo amor de Deus, querida, faça silêncio e me deixe calcular”, Retta fazia silêncio e deixava Alma calcular. Na verdade, tornou-se agradável para Alma ter uma companhia divertida, amigosa. Era como ter um pássaro bonito numa gaiola no canto da sala, dando uns arrulhos de vez em quando, enquanto Alma trabalhava.

Às vezes George Hawkes passava pelo escritório de Alma para discutir as correções finais de um ou outro artigo científico, e ele sempre parecia se espantar com a presença de Retta. George era um homem muito inteligente e sério, e a tolice de Retta o deixava com os nervos à flor da pele.

“E o que Alma e o sr. George Hawkes estão discutindo hoje?”, Retta indagou num dia de novembro, quando se entediou com a revista de retratos.

“Antóceros”, respondeu Alma.

“Ai, que nome horroroso. São animais, Alma?”

“Não, não são animais, querida”, ela explicou. “São plantas.”

“São comestíveis?”

“Só se você for uma gazela”, Alma disse, rindo. “Uma gazela bem faminta, aliás.”

“Que adorável ser uma gazela”, Retta refletiu. “Mas não uma gazela debaixo de chuva, o que seria triste e desconfortável. Fale desses antóceros, senhor George Hawkes. Mas fale de um jeito que uma pessoinha de cabeça oca como eu seja capaz de entender.”

Era injusto, já que George Hawkes só tinha um jeito de falar, que era acadêmico e erudito, e não sob medida para pessoinhas de cabeça oca.

“Bem, senhorita Snow”, ele começou, atabalhado. “São uma de nossas plantas menos sofisticadas...”

“Mas que indelicadeza do senhor dizer isso!”

“... e são autotróficas.”

“Que orgulho os pais devem sentir!”

“Bem... er”, George gaguejava. A essa altura já estava sem palavras.

Então, Alma se intrometeu, por piedade a George. “Autotróficas, Retta, significa que podem criar a própria comida.”

“Então acho que eu jamais poderia ser um antócer”, declarou Retta, com um suspiro triste.

“Pouco provável!”, retrucou Alma. “Mas é capaz de você gostar dos antóceros, se conhecê-los melhor. São muito bonitos sob o microscópio.”

Retta fez um gesto desdenhoso. “Ah, eu nunca sei para onde *olhar* no microscópio!”

“Para onde olhar?”, Alma riu, incrédula. “Retta... você olha através do óculo!”

“Mas o óculo é tão *limitante*, e a visão das coisinhas minúsculas é tão *assustadora*. Fico enjoada, como se estivesse em um barco. Já sentiu enjoo, senhor George Hawkes, olhando através do microscópio?”

Agoniado pela questão, George fitava o chão.

“Agora faça silêncio, Retta”, pediu Alma. “O senhor Hawkes e eu precisamos nos concentrar.”

“Se você continuar a me pedir silêncio, Alma, terei de sair à procura de Prudence e aborrecê-la enquanto ela pinta flores em xícaras de chá e tenta me convencer a ser uma pessoa mais nobre.”

“Pois vá!”, Alma disse com bom humor.

“Francamente, vocês dois”, disse Retta, “eu não consigo entender por que vocês sempre precisam trabalhar tanto. Mas se isso os mantém afastados das galerias e das tavernas, imagino que não cause danos permanentes...”

“Vá!”, pediu Alma, dando um empurrãozinho carinhoso em Retta. Ela saiu trotando em seu estilo alegre, provocando um sorriso em Alma e total confusão em George Hawkes.

“Devo confessar que não compreendo uma palavra do que ela fala”, disse George, depois que Retta se foi.

“Não se preocupe, sr. Hawkes. A incompreensão é mútua.”

“Mas por que ela está sempre perto da senhorita, eu me pergunto?”, George refletiu. “Ela está tentando se aprimorar por meio de sua companhia?”

A face de Alma esquentou de prazer com tal elogio — feliz porque George talvez acreditasse que sua companhia fosse uma influência edificante —, mas disse apenas: “É impossível saber ao certo os motivos da srta. Snow, sr. Hawkes. Quem sabe? Talvez ela esteja tentando *me* aprimorar.”

Na época do Natal, Retta Snow já havia construído uma amizade tão boa com Alma e Prudence que convidava as meninas Whittaker para almoços na propriedade de sua família — afastando Alma da pesquisa em botânica e Prudence de quaisquer atividades com que ela ocupasse seu tempo.

Os almoços na casa de Retta eram eventos absurdos, condizentes com sua

natureza absurda. Eram compêndios de gelos, doces e brindes, supervisionados (se é que dava para chamar de supervisão) pela adorável mas incompetente governanta inglesa de Retta. Nunca escutavam conversas de valor ou substância naquela casa, mas Retta estava sempre pronta para qualquer coisa boba, divertida ou esportiva. Conseguiu até convencer Alma e Prudence a entrar em jogos tolos de salão com ela — jogos destinados a crianças bem mais novas, como animal, vegetal ou mineral, cabra-cega, ou, o melhor de todos, orador mudo. Era tudo de uma tolice tenebrosa, mas também muito divertido. O fato era que Alma e Prudence nunca tinham *brincado* — nem juntas, nem sozinhas, nem com outras crianças. Até então, Alma nunca tinha sequer entendido exatamente o que era brincar.

Mas brincar era a única coisa que Retta Snow fazia. Seu passatempo predileto era ler em voz alta as notícias de acidentes nos periódicos locais para a diversão de Alma e Prudence. Era um ato indefensável, porém cômico. Retta usava lenços, chapéus e sotaques estrangeiros, e interpretava as cenas mais aterradoras dos acidentes: bebês caindo em lareiras, trabalhadores decapitados pela queda de galhos, mães de cinco filhos atiradas de carruagens em fossos cheios de água (se afogando de cabeça para baixo, botas suspensas no ar, e os filhos vendo sem poder fazer nada, aos gritos de terror).

“Isso não deveria servir de diversão!”, Prudence protestava, mas Retta não parava até que ficassem sem fôlego de tanto gargalhar. Havia momentos em que Retta tinha ataques de riso tão fortes, aliás, que não conseguia se controlar. Perdia totalmente o domínio do próprio temperamento, excessivamente arrebatada por um frenesi ruidoso de júbilo. Vez por outra, ela até rolava no chão, o que era preocupante. Nessas ocasiões, parecia que Retta era movida por, ou *tomada* por, alguma entidade demoníaca externa. Gargalhava até começar a respirar em arfadas longas, ruidosas, e o semblante era turvado por algo muito semelhante ao medo. Quando Alma e Prudence estavam prestes a ficar bastante preocupadas com ela, Retta readquiria o domínio de seus sentidos. Levantava-se do chão, enxugava a testa e exclamava: “Graças aos céus que temos a terra! Do contrário, onde nos sentariamos?”

Retta Snow era a senhorita mais esquisitinha da Filadélfia, mas tinha um papel especial na vida de Alma, e na de Prudence também, ao que constava. Quando as três se reuniam, Alma se sentia uma garota praticamente normal, e ela nunca havia se sentido assim. Rindo com a amiga e a irmã, podia fingir que era uma jovem qualquer da Filadélfia, e não a Alma Whittaker da propriedade de White Acre — não uma moça rica, preocupada, alta e feiosa cheia de erudição e idiomas, com umas dezenas de artigos acadêmicos de sua autoria já publicados e uma orgia romana de imagens eróticas chocantes vagando pela mente. Tudo isso se dissipava na presença de Retta, e Alma podia ser uma simples garota comendo torta com merengue e dando risada de uma canção boba.

Além disso, Retta era a única pessoa no mundo que fazia Prudence rir, e isso era um milagre. A transformação que a risada causava em Prudence era extraordinária: ela passava de joia gélida a uma doce colegial. Nesses momentos, Alma tinha a impressão de que Prudence também poderia ser uma moça comum, e dava abraços espontâneos na irmã, deleitando-se com sua companhia.

Infelizmente, contudo, essa proximidade entre Alma e Prudence só existia quando Retta estava presente. No instante em que Alma e Prudence saíam da propriedade dos Snow para caminhar juntas até White Acre, as duas irmãs voltavam ao silêncio mais uma vez. Alma sempre esperava que aprendessem a manter a ligação afetuosa após se afastarem de Retta, mas era em vão. Qualquer tentativa de se referir, na longa caminhada até a casa, a uma das piadas ou gracejos da tarde não dava em nada além de falta de jeito, acanhamento, constrangimento.

Durante uma dessas voltas para casa, em fevereiro de 1820, Alma — animada e incentivada pelas travessuras do dia — correu o risco. Teve a audácia de mencionar sua afeição por George Hawkes outra vez. Em termos específicos, Alma revelou a Prudence que uma vez George a chamara de microscopista brilhante e que isso a agradara enormemente. Alma confessou: “Eu gostaria de ter um marido como George Hawkes um dia — um homem bom, que apoia meus esforços, e por quem eu tenha admiração.”

Após um longo silêncio em que Prudence não se pronunciou, Alma insistiu: “Penso nele o tempo inteiro, Prudence. Às vezes até me imagino... o abraçando.”

Era uma declaração ousada, mas não era isso que irmãs normais faziam? Por toda a Filadélfia, não havia meninas normais falando com as irmãs sobre os pretendentes que desejavam? Não expunham as esperanças de seus corações? Não esboçavam sonhos acerca dos futuros maridos?

Mas a tentativa de proximidade de Alma não surtiu efeito.

Prudence respondeu apenas “Entendo” e não acrescentou mais nada à discussão. Percorreram o resto do caminho até White Acre no mutismo habitual. Alma voltou ao escritório para terminar o trabalho que Retta havia interrompido naquela manhã, e Prudence simplesmente sumiu, como tendia a acontecer, para cumprir tarefas desconhecidas.

Alma nunca mais tentou fazer outra confissão dessas à irmã. Qualquer que fosse a fresta misteriosa que Retta abria à força entre Alma e Prudence, essa fresta se fechava com firmeza de novo — como sempre — assim que as irmãs ficavam a sós. Era algo impossível de remediar. Às vezes, entretanto, Alma achava inevitável imaginar como seria a vida caso Retta fosse irmã delas — a caçula, a terceira filha, mimada e boba, capaz de desarmar qualquer um e provocar em todos um estado de ternura e afeição. Oxalá Retta tivesse sido uma

Whittaker, pensou Alma, em vez de uma Snow! Talvez tudo fosse diferente. Talvez Alma e Prudence, sob tal circunstância, tivessem aprendido a ser confidentes, companheiras, amigas... irmãs!

Foi um pensamento que deixou Alma cheia de tristeza, mas não havia nada que pudesse fazer. As coisas só podiam ser o que eram, como a mãe lhe ensinara muitas vezes.

Quanto às coisas que não poderiam ser mudadas, elas precisavam ser suportadas estoicamente.

Capítulo dez

Já era final de julho de 1820.

Os Estados Unidos da América estavam em recessão econômica, o primeiro período de declínio em sua curta história, e Henry Whittaker, para variar, não atravessava um ano esplêndido no comércio. Não que passasse por dificuldades — de forma nenhuma —, mas sentia um clima de pressão incomum. O mercado de plantas tropicais exóticas estava saturado na Filadélfia, e os europeus já estavam cansados dos artigos botânicos exportados da América. O pior era que aparentemente todos os quacres da cidade na época estavam abrindo um dispensário medicinal próprio e manufaturando os próprios comprimidos, pomadas e unguentos. Nenhum rival havia superado a popularidade dos produtos Garrick & Whittaker, mas isso poderia acontecer em breve.

Henry ansiava pelo conselho da esposa acerca de tudo isso, mas Beatrix passara o ano inteiro indisposta. Sofria ataques de tontura, e com o verão tão quente e desconfortável sua condição piorou. Sua capacidade produtiva diminuía e estava sempre ofegante. Nunca reclamava e tentava manter o ritmo de trabalho, mas não estava bem de saúde e se recusava a consultar um médico. Não acreditava em médicos, farmacêuticos ou remédios — uma ironia, dado o ramo da família.

A saúde de Henry também não ia muito bem. Já estava com sessenta anos. Seus surtos das velhas moléstias tropicais duravam mais tempo nessa época. Agora era mais complicado planejar os jantares, já que era impossível ter certeza se Henry e Beatrix estariam em condições de receber convidados. Isso deixava Henry zangado e entediado, e sua ira tornava tudo mais difícil em White Acre. Seus acessos de raiva eram cada vez mais cáusticos. *Alguém vai ter que pagar! O filho daquele canalha está perdido! Faço questão de acabar com ele! As criadas se abaixavam pelos cantos e se escondiam sempre que percebiam que ele se aproximava.*

Também havia más notícias vindas da Europa. O agente internacional e emissário de Henry, Dick Yancey — o homem alto de Yorkshire que tanto assustava Alma quando ela era pequena —, tinha aparecido recentemente em White Acre com uma informação assaz inquietante: fazia pouco tempo, dois químicos de Paris conseguiram isolar a substância que chamavam de “quinina”, encontrada na casca da cinchona. Alegavam que esse composto era o misterioso

ingrediente da casca jesuíta tão eficaz no tratamento de malária. Com esse dado em mãos, em breve químicos franceses poderiam manufaturar um produto melhor a partir da casca — um produto de grãos mais finos, mais potente, mais eficaz. Seria fácil minarem para sempre o domínio de Henry sobre o mercado da febre.

Henry censurava a si mesmo (e também censurava um pouco Dick Yancey) por não ter previsto que isso aconteceria. “Nós é que devíamos ter feito essa descoberta!”, disse Henry. Mas química não era seu ramo. Ele era um arboricultor incomparável, um comerciante implacável e um inovador brilhante, mas, por mais que tentasse, não conseguia se manter a par dos mínimos avanços científicos que aconteciam no mundo. O conhecimento progredia rápido demais para ele. Outro francês havia patenteado recentemente uma máquina calculadora matemática chamada “aritmômetro”, que fazia divisões longas por conta própria. Um médico dinamarquês acabara de anunciar que existia uma relação entre eletricidade e magnetismo, e Henry nem sequer entendia do que ele estava falando.

Em suma, havia diversas invenções novas na época e diversas ideias novas, todas muito complexas e amplas. Não dava mais para ser especialista em generalidades, criando um delicioso pudim de lucro em vários tipos de ramos. Isso bastava para que Henry Whittaker se sentisse velho.

Mas tampouco tudo ia mal. Dick Yancey levou a Henry uma incrível notícia durante sua visita: sir Joseph Banks tinha morrido.

Aquela figura intimidante, que outrora era o homem mais belo da Europa, que era querido por reis, que dera a volta ao mundo, que dormira com rainhas pagãs em praias abertas, que apresentara milhares de espécies botânicas à Inglaterra e que mandara o jovem Henry ao mundo para se transformar em *Henry Whittaker* — esse mesmo homem estava morto.

Morto e apodrecendo em uma cripta em algum lugar de Heston.

Alma, que estava no escritório do pai copiando cartas quando Dick Yancey chegou e deu a notícia, arfou de susto e declarou: “Que descanse na paz de Deus.”

“Que Deus o amaldiçoe”, corrigiu Henry. “Ele tentou me arruinar, mas eu o superei.”

Sem sombra de dúvida, Henry parecia ter superado sir Joseph Banks. No mínimo, ele o havia alcançado. Apesar das humilhações danosas de Banks tantos anos antes, Henry havia prosperado além de todas as expectativas. Não tinha apenas saído vitorioso no comércio de cinchona, mas também mantido negócios em todos os cantos do mundo. Adquirira renome. Quase todos os vizinhos lhe deviam dinheiro. Senadores, donos de navios e mercadores de todos os ramos buscavam sua bênção e almejavam seu apoio.

No decorrer das últimas três décadas, Henry tinha criado estufas no oeste da

Filadélfia que faziam frente a tudo o que existia em Kew. Induzira espécies de orquídeas, que Banks nunca tinha conseguido cultivar à margem do Tâmesa, a florir em White Acre. Quando Henry soube que Banks tinha adquirido uma tartaruga de cento e oitenta quilos para o zoológico de Kew, encomendou logo *um par* delas para White Acre, obtidas no Galápagos e entregues pessoalmente pelo incansável Dick Yancey. Henry tinha dado conta até de transportar as vitórias-régias da Amazônia a White Acre — vitórias-régias tão grandes e fortes que aguentavam uma criança de pé —, enquanto Banks, à época de sua morte, nunca tinha sequer *visto* uma vitória-régia.

Além disso, Henry conseguira viver sua vida com uma opulência maior que a de Banks. Criara para si uma propriedade bem mais ampla e mais imponente na América do que qualquer casa que Banks tivesse habitado na Inglaterra. Sua mansão reluzia na montanha como um sinal de fogo colossal, jogando sua luz impressionante sobre a cidade inteira da Filadélfia.

Fazia muitos anos que Henry até se vestia como sir Joseph Banks. Nunca se esquecera do deslumbramento que aquelas vestimentas lhe causaram quando menino, e fizera questão — ao longo do curso de sua vida como homem abastado — de não só imitar como sobrepujar o guarda-roupa de Banks. Em consequência, em 1820, Henry ainda usava um estilo de roupa bastante fora de moda. Quando todos os homens da América já haviam adotado há muito tempo calças simples, Henry continuava usando meias de seda e calções, perucas brancas esmeradas com tranças compridas, sapatos com fivelas prateadas reluzentes, paletós de punhos afunilados, camisas com franzidos grandes e coletes brocados em tons fortes de lavanda e esmeralda.

Vestido dessa maneira nobre, porém antiquada, Henry era um sujeito peculiar caminhando pela Filadélfia com sua elegância georgiana colorida. Havia sido acusado de parecer uma exposição de figuras de cera das galerias do Peale, mas não dava importância. Era exatamente essa a aparência que desejava — exatamente como sir Joseph Banks na primeira vez que surgira diante *dele* no escritório de Kew, em 1776, quando Henry, o ladrão (magro, faminto e ambicioso), foi intimado a se apresentar a Banks, o explorador (belo, elegante e suntuoso).

Mas agora Banks estava morto. Era um baronete morto, claro, mas estava morto. Enquanto Henry Whittaker — o menino nascido na pobreza, o imperador bem-vestido da botânica americana — estava vivo e próspero. Sim, sua perna doía, e a esposa estava doente, e os franceses o estavam alcançando no ramo da malária, e os bancos americanos faliam à sua volta, e tinha um armário cheio de perucas envelhecidas, e nunca tivera um filho — mas, por Deus, Henry Whittaker enfim havia derrotado sir Joseph Banks.

Instruía Alma a descer até a adega e pegar para ele a melhor garrafa de rum que tivesse, para fins comemorativos.

“Traga duas”, ele pediu depois de pensar melhor.

“Talvez seja melhor não beber em excesso esta noite”, Alma advertiu com cautela. Ele tinha se recuperado de uma febre havia pouco tempo e ela não estava gostando da expressão no rosto do pai. Era uma expressão de distorção emocional aterradora.

“Vamos beber o quanto a gente quiser esta noite, meu velho amigo”, Henry declarou a Dick Yancey, como se Alma não tivesse dito nada.

“*Mais* do que a gente quiser”, disse Yancey, lançando para Alma um olhar de censura que provocou calafrios. Céus, ela realmente não gostava nem um pouco daquele homem, embora o pai lhe tivesse grande admiração. Dick Yancey, o pai tinha dito a Alma uma vez, em um tom muito orgulhoso, era um camarada útil de se ter por perto na hora de apaziguar discussões, já que não as apaziguava com palavras, mas com facas. Os dois tinham se conhecido na doca de Sulawesi em 1788, quando Henry viu Yancey convencer dois oficiais da Marinha britânica a serem corteses sem dizer nem uma palavra. Henry o contratara imediatamente como agente e mandante, e os dois vinham saqueando o mundo juntos desde então.

Alma sempre teve pavor de Dick Yancey. Todo mundo tinha. Até Henry chamava Dick de “crocodilo treinado”, e uma vez dissera: “É difícil saber o que é mais perigoso — um crocodilo treinado ou um crocodilo selvagem. De uma forma ou de outra, não deixaria minha mão na boca do bicho por muito tempo. Deus o abençoe.”

Mesmo quando pequena, Alma compreendia instintivamente que existiam dois tipos de homens calados no mundo: um era dócil e respeitoso; o outro era Dick Yancey. Seus olhos eram um par de tubarões que circulavam devagar, e agora que encarava Alma, esses olhos diziam claramente: “Traga o rum.”

Portanto, Alma desceu à adega e, obediente, pegou o rum — duas garrafas cheias, uma para cada homem. Em seguida foi para a cocheira, a fim de desaparecer mergulhando no trabalho e fugir da embriaguez que estava por vir. Muito depois da meia-noite, adormeceu no divã, apesar do desconforto, em vez de voltar para casa. Despertou ao amanhecer e cruzou o jardim grego para tomar o café da manhã no casarão. Ao se aproximar da casa, no entanto, ouviu que o pai e Dick Yancey ainda estavam acordados. Entoavam canções de marinheiros em alto e bom som. Fazia três décadas que Henry não atravessava o mar, mas ainda sabia todas as letras.

Alma parou na entrada, encostou-se à porta e prestou atenção. A voz do pai, ecoando pela mansão sob a luz cinza da manhã, soava infeliz, lúgubre e fatigada. Soava como um fantasma de um oceano longínquo.

Menos de duas semanas depois, na manhã do dia 10 de agosto de 1820, Beatrix Whittaker caiu da escadaria de White Acre.

Acordou cedo naquela manhã e devia estar se sentindo bem, pois pensou em trabalhar um pouco no jardim. Pusera os velhos sapatos de couro de jardinagem, prendera o cabelo na rígida touca holandesa e desceu a escadaria para ir ao trabalho. Porém, os degraus da escada tinham sido encerados na véspera e a sola dos sapatos de couro de Beatrix era muito lisa. Ela tombou para a frente.

Alma já estava no escritório da cocheira, trabalhando firme na edição de um artigo para a *Botanica Americana* sobre as cavidades carnívoras da utriculária, quando viu Hanneke de Groot correndo ao seu encontro pelo jardim grego. O primeiro pensamento de Alma foi sobre a comicidade de ver a velha governanta correndo — saias esvoaçando e braços dardejando, o rosto vermelho e tenso. Era como assistir a um barril gigante de cerveja, envolto em um vestido, saltitar e rolar pelo gramado. Quase deu uma gargalhada. No segundo seguinte, entretanto, Alma caiu em si. Era óbvio que Hanneke estava assustada, e não era uma mulher propensa a se assustar. Algo tenebroso devia ter acontecido.

Alma pensou: *Meu pai morreu.*

Pôs a mão no coração. *Por favor, não. Por favor, meu pai não.*

Agora Hanneke estava à porta, olhos arregalados e confusos, tentando recobrar o fôlego. A governanta engasgou, engoliu e soltou: “*Je moeder is dood.*”

Sua mãe morreu.

Os criados haviam carregado Beatrix de volta para o quarto e a colocado deitada na cama. Alma quase teve medo de entrar: raramente tivera permissão para entrar no quarto da mãe. Via o rosto da mãe ficando cinza. Uma contusão surgia na testa e os lábios estavam rachados e ensanguentados. A pele estava fria. Criados rodeavam a cama. Uma das criadas segurava um espelho sob o nariz de Beatrix, buscando algum sinal de respiração.

“Cadê o meu pai?”, indagou Alma.

“Ainda está dormindo”, respondeu uma criada.

“Não o acorde”, ordenou Alma. “Hanneke, afrouxe o espartilho dela.”

Beatrix sempre usara o espartilho bem justo — respeitável, firme, sufocantemente justo. Viraram o corpo de lado e Hanneke desfez o laço. Ainda assim, Beatrix não respirou.

Alma virou-se para um dos criados mais jovens — um garoto que parecia ser capaz de correr bem rápido.

“Me traga *sal volatile*”, ela pediu.

Ele a fitava com o rosto inexpressivo.

Alma percebeu que, devido à pressa e agitação, havia usado latim com o menino. Ela se corrigiu. “Me traga carbonato de amônio.”

De novo, o olhar inexpressivo. Alma se virou e olhou todas as pessoas que estavam no quarto. Só viu semblantes confusos. Ninguém sabia do que ela estava falando. Não estava usando as palavras certas. Vasculhou a mente. Tentou outra

vez.

“Me traga preparação de raspas de corno de veado”, ela pediu.

Mas, não, esse termo também não era familiar — pelo menos para aquelas pessoas. Raspas de corno de veado era um tratamento arcaico, algo que somente um erudito conheceria. Fechou bem os olhos e procurou o nome mais reconhecível para o que queria. Como o povo chama isso? Plínio, o Velho, chamava de *hammoniacus sal*. Alquimistas do século XIII o usavam o tempo inteiro. Mas fazer referência a Plínio não ajudaria numa hora dessas, e a alquimia do século XIII não era de grande valia para ninguém naquele quarto. Alma xingou a própria mente de lixeira de línguas mortas e detalhes imprestáveis. Estava perdendo um tempo precioso.

Por fim, se lembrou. Abriu os olhos e vociferou uma ordem que funcionou: “Sal de cheirar!”, ela berrou. “Vai! Procura! Traz para mim!”

Rapidamente os sais foram entregues e ministrados. O tempo que levaram para achá-los foi menor do que o tempo que Alma levou para *nomeá-los*.

Alma pôs os sais debaixo do nariz da mãe. Com um ofego úmido, rouco, Beatrix tomou fôlego. O círculo de criadas e serviçais emitiu vários balidos e suspiros chocados, e uma mulher gritou: “Louvado seja o Senhor!”

Portanto, Beatrix não morreu, mas ficou a semana seguinte inconsciente. Alma e Prudence se revezavam à beira da cama, velando a mãe ao longo dos dias e das longas noites. Na primeira noite, Beatrix vomitou enquanto dormia e Alma a limpou. Também limpou a urina e os dejetos torpes.

Alma nunca tinha visto o corpo da mãe — não além do rosto, do pescoço, das mãos —, mas, ao banhar a figura inanimada na cama, percebeu que ambos os seios estavam deformados por vários caroços duros. Tumores. Grandes. Um dos tumores havia ulcerado através da pele e eliminava um fluido escuro. Tal visão provocou em Alma a sensação de que ela mesma desabaria para a frente. O nome que se dava a isso lhe ocorreu em grego: *Karkinos*. O caranguejo. Câncer. Era provável que Beatrix já estivesse doente havia muito tempo. Devia estar enfrentando um tormento por meses, se não anos. Nunca reclamara. Simplesmente pedia licença para se retirar da mesa nos dias em que o sofrimento era insuportável e afirmava que aquilo era apenas uma vertigem normal.

Hanneke de Groot mal dormiu durante aquela semana, pois levava compressas e sopas a altas horas. Hanneke enrolava panos limpos e umedecidos em torno da cabeça de Beatrix, cuidava do seio ulcerado, providenciava pão com manteiga para as meninas, tentava enfiar líquidos pelos lábios rachados de Beatrix. Para sua vergonha, Alma às vezes ficava inquieta ao lado da mãe, mas Hanneke cumpria todos os deveres do tratamento sem perder a paciência. Beatrix e Hanneke estiveram juntas a vida inteira. Tinham crescido lado a lado nos jardins botânicos de Amsterdã. Tinham viajado juntas no navio que partira da Holanda.

Ambas deixaram as famílias para trás para navegar até a Filadélfia, sendo que nunca mais veriam os pais e irmãos. Em certos momentos, Hanneke chorava pela patroa e orava em holandês. Alma não chorava nem orava. Prudence também não — não sob as vistas de alguém.

Henry não escondia sua raiva ao entrar e sair do quarto a qualquer hora do dia, devastado e inquieto. Ele não ajudava. Era muito mais fácil quando não estava por perto. Ele se sentava ao lado da esposa por somente uns instantes antes de lamentar “Ai, eu não aguento!” e se retirar do quarto com um temporal de xingamentos. Tornou-se desalinhado, mas Alma não tinha muito tempo para ele. Via a mãe definhar debaixo dos refinados lençóis flamengos. Não se tratava mais da formidável Beatrix van Devender Whittaker: era um objeto desgraçado e inanimado, tomado por fedor e melancólico graças à decadência. Após cinco dias, Beatrix foi acometida pela supressão total da urina. O abdômen ficou inchado, duro e quente. Agora não conseguiria mais viver por muito tempo.

Um médico apareceu, enviado pelo farmacêutico James Garrick, mas Alma o dispensou. De nada serviria sangrar e usar ventosas na mãe a esta altura. Então Alma mandou um recado de volta ao sr. Garrick pedindo que ele preparasse uma solução de ópio líquido que pudesse pingar na boca da mãe de hora em hora.

Na sétima noite, Alma dormia na própria cama quando Prudence — que ficara na cabeceira da cama de Beatrix — entrou e acordou-a com um toque no ombro.

“Ela está falando”, anunciou Prudence.

Alma balançou a cabeça, tentando entender onde estava. Piscou diante da vela de Prudence. Quem estava falando? Estava sonhando com cascos de cavalo e animais alados. Balançou a cabeça de novo, se localizou, lembrou.

“O que é que ela está falando?”, indagou Alma.

“Ela pediu que eu saísse do quarto”, Prudence contou sem emoção. “Pedi para falar com você.”

Alma jogou um xale sobre os ombros.

“Agora é você quem dorme”, ela disse a Prudence e levou a vela para o quarto da mãe.

Os olhos de Beatrix estavam abertos. Um deles estava rajado de sangue. Este não se mexia. O outro se movia pelo rosto de Alma, procurando, rastreando cuidadosamente.

“Mãe”, Alma disse e olhou ao redor em busca de algo que Beatrix pudesse beber. Havia uma xícara de chá frio na mesa de cabeceira, um vestígio da última vigília de Prudence. Beatrix não iria querer chá inglês estragado, nem mesmo no leito de morte. Porém, era só o que havia para beber. Alma levou a xícara aos lábios secos da mãe. Beatrix bebericou e, como não podia deixar de ser, franziu a testa.

“Eu trago café”, Alma se desculpou.

Beatrix fez que não, mas muito de leve.

“O que você quer que eu traga?”, Alma indagou.

Não houve resposta.

“Você quer a Hanneke?”

Beatrix não parecia escutar, portanto Alma repetiu a pergunta, dessa vez em holandês.

“*Zal ik Hanneke roepen?*”

Beatrix fechou os olhos.

“*Zal ik Henry roepen?*”

Não houve reação.

Alma pegou a mão da mãe, fria e pequena. Nunca tinham se dado as mãos. Ela esperou. Beatrix não abriu os olhos. Alma estava quase cochilando quando a mãe se pronunciou, em inglês.

“Alma.”

“Sim, mãe.”

“Nunca abandone.”

“Não vou te abandonar.”

Mas Beatrix fez que não. Não era disso que estava falando. Mais uma vez, fechou os olhos. De novo, Alma esperou, dominada pela exaustão naquele quarto escuro tomado pela morte. Demorou muito tempo para que Beatrix achasse forças para fazer a declaração completa.

“Nunca abandone o seu pai.”

O que Alma poderia dizer? O que se promete a uma mulher no leito de morte? Principalmente se a mulher é a própria mãe? Promete-se qualquer coisa.

“Nunca o abandonarei”, disse Alma.

Beatrix tornou a examinar o rosto de Alma com o olho bom, como se avaliasse a sinceridade do juramento. Nitidamente satisfeita, fechou os olhos de novo.

Alma deu à mãe mais uma gota de ópio. A respiração de Beatrix estava bem curta a esta altura e sua pele estava fria. Alma tinha certeza de que a mãe já havia falado suas últimas palavras, mas, quase duas horas depois, quando Alma estava adormecida na poltrona, ela ouviu uma tosse murmurada e acordou no susto. Imaginou que Beatrix estivesse engasgada, mas só tentava se pronunciar outra vez. Mais uma vez, Alma umedeceu os lábios de Beatrix com o odiado chá.

Beatrix declarou: “Minha cabeça gira.”

Alma respondeu: “Vou chamar a Hanneke para ela te olhar.”

Surpreendentemente, Beatrix sorriu. “Não”, ela pediu. “*Het is fijn.*”

É agradável.

Então Beatrix Whittaker fechou os olhos e — como se por decisão própria — morreu.

Na manhã seguinte, Alma, Prudence e Hanneke trabalharam em equipe para limpar e vestir o corpo, embrulhá-lo na mortalha e prepará-lo para o enterro. Foi uma tarefa silenciosa, triste.

Não puseram o corpo na sala para que fosse visto, apesar do costume local. Beatrix não iria querer ser vista, e Henry não queria ver o cadáver da esposa. Ele não aguentava, explicou. Além do mais, num clima tão quente um enterro rápido era o procedimento mais sensato e higiênico. O corpo de Beatrix já estava apodrecendo antes de sua morte, e agora todos temiam uma decomposição violenta. Hanneke mandou um dos carpinteiros de White Acre fazer um caixão ligeiro e simples. As três mulheres espalharam sachês de lavanda pelos sudários a fim de retardar o fedor, e assim que o caixão ficou pronto, o corpo de Beatrix foi colocado em uma carroça e levado à igreja, onde seria guardado no porão frio até o funeral. Alma, Prudence e Hanneke enrolaram faixas de crepe preto que representavam o luto em torno dos braços. Usariam a faixa ao longo de seis meses. A justeza do material em volta do braço fazia com que Alma se sentisse uma árvore amarrada.

Na tarde do funeral, caminharam atrás da carroça, seguindo o caixão até o cemitério da luterana sueca. O enterro foi breve, simples, eficiente e digno. Menos de uma dúzia de pessoas estiveram presentes. James Garrick, o farmacêutico, comparecera. Tossiu de forma pavorosa a cerimônia inteira. Seus pulmões foram destruídos, Alma sabia, pelos anos de trabalho com a jalapa pulverizada que o enriquecera. Dick Yancey também estava lá, sua careca reluzindo ao sol como uma arma. George Hawkes estava presente, e Alma queria ter podido se jogar em seus braços. Para a surpresa de Alma, seu antigo e pálido preceptor Arthur Dixon também compareceu. Ela não imaginava como o sr. Dixon ficara sabendo da morte de Beatrix, e nunca tinha se dado conta da afeição que ele nutria pela ex-patroa, mas ficou comovida por sua presença e lhe disse isso. Retta Snow também estava lá. Retta ficou entre Alma e Prudence, segurando a mão das duas, e manteve um silêncio atípico. Na verdade, Retta foi quase tão estoica quanto uma Whittaker naquele dia, para ser justo.

Não houve lágrimas da parte de ninguém, nem Beatrix gostaria que houvesse. Do nascimento à morte, ela sempre ensinara que as pessoas deviam emanar credibilidade, paciência e controle. Teria sido uma pena se agora, após uma vida inteira de dignidade dessa mulher, a situação resvasse para o sentimentalismo no último instante. Tampouco, depois do funeral, haveria uma recepção em White Acre, para beberem limonada e dividirem lembranças e consolação. Beatrix não gostaria de nada disso. Alma sabia que a mãe sempre admirara as instruções que Lineu — o pai da taxonomia botânica — dera à família sobre a organização de seu funeral: “Não divirta ninguém e não aceite condolências.”

O caixão foi baixado em uma cova de barro fresco. O pastor luterano discursou. Liturgia, litania, o Credo apostólico — tudo passou rapidamente. Não

houve panegírico, pois não era um costume luterano, mas um sermão, familiar e austero. Alma tentou prestar atenção, mas o pastor falava em um tom monótono que ela se sentia entorpecida, e apenas trechos do sermão chegavam a seus ouvidos. O pecado é inato, ela escutou. A graça é um mistério legado por Deus. A graça não pode ser conquistada, nem esbanjada, nem acumulada, nem subtraída. A graça é rara. Ninguém sabe quem a tem. Somos batizados para a morte. Nós o louvamos.

O sol quente de verão, se pondo, queimava cruelmente o rosto de Alma. Todos semicerravam os olhos, incomodados. Henry Whittaker estava entorpecido e desnortado. Seu único pedido foi o seguinte: depois que o caixão estivesse na cova, queria que cobrissem a tampa com palha. Queria ter certeza de que, quando as primeiras pazadas de terra caíssem no caixão da esposa, o terrível som fosse abafado.

Capítulo onze

Alma Whittaker, vinte anos de idade, era agora a patroa da propriedade de White Acre.

Ela mergulhou no antigo papel da mãe como se tivesse sido preparada a vida inteira para assumi-lo — o que, de certa forma, era verdade.

No dia seguinte ao funeral de Beatrix, Alma entrou no escritório do pai e começou a examinar pilhas de documentos e cartas acumulados, decidida a cumprir imediatamente todas as tarefas que Beatrix costumava realizar. Para sua crescente aflição, Alma percebeu que boa parte das atividades importantes de White Acre — contabilidade, emissão de faturas, correspondência — tinha sido abandonada nos últimos meses, até mesmo no último ano, à medida que a saúde de Beatrix se deteriorava. Alma praguejou contra si mesma por não ter se dado conta disso antes. A escrivãzinha de Henry sempre foi uma bagunça de papéis essenciais misturados ao amontoado de inutilidades, mas Alma não imaginava a gravidade com que a desordem crescera até investigar o escritório a fundo.

Foi isto o que ela encontrou: pilhas de documentos importantes que se derramavam da escrivãzinha de Henry nos últimos meses e se acumulavam no chão, numa espécie de estrato geológico. Para seu horror, havia mais caixas de papéis desarrumados escondidas nos armários do escritório. Em suas escavações iniciais, Alma descobriu contas que não eram pagas desde maio passado, folhas de pagamento que não eram computadas e cartas — um lamaçal grosso de cartas! — de construtores que aguardavam ordens, de sócios com perguntas urgentes, de coletores de além-mar, de advogados, da Agência de Patenteamento, de jardins botânicos do mundo inteiro e de diversos diretores de museus. Se Alma soubesse antes que tanta correspondência era ignorada, teria cuidado do assunto há meses. Agora a situação era quase uma crise. Naquele exato instante, um navio cheio de artigos botânicos da marca Whittaker estava parado no porto da Filadélfia, acumulando taxas altas de atracação, impossibilitado de esvaziar sua carga porque o capitão não havia sido remunerado.

O pior era que misturado a todo o trabalho urgente havia detalhezinhos absurdos, perdas de tempo, montes de baboseira pura. Havia um bilhete praticamente ilegível de uma mulher do oeste da Filadélfia, dizendo que seu bebê tinha acabado de engolir um alfinete e a mãe temia que a criança morresse —

será que alguém em White Acre poderia lhe dizer o que fazer? A viúva de um naturalista que trabalhara para Henry quinze anos atrás, na Antígua, alegava desamparo e exigia pensão. Havia um bilhete antigo do chefe de paisagismo de White Acre a respeito de um jardineiro que tinha de ser despedido imediatamente por ter recebido várias moças no quarto após o expediente com um banquete de melancia e rum.

Era desse tipo de coisa que a mãe sempre cuidara, além de tudo o mais? Alfinetes engolidos? Viúvas desconsoladas? Melancia e rum?

Alma não via outra opção que não limpar o estábulo de Augias, papel a papel. Persuadiu o pai a se sentar a seu lado e ajudá-la a entender o que vários itens poderiam significar, e se este ou aquele processo jurídico tinha de ser levado a sério, ou por que o preço da salsaparrilha subira tanto no último ano. Nenhum dos dois conseguia traduzir por completo o sistema de contabilidade tripla, codificado e vagamente italiano de Beatrix, porém Alma era melhor em matemática, então conseguiu decifrar os livros da melhor forma possível, ao mesmo tempo que criava um método mais simples para uso futuro. Alma designou Prudence para redigir folhas e mais folhas de correspondências gentis, enquanto Henry — fazendo muitas reclamações estrondosas — ditava a essência das informações mais vitais.

Alma viveu o luto pela morte da mãe? Era difícil saber. Não teve tempo para isso. Foi enterrada em um pantanal de trabalho e frustração, e essa sensação não era totalmente distinguível da tristeza em si. Estava cansada e assoberbada. Tinha horas que tirava os olhos das tarefas para fazer uma pergunta à mãe — olhando para a poltrona onde Beatrix sempre se sentava — e se assustava com o vazio que havia ali. Era como olhar para uma mancha na parede onde um relógio estivera pendurado por muitos anos e ver apenas um espaço vago. Não conseguia se adestrar a não olhar: o vazio a assustava toda vez.

Porém Alma também estava zangada com a mãe. À medida que folheava meses de documentos confusos, se perguntava por que Beatrix — sabendo-se tão doente — não tinha recrutado alguém para auxiliá-la mais de um ano antes. Por que botara documentos dentro de caixas e guardara nos armários, em vez de procurar ajuda? Por que Beatrix nunca ensinara a ninguém seu complexo sistema de contabilidade, ou, no mínimo, dissera a alguém onde achar a documentação arquivada dos anos anteriores?

Ela se lembrou de que a mãe a advertira, anos atrás: “Nunca deixe o trabalho de lado quando o sol está a pino, Alma, na esperança de conseguir mais horas para trabalhar amanhã — pois você nunca terá mais tempo amanhã do que teve hoje, e depois de perder terreno no que diz respeito às suas responsabilidades, você nunca conseguirá recuperá-lo.”

Então por que Beatrix deixara que as coisas se acumulassem daquele jeito?

Talvez não acreditasse que estava morrendo.

Talvez sua cabeça estivesse tão confusa por causa da dor que perdeu o mundo de vista.

Ou talvez — Alma teve esse pensamento sombrio — Beatrix quisesse punir os vivos com todo aquele trabalho, por muito tempo após sua morte.

Quanto a Hanneke de Groot, Alma logo compreendeu que a mulher era uma santa. Alma nunca tinha percebido a quantidade de trabalho que Hanneke fazia na propriedade. Hanneke recrutava, treinava, preservava e repreendia uma equipe de dúzias. Administrava as despensas e colhia as verduras do terreno como se liderasse uma carga de cavalaria em meio a campos e jardins. Comandava as tropas a lustrar a prataria e mexer o molho, e bater os tapetes, e caiar as paredes, e pendurar o porco, e cobrir com cascalho a entrada da cocheira, e derreter a banha, e preparar os pudins. Com seu temperamento equilibrado e gestão firme na disciplina, Hanneke dava um jeito de administrar os ciúmes, a preguiça e a burrice de inúmeras pessoas, e estava claro que ela era a única razão para a casa ter continuado de pé depois que Beatrix adoeceu.

Uma manhã, pouco tempo depois do falecimento da mãe, Alma flagrou Hanneke disciplinando três copeiras, as quais tinha encostado contra a parede como se pretendesse atirar nelas.

“Uma boa criada poderia substituir as três”, vociferou Hanneke, “e não tenham dúvidas — quando eu *achar* uma boa criada, vocês três serão dispensadas! Por enquanto, tratem de voltar ao trabalho e parem de se humilhar com tamanho desleixo!”

“Não tenho nem como te agradecer pelo seu serviço”, Alma disse a Hanneke, depois que as meninas saíram. “Espero algum dia poder ajudá-la mais na administração da casa, mas no momento ainda preciso que você tome conta de tudo, já que estou tentando entender os negócios do meu pai.”

“Eu sempre fiz tudo”, Hanneke respondeu, sem reclamar.

“Realmente parece que fez, Hanneke. Parece que você faz o serviço de dez homens.”

“Sua mãe fazia o serviço de vinte homens, Alma, e também tinha de cuidar do seu pai.”

Quando Hanneke se virou para sair, Alma segurou o braço da governanta.

“Hanneke”, ela chamou, exausta e de testa franzida, “o que fazer se um bebê acabou de engolir um alfinete?”

Sem hesitar, ou perguntar o porquê dessa pergunta tão inesperada, Hanneke explicou: “Prescreva clara de ovo cru para a criança e paciência para a mãe. Garanta à mãe que o alfinete provavelmente sairá pelo buraco inferior da criança em poucos dias, sem efeitos colaterais. Se a criança for mais velha, você pode mandá-la pular corda para estimular esse processo.”

“A criança pode morrer por causa disso?”, Alma indagou.

Hanneke deu de ombros. “Às vezes. Mas se você recomendar esses passos e

falar em tom de certeza, a mãe não se sentirá tão impotente.”

“Obrigada”, disse Alma.

Quanto a Retta Snow, a menina foi a White Acre algumas vezes nas primeiras semanas após a morte de Beatrix, mas Alma e Prudence — concentradas em pôr em dia o trabalho referente aos negócios da família — não tinham tempo para ela.

“Posso ajudar!”, Retta sugeriu, mas todo mundo sabia que ela não podia.

“Então esperarei por você todos os dias no seu escritório na cocheira”, Retta acabou prometendo a Alma, depois de ter sido rejeitada inúmeras vezes. “Quando terminar suas tarefas, você vai lá para me ver. Eu falo enquanto você estuda coisas impossíveis. Contarei histórias extraordinárias e você dará gargalhadas e ficará maravilhada. Pois tenho novidades do gênero mais chocante!”

Alma não conseguia se imaginar achando tempo outra vez para gargalhar ou se maravilhar com Retta, muito menos para levar adiante os próprios projetos. Por um bom tempo após o falecimento da mãe, chegou a se esquecer de que um dia tivera o próprio trabalho. Agora era uma mera operadora de penas, uma escritã, uma escrava da escrivania do pai e a administradora de uma casa de dimensões assustadoras — se arrastando por uma selva de tarefas negligenciadas. Ao longo de dois meses, mal pôs os pés para fora do escritório do pai. Até onde podia, também se negava a deixar que o pai se retirasse.

“Preciso da sua ajuda nessas questões”, Alma implorava a Henry, “senão nós nunca conseguiremos pôr as coisas em dia”.

Então, num final de tarde de outubro, bem no meio de toda aquela organização, calculando e resolvendo, Henry simplesmente se levantou e saiu do próprio escritório, deixando Alma e Prudence com as mãos cheias de papéis.

“Aonde você vai?”, Alma perguntou.

“Vou me embobedar”, ele declarou, em tom feroz e sombrio. “E, por Deus, como tenho medo disso.”

“Pai...”, ela protestou.

“Termine sozinha”, ele ordenou.

E foi o que ela fez.

Com a ajuda de Prudence, com a ajuda de Hanneke, mas principalmente por conta própria, Alma poliu o escritório até deixá-lo numa perfeição irretocável. Pôs cada um dos negócios do pai em ordem — solucionando um problema oneroso de cada vez — até que todos os éditos, liminares, mandatos e ditames tivessem sido resolvidos, até que todas as cartas tivessem sido respondidas, todas as garantias pagas, todos os investidores reasssegurados, todos os vendedores adulados e todas as vendetas aplacadas.

Em meados de janeiro ainda não havia terminado. Quando terminou, entendeu

o funcionamento da Whittaker Company de cima a baixo. Fazia cinco meses que estava de luto. Tinha perdido o outono inteiro — não o vira chegar nem acabar. Levantou-se da escrivaninha do pai e desenrolou a faixa de crepe preto do braço. Pôs o objeto na última lixeira de refugo e descarte, para ser queimado com o resto das coisas. Já bastava.

Alma caminhou até o quartinho de encadernação ao lado da biblioteca, se trancou lá dentro e se satisfaz rapidamente. Fazia meses que não tocava sua vulva, e a liberação desse bem-vindo alívio lhe causou vontade de chorar. Também não chorava havia meses. Não, está errado: ela não chorava havia anos. Também se deu conta de que seu aniversário de vinte e um, na semana anterior, havia passado sem que ninguém reparasse — nem mesmo Prudence, de quem sempre podia esperar um presentinho carinhoso.

Bem, o que ela esperava? Estava mais velha agora. Era a dona da casa mais grandiosa da Filadélfia e a funcionária principal, pelo que parecia, de uma das maiores empresas de importação botânica do planeta. O momento das coisas infantis tinha passado.

Depois de sair do quartinho de encadernação, Alma se despiu e tomou um banho — embora não fosse sábado — e se deitou às cinco da tarde. Dormiu por treze horas. Ao despertar, a casa estava em silêncio. Pela primeira vez em meses, a casa não precisava dela para nada. O silêncio parecia música. Vestiu-se devagar e aproveitou o chá e a torrada. Depois andou pelo jardim grego da mãe, agora envidraçado pelo gelo, para chegar à cocheira. Era o momento de seu retorno, mesmo que por poucas horas, ao próprio trabalho, que abandonara no meio de uma frase no dia em que a mãe caiu da escada.

Para sua surpresa, Alma viu um fiozinho de fumaça se desenrolando da chaminé da cocheira ao se aproximar. Quando chegou ao escritório, ali estava — como prometido — Retta Snow, encolhida no divã sob uma manta de lã grossa, dormindo profundamente e esperando por ela.

“Retta...”, Alma tocou no braço da amiga. “Que diabo você está fazendo aqui?”

Os olhos grandes e verdes de Retta se abriram de súbito. Estava claro que, assim que acordou, a menina não teve noção de onde estava e não parecia reconhecer Alma. Algo terrível se abateu sobre o semblante de Retta naquele instante. Ela parecia feroz, até mesmo perigosa, e Alma se pegou recuando de medo, como se ela se afastasse de um cão encurralado. Então Retta sorriu e o efeito passou. Voltava a ser doce pura e tornava a parecer ela mesma.

“Minha leal amiga”, disse Retta com a voz sonolenta, pegando a mão de Alma. “Quem te ama mais? Quem te ama acima de tudo? Quem pensa em ti quando os outros descansam?”

Alma passou os olhos pelo escritório e viu um estoquezinho de latas de biscoito vazias e um monte de roupas empilhadas com desleixo no chão. “Por que você

está dormindo no meu escritório, Retta?”

“Porque a situação na minha casa alcançou níveis de tédio insuportáveis. A situação aqui também está um tédio, claro, mas pelo menos existe a chance de ver um rosto feliz de vez em quando, se tiver paciência. Você sabia que tem camundongos no seu herbário? Por que você não traz um gatinho para este quarto, para dar um jeito neles? Você já viu bruxas? Eu confesso: acredito que uma bruxa tenha entrado na cocheira na semana passada. Escutei as risadas dela. Você acha que a gente deve contar ao seu pai? Imagino que não seja seguro deixar uma bruxa circular pela casa. Ou talvez ele pense só que eu enlouqueci. Se bem que ele já pensa assim. Você tem mais chá? Essas manhãs geladas não são de uma crueldade indizível? Você não sente muita falta do verão? Onde foi parar a faixa do seu braço?”

Alma se sentou e apertou os lábios contra a mão da amiga. Era bom escutar essa tolice absoluta de novo, depois de toda a seriedade dos últimos meses. “Nunca sei qual das suas perguntas responder primeiro, Retta.”

“Começa do meio”, sugeriu Retta, “e depois siga nas duas direções”.

“Como era a bruxa?”, Alma perguntou.

“Rá! Agora *você* está fazendo perguntas demais!” Retta saltou do divã e balançou o corpo para despertar. “Vamos trabalhar hoje?”

Alma sorriu. “Sim, creio que vamos trabalhar... finalmente.”

“E o que vamos estudar, minha caríssima Alma?”

“Vamos estudar a *Utricularia clandestina*, minha caríssima Retta.”

“Uma planta?”

“Sem dúvida.”

“Ah, parece ser uma beleza!”

“Tenha a certeza de que não é”, disse Alma. “Mas é interessante. E o que Retta vai estudar hoje?” Alma pegou uma revista feminina que estava no chão, perto do divã, e folheou suas páginas incompreensíveis.

“Estou estudando os estilos de vestido que uma garota elegante deve usar para casar”, Retta declarou levemente.

“Você está escolhendo um vestido desses?”, Alma retrucou, com igual levandade.

“Certamente!”

“E o que você vai fazer com um vestido desses, minha passarinha?”

“Ah, planejo usá-lo no dia do meu casamento.”

“Que plano engenhoso!”, disse Alma e se voltou para a bancada de laboratório a fim de ver se conseguia começar a entender as anotações que fizera cinco meses antes.

“Mas a manga é muito curta nesses croquis todos, está vendo”, Retta continuou a tagarelar, “e temo sentir frio. Eu poderia usar um xale, como sugeriu minha criadinha, mas ninguém poderia apreciar o colar que mamãe falou que posso

usar. Também queria um ramallete de rosas, embora estejam fora de estação e certas pessoas digam que é deselegante segurar um ramallete de rosas”.

Alma se virou para olhar a amiga mais uma vez. “Retta”, ela chamou, dessa vez num tom mais sério. “Você não vai se casar de verdade, vai?”

“Eu espero que sim!” Retta riu. “Já me disseram que a única maneira como alguém *deveria* se casar é de verdade!”

“E com quem você pretende se casar?”

“Com o sr. George Hawkes”, declarou Retta. “Aquele moço divertido, sério. Fico tão feliz, Alma, por meu futuro marido ser uma pessoa que você tanto adora, o que significa que todos podemos ser amigos. Ele admira muito você, e você o admira, o que deve indicar que ele é um bom homem. É a sua afeição por George, na verdade, que me faz confiar nele. Ele pediu a minha mão pouco depois do falecimento da sua mãe, mas eu não quis falar disso antes porque você estava sofrendo muito, minha pobrezinha querida. Eu não tinha noção de que ele sequer gostava de mim, mas mamãe me falou que todo mundo gosta de mim, abençoados sejam, pois eles não têm como evitar.”

Alma sentou-se no chão. Não havia alternativa *senão* se sentar.

Retta correu para a amiga e se sentou a seu lado. “Olha só para você! Está comovida por mim! Você gosta tanto de mim!” Retta passou o braço pela cintura de Alma, assim como no dia em que se conheceram, e lhe deu um abraço apertado. “Tenho que confessar que eu também ainda estou um pouco comovida. O que um homem tão inteligente poderia querer com um fiapo bobinho como eu? Meu pai foi quem mais se surpreendeu! Ele disse: ‘Loretta Marie Snow, sempre pensei que você seria do tipo de menina que se casa com um sujeito lindo e burro que usa botas de cano alto e caça raposas por lazer!’ Mas olhe para mim — eu vou me casar com um erudito. Imagine se assim eu ficar inteligente, Alma, sendo casada com um homem de mente tão extraordinária. Embora eu deva admitir que George não é tão paciente quanto você para responder minhas perguntas. Ele diz que a edição de botânica é um assunto complexo demais para explicar, e é verdade que ainda não sou capaz de ver a diferença entre uma litografia e uma gravura. É esse o nome — litografia? Portanto posso acabar tão burra como sempre fui! Apesar disso, viveremos na outra margem do rio da Filadélfia, o que vai ser muito divertido! Papai prometeu que vai construir uma casa charmosa para nós, bem ao lado da gráfica do George. Você tem que me visitar todos os dias! E nós três iremos juntos às peças de Old Drury!”

Alma, ainda sentada no chão, não tinha capacidade de falar. Sentia apenas gratidão pelo fato de que Retta aninhara a cabeça em seu peito enquanto tagarelava, pois assim a menina não via seu rosto.

George Hawkes iria se casar com Retta Snow?

Mas George deveria ser marido de Alma. Já fazia quase cinco anos que visualizava em sua mente. Ela o imaginara — o corpo dele! — quando estava no

quartinho de encadernação. Mas também nutria pensamentos mais castos quanto a ele. Ela os imaginava trabalhando juntos, em um escritório particular. Sempre se imaginara indo embora de White Acre quando chegasse o momento de se casar com George. Juntos, viveriam em um quartinho acima da gráfica, com seus aromas quentes de tinta e papel. Ela os vira indo a Boston juntos, ou talvez até mais longe — longe como os Alpes, escalando rochas para procurar anêmonas-pulsatila e andrósaces. Ele diria a ela: “O que você acha deste espécime?” E ela responderia: “É belo e raro.”

Ele sempre fora tão gentil com ela. Uma vez apertara a mão dela entre as suas. Tinham olhado pelo mesmo óculo de microscópio *tantas vezes* — um depois do outro, depois o primeiro de novo —, explorando e se revezando diante daquela maravilha.

O que George Hawkes via em Retta Snow? Pelo que Alma se lembrava, George mal conseguia *olhar* para Retta Snow sem um constrangimento desnorteado. Alma se recordou de George lhe lançando olhares confusos sempre que Retta abria a boca, como se buscasse ajuda, consolo ou interpretação. No mínimo, esses olhares que George e Alma trocavam *a respeito de* Retta tinham sido uma das intimidades mais doces entre os dois — ou pelo menos Alma sonhara assim.

Mas, ao que parecia, Alma tinha sonhado muitas coisas.

Em parte, ela ainda esperava que fosse apenas uma das brincadeiras estranhas de Retta, ou talvez um surto de ilusão criado pela imaginação da garota. Pouco antes, afinal, Retta alegou que havia bruxas vivendo na cocheira, então tudo era possível. Mas não. Alma conhecia Retta muito bem. Aquele não era o jeito de Retta ao brincar. Era o jeito de Retta ao falar sério. Era o jeito de Retta ao tagarelar sobre o problema das mangas e xales num casamento em fevereiro. Era o jeito de Retta ao ficar muito preocupada por causa do colar que a mãe pretendia lhe emprestar, que era bem caro, mas que não era exatamente do agrado de Retta: *E se o cordão for longo demais? E se ele se enrolar no espertilho?*

Alma se levantou de supetão e puxou Retta do chão. Não aguentava mais. Não era possível ficar parada escutando mais uma palavra sobre isso. Sem ter um plano de ação, abraçou Retta. Era bem mais fácil abraçá-la do que encará-la. Também fazia com que Retta se calasse. Ela abraçou Retta com tanta força que ouvia a garota tomar fôlego com dificuldade, com um chiado surpreso. Quando achou que Retta recomeçaria a falar, Alma ordenou “Shh” e apertou a amiga com mais firmeza ainda.

Os braços de Alma eram de uma força incomum (tinha braços de ferreiro, assim como o pai) e Retta era pequenina, com costelas de filhote de coelho. Existiam cobras capazes de matar dessa forma, com um abraço que vai ficando cada vez mais apertado até a respiração cessar por completo. Alma apertou com

mais força. Retta soltou outro chiadinho. Alma abraçou com ainda mais firmeza — tanta firmeza que levantou Retta do chão.

Lembrou-se do dia em que se conheceram: Alma, Prudence e Retta. *Rabeca, colher e forquilha*. Retta dissera: “Se nós fôssemos garotos, agora teríamos que brigar.” Bem, Retta não era de briga. Teria perdido uma batalha dessas. Teria perdido feio. Alma tencionou mais os braços em torno daquela pessoa pequenina, inútil, valiosa. Fechou os olhos com toda sua força, mas lágrimas se derramaram pelos cantos mesmo assim. Sentia Retta desfalecendo em seus braços. Seria tão fácil fazer com que parasse de respirar. Retta idiota. Retta querida, que — até neste momento! — resistia com êxito a todos os esforços para não ser amada.

Alma pôs a amiga no chão.

Retta aterrissou com um suspiro e quase quicou.

Alma se obrigou a falar. “Dou os parabéns por sua felicidade”, ela declarou.

Retta soluçou uma vez e se agarrou ao espartilho com as mãos trêmulas. Sorriu, tão tola e crédula. “Que Almazinha gentil você é!”, disse Retta. “E que amor você tem por mim!”

Em um gesto esquisito de formalidade quase masculina, Alma esticou a mão para que Retta a apertasse, conseguindo emitir mais uma única frase: “Você merece muito.”

“Você *sabia?*”, Alma interpelou Prudence nem uma hora depois, ao encontrar a irmã bordando na sala de estar.

Prudence apoiou o bordado no colo, juntou as mãos e não disse nada. Prudence tinha o costume de não se envolver em conversa nenhuma sem antes entender bem quais seriam as consequências. Mas Alma aguardou ainda assim, querendo obrigar a irmã a falar, querendo flagrá-la no ato. Que ato, no entanto? O rosto de Prudence não tinha nada a revelar, e se Alma pensava que Prudence Whittaker era boba a ponto de ter a primeira palavra em circunstâncias tão apimentadas, então ela não conhecia Prudence Whittaker.

No silêncio que veio em seguida, Alma sentiu a raiva se transformar de indignação inflamada em algo mais trágico e petulante, algo corrompido e triste. “Você sabia”, Alma por fim se viu obrigada a perguntar, “que Retta Snow vai se casar com George Hawkes?”.

A expressão de Prudence não mudou, mas Alma viu uma linhazinha branca surgir por apenas um instante em volta dos lábios da irmã, como se tivesse comprimido a boca só de leve. Depois a linha sumiu, com a mesma rapidez com que se formara. Era até possível que Alma a tivesse imaginado.

“Não”, Prudence respondeu.

“Como isso pôde acontecer?”, Alma indagou. Prudence não falou nada, portanto Alma continuou. “Retta me falou que estão noivos desde a semana do falecimento da nossa mãe.”

“Entendo”, declarou Prudence, após um longo intervalo.

“Retta ficou sabendo que eu...” Aqui Alma hesitou e quase caiu no choro. “Retta ficou sabendo dos meus sentimentos por ele?”

“Como eu poderia saber?”, Prudence retrucou.

“Ela ficou sabendo por *você*?” A voz de Alma era insistente e vacilante. “Você contou a ela? Você é a única pessoa que poderia ter contado a ela que eu amava George.”

Nesse momento a linha branca em volta dos lábios da irmã ressurgiu e manteve-se por um tempinho a mais. Não havia como se enganar. Era raiva.

“Eu esperava, Alma”, disse Prudence, “que você conhecesse melhor o meu caráter depois de tantos anos. Alguém que me procurasse em busca de fofocas voltaria para casa satisfeito?”

“Retta já procurou você em busca de fofocas?”

“Pouco importa se ela procurou ou não, Alma. Você soube de alguma ocasião em que eu tivesse revelado os segredos de alguém?”

“*Pare de me responder com charadas!*”, berrou Alma. Em seguida abaixou a voz: “Você contou ou não contou a Retta Snow que eu amava George Hawkes?”

Alma viu uma sombra passar pela porta, hesitar e então sumir. Só obteve o vislumbre de um avental. Alguém — uma criada — estivera prestes a entrar na sala de estar, mas era óbvio que mudara de ideia e saíra de fininho. Será que nunca existiu privacidade nesta casa? Prudence também viu a sombra e não gostou nada. Ela se levantou e deu um passo adiante para encarar Alma de modo direto — aliás, de modo quase ameaçador. As irmãs não conseguiam se olhar nos olhos, já que havia uma grande diferença de altura, mas Prudence de alguma forma foi capaz de derrubar Alma com o olhar, todavia, mesmo com trinta centímetros a menos.

“Não”, disse Prudence, “nunca contei nada a ninguém e nunca contarei. Além do mais, suas insinuações me ofendem e são injustas com Retta Snow e com o sr. Hawkes, cujos assuntos — espero de todo o coração — só dizem respeito a eles mesmos. O pior de tudo é que suas inquirições a rebaixam. Sinto muito por sua frustração, mas devemos aos amigos nossa alegria e felicitação por sua boa sorte”.

Alma tornou a falar, mas Prudence a interrompeu. “É melhor você retomar o domínio sobre si mesma antes de continuar a falar, Alma”, advertiu, “senão você irá se arrepender do que está prestes a revelar”.

Bom, isso era indiscutível. Alma já *estava* arrependida do que tinha revelado. Desejava nunca ter iniciado aquela conversa. Mas era tarde demais. A melhor alternativa era encerrá-la imediatamente. Teria sido uma oportunidade maravilhosa para Alma fechar a boca. Terrivelmente, entretanto, ela não conseguia se controlar.

“Eu só queria saber se Retta me traiu”, Alma soltou.

“É mesmo?”, Prudence questionou sem alterar o tom. “Então você supõe que a srta. Retta Snow, amiga sua e minha — a criatura mais ingênua que conheci na vida —, lhe roubou George Hawkes de propósito? Com que objetivo, Alma? Para sua satisfação esportiva? E, aproveitando essa sua linha de investigação, você também crê que eu a trai? Crê que contei seu segredo a Retta, a fim de zombar de você? Crê que incentivei Retta a ir atrás do sr. George Hawkes numa espécie de brincadeira perversa? Crê que tenho vontade de vê-la sendo castigada?”

Santa misericórdia, mas Prudence era implacável. Era praticamente uma advogada. Alma nunca havia se sentido tão terrível nem parecido tão mesquinha. Sentou-se na poltrona mais próxima e olhou fixo para o chão. Mas Prudence seguiu Alma até a poltrona, permaneceu de pé e continuou a falar. “Enquanto isso, Alma, tenho novidades minhas para contar, que lhe direi agora, pois se refere a um assunto semelhante. Pretendia esperar que nossa família encerrasse o luto para abordar a questão, mas vejo que você já decidiu que o luto da nossa família está terminado.”

Nesse instante, Prudence tocou no braço direito de Alma — despido da faixa preta de crepe — e Alma quase recuou.

“Também vou me casar”, anunciou Prudence, sem sinal de triunfo ou deleite. “O senhor Arthur Dixon pediu a minha mão e eu aceitei.”

A cabeça de Alma, por um instante, se esvaziou: Quem, em nome de Deus, era Arthur Dixon? Por sorte, ela não fez a pergunta em voz alta, pois no segundo seguinte, é claro, ela se lembrou quem era ele e se sentiu ridícula por ter de pensar. Arthur Dixon: preceptor delas. Aquele homem triste e corcunda que, sabe-se lá como, tinha enfiado o francês na cabeça de Prudence, e que sem alegria nenhuma ajudara Alma a dominar o grego. Aquela triste criatura de suspiros desalentados e tossidelas pesarosas. Aquele tediozinho em forma de pessoa, cujo rosto não passava pela cabeça de Alma desde a última vez que o vira, que tinha sido... quando? Quatro anos antes? Quando ele enfim saiu de White Acre para virar professor de Línguas Antigas na Universidade da Pensilvânia? Não, Alma se deu conta com um susto, estava enganada. Fazia pouco tempo que vira Arthur Dixon, no funeral da mãe. Chegara a falar com ele. Ele lhe prestara respeitosas condolências, e ela se perguntara o que diabos ele fazia ali.

Bom, agora ela sabia. Estava ali para cortejar a ex-aluna, ao que parecia, que por acaso também era a moça mais bonita da Filadélfia, e, é necessário dizer, provavelmente uma das mais ricas.

“Quando foi que o noivado aconteceu?”, Alma indagou.

“Pouco antes de nossa mãe morrer.”

“Como?”

“Do modo habitual”, Prudence respondeu com frieza.

“Tudo isso aconteceu *ao mesmo tempo*?”, Alma quis saber. A ideia a enojava.

“Você ficou noiva do sr. Dixon ao mesmo tempo que Retta Snow ficou noiva de

George Hawkes?”

“Não tomo conhecimento dos assuntos dos outros”, disse Prudence. Mas logo amoleceu um pouco e concedeu: “Mas me parece que sim — ou quase. Meu noivado parece ter acontecido uns dias antes. Embora isso não tenha nenhuma relevância.”

“O papai sabe?”

“Ele saberá em breve. Arthur estava esperando que nosso luto acabasse para fazer o pedido.”

“Mas o que é que Arthur Dixon vai dizer ao nosso pai, Prudence? O homem tem pavor do papai. Não consigo conceber. Como Arthur vai levar a conversa adiante sem cair desmaiado? E o que você vai fazer com o resto da sua vida — casada com um *acadêmico*?”

Prudence se aprumou e alisou as saias. “Me pergunto se você percebe, Alma, que uma reação mais tradicional ao anúncio de um noivado é desejar à futura noiva muitos anos de saúde e felicidade — em especial se a futura noiva for a sua irmã.”

“Ah, Prudence, me desculpe...”, Alma começou, envergonhando-se da própria atitude pela décima vez naquele dia.

“Não se preocupe”, declarou Prudence, e virou-se para a porta. “Eu não esperava outra coisa.”

Na vida de todos nós, há dias que gostaríamos de ver riscados do registro de nossa existência. Talvez desejemos essa rasura porque certo dia nos causou uma tristeza tão devastadora que mal somos capazes de pensar nele de novo. Ou talvez desejemos encobrir um episódio para sempre por termos nos comportado muito mal — nosso egoísmo foi mortificante, ou nossa tolice atingiu níveis extraordinários. Ou talvez tenhamos machucado alguém e desejemos esquecer nossa culpa. Tragicamente, há certos dias na vida em que essas três coisas acontecem de uma só vez — em que ficamos de coração partido, somos tolos e machucamos os outros de maneira imperdoável ao mesmo tempo. Para Alma, esse dia foi 10 de janeiro de 1821. Teria feito o que estivesse ao seu alcance para apagar esse dia inteiro da narrativa de sua vida.

Jamais se perdoaria porque sua reação imediata às boas-novas tanto da querida amiga como da pobre irmã tinha sido uma demonstração cruel de ciúme, falta de consideração e (pelo menos no caso de Retta) violência física. O que Beatrix sempre ensinara a elas? *Nada é mais essencial do que a dignidade, meninas, e o tempo revela quem a tem.* Na opinião de Alma, no dia 10 de janeiro de 1821 ela havia se revelado uma moça desprovida de dignidade.

Isso a perturbaria por muitos anos. Alma provocava o próprio tormento imaginando — várias e várias vezes — todas as formas diferentes de como poderia ter agido naquele dia, caso tivesse controlado melhor as emoções. Nas

conversas revisadas de Alma com Retta, ela abraçava a amiga com muita ternura à mera menção do nome de George Hawkes e dizia sem alterar o tom de voz: “Ele é um homem muito sortudo por tê-la conquistado!” Em suas conversas revisadas com Prudence, nunca acusava a irmã de ter contado seu segredo a Retta, e é claro que nunca acusava Retta de ter roubado George Hawkes, e, quando Prudence anunciava o próprio noivado com Arthur Dixon, Alma abria um sorriso afetuoso, pegava a mão da irmã com carinho e afirmava: “Não consigo imaginar nenhum cavalheiro mais adequado para você!”

Infelizmente, porém, não temos uma segunda chance em episódios tão errados.

Para ser justo, em 11 de janeiro de 1821 — apenas um dia depois! — Alma era uma pessoa bem melhor. Ela se recompôs o mais rápido que pôde. Comprometeu-se seriamente a um espírito de graciosidade quanto aos dois noivados. Propôs-se a desempenhar o papel de jovem serena genuinamente contente pela alegria dos outros. E, quando chegou a data de ambos os casamentos, no mês seguinte, separados por apenas uma semana, ela deu conta de ser uma convidada agradável e animada nas duas ocasiões. Foi prestimosa com as noivas e cordial com os noivos. Ninguém viu nela alguma rachadura.

No entanto, Alma sofreu.

Havia perdido George Hawkes. Fora deixada para trás pela irmã e pela única amiga. Tanto Prudence como Retta, logo depois dos respectivos casamentos, se mudaram para o outro lado do rio, no centro da Filadélfia. Era o fim da rabeca, colher e forquilha. A única que continuaria em White Acre seria Alma (que havia decidido muito antes que ela era a *forquilha*).

Alma se consolou com o fato de que ninguém, afora Prudence, sabia de seu antigo amor por George Hawkes. Não havia nada que pudesse fazer para suprimir as confissões arrebatadas que por desleixo dividira com Prudence ao longo dos anos (e céus, que arrependimento sentia delas!), mas pelo menos Prudence era um túmulo, de quem segredo nenhum vazaria. O próprio George não parecia se dar conta de que Alma tinha gostado dele, nem de que ela podia ter suspeitado de que ele gostasse *dela*. Não tratava Alma de forma diferente depois do casamento. Era amigável e profissional antes, e era amigável e profissional agora. Isso era ao mesmo tempo um consolo e um tremendo desalento para Alma. Era um consolo porque não haveria constrangimento persistente entre eles, nem sinal público de humilhação. Era um desalento porque aparentemente nunca existira absolutamente nada entre eles — fora o que quer que Alma tenha se permitido sonhar.

Era tudo uma enorme vergonha, quando se olhava para trás. Infelizmente, era inevitável olhar para trás.

Ademais, a impressão agora era de que Alma ficaria em White Acre para sempre. O pai precisava dela. Isso ficava mais claro a cada dia que passava.

Henry deixara Prudence partir sem lutar (aliás, abençoara a filha adotiva com um dote bastante generoso, e não fora indelicado com Arthur Dixon, apesar do fato de que o moço era chato e presbiteriano), mas Henry jamais deixaria Alma ir embora. Prudence não tinha valor para Henry, mas Alma lhe era essencial, principalmente depois da morte de Beatrix.

Portanto, Alma substituiu a mãe em todos os aspectos. Foi obrigada a assumir o papel, já que ninguém mais conseguia lidar com Henry. Alma escrevia as cartas do pai, organizava suas contas, escutava suas queixas, vigiava seu consumo de rum, fazia comentários sobre seus planos e aplacava suas indignações. Chamada ao escritório dele a qualquer hora do dia ou da noite, Alma nunca sabia ao certo para que o pai precisaria dela, ou quanto tempo a tarefa lhe tomaria. Podia encontrá-lo sentado à escrivaninha, raspando uma pilha de moedas de ouro com uma agulha de costura, tentando determinar se o ouro era falso, querendo a opinião de Alma. Podia simplesmente estar entediado, querendo que Alma levasse uma xícara de chá, ou jogasse cartas com ele, ou o ajudasse a lembrar a letra de uma canção antiga. Nos dias em que seu corpo doía, ou quando havia extraído um dente ou um emplastro contra pústulas era aplicado ao peito, convocava Alma ao escritório apenas para lhe dizer como sentia dor. Ou, sem motivo nenhum, às vezes queria simplesmente inventariar suas queixas. (“Por que é que o cordeiro desta casa tem gosto de *carneiro*?”, ele exigia saber. Ou: “Para que as criadas vivem mudando os tapetes de lugar, é para que um homem jamais saiba onde pôr *os pés*? Quantos tombos elas querem que eu sofra?”)

Nos dias de mais disposição, mais movimentados, Henry podia ter atividades de verdade para Alma. Podia precisar que ela escrevesse uma carta ameaçadora a um devedor com os pagamentos atrasados. (“Diga que ele tem duas semanas para começar a me pagar, senão eu garanto que os filhos dele passarão o resto da vida em um abrigo para pobres”, Henry ditava, enquanto Alma redigia: “Caro senhor: Com todo o respeito, solicito que se apresse no pagamento desta dívida...”.) Ou Henry tinha recebido uma coleção de espécimes botânicos secos do exterior e precisava que Alma os reconstituísse em água e diagrama rapidamente, antes que todos apodrecessem. Ou precisava escrever uma carta para algum subalterno na Tasmânia que se matava de tanto trabalhar nos recônditos do planeta a fim de colher plantas exóticas em nome da Whittaker Company.

“Diga àquele parvo preguiçoso”, Henry dizia, jogando um bloco de papel para a filha, do outro lado da escrivaninha, “que ele não me serve de nada quando informa que encontrou tais e tais espécimes às margens de um riacho qualquer, cujo nome, que eu saiba, provavelmente ele mesmo inventou, já que não existe em mapa nenhum. Diga a ele que preciso de detalhes *úteis*. Diga a ele que estou pouco me lixando para a notícia de que a saúde dele vai mal. Minha saúde também vai mal, mas eu por acaso o incomodo com as minhas desgraças? Diga

a ele que garanto dez dólares pela centena de cada espécime, mas que preciso que ele seja *exato*, e que os espécimes sejam *identificáveis*. Diga a ele que pare de *grudar* as amostras secas no papel, porque isso as destrói, e ele já devia ter aprendido isso há muito tempo. Diga que ele tem de usar *dois* termômetros em cada caixa de Ward — um amarrado ao vidro e o outro enfiado na terra. Diga que, antes de despachar mais espécimes, ele precisa convencer os marujos a bordo do navio de que é necessário tirar as caixas do convés à noite se a previsão for de geada, porque não pago nem *um dente de madeira* por outro carregamento de mofo preto encaixotado que ele alega ser uma planta. E diga a ele que não, não vou adiantar o salário dele de novo. Diga que ele tem sorte de ainda estar empregado, já que está fazendo tudo o que pode para me levar à bancarrota. Diga que pago quando ele fizer por merecer”. (“Caro senhor”, Alma começava a escrever, “nós, da Whittaker Company, lhe estendemos a mais sincera gratidão por seus recentes esforços, e nos desculpamos por quaisquer desconfortos que o senhor tenha sofrido...”)

Ninguém mais poderia exercer essa atividade. Tinha de ser Alma. Era tudo exatamente como Beatrix orientara em seu leito de morte: Alma não podia abandonar o pai.

Teria Beatrix suspeitado de que Alma nunca se casaria? Era provável, Alma se deu conta. Quem iria querê-la? Quem aceitaria essa criatura gigante do sexo feminino, que tinha mais de um metro e oitenta, que era excessivamente recheada de conhecimento e tinha cabelo em forma de crista de galo? George Hawkes tinha sido o melhor candidato — o único candidato, na verdade — e agora era passado. Alma sabia que era impossível achar um marido adequado, e um dia disse isso a Hanneke de Groot, enquanto as duas podavam buxos no antigo jardim grego da mãe.

“Minha vez nunca chegará, Hanneke”, Alma afirmou de repente. Seu tom não era de lamento, mas de franqueza absoluta. Havia alguma coisa no ato de falar em holandês (e Alma só falava com Hanneke em holandês) que sempre inspirava a franqueza absoluta.

“Dê tempo ao tempo”, aconselhou Hanneke, entendendo perfeitamente do que Alma falava. “Ainda é possível que um marido a procure.”

“Leal Hanneke”, Alma disse com carinho, “vamos ser sinceras. Quem é que vai pôr uma aliança nestas minhas mãos de megera? Quem é que vai beijar esta cabeça de enciclopédia?”

“Eu beijarei”, declarou Hanneke, e puxou Alma para um beijo na testa. “Pronto, acabou. Pare de reclamar. Você sempre se comporta como se soubesse de tudo, mas você não sabe tudo. Sua mãe tinha o mesmo defeito. Vi mais da vida do que você, de longe, e digo que você não está velha demais para se casar — e você ainda pode ter uma família. E também não há pressa. Veja só a sra. Kingston, de Locust Street. Ela deve ter cinquenta anos e acabou de dar gêmeos

ao marido! Uma bela esposa de Abraão, essa mulher. Deviam estudar o ventre dela!”

“Confesso, Hanneke, que não acredito que a sra. Kingston tenha mesmo cinquenta anos. Tampouco acredito que ela queira que estudem seu ventre.”

“Só estou falando que você não tem como prever o futuro, minha criança, tanto quanto você imagina ter. E há algo mais que preciso lhe dizer, além disso.” Hanneke interrompeu o trabalho e seu tom de voz ficou sério. “Todo mundo tem frustrações, minha criança.”

Alma adorava o som da palavra “criança” em holandês. *Kindje*. Era como Hanneke sempre a chamava quando ela era pequena e temerosa, e subia na cama da governanta de madrugada. *Kindje*. Era a própria ternura.

“Eu sei que todo mundo tem frustrações, Hanneke.”

“Não tenho certeza de que sabe. Você ainda é jovem, então só pensa em si mesma. Você não percebe as tribulações que ocorrem ao seu redor, a outras pessoas. Não proteste; é a verdade. Não a estou condenando. Eu era egoísta que nem você, quando tinha a sua idade. É hábito dos jovens ser egoísta. Agora sou mais sábia. É uma pena não podermos botar uma cabeça velha sobre ombros jovens, senão você também poderia ser sábia. Mas um dia você entenderá que ninguém passa por este mundo sem sofrer — apesar do que você possa pensar dos outros e de suas supostas boas sortes.”

“O que devemos fazer, então, com o nosso sofrimento?”, Alma indagou.

Não era uma pergunta que Alma teria feito a um pastor, a um filósofo ou a um poeta, mas tinha a curiosidade — desesperadora, até — de ouvir a resposta de Hanneke de Groot.

“Bom, minha criança, você pode fazer o que bem entender com o *seu* sofrimento”, Hanneke declarou com doçura. “Ele lhe pertence. Mas vou contar a você o que faço com o meu. Eu o agarro pelos pelinhos, atiro no chão e esmigalho com o salto da bota. Sugiro que você aprenda a agir assim.”

E foi o que Alma fez. Ela aprendeu a esmigalhar as frustrações com o salto de sua bota. Tinha botas resistentes, ademais, então estava bem paramentada para a atividade. Fez o esforço de transformar as tristezas em um pó arenoso que podia ser chutado na vala. Fazia isso todos os dias, às vezes várias vezes por dia, e era assim que seguia em frente.

Os meses passaram. Alma auxiliava o pai, auxiliava Hanneke, trabalhava nas estufas, e de vez em quando organizava jantares formais em White Acre para distrair Henry. Raramente via a velha amiga Retta. Era ainda mais raro ver Prudence, mas acontecia vez por outra. Por mero hábito, Alma comparecia aos cultos de domingo, embora fosse frequente, numa atitude bastante vergonhosa, suceder as visitas à igreja com visitas ao quartinho de encadernação, a fim de esvaziar a cabeça tocando o corpo. O hábito no quartinho de encadernação não

era mais prazeroso, mas lhe dava certa sensação de alívio.

Ela se mantinha ocupada, mas não estava ocupada *o bastante*. Em um ano, percebia uma letargia intrusa que a assustava imensamente. Ansiava por algum tipo de emprego ou empreendimento que desse vazão à sua notável energia intelectual. A princípio, as questões comerciais do pai tinham seu valor nesse aspecto, já que o trabalho preenchia seus dias com montes atemorizantes de responsabilidades, mas logo a eficiência de Alma se tornou sua inimiga. Ela cumpria as atividades da Whittaker Company bem demais e rápido demais. Em pouco tempo, tendo aprendido tudo que precisava saber sobre importação e exportação botânica, era capaz de terminar o trabalho de Henry no lugar dele em questão de quatro ou cinco horas por dia. Essas horas simplesmente não bastavam. Restavam muitas horas livres, e horas livres eram perigosas. Horas livres criavam oportunidades demais de examinar as frustrações que deveria esmigalhar com o salto das botas.

Também foi nessa época — no ano seguinte ao casamento de todo mundo — que Alma chegou a uma conclusão importante, até mesmo chocante: ao contrário do que acreditava na infância, ela descobriu que White Acre não era, de fato, um lugar enorme. Muito pelo contrário, aliás: era um lugar *minúsculo*. Sim, o terreno atingira mais de quatrocentos hectares, com um quilômetro à beira do rio, um trecho grande de floresta virgem, uma biblioteca espetacular, uma vasta rede de estúbulos, estufas, lagos e riachos — mas se estes forem os limites do universo inteiro de uma pessoa (como eram para Alma agora), então não eram grandes de modo algum. Qualquer lugar de onde alguém não possa sair não é grande — em especial se esse alguém for uma naturalista!

O problema era que Alma já tinha passado a vida inteira estudando a natureza de White Acre e conhecia o terreno bem demais. Conhecia cada árvore, pedra, pássaro e sapatinho-de-vênus. Conhecia cada aranha, cada besouro, cada formiga. Não havia nada de novo a explorar. Sim, poderia estudar as novas plantas tropicais que eram instaladas nas estufas magníficas do pai todas as semanas — mas não eram uma descoberta! Alguém já havia descoberto aquelas plantas! E a missão do naturalista, pelo que Alma entendia, era descobrir. Mas tal oportunidade não existiria para Alma, pois ela já havia chegado às suas fronteiras botânicas. Essa percepção a assustava e a impedia de dormir à noite, o que, por sua vez, a assustava ainda mais. Temia o desassossego que se insinuava sobre ela. Praticamente ouvia a mente andar de um lado para outro dentro do crânio, engaiolada e irritada, e sentia o peso de todos os anos que ainda tinha para viver caindo em cima de si com violenta intimidação.

Taxonomista nata sem nada de novo para categorizar, Alma mantinha a inquietação em xeque colocando outras coisas em ordem. Arrumou e organizou em ordem alfabética o escritório do pai. Aprimorou a biblioteca descartando livros sem valor. Dispôs os potes de coleta nas próprias prateleiras por ordem de

tamanho e criou sistemas ainda mais refinados de arquivamento supérfluo, e foi assim que aconteceu de — cedo da manhã de um dia em junho de 1822 — Alma Whittaker estar sozinha na cocheira, examinando todas as pesquisas que já tinha escrito para George Hawkes. Tentava decidir se organizaria os números antigos da *Botanica Americana* por tema ou cronologia. Era uma tarefa desnecessária, mas ocuparia uma hora.

Na base da pilha, entretanto, Alma achou seu primeiro artigo — aquele que escrevera quando tinha apenas dezesseis anos, sobre a *Monotropa hypopitys*. Ela o releu. A redação era juvenil, mas a ciência era certa e a descrição da planta que adorava sombra como um parasita sagaz e pálido ainda lhe parecia válida. Ao analisar minuciosamente suas antigas ilustrações da *Monotropa*, contudo, ela quase riu daquela cruzeta rudimentar. Seus diagramas pareciam ter sido esboçados por uma criança, o que, basicamente, era verdade. Não que tivesse se tornado um artista brilhante no decorrer dos anos, mas aqueles retratos eram realmente toscos. George fora gentil por sequer publicá-los. A intenção era retratar sua *Monotropa* crescendo em um leito de musgo, porém, no desenho de Alma, a planta parecia brotar de um colchão velho e nodoso. Ninguém seria capaz de entender aquelas protuberâncias deploráveis na parte inferior do desenho como sendo musgo. Deveria ter mostrado muito mais detalhes. Como boa naturalista, deveria ter feito uma ilustração que retratasse com bastante precisão em qual subespécie de musgo brotava a *Monotropa hypopitys*.

Pensando melhor, porém, Alma se deu conta de que ela mesma não sabia em qual subespécie de musgo brotava a *Monotropa hypopitys*. Pensando ainda melhor, percebeu que não tinha certeza absoluta de que era capaz de distinguir as subespécies de musgo. Quantas existiam, em todo caso? Umas poucas? Uma dúzia? Várias centenas? Era chocante, mas não sabia.

No entanto, onde poderia ter descoberto esse dado? Quem é que tinha sequer escrito sobre musgos? Ou mesmo sobre a *Bryophyta* em geral? Não havia nenhum livro consagrado sobre o assunto, pelo que sabia. Ninguém fizera carreira com ele. Quem é que gostaria de tê-la feito? Musgos não eram orquídeas, não eram cedros do Líbano. Não eram grandes nem bonitos nem pomposos. Tampouco o musgo era medicinal ou rentável, através do qual um homem como Henry Whittaker poderia fazer fortuna. (Embora Alma se lembrasse do pai lhe dizendo que embrulhava as valiosas sementes de cinchona em musgo seco, para conservá-las no caminho até Java.) Talvez Gronovius tivesse escrito alguma coisa sobre musgos? Talvez. Mas a obra do velho holandês já tinha quase setenta anos àquela altura — estava muito ultrapassada e pavorosamente incompleta. O que estava claro era que ninguém dava muita atenção à coisa. Alma tinha até vedado as rachaduras das paredes velhas de sua cocheira com chumaços de musgo, como se fosse algodão de estofado comum.

Ela o negligenciara.

Alma se levantou de supetão, se enrolou no xale e saiu correndo com uma lupa grande enfiada no bolso. Fazia uma manhã fresca, fria e um pouco nublada. A luz estava perfeita. Não precisou ir muito longe. Em um ponto alto junto à ribanceira, sabia que havia um grande afloramento de pedras calcárias úmidas, abrigadas da luz por uma cadeia de árvores vizinhas. Ali, ela se lembrou, acharia musgos, pois era o lugar de onde colhera o isolante de seu escritório.

A lembrança estava correta. Logo na fronteira entre rochas e floresta, Alma se deparou com o primeiro penedo do afloramento. A pedra era maior do que um boi adormecido. Como desconfiava e esperava, era coberta de musgo. Alma se ajoelhou na grama alta e aproximou seu rosto da pedra o máximo possível. E ali, erguendo-se a não mais que dois centímetros e meio da superfície do penedo, viu uma floresta enorme e minúscula. Não havia movimento naquele mundo musguento. Perscrutou tão de perto que sentia o cheiro — úmido, intenso e velho. Com delicadeza, Alma forçou a mão contra a florestinha compacta. Ela se encolheu sob a palma de sua mão e depois retomou a velha forma sem se queixar. Havia algo empolgante no modo como reagiu a ela. O musgo era quente e esponjoso, alguns graus mais quente do que o ar que o cercava, e bem mais úmido do que ela esperava. Parecia ter um clima próprio.

Alma aproximou a lupa do olho e tornou a observar. Agora a miniatura de floresta sob seu olhar saltava em detalhes majestosos. Sentiu sua respiração parar. Era um reino espantoso. Era a selva amazônica vista das costas de uma harpia. Passou os olhos pela paisagem surpreendente, seguindo suas trilhas em todas as direções. Eram vales densos, abundantes, repletos de arvorezinhas de cabelo de sereia trançado e videiras minúsculas, entrelaçadas. Afluentes praticamente invisíveis cortavam a selva, e havia um oceano em miniatura na depressão no centro do penedo, onde toda a água se juntava em um charco.

Do outro lado do oceano — que tinha metade do tamanho do xale de Alma — ela descobriu outro continente de musgo. Nesse novo continente, tudo era diferente. Esse canto do penedo devia receber mais luz solar do que o outro, conjecturou. Ou um pouco menos de chuva? De qualquer forma, era uma atmosfera totalmente nova. Ali, o musgo crescia como montanhas do tamanho dos braços de Alma, em graciosos aglomerados de formas de pinheiros num tom de verde mais escuro e lúgubre. Em outro quadrante do mesmo penedo, achou trechos de desertos infinitesimais, habitados por um tipo de musgo inflexível, seco, flocoso, com aparência de cacto. Em outro ponto, encontrou fiordes densos e diminutivos de musgos com vestígios persistentes do gelo do inverno, mas também estuários quentes, minicadedrais e cavernas de líquen do tamanho de seu dedão.

Então Alma levantou o rosto e reparou no que tinha diante de si — dezenas de penedos como aquele, mais do que seria capaz de contar, todos atapetados de forma semelhante, todos com diferenças sutis. Sentiu que perdia o fôlego. *Aquilo*

ali era o mundo inteiro. Aquilo ali era maior que o mundo. Era o firmamento do universo, como visto através de um dos potentes telescópios de William Herschel. Era planetário e vasto. Eram galáxias antigas, inexploradas, se deslindando à sua frente — estava tudo bem ali! Ainda dava para ver sua casa dali. Dava para ver os velhos barcos no rio Schuylkill. Dava para escutar as vozes distantes dos paisagistas do pai trabalhando no pomar de pessegueiros. Se naquele exato instante Hanneke tivesse tocado o sino para anunciar que era hora de comer, ela o ouviria.

O mundo de Alma e o mundo do musgo estiveram entrelaçados o tempo inteiro, um por cima do outro, um se arrastando sobre o outro. Porém, um desses mundos era barulhento, grande e veloz, enquanto o outro era silencioso, mínimo e vagaroso — e somente um desses mundos parecia imensurável.

Alma enfiou os dedos na rasa pelugem verde e sentiu uma onda de expectativa jubilosa. Aquilo ali poderia lhe pertencer! Nenhum botânico que a precedera havia se dedicado unicamente ao estudo daquele filo subestimado, mas Alma poderia fazê-lo. Tinha tempo, bem como paciência. Tinha competência. Sem dúvida possuía microscópios para isso. Tinha até um editor — pois, apesar de tudo o que acontecera entre eles (ou não acontecera entre eles), George Hawkes sempre ficaria satisfeito em publicar as descobertas de A. Whittaker, fossem elas quais fossem.

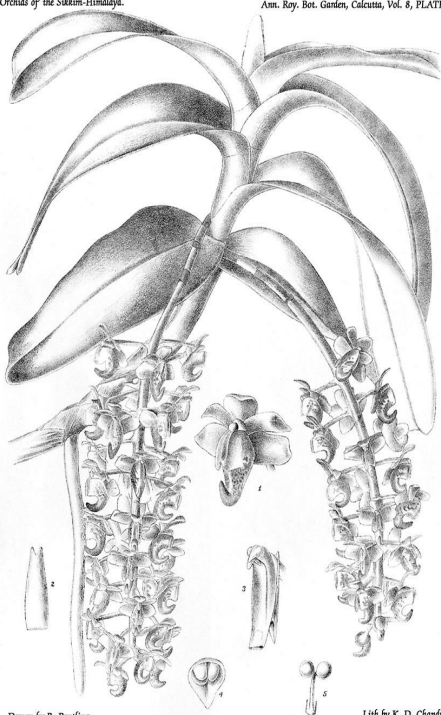
Reconhecendo tudo isso, a existência de Alma pareceu ao mesmo tempo mais importante e muito, muito insignificante — mas era uma insignificância agradável. O mundo havia se reduzido a centímetros infinitos de possibilidades. Sua vida poderia ser vivida em ampla miniatura. O melhor de tudo, Alma se deu conta, era que jamais aprenderia *tudo* sobre musgos — pois já percebia que eles simplesmente abundavam no mundo, pois estavam em todos os cantos e eram extremamente diversificados. Era provável que morresse em decorrência da velhice sem ter entendido nem metade do que acontecia naquela única área de penedos. *Bom, isso merecia um viva!* Queria dizer que Alma teria trabalho a fazer para o resto da vida. Não precisaria ser ociosa. Não precisaria ser infeliz. Talvez nem precisasse viver na solidão.

Tinha uma missão.

Conheceria os musgos.

Se Alma fosse católica romana, talvez fizesse o sinal da cruz em gratidão a Deus pela descoberta — pois o encontro de fato lhe causara a sensação maravilhosa e imponderável de uma conversão religiosa. Mas Alma não era uma mulher dada a emoções religiosas excessivas. Ainda assim, seu coração se encheu de esperança. Ainda assim, as palavras que pronunciou naquele momento soaram exatamente como uma prece:

“Louvadas sejam as labutas que jazem diante de mim”, ela disse. “Começemos.”



Drawn by R. Pantling.

AERIDES ODORATUM, Lour.

Lith by K. D. Chandra.

Aerides odoratum, Lour

PARTE TRÊS

A confusão de mensagens

Capítulo doze

Em 1848, Alma Whittaker já começava a preparar sua nova obra, *Todos os musgos da América do Norte*. Nos vinte e seis anos anteriores, tinha publicado outros dois — *Todos os musgos da Pensilvânia* e *Todos os musgos do nordeste dos Estados Unidos* —, ambos longos, completos e belamente produzidos pelo velho amigo George Hawkes.

Os dois primeiros livros de Alma tinham sido recebidos com entusiasmo pela comunidade botânica. Tivera resenhas lisonjeiras em alguns dos periódicos mais respeitados, e de modo geral era vista como perita em taxonomia de briófitas. Dominara o assunto não somente estudando os musgos de White Acre e das cercanias, mas também comprando, trocando e cultivando amostras de outros colecionadores de botânica do país e do mundo inteiro. Fez isso com bastante facilidade. Alma já sabia como importar botânica, e transportar musgo era simples. Bastava secá-lo, encaixotá-lo e botá-lo no navio, e ele sobrevivia à viagem sem problema nenhum. Tomava pouco espaço e não pesava quase nada, portanto os capitães de navios não se importavam com a carga extra. Jamais apodrecia. Musgo seco se adequava com tanta perfeição ao transporte, aliás, que as pessoas o usavam como material de acondicionamento havia séculos. De fato, no início de suas explorações, Alma descobriu que os depósitos no porto de seu pai já estavam abarrotados de centenas de tipos de musgo de todo o planeta, todos enfiados em cantos e em engradados abandonados, todos ignorados e não examinados — até o momento em que Alma os pôs sob o microscópio.

Por meio dessas explorações e importações, Alma conseguira, no decorrer dos últimos vinte e seis anos, colecionar quase oito mil espécies de musgo, que conservava em um herbário especial, estocadas no palheiro mais seco da cocheira. Seu acervo de dados no campo da briologia global, portanto, tinha uma densidade quase excruciante, apesar do fato de que ela mesma nunca tinha saído da Pensilvânia. Trocava correspondências com botânicos da Terra do Fogo à Suíça, e observava com atenção os complexos debates taxonômicos que assolavam os periódicos científicos mais obscuros sobre esse ou aquele broto de *Neckera* ou *Pogonatum* constituir uma nova espécie ou ser apenas uma variedade modificada de uma espécie já documentada. Às vezes se intrometia com as próprias opiniões, com os próprios artigos cheios de argumentações meticulosas.

Ademais, agora publicava sob o próprio nome. O nome completo. Não era

mais “A. Whittaker”, mas simplesmente “Alma Whittaker”. Nenhuma inicial era acrescida ao seu nome — nenhuma prova de diplomas, nenhuma inclusão em associações científicas de cavalheiros distintos. Tampouco era uma “sra.”, com a dignidade que tal denominação propiciava a uma dama. Àquela altura, muito obviamente, todo mundo sabia que ela era uma mulher. Pouco importava. Musgo não era um ramo competitivo, e talvez esta fosse a razão para terem lhe permitido entrar no campo com tão pouca resistência. Além de sua tenaz perseverança.

À medida que os anos passavam e Alma ia conhecendo o universo do musgo, entendia melhor o porquê de ninguém tê-lo estudado devidamente antes: a olhos ingênuos, parecia haver muito pouco a estudar. Musgos eram tipicamente definidos pelo que lhes faltava, não pelo que eram, e, de fato, lhes faltava muita coisa. Musgos não davam frutos. Musgos não tinham raízes. Musgos só cresciam uns centímetros, pois não tinham esqueleto celular interno que os sustentasse. Musgos não transportavam água dentro do corpo. Musgos nem sequer faziam sexo. (Ou pelo menos não faziam sexo de alguma maneira óbvia, ao contrário de lírios e flores de macieira — ou qualquer outra flor, aliás — com suas exibições públicas de órgãos masculinos e femininos.) Musgos mantinham sua propagação um mistério ao olho humano. Por esse motivo, também eram chamados de criptogamia — “casamento escondido”.

Em todos os aspectos, musgos podiam ser vistos como simplórios, chatos, modestos, até mesmo primitivos. A erva mais simples brotando da calçada mais humilde da cidade parecia muito mais sofisticada, em comparação. Mas o que poucos entendiam e o que Alma aprendeu foi o seguinte: o musgo tinha uma força inconcebível. O musgo comia pedra, e quase nada, por sua vez, comia musgo. O musgo jantava penedos, de forma lenta mas devastadora, em uma refeição que se estendia por séculos. No devido tempo, uma colônia de musgo era capaz de transformar um penhasco em cascalho e de transformar um cascalho em solo arável. Debaixo de recifes de calcário exposto, colônias de musgo criavam esponjas gotejantes, vivas, que se agarravam e bebiam água calcificada direto da pedra. Ao longo do tempo, a mistura de musgo e mineral se transforma em mármore travertino. Dentro da superfície dura e leitosa do mármore, serão visíveis eternamente veios azuis, verdes e cinza — os vestígios de assentamentos de musgo antediluvianos. A própria Basílica de São Pedro era feita desse material, ao mesmo tempo criada e manchada pelos corpos das colônias antigas de musgo.

O musgo cresce onde nada mais cresce. Cresce em tijolos. Cresce no tronco das árvores e na ardósia. Cresce no círculo ártico e nos trópicos mais amenos, mas também cresce na pele do bicho-preguiça, nas costas do caracol, em ossos humanos deteriorados. O musgo, Alma descobriu, é o primeiro sinal de vida botânica a ressurgir em terras que tenham sido incendiadas ou despojadas até a

aridez. O musgo tinha bile para começar a levar a floresta de volta à vida. Era uma máquina de ressurreição. Uma única moita de musgos podia ficar dormente e seca por quarenta anos seguidos, e depois voltar à vida se fosse simplesmente embebida em água.

A única coisa de que os musgos precisavam era de tempo, e Alma começava a achar que o mundo tinha muito tempo a oferecer. Outros estudiosos, ela reparou, estavam começando a aventar essa mesma noção. Na década de 1830, Alma já tinha lido *Princípios da geologia*, de Charles Lyell, que propunha que a terra era bem mais antiga do que se imaginava — talvez já tivesse até milhões de anos. Admirava o trabalho mais recente de John Phillips, que em 1841 apresentou uma linha do tempo geológica que ia além das estimativas de Lyell. Phillips acreditava que a Terra já tinha atravessado três eras de história natural (a paleozoica, a mesozoica e a cenozoica), e ele havia identificado flora e fauna fossilizadas de cada período — inclusive musgos fossilizados.

Esse conceito de planeta cuja antiguidade era impensável não chocava Alma, embora chocasse inúmeras pessoas, já que contradizia claramente os preceitos da Bíblia. Porém, Alma tinha suas próprias teorias peculiares acerca do tempo, que agora eram amparadas pelas descobertas de fósseis em xistos oceânicos primitivos a que Lyell e Phillips faziam referência em seus estudos. Alma passou a crer, na verdade, que havia alguns tipos de tempo diferentes que funcionavam simultaneamente em todo o cosmos; como taxonomista diligente, chegara a ponto de nomeá-los. Em primeiro lugar, Alma decidira, existia uma coisa que era o “Tempo Humano”, uma narrativa de lembranças limitadas, mortais, baseada nas reminiscências falhas da história documentada. O Tempo Humano era um mecanismo breve e horizontal. Estendia-se de maneira reta e estreita, do passado razoavelmente recente ao futuro pouco imaginável. A característica mais impressionante do Tempo Humano, contudo, era o fato de passar numa rapidez incrível. Era um mero estalar de dedos no universo. Para a grande infelicidade de Alma, seus dias como mortal — bem como os dias de todos como mortais — caíam no escopo do Tempo Humano. Portanto, não estaria nesta terra por muito tempo, como lhe doía saber. Era um mero estalar de dedos no universo, exatamente como todo mundo.

Na outra ponta do espectro, Alma resolveu, havia algo chamado “Tempo Divino” — uma eternidade incompreensível na qual as galáxias cresciam, e na qual Deus vivia. Não sabia nada a respeito do Tempo Divino. Ninguém sabia. De fato, se irritava fácil com quem alegava ter alguma compreensão do Tempo Divino. Ela não tinha interesse em estudar o Tempo Divino, pois acreditava que não havia como um mero ser humano entendê-lo. Era um tempo além do tempo. Portanto o deixava em paz. Todavia, sentia que ele existia e suspeitava de que existisse em uma espécie de estase maciça, inesgotável.

Mais perto de casa, voltando à terra, Alma também acreditava naquilo a que

dera o nome de “Tempo Geológico” — sobre o qual Charles Lyell e John Phillips tinham escrito havia pouco tempo, de forma convincente. A história natural se encaixava nessa categoria. O Tempo Geológico passava num ritmo que parecia *quase* eterno, quase divino. Passava no ritmo das pedras e montanhas. O Tempo Geológico não tinha pressa nenhuma e vinha fazendo tique-taque há muito tempo, certos estudiosos sugeriam agora, muito mais tempo do que qualquer um supunha até então.

Mas em algum ponto entre o Tempo Geológico e o Tempo Humano, Alma concluía, havia outra coisa — uma coisa que ela chamava de “Tempo do Musgo”. Em comparação com o Tempo Geológico, o Tempo do Musgo era de uma rapidez gritante, pois musgos eram capazes de progredir em mil anos o que uma pedra não poderia nem sonhar em lograr em um milhão. Mas pelo padrão do Tempo Humano, o Tempo do Musgo era de uma lentidão extrema. Ao olho humano sem instrução, o musgo nem sequer parecia se mexer. Mas o musgo se mexia, e com consequências extraordinárias. Nada parecia acontecer, mas então, passada uma década ou mais, tudo estava diferente. A questão era apenas que o musgo se mexia numa lentidão tamanha que a maioria da humanidade não conseguia rastreá-la.

Alma era capaz de rastreá-la, contudo. *Estava* rastreando. Muito antes de 1848, já tinha se educado para observar seu mundo, tanto quanto possível, através do relógio vagaroso do Tempo do Musgo. Alma tinha cravado bandeirinhas pintadas nas pedras, nas bordas de seu afloramento de líquen, para marcar o avanço de cada colônia de musgo, e vinha assistindo a esse drama prolongado havia vinte e seis anos. Qual tipo de musgo avançaria até o outro lado do penedo, e qual tipo recuaria? Quanto tempo levaria? Observava esses domínios verdes grandes, inaudíveis, lentos, à medida que se expandiam e encolhiam. Media o progresso deles em termos de unhas e décadas.

Enquanto estudava o Tempo do Musgo, Alma tentava não se preocupar com sua vida mortal. Ela estava presa nos limites do Tempo Humano, mas não havia nada que pudesse fazer quanto a isso. Teria que simplesmente aproveitar ao máximo a existência curta, como a da efemérida, que lhe fora concedida. Já estava com quarenta e oito anos. Quarenta e oito anos não era nada para uma colônia de musgo, mas era uma boa quantidade de anos para uma mulher. Já tinha parado de menstruar. O cabelo estava ficando grisalho. Se tivesse sorte, pensou, teria mais vinte ou trinta anos para viver e estudar — mais quarenta anos, na melhor das hipóteses. Era o máximo que poderia desejar, e desejava todos os dias. Tinha tanto a aprender e não tinha tempo suficiente para aprendê-lo.

Se os musgos soubessem a rapidez com que Alma Whittaker poderia partir, pensava frequentemente, talvez se apiassem dela.

Nesse interim, a vida em White Acre transcorria como sempre. Os negócios

botânicos dos Whittaker não se expandiam havia anos, mas tampouco se retraíam; haviam se estabilizado, podia-se dizer, em uma máquina regular de retornos benéficos. As estufas ainda eram as melhores da América, e havia, naquele momento, mais de seis mil espécies de plantas na propriedade. A América atravessava uma época de loucura por samambaias e palmeiras (“pteridomania”, como os jornalistas insolentes apelidaram), e Henry tirava proveito da coqueluche, cultivando e vendendo tudo que era espécie de frondes exóticas. Também havia muito dinheiro a ser ganho nos moinhos e fazendas de que Henry era dono, e nos últimos anos ele tinha lucrado com a venda de boa parte de suas terras às companhias ferroviárias. Estava interessado na explosão do comércio de borracha e recentemente usara seus contatos no Brasil e na Bolívia para começar a investir nesse novo ramo incerto.

Portanto, Henry Whittaker ainda estava vivíssimo — talvez por milagre. A saúde, aos oitenta e oito anos, não tinha se deteriorado muito, o que era impressionante, levando-se em conta a energia com que sempre vivera e o vigor com que sempre reclamara. A vista o incomodava, mas com uma lupa e uma boa lamparina conseguia ficar de olho em suas papeladas. Com uma bengala resistente, em algumas tardes ainda era capaz de vagar por seu terreno, vestido — como sempre — ao estilo de um senhor de engenho do século XVIII.

Dick Yancey — o crocodilo treinado — continuava a gerenciar os negócios internacionais da Whittaker Company com competência, importando plantas medicinais novas e lucrativas como simarubas, parreiras-bravas e muitas outras. James Garrick, o quacre outrora sócio de Henry, havia falecido, mas o filho de James, John, tinha assumido a farmácia, e os produtos medicinais Garrick & Whittaker ainda vendiam muito bem na Filadélfia e além. O controle de Henry sobre o comércio internacional de quinina sofrera um golpe da concorrência francesa, mas ele se saía bem mais perto de casa. Fazia pouco tempo que lançara um produto novo, “Comprimidos Vigorosos Garrick & Whittaker” — uma mistura de casca jesuíta, resina de mirra, óleo de sassafrás e água destilada, que prometia curar qualquer moléstia humana, de febre terçã e brotoejas empoladas a mal-estar feminino. O produto era um tremendo sucesso. Os comprimidos eram de fabricação barata e geravam lucro constante, principalmente no verão, quando as doenças e a febre irrompiam cidade afora e todas as famílias, ricas e pobres, viviam com medo da peste. Mães tentavam curar qualquer coisa com o comprimido.

A cidade havia se erguido em torno de White Acre. Bairros criavam balbúrdia onde antes existiam apenas fazendas sossegadas. Havia ônibus, canais, linhas de trem, estradas pavimentadas, cabines de pedágio e paquetes a vapor. A população dos Estados Unidos tinha dobrado desde a chegada dos Whittaker em 1792, e sua bandeira agora exibia trinta estrelas. Trens correndo em todas as direções cuspiam carvão e cinzas quentes. Pastores e moralistas temiam que as vibrações

e os solavancos da viagem tão veloz provocassem frenesim sexuais em mulheres de cabeça fraca. Poetas escreviam odes à natureza, ainda que a natureza desaparecesse diante de seus olhos. Havia dezenas de milionários na Filadélfia, quando antes houvera somente Henry Whittaker. Tudo isso era novidade. Mas ainda havia a cólera, a febre amarela, a difteria, a pneumonia e a morte. Tudo isso era velho. Assim, o ramo farmacêutico continuava forte.

Após a morte de Beatrix, Henry não tornou a se casar, tampouco demonstrou interesse em casamento. Não precisava de esposa: tinha Alma. Alma era bondosa com Henry, e às vezes, mais ou menos uma vez por ano, ele até a elogiava por isso. Àquela altura, ela já tinha aprendido a organizar bem sua existência em torno dos caprichos e exigências do pai. De modo geral, gostava da companhia dele (nunca conseguiu evitar o carinho que sentia por ele), embora tivesse bastante consciência de que toda hora gasta junto ao pai era uma hora perdida no estudo dos musgos. Ela concedia a Henry suas tardes e noites, mas guardava as manhãs para o próprio trabalho. Despertava cada vez mais tarde na medida em que envelhecia, portanto essa programação funcionava bem. Às vezes ele queria convidados para o jantar, mas a frequência era muito menor agora. Talvez tivessem companhia quatro vezes por ano naquela época, em vez de quatro por semana.

Henry continuava volúvel e difícil. Alma podia ser acordada durante a noite pela aparentemente eterna Hanneke de Groot, dizendo: “Seu pai está chamando, minha criança.” Nesses momentos Alma se levantava, se enrolava em um robe quente e ia ao escritório do pai — onde se deparava com Henry insone e irritado, revirando uma lagoa de papéis, exigindo um trago de gim e uma rodada amistosa de gamão às três da madrugada. Alma fazia a vontade dele sem reclamar, ciente de que Henry ficaria mais cansado no dia seguinte, o que lhe daria horas a mais para o próprio trabalho.

“Já lhe contei de Ceilão?”, ele perguntava, e ela o deixava falar até que caísse no sono. Às vezes ela também adormecia ao som de suas velhas histórias. O sol nascia sobre o velho e a filha grisalha, ambos prostrados em suas poltronas — uma partida inacabada de gamão entre os dois. Alma se levantava a arrumava o aposento. Chamava Hanneke e o mordomo para levarem o pai para a cama. Em seguida devorava o café da manhã e ia a um de seus escritórios, na cocheira ou no posto avançado das colônias de musgo, onde podia voltar a se concentrar nas próprias atividades.

Já fazia mais de duas décadas e meia que as coisas eram assim. Era assim que ela achava que as coisas sempre seriam. Era uma vida tranquila, mas não infeliz para Alma Whittaker.

Nem um pouco infeliz.

Outros, no entanto, não tiveram tanta sorte.

O velho amigo de Alma, George Hawkes, não encontrara a felicidade no casamento com Retta Snow. Tampouco Retta era minimamente feliz. Saber disso não dava a Alma nenhum conforto ou alegria. Outra mulher talvez se regozijasse com a informação, numa espécie de vingança sombria pelo próprio coração partido, mas Alma não era do tipo que se satisfazia com o sofrimento dos outros. Além disso, por mais que o casamento outrora a magoasse, Alma não mais amava George Hawkes. Esse fogo tinha esmorecido havia anos. Continuar a amá-lo diante da realidade da situação teria sido uma tolice imensa, e já tinha feito papel de tola por tempo demais. Entretanto, Alma sentia pena de George. Ele era uma boa alma e sempre tinha sido um bom amigo para ela, mas nunca um homem havia escolhido uma esposa pior do que ele.

O tranquilo editor de botânica, de início, ficava apenas perplexo com sua noiva excêntrica e volátil, mas com o tempo demonstrava cada vez mais sua irritação com Retta. George e Retta às vezes compareciam a jantares em White Acre nos primeiros anos de casamento, mas Alma logo percebeu que George ficava incomodado e tenso sempre que Retta abria a boca, como se temesse de antemão o que elaalaria. A certa altura, ele parou totalmente de se pronunciar à mesa de jantar — basicamente na esperança, parecia, de que a esposa também se calasse. Se esse era seu desejo, não funcionou. Retta, por sua vez, ficava cada vez mais nervosa ao lado do marido emudecido, o que a levava a falar num ritmo ainda mais frenético, o que, em consequência, só deixava o marido ainda mais decidido a permanecer calado.

Depois de alguns anos assim, Retta criou um singularíssimo hábito ao falar, que Alma achava doloroso assistir. Retta balançava os dedos de um jeito incontrolável na frente da boca enquanto se pronunciava, como se tentasse agarrar as palavras à medida que saíam de sua boca — como se tentasse *deter* as palavras, ou até empurrá-las de volta. Às vezes Retta de fato conseguia abortar uma frase desvairada no meio de uma ou outra linha de pensamento, e então apertava os lábios com os dedos para evitar que mais palavras vazassem. Mas esse triunfo era ainda mais difícil de testemunhar, pois essa última frase, estranha, inacabada, pairava no ar de forma constrangedora, enquanto Retta encarava o marido silencioso com um olhar aflito, os olhos enlameados pelas desculpas.

Após um número suficiente dessas interpretações desconcertantes, o sr. e a sra. Hawkes pararam de frequentar os jantares. Alma os via apenas na casa deles, quando ia a Arch Street para discutir detalhes editoriais com George.

Ser uma mulher casada, ao que constava, não convinha à sra. Retta Snow Hawkes. Ela simplesmente não era feita para aquilo. Aliás, ser adulta também não lhe convinha. Havia restrições demais envolvidas no costume, e esperavam seriedade demais da parte dela. Retta não era mais uma menina boba que podia perambular livremente pela cidade em sua pequena carruagem de duas rodas. Agora era esposa e companheira de um dos editores mais respeitados da

Filadélfia, e esperava-se que se comportasse como tal. Não era mais um ato digno para Retta ser vista sozinha no teatro. Bom, nunca tinha sido digno, mas no passado ninguém a proibia. George proibia. Ele não gostava de teatro. George também exigia que a esposa frequentasse cultos da igreja — várias vezes por semana, aliás — nos quais Retta se contorcia, infantil, de tédio. Não podia usar roupas muito coloridas após o casamento, também, nem começar a cantarolar quando lhe desse na veneta. Ou melhor, podia cantarolar, e às vezes fazia isso, mas não parecia correto e só servia para enfurecer o marido.

Quanto à maternidade, Retta tampouco fora capaz de lidar com a responsabilidade. Com menos de um ano de casamento houvera uma gravidez no lar dos Hawkes, mas a gravidez terminara em aborto espontâneo. No ano seguinte, tivera outra gravidez malograda, e no ano seguinte, outra. Depois de perder o quinto filho, Retta se recolheu ao quarto num violentíssimo acesso de desespero. Seus soluços eram ouvidos, segundo relatos, por vizinhos que moravam a algumas casas de distância. O coitado do George Hawkes não tinha ideia do que fazer com aquela mulher desesperada e passou vários dias seguidos sem poder trabalhar por conta da insanidade da esposa. Por fim, mandou um recado a White Acre, implorando que Alma por favor fosse a Arch Street e fizesse companhia à velha amiga, que estava inconsolável.

Mas, quando Alma chegou, Retta já estava dormindo, com o dedão na boca e a linda cabeleira espalhada sobre o travesseiro como galhos pretos e desfolhados contra o céu pálido do inverno. George explicou que a farmácia tinha mandado um pouco de láudano, e parecia que tinha funcionado.

“Por favor, George, tente não fazer disso um hábito”, Alma advertiu. “A constituição de Retta é de uma sensibilidade incomum, e láudano em excesso pode lhe fazer mal. Sei que às vezes ela é meio ridícula, e até trágica. Mas, pelo que entendo de Retta, ela só precisa de paciência e amor para achar o caminho de volta à felicidade. Talvez se você lhe desse mais um tempo...”

“Peço desculpas por tê-la incomodado”, disse George.

“De forma nenhuma”, declarou Alma. “Estou sempre à sua disposição e à de Retta também.”

Alma queria dizer mais — mas o quê? Sentia que já tomara liberdade demais em suas falas, ou que talvez o tivesse criticado como marido. Pobre coitado. Estava exausto.

“A amizade está aqui, George”, ela declarou, pondo a mão no braço dele. “Use-a. Pode me chamar a qualquer hora.”

Bom, ele chamou. Chamou Alma quando Retta cortou o cabelo todo em 1826. Chamou Alma em 1835, quando Retta desapareceu por três dias e foi encontrada em Fishtown, dormindo no meio de um amontoado de crianças de rua. Ele a chamou em 1842, quando Retta perseguiu uma criada com uma tesoura de costura, alegando que a mulher era um fantasma. A criada não sofreu nenhuma

lesão grave, mas agora ninguém se dispunha a servir o café da manhã de Retta. Ele a chamou em 1846, quando Retta começou a escrever cartas longas e incompreensíveis, compostas principalmente de lágrimas em vez de tinta.

George não sabia como lidar com esses tipos de cenas e confusões. Era tudo uma distração terrível para os negócios e para a mente. Produzia mais de cinquenta livros por ano na época, além de uma série de periódicos científicos e o novo periódico *Oitavo da Flora Exótica* (com lançamentos trimestrais, ilustrados com litografias gigantescas de primeira qualidade pintadas à mão), caro e obtido somente por assinatura. Todos esses trabalhos exigiam atenção exclusiva. Ele não tinha tempo para uma esposa em crise.

Alma também não tinha tempo para isso, mas ia mesmo assim. Vez por outra — durante os surtos mais violentos — chegava a passar a noite com Retta, dormindo no leito conjugal dos Hawkes, com os braços em torno da amiga trêmula, enquanto George dormia em um colchão na gráfica, na porta ao lado. Tinha a impressão de que ele geralmente dormia lá, de qualquer modo.

“Você vai continuar me amando e vai continuar sendo bondosa comigo”, Retta perguntava a Alma no meio da noite, “se eu virar o diabo em pessoa?”.

“Eu sempre vou amá-la”, Alma confortava a única amiga que teve na vida. “E você jamais poderia virar o diabo, Retta. Você só precisa descansar e parar de causar transtornos a si mesma e aos outros...”

Nas manhãs seguintes a esses episódios, os três tomavam café da manhã juntos na sala de jantar dos Hawkes. A situação nunca era confortável. George não era bom de conversa fiada nem nas melhores circunstâncias, e Retta — dependendo da quantidade de láudano recebida na noite anterior — ou estava agitada ou entorpecida. Momentos de lucidez rareavam mais e mais. Às vezes Retta mascava um trapo e não deixava que o tirassem dela. Alma procurava algum assunto de conversa adequado aos três, mas ele não existia. Esse tipo de assunto jamais existira. Podia conversar bobagens com Retta, ou podia conversar com George sobre botânica, mas nunca descobriu uma maneira de conversar com ambos.

Então, em abril de 1848, George Hawkes chamou Alma outra vez. Ela estava trabalhando à escurinha — atacando com empenho o quebra-cabeça representado por um *Dicranum consorbrinum* malconservado que havia pouco tempo tinha recebido de um colecionador amador de Minnesota — quando um menino magro chegou a cavalo, portando um recado urgente: A presença imediata da srta. Whittaker era requisitada por obséquio no lar dos Hawkes na Arch Street. Acontecera um acidente.

“Que tipo de acidente?”, Alma indagou, afastando-se do trabalho com o susto.

“Um incêndio!”, declarou o menino. Era difícil para ele conter a alegria. Meninos sempre adoram fogo.

“Meu Deus! Alguém se feriu?”

“Não, senhora”, esclareceu o menino, nitidamente decepcionado.

Retta, Alma logo soube, ateara fogo ao quarto dela. Por algum motivo, resolvera que precisava queimar as roupas de cama e a cortina. Por sorte, o ar estava úmido, portanto os tecidos apenas arderam, não inflamaram. Houvera muito mais fumaça do que chamas, mas os danos ao quarto foram grandes mesmo assim. O dano ao moral da casa tinha sido mais sério ainda. Outras duas criadas pediram demissão. Não seria justo esperar que alguém vivesse naquela casa. Tampouco alguém era capaz de aguentar a patroa demente.

Quando Alma chegou, George estava pálido e assoberbado. Retta fora sedada e dormia profundamente no sofá. A casa tinha cheiro de incêndio florestal depois de chuva.

“Alma!”, exclamou George, correndo até ela. Ele segurou-lhe a mão. Só tinha agido assim uma única vez, mais de três décadas antes. Dessa vez era diferente. Alma sentiu vergonha só de se lembrar da última vez. Os olhos dele estavam arregalados de pânico. “Ela não pode mais ficar aqui.”

“Ela é sua esposa, George.”

“Eu sei o que ela é! Eu sei o que ela é. Mas ela não pode ficar aqui, Alma. Ela não está segura, e ninguém está seguro perto dela. Ela poderia ter matado todos nós e incendiado a gráfica junto. Você precisa achar um lugar para ela ficar.”

“Um hospital?”, perguntou Alma. Porém, Retta estivera no hospital inúmeras vezes, onde, ao que sempre parecia, ninguém lhe era de grande ajuda. Ela sempre voltava para casa ainda mais agitada do que ao partir.

“Não, Alma. Ela precisa de um lugar permanente. Um tipo diferente de lar. Você sabe do que estou falando! Não posso ficar mais nem uma noite com ela aqui. Ela tem que viver em outro lugar. Você tem que me perdoar por isso. Você sabe melhor do que ninguém, e no entanto nem você sabe completamente o que ela se tornou. Tem uma semana que não prego os olhos. Ninguém nesta casa consegue pregar os olhos por medo do que ela possa fazer. Ela precisa do acompanhamento de duas pessoas o tempo inteiro, para garantir que não faça mal a ela mesma ou aos outros. Não me obrigue a falar mais! Sei que você entende o que estou pedindo. Você precisa cuidar disso para mim.”

Sem questionar nem por um instante por que era *ela* quem devia cuidar do assunto, Alma cuidou. Por meio de algumas cartas às pessoas certas, logo conseguiu obter a aceitação da amiga no Hospício Griffon, em Trenton, Nova Jersey. O prédio tinha sido erigido no ano anterior, e o dr. Griffon — uma figura respeitada na Filadélfia, que uma vez estivera em White Acre como convidado — tinha projetado o espaço por conta própria, para garantir a máxima serenidade a mentes transtornadas. Ele era o maior defensor americano dos cuidados dignos para os mentalmente transtornados, e seus métodos, dizia-se, eram bastante humanos. Os pacientes nunca eram acorrentados às paredes, por

exemplo, como Retta fora acorrentada outrora, em um hospital da Filadélfia. Diziam que o hospício era sereno e belo, com lindos jardins e, como não podia deixar de ser, muros altos. Não era desagradável, declaravam as pessoas. Tampouco era barato, como Alma ficou sabendo ao pagar adiantado pelo primeiro ano de internação de Retta. Não queria aborrecer George com a conta, e os pais de Retta tinham falecido havia muito tempo, deixando para trás apenas dívidas.

Foi uma situação triste para Alma tomar essas providências, mas todo mundo concordava que seria melhor assim. Retta teria um quarto para si em Griffon, para que não pudesse fazer mal a outro paciente, e também teria sempre uma enfermeira a seu lado. Saber disso confortava Alma. Ademais, as terapias do hospício eram modernas e científicas. A loucura de Retta seria tratada com hidroterapia, com uma tábua de rotação centrífuga e com orientação moral benigna. Ela não teria acesso nem a fogo nem a tesouras. A garantia desse último aspecto, Alma ouvira da boca do próprio dr. Griffon, que já tinha diagnosticado Retta com algo chamado “esgotamento da fonte nervosa”.

Portanto, Alma tomou todas as providências. George só precisou assinar o atestado de insanidade e acompanhar a esposa, junto com Alma, até Trenton. Os três viajaram de carruagem particular, já que não seria seguro Retta ir de trem. Levaram uma correia, caso ela tivesse de ser contida, mas Retta se portou com tranquilidade, cantarolando cançõeszinhas.

Quando chegaram ao hospício, George se adiantou e atravessou o gramado em direção à entrada com passos velozes, com Alma e Retta logo atrás, de braços dados, como se aproveitassem o passeio.

“Que casa linda!”, disse Retta, admirando o gracioso edifício de tijolos.

“Concordo”, disse Alma, com uma onda de alívio. “Fico feliz por você ter gostado, Retta, porque é aqui que você vai morar agora.” Não estava claro até que ponto Retta entendia o que estava acontecendo, mas não parecia agitada.

“Que jardins adoráveis”, Retta prosseguiu.

“Concordo”, declarou Alma.

“Mas não suporto ver flores cortadas.”

“Mas Retta, que bobeira a sua dizer uma coisa dessas! Ninguém ama mais buquês de flores frescas do que você!”

“Estou sendo castigada pelas transgressões mais indescritíveis”, Retta retrucou, muito calma.

“Você não está sendo castigada, passarinha.”

“Tenho pavor de Deus, acima de tudo.”

“Deus não tem do que reclamar quanto a você, Retta.”

“Sou atormentada por misteriosíssimas dores no peito. Às vezes sinto que meu coração será esmagado. Não neste instante, sabe, mas a impressão chega tão de repente.”

“Aqui, você vai conhecer amigos que podem ajudá-la.”

“Quando eu era nova”, Retta contou no mesmo tom relaxado, “fazia caminhadas comprometedoras com homens. Você sabia disso, Alma?”.

“Cale-se, Retta.”

“Não precisa me mandar calar. O George sabe. Já contei a ele inúmeras vezes. Eu permitia que esses homens fizessem comigo o que bem entendessem, e cheguei a me permitir aceitar dinheiro deles — apesar de, como você sabe, eu nunca ter precisado de dinheiro.”

“Cale-se, Retta. O que você está falando é um absurdo.”

“Você já desejou fazer essas caminhadas com homens? Quer dizer, quando você era nova?”

“Retta, por favor...”

“As moças da leiteira de White Acre também faziam isso. Elas me mostraram como fazer as coisas com os homens e me ensinaram quanto dinheiro aceitar pelos meus serviços. Comprava luvas e fitas para mim com o dinheiro. Uma vez comprei até uma fita para você!”

Alma desacelerou o passo, na esperança de que George não escutasse a conversa. Mas sabia que ele já tinha ouvido tudo. “Retta, você está muito cansada, é melhor poupar a voz...”

“Mas nunca, Alma? Você *nunca* teve vontade de cometer atos comprometedores? Você nunca sentiu uma fome perversa dentro do corpo?” Retta agarrou seu braço e fitou a amiga com enorme piedade, examinando o rosto de Alma. Em seguida, voltou a se recurvar, resignada. “Não, claro que não. Pois você é boa. Você e a Prudence são boas. Já eu sou o diabo em pessoa.”

Nesse momento, Alma sentia que o próprio coração se partiria. Olhou para as costas largas e encurvadas de George Hawkes, que andava mais adiante. Foi tomada pela vergonha. Ela nunca tivera vontade de cometer atos comprometedores com homens? Ah, se Retta soubesse! Se alguém soubesse! Alma era uma solteirona de quarenta e oito anos com o útero seco, entretanto *ainda* se dirigia ao quartinho de encadernação algumas vezes por mês. Muitas vezes por mês, até! Além disso, todos os textos ilícitos da juventude — *Cum Grano Salis* e todos os outros — continuavam a pulsar em sua memória. Às vezes pegava os livros do baú onde os escondia, no monte de feno da cocheira, e os relia. O que Alma *não* sabia a respeito de fomes perversas?

Alma achava que seria imoral não dizer nada para confortar ou amparar aquela criaturinha devastada. Como poderia deixar que Retta acreditasse ser a única garota perversa do mundo? Porém, George Hawkes estava logo ali, a poucos passos delas, e sem dúvida escutava tudo. Portanto, Alma não a consolou nem ofereceu comiseração. Só disse o seguinte: “Depois que você se acomodar nesta sua nova casa, minha querida Retta, você vai poder passear nesses jardins todos os dias. Então você ficará em paz.”

Na carruagem, na volta de Trenton para casa, Alma e George passaram a maior parte do tempo calados.

“Vão cuidar muito bem dela”, Alma disse por fim. “O dr. Griffon me garantiu pessoalmente.”

“Cada um de nós nasce para enfrentar problemas”, George declarou, a título de resposta. “Vir a este mundo, por si só, já é um triste destino.”

“Talvez seja verdade”, Alma disse com cuidado, surpresa com a veemência das palavras dele. “No entanto, temos de achar paciência e resignação para aguentar os desafios que vêm ao nosso encontro.”

“Sim. É isso que nos ensinam”, disse George. “Você sabia, Alma, que em certos momentos desejei que Retta se confortasse na morte, em vez de sofrer esse tormento contínuo ou causar tamanho tormento a mim e a outras pessoas?”

Ela não conseguia imaginar o que dizer. Ele a fitava, o rosto desfigurado pela melancolia e a agonia. Alguns instantes depois, ela se saiu com a seguinte declaração: “Onde há vida, George, há esperança. A morte é terrivelmente definitiva. Ela logo virá para todos nós. Eu hesitaria em desejar que ela chegue logo para quem quer que seja.”

George fechou os olhos e não respondeu. Não parecia ter sido um comentário reconfortante.

“Vou adotar o hábito de vir a Trenton visitar Retta uma vez por mês”, disse Alma, num tom mais leve. “Se quiser, pode vir comigo. Vou trazer exemplares da revista *Joy’s Lady’s Book*. Ela vai gostar.”

Nas duas horas seguintes, George não falou nada. Por um tempo, pareceu cochilar e acordar algumas vezes. Ao se aproximarem da Filadélfia, contudo, ele abriu os olhos e contemplou o caminho adiante em silêncio. Alma nunca tinha visto ninguém mais triste. Alma, condóida do homem, optou por mudar de assunto. Havia poucas semanas, George lhe emprestara um livro novo, recém-lançado em Londres, cujo tema era salamandras. Talvez uma menção ao livro o animasse. Então agradeceu naquele momento pelo empréstimo e falou sobre detalhes do livro enquanto a carruagem seguia lentamente em direção à cidade, finalmente concluindo: “De modo geral, achei uma obra com reflexões importantes e análises precisas, mas a escrita é abominável e a organização é terrível — então preciso lhe perguntar, George, essa gente da Inglaterra não tem editores?”

George desviou os olhos dos pés e disse, abruptamente: “O marido da sua irmã andou arrumando encrenca.”

Estava claro que não tinha prestado atenção a nada do que ela dissera. Além disso, a mudança de assunto surpreendeu Alma. George não era fofoqueiro, e o fato de sequer mencionar o marido de Prudence já lhe parecia estranho. Talvez, ela ponderou, estivesse tão nervoso com os acontecimentos daquele dia que não agisse normalmente. Não queria deixá-lo desconfortável, todavia, então levou o

assunto adiante, como se ela e George sempre tivessem discutido essas questões.

“O que foi que ele fez?”, indagou.

“Arthur Dixon publicou um folheto temerário”, George explicou, exausto, “que ele teve a tolice de produzir usando o próprio nome, expressando sua opinião de que o governo dos Estados Unidos é uma fraude bestial devido à atual filiação com a escravidão humana”.

A novidade não era chocante em aspecto nenhum. Prudence e Arthur Dixon eram abolicionistas empenhados havia muitos anos. Eram conhecidos na Filadélfia inteira pelas opiniões antiescravagistas que tendiam ao radicalismo. Prudence, nas horas vagas, ensinava negros livres a lerem na escola quacre. Também cuidava das crianças do Abrigo de Órfãos de Cor, e volta e meia se pronunciava nos encontros de associações abolicionistas femininas. Arthur Dixon imprimia folhetos frequentemente — incessantemente, até — e tinha participado do conselho editorial de *The Liberator*. Para ser franco, muitas pessoas da Filadélfia haviam se cansado dos Dixon e seus folhetos, artigos e discursos. (“Para um homem que cisma que é um agitador”, Henry sempre dizia sobre o genro, “Arthur Dixon é um tremendo chato”).

“Mas o que é que tem isso?”, Alma perguntou a George Hawkes. “Todos nós sabemos que minha irmã e o marido são ativistas dessas causas.”

“O professor Dixon foi mais longe desta vez, Alma. Ele quer não só que a escravidão seja abolida imediatamente, mas também é da opinião de que não devemos pagar impostos nem respeitar a legislação americana até que essa improbabilidade aconteça. Ele instiga todos nós a ir às ruas com tochas chamejantes e coisas do tipo, exigindo a libertação imediata de todos os homens negros.”

“Arthur Dixon?” Foi impossível para Alma não dizer o nome completo do antigo e enfadonho preceptor. “Tochas chamejantes? Não condiz com o jeito dele.”

“Leia com seus próprios olhos e veja. Todo mundo anda falando disso. Dizem que é uma sorte ele ainda estar empregado na universidade. Sua irmã, ao que consta, falou que concorda com ele.”

Alma ponderou a notícia. “É um bocado preocupante”, ela enfim concordou.

“Cada um de nós nasce para enfrentar problemas”, George repetiu, esfregando a mão no rosto de tanta exaustão.

“No entanto, temos de achar paciência e resignação...”, Alma retomou em tom pouco convincente, mas foi interrompida por George.

“A pobre da sua irmã”, ele disse. “E com crianças pequenas dentro de casa, além do mais. Por favor, Alma, me informe se houver qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar a sua família. Você sempre foi muito generosa conosco.”

Capítulo treze

A pobre da sua irmã?

Bom, talvez... mas Alma não tinha certeza.

Era difícil sentir compaixão de uma mulher como Prudence Whittaker Dixon, e ela continuava sendo, ao longo dos anos, uma mulher totalmente impossível de entender. Alma ponderou esses fatos no dia seguinte, enquanto examinava suas colônias de musgo em White Acre.

O lar dos Dixon era um grande enigma! Aquele era mais um casamento que não parecia nada feliz. Prudence e seu antigo preceptor já estavam casados havia mais de vinte e cinco anos e tinham gerado seis filhos, mas Alma nunca testemunhara um único indício de afeto, prazer ou afinidade entre o casal. Nunca escutara nenhum dos dois rir. Mal os viu esboçar um sorriso. Tampouco notou algum lampejo de emoção de qualquer espécie entre os dois, aliás. Que tipo de casamento era aquele, no qual as pessoas atravessavam os anos em meio ao embotamento diligente?

Mas sempre existiram questões acerca da vida matrimonial da irmã — a começar pelo mistério flamejante que consumiu os mexeriqueiros da Filadélfia tantos anos atrás, quando Arthur e Prudence eram recém-casados: *O que foi feito do dote?* Henry Whittaker abençoara a filha adotiva com uma tremenda quantia de dinheiro em razão do casamento, mas não havia sinal de que um centavo dele tivesse sido gasto. Arthur e Prudence Dixon viviam como pobres com o salário módico que ele ganhava na universidade. Nem mesmo eram donos da casa que habitavam. Ora bolas, eles mal *aqueciam* a casa! Arthur não aprovava luxos, portanto mantinha a casa fria e inanimada como sua personalidade murcha. Regia a família como um exemplo de abstinência, modéstia, erudição e preces, e assim Prudence se entregou à obediência. Desde o primeiríssimo dia de sua carreira como esposa, Prudence renunciou a qualquer refinamento e passou a se vestir praticamente como quacre: flanela, lã e cores escuras, além dos chapéus de palas largas mais feios que alguém seria capaz de imaginar. Não se enfeitava nem com um berloque ou corrente de relógio e também não usava nem um pontinho de renda.

As restrições de Prudence tampouco se limitavam ao guarda-roupa. Sua dieta se tornou tão simples e restrita quanto o jeito de se vestir — somente pão de milho e melado, ao que parecia. Nunca era vista tomando uma taça de vinho, ou

até de chá ou limonada. À medida que os filhos iam nascendo, Prudence os criava naquele mesmo estilo miserável. Uma pera arrancada de uma árvore da vizinhança constituía um agrado aos meninos e meninas, aos quais ensinava a desviar o olhar dos acepipes mais sedutores. Prudence vestia os filhos da mesma maneira como se vestia: com peças modestas, remendadas com esmero. Era como se quisesse que os filhos parecessem pobres. Ou talvez fossem de fato pobres, embora não tivessem razão para sê-lo.

“Que diabos ela fez com todos os vestidos que tinha?”, Henry cuspiu sempre que Prudence visitava White Acre enfeitada com tapetes. “Ela estofou os colchões com eles?”

Mas Alma tinha visto os colchões de Prudence, e eram de palha.

Os gaiatos da Filadélfia se divertiam à beça especulando o que Prudence e o marido teriam feito com o dote dos Whittaker. Será que Arthur Dixon era viciado em jogo e tinha esbanjado suas riquezas em corridas de cavalo e rinhadas de cães? Será que tinha outra família em outra cidade, que vivia com luxo? Ou o casal estaria montado em um tesouro enterrado de opulência inexprimível, escondendo-o sob a fachada de pobreza?

Com o tempo, a resposta emergiu: o dinheiro todo foi doado à causa abolicionista. Sem alarde, Prudence entregou a maior parte do dote à Associação Abolicionista da Filadélfia pouco depois do casamento. Os Dixon também usaram o dinheiro para comprar a liberdade de escravos, o que custava mais de 1.300 dólares por vida. Pagaram o transporte de vários escravos foragidos para o Canadá, onde estariam seguros. Pagaram a publicação de inúmeros panfletos e folhetos da campanha. Chegaram a fundar associações de debates dos negros, que os ajudavam a defender a própria causa.

Todos esses detalhes foram revelados em 1838, numa matéria publicada pelo *Inquirer* a respeito do excêntrico estilo de vida de Prudence Whittaker Dixon. Instigado pelo incêndio de um auditório dos abolicionistas locais por uma multidão de linchadores, o jornal procurava histórias curiosas — até mesmo divertidas — sobre o movimento antiescravagista. Um repórter pegou a dica sobre Prudence Dixon quando um abolicionista proeminente fez menção à generosidade silenciosa da herdeira dos Whittaker. O jornalista ficou logo intrigado: o sobrenome Whittaker, até ali, não era associado na Filadélfia a atos imensuráveis de generosidade. Além disso, é claro, Prudence tinha uma beleza vívida — fato que sempre chama a atenção —, e o contraste entre o rosto lindo e o estilo de vida simples só servia para torná-la um tema ainda mais fascinante. Com os elegantes punhos brancos e o pescoço delicado saltando para fora daquelas roupas sombrias, tinha todo o jeito de uma rainha em cativeiro — Afrodite presa em um convento. O jornalista não conseguiu resistir a ela.

A história foi publicada na primeira página do jornal, acompanhada de um retrato lisonjeiro da sra. Dixon. Boa parte do artigo era de material abolicionista

já conhecido, mas o que capturou a imaginação dos habitantes da Filadélfia foi o trecho em que Prudence — criada nos salões palacianos de White Acre — declarava que, por muitos anos, negou a si mesma e à família qualquer luxo produzido pelas mãos de escravos.

“Talvez pareça um ato inocente usar algodão da Carolina do Sul”, Prudence era citada, “mas não é inocente, pois é assim que o diabo se infiltra no nosso lar. Pode parecer um simples prazer mimar nossos filhos com uma guloseima açucarada, mas este prazer vira pecado quando o açúcar é cultivado por seres humanos mantidos numa miséria indizível. Por essa mesma razão, na nossa casa não tomamos nem café nem chá. Conclamo todos os habitantes da Filadélfia que tenham consciência cristã a fazerem a mesma coisa. Se nos pronunciamos contra a escravidão e continuamos a nos aproveitar de seus saques, não passamos de hipócritas, e como é possível crer que o Senhor sorria diante de nossa hipocrisia?”

Num trecho posterior do artigo, Prudence vai mais longe: “Meu marido e eu somos vizinhos de porta de uma família de negros libertos, constituída por um homem bom e decente chamado John Harrington, a esposa, Sadie, e os três filhos. São pobres e por isso lutam para sobreviver. Fazemos questão de não viver com mais riqueza que eles. Fazemos questão de que nossa casa não seja melhor do que a deles. É comum os Harrington trabalharem conosco em nossa casa e nós trabalharmos na deles. Esfrego o piso da minha lareira ao lado de Sadie Harrington. Meu marido corta lenha junto com John Harrington. Meus filhos aprendem o alfabeto e os números junto com os filhos dos Harrington. Normalmente jantam conosco à mesa da nossa casa. Comemos o que eles comem e usamos as mesmas roupas que eles usam. No inverno, se falta aquecimento aos Harrington, nós ficamos sem aquecimento. O que nos aquece é a nossa ausência de vergonha e a nossa consciência de que Cristo agiria da mesma forma. Aos domingos, frequentamos os mesmos cultos que os Harrington frequentam, na modesta igreja metodista negra. A igreja deles é desprovida de conforto — então por que a nossa precisaria ser confortável? Às vezes faltam sapatos aos filhos deles — então por que os nossos deveriam tê-los?”

Aí, Prudence foi longe demais.

Ao longo dos dias seguintes, os jornais foram inundados por reações furiosas às palavras de Prudence. Algumas das cartas vinham de mães estarecidas (“A filha de Henry Whittaker deixa os filhos sem sapatos!”), mas a maioria era de homens irados (“Se a sra. Dixon gosta tanto de negros africanos como alega, que case sua filha branca mais bonita com o filho mais retinto do vizinho — aguardo ansioso por isso!”).

Quanto a Alma, era inevitável que achasse a matéria irritante. Algo no estilo de vida de Prudence parecia, aos olhos de Alma, suspeitosamente tingido pelo orgulho ou até por vaidade. Prudence não tinha a vaidade dos mortais comuns

(Alma nunca sequer flagrou a irmã dando uma olhada no espelho), mas Alma tinha a impressão de que a irmã estava sendo vaidosa de outra forma ali — de uma forma mais sutil, através daquelas demonstrações excessivas de austeridade e sacrifício.

Olhem só como preciso de pouco, Prudence parecia dizer. *Vejam minha bondade*.

Além disso, era inevitável para Alma se perguntar se talvez os vizinhos negros de Prudence, os Harrington, não desejavam jantar algo além de pão de milho e melado — e por que os Dixon não podiam simplesmente comprar este algo para eles, em vez de também passar fome num gesto de solidariedade tão inútil?

A exposição no jornal causou problemas. De início, houve ameaças e ataques aos Harrington, que foram tão atormentados que tiveram de se mudar. Em seguida, Arthur foi bombardeado com estreme de cavalo a caminho do trabalho na Universidade da Pensilvânia. Mães se recusavam a deixar que seus filhos brincassem com os filhos dos Dixon. Tiras de algodão da Carolina do Sul surgiam no portão da casa dos Dixon e montículos de açúcar na soleira da porta — tipos de advertências estranhos e inventivos. E então, num dia em meados de 1838, Henry Whittaker recebeu pelo serviço postal uma carta anônima que dizia: “É melhor você calar a boca da sua filha, sr. Whittaker, caso contrário seus depósitos serão totalmente destruídos pelo fogo.”

Bom, Henry não podia tolerar uma coisa dessas. Já era uma enorme ofensa o fato de que a filha esbanjara o generoso dote, mas agora seus bens comerciais estavam em risco. Ele chamou Prudence a White Acre, onde pretendia lhe inculcar algum juízo.

“Seja amável com ela, pai”, Alma avisou antes do encontro. “É provável que Prudence esteja abalada e aflita. Ela tem sido importunada pelos acontecimentos das últimas semanas, e imagino que esteja mais preocupada com a segurança dos filhos do que você está com a segurança dos seus armazéns.”

“Duvido”, Henry vociferou.

Porém, Prudence não parecia intimidada ou apavorada. Na verdade, entrou no escritório de Henry como Joana D’Arc e parou diante do pai com ar destemido. Alma esperava uma troca de cumprimentos agradáveis, mas Prudence não se mostrou interessada em afabilidades. Henry tampouco. Ele se lançou na conversa com um ataque imediato. “Está vendo o que você fez? Você desgraçou esta família e agora traz uma turba de linchadores à porta do seu pai! É assim que você retribui tudo o que dei a você?”

“Não estou vendo nenhuma turba de linchadores”, Prudence disse com tranquilidade.

“Bom, ela deve chegar em breve!” Henry enfiou a carta nas mãos de Prudence, que a leu sem reagir. “Estou avisando, Prudence, não vou ficar feliz gerenciando meus negócios da casca chamuscada de um edifício destruído. O

que você pensa que está fazendo com esses joguinhos? Por que você está se exibindo nos jornais dessa forma? Não é uma atitude digna. Beatrix reprovaria.”

“Tenho orgulho por minhas palavras terem sido registradas”, declarou Prudence. “Repetiria as mesmas palavras com muito orgulho, diante de qualquer jornalista do mundo.”

Prudence não estava melhorando a situação.

“Você aparece aqui nesses trapos”, Henry disse, num tom de raiva crescente. “Você aparece aqui sem nem um centavo, apesar da minha generosidade. Você aparece aqui vinda dos confins do inferno falido do seu marido, com o objetivo explícito de ficar infeliz perto de nós e deixar todos nós infelizes perto de você. Você mete o nariz onde não lhe cabe metê-lo, e você incita alvoroços em nome de uma causa que vai estraçalhar esta cidade — e destruir os meus negócios junto! E não há motivos para isso, além do mais! Não existe escravidão na Comunidade da Pensilvânia, Prudence! Então por que você não para de falar disso? Deixe o sul entregue aos próprios pecados.”

“Sinto muito por você não compartilhar das minhas crenças, pai”, declarou Prudence.

“Estou pouco me lixando para as suas crenças. Mas eu juro a você, se meus depósitos acabarem prejudicados...”

“Você é um homem influente”, Prudence interrompeu. “Sua voz poderia trazer benefícios à causa, e seu dinheiro poderia fazer muito bem a este mundo pecador. Rogo a fé dentro do seu peito...”

“Ah, dane-se a fé dentro do meu peito! Você só vai dificultar ainda mais a situação de todos os comerciantes que trabalham duro nesta cidade!”

“Então o que você gostaria que eu fizesse, pai?”

“Eu gostaria que você calasse a boca, menina, e cuidasse da sua família.”

“Todos os sofrendores são parte da minha família.”

“Ah, vá ladrar à lua e me poupe dos seus sermões — *não são, não*. As pessoas que estão nesta sala é que são a sua família.”

“Não mais do que qualquer outra”, afirmou Prudence.

O comentário assustou Henry. Aliás, tirou-lhe o fôlego. Até Alma se sentiu golpeada. A afirmação fez seus olhos arderem de repente, como se tivesse levado um soco forte no nariz.

“Você não nos vê como sua família?”, Henry indagou, depois de readquirir a compostura. “Está bem, então. Vou dispensá-la desta família.”

“Oh, pai, você não pode...”, Alma protestou, realmente horrorizada.

Mas Prudence interrompeu a irmã, se lançando numa resposta tão lúcida e tranquila que seria possível imaginar que havia anos que a ensaiava. Talvez fosse o caso.

“Como quiser”, declarou Prudence. “Mas saiba que dispensará desta família uma filha que sempre lhe foi leal e que tem o direito de buscar o carinho e a

empatia do único homem a quem se lembra de ter chamado de pai. Não é apenas uma crueldade, mas acredito que causará angústia à sua consciência. Vou orar por você, Henry Whittaker. E ao orar, perguntarei ao Senhor no céu o que foi que aconteceu à ética do meu pai — ou será que ele nunca teve nenhuma?”

Henry se levantou de súbito e bateu ambos os punhos contra a escrivaninha num acesso de fúria.

“Sua idiotinha!”, ele rosnou. “*Eu nunca tive nenhuma!*”

Dez anos haviam se passado e Henry não via a filha Prudence desde então, e Prudence também não fez nenhuma tentativa de ver Henry. A própria Alma tinha visto a irmã apenas algumas vezes, fazendo visitas ao lar dos Dixon em demonstrações esporádicas de indiferença dissimulada e boa vontade forçada. Fingia estar passando pela vizinhança, a fim de aparecer sem avisar com presentinhos para as sobrinhas e sobrinhos, ou entregar uma cesta de guloseimas na época do Natal. Alma sabia que a irmã passaria os presentes e as guloseimas adiante para uma família mais necessitada, mas fazia esses gestos mesmo assim. No começo da briga em família, Alma chegou a oferecer dinheiro à irmã, mas Prudence, como já era de se esperar, o recusou.

As visitas nunca eram calorosas ou confortáveis, e Alma sempre ficava aliviada quando acabavam. Ela sentia vergonha sempre que via Prudence. Por mais irritante que achasse a rigidez e o moralismo da irmã, Alma não conseguia evitar a sensação de que o pai se saíra mal no último encontro com Prudence — ou melhor, que *ambos*, Henry e a própria Alma, tinham se saído mal. O incidente não lançou sobre eles uma luz graciosa: Prudence permanecera firme ao lado dos Bons e dos Justos, enquanto Henry defendera apenas seus bens comerciais e deserdera a filha adotiva. E quanto a Alma? Bom, Alma fincara os pés do lado de Henry Whittaker — ou pelo menos aparentou tê-los fincado — ao não ser mais veemente quando se pronunciou em defesa da irmã e ao permanecer em White Acre depois que Prudence foi embora.

Mas o pai precisava dela! Henry podia até não ser um homem generoso, e podia até não ser um homem bom, mas era um homem importante e precisava dela. Não poderia viver sem ela. Ninguém mais conseguiria administrar seus negócios, e os negócios eram vastos e substanciais. Isso é o que ela dizia a si mesma.

Ademais, o abolicionismo não era uma causa que falava ao coração de Alma. Achava a escravidão abominável, como seria natural, mas estava ocupada com tantos outros assuntos que a questão não consumia sua consciência no dia a dia. Alma vivia no Tempo do Musgo, afinal de contas, e simplesmente não podia se concentrar no trabalho — e tomar conta do pai — e ao mesmo tempo se ajustar aos caprichos mutantes do drama político humano cotidiano. A escravidão era uma injustiça antiga, sim, e devia ser aniquilada. Mas existiam *tantas* injustiças

antigas. A pobreza era outra, e tirania, e roubo, e assassinatos. Uma pessoa não poderia se propor a erradicar todas as injustiças conhecidas e ao mesmo tempo escrever livros definitivos sobre musgos americanos e gerenciar os negócios complexos de um empreendimento familiar internacional.

Não era verdade?

E por que Prudence tinha que se dar a tanto trabalho para fazer com que todo mundo ao seu redor parecesse ter um coração vil e ser avarento, em comparação com seus sacrifícios extremos?

“Obrigada pela generosidade”, Prudence dizia sempre que Alma aparecia com um presente ou uma cesta, mas sempre estancava na hora de exprimir afeição ou gratidão genuínas. Prudence era educada, sem dúvida, mas não era afável. Alma voltava para os luxos de White Acre depois dessas visitas à casa depauperada de Prudence sentindo-se devastada e excessivamente analisada — como se tivesse se apresentado a um jurista rígido que a considerasse falha. Então, talvez não seja uma surpresa saber que ao longo dos anos Alma visitava Prudence numa frequência cada vez menor, e que as duas irmãs estavam mais distantes do que nunca.

No entanto, George Hawkes deu a Alma a informação de que os Dixon talvez estivessem em apuros devido ao folheto provocador de Arthur Dixon. Enquanto Alma estava parada ao lado da colônia no penedo na primavera de 1848, fazendo anotações sobre o progresso de seus musgos, se perguntou se não seria uma boa ideia visitar Prudence de novo. Se o cargo do cunhado na universidade estava mesmo ameaçado, a situação era grave. Mas o que Alma poderia dizer? O que poderia fazer? O que poderia oferecer de ajuda a Prudence que não seria recusado por humildade, orgulho ou teimosia?

Além do mais, não foram os Dixon que se meteram em apuros? Não era tudo consequência natural de viver de forma tão extremista e radical? Que interesse Arthur e Prudence tinham como pais, botando a vida dos seis filhos em risco? A causa deles era perigosa. Era comum abolicionistas serem arrastados pelas ruas e espancados — até em cidades do norte! O Norte não adorava escravidão, mas adorava paz e estabilidade, e os abolicionistas acabavam com a paz. Havia também quem não gostasse de ver mulheres brancas trabalhando ao lado de meninos e homens negros. O Asilo de Órfãos de Cor, onde Prudence volta e meia trabalhava, já tinha sido atacado por multidões várias vezes. E o que dizer sobre o abolicionista Elijah Lovejoy — assassinado em Illinois e cujas máquinas de impressão, à disposição dos abolicionistas, foram destruídas e jogadas no rio? Isso poderia facilmente acontecer ali na Filadélfia. Prudence e o marido deviam ser mais cuidadosos.

Alma voltou sua atenção para os penedos musguentos. Tinha que trabalhar. Tinha se atrasado naquela última semana, internando a pobre Retta no Hospício Griffon, e não pretendia se atrasar ainda mais por causa da imprudência da irmã.

Tinha medições a registrar e precisava cuidar delas.

Três colônias separadas de *Dicranum* cresciam em uma das maiores pedras. Alma vinha observando essas três colônias pequenas havia vinte e seis anos, e ultimamente se tornara uma obviedade indisputável o fato de que uma dessas variedades de *Dicranum* fazia progressos enquanto as outras duas retrocediam. Alma sentou-se perto do penedo, comparando mais de duas décadas de anotações e desenhos. Não conseguia entender.

Dicranum era para Alma a obsessão dentro da obsessão — o cerne do âmago de seu fascínio por musgos. O mundo era coberto de centenas e mais centenas de espécies de *Dicranum*, e cada subespécie se diferenciava pelos detalhes. Ninguém no mundo conhecia o *Dicranum* melhor do que Alma, porém o gênero a incomodava e a impedia de dormir à noite. Alma — que tinha passado a vida inteira decifrando mecanismos e origens — havia anos era consumida por questões efervescentes sobre esse gênero complexo. Como surgira o *Dicranum*? Por que era tão diferente? Por que a natureza fizera tamanho esforço para tornar cada subespécie minuciosamente distinta das outras? Por que a sobrevivência de certos tipos de *Dicranum* era tão mais alta do que a dos parentes mais próximos? Tamanha mistura de *Dicranum* sempre tinha existido ou havia sofrido transmutações — se metamorfoseado de uma em outra — e vinha do mesmo ancestral?

Nos últimos tempos, eram muitas as discussões na comunidade científica sobre transmutação de espécies. Alma acompanhava o debate com grande entusiasmo. O assunto não era exatamente uma novidade. Jean-Baptiste Lamarck o havia iniciado quarenta anos antes, na França, ao argumentar que todas as espécies da terra se transformaram desde sua criação devido a um “sentimento interior” no organismo, que almejava aperfeiçoar a si mesmo. Mais recentemente, Alma tinha lido *Vestígios da história natural da criação*, de um autor anônimo britânico que também afirmava que as espécies eram capazes de progredir, de mudar. O autor não apresentou um mecanismo convincente que explicasse *como* uma espécie mudava — mas defendia a existência da transmutação.

Tais perspectivas eram bastante controversas. Divulgar a noção de que qualquer organismo na terra poderia se transformar com o tempo era questionar a soberania de Deus em si. O ponto de vista cristão era de que o Senhor havia criado todas as espécies da terra em um dia, e que nenhuma de Suas criações foi alterada desde o começo dos tempos. Porém, era cada vez mais claro para Alma que as coisas *tinham* se transformado desde o começo dos tempos. A própria Alma tinha estudado amostras de musgo fossilizado que não coincidiam com os musgos da atualidade. E tratava-se da natureza em sua menor escala! O que pensar então dos imensos ossos de lagartos a que Richard Owen recentemente dera o nome de “dinossauros”? Que esses animais outrora habitavam a terra e agora — bem nitidamente — não habitavam mais estava fora de questão. Os

dinossauros foram substituídos por outra coisa, ou se transformaram em outra coisa, ou foram simplesmente erradicados. Como explicar essas transformações e extinções em massa?

Como o grande Lineu escreveu: *Natura non facit saltum*.

A natureza não dá saltos.

Entretanto, Alma achava que talvez a natureza *realmente* desse saltos. Talvez fossem apenas saltinhos — pulos, saltitadas e balançadas —, mas definitivamente dava saltos. A natureza sem dúvida fazia mudanças e alterações. Dava para ver pela reprodução de cães e ovelhas, e dava para ver nos sistemas inconstantes de poder e dominação entre várias colônias de musgo nos calcários comuns na beirada da floresta de White Acre. Alma tinha ideias, mas não conseguia juntá-las e alinhavá-las. Tinha certeza de que alguns tipos de *Dicranum* haviam surgido de outros tipos, mais antigos, de *Dicranum*. Tinha certeza de que um organismo podia ter surgido de outro organismo, ou causado a extinção de outra colônia. Não saberia dizer *como* acontecera, mas acreditava *que* acontecera.

Sentiu um aperto no peito que já lhe era familiar, de desejo e premência. Só lhe restavam mais duas horas naquele dia para trabalhar no penedo antes de voltar às necessidades do pai. Precisaria de horas a mais — muitas horas a mais — se um dia fosse estudar essas questões como mereciam. Jamais teria horas suficientes. Já tinha perdido tantas horas naquela semana. Todas as pessoas do mundo pareciam crer que as horas e Alma lhes pertenciam. Como é que conseguiria se dedicar à exploração científica propriamente dita?

Observando o sol se pondo, Alma decidiu que não visitaria Prudence. Simplesmente não tinha tempo. Também não queria ler o último folheto inflamado de Arthur sobre a abolição. O que poderia fazer para ajudar os Dixon? A irmã não queria ouvir suas opiniões, tampouco queria sua assistência. Alma sentia pena de Prudence, mas a visita seria embaraçosa, já que tais encontros eram sempre embaraçosos.

Alma virou-se para os penedos. Pegou a fita e mediu as colônias de novo. Às pressas, anotou os dados.

Só mais duas horas.

Tinha muito trabalho a fazer.

Arthur e Prudence Dixon teriam de aprender a ser mais cuidadosos com as próprias vidas.

Capítulo catorze

No final daquele mês, Alma recebeu um bilhete de George Hawkes pedindo que ela fosse a Arch Street para visitá-lo na gráfica e ver algo bastante extraordinário.

“Não vou estragar a incredulidade que causa lhe contando mais neste momento”, ele escreveu, “mas creio que você gostará de vê-lo em pessoa, e quando estiver com tempo livre”.

Bom, Alma não tinha tempo livre. George também não, entretanto — e era por isso que o bilhete era algo inédito. No passado, George só contatava Alma por questões editoriais ou emergências relativas a Retta. Porém, não havia emergências envolvendo Retta desde que a internaram em Griffon, e Alma e George não estavam trabalhando em livro nenhum na época. O que, então, poderia ser tão urgente?

Curiosa, pegou a carruagem rumo a Arch Street.

Encontrou George no quarto dos fundos, debruçado sobre uma mesa comprida coberta por uma diversidade deslumbrante de formas e cores. Ao se aproximar, Alma percebia que se tratava de uma coleção enorme de pinturas de orquídeas arrumadas em pilhas grandes. Não só pinturas, mas também litografias, esboços e gravuras.

“É o trabalho mais lindo que já vi”, declarou George, a título de saudação. “Chegou de Boston ontem mesmo. É uma história bem esquisita. Olha só que maestria!”

George pôs nas mãos de Alma uma litografia de uma *Catasetum* pontilhada. A orquídea tinha sido retratada de forma tão magnífica que parecia crescer para fora da folha. As beiradas tinham pontos vermelhos e fundo amarelo, e parecia úmida, em carne viva. As folhas eram viçosas e grossas, e as raízes bulbosas davam a impressão de que, se balançadas, soltariam terra de verdade. Antes que Alma tivesse a chance de absorver toda aquela beleza, George lhe entregou outra gravura assombrosa — uma *Peristeria barkeri*, com flores douradas caídas tão vivazes que quase tremiam. Quem pintou aquela litografia era um mestre da textura e também da cor: as pétalas lembravam um veludo intacto, e o toque de alburno nas pontas dava a cada flor uma insinuação de orvalho.

Em seguida, George lhe mostrou outra gravura, e Alma não conteve o suspiro. Qualquer que fosse aquela orquídea, Alma nunca a tinha visto. Os minúsculos

lóbulo rosado pareciam um vestido que uma fada usaria em um baile pomposo. Nunca tinha visto tamanha complexidade, tamanha delicadeza. Alma conhecia litografias, e as conhecia bem. Tinha nascido apenas quatro anos após a invenção da técnica, e juntou para a biblioteca de White Acre algumas das litografias mais belas produzidas pelo mundo. George Hawkes também era conhecedor de litografias. Ninguém na Filadélfia dominava mais o assunto do que ele. Porém, sua mão tremia ao pegar outra folha para mostrar a Alma outra orquídea. Ele queria que ela visse todas, e queria que ela visse todas de uma vez. Alma estava louca para continuar a examiná-las, mas antes precisava entender melhor a situação.

“Espere, George, vamos parar por um instante. Você precisa me dizer... quem foi que fez isso?”, Alma indagou. Ela conhecia todos os grandes ilustradores da botânica, mas não conhecia aquele artista. Nem mesmo Walter Hood Fitch era capaz de criar obras como aquelas. Caso já tivesse visto algo semelhante, sem sombra de dúvida se lembraria.

“Um camarada extraordinário, me parece”, declarou George. “O nome dele é Ambrose Pike.”

Alma nunca tinha ouvido aquele nome.

“Quem publica o trabalho dele?”, ela perguntou.

“Ninguém!”

“Então quem foi que encomendou esse trabalho?”

“Não está claro se alguém o encomendou”, disse George. “O sr. Pike fez as litografias por conta própria, na gráfica de um amigo, em Boston. Ele achou as orquídeas, fez os esboços, fez as impressões e até o trabalho de pintura sozinho. Ele me mandou todas essas obras sem nenhuma outra explicação além dessa. Chegou ontem, na caixa mais inócua que já vi. Quase caí duro quando a abri, como você deve imaginar. O sr. Pike andou pela Guatemala e pelo México nos últimos dezoito anos, ele contou, e tem pouco tempo que voltou a Massachusetts, sua terra natal. As orquídeas documentadas aqui são resultado da temporada que passou na selva. Ninguém sabe dele. Precisamos trazê-lo à Filadélfia, Alma. Quem sabe você não o convida a ir a White Acre? A carta dele exala humildade. Ele dedicou a vida a esse trabalho. Quer saber se eu publicaria para ele.”

“Você vai publicar, não vai?”, Alma perguntou, já imaginando as gravuras luxuosas em um volume realizado com perfeição por George Hawkes.

“É óbvio que vou! Mas primeiro tenho que entender isso tudo. Algumas dessas orquídeas, Alma, eu nunca tinha visto. Uma obra como essa, com certeza eu nunca tinha visto.”

“Nem eu”, disse Alma, virando-se para a mesa e olhando outros exemplares. Quase evitava tocá-los, de tão lindos que eram. Deviam estar atrás de vidraças — todos eles. Até os menores esboços eram obras-primas. Por instinto, olhou para o teto para averiguar se o telhado estava bom, para que nada pingasse

naquela obra e a destruísse. De repente, temia um incêndio ou um roubo. George precisava pôr fechadura naquele quarto. Desejava estar usando luvas.

“Você *alguma vez...*”, George começou, mas estava tão comovido que não conseguiu terminar a frase. Nunca tinha visto o semblante dele tão dominado pela emoção.

“Eu nunca”, ela murmurou. “Eu nunca na vida.”

Naquela mesma noite, Alma escreveu uma carta para o sr. Ambrose Pike, de Massachusetts.

Tinha escrito tantos milhares de cartas na vida — e muitas delas foram cartas com elogios ou convites —, mas não sabia como começar essa. Como se dirigir a um gênio de verdade? No fim, resolveu que só poderia ser franca.

Caro sr. Pike,

Temo que o senhor tenha me causado grandes danos. O senhor me arruinou para sempre, no que diz respeito a admirar a obra artística botânica de qualquer outra pessoa. O mundo dos esboços, pinturas e litografias será tristemente inosso e banal agora que vi vossas orquídeas. Creio que o senhor visitará a Filadélfia em breve a fim de trabalhar com o meu querido amigo George Hawkes na publicação de um livro. Pergunto-me se, durante vossa estadia na cidade, não poderia atraí-lo a White Acre, a propriedade de minha família, para uma visita prolongada? Temos estufas onde mantemos orquídeas em abundância — algumas das quais são *quase* tão belas na realidade quanto as representações feitas pelo senhor. Suponho que o senhor gostará de vê-las. Talvez até tenha vontade de desenhá-las. (Qualquer uma de nossas flores consideraria uma honra ser retratada pelo senhor!) Sem dúvida, meu pai e eu ficaríamos deleitados em conhecê-lo. Se o senhor me avisar da data em que pretende chegar, mando uma carruagem buscá-lo na estação de trem. Enquanto estiver sob nossos cuidados, asseguraremos que todas as vossas necessidades serão atendidas. Rogo que não me cause danos outra vez com vossa recusa!

Sinceramente, Alma Whittaker.”

Ele chegou em meados de maio de 1848.

Alma estava no escritório, trabalhando ao microscópio, quando viu uma carruagem parar diante da casa. Desceu um rapaz alto, esguio, de cabelo ruivo, num terno de veludo cotelê marrom. De longe, não aparentava mais de vinte anos — embora Alma soubesse que seria impossível. Não carregava nada além de uma valise pequena de couro, que parecia não só já ter dado algumas voltas ao mundo, mas também que iria desmoronar até o final daquele dia.

Alma observou por um instante antes de sair para cumprimentá-lo. Havia testemunhado muitas chegadas a White Acre ao longo dos anos, e de acordo com

sua experiência os visitantes de primeira viagem sempre faziam a mesma coisa num primeiro momento: interrompiam os passos para se embasbacar diante da casa, pois White Acre era ao mesmo tempo magnífica e assombrosa, principalmente à primeira vista. A casa tinha sido explicitamente projetada para intimidar as visitas, afinal de contas, e poucas conseguiam esconder a admiração, a inveja ou o temor — em especial, caso não soubessem que eram observadas.

No entanto, o sr. Pike nem olhou para a casa. Na verdade, virou as costas para a mansão na mesma hora e preferiu examinar o antigo jardim grego de Beatrix — que Alma e Hanneke vinham mantendo em ótima condição havia décadas em homenagem a ela. Ele recuou um pouco, talvez para entendê-lo melhor, e depois agiu de uma forma estranhíssima: deixou a valise no chão, tirou o paletó, andou até a extremidade noroeste do jardim e então deu passos largos na diagonal em direção à ponta sudeste. Ficou ali um instante, olhou ao redor e em seguida foi até as duas bordas contíguas do jardim — a largura e o comprimento — com passadas largas como um agrimensor medindo as divisas de uma propriedade. Ao chegar à borda noroeste, tirou o chapéu, coçou a cabeça, hesitou e depois caiu na gargalhada. Alma não escutava a risada, mas a via com nitidez.

Era impossível resistir, e ela saiu correndo da cocheira para cumprimentá-lo.

“Sr. Pike”, ela chamou, estendendo a mão para ele ao se aproximar.

“Imagino que seja a srta. Whittaker!”, ele disse com um sorriso cordial e um aperto de mão. “Meus olhos nem acreditam no que estão vendo! Por favor, me diga, srta. Whittaker — que gênio maluco se deu ao trabalho de realizar este jardim seguindo com rigidez os ideais geométricos euclidianos?”

“A ideia foi de minha mãe, senhor. Caso ela não tivesse falecido muitos anos atrás, ficaria encantada em saber que o senhor compreendeu seus objetivos.”

“Quem não os compreenderia? É a proporção áurea! Temos quadrados duplos aqui, contendo redes de quadrados recorrentes — e com uma trilha bissecando o jardim inteiro, temos também vários triângulos 3-4-5. É uma coisa incrível! Acho extraordinário que alguém tenha se dado ao trabalho de fazer isso, e numa escala tão magnífica. Os buxos também são perfeitos. Parecem servir de símbolos de equação a todas as conjugações. Ela devia ser encantadora, sua mãe.”

“Encantadora...” Alma ponderou a possibilidade. “Bom, minha mãe era abençoada com uma mente que funcionava com uma precisão encantadora, sem dúvida.”

“Que estupendo”, ele disse.

Parecia ainda não ter notado a casa.

“É um imenso prazer conhecê-lo, sr. Pike”, Alma declarou.

“E quanto à senhorita. A carta que me escreveu foi de uma generosidade enorme. Devo admitir que gostei do passeio de carruagem particular — algo inédito na minha longa vida. Estou tão acostumado a viajar perto de crianças

berrando, animais infelizes e homens arruaceiros com charutos grossos que mal sabia o que fazer a sós durante tantas horas de solidão e tranquilidade.”

“E o que foi que o senhor fez?”, Alma indagou, sorrindo diante do entusiasmo dele.

“Fiz amizade com a visão sossegada da estrada.”

Antes que Alma pudesse reagir a essa resposta fascinante, ela viu a expressão preocupada no rosto dele. Virou-se para entender o que ele olhava: um criado atravessava as portas intimidantes de White Acre levando a pequena bagagem do sr. Pike.

“Minha valise...”, ele disse, esticando o braço.

“Só estamos levando-a aos aposentos onde o senhor ficará acomodado, sr. Pike. Ela estará lá, ao lado da cama, esperando o senhor para a hora que precisar dela.”

Ele balançou a cabeça, constrangido. “É claro que era isso”, ele disse. “Que bobeira a minha. Desculpe-me. Não estou acostumado com criados e esses tipos de coisa.”

“Prefere ficar com a valise, sr. Pike?”

“Não, de jeito nenhum. Perdoe a minha reação, srta. Whittaker. Mas se temos somente um bem na vida, como eu tenho, é um pouco preocupante ver um estranho sair andando com ele!”

“O senhor tem muito mais que um bem na vida, sr. Pike. Tem um talento artístico excepcional — do tipo que nem o sr. Hawkes nem eu jamais tínhamos visto.”

Ele riu. “Ah, que gentileza a sua, srta. Whittaker. Mas tudo o mais que tenho está na valise, e talvez eu dê mais valor ainda a esses estimados pertences!”

Agora Alma também ria. A reserva que normalmente existe entre dois estranhos já havia se ausentado por completo. Talvez nunca tivesse estado ali.

“Agora me diga, srta. Whittaker”, ele pediu com alegria. “Que outras maravilhas existem aqui em White Acre? E que história é essa que ouvi, de que a senhorita estuda musgos?”

Foi assim que aconteceu de, transcorrida uma hora, estarem juntos nos penedos de Alma, discutindo *Dicranum*. Ela pretendia mostrar primeiro as orquídeas. Ou melhor, não tinha nenhuma pretensão de mostrar os leitões de musgos — já que ninguém nunca demonstrava interesse neles —, mas, depois que ela começou a falar de seu trabalho, ele insistiu em vê-lo com os próprios olhos.

“Preciso avisar, sr. Pike”, ela disse, enquanto caminhavam juntos pelo campo, “que a maioria das pessoas acha musgos uma chatice”.

“Isso não me assusta”, ele declarou. “Sempre me fascinam os assuntos que outros acham chatos.”

“Temos isso em comum”, comentou Alma.

“Mas me diga, o que a senhorita admira nos musgos?”

“A dignidade”, Alma respondeu sem hesitar. “E também o silêncio e a inteligência. Gosto do fato de que — como área de estudo — eles são *novos*. Não são como outras plantas maiores e mais relevantes, todas elas já analisadas e remexidas por hordas de botânicos. Suponho que também lhes admire a modéstia. Os musgos escondem sua beleza com uma discrição elegante. Em comparação com os musgos, tudo o mais no mundo da botânica parece direto e óbvio demais. Entende o que estou dizendo? Já percebeu como as flores maiores e mais vistosas às vezes parecem umas tolas burras que não param de babar — o jeito como balançam de um lado para outro de boca aberta, como se estivessem pasmas e indefesas?”

“Felicitto-lhe, srta. Whittaker. A senhorita acabou de descrever com perfeição a família das orquídeas.”

Ela arfou e levou as mãos à boca. “Eu o ofendi!”

Porém, o sr. Pike sorria. “De modo algum. Estou brincando. Jamais defendi a inteligência de uma orquídea, e jamais farei isso. Eu as amo, mas confesso que não me parecem muito espertas — não segundo os padrões de sua descrição. Mas estou adorando ouvir alguém defender a inteligência dos musgos! Soa como se a senhorita estivesse escrevendo uma carta de referência a favor deles.”

“Alguém precisa defendê-los, sr. Pike! Eles têm sido muito subestimados, e têm um caráter muito nobre! Na verdade, acho o mundo em miniatura uma dádiva cuja grandiosidade fica disfarçada, e portanto é uma honra estudá-lo.”

Ambrose Pike não parecia achar nada disso uma chatice. Quando chegaram aos penedos, ele tinha dezenas de perguntas para Alma, e aproximou tanto o rosto das colônias de musgo que a impressão era de que sua barba brotava das rochas. Escutou com atenção quando ela explicou cada subespécie e discutiu as teorias fluorescentes que ela elaborava acerca da transmutação. Talvez ela tenha falado muito. Sua mãe diria que sim. Mesmo enquanto falava, Alma temia estar lançando o pobre coitado num tédio profundo. Mas ele era tão receptivo! Ela se sentiu livre ao despejar ideias de suas criptas há muito abundantes em pensamentos secretos. Existe um limite de tempo para manter seus entusiasmos trancafiados no coração antes de almejar dividi-los com uma alma afim, e Alma estava várias décadas atrasada na divisão de pensamentos.

Em pouquíssimo tempo o sr. Pike já tinha se jogado no chão para perscrutar sob o lábio de um grande penedo e examinar os leitões de musgo escondidos nesses recifes secretos. As pernas compridas saltavam para fora da cobertura da pedra à medida que se entusiasmava. Alma pensou que nunca tinha visto ninguém tão satisfeito na vida. Sempre tivera vontade de mostrar aquilo a alguém.

“Vou lhe fazer uma pergunta, srta. Whittaker”, ele declarou sob a saliência da pedra. “Qual é a verdadeira natureza das colônias de musgo? Elas aprenderam o

truque, como a senhorita diz, para aparentar modéstia e brandura. No entanto, pelo que me falou, possuem faculdades consideráveis. Seus musgos seriam pioneiros amistosos? Ou saqueadores hostis?”

“Fazendeiros ou piratas, o senhor quer dizer?”, Alma indagou.

“Exato.”

“Não tenho certeza absoluta”, declarou Alma. “Talvez um pouco dos dois. Eu me faço essa pergunta o tempo todo. Talvez eu leve outros vinte e cinco anos para descobrir.”

“Admiro sua paciência”, disse ele, finalmente saindo de baixo da pedra e se esticando despreocupadamente no gramado. Com o tempo, à medida que fosse conhecendo melhor Ambrose Pike, descobriria que ele era ótimo em se jogar no chão toda e qualquer vez que desejasse descansar. Chegava a desmoronar com satisfação no tapete de uma sala de visitas formal se lhe desse na veneta — em especial, se estivesse contente com seus pensamentos e a conversa. O mundo era seu divã. Havia uma liberdade enorme naquilo. Alma não conseguia se imaginar se sentindo tão livre. Nesse dia, enquanto ele se esparramava, ela se sentou cuidadosamente em uma pedra que havia por perto.

O sr. Pike era bem mais velho, Alma percebia agora, do que aparentava a princípio. Bom, era natural que fosse — não haveria como criar uma obra tão vasta se fosse tão jovem quanto pareceu à primeira vista. Foram apenas a postura entusiástica e os passos largos e acelerados que fizeram com que parecesse um universitário a distância. Isso e mais as modestas roupas marrons — o uniforme próprio a um jovem acadêmico sem recursos. De perto, todavia, dava para ver-lhe a idade — principalmente quando estava deitado debaixo do sol, prostrado no gramado sem o chapéu na cabeça. O rosto exibia rugas finas, bronzeado e sardas de anos exposto às intempéries, e o cabelo ruivo das têmperas começavam a embranquecer. Alma diria que tinha trinta e cinco anos, talvez trinta e seis. Mais de dez anos a menos que ela, mas, mesmo assim, não era uma criança.

“Deve ser profundamente recompensador estudar o mundo tão de perto”, Ambrose Pike prosseguiu. “Acho que muita gente dá as costas às pequenas maravilhas. Há muito mais força a ser encontrada nos detalhes do que nas generalidades, mas a maioria das almas não consegue se treinar para ficar quietas para enxergá-las.”

“Mas às vezes temo que meu mundo tenha se tornado detalhista *demais*”, declarou Alma. “Demoro anos para escrever meus livros sobre musgos, e eles são de uma complexidade excruciante, tal qual aquelas miniaturas persas esmeradas que só podemos estudar usando lupas. Meu trabalho não me dá fama. Também não me dá lucro nenhum — então, como o senhor vê, estou usando meu tempo com sabedoria!”

“Mas o sr. Hawkes disse que seus livros recebem boas críticas.”

“Recebem, sem dúvida — da dúzia de cavalheiros nesta terra que nutrem grande interesse pela briologia.”

“Dúzia!”, espantou-se o sr. Pike. “Tantos assim? Lembre-se, madame, que está conversando com um homem que nunca publicou nada em seus longos anos de vida, e cujos pobres pais temem que ele seja um preguiçoso digno de vergonha.”

“Mas seu trabalho é soberbo, sr. Pike.”

Ele desdenhou o elogio com um gesto. “A senhorita encontra dignidade em seus trabalhos?”, ele indagou.

“Encontro”, afirmou Alma, depois de ponderar sobre a questão por um instante. “Embora às vezes me pergunte o motivo. A maior parte do mundo — principalmente os pobres sofrendores — ficaria feliz, imagino, se nunca mais trabalhasse. Então por que trabalho tanto num assunto com que tão poucas pessoas se importam? Por que não me contento em simplesmente admirar os musgos ou talvez desenhá-los, se a estética deles me agrada tanto? Por que me é necessário descobrir seus segredos e lhes implorar respostas sobre a natureza da vida em si? Tenho a sorte de vir de uma família de recursos, como o senhor vê, portanto não teria nenhuma necessidade de trabalhar na vida. Por que não me satisfaço, então, ficando à toa, deixando minha mente se desenvolver em liberdade que nem este gramado?”

“Porque a senhorita tem interesse pela criação”, Ambrose Pike respondeu com simplicidade, “e por toda sua harmonia maravilhosa”.

Alma enrubesceu. “O senhor faz com que pareça grandioso.”

“É grandioso”, ele confirmou, com igual simplicidade.

Ficaram alguns instantes em silêncio. Em alguma árvore ao lado, um tordo cantava.

“Que belo recital particular!”, comentou o sr. Pike, após um longo tempo de escuta. “Tenho vontade de aplaudir.”

“Esta é a melhor época do ano para ouvir o canto dos pássaros em White Acre”, explicou Alma. “Em certas manhãs, podemos nos sentar debaixo de uma única cerejeira e escutar todos os pássaros da orquestra se apresentarem para o nosso deleite.”

“Gostaria de escutar uma manhã dessas. Tive muita saudade dos nossos canoros americanos quando estava na selva.”

“Mas deviam existir pássaros incríveis nos lugares onde estive, sr. Pike!”

“Sim, incríveis e exóticos. Mas não é a mesma coisa. A gente morre de saudade de casa, por causa dos sons familiares da infância, entende? Às vezes eu ouvia pombos selvagens cantando nos meus sonhos. Parecia tão real que partia meu coração. O meu desejo era de nunca mais acordar.”

“O sr. Hawkes me contou que o senhor passou muitos anos na selva.”

“Dezoito”, ele especificou, com um sorriso quase constrangido.

“No México e na Guatemala, principalmente?”

“No México e na Guatemala, completamente. Eu queria ter explorado mais o mundo, mas não conseguia sair dessa região, já que não parava de descobrir coisas novas. A senhorita entende — a gente acha um lugar interessante e começa a pesquisar, e então os segredos se revelam, um seguido de outro, até que não se possa ir embora. Também havia certas orquídeas que achei na Guatemala — as epífitas mais acanhadas e reclusas, em especial — que simplesmente se recusavam a me fazer a cortesia de florir. Fiquei obstinado com isso. Mas elas também eram obstinadas. Algumas me fizeram esperar por cinco ou seis anos até me concederem um vislumbre.”

“Então por que o senhor acabou voltando para casa?”

“Solidão.”

Ele era de uma franqueza extraordinária. Alma se admirava com isso. Jamais se imaginaria assumindo uma fraqueza tão grande quanto a solidão.

“E também”, ele acrescentou, “fiquei doente demais para continuar vivendo em condições tão ruins. Tinha febres recorrentes. Embora não fossem totalmente desagradáveis, é preciso admitir. Via miragens notáveis durante as febres, e também ouvia vozes. Às vezes era uma tentação segui-las”.

“As miragens ou as vozes?”

“Ambas! Mas não poderia fazer isso com a minha mãe. Teria causado muita dor em sua alma, perder um filho na selva. Ela passaria o resto da vida se perguntando o que teria me acontecido. Embora ainda se pergunte o que me aconteceu. Aposto! Mas ao menos sabe que estou vivo.”

“Sua família deve ter tido saudades de você, então, todos esses anos.”

“Ah, coitados dos meus familiares. Eu os decepcionei muito, srta. Whittaker. São tão respeitáveis, e vivi minha vida numa rota muito inconstante. Ela crê, tenho minhas razões para supor, que eu estava pisando nas pérolas que foram jogadas à minha frente. Abandonei Harvard depois de apenas um ano, entende? Diziam que eu era promissor — seja lá o que esta palavra quer dizer —, mas a vida acadêmica não combinava comigo. Por uma peculiaridade do sistema nervoso, simplesmente era incapaz de ficar sentado em um auditório. Também nunca procurei a animada companhia dos clubes sociais e das gangues de jovens. Talvez não saiba disso, srta. Whittaker, mas grande parte da vida universitária se organiza em torno de clubes sociais e bandos de jovens. Como minha mãe disse, a única coisa que eu queria era ficar no canto desenhando plantas.”

“Louvado seja Deus por isso!”, declarou Alma.

“Talvez. Não acho que minha mãe concordaria, e meu pai ficou muito bravo com a carreira que escolhi — se é que é possível chamá-la de carreira. Para a sorte da minha sofredora mãe, meu irmão mais novo, Jacob, aflorou depois de mim para dar o exemplo de filho cumpridor de suas responsabilidades. Entrou na universidade seguindo os meus passos, mas, ao contrário de mim, deu conta de continuar pelo tempo previsto. Foi valente nos estudos, conquistando todas as

honrarias e louros pelo caminho, embora às vezes eu temesse que ele causasse danos à própria cabeça com tamanho empenho, e agora ele prega no mesmo púlpito de Framingham onde meu pai e meu avô outrora pregavam para as suas congregações. Ele é um homem bom, o meu irmão, e conseguiu prosperar. Ele é motivo de orgulho para a família Pike. A comunidade o admira. Sou totalmente afeiçoado a ele. Mas não invejo a vida que tem.”

“Então o senhor é de uma família de pastores?”

“Sim... e eu deveria ter sido um também.”

“O que aconteceu?”, Alma indagou, num gesto bem ousado. “Abandonou o Senhor?”

“Não”, respondeu ele. “Exatamente o contrário. Sentia-me próximo demais do Senhor.”

Alma quis perguntar o que ele queria dizer com aquela declaração tão curiosa, mas tinha a impressão de que já o pressionara demais, e seu convidado não deu mais explicações. Ficaram muito tempo calados, escutando o canto do tordo. Passado um tempo, Alma percebeu que o sr. Pike estava cochilando. Com que rapidez ele apagava! Acordado num instante e dormindo no outro! Devia estar completamente exausto, ela se deu conta, devido à longa viagem — e ali estava ela o bombardeando com perguntas e incomodando-o com suas teorias sobre briófitas e transmutação.

Em silêncio, se levantou e foi até outra área do campo de penedos, para contemplar mais uma vez suas colônias de musgos. Sentia-se muito contente e relaxada. Como o sr. Pike era agradável! Perguntou-se quanto tempo ficaria em White Acre. Talvez conseguisse convencê-lo a passar o verão inteiro. Que alegria seria ver aquela criatura amistosa e inquiridora circulando pela casa. Seria como ter um irmão mais novo. Nunca havia imaginado ter um irmão mais novo, mas agora almejava loucamente um, e queria que ele fosse o inquiridor e amistoso Ambrose Pike. Teria de conversar com o pai sobre isso. Não havia dúvida de que poderia fazer um ateliê de pintura para ele em uma das construções que antigamente serviam de leiteria, caso ele desejasse se instalar ali.

É provável que meia hora tenha transcorrido antes que ela reparasse no sr. Pike se mexendo no gramado. Voltou para perto dele e sorriu.

“O senhor adormeceu”, ela disse.

“Não”, ele a corrigiu. “O sono me dominou.”

Ainda esparramado na grama, ele esticou os membros como um gato, ou um bebê. Não parecia sentir nenhum constrangimento por ter cochilado na frente de Alma, e assim ela também não se constrangeu.

“Deve estar cansado, sr. Pike.”

“Estou cansado há anos.” Ele se sentou, bocejou e pôs o chapéu na cabeça. “Que pessoa generosa a senhorita é, por ter me concedido esse descanso. Eu lhe agradeço.”

“Bom, o senhor foi generoso por ter me ouvido falar de musgos.”

“Foi um prazer para mim. Espero ouvir mais. Eu estava pensando antes de cochilar que é uma vida invejável a que leva, srta. Whittaker. Imagine poder passar a vida inteira se ocupando de algo tão minucioso e belo quanto esses musgos — e ao mesmo tempo estar cercada de uma família amorosa e do conforto que ela oferece.”

“Eu imaginei que minha vida pareceria chata a um homem que passou dezoito anos nas selvas da América Central.”

“De jeito nenhum. Na verdade, ando ansioso por uma vida um pouquinho mais chata do que a que eu experimentei até aqui.”

“Cuidado com o que deseja, sr. Pike. Uma vida chata não é tão interessante quanto o senhor pode pensar!”

Ele riu. Alma se aproximou e se sentou ao lado dele, em cima da grama, enfiando as saias debaixo das pernas.

“Preciso lhe fazer uma confissão, sr. Pike”, ela anunciou. “Às vezes temo que meu trabalho nesses leitos de musgo não tenha nenhuma serventia ou valor. Às vezes queria ter algo mais brilhante para oferecer ao mundo, algo mais esplêndido — como as suas pinturas de orquídeas, suponho. Sou diligente e disciplinada, mas não tenho um talento singular.”

“Então a srta. é esforçada, mas não original?”

“Isso!”, disse Alma. “É exatamente isso! Precisamente.”

“Ora!”, ele exclamou. “A senhorita não me convence. Pergunto-me por que a senhorita sequer tenta se convencer de uma bobagem como essa.”

“Que gentileza, sr. Pike. O senhor fez uma velha senhora se sentir muito bem cuidada esta tarde. Mas tenho consciência da verdade quanto à minha própria vida. Meu trabalho nesses campos de musgo não entusiasma ninguém além das vacas e dos corvos que me observam o dia inteiro.”

“Vacas e corvos são excelentes juízes de talento, srta. Whittaker. Acredite no que digo — venho pintando exclusivamente para a diversão desses bichos há anos a fio.”

Naquela noite, George Hawkes foi jantar com eles em White Acre. Seria a primeira vez que George conheceria Ambrose Pike pessoalmente, e estava tremendamente animado com isso — ou tão animado quanto um camarada cerimonioso como George Hawkes podia ficar.

“É uma honra conhecê-lo, senhor”, declarou George, com um sorriso. “Seu trabalho me trouxe um prazer contínuo.”

Alma se comoveu com a sinceridade de George. Sabia o que o amigo não podia dizer ao artista — que o último ano tinha sido de grande sofrimento no lar dos Hawkes, e que as orquídeas de Ambrose Pike haviam libertado George, por um instante, da armadilha das trevas.

“Eu lhe ofereço minha genuína gratidão pelo incentivo”, o sr. Pike respondeu. “Infelizmente, minha gratidão é a única retribuição que posso lhe dar no momento, mas ela é sincera.”

Quanto a Henry Whittaker, ele estava de mau humor naquela noite. Alma percebia a dez passos de distância, e torcia muito para que o pai não participasse do jantar. Ela havia deixado de alertar seu convidado sobre a índole rude do pai e agora se arrependia. O pobre sr. Pike seria atirado ao lobo sem nenhum preparo, e o lobo estava, era nítido, tanto faminto como furioso. Também se lamentava por nem ela nem George Hawkes terem se lembrado de levar uma das pinturas de orquídeas para mostrar ao seu pai, o que queria dizer que Henry não tinha noção de quem era o tal de Ambrose Pike, além de caçador de orquídeas e artista — categorias de pessoas as quais não tendia a admirar.

Não era uma surpresa o jantar ter começado mal.

“Quem é mesmo esse indivíduo aí?”, o pai indagou, olhando para o novo convidado.

“É o sr. Ambrose Pike”, disse Alma. “Como eu disse mais cedo, ele é naturalista e pintor e foi descoberto recentemente pelo George. Faz os retratos de orquídeas mais lindos que eu já vi na vida, pai.”

“Você desenha orquídeas?”, Henry interpelou o sr. Pike, no mesmo tom de voz que outro homem usaria para perguntar: “Você rouba viúvas?”

“Bom, eu tento, senhor.”

“Todo mundo tenta desenhar orquídeas”, retrucou Henry. “Não há nada de novo nisso.”

“O senhor levantou uma questão justa.”

“O que as suas orquídeas têm de tão especial?”

O sr. Pike ponderou a questão. “Não sei dizer”, admitiu. “Não sei se há algo de especial nelas, senhor — além do fato de que pintar orquídeas é só o que faço. É só o que venho fazendo há quase vinte anos.”

“Bom, esse é um emprego absurdo.”

“Discordo, sr. Whittaker”, respondeu o artista, impassível. “Mas somente porque não o considero de forma nenhuma um emprego.”

“Como você ganha a vida?”

“De novo, o senhor levanta uma questão justa. Mas como o senhor deve imaginar pelo meu modo de vestir, é discutível se eu sequer ganho a vida.”

“Eu não anunciaria esse fato como qualidade, meu jovem.”

“Acredite, senhor... eu não o faço.”

Henry o perscrutou, analisando o terno gasto e a barba desganhada. “Então, o que foi que aconteceu?”, ele interpelou. “Por que você é tão pobre? Você esbanjou uma fortuna como libertino?”

“Pai...”, Alma tentou.

“Não, infelizmente”, disse o sr. Pike, sem parecer ofendido. “Minha família

nunca teve fortuna a ser esbanjada.”

“O que o seu pai faz da vida?”

“Atualmente, ele vive além da barreira da morte. Mas antes disso, era pastor em Framingham, Massachusetts.”

“Se esse é o caso, por que você não é pastor?”

“Minha mãe se pergunta a mesma coisa, sr. Whittaker. Receio que eu tenha questionamentos demais sobre religião para ser um bom pastor.”

“*Religião?*” Henry franziu a testa. “Que diabos *religião* tem a ver com ser um bom pastor? É uma profissão como qualquer outra, meu jovem. Você se adapta à tarefa e guarda as opiniões para si. É isso o que os bons pastores fazem... ou deveriam fazer!”

O sr. Pike riu com prazer. “Se alguém tivesse me dito isso há vinte anos, senhor!”

“Não existe desculpa para um rapaz com saúde e inteligência neste país não ser próspero. Até um filho de pastor deveria ser capaz de achar alguma ocupação laboriosa.”

“Muitos concordariam com o senhor”, disse o sr. Pike. “Inclusive meu finado pai. Todavia, estou vivendo abaixo do meu posto há anos.”

“E eu estou vivendo *acima* do meu posto... desde sempre! Cheguei aqui na América quando eu era um rapaz mais ou menos da sua idade. Encontrei dinheiro espalhado em tudo que era canto, pelo país afora. Só precisei pegá-lo com a ponta da minha bengala. Qual é a sua desculpa para ser pobre, então?”

O sr. Pike olhou nos olhos de Henry e disse, sem nenhum sinal de malícia: “A falta de uma bengala, imagino.”

Alma engoliu em seco e olhou para o próprio prato. George Hawkes agiu da mesma forma. Henry, no entanto, pareceu não escutar. Em certos momentos, Alma agradecia aos céus pela surdez crescente do pai. Ele já tinha voltado sua atenção para o mordomo.

“Vou lhe contar, Becker”, Henry declarou, “se você me obrigar a comer carneiro mais uma vez esta semana, alguém vai levar um tiro”.

“Ele não atira em ninguém”, Alma garantiu ao sr. Pike, falando baixinho.

“Imaginei”, seu convidado respondeu sussurrando, “senão eu já estaria morto”.

Até o final da refeição, George, Alma e o sr. Pike entabularam uma conversa agradável — mais ou menos entre si — enquanto Henry bufava e tossia e reclamava de vários aspectos do jantar, e até cochilava umas vezes, o queixo caído junto ao peito. Tinha, afinal de contas, oitenta e oito anos de idade. Nada disso, felizmente, parecia preocupar o sr. Pike, e como George Hawkes já estava acostumado àquele tipo de comportamento, Alma acabou relaxando um pouco.

“Por favor, perdoe o meu pai”, Alma pediu ao sr. Pike em voz baixa, num dos acessos de sono de Henry. “George conhece bem o temperamento dele, mas

essas explosões podem ser inquietantes para quem não tem experiência com nosso Henry Whittaker.”

“Ele é um belo urso à mesa de jantar”, o sr. Pike disse, com um tom mais de admiração do que de choque.

“É mesmo”, disse Alma. “Felizmente, entretanto, assim como um urso, ele às vezes nos dá a trégua de hibernar!”

Esse comentário pôs um sorriso até nos lábios de George Hawkes, mas o sr. Pike ainda analisava a figura adormecida de Henry, ponderando alguma coisa.

“O meu pai era tão sério, entende”, ele declarou. “Eu sempre achava os silêncios dele assustadores. Imagino que seja um deleite ter um pai que fala e age com tamanha liberdade. A gente sempre sabe onde está pisando.”

“Sabe sim, é verdade”, concordou Alma.

“Sr. Pike”, chamou George, mudando de assunto, “posso lhe perguntar onde é que está morando no momento? O endereço para onde mandei minha carta era de Boston, mas o senhor acabou de mencionar que sua família mora em Framingham, então fiquei em dúvida”.

“No momento, senhor, não tenho casa”, declarou o sr. Pike. “O endereço de Boston ao qual se refere é a residência do meu velho amigo Daniel Tupper, que é muito bondoso comigo desde a época de minha breve carreira em Harvard. A família dele tem uma pequena gráfica em Boston — nada de tanta qualidade quanto a sua empresa, mas bem gerida e decente. É conhecida principalmente pelos folhetos e cartazes de anúncios locais, esse tipo de coisa. Quando abandonei Harvard, passei uns anos trabalhando para a família Tupper como linotipista, e descobri que tinha talento para isso. Foi lá que também aprendi a arte da litografia. Tinham me dito que era difícil, mas nunca concordei. É basicamente como desenhar, na verdade — só que é um desenho na pedra.”

“E o que o levou ao México e à Guatemala, sr. Pike?”

“De novo, posso dar esse crédito ao meu amigo Tupper. Sempre tive fascínio pelas orquídeas, e, a certa altura, Tupper criou o projeto de que eu ficasse uns anos nos trópicos e fizesse uns desenhos e tal, e juntos produzíssemos um belo livro sobre orquídeas tropicais. Receio que tenha pensado que nós dois ficaríamos riquíssimos. Éramos jovens, sabe, e ele depositava muita confiança em mim.

“Então juntamos nossos recursos, os que tínhamos, e Tupper me pôs em um barco. Ele me instruiu a ir embora e criar um burburinho em torno de mim pelo mundo. Para a tristeza dele, não sou de criar burburinho. Para a tristeza maior ainda, meus poucos anos na selva acabaram virando dezoito anos, como já expliquei à srta. Whittaker. Com parcimônia e perseverança, consegui me manter vivo por quase duas décadas, e me orgulho em dizer que nunca peguei dinheiro do Tupper, ou de qualquer outra pessoa, após o investimento inicial dele. Apesar disso, acho que o coitado do Tupper sente que a fé que tinha em mim foi um engano. Quando enfim voltei para casa, ano passado, ele teve a bondade de me

deixar usar a gráfica da família para fazer algumas das litografias que o senhor já viu, mas — o que é bastante perdoável — já faz muito tempo que ele perdeu a vontade de produzir um livro comigo. Sou devagar demais para ele. Ele agora tem família e não pode brincar com projetos tão dispendiosos. Ele tem sido um herói em sua amizade, ainda assim. Me deixa dormir no sofá da casa dele, e, desde que voltei à América, tornei a ajudar na gráfica.”

“E os planos do senhor?”, indagou Alma.

O sr. Pike ergueu as mãos, como se rogasse aos céus. “Já faz tanto tempo que não traço planos, sabe?”

“Mas o que o senhor *gostaria* de fazer?”, perguntou Alma.

“Nunca me perguntaram isso antes.”

“E no entanto eu lhe pergunto, sr. Pike. E quero que o senhor me dê uma resposta sincera.”

Ele voltou os olhos castanho-claros para ela. Realmente parecia muito cansado. “Então lhe direi, srta. Whittaker”, ele disse. “Nunca mais quero viajar. Gostaria de passar o resto dos meus dias num lugar tão silencioso — e trabalhar num ritmo tão lento — a ponto de conseguir me escutar vivendo.”

George e Alma se entreolharam. Como se sentisse que era deixado para trás, Henry acordou de repente e trouxe a atenção de volta para si.

“Alma!”, ele disse. “Aquela carta do Dick Yancey da semana passada. Você leu?”

“Li sim, pai!”, respondeu, mudando de tom abruptamente.

“O que você achou dela?”

“Achei que é uma notícia lastimável.”

“É óbvio que é. Ela me deixou com um humor terrível. Mas o que seus amigos acham dela?”, indagou Henry, gesticulando para os convidados com o cálice de vinho.

“Creio que eles não sabem da situação”, disse Alma.

“Então conte a situação a eles, filha. Preciso de opiniões.”

Era uma atitude esquisita. Não era normal Henry querer opiniões. Mas ele insistiu através de outro gesto com o cálice, e portanto ela começou a falar, se dirigindo tanto a George como ao sr. Pike.

“Bom, é sobre baunilha”, ela declarou. “Uns quinze anos atrás, meu pai foi convencido por um francês a investir numa plantação de baunilha no Taiti. Agora soube que a plantação não deu certo. E o francês sumiu.”

“Junto com o investimento”, acrescentou Henry.

“Junto com o investimento do meu pai”, confirmou Alma.

“Um investimento considerável”, esclareceu Henry.

“Um investimento *bem* considerável”, concordou Alma. Sabia bem disso, pois foi ela mesma quem organizou as transferências do pagamento.

“Era para ter dado certo”, disse Henry. “O clima é perfeito. E as trepadeiras

cresciam! Dick Yancey viu com os próprios olhos. Chegavam a dois metros de altura. O maldito francês falou que a baunilha cresceria feliz por lá, e tinha razão. As trepadeiras davam flores do tamanho de um punho. Exatamente como ele falou que dariam. O que foi que o francesinho me falou, Alma? ‘Cultivar baunilha no Taiti vai ser mais fácil do que peidar durante o sono.’”

Alma empalideceu, olhando de soslaio para os convidados. George dobrou o guardanapo educadamente sobre o colo, mas o sr. Pike sorriu com uma alegria sincera.

“Então o que foi que deu errado, senhor?”, indagou ele. “Se me permite a intromissão?”

Henry o fitou com raiva. “As trepadeiras não deram frutos. As flores vijejaram e morreram e nunca deram nem uma maldita fava.”

“Posso perguntar de onde vieram as baunilhas originais?”

“Do México”, rosnou Henry, encarando o sr. Pike num espírito de desafio total. “Então me diga você, meu jovem — o que foi que deu errado?”

Aos poucos, Alma percebia algo ali. Por que havia subestimado o pai? Existia alguma coisa que o velho deixasse passar? Até de mau humor, até semissurdo, até *dormindo*, ele tinha de algum modo entendido exatamente quem estava sentado à sua mesa: um especialista em orquídeas que acabara de passar quase duas décadas de estudo no México e nas cercanias. E a baunilha, Alma acabava de se recordar, fazia parte da família das orquídeas. O visitante estava sendo testado.

“*Vanilla planifolia*”, disse o sr. Pike.

“Exato”, Henry confirmou e pôs o cálice de vinho na mesa. “Foi o que plantamos no Taiti. Prossiga.”

“Vi pelo México afora, senhor. Principalmente perto de Oaxaca. O seu homem na Polinésia, o seu francês, ele tinha razão — é uma trepadeira vigorosa, e suspeito que ela ficaria contente no clima do Pacífico Sul.”

“Então por que as malditas plantas não deram frutos?”, interpelou Henry.

“Não posso dar certeza”, disse o sr. Pike, “sem nunca ter botado os olhos nas plantas em questão”.

“Então você não passa de um desenhista de orquídeas imprestável, não é?”, Henry vociferou.

“Pai...”

“No entanto, senhor”, o sr. Pike continuou, sem dar importância ao insulto, “posso postular uma teoria. Quando seu francês estava procurando as baunilhas no México, talvez tenha por acidente comprado uma variedade da *Vanilla planifolia* que os nativos chamam de *oreja de burro* — que não dá fruto nenhum”.

“Então ele é um idiota”, decretou Henry.

“Não necessariamente, sr. Whittaker. Só com um olhar de mãe alguém percebe a diferença entre as versões frutíferas e não frutíferas da *planifolia*. É

um erro comum. Até os nativos se confundem com as duas variedades. Poucos homens da botânica são capazes de distinguir uma da outra.”

“*Você é capaz de distinguir?*”, Henry interpelou.

O sr. Pike hesitou. Estava claro que não queria afrontar um homem que encontrava pela primeira vez.

“Fiz uma pergunta a você, menino. Você sabe distinguir as duas variedades de *planifolia*? Ou não sabe?”

“Grosso modo, senhor? Sim. Eu sei distinguir.”

“Então o francês era um idiota”, concluiu Henry. “E eu fui mais idiota ainda por investir nele, pois agora desperdicei catorze hectares de planícies boas no Taiti cultivando uma espécie de baunilha infértil nos últimos quinze anos. Alma, escreva uma carta a Dick Yancey esta noite e diga a ele para arrancar todas as trepadeiras e servi-las aos porcos. Diga que é para substituí-las por inhame. E também diga a Yancey que, se um dia ele encontrar aquele francesinho de merda, é para *servi-lo* aos porcos também!”

Henry se levantou e foi-se embora coxeando, zangado demais para terminar a refeição. George e o sr. Pike fitavam em silêncio a figura que se afastava — tão curiosa em sua peruca e os calções antigos de veludo, porém tão feroz.

Quanto a Alma, ela teve uma grande sensação de vitória. O francês tinha perdido, Henry Whittaker tinha perdido, e era quase certo que a plantação de baunilha no Taiti estava perdida. Mas Ambrose Pike, ela acreditava, tinha vencido algo naquela noite, em sua primeira aparição à mesa de jantar de White Acre.

Talvez fosse uma pequena vitória, mas poderia ter algum valor no final.

Naquela noite, Alma acordou com um barulho estranho.

Estava absorta em um sono destituído de sonhos e então, tão de repente quanto se tivesse levado um tapa, estava acordada. Perscrutou a escuridão. Será que havia alguém no seu quarto? Seria Hanneke? Não. Não havia ninguém. Ela pôs a cabeça no travesseiro de novo. A noite estava fresca e tranquila. O que teria rompido a letargia? Vozes? Pela primeira vez em muitos anos, lembrou-se da noite em que Prudence foi levada a White Acre quando criança, cercada de homens e coberta de sangue. Coitada de Prudence, Alma realmente devia visitá-la. Devia se empenhar mais em relação à irmã. Mas simplesmente não tinha tempo. O silêncio a rodeava. Alma começou a cair no sono.

Ela tornou a ouvir o som. Mais uma vez, os olhos de Alma se abriram de súbito. Mas o que era aquele barulho? De fato, pareciam ser vozes. Mas quem estaria acordado àquela hora?

Levantou-se, enrolou-se no xale e acendeu o lampião com destreza. Andou até o patamar da escada e olhou por cima do corrimão. Havia uma luz acesa na sala de estar. Dava para vê-la brilhar por baixo da porta. Dava para ouvir o riso do pai. Com quem ele estava? Estaria falando sozinho? Por que ninguém a acordou,

se Henry precisava dela?

Ela desceu a escada e se deparou com o pai sentado ao lado de Ambrose Pike no divã. Estavam olhando alguns desenhos. O pai usava um camisolão branco e um barrete antiquado, e estava enrubescido pela bebida. O sr. Pike ainda estava de terno de cotelê marrom, com o cabelo ainda mais desganhado do que estivera mais cedo.

“Nós acordamos a senhorita”, disse o sr. Pike, erguendo os olhos. “Desculpe-me.”

“Posso ajudá-los em alguma coisa?”, Alma indagou.

“Alma!”, Henry exclamou. “Seu menino inventou uma peça brilhante! Mostre a ela, filho!”

Henry não estava embriagado, Alma se deu conta: estava simplesmente entusiasmado.

“Tive dificuldade em dormir, srta. Whittaker”, explicou o sr. Pike, “porque estava pensando nas baunilhas no Taiti. Passou pela minha cabeça que pode haver outra possibilidade para as trepadeiras não darem frutos. Eu devia ter esperado amanhecer para não perturbar ninguém, mas não queria perder a ideia. Então me levantei e desci à procura de papel. Receio ter acordado seu pai no processo”.

“Olha só o que ele fez!”, Henry pediu, entregando uma folha a Alma. Era um esboço adorável, extremamente minucioso, de uma flor de orquídea, com setas apontadas para pontos específicos da anatomia da planta. Henry fitava Alma com ares de expectativa enquanto ela estudava a folha, que não lhe dizia nada.

“Perdão”, disse Alma. “Momentos atrás eu estava dormindo, então talvez a minha mente não esteja clara...”

“Polinização, Alma!”, berrou Henry, batendo palmas uma vez e depois apontando para o sr. Pike, passando-lhe a palavra.

“O que acredito que possa ter ocorrido, srta. Whittaker — como eu dizia ao seu pai —, é que seu francês talvez tenha, de fato, coletado a espécie certa de baunilha no México. Mas talvez a razão para as trepadeiras não frutificarem se deva ao fato de não serem polinizadas com êxito.”

Podia ser a questão da madrugada, e Alma podia estar dormindo até poucos instantes antes, mas ainda assim sua mente era uma máquina terrivelmente bem treinada de cálculos botânicos, e foi por isso que logo ouviu os bastões do ábaco dentro do cérebro se mexendo rumo ao entendimento.

“Qual é o mecanismo de polinização da orquídea da baunilha?”, indagou.

“Não sei ao certo”, declarou o sr. Pike. “Ninguém sabe ao certo. Pode ser a formiga, pode ser abelha, pode ser algum tipo de mariposa. Pode até ser o beija-flor. Seja qual for, seu francês não a levou ao Taiti junto com as plantas, e os insetos e pássaros da Polinésia Francesa não devem ser capazes de polinizar as flores de baunilha, que têm mesmo um formato complicado. Portanto... nada de

frutos. Nada de favas.”

Henry bateu as palmas das mãos outra vez “Nada de lucro!”, acrescentou.

“Então o que devemos fazer?”, Alma questionou. “Coletar todos os insetos e pássaros da selva mexicana e tentar transportá-los, vivos, para o Pacífico Sul, na esperança de achar o polinizador?”

“Não creio que precisem disso”, disse o sr. Pike. “Foi por isso que não consegui dormir, porque fiquei me fazendo essa mesma pergunta, e acho que cheguei a uma resposta. Acho que é possível polinizá-las por conta própria, à mão. Olha, fiz uns desenhos. O que torna a orquídea da baunilha tão complicada de polinizar é a coluna de comprimento excepcional, veja só, que contém tanto os órgãos masculinos como os femininos. O rostelo — bem aqui — separa os dois, para evitar que a planta se polinize sozinha. Talvez seja necessário apenas levantar o rostelo e inserir uma vareta no ramalhete de polinização, juntando o pólen na ponta da vara, e depois reinserir a vara no estame de outra flor. Basicamente exerceria o papel de abelha, ou de formiga, ou de quem quer que o exerça na natureza. Mas seria bem mais eficiente do que um animal, porque poderia polinizar manualmente todas as flores da plantação.”

“Quem faria isso?”, perguntou Alma.

“Seus trabalhadores poderiam fazer”, sugeriu o sr. Pike. “A planta só dá flores uma vez por ano, e levaria uma semana para terminar o trabalho.”

“Os trabalhadores não esmagariam as flores?”

“Não se forem bem treinados.”

“Mas quem teria a delicadeza necessária para uma atividade dessas?”

O sr. Pike sorriu. “Só são necessários garotinhos de dedos pequenos e varas pequenas. No mínimo, vão gostar da tarefa. Eu teria gostado, quando criança. E sem dúvida os garotinhos e as varetas abundam no Taiti, não é?”

“Ah-rá!”, exclamou Henry. “O que você acha, Alma?”

“Acho brilhante.” Ela também estava pensando que, assim que acordasse no dia seguinte, teria de mostrar a Ambrose Pike o exemplar que havia na biblioteca de White Acre do códice florentino do século XVI, com aquelas ilustrações franciscanas espanholas antigas das trepadeiras de baunilha. Ela ainda nem tinha mostrado a biblioteca. Mal havia lhe mostrado qualquer coisa de White Acre. Tinham tanto a explorar dali em diante!

“É apenas uma ideia”, disse o sr. Pike. “Provavelmente poderia ter esperado amanhecer.”

Alma ouviu um barulho e se virou. Ali estava Hanneke de Groot, parada à porta com suas roupas de dormir, de rosto inchado, amassado e irritado.

“Agora acordei a casa inteira”, lamentou o sr. Pike. “Minhas sinceras desculpas.”

“*Is er een probleem?*”, Hanneke perguntou a Alma.

“Problema nenhum, Hanneke”, respondeu Alma. “Os cavalheiros e eu

estávamos apenas conversando.”

“Às duas horas da madrugada?”, interpelou Hanneke. *“Is dit een bordeel?”*
Isto aqui é um bordel?

“O que ela está falando?”, indagou Henry. Sua audição falhava e ele nunca tinha aprendido holandês, apesar de décadas de casamento com uma holandesa e de ter trabalhado com falantes de holandês durante boa parte da vida.

“Ela quer saber se alguém deseja chá ou café”, disse Alma. “Sr. Pike? Pai?”

“Aceito um chá”, disse Henry.

“Os senhores todos são muito generosos, mas vou me retirar”, declarou o sr. Pike. “Vou voltar aos meus aposentos e prometo não perturbar mais ninguém. Além disso, acabei de me dar conta de que amanhã é o Shabat. Imagino que todos se levantem cedo para ir à igreja?”

“Eu não!”, disse Henry.

“O senhor perceberá que nesta casa, sr. Pike”, explicou Alma, “algumas pessoas guardam o Shabat e outras não, e outras só o guardam pela metade”.

“Entendo”, disse ele. “Na Guatemala era comum eu perder a noção dos dias, e receio ter perdido muitos Shabats.”

“Honra-se o Shabat na Guatemala, sr. Pike?”

“Somente através dos atos de beber, brigar e fazer rinhas de galos, infelizmente.”

“Então vamos para a Guatemala!”, bradou Henry.

Fazia anos que Alma não via o pai tão animado.

Ambrose Pike riu. “Pode ir para a Guatemala, sr. Whittaker. Ouso imaginar que gostariam do senhor por lá. Mas para mim já basta de selvas. Esta noite, minha única vontade é de voltar para o meu quarto. Tendo a oportunidade de dormir em uma cama de verdade, eu seria um bobo de não aproveitá-la. Desejo uma boa-noite a ambos. Agradeço novamente pela hospitalidade e peço desculpas sinceras à governanta.”

Depois que o sr. Pike saiu da sala, Alma e o pai ficaram alguns instantes em silêncio. Henry folheou os esboços de baunilha feitos por ele. Alma praticamente escutava os pensamentos do pai. Ela o conhecia muitíssimo bem. Esperou que ele dissesse — o que sabia que estava por vir —, ao mesmo tempo que tentava ponderar como iria rebatê-lo.

Nesse ínterim, Hanneke voltou com uma bandeja com chá para Alma e Henry e café para si. Pôs a bandeja na mesa com um suspiro descontente e depois se esparramou na poltrona diante de Henry. A governanta começou servindo a própria xícara, e apoiou o tornozelo velho e gotoso em um escabelo francês com belos bordados. Deixou que Henry e Alma se servissem. As regras em White Acre tinham abrandado com o tempo. Talvez abrandado demais.

“Devíamos mandá-lo para o Taiti”, Henry enfim declarou, depois de uns cinco minutos de silêncio. “Vamos botá-lo no comando da plantação de baunilha.”

E aí estava. Exatamente o que Alma previa.

“Ideia interessante”, ela disse.

Mas não poderia deixar que o pai despachasse o sr. Pike para os Mares do Sul. Tinha mais certeza disso do que de qualquer outra coisa na vida. Para começar, o próprio artista não receberia a missão de bom grado. Ele mesmo tinha dito. Já lhe bastava de selvas. Não queria mais viajar. Estava cansado e com saudade de casa. E contudo não tinha casa. O homem precisava de uma casa. Ele precisava descansar. Precisava de um lugar para trabalhar, para fazer as pinturas e gravuras que nascera para fazer e para se ouvir vivendo.

Ademais, no entanto — Alma precisava do sr. Pike. Sentia-se tomada pela necessidade de manter aquela pessoa em White Acre para sempre. Que coisa a decidir, tendo-o conhecido havia menos de um dia! Mas tinha se sentido dez anos mais jovem naquele dia do que no dia anterior. Tinha sido o sábado mais iluminado que Alma vivenciava havia décadas — ou talvez desde a infância — e Ambrose Pike era a fonte desse iluminamento.

A situação trouxe à tona a lembrança de quando era nova e encontrou um filhote de raposa na floresta, órfão e pequenino. Levou-o para casa e suplicou que os pais a deixassem ficar com ele. Isso aconteceu na época tranquila antes da chegada de Prudence, quando Alma tinha o direito de governar o mundo inteiro. Henry ficara tentado, mas Beatrix dera fim ao plano. *Animais selvagens devem ficar em lugares selvagens*. A raposa foi tirada das mãos de Alma e nunca mais seria vista.

Bom, *essa* raposa ela não perderia. E Beatrix não estava mais ali para impedi-la.

“Acho que seria um erro, pai”, disse Alma. “Seria um desperdício de Ambrose Pike mandá-lo para a Polinésia. Qualquer um consegue gerenciar uma plantação de baunilha. Você acabou de ouvi-lo dizer com a própria boca. É simples. Ele até já fez desenhos com as instruções. Mande os esboços para Dick Yancey e peça que ele recrute alguém para implantar o projeto de polinização. Acho que você pode encontrar utilidades melhores para o sr. Pike aqui mesmo, em White Acre.”

“Fazendo o quê, exatamente?”, indagou Henry.

“Você ainda não viu o trabalho dele, pai. Até George Hawkes acha que o sr. Pike é o melhor litógrafo da nossa era.”

“E que necessidade tenho eu de um litógrafo?”

“Talvez seja hora de publicar um livro com os tesouros botânicos de White Acre. Você tem espécimes nessas estufas que o mundo civilizado nunca viu. Eles deveriam ser documentados.”

“Por que eu faria uma coisa tão cara, Alma?”

“Deixe-me contar uma coisa que ouvi há pouco tempo”, Alma anunciou, a título de resposta. “Kew está planejando lançar um catálogo de reproduções e

ilustrações das plantas mais raras que tem. Já soube disso?”

“Com que objetivo?”, Henry questionou.

“Com o objetivo de se gabar, pai”, disse Alma. “Soube disso por um dos jovens litógrafos que trabalham para George Hawkes na Arch Street. Os britânicos ofereceram ao rapaz uma pequena fortuna a fim de levá-lo para Kew. Ele tem um talento razoável, mas não é um Ambrose Pike. Está pensando em aceitar o convite. Ele falou que a intenção é de que o livro seja a coletânea de botânica mais linda já impressa. A rainha Victoria está investindo nisso. Litografias em cinco cores, além dos melhores aquarelistas da Europa para terminá-las. E o livro também será grande. Quase sessenta centímetros de largura, o rapaz falou, e grosso que nem a Bíblia. Todos os colecionadores de botânica vão querer um exemplar. Vai servir para anunciar o renascimento de Kew.”

“O renascimento de Kew”, Henry desdenhou. “Kew nunca mais será como foi, agora que Banks faleceu.”

“Não foi o que ouvi, pai. Desde que construíram o Palmário, todo mundo alega que o jardim está voltando a ser magnífico.”

Ela não sentia nenhuma vergonha disso? Nem mesmo uma pecadora? Instigar a antiga rivalidade de Henry com Kew Gardens? Mas era verdade o que ela dizia. Era tudo verdade. Portanto, que Henry alimentasse certo antagonismo, ela concluiu. Não parecia errado inspirar essa energia. As coisas em White Acre tinham se tornado apáticas e lentas demais nos últimos anos. Um pouquinho de competição não faria mal a ninguém. Ela estava apenas trazendo à tona o sangue nos ossos velhos de Henry Whittaker — e em si mesma também. Que a família voltasse a ter pulso!

“Ninguém ouviu falar de Ambrose Pike, pai”, ela insistiu. “Mas depois que George Hawkes publicar sua coleção de orquídeas, todo mundo conhecerá esse nome. Depois que Kew publicar *o próprio* livro, todos os jardins botânicos e as estufas da Terra vão querer comissionar um *florilegium* — e vão querer Ambrose Pike para fazer as gravuras. Não vamos esperar para perdê-lo para um jardim rival. Vamos mantê-lo aqui e oferecer teto e patrocínio. Investir nele, pai. Você já viu como ele é inteligente, como é talentoso. Dê-lhe uma oportunidade. Vamos produzir um fólio da coleção de White Acre que ultrapasse tudo o que o mundo da publicação botânica já viu.”

Henry não disse nada. Agora ela ouvia o ábaco *dele* se encaixando. Aguardou. Ele estava demorando tempo demais para ponderar. Tempo demais. Enquanto isso, Hanneke engolia o café com o que parecia uma despreocupação proposital. Os ruídos pareciam distrair Henry. Alma queria derrubar a xícara das mãos da velha.

Levantando a voz, Alma fez uma última tentativa. “Não vai ser difícil, pai, convencer o sr. Pike a ficar aqui. O homem precisa de uma casa, mas vive de

migalhas preciosas, e quase nada será necessário para ampará-lo. Os pertences mundanos enchem numa valise que caberia no seu colo. Como você testemunhou esta noite, ele é uma companhia agradável. Acho até que você gostará de tê-lo por perto. Mas o que quer que você faça, pai, peço encarecidamente que *não* mande o homem ao Taiti. Qualquer idiota é capaz de cultivar uma plantação de baunilha. Ache outro francês para fazer esse trabalho, ou contrate um missionário entediado. Qualquer irmão de uma besta quadrada consegue gerir uma plantação. Mas ninguém faz ilustrações botânicas no estilo de Ambrose Pike. Não deixe escapar a chance de mantê-lo aqui conosco. Raramente lhe faço recomendações tão enfáticas, pai, mas hoje devo lhe dizer nos termos mais simples — não o deixe escapar. Você se arrependerá.”

Fez-se um longo silêncio. Outro gole ruidoso de Hanneke.

“Ele vai precisar de um ateliê”, Henry disse por fim. “Máquinas de impressão, esse tipo de coisa.”

“Ele pode dividir a cocheira comigo”, sugeriu Alma. “Tem bastante espaço para ele.”

Então estava decidido.

Henry foi para a cama mancando. Alma e Hanneke se encaravam. Hanneke nada disse, mas Alma não estava gostando da expressão no rosto dela.

“*Wat?*”, Alma enfim interpelou.

“*Wat voor spelletje speel je?*”, Hanneke indagou.

“Não sei do que você está falando”, declarou Alma. “Eu não estou fazendo jogo.”

A velha governanta deu de ombros. “Já que você insiste”, retrucou, falando inglês com um sotaque propositadamente carregado. “Você é a dona desta casa.”

Em seguida, Hanneke se levantou, trugou as últimas gotas de café e voltou a seus aposentos no porão — deixando para trás a bagunça na sala de estar para que outra pessoa a limpasse.

Capítulo quinze

Eles se tornaram inseparáveis, Alma e Ambrose. Em pouco tempo já passavam praticamente todos os instantes juntos. Alma instruiu Hanneke a tirar o sr. Pike da ala de hóspedes e colocá-lo no antigo quarto de Prudence, no segundo andar da casa, bem em frente ao quarto da própria Alma. Hanneke protestou contra a incursão de um estranho nos aposentos particulares da família (não era correto, ela disse, nem seguro, e acima de tudo, *nós não o conhecemos*), mas Alma prevaleceu e a mudança foi feita. Alma abriu um espaço na cocheira para Ambrose no pouco usado depósito de equipamentos de equitação ao lado de seu escritório. Em uma quinzena, suas primeiras máquinas de impressão já tinham chegado. Pouco depois, Alma comprou para ele uma bela mesa de escritório com escaninhos e um monte de gavetas para guardar os desenhos.

“Nunca tive minha própria mesa”, Ambrose lhe disse. “Dá a atípica sensação de que sou importante. Faz com que eu me sinta um *aide-de-camp*.”

Apenas uma porta separava os dois escritórios — e a porta nunca era fechada. O dia inteiro, Alma e Ambrose entravam e saíam das salas, observando os avanços um do outro e mostrando um ou outro objeto de interesse em um pote de espécime ou em uma lâmina de microscópio. Comiam torradas com manteiga juntos todas as manhãs, iam para o campo para comer almoços frios de ciganos e ficavam acordados noite adentro, ajudando Henry com a correspondência ou examinando tomos antigos da biblioteca de White Acre. Aos domingos, Ambrose acompanhava Alma à igreja dos luteranos suecos tediosos e monótonos, recitando respeitosamente as preces ao lado dela.

Conversavam ou permaneciam em silêncio — não parecia importar se um ou o outro —, mas nunca se afastavam.

Nas horas em que Alma trabalhava nos leitos de musgo, Ambrose se esparramava no gramado e lia. Quando Ambrose desenhava no orquídeário, Alma puxava uma cadeira para perto dele e cuidava da própria correspondência. Nunca tinha passado tanto tempo no orquídeário, mas, desde a chegada de Ambrose, o local havia se transformado no cenário mais estonteante de White Acre. Ambrose tinha gastado quase duas semanas limpando cada um dos painéis de vidro para que a luz do sol entrasse em colunas diretas, sem filtros. Tinha esfregado e encerado o assoalho até deixá-lo reluzente. Além de tudo — e numa atitude digna de espanto —, ele passou outra semana lustrando as folhas de todas

as orquídeas com cascas de banana até que brilhassem como aparelhos de chá lustrados por um mordomo leal.

“E agora, sr. Pike?”, Alma brincou. “Que tal escovarmos os fios de todas as samambaias do terreno?”

“Acho que as samambaias não fariam objeção”, ele respondeu.

De fato, algo curioso havia acontecido em White Acre logo depois que Ambrose pôs tanto brilho e ordem no orquidário: o resto da propriedade de repente pareceu opaco em comparação. Era como se alguém tivesse lustrado somente uma mancha de um espelho velho e sujo, e agora, como resultado, o restante do espelho parecesse imundo ao extremo. Ninguém teria reparado antes, mas agora era óbvio. Era como se Ambrose tivesse aberto uma entrada para algo antes invisível e Alma enfim pudesse enxergar uma verdade à qual, caso contrário, estaria cega para sempre: White Acre, por mais elegante que fosse, aos poucos sucumbira a um estado de decadência negligenciada ao longo do último quarto de século.

Diante dessa percepção, Alma enfiou na cabeça que deveria trazer o resto da propriedade ao mesmo patamar lúcido do orquidário. Afinal, quando tinha sido a última vez que todas as vidraças de alguma das outras estufas passaram por uma limpeza? Ela não se lembrava. Agora, havia mofo e poeira em todos os cantos para os quais olhava. As cercas precisavam de caiação e conserto, ervas daninhas cresciam no passeio de cascalho e teias de aranha enchiam a biblioteca. Todos os tapetes precisavam de umas batidas vigorosas e todas as fôrnelhas precisavam de revisão. As palmeiras na estufa grande estavam quase irrompendo pelo telhado, já que fazia muitos anos que não eram cortadas. Havia ossos de animais dissecados nos cantos dos celeiros devido aos anos de gatos larâpios, o metal da carruagem fora abandonado à ferrugem e os uniformes das criadas pareciam estar fora de moda havia décadas — porque estavam.

Alma contratou costureiras para fazer uniformes novos para todos os membros da criadagem, e até encomendou dois vestidos de linho para si, para o verão. Ofereceu um terno novo a Ambrose, mas ele perguntou se não poderia trocá-lo por quatro pincéis novos. (Exatamente quatro. Ela ofereceu cinco. Ele não precisava de cinco, declarou. Quatro já seria um grande luxo.) Ela recrutou um esquadrão de criados jovens e novatos para ajudá-la a trazer o brilho de volta a White Acre. Percebeu que, à medida que os empregados mais velhos de White Acre faleciam, ou eram demitidos ao longo dos anos, nunca eram substituídos. Apenas um terço do número de criados de vinte e cinco anos atrás trabalhava na propriedade agora, e a quantidade simplesmente não bastava.

De início, Hanneke resistiu aos recém-chegados. “Não tenho mais força física ou mental para transformar empregados ruins em bons”, ela reclamou.

“Mas, Hanneke”, protestou Alma. “Veja com que destreza o sr. Pike melhorou o orquidário! A gente não quer que o resto da propriedade fique bonito assim?”

“A gente já tem destreza demais neste mundo”, Hanneke retrucou, “e não tem bom senso suficiente. O seu sr. Pike só está criando trabalho para os outros. Sua mãe se reviraria no caixão se soubesse que tem gente lustrando flores à mão”.

“Não são as flores”, Alma corrigiu. “São as folhas.”

Mas com o tempo até Hanneke se rendeu, e não demorou muito para que Alma a visse ordenar à criadagem jovem e novata que tirasse os antigos barris de farinha da adega para secá-los ao sol — uma tarefa que não era realizada, pelo que Alma se recordava, desde quando Andrew Jackson era presidente.

“Não vá longe demais com a faxina”, Ambrose advertiu. “Um pouco de negligência pode ser benéfico. Já percebeu como os lilases mais esplêndidos, por exemplo, são os que crescem junto a celeiros abandonados e cabanas vazias? Às vezes a beleza precisa de uma pitada de omissão para nascer da forma devida.”

“Nas palavras do homem que lustra suas orquídeas com casca de banana!”, Alma retrucou aos risos.

“Ah, mas são *orquídeas*”, explicou Ambrose. “É diferente. Orquídeas são relíquias sagradas, Alma, e têm de ser tratadas com reverência.”

“Mas, Ambrose”, disse Alma, “o terreno inteiro estava começando a parecer uma relíquia sagrada... depois de uma guerra santa!”

Agora se chamavam de “Alma” e “Ambrose”.

Maior passou. Junho passou. Julho chegou.

Ela já tinha sido tão feliz?

Ela nunca tinha sido tão feliz.

A existência de Alma, antes do surgimento de Ambrose Pike, tinha sido boa. Sim, o mundo dela podia até parecer pequeno, e seus dias repetitivos, mas nada disso lhe era insuportável. Tinha aproveitado ao máximo o seu destino. O trabalho com os musgos ocupava sua cabeça e ela sabia que sua pesquisa era inatacável e honesta. Tinha seus periódicos, seu herbário, os microscópios, as investigações botânicas, as cartas de colecionadores do exterior, os deveres para com o pai. Tinha seus costumes, hábitos e responsabilidades. Tinha dignidade. Verdade, ela era como um livro que se abria na mesma página todos os dias durante quase trinta anos ininterruptos — mas a página não era exatamente ruim, ademais. Era otimista. Satisfeita. Em todos os aspectos, a vida tinha sido boa.

Agora, jamais conseguiria retomar essa vida.

Em meados de julho de 1848, Alma foi visitar Retta no Hospício Griffon pela primeira vez desde que a amiga fora internada. Alma não tinha cumprido a promessa de visitar Retta todos os meses, como dissera a George Hawkes que faria, mas White Acre estava tão movimentada e agradável desde a chegada de Ambrose que Retta fugira à sua mente. Em julho, no entanto, a consciência de Alma começou a atazaná-la e por isso ela se organizou para ir de carruagem a Trenton naquele dia. Escreveu um bilhete para George Hawkes perguntando se

ele gostaria de acompanhá-la, mas ele se negou. Não deu explicações sobre o porquê, embora Alma soubesse que ele simplesmente não aguentava ver Retta em seu estado atual. Ambrose, contudo, se ofereceu para fazer companhia a Alma durante o dia.

“Mas você tem muito trabalho a fazer aqui”, disse Alma. “E também é improvável que a visita seja agradável.”

“O trabalho pode esperar. Eu queria conhecer sua amiga. Tenho curiosidade, devo confessar, por doenças da imaginação. Acharia interessante ver o hospício.”

Depois de uma viagem sem sobressaltos a Trenton, e uma rápida conversa com o supervisor médico, Alma e Ambrose foram levados até o quarto de Retta. Eles a encontraram em um cômodo particular, com uma cama, mesa e cadeira bem cuidados, uma tira de tapete e um espaço vazio na parede onde outrora havia um espelho pendurado, antes de ser retirado — a enfermeira explicou — porque perturbava a paciente.

“Tentamos colocá-la com outra moça por um tempo”, disse a enfermeira, “mas ela não aceitava. Ficou violenta. Surto de inquietude e pavor. Há motivos para temer por qualquer pessoa que fique no quarto com ela. Fica melhor sozinha”.

“O que a senhora faz quando ela sofre esses surtos?”, Alma indagou.

“Banhos gelados”, disse a enfermeira. “E tampamos os olhos e os ouvidos dela. Parece acalmá-la.”

Não era um quarto desagradável. Tinha vista para o jardim dos fundos e a luz era abundante, mas ainda assim, Alma pensou, a amiga devia estar solitária. Retta usava roupas impecáveis e os cabelos estavam limpos e trançados, mas ela parecia um fantasma. Pálida como cinzas. Ainda era uma coisa linda, mas acima de tudo, àquela altura, era apenas uma *coisa*. Não parecia nem satisfeita nem assustada em ver Alma, tampouco demonstrou interesse em Ambrose. Alma foi se sentar ao lado da amiga e segurou-lhe a mão. Retta deixou sem protestar. Alguns dos dedos, Alma reparou, estavam enfaixados nas pontas.

“O que foi que aconteceu?”, Alma perguntou à enfermeira.

“Ela se morde durante a noite”, a enfermeira explicou. “Não conseguimos fazer com que parasse.”

Alma tinha levado para a amiga um saquinho de balas de limão e um funil de papel repleto de violetas, mas Retta apenas olhou para os presentes como se não tivesse certeza do que comer e o que admirar. Até mesmo a edição recente de *Joy's Lady's Book* que Alma comprara no caminho foi recebida com indiferença. Alma e Ambrose foram levados até o quarto de Retta. Eles a encontraram em um cômodo particular, com uma cama, Alma suspeitou de que tanto as flores como as balas e a revista acabariam indo para casa com a enfermeira.

“Viemos te visitar”, Alma disse a Retta em tom pouco convincente.

“Então por que você não está aqui?”, Retta indagou numa voz afiada pelo láudano.

“Estamos aqui, querida. Estamos aqui bem na sua frente.”

Retta olhou para Alma com o semblante inexpressivo por alguns instantes, depois se virou para a janela novamente.

“Ia trazer um prisma para ela”, Alma disse a Ambrose, “mas acabei me esquecendo. Ela sempre adorou prismas.”

“Você podia cantar uma música para ela”, Ambrose sugeriu em voz baixa.

“Não sou cantora”, disse Alma.

“Acho que ela não se oporia.”

Porém, Alma não conseguia nem se lembrar de alguma canção. Em vez disso, se aproximou da orelha de Retta e sussurrou: “Quem te ama mais? Quem te ama melhor? Quem pensa em você quando os outros descansam?”

Retta não reagiu.

Alma se virou para Ambrose e perguntou, quase em pânico: “Você sabe alguma música?”

“Sei várias, Alma. Mas não sei a música *dela*.”

No trajeto de volta para casa, na carruagem, Alma e Ambrose estavam pensativos e quietos. Por fim, Ambrose perguntou: “Ela sempre foi assim?”

“Estupeficação? Nunca. Ela sempre foi meio doidinha, mas era encantadora quando menina. Tinha um humor extravagante e charme era o que não lhe faltava. Era adorada por todo mundo que a conhecia. Ela até trouxe alegria e gargalhadas a mim e à minha irmã — e, como eu já lhe contei, Prudence e eu nunca fomos de dividir alegria. Mas os transtornos dela aumentaram com os anos. E agora, como você viu...”

“Sim. Como eu vi. Pobre criatura. Tenho grande empatia pelos loucos. Sempre que estou perto deles, sinto bem no coração. Acho que qualquer um que alegue nunca ter se sentido louco está mentindo.”

Alma ponderou. “Francamente, creio nunca ter me sentido louca”, declarou. “Pergunto-me se estou dizendo uma mentira quando falo isso a você. Eu acho que não.”

Ambrose sorriu. “É claro que não. Eu devia ter aberto uma exceção para você, Alma. Você não é como o resto. Você tem uma mente cheia de solidez e consistência. Suas emoções são duradouras como um cofre. É por isso que as pessoas se sentem tão seguras perto de você.”

“Sentem?”, Alma indagou, realmente surpresa com o que ouvia.

“De fato, sentem.”

“Que opinião curiosa. Nunca ouvi ninguém manifestá-la”, Alma olhava pela janela da carruagem e refletia mais. Então se lembrou de algo. “Ou talvez

alguém já a tenha manifestado. Retta costumava dizer que eu possuía um queixo bem reconfortante.”

“Todo o seu ser é reconfortante, Alma. Até a sua voz é reconfortante. Para nós que às vezes temos a sensação de que derramamos nossas vidas que nem debulha no chão do moleiro, sua presença é uma consolação muito apreciada.”

Alma não sabia como reagir a essa afirmação surpreendente, portanto tentou desmerecê-la. “Ora bolas, Ambrose”, disse ela. “Você é um homem tão centrado... não é possível que você já tenha se sentido louco?”

Ele pensou por um instante, escolhendo as palavras com cuidado: “É inevitável sentir o quão próximo estou do estado em que se encontra sua amiga Retta Snow.”

“Não, Ambrose, é claro que não!”

Como ele não respondeu de imediato, ela começou a ficar aflita.

“Ambrose”, ela disse em tom mais delicado. “Claro que não, não é?”

De novo, ele foi cuidadoso e levou um bom tempo para responder. “Refiro-me à sensação de estar deslocado neste mundo... junto com a sensação de alinhamento com um outro mundo.”

“Que outro mundo?”, Alma inquiriu.

A hesitação dele em responder fez com que ela achasse que tinha ido longe demais, portanto tentou um tom mais casual: “Peço desculpas, Ambrose. Tenho o péssimo hábito de só dar o assunto por encerrado quando acho uma resposta satisfatória. Receio que seja da minha índole. Espero que você não me ache rude.”

“Você não é rude”, disse Ambrose. “Gosto da sua curiosidade. O único problema é que não sei bem como lhe dar uma resposta satisfatória. Ninguém quer perder o afeto de quem admira se revelando em excesso.”

Com isso, Alma deixou para lá o assunto, na esperança, talvez, de que o tema da loucura jamais fosse abordado novamente. Como se para neutralizar ou normalizar o clima, tirou um livro da bolsa e tentou lê-lo. A carruagem sacudia demais para ler confortavelmente, e sua mente estava distraída demais pelo que acabara de ouvir, mas fingiu se concentrar na leitura mesmo assim.

Passado um longo tempo, Ambrose disse: “Ainda não lhe contei por que abandonei Harvard tantos anos atrás.”

Ela largou o livro e se virou para ele.

“Sofri um episódio, Alma”, declarou ele.

“De loucura?”, Alma indagou. Falou com seu jeito habitual, sem rodeios, embora seu estômago se revirasse de medo da resposta que ele daria.

“Talvez tenha sido. Não sei ao certo que nome dar. Minha mãe achou que era loucura. Meus amigos acharam que era loucura. Os médicos acreditavam ser loucura. Eu senti que era outra coisa.”

“Que coisa?”, ela perguntou, de novo no tom de voz normal, apesar de sua

trepidação crescer a cada instante.

“Possessão por espíritos, talvez? Um acúmulo de magia? Um aniquilamento de limites materiais? A inspiração, alada pelo fogo?” Ele não sorriu. Falava muito sério.

Essa confissão deixou Alma tão hesitante que ela não conseguia reagir. Não havia lugar em seus pensamentos para o aniquilamento dos limites materiais. Nada era mais benévolo e confortante para a vida de Alma Whittaker do que a certeza alentadora dos limites materiais.

Ambrose fitou-a com atenção antes de continuar. Observou-a como se fosse um termômetro ou uma bússola — como se ele tentasse medi-la, como se escolhesse qual rumo tomaria, baseando-se totalmente na natureza de sua reação. Ela se esforçou para não demonstrar o sobressalto no semblante. Ele devia ter ficado satisfeito com o que via, pois seguiu em frente.

“Quando eu tinha dezenove anos, descobri na biblioteca de Harvard uma coleção de livros escritos por Jacob Boehme. Conhece?”

Era óbvio que ela o conhecia. Tinha seus próprios exemplares daquelas obras na biblioteca de White Acre. Já tinha lido Boehme, apesar de nunca tê-lo admirado. Jacob Boehme foi um sapateiro alemão do século XVI que teve visões místicas sobre plantas. Muitos o consideravam um pioneiro da botânica. A mãe de Alma, por outro lado, o julgava uma vala de resíduos de superstições medievais. Portanto, havia um grande conflito de opiniões acerca de Jacob Boehme.

O velho sapateiro acreditava em algo a que dava o nome de “a assinatura de todas as coisas” — isto é, que Deus teria escondido pistas para o aperfeiçoamento da humanidade dentro da estrutura de cada flor, folha, fruta e árvore da terra. A natureza inteira era um código divino, Boehme alegava, contendo provas do amor de nosso Criador. Era por isso que muitas plantas medicinais se assemelhavam às doenças que poderiam curar, ou aos órgãos que seriam capazes de tratar. O manjerição, com suas folhas em forma de fígado, é o remédio óbvio para doenças do fígado. A erva celidônia, que produz uma seiva amarela, poderia ser utilizada para tratar o amarelado causado pela icterícia. Nozes, em forma de cérebros, são providenciais em caso de dores de cabeça. Tussilagos, que crescem junto a córregos de água fria, podem curar tosses e calafrios provocados pela imersão em água gelada. *Polygonum*, com seus respingos vermelho-sangue nas folhas, cura feridas de pele que sangram. E assim em diante, ad infinitum. Beatrix Whittaker sempre zombara dessa teoria (“A maioria das folhas tem formato de fígado — será que devemos comê-las todas?”) e Alma herdara o ceticismo da mãe.

Porém, agora não era hora de falar de ceticismo, pois Ambrose mais uma vez lia o rosto de Alma. Ele buscava desesperadamente em sua expressão, ao que parecia, uma permissão para prosseguir. De novo, Alma mantinha a fisionomia

impassível, embora estivesse muito transtornada. De novo, ele continuou.

“Sei que a ciência atual discorda das ideias de Boehme”, disse ele. “Entendo as objeções. Jacob Boehme trabalhava na direção contrária da metodologia científica correta. A ele faltava o rigor do pensamento organizado. Seus escritos eram cheios de fragmentos de constatações espelhados, destorcidos, estilhaçados. Ele era irracional. Era crédulo. Só enxergava o que queria enxergar. Ele desconsiderava tudo que contrariasse suas certezas. Ele partiu de suas crenças e depois procurou ajustar os fatos para que se encaixassem nelas. Não seria justo chamar isso de ciência.”

Beatrix Whittaker não poderia ter explicado melhor, Alma pensou — mas, de novo, apenas fez que sim.

“E no entanto...”, Ambrose hesitou.

Alma deu ao amigo um tempo para organizar os pensamentos. Ele passou tanto tempo calado que ela imaginou que talvez ele tivesse resolvido encerrar ali. Mas, após o longo silêncio, ele prosseguiu: “E no entanto Boehme dizia que Deus havia se *impresso* no mundo e deixado marcas para que nós as descobríssemos.”

O paralelismo era inequívoco, ponderou Alma, e ela achou impossível não assinalá-lo. “Como um litógrafo”, disse ela.

Ao ouvir essas palavras, Ambrose se virou para olhá-la, seu rosto dominado pelo alívio e pela gratidão. “Isso!”, ele confirmou. “Exatamente isso. Você me entende. Está vendo o que essa ideia significou para mim quando era jovem? Boehme dizia que esse *imprimatur* divino é uma espécie de mágica sagrada, e que essa mágica é a única teologia de que precisamos na vida. Ele acreditava que podíamos aprender a ler as marcas de Deus, mas que primeiro tínhamos de nos jogar no fogo.”

“Nos jogar no fogo”, Alma repetiu, mantendo a voz neutra.

“Isso mesmo. Renunciando ao mundo material. Renunciando à igreja, com suas paredes de pedras e liturgias. Renunciando à ambição. Renunciando ao estudo. Renunciando aos desejos do corpo. Renunciando à possessividade e ao egoísmo. Renunciando até à fala. Só então poderíamos ver o que Deus tinha visto no momento da criação. Só então poderíamos ler as mensagens que o Senhor havia deixado para nós. Então, perceba, Alma, eu não tinha como virar pastor depois de ouvir isso. Nem estudante. Nem filho. Nem — ao que parecia — um homem vivo.”

“Então o que você virou?”, Alma questionou.

“Tentei virar o fogo. Suspendi todas as atividades da existência normal. Parei de falar. Cheguei a parar de comer. Acreditava que poderia viver só de sol e chuva. Durante um bom tempo — embora pareça impossível de imaginar — lhe digo que *realmente* vivi só de sol e chuva. Não me foi uma surpresa. Eu tinha fé. Eu sempre fui o mais devoto dos filhos de minha mãe, sabe? Os meus irmãos tinham pensamento lógico e racional, já eu sempre senti o amor do Criador de

forma mais inerente. Quando criança, eu ficava tão absorto nas preces que minha mãe me sacudia na igreja e me castigava por dormir durante os cultos, mas eu não estava dormindo. Eu estava... comunicando. Agora, depois de ler Jacob Boehme, eu queria conhecer o divino de maneira ainda mais íntima. Foi por isso que abri mão de tudo que há no mundo, inclusive da alimentação.”

“O que foi que aconteceu?”, Alma perguntou, de novo temendo a resposta.

“Encontrei o divino”, ele disse, os olhos brilhando. “Ou acreditei ter encontrado. Tive pensamentos magníficos. Conseguia ler a linguagem escondida nas árvores. Via anjos vivendo nas orquídeas. Via uma nova religião, exprimida em uma nova linguagem botânica. Escutei seus hinos. Não consigo me lembrar da música agora, mas era perfeita. Houve também uma quinzena inteira em que consegui ler os pensamentos dos outros. Queria que eles pudessem ouvir os meus, mas não era o que parecia. Estava alegre. Sentia que nunca mais poderia ser ferido, nunca mais tocado. Eu não representava um risco para ninguém, mas realmente perdi o desejo por este mundo. Eu estava... imparticulado. Ah, mas teve mais. Uma enorme sabedoria se apossou de mim! Por exemplo, renomeei todas as cores! E via cores novas, cores ocultas. Você sabia que existe uma cor chamada *swissen*, que é tipo um turquesa claro? Só as mariposas conseguem enxergá-la. É a cor da ira mais pura de Deus. Você não imaginaria que a ira de Deus é pálida e azul, mas é.

“Eu não sabia disso”, Alma admitiu com cuidado.

“Bem, eu a vi”, relatou Ambrose. “Eu via nuvens de *swissen* ao redor de certas árvores e certas pessoas. Em outros lugares eu via uma coroa de luz benevolente onde não deveria existir luz nenhuma. Era uma luz que não tinha nome, mas tinha som. Em todos os cantos onde eu a via — ou melhor, em todos os cantos onde a ouvia —, eu a seguia. Logo depois, no entanto, quase morri. Meu amigo Daniel Tupper me achou em um montinho de neve. Às vezes penso que, se o inverno não tivesse chegado, eu teria sido capaz de continuar.”

“Sem comida, Ambrose?”, questionou Alma. “Não há dúvida de que não...”

“Às vezes acho que sim. Não afirmo que tenha lógica, mas acho que sim. Eu queria virar planta. Às vezes acho que — só por um breve período, movido pela fé — virei planta. De que outra forma poderia ter aguentado dois meses só a sol e chuva? Lembrei-me de Isaías: ‘Toda a carne é erva... na verdade o povo é erva.’”

Pela primeira vez em muitos anos, Alma se lembrou de como, quando criança, também almejava ser planta. Claro, era apenas uma criança desejando mais paciência e afeto por parte do pai. Mas ainda assim... ela jamais acreditara que *era* uma planta.

Ambrose seguiu em frente. “Depois que meus amigos me encontraram no banco de neve, me levaram a um hospital para loucos.”

“Parecido com esse que visitamos?”, perguntou Alma.

Ambrose sorriu com uma tristeza infinita. “Ah, não, Alma. Nem um pouco parecido com esse que visitamos.”

“Desculpe”, ela disse, e agora se sentia totalmente nauseada. Tinha visto hospitais para loucos mais típicos na Filadélfia, quando ela e George internavam Retta nessas casas de desespero por períodos curtos. Não conseguia imaginar o delicado amigo Ambrose em uma instituição de tamanha sordidez, tristeza e sofrimento.

“Não precisa se desculpar”, disse Ambrose. “Já passou. Para a sorte da minha mente, me esqueci de quase tudo o que aconteceu lá. Mas a experiência no hospital me deixou, para sempre desde então, um bocado mais amedrontado do que era no passado. Amedrontado demais para vivenciar de novo a confiança total. Quando tive alta, Daniel Tupper e sua família me tomaram sob seus cuidados. Foram bondosos comigo. Eles me deram um teto e me ofereceram emprego na gráfica deles. Esperava talvez alcançar os anjos novamente, mas dessa vez de um jeito mais material. Um jeito mais seguro, pode-se dizer. Tinha perdido a coragem de tornar a me jogar no fogo. Portanto, me tornei autodidata na arte da litografia — à semelhança do Senhor, na verdade, apesar de saber que essa confissão soa pecaminosa e arrogante. Queria imprimir minhas próprias percepções no mundo, embora ainda não tenha criado uma obra tão bela quanto eu gostaria. Mas isso me ocupa. E contemplei orquídeas. Fui confortado pelas orquídeas.”

Alma hesitou, depois perguntou: “Você conseguiu alcançar os anjos de novo?”

“Não.” Ambrose sorriu. “Receio que não. Mas o trabalho me trazia prazeres próprios — distrações próprias. Graças à mãe de Tupper, voltei a comer. Mas eu virei outra pessoa. Evitava todas as árvores e todas as pessoas que tinha visto tingidas pela ira *swissen* de Deus durante meu surto. Ansiava pelos hinos da nova religião que havia testemunhado, mas não me lembrava das letras. Pouco depois, fui embora para a selva. Minha família achou errado — que eu encontraria a loucura de novo por lá e que a solidão faria mal à minha estrutura.”

“Fez?”

“Talvez. É difícil saber. Como lhe disse quando nos conhecemos, tive febres por lá. As febres diminuíram minha força, mas ao mesmo tempo eu as recebia de bom grado. Havia momentos durante as febres em que acreditava ser quase capaz de ver o *imprimatur* de Deus outra vez, mas era só quase. Percebia que decretos e condições estavam escritos nas folhas e videiras. Percebia que os galhos das árvores ao meu redor se curvavam numa confusão de mensagens. Havia assinaturas por todos os lados, vias de confluência por todos os lados, mas não conseguia lê-las. Escutava a melodia daquela música antiga e familiar, mas não conseguia apreendê-la. Nada me foi revelado. Quando estava doente, às vezes tornava a ter vislumbres de anjos escondidos nas orquídeas — mas só via as bordas de suas vestimentas. A luz precisava ser pura e o silêncio precisava ser

total para que isso acontecesse. Porém, não bastava. Não era o que eu tinha visto antes. Depois que a pessoa vê anjos, Alma, ela não se satisfaz com as bordas de suas vestimentas. Passados dezoito anos, eu sabia que jamais testemunharia de novo o que tinha visto outrora — nem mesmo na solidão intensa da selva, nem mesmo num estado de delírio febril — e, portanto, voltei para casa. Mas imagino que sempre vá almejar outra coisa.”

“O que você almeja, exatamente?”, Alma inquiriu.

“Pureza”, ele disse, “e comunhão”.

Alma, dominada pela tristeza — e dominada também pelo medo irritante de que algo lindo lhe é tirado — absorveu tudo isso. Não sabia como confortar Ambrose, embora não parecesse que ele estava lhe pedindo para fazê-lo. Ele era um louco? Ele não parecia louco. De certo modo, ela disse a si mesma, devia se sentir honrada porque ele lhe confiara tais segredos. Mas que segredos assustadores! O que devia concluir a partir deles? Ela nunca tinha visto anjos, ou contemplado as cores ocultas da verdadeira ira de Deus, ou se jogado no fogo. Não tinha sequer certeza do que isso significava — “se jogar no fogo”. Como fazer isso? *Por que* alguém faria isso?

“Quais são os seus planos agora?”, ela perguntou. No instante em que pronunciava essas palavras, ela praguejou contra sua mente laboriosa e materialista, que só conseguia pensar em termos de estratégias mundanas: *Um homem acaba de falar de anjos e você pergunta dos planos dele.*

Porém, Ambrose sorriu. “Desejo uma vida sossegada, apesar de não estar convicto de que fiz por merecê-la. Fico grato por você ter me dado um lugar para morar. Gosto imensamente de White Acre. É uma espécie de paraíso aos meus olhos — ou o mais perto que alguém pode chegar do paraíso, suponho, na terra. Estou saciado do mundo, e desejo paz. Gosto do seu pai, que não parece me condenar e permite minha estadia. Fico grato por ter trabalho a produzir, o que me dá ocupação e satisfação. Acima de tudo, fico grato pela sua companhia. Eu me sentia só, devo confessar, desde 1828 — desde que meus amigos me tiraram da neve e me trouxeram de volta ao mundo. Depois do que vi, e devido ao que não posso mais ver, me sinto um tanto só. Mas percebo que me sinto menos só na sua companhia do que em outros momentos.”

Alma quase sentiu que iria chorar ao ouvir isso. Ponderou como reagir. Ambrose sempre lhe concedera livremente suas confidências, e no entanto ela nunca havia compartilhado as dela mesma. Ele era corajoso em suas admissões. Embora suas admissões a assustassem, ela retribuiria a coragem dele na mesma moeda.

“Você também alivia a minha solidão”, declarou Alma. Era difícil para ela confessá-lo. Não conseguia olhá-lo enquanto fazia o comentário, mas ao menos sua voz não tinha vacilado ou sumido.

“Eu não teria imaginado, querida Alma”, Ambrose disse com gentileza. “Você

sempre parece ser tão forte.”

“Nenhum de nós é forte”, respondeu Alma.

Eles voltaram a White Acre, retomaram a rotina normal e apazível, mas Alma continuava distraída com o que escutara. Às vezes, quando Ambrose estava ocupado com o trabalho — esboçando uma orquídea ou preparando uma pedra para a impressão litográfica —, ela o observava, buscando indícios de uma mente doentia ou sinistra. Mas não via nenhum sinal dela. Se ele estava sofrendo de, ou almejando, delírios espectrais ou alucinações esquisitas, tampouco demonstrava. Não havia provas de razão desnorreada.

Sempre que Ambrose erguia o olhar e a flagrava observando-o, ele apenas sorria. Era tão sincero, tão cordial e inocente. Não parecia suspeitar de que era observado. Não parecia aflito para esconder nada. Não parecia se arrepender do que dividira com Alma. No mínimo, sua conduta com ela era somente mais afetuosa. Era somente mais grato, mais encorajador e mais prestativo que antes. Seu bom temperamento era extremamente estável. Era paciente com Henry, com Hanneke, com todos. Às vezes parecia exausto, mas já era de se esperar, pois trabalhava duro. Trabalhava tão duro quanto Alma. Era natural que se exaurisse vez por outra. Mas de resto era exatamente como antes: seu amigo querido, vulnerável. Tampouco foi acometido por religiosidade excessiva, não pelo que Alma constatava. Além do zeloso comparecimento à igreja aos domingos ao lado de Alma, ela nunca o via orar. Sob todos os aspectos, parecia um bom homem em paz.

A imaginação de Alma, por outro lado, tinha sido evocada e atçada pela discussão dos dois na viagem de Trenton para casa. Ela não conseguia encontrar uma explicação racional para nada daquilo e ansiava por uma resposta convincente para o enigma: Ambrose Pike era louco? E se Ambrose Pike não era louco, o que ele era? Ela achava complicado engolir mistérios e milagres, mas achava igualmente problemático ver o querido amigo como lunático. Portanto, o que ele tinha visto durante os surtos? Ela mesma nunca havia encontrado o divino, nem nunca almejava encontrá-lo. Tinha vivido a vida comprometida com o entendimento do real, do material. Uma vez, quando teve um dente extraído sob o efeito do éter, Alma viu estrelas dançantes em sua mente — mas esse, ela sabia até no instante em que o sentia, era o resultado normal da droga sobre o juízo da pessoa, e não a levou a ascender às engrenagens do céu. Porém, Ambrose não estava sob o efeito do éter durante suas visões. Sua loucura tinha sido... loucura lúcida.

Nas semanas seguintes à conversa com Ambrose, Alma volta e meia acordava de madrugada e descia de fininho até a biblioteca para ler tomos de Jacob Boehme. Não estudava o velho sapateiro alemão desde a juventude, e agora tentava encarar os textos com respeito e mente aberta. Sabia que Milton

tinha lido Boehme, e que Newton o admirava. Se luminares como esses tinham visto sabedoria naquelas palavras — e se uma pessoa tão extraordinária quanto Ambrose tinha sido tão instigado por Boehme —, então por que não Alma?

Entretanto, não encontrou nada nos textos que a alçasse a um estado enigmático ou espantoso. Para Alma, os escritos de Boehme eram repletos de postulados extintos, ao mesmo tempo opacos e ocultistas. Ele tinha uma mentalidade antiquada, uma mentalidade medieval, distraída pela alquimia e os bezoares. Acreditava que metais e pedras preciosas eram impregnados de força e virtude divina. Via a cruz de Deus escondida em uma porção de couve. Tudo o que havia no mundo, ele acreditava, era uma revelação encarnada do poder eterno e do amor divino. Cada fragmento da natureza era *verbum fiat* — uma palavra dita por Deus, um discurso criado, um milagre que se fez carne. Acreditava que as rosas não simbolizavam o amor, mas de fato *eram* amor: o amor feito literal. Era tanto apocalíptico como utopista. Este mundo devia acabar logo, ele dizia, e a humanidade devia atingir um estado edênico, onde todos os homens se tornariam virgens do sexo masculino e a vida seria de alegria e diversão. No entanto, a sabedoria de Deus, ele insistia, era feminina.

Boehme escreveu: “A sabedoria de Deus é uma virgem eterna — não uma esposa, mas sim castidade e pureza sem falhas, que existe como a imagem de Deus... Ela é a sabedoria dos milagres sem números. Nela, o Espírito Santo contempla a imagem dos anjos... Embora ela dê corpo a todos os frutos, ela não é a encarnação dos frutos, e sim a graciosidade e a beleza que há neles.”

Nada disso fazia sentido para Alma. Boa parte a irritava. Com certeza não lhe dava vontade de parar de comer, ou estudar, ou falar, ou abrir mão dos prazeres do corpo e viver de sol e chuva. Pelo contrário, as palavras de Boehme lhe davam saudade do microscópio, dos musgos, dos confortos dos objetos palpáveis e concretos. Por que o mundo material não bastava para pessoas como Jacob Boehme? Já não era maravilha suficiente o que se podia ver, tocar e saber que era real?

“A vida genuína existe no fogo”, escreveu Boehme, “e então um mistério se apossa do outro”.

Alma já tinha sido apossada, sem dúvida, mas sua mente não pegara fogo. Nem, contudo, se acomodara. A leitura de Boehme a levou a outras obras da biblioteca de White Acre — outros tratados empoeirados no cruzamento da botânica e da teologia. Estava ao mesmo tempo cética e estimulada. Folheou todos os antigos teólogos e taumaturgos singulares e extintos. Examinou Alberto Magno. Foi diligente ao estudar o que monges tinham escrito quatrocentos anos antes sobre mandrágoras e chifres de unicórnio. A ciência como um todo era bastante falha. Havia buracos tão espantosos na lógica deles que dava para sentir as rajadas de vento soprando em meio aos argumentos. Tinham acreditado em conceitos tão bizarros no passado — acreditavam que morcegos eram pássaros,

que cegonhas hibernavam debaixo d'água, que mosquitos surgiam do orvalho das folhas, que gansos eram chocados em crustáceos e que crustáceos brotavam das árvores. Como material estritamente histórico era bem interessante — mas para que reverenciar aquilo?, ela se perguntou. Por que Ambrose teria sido seduzido por conhecimentos medievais? Era um caminho fascinante, sim, mas era um caminho feito de erros.

No meio de uma noite quente no final de julho, Alma estava na biblioteca com uma lamparina à sua frente e os olhos na ponta do nariz, olhando um exemplar do século XVII de *Arboretum Sacrum* — cujo autor, assim como Boehme, tentara perceber mensagens sagradas em todas as plantas mencionadas na Bíblia —, quando Ambrose entrou no aposento. Ela se assustou ao vê-lo, mas ele não pareceu se alterar. Na verdade, parecia estar preocupado com ela. Sentou-se a seu lado em volta da mesa comprida da biblioteca. Usava roupas diurnas. Ou tinha tirado as roupas de dormir em consideração a Alma ou nem sequer tinha ido para a cama naquela noite.

“Você não pode passar tantas noites seguidas em claro, minha querida Alma”, ele disse.

“Estou usando as horas de sossego para fazer pesquisa”, ela respondeu. “Espero não tê-lo perturbado.”

Ele olhou os títulos dos grandes livros antigos abertos diante deles. “Mas você não está lendo sobre musgo”, ele disse em voz baixa. “Qual é o seu interesse nisso tudo?”

Ela achou difícil mentir para Ambrose. De modo geral, não era exímia em inverdades, e ele, em especial, não era uma pessoa que ela quisesse enganar. “Não consigo entender a lógica da sua história”, confessou. “Estou procurando respostas nesses livros.”

Ele assentiu, mas não disse nada sobre a explicação.

“Comecei com Boehme”, Alma continuou, “que achei simplesmente incompreensível, e agora passei para... todos os outros”.

“Perturbei você com o que lhe contei a meu respeito. Tive medo de que isso acontecesse. Não devia ter dito nada.”

“Não, Ambrose. Nós somos grandes amigos. Você sempre pode me fazer confidências. Pode até me causar preocupação às vezes. Fiquei honrada com suas confidências. Mas no meu desejo de entendê-lo melhor, receio estar enfrentando uma tarefa além das minhas capacidades.”

“E o que esses livros lhe dizem a meu respeito?”

“Nada”, Alma respondeu. Ela achou inevitável rir, e Ambrose riu com ela. Ela estava exausta. Ele também aparentava cansaço.

“Então por que você não pergunta a mim?”

“Porque não quero atormentá-lo.”

“Você jamais me atormentaria.”

“Mas me irritam, Ambrose — os erros desses livros. Pergunto-me por que você não se irrita com os erros. Boehme dá uns saltos, comete umas contradições, confunde de tal modo as ideias. É como se desejasse pular direto para o céu se baseando na força de sua lógica, mas essa lógica é extremamente defeituosa.” Ela esticou o braço para pegar o livro do outro lado da mesa e o abriu. “Neste capítulo aqui, por exemplo, ele tenta descobrir a chave dos segredos de Deus escondidos nas plantas da Bíblia — mas que conclusão tirou disso, se a informação que ele dá é simplesmente incorreta? Ele passa um capítulo inteiro interpretando ‘os lírios do campo’ mencionados no Evangelho de Mateus, dissecando cada letrinha da palavra ‘lírios’, buscando uma revelação em suas sílabas... mas, Ambrose, ‘os lírios do campo’ em si são um erro de tradução. Não poderia *ser* sobre lírios que Cristo falou no Sermão da Montanha. Existem somente dois tipos de lírios nativos da Palestina, e ambos são muito raros. Não teriam florescido em abundância suficiente para encher um prado. Não seria familiar o bastante a uma pessoa comum. Cristo, adaptando a lição para a plateia mais ampla possível, provavelmente teria se referido a uma flor comum, a fim de que os ouvintes entendessem a metáfora. Por esse motivo, é extremamente provável que Cristo estivesse falando de anêmonas do campo — talvez *Anemone coronaria* — embora não possamos ter certeza...”

A voz de Alma foi diminuindo. Soava didática, ridícula.

Ambrose tornou a rir. “Que poeta você poderia ter sido, querida Alma! Gostaria de ter visto sua tradução das Sagradas Escrituras: *‘Olhai os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam — embora seja bem provável que não fossem lírios, em todo caso, e sim Anemone coronaria, embora não possamos ter certeza, mas ainda assim, todos podemos concordar que não trabalham nem fiam.’* Que hino isso daria, encheria as vigas de qualquer igreja! Seria incrível ouvir a congregação inteira cantando-o. Mas me diga, Alma, já que o assunto é esse, o que você acha dos salgueiros da Babilônia, onde os israelitas penduravam as harpas e choravam?”

“Agora você está zombando de mim”, disse Alma, o orgulho ao mesmo tempo ferido e instigado. “Mas desconfio, dada a região, de que fossem álamos.”

“E a maçã de Adão e Eva?”, ele cutucou.

Ela se sentia uma tola, mas não conseguia se conter. “Ou era um damasco ou um marmelo”, declarou. “O mais provável é que fosse damasco, já que o marmelo não é tão doce a ponto de chamar a atenção de uma jovem. De uma forma ou de outra, não pode ter sido uma maçã. Não existia maçã na Terra Santa, Ambrose, e em geral a árvore do Éden é descrita como frondosa e acolhedora, com folhas prateadas, o que serve de descrição para grande parte dos tipos de damasqueiro... portanto, quando Jacob Boehme fala de maçãs e de Deus e do Éden...”

A essa altura Ambrose gargalhava tanto que teve de enxugar os olhos. “Minha

querida srta. Whittaker”, ele disse, com extrema ternura. “Que maravilha é a sua mente. Esse tipo de raciocínio perigoso, aliás, é exatamente o que Deus temia que acontecesse, caso uma mulher pudesse comer o fruto da árvore da sabedoria. Você é um exemplo admonitório para o sexo feminino inteiro! Você devia parar de uma vez por todas com essa inteligência toda e passar imediatamente a se dedicar ao bandolim, ou à costura, ou a alguma outra atividade inútil!”

“Você me acha ridícula”, ela disse.

“Não, Alma, não acho. Acho notável. Fico comovido por você tentar me entender. Não poderia existir uma amiga mais amorosa. Fico ainda mais comovido porque você está tentando compreender — por meio da razão — o que não pode ser compreendido. Não há um postulado exato a ser descoberto aqui. O divino, como disse Boehme, é *infundado* — insondável, algo que vai além da terra como a vivenciamos. Mas é essa a diferença entre nossas cabeças, minha querida. Eu quero chegar à revelação usando asas, enquanto você avança sempre a pé, de lupa na mão. Sou um errante de conhecimento superficial, buscando Deus nos contornos externos, buscando uma nova forma de aprender. Você tem os pés fincados no chão e examina os indícios centímetro a centímetro. Seu jeito é mais racional e mais metódico, mas não tenho como mudar o meu jeito.”

“Realmente tenho um amor terrível pela compreensão”, Alma admitiu.

“Você realmente a ama, mas não é algo terrível”, Ambrose retrucou. “É a consequência natural de ter nascido com uma mente calibrada com tanta perfeição. Mas, para mim, vivenciar o mundo através da mera razão é tatear na escuridão à procura do rosto de Deus usando luvas grossas. Não basta apenas estudar, retratar e descrever. Às vezes é preciso... *saltar*.”

“Entretanto, sou totalmente incapaz de entender o Senhor em cuja direção você está saltando”, afirmou Alma.

“Mas por que você precisa entender?”

“Porque quero conhecê-lo melhor.”

“Então faça suas perguntas a mim, Alma. Não me procure nesses livros. Estou sentado diante de você e lhe direi tudo o que você quiser saber sobre mim.”

Alma fechou o denso volume à sua frente. Talvez o tenha fechado com um toque firme demais, porque ele se fechou com um baque. Virou a cadeira para ficar de frente para Ambrose, juntou as mãos sobre o colo e disse: “Eu entendo sua interpretação da natureza, e isso, por sua vez, me enche de uma sensação alarmista acerca de sua condição mental. Não entendo como você pode ignorar os pontos contraditórios ou a tolice absoluta existente nessas teorias antigas desacreditadas. Você presume que nosso Senhor seja um botânico benevolente, que esconde pistas para o nosso aprimoramento em todas as espécies de plantas da terra, porém não vejo indícios disso. Há no nosso mundo tantas plantas que nos

envenenam quanto as que nos curam. Por que sua deidade botânica nos dá andrômeda e alfena, por exemplo, que mata nossos cavalos e vacas? Cadê a revelação oculta aí?”

“Mas por que o nosso Senhor não poderia ser um botânico?”, indagou Ambrose. “Que profissão você prefere que sua deidade tenha?”

Alma refletiu seriamente sobre a questão. “Talvez matemático”, decidiu. “Rasurando e apagando as coisas, sabe? Somando e subtraindo. Multiplicando e dividindo. Mexendo com teorias e novos cálculos. Descartando erros anteriores. Parece-me uma ideia mais sensata.”

“Mas os matemáticos que conheci, Alma, não são exatamente almas compassivas, e não alimentam vidas.”

“Exato”, disse Alma. “Isso ajudaria bastante a explicar o sofrimento da humanidade e a natureza fortuita de nossos destinos — já que Deus nos soma e subtrai, nos divide e nos apaga.”

“Que visão macabra! Gostaria que você não pensasse em nossas vidas de forma tão fria. Vendo as coisas como um todo, Alma, ainda enxergo mais maravilhas no mundo do que sofrimento.”

“Eu sei que enxerga”, disse Alma, “e é por isso que me preocupo com você. Você é idealista, o que significa que está destinado a se decepcionar, e talvez até se machucar. Você busca um evangelho de benevolência e milagre, o que não dá espaço às tristezas da existência. Você é como William Paley, argumentando que a perfeição de todas as estruturas do universo é prova do amor de Deus por nós. Você se lembra da afirmação de Paley de que o funcionamento do punho humano — tão adequado à colheita de alimentos e à criação de belas obras de arte — é a marca do afeto do Senhor pelo homem? No entanto, o punho humano também é perfeitamente adequado para dar uma machadada mortífera na cabeça do vizinho. Que prova de amor há nisso? Ademais, você faz com que eu me sinta uma grande estraga prazeres, porque fico aqui inventando esses argumentos banais e porque não posso morar na mesma cidade reluzente no alto da montanha em que você vive”.

Permaneceram em silêncio por um tempo, depois Ambrose questionou: “Estamos no meio de uma discussão, Alma?”

Alma ponderou. “Talvez.”

“Mas para que brigarmos?”

“Perdão, Ambrose. Estou cansada.”

“Está cansada porque passa as noites sentada nesta biblioteca, fazendo perguntas a homens que morreram centenas de anos atrás.”

“Passei a maior parte da minha vida conversando com esses homens, Ambrose. Mais velhos também.”

“Porém, já que não respondem as perguntas como gostaria, você agora me atormenta. Como oferecer respostas satisfatórias, Alma, se mentes muito

superiores à minha já lhe causaram decepção?”

Alma apoiou a cabeça nas mãos. Estava tensa.

Ambrose continuou a falar, mas agora num tom mais afetuosos. “Imagine só o que aprenderíamos, Alma, se conseguíssemos nos libertar do debate.”

Ela ergueu os olhos para ele outra vez. “Não consigo me libertar do debate, Ambrose. Lembre-se de que sou filha de Henry Whittaker. Nasci no meio do debate. O debate foi minha primeira babá. O debate dorme ao meu lado desde sempre. Além disso, eu creio no debate e tenho até amor por ele. O debate é a nossa trilha mais constante rumo à verdade, pois é a única arbaleta comprovada contra ideias supersticiosas, ou axiomas preguiçosos.”

“Mas se o resultado final é apenas se afogar em palavras, e nunca *escutar...*” Ambrose se calou.

“Escutar *o quê?*”

“Uns aos outros, talvez. Não as palavras uns dos outros, mas os pensamentos uns dos outros. A alma uns dos outros. Se você me perguntasse no que acredito, eu diria o seguinte: toda a esfera de ar que nos rodeia, Alma, está viva com atrações invisíveis — elétricas, magnéticas, flamejantes e pensativas. Existe uma empatia universal em torno de nós. Existe um meio de conhecimento oculto. Tenho certeza disso, pois testemunhei com meus próprios olhos. Ao me jogar no fogo, quando jovem, vi que os depósitos da mente humana raramente estão escancarados. Quando os escancaramos, nada continua oculto. Quando suspendemos toda argumentação e debate — tanto interna como externa —, nossas verdadeiras questões são ouvidas e respondidas. Esse é o propulsor potente. Esse é o livro da natureza, que não foi escrito nem em grego nem em latim. Esse é o acúmulo de mágica, e é um acúmulo que, sempre acreditei e desejei, pode ser compartilhado.”

“Você fala por meio de charadas”, disse Alma.

“*E você fala demais*”, retrucou Ambrose.

Ela não soube como reagir ao comentário. Não sem falar mais. Ofendida, confusa, sentiu os olhos arderem com as lágrimas.

“Me leve a algum lugar onde possamos ficar juntos em silêncio, Alma”, pediu Ambrose, se aproximando dela. “Eu confio em você completamente e creio que você confia em mim. Não quero mais discutir contigo. Quero conversar com você sem palavras. Permita-me lhe mostrar o que estou falando.”

Era um pedido bastante espantoso.

“Podemos ficar juntos em silêncio bem aqui, Ambrose.”

Ele passou os olhos pela vasta e elegante biblioteca. “Não”, disse ele. “Não podemos. Este lugar é muito grande e muito barulhento, com esse monte de velhos finados discutindo ao nosso redor. Me leve a um lugar escondido e sossegado e vamos escutar um ao outro. Sei que parece maluquice, mas não é. Tenho certeza absoluta de uma coisa — de que só o que precisamos para a

comunhão é o nosso consentimento. Cheguei à conclusão de que não posso atingir a comunhão sozinho porque estou muito fraco. Desde que conheci você, Alma, me sinto mais forte. Não me faça me arrepender do que já lhe contei a meu respeito. Peço tão pouco de você, Alma, mas terei que suplicar que você atenda o meu pedido, pois não tenho outra forma de me explicar, e se eu não puder lhe mostrar o que creio ser a verdade, você sempre me achará um demente ou idiota.”

Ela protestou. “Não, Ambrose, eu jamais pensaria essas coisas de você...”

“Mas você já pensa”, ele interrompeu, com grande desespero. “Ou pensará uma hora ou outra. Então você passará a sentir pena de mim, ou a me detestar, e eu perderei a companhia que me é a mais querida deste mundo, e isso me causará tormento e tristeza. Antes que essa situação triste ocorra — se já não ocorreu —, me permita mostrar do que estou falando quando digo que a natureza, em sua infinidade, não é afetada pelos limites da nossa imaginação mortal. Me permita tentar demonstrar que podemos conversar sem palavras e sem argumentos. Acredito que exista amor e afeto suficientes entre nós, minha queridíssima amiga, para que o possamos realizar. Sempre tive a esperança de encontrar alguém com quem poderia me comunicar em silêncio. Desde que conheci você, minha esperança se tornou ainda maior — pois partilhámos, ao que parece, um entendimento natural e empático um pelo outro, que vai muito além dos afetos obtusos e comuns... concorda? Você também não tem a sensação de que é mais poderosa quando estou por perto?”

Tal fato não podia ser negado. Tampouco, no entanto, por dignidade, podia ser assumido.

“O que é que você quer de mim?”, indagou Alma.

“Quero que você ouça minha mente e minha alma. E quero ouvir as suas.”

“Você está falando de ler mentes, Ambrose. Trata-se de um jogo de salão.”

“Chame do que quiser. Mas creio que, sem o empecilho da linguagem, tudo seria revelado.”

“Mas eu não creio nisso”, declarou Alma.

“Porém, você é uma mulher da ciência, Alma — então por que não tentar? Não há nada a perder e talvez haja muito a aprender. Mas, para que dê certo, precisaremos de uma quietude profunda. Precisaremos ficar imunes a interferências. Por favor, Alma. Só lhe pedirei uma vez. Me leve ao lugar mais sossegado e secreto que você conhece e tentaremos a comunhão. Me deixe demonstrar o que não posso lhe dizer.”

Que alternativa ela tinha?

Ela o levou ao quartinho de encadernação.

Pois bem, essa não era a primeira vez que Alma ouvia falar de leitura de mentes. No mínimo, era uma espécie de moda local. Às vezes tinha a impressão de que

todas as damas da Filadélfia daquela época eram médiuns divinas. Havia embaixadores espirituais por todos os lados, prontos para serem contratados por hora. Às vezes seus experimentos desembocavam em periódicos médicos e científicos de respeito, o que estarrecia Alma. Tinha visto recentemente um artigo cujo tema era “mesmerismo” — a ideia de que o acaso podia ser influenciado pela sugestão —, o que lhe parecia apenas brincadeira de circo. Certas pessoas chamavam isso de ciência (“sono magnético”), mas Alma, irritada, diagnosticava como diversão, e um tipo de diversão bem perigoso, aliás.

De certo modo, Ambrose lembrava todos esses espiritualistas — ansiosos e impressionáveis —, mas, ao mesmo tempo, não era nem um pouco parecido com eles. Para começar, nunca tinha ouvido falar deles. Vivía isolado demais para notar a moda mística em voga. Não assinava periódicos de frenologia, com suas discussões sobre trinta e sete faculdades, propensões e emoções representadas pelas protuberâncias e vales do crânio humano. Tampouco visitava médiuns. Não lia *The Dial*. Alma nunca o ouvira mencionar os nomes Bronson Alcott ou Ralph Waldo Emerson — porque ele nunca havia se deparado com os nomes Bronson Alcott ou Ralph Waldo Emerson. Em busca de conforto e companheirismo, procurava autores medievais, não contemporâneos.

Além disso, buscava ativamente o Deus da Bíblia, bem como os espíritos da natureza. Quando ia à igreja luterana sueca com Alma, todos os domingos, se ajoelhava e orava num pacto humilde. Sentava-se empertigado no banco firme de carvalho e ouvia os sermões sem desconforto. Quando não estava rezando, trabalhava em silêncio debruçado sobre as máquinas de impressão, ou fazia retratos de orquídeas com diligência, ou ajudava Alma com os musgos, ou jogava longas partidas de gamão com Henry. Na verdade, Ambrose não tinha ideia do que acontecia no resto do mundo. No mínimo, tentava fugir do mundo — o que indicava que tinha chegado àquele bando curioso de ideias por conta própria. Ele não sabia que metade da América e grande parte da Europa tentavam ler a mente dos outros. Queria apenas ler a mente de Alma, e que ela lesse a dele.

Ela não podia rechaçá-lo.

Portanto, quando o rapaz pediu que ela o levasse a um lugar sossegado e secreto, ela o levou ao quatinho de encadernação. Não conseguia imaginar outro lugar. Não queria acordar ninguém andando pela casa rumo a um local mais distante. Não queria ser flagrada no quarto com ele. Ademais, não conhecia nenhum lugar mais sossegado e secreto do que esse. Disse a si mesma que eram esses os motivos pelos quais o levava até ali. Talvez até fosse verdade.

Ele não sabia que havia uma porta ali. Ninguém sabia — de tanta engenhosidade usada no disfarce das frestas da parede com molde de reboco. Desde a morte de Beatrix, Alma era a única pessoa que entrava no quatinho de encadernação. Talvez Hanneke soubesse de sua existência, mas a velha

governanta raramente ia àquela ala da casa, à remota biblioteca. Henry provavelmente sabia do quartinho — ele o projetara, afinal —, mas ultimamente também era raro que fosse à biblioteca. Era provável que tivesse se esquecido do cômodo há anos.

Alma não levou uma lamparina com eles. Conhecia bem demais os contornos do quarto minúsculo. Havia um banquinho, onde se sentava quando ficava vergonhosa e prazerosamente sozinha, e havia uma mesa de trabalho pequena onde Ambrose poderia se sentar, encarando-a de frente. Ela lhe mostrou onde se sentar. Depois de fechar e trancar a porta, ficaram juntos na mais completa escuridão, naquele quarto pequeno, escondido, sufocante. Ele não parecia assustado com as trevas ou com o cômodo apertado. Pois tinha sido isso o que ele pedira.

“Posso segurar suas mãos?”, ele perguntou.

Ela esticou o braço com cuidado no quartinho escuro, até tocar nos braços dele com a ponta dos dedos. Juntos, acharam as mãos um do outro. As mãos dele eram compridas e suaves. As dela estavam pesadas e úmidas. Ambrose pôs as mãos sobre os joelhos, de palmas para cima, e ela deixou que suas mãos se acomodassem sobre as dele. Não esperava o que encontrou nesse primeiro toque: o ataque violento, desconcertante do amor. Percorreu-a como um soluço.

Mas o que ela esperava? Por que deveria sentir algo menos que não enlevada, enaltecida, exaltada? Alma nunca tinha sido tocada por um homem. Ou melhor, somente duas vezes — uma vez, na primavera de 1818, quando George Hawkes apertou a mão de Alma entre as dele e a chamou de microscopista brilhante; e outra, mais recentemente, de novo por George, quando ele estava aflito por causa de Retta — mas em ambos os casos tinha sido apenas *uma* das mãos que entrara em contato quase por acidente com a pele de um homem. Nunca tinha sido tocada com nada que fizesse jus à palavra intimidade. Inúmeras vezes ao longo das décadas, sentara-se naquele mesmo banquinho de pernas abertas e saias levantadas até a cintura, com aquela mesma porta trancada, amparada pelo abraço daquela mesma parede, saciando sua fome da melhor forma possível com a contenda dos próprios dedos. Se havia moléculas naquele quarto que diferissem das outras moléculas de White Acre — aliás, das outras moléculas do mundo —, então essas moléculas eram permeadas pelas dezenas, centenas e milhares de marcas dos esforços carnis de Alma. Porém, agora ela estava ali no quartinho, naquela mesma escuridão familiar, rodeada por essas moléculas, a sós com um homem dez anos mais novo.

No entanto, o que deveria fazer a respeito desse soluço de amor?

“Preste atenção à minha pergunta”, Ambrose disse, segurando delicadamente as mãos de Alma. “E depois faça a sua. Não haverá mais necessidade de falar. Saberemos quando escutarmos um ao outro.”

Ambrose apertou com gentileza as mãos de Alma. A sensação que isso

provocou nos braços dela era linda.

Como ela poderia prolongá-la?

Pensou na possibilidade de fingir que lia a mente dele, ao menos para esticar a experiência. Pensou se haveria um jeito de repetir a situação no futuro. Mas e se um dia fossem flagrados ali? E se Hanneke os descobrisse sozinhos em um quartinho? O que as pessoas diriam? O que as pessoas pensariam de Ambrose, cujas intenções, como sempre, pareciam totalmente puras de qualquer abominação? Ele seria banido. Ela seria desonrada.

Não, Alma de alguma forma entendeu que nunca mais voltariam a fazer isso após aquela noite. Esse seria o único momento de sua vida em que as mãos de um homem se entrelaçariam às dela.

Ela fechou os olhos e se reclinou um pouco, jogando todo seu peso contra a parede. Ele não a soltou. Os joelhos dela quase roçaram nos dele. Um bom tempo passou. Dez minutos? Meia hora? Ela sorveu o prazer de seu toque. Desejava nunca mais esquecê-lo.

A sensação prazerosa que começara na palma das mãos e subira pelos braços agora avançava pelo torso e com o tempo se acumulou entre as pernas. O que ela esperava que fosse acontecer? Seu corpo tinha sido ajustado àquele cômodo, treinado àquele cômodo — e agora chegava esse novo estímulo. Por um tempo, lutou contra a sensação. Estava satisfeita porque seu rosto não era visto, pois um semblante contorcido e ruborizado se revelaria caso houvesse sinal de luz. Embora tivesse forçado esse momento, ainda não conseguia acreditar nele: havia um homem sentado à sua frente, bem ali na escuridão do quartinho de encadernação, nos penetrais mais profundos de seu universo.

Alma tentou manter a respiração regular. Resistia ao que estava sentindo, porém sua resistência só aumentava a sensação de prazer que crescia entre suas pernas. Existe uma palavra em holandês, *uitwaaien*, que significa “andar contra o vento por prazer”. Era assim que se sentia. Sem nenhum movimento do corpo, Alma se inclinava contra o vento crescente com toda a sua força, mas o vento só fazia empurrá-la, com igual potência, e portanto o prazer dela aumentava.

Mais tempo passou. Outros dez minutos? Outra meia hora? Ambrose não se mexia. Alma também não se mexia. As mãos dele nem tremiam ou pulsavam. No entanto, Alma sentia-se consumida por ele. Ela o sentia em todo seu interior e ao seu redor. Ela o sentia contando os pelos de sua nuca e examinando os grupos de nervos da parte inferior de sua coluna.

“A imaginação é suave”, Jacob Boehme havia escrito, “e lembra a água. Mas o desejo é bruto e seco como a fome”.

No entanto, Alma sentia ambos. Sentia tanto a água como a fome. Sentia tanto a imaginação como o desejo. Em seguida, com certo horror e um bom montante de alegria louca, soube que estava prestes a atingir o vórtice de prazer que era um velho conhecido. A sensação aumentava rapidamente em sua vulva, e não

havia como contê-la. Sem que Ambrose a tocasse (afora as mãos), sem que ela se tocasse, sem que nenhum dos dois se movesse sequer um centímetro, sem as saias levantadas até a cintura ou as mãos trabalhando dentro do próprio corpo, sem nem mesmo alterar sua respiração — Alma mergulhou no clímax. Por um instante, viu um lampejo branco, como um relâmpago no céu de verão sem estrelas. O mundo se tornou leitoso por trás de seus olhos fechados. Sentiu-se cega, arrebatada — e então, no mesmo instante, envergonhada.

Terrivelmente envergonhada.

O que ela tinha feito? O que ele tinha sentido? O que ele tinha ouvido? Caro Deus, o que ele tinha *farejado*? Mas, antes que pudesse reagir ou recuar, sentiu outra coisa. Embora Ambrose não se mexesse ou agitasse ou reagisse, de repente ela sentiu como se ele roçasse as solas de seus pés com carícias persistentes. Logo percebeu que essa sensação de carícia era, de fato, uma pergunta — uma *elocução* que surgia, oriunda do chão. Sentiu a pergunta entrar pela sola de seus pés e subir pelos ossos de suas pernas. Depois, sentiu a pergunta rastejar pelo útero, nadando pelo caminho molhado de sua vulva. Era quase uma voz falada que deslizava corpo acima, quase uma enunciação. Ambrose perguntava algo a ela, mas estava perguntando de dentro dela. Agora ela escutava. E ali estava, a pergunta dele, formulada com perfeição:

Você aceita isso de mim?

Ela vibrou em silêncio com a resposta: *SIM*.

Em seguida, sentiu outra coisa acontecendo. A pergunta que Ambrose tinha colocado em seu corpo se retorcia em outra coisa. Estava se transformando na pergunta dela. Ela não sabia que tinha uma pergunta a fazer para Ambrose, mas agora realmente tinha — com grande urgência. Ela deixou que a questão subisse pelo torso e saísse pelos braços. Depois botou a pergunta na palma das mãos expectantes dele:

É isso o que você quer de mim?

Ela o escutou aspirando o ar intensamente. Segurou as mãos dela com tanta força que quase a machucou. Depois ele rompeu o silêncio com uma palavra em voz alta:

“Sim.”

Capítulo dezesseis

Apenas um mês depois, estavam casados.

Nos anos seguintes, Alma se questionaria sobre qual mecanismo esta decisão havia sido tomada — esse salto assaz inconcebível e inesperado para a vida conjugal —, mas nos dias que sucederam a experiência no quartinho de encadernação, o matrimônio parecia inevitável. Quanto ao que de fato acontecera naquele cômodo minúsculo, tudo (do clímax casto de Alma à transmissão silenciosa de pensamentos) foi como um milagre, ou pelo menos um fenômeno. Alma não conseguia achar uma explicação lógica para o que ocorrera. As pessoas não são capazes de ouvir os pensamentos das outras. Alma tinha certeza disso. As pessoas não são capazes de transmitir esse tipo de eletricidade, esse tipo de ânsia e franca alteração erótica pelo mero toque das mãos. No entanto — tinha acontecido. Sem dúvida, tinha acontecido.

Ao saírem do quartinho naquela noite, ele se virara para ela, o rosto enrubescido e extasiado, e dissera: “Gostaria de dormir ao seu lado pelo resto da minha vida e ouvir seus pensamentos eternamente.”

Foi isso o que ele disse! Não por telepatia, mas em *voz alta*. Estupefata, não teve palavras para responder. Apenas assentiu sua aprovação, ou concordância, ou encantamento. Depois, ambos se dirigiram aos respectivos quartos, frente a frente, separados pelo corredor — embora, é claro, ela não tenha dormido. Como conseguiria?

No dia seguinte, enquanto caminhavam juntos até os leitos de musgos, Ambrose começou a falar num tom casual, como se estivessem no meio de uma conversa. Basicamente do nada, ele disse: “Talvez a diferença entre nossas situações de vida seja tão vasta que não gere consequência. Não possuo nada neste mundo que alguém desejaria, e você possui tudo. Talvez habitemos tais extremos que um equilíbrio possa ser encontrado nas nossas diferenças?”

Alma não tinha noção do que ele pretendia com esse teor de conversa, mas deixou que ele prosseguisse.

“Também me questionei”, ele ponderou com delicadeza, “se dois indivíduos tão diferentes podem encontrar a harmonia no matrimônio”.

Tanto o coração como o estômago dela dispararam com a palavra: *matrimônio*. Será que ele estava falando filosoficamente ou literalmente? Ela esperou.

Ele continuou, embora ainda estivesse longe de ser direto: “Haverá gente, eu imagino, que me acusará de querer sua fortuna. Não há nada que esteja mais distante da verdade. Levo minha vida com extrema parcimônia, Alma, não só por hábito, mas também por preferência. Não tenho riquezas a lhe oferecer, mas também não aceito que me dê riquezas. Você não se tornará mais rica casando-se comigo, mas também não se tornará mais pobre. Esta verdade talvez não satisfaça seu pai, mas espero que a satisfaça. De qualquer modo, nosso amor não é um amor típico, como o que é sentido tipicamente entre os homens e as mulheres. Nós compartilhamos algo mais — algo mais imediato, mais apreciado. Isso ficou evidente para mim desde o início, e rezo para que tenha ficado evidente para você. Meu desejo é de que nós dois pudéssemos viver juntos como um, ambos satisfeitos e enlevados, e numa eterna busca.”

Foi somente no fim da tarde, quando Ambrose perguntou “Você vai falar com o seu pai ou falo eu?”, que Alma encaixou as peças de uma vez por todas: tratava-se realmente de um pedido de casamento. Ou melhor, de uma *expectativa* de casamento. Ambrose não tinha exatamente pedido a mão de Alma — pois na cabeça dele, ao que parecia, ela já a tinha lhe dado. Ela não podia negar que era verdade. Teria dado qualquer coisa a ele. Ela o amava tanto que doía. Acabava de fazer tal confissão a si mesma. Perdê-lo seria uma amputação. Era verdade que não havia sentido nesse amor. Ela tinha quase cinquenta anos e ele ainda era relativamente jovem. Ela era feiosa e ele era lindo. Fazia poucas semanas que se conheciam. Acreditavam em universos diferentes (Ambrose no divino; Alma no real). Contudo, era indiscutível — Alma disse a si mesma — que era amor. Era indiscutível que Alma estava prestes a se tornar uma esposa.

“Eu mesma falarei com o meu pai”, Alma declarou, cautelosamente eufórica.

Naquela noite, antes do jantar, achou o pai no escritório, imerso em papéis.

“Escute só esta carta”, ele disse a título de cumprimento. “Este homem aqui fala que não pode mais manter o moinho dele. O filho — o idiota do filho viciado em jogar dados — arruinou a família. Ele fala que resolveu pagar as dívidas e que deseja morrer desimpedido. É um homem que, em vinte anos, nunca deu um passo ajuizado. Bom, que bela oportunidade ele tem para *isso*!”

Alma não sabia quem era o homem em questão, ou quem era o filho, ou qual moinho estava em jogo. Todo mundo falava com ela como se estivesse no meio de uma conversa preexistente.

“Pai”, ela chamou. “Quero discutir uma coisa contigo. Ambrose Pike pediu a minha mão em casamento.”

“Muito bem”, disse Henry. “Mas escute, Alma — este idiota aqui quer me vender também uma parte do milharal, e está tentando me convencer a comprar aquele celeiro velho que ele tem no cais, aquele que já está despencando no rio. Você sabe qual é, Alma. O quanto ele pensa que aquele edifício decrepito vale,

ou por que ele acha que eu gostaria de ficar encarregado dele, eu nem imagino.”

“Você não está me escutando, pai.”

Henry nem sequer desviou o olhar da escrivadinha. “Estou escutando”, ele declarou, virando o papel que tinha nas mãos e o perscrutando. “Estou escutando com enorme fascínio.”

“Ambrose e eu queremos nos casar em breve”, afirmou Alma. “Não é preciso espetáculo ou celebração, mas gostaríamos que fosse logo. Seria ideal que já estivéssemos casados até o fim do mês. Por favor, saiba que continuaremos em White Acre. Você não vai perder nenhum de nós.”

Diante desse comentário, Henry olhou para Alma pela primeira vez desde que ela entrara no escritório.

“Óbvio que não vou perder nenhum de vocês”, retrucou Henry. “Por que razão vocês iriam embora? Não dá para dizer que o camarada pode sustentar o estilo de vida com que você está acostumada com o salário de — qual é a profissão dele mesmo? — orquidista.”

Henry tornou a se recostar na cadeira, cruzou os braços sobre o peito e fitou a filha por cima da armação dos óculos antiquados de latão. Alma não sabia o que dizer em seguida.

“Ambrose é um homem bom”, ela enunciou por fim. “Ele não deseja fortunas.”

“Suspeito de que você tenha razão nesse ponto”, respondeu Henry. “Mas não é um elogio ao caráter dele o fato de que prefere a pobreza à riqueza. No entanto, já tinha refletido sobre essa situação anos atrás — muito antes de sequer termos ouvido falar de Ambrose Pike.”

Henry se levantou de forma um tanto instável e examinou a estante de livros que ficava atrás dele. Pegou um volume sobre veleiros ingleses — um livro que Alma tinha visto na prateleira a vida inteira, mas jamais tocara, já que não tinha interesse nenhum em veleiros. Ele folheou o livro até achar um papel dobrado enfiado ali dentro, carimbado com um selo de cera. Sobre o selo, estava escrito “Alma”. Ele o entregou a ela.

“Rascunhei dois desses documentos, com o auxílio da sua mãe, por volta de 1817. O outro, eu dei à sua irmã, Prudence, quando ela se casou com aquele cãozinho de orelhas cortadas. É um decreto para o seu marido assinar, garantindo que ele jamais será o proprietário de White Acre.”

Henry era indiferente a isso. Alma pegou o decreto, sem dizer nada. Reconheceu a letra da mãe no traço reto do “A” maiúsculo de seu nome.

“Ambrose não precisa de White Acre, tampouco o deseja”, afirmou Alma, na defensiva.

“Excelente. Então ele não verá problema em assinar. É óbvio que haverá o dote, mas a minha fortuna, as minhas terras... jamais serão dele. Posso considerar que estamos entendidos?”

“Muito bem”, ela respondeu.

“Muito bem, realmente. Agora, quanto à adequação do sr. Pike ao papel de marido, a questão é sua. Você é adulta. Se acredita que o homem pode mantê-la satisfeita na vida conjugal, você tem a minha bênção.”

“Satisfeita na vida conjugal?” Alma se irritou. “Você acha que sou uma pessoa difícil de satisfazer, pai? O que foi que já pedi na vida? O que foi que exigi? Que problema eu traria a alguém como esposa?”

Henry encolheu os ombros. “Não sei dizer. Cabe a você descobrir.”

“Ambrose e eu temos uma afinidade natural, pai. Sei que podemos parecer um casal não convencional, mas sinto...”

Henry a interrompeu. “Nunca se explique, Alma. Assim você demonstra fraqueza. De qualquer modo, não desgosto do moço.”

Henry voltou sua atenção para a papelada sobre a mesa.

Aquilo tinha sido uma bênção? Alma não sabia ao certo. Esperou que ele falasse mais. Ele não falou. Parecia, no entanto, que a permissão para se casar tinha sido concedida. No mínimo, a permissão não fora negada.

“Obrigada, pai.” Ela se virou em direção à porta.

“Só mais uma questão”, disse Henry, erguendo os olhos de novo. “Antes da noite de núpcias, o costume é de que a noiva seja aconselhada sobre certos assuntos referentes ao quarto conjugal — presumindo que você ainda seja inocente nessas questões, o que imagino que seja. Como sou homem e como sou o seu pai, não posso aconselhá-la. Sua mãe é falecida, ou seria ela quem faria isso. Não se dê ao trabalho de fazer perguntas a Hanneke sobre o assunto, já que ela é uma velha solteirona que não sabe de nada e entraria em choque se soubesse o que acontece entre homens e mulheres na cama. Minha recomendação é de que você faça uma visita à sua irmã, Prudence. Ela está casada há muito tempo e é mãe de meia dúzia de crianças. Talvez ela tenha capacidade de instruí-la sobre certos pontos da conduta matrimonial. Não fique vermelha, Alma — você é velha demais para ficar vermelha e parece ridícula. Se você vai entrar nessa história de casamento, então, pelo amor de Deus, entre da maneira certa. Chegue preparada para o leito, como você faz com tudo na vida. Talvez valha o empenho. E despache essas cartas para mim amanhã, já que você já vai estar na cidade.”

Alma nem sequer tivera tempo de contemplar devidamente a ideia do casamento, no entanto agora tudo parecia organizado e resolvido. Até o pai tinha logo abordado as questões de herança e leito conjugal. Os acontecimentos se desenrolaram ainda mais rápido depois disso. No dia seguinte, Alma e Ambrose foram até a 16th Street para fazer um daguerreótipo deles mesmos: o retrato de casamento. Alma nunca tinha sido fotografada, e Ambrose tampouco. Era uma representação tão tenebrosa de ambos que ela hesitou em sequer pagar pelo

retrato. Olhou para a imagem uma vez e nunca mais quis vê-la. Parecia muito mais velha do que Ambrose! Um estranho, ao olhar o retrato, talvez achasse que era a mãe lastimável, de ossatura larga e queixo protuberante, do rapaz. Quanto a Ambrose, ele parecia um prisioneiro subnutrido e demente da poltrona que o acomodava. Uma de suas mãos era um borrão. O cabelo desgrehado dava a impressão de que acabara de despertar de um sono atormentado. O cabelo de Alma estava torto e trágico. A experiência como um todo deixou Alma muito triste. Mas Ambrose apenas riu ao olhar a imagem.

“Ora, isto aqui é *uma difamação!*”, ele exclamou. “Que destino inclemente, se ver de forma tão honesta! Mas, ainda assim, vou mandar o retrato para a minha família em Boston. Espero que reconheçam o próprio filho.”

Será que os acontecimentos geralmente transcorriam com tamanha rapidez para outras pessoas que estavam noivas? Alma não sabia. Não havia testemunhado muitas cortes, noivados, o ritual do matrimônio. Nunca tinha estudado revistas femininas, ou gostado de romances leves escritos sobre o amor para meninas inocentes e simplórias. (Claro que tinha lido obras lascivas sobre cópula, mas elas não esclareciam a situação geral.) Em suma, não era nem de longe uma beldade versada. Se as experiências de Alma no âmbito amoroso não fossem notoriamente escassas, ela poderia ter achado o galanteio, tal como ocorreu, ao mesmo tempo abrupto e improvável. Nos três meses desde que ela e Ambrose se conheceram, nunca tinham trocado uma carta de amor, um poema, um abraço. A afeição entre eles era nítida e constante, mas a paixão era inexistente. Outra mulher talvez visse a situação com desconfiança. Alma, por sua vez, sentia-se apenas embriagada e estonteada pelos questionamentos. Não eram questionamentos necessariamente desagradáveis, mas fervilhavam dentro dela a ponto de distraírem-na. Agora Ambrose era seu amante? Seria justo chamá-lo assim? Ela pertencia a ele? Podia pegar a mão dele na hora que quisesse? Como ele a enxergava? Qual seria o aspecto da pele dele, por baixo das roupas? O corpo dela o satisfaria? O que ele esperava dela? Não conseguia conjecturar respostas a nenhuma dessas questões.

Também estava perdidamente apaixonada.

Alma sempre adorara Ambrose, é claro, desde o instante em que o conhecera, mas — até o instante em que ele a pediu em casamento — ela nunca tinha cogitado ceder à plena expressão dessa adoração; acharia uma audácia fazê-lo, se não um perigo. Sempre lhe bastara simplesmente tê-lo por perto. Alma estaria disposta a ver Ambrose como um mero companheiro querido, se isso o mantivesse em White Acre para sempre. Dividir torradas amanteigadas com ele todas as manhãs, observar seu semblante iluminado quando falava de orquídeas, testemunhar o domínio que tinha da litografia, vê-lo se atirar em seu divã para ouvir teorias sobre transmutação e extinção de espécies — francamente, tudo isso já seria muito. Ela jamais teria a presunção de desejar mais. Ambrose como

amigo — como irmão — já era mais do que suficiente.

Mesmo após os acontecimentos no quartinho de encadernação, Alma não teria pedido mais. Independentemente do que tivesse ocorrido entre eles na escuridão, ela estaria bem preparada para considerar um momento único, quiçá até uma alucinação mútua. Teria se convencido a acreditar que tinha fantasiado a corrente de comunicação transcorrida entre eles no silêncio e imaginado o efeito desenfreado que as mãos dele contra as suas haviam acarretado pelo seu corpo inteiro. No devido tempo, talvez até aprendesse a esquecer que aquilo já tinha acontecido. Mesmo após aquele contato, não teria se permitido amá-lo com tamanha urgência, tamanha plenitude, tamanho descontrole — não sem a permissão dele.

Mas agora estavam de casamento marcado, e a permissão fora concedida. Não havia mais possibilidade de que Alma refreasse seu amor — e nem razão para tal. Ela se permitiu despencar de cabeça nele. Sentia-se instigada pelo assombro, exaltada de inspiração, encantada. Antes ela via luz no rosto de Ambrose, mas agora via luz celestial. Antes, os membros dele lhe pareciam apenas amáveis, mas agora pareciam esculturas romanas. Sua voz era uma véspera. Um olhar de relance lançado por ele lhe feria o coração com um júbilo terrível.

Atirada pela primeira vez na vida no âmbito do amor, imbuída de uma energia insuportável, Alma mal se reconhecia. Suas habilidades pareciam ilimitadas. Mal precisava dormir. Tinha a impressão de que poderia remar um barco montanha acima. Cruzava o mundo como se em uma coroa de fogo. Estava *zoética*. Não era somente Ambrose que ela enxergava com uma pureza tão vívida e tamanho fascínio — mas tudo e todos. De repente, tudo era miraculoso. Via linhas de convergência e graça em todos os cantos. Até as questões mais banais se tornavam sugestivas. Estava submersa em uma súbita fartura de assombrosa autoconfiança. De modo bastante abrupto, se viu resolvendo problemas botânicos que a atormentavam havia anos. Escrevia cartas num ritmo frenético a homens distintos da botânica (homens cujas reputações sempre a intimidaram) contestando suas conclusões como nunca se permitira fazer.

“O senhor apresentou seu *Zygodon* com dezesseis cílios e nenhum perístoma externo!”, ela repreendia.

Ou: “Por que o senhor tem tanta certeza de que se trata de uma colônia de *Polytrichum*?”

Ou: “Não concordo com a conclusão do professor Marshall. Pode ser desalentador, eu sei, chegar a um consenso na área da criptogamia, mas advirto-o contra o ato precipitado de anunciar uma nova espécie antes de estudar minuciosamente os indícios acumulados. Hoje em dia, vemos tantos nomes para um determinado espécime quanto há briologistas estudando-o; isto não quer dizer que o espécime é novo ou raro. Tenho quatro espécimes iguais no meu herbário.”

Nunca tivera coragem de fazer tais objeções, mas o amor a incentivava, e sua mente parecia uma máquina imaculada. Uma semana antes do casamento, Alma acordou de madrugada num sobressalto eletrificado, percebendo de repente que havia ligação entre algas e musgos. Fazia décadas que examinava musgos e algas, mas nunca tinha enxergado a realidade: eram parentes. Não tinha nem sombra de dúvida. Essencialmente, ela se deu conta, musgos não apenas *pareciam* algas que rastejaram até a terra firme: musgos *eram* algas que rastejaram até a terra firme. Como os musgos tinham feito essa complexa transformação de aquáticos para terrestres, Alma não sabia. Mas as duas espécies partilhavam uma história entrelaçada. Tinham de partilhar. A alga havia tomado uma *decisão*, muito antes de Alma ou qualquer outra pessoa observarem-na, e nessa altura da decisão se dirigira ao ar seco e se transformara. Não sabia qual era o mecanismo por trás dessa transformação, mas sabia que ela tinha acontecido.

Ao se dar conta de tudo isso, Alma teve vontade de sair em disparada pelo corredor e pular na cama de Ambrose — que instigara esse ardor dentro de seu corpo e mente. Queria lhe contar tudo, mostrar tudo, provar os mecanismos do universo a ele. Não podia esperar a luz do dia, quando voltariam a se falar no café da manhã. Não podia esperar para olhar o rosto dele. Não podia esperar o momento em que jamais precisariam ficar separados — nem mesmo à noite, nem mesmo durante o sono. Ficou deitada na cama, tremendo de expectativa e emoção.

Como a distância entre os quartos dos dois parecia grande!

Quanto a Ambrose, à medida que o casamento se aproximava, ele ficava ainda mais sereno, ainda mais atencioso. Não poderia ser mais gentil com Alma. Às vezes, ela temia que ele mudasse de ideia, mas não havia indício disso. Ela havia sentido um calafrio de pavor ao lhe entregar o decreto de Henry Whittaker, mas Ambrose o assinara sem hesitação ou reclamação — na verdade, sem sequer lê-lo. Todas as noites, antes de irem para os respectivos quartos, ele beijava sua mão sardenta logo abaixo dos nós dos dedos. Ele a chamava de “minha outra alma, minha melhor alma”.

Ele dissera: “Sou um homem muito esquisito, Alma. Você tem certeza de que aguenta meu jeito anormal?”

“Eu aguento você!”, ela prometeu.

Ela sentia que corria o risco de pegar fogo.

Ela temia que fosse morrer de felicidade.

Três dias antes do casamento — que seria uma cerimônia simples na sala de estar de White Acre — Alma enfim visitou a irmã, Prudence. Fazia muitos meses que não se viam. Mas como seria uma enorme grosseria de sua parte não convidar a irmã para o casamento, Alma escrevera para Prudence um bilhete

explicativo — de que se casaria com um amigo do sr. George Hawkes — e em seguida traçou planos de uma breve visita. Ademais, Alma havia decidido seguir o conselho do pai e falar com Prudence sobre a questão do leito conjugal. Não era uma conversa que esperasse com ansiedade, mas não queria ir despreparada para os braços de Ambrose e não sabia a quem mais pedir.

Era um início de noite em meados de agosto quando Alma chegou ao lar dos Dixon. Encontrou a irmã na cozinha, preparando um emplastro mostarda para o filho caçula, Walter, que estava de cama, com a barriga doendo de tanto comer casca verde de melancia. As outras crianças rodavam pela cozinha, cumprindo várias tarefas. Estava um calor sufocante no cômodo. Havia duas menininhas negras que Alma nunca tinha visto sentadas no canto com a filha de treze anos de Prudence, Sarah; juntas, as três cardavam lã. Todas as meninas, negras e branca, vestiam os trajes mais humildes que alguém poderia imaginar. As crianças, até mesmo as negras, se aproximaram de Alma e lhe deram beijos educados, chamaram-na de titia e voltaram a seus afazeres.

Alma perguntou a Prudence se poderia ajudá-la com o emplastro, mas Prudence recusou auxílio. Um dos meninos entregou a Alma um copo de estanho com água tirada da bomba do jardim. A água estava quente e o gosto era barrento e desagradável. Alma não a queria. Sentou-se num banco alto e não soube onde deixar o copo. Tampouco sabia o que dizer. Prudence — que tinha recebido o bilhete de Alma no começo daquela semana — felicitou a irmã pelas núpcias iminentes, mas esse diálogo perfunctório durou apenas um instante e depois o assunto foi encerrado. Alma admirou as crianças, admirou o asseio da cozinha, admirou o emplastro mostarda, até que não restou nada a admirar. Prudence estava magra e cansada, mas não se queixava, tampouco dividia qualquer novidade sobre sua vida. Alma não perguntou sobre as novidades. Receava saber detalhes acerca das circunstâncias que a família talvez enfrentasse.

Um bom tempo depois, Alma reuniu coragem de pedir: “Prudence, será que eu poderia dar uma palavrinha contigo em particular?”

Se o pedido surpreendeu Prudence, ela não demonstrou. Entretanto, o semblante tranquilo de Prudence sempre tinha sido incapaz de expressar uma emoção fundamental como a surpresa.

“Sarah”, Prudence disse à menina mais velha. “Leve os outros lá para fora.”

As crianças fizeram fila e saíram da cozinha de um jeito solene e obediente, como soldados rumo à batalha. Prudence não se sentou, mas apoiou as costas contra a longa tora de madeira que se acreditava uma mesa de cozinha, as mãos belamente entrelaçadas contra o avental limpo.

“Sim?”, ela perguntou.

Alma vasculhou a mente em busca de uma forma de começar. Não conseguia achar uma frase que não soasse vulgar ou grosseira. De repente, se arrependeu

profundamente de ter acatado o conselho do pai quanto a esse assunto. Teve vontade de sair correndo da casa — voltar para o conforto de White Acre, voltar para Ambrose, voltar para um lugar onde a água da bomba era fresca e fria. Porém, Prudence a encarava, expectante e calada. Precisava dizer alguma coisa.

Alma iniciou: “À medida que me aproximo das margens do matrimônio...”

A voz de Alma diminuiu e ela fitou a irmã com desesperança, desejando contra todo o bom-senso que Prudence vislumbresse por meio desse fragmento de declaração sem sentido exatamente o que ela tentava perguntar.

“Sim?”, disse Prudence.

“Me vejo desprovida de experiência”, Alma completou a frase.

Prudence continuou a fitá-la, num silêncio impassível. *Me ajuda, mulher!*, Alma queria berrar. Se ao menos Retta Snow estivesse ali! Não a nova Retta, louca — mas a antiga Retta, alegre, inconstante. Se ao menos Retta estivesse ali, e se ao menos todas elas voltassem a ter dezenove anos. As três, quando meninas, talvez tivessem conseguido abordar o assunto de um jeito seguro, de algum modo. Retta o teria tornado divertido e sincero. Retta teria livrado Prudence de sua discrição e afugentado a vergonha de Alma. Mas ninguém estava ali para ajudar as duas irmãs a se comportarem como irmãs. Além disso, Prudence não parecia ter interesse em facilitar a discussão, já que não se pronunciava.

“Me vejo desprovida de experiência na vida conjugal”, Alma esclareceu, num surto afoito de coragem. “Papai sugeriu que eu falasse contigo em busca de orientação sobre o tópico de deleitar um marido.”

Uma das sobrancelhas de Prudence se ergueu de forma quase imperceptível. “Lamento ouvir que ele me ache uma especialista”, ela declarou.

A ideia realmente tinha sido equivocada, percebeu Alma. Mas agora não havia como recuar.

“Você me entendeu mal”, protestou Alma. “É apenas pelo fato de que você está casada há muito tempo, e de que você tem muitos filhos...”

“Há mais coisas em um casamento, Alma, do que isso a que você se refere. Além disso, sou impedida por certos escrúpulos de discutir esse assunto a que você se refere.”

“Claro, Prudence, não queria ferir seus sentimentos ou me intrometer na sua privacidade. Mas isso de que estou falando continua a ser um enigma para mim. Rogo que você não me entenda mal. Não preciso consultar um médico: tenho ciência dos mecanismos essenciais da anatomia. Mas preciso me consultar com uma esposa para compreender o que pode ser bem recebido pelo meu marido ou mal recebido por ele. Como me apresentar, digo, no tocante à arte de agradar...”

“Não existe arte nisso”, retrucou Prudence, “a não ser no caso de mulheres pagas”.

“*Prudence!*”, Alma gritou com uma força que surpreendeu até a si mesma.

“Olhe para mim. Você não percebe como estou despreparada? Eu lhe pareço uma jovem? Pareço um objeto de desejo?”

Até esse momento, Alma não tinha percebido o medo que sentia da noite de núpcias. Óbvio que amava Ambrose e que estava tomada de uma empolgação antecipada, mas também era assolada pelo terror. Esse terror servia de justificativa parcial para os insones surtos de tremores noturnos das últimas semanas: não sabia se portar como a esposa de um homem. Verdade, havia décadas que Alma era consumida por uma imaginação rica, indecente, carnal — mas ao mesmo tempo era inocente. Imaginação é uma coisa; dois corpos juntos é outra coisa totalmente diferente. Como Ambrose a enxergaria? Como ela faria para encantá-lo? Ele era um homem jovem, e um homem adorável, enquanto que uma avaliação genuína da aparência de Alma aos quarenta e oito anos obrigaria a seguinte verdade a vir à tona: ela era bem mais espinhosa do que uma rosa.

Algo em Prudence se abrandou minimamente.

“Você só precisa ser receptiva”, declarou Prudence. “Um homem presenteado com uma esposa receptiva e aquiescente não precisa de mais persuasão.”

Essa informação não acrescentou nada a Alma. Prudence deve ter suspeitado, pois se estendeu: “Garanto a você que os deveres da vida conjugal não são desconfortáveis demais. Se o seu marido for carinhoso contigo, ele não vai machucá-la muito.”

Alma teve vontade de cair no chão e chorar. Francamente, Prudence achava mesmo que Alma temia *ser machucada*? Quem e o que poderia machucar Alma Whittaker? Com aquelas mãos tão calejadas? Com braços que poderiam levantar a tora de carvalho contra a qual Prudence se apoiava com tanta delicadeza e atirar a madeira longe sem fazer esforço? Com o pescoço queimado de sol e o cabelo que era um tufo de cardo? Não era de se machucar na noite de núpcias que Alma tinha medo, mas da *humilhação*. O que Alma queria desesperadamente saber era como seria possível se apresentar a Ambrose em forma de orquídea, como a irmã, e não de penedo coberto de musgo, como ela. Mas tal coisa não podia ser ensinada. O diálogo era inútil — um mero preâmbulo para a humilhação, no máximo.

“Já ocupei demais a sua tarde”, disse Alma, se levantando. “Você tem um filho adoentado para cuidar. Perdão.”

Por um instante, Prudence hesitou, como se fosse dar um passo adiante ou pedir que a irmã ficasse. O instante logo passou, no entanto, se é que existiu. Prudence disse apenas: “Fiquei contente com a sua visita.”

Por que somos tão diferentes?, Alma queria suplicar. *Por que não podemos ser próximas?*

Porém, ela indagou: “Você estará no nosso casamento, no sábado?”, embora

já suspeitasse de que a resposta seria negativa.

“Receio que não”, declarou Prudence. Não deu nenhuma justificativa. Ambas sabiam o motivo: Prudence nunca mais poria os pés em White Acre. Henry não aceitaria que ela o fizesse, nem a própria Prudence aceitaria fazê-lo.

“Desejo-lhe o que há de melhor, então”, concluiu Alma.

“Igualmente”, respondeu Prudence.

Foi só quando já havia subido metade da rua que Alma se deu conta do que tinha acabado de fazer: não apenas pedira a uma mãe exausta de quarenta e oito anos — com uma criança adoentada em casa! — conselhos sobre a arte da copulação, mas também pedira à *filha de uma prostituta* conselhos sobre a arte da copulação. Como Alma foi se esquecer da origem vergonhosa de Prudence? A própria Prudence jamais seria capaz de esquecê-la, e era provável que levasse uma vida de austeridade e retidão totais para contra-atacar as infames depravações da mãe natural. Porém, Alma tinha adentrado aquele lar humilde, decente e tenso mesmo assim, com perguntas sobre as manhas e os truques da sedução.

Alma se sentou em um barril abandonado com uma postura melancólica. Queria voltar à casa dos Dixon e se desculpar, mas como fazê-lo? O que poderia dizer que não tornaria a situação ainda mais dolorosa?

Como pôde cometer uma gafe tão idiota?

Onde tinha ido parar sua porcaria de bom senso?

Na tarde anterior ao casamento, duas coisas interessantes chegaram às mãos de Alma por meio do serviço postal.

O primeiro era um envelope carimbado “Framingham, Massachusetts”, com o sobrenome “Pike” escrito num canto. Alma logo supôs que fosse uma carta para Ambrose, pois era óbvio que vinha de sua família, mas o envelope era inequivocamente endereçado a ela, portanto ela o abriu.

Cara srta. Whittaker,

Peço desculpas pelo fato de que não poderei comparecer ao seu casamento com meu filho, Ambrose, mas já sou praticamente uma inválida, e uma jornada tão longa excede bastante minha capacidade. Agradou-me, no entanto, receber a informação de que Ambrose em breve ingressará no sagrado matrimônio. Meu filho passou tantos anos recluso para a família e a sociedade que há muito eu tinha abandonado a esperança de que um dia assumisse uma noiva. Além disso, muito tempo atrás seu jovem coração ficou tão ferido pela morte de uma menina por quem ele tinha grande admiração e adoração — uma menina de boa família cristã de nossa comunidade, com quem todos supúnhamos que fosse se casar — que eu temia que os sentimentos dele tivessem sofrido danos irreparáveis, a ponto de jamais ser capaz de conhecer novamente as recompensas da afeição natural. Talvez eu esteja falando demais, embora tenha a certeza de que ele já lhe contou tudo.

A notícia do noivado, portanto, foi bem-vinda, pois é prova de que seu coração está curado.

Recebi seu retrato de casamento. Você me parece uma mulher capaz. Não vejo indícios de tolice ou frivolidade em seu semblante. Não hesito em dizer que meu filho precisa de uma mulher exatamente assim. Ele é um garoto inteligente — o meu mais inteligente —, e quando criança era minha grande alegria, entretanto passou anos demais à toa, contemplando nuvens, estrelas e flores. Também receio que creia ter levado a melhor sobre a cristandade. Talvez você seja a mulher certa para corrigir-lhe tal engano. Rezo para que um casamento digno o impeça de fugir às suas responsabilidades morais. Em suma, lastimo não poder ver meu filho se casando, mas deposito grandes esperanças nessa união. Seria um acalento para este coração de mãe saber que o filho está elevando a mente com a contemplação de Deus através da disciplina do estudo bíblico e de orações regulares. Por favor, assegure-se de que ele o faça.

Os irmãos dele e eu lhe damos as boas-vindas à família. Suponho que isso já esteja subentendido. Todavia, acho necessário dizê-lo.

*Sinceramente,
Constance Pike.*

A única coisa que Alma reteve da carta foi: *uma menina por quem ele tinha grande admiração e adoração*. Embora a mãe dele tivesse certeza de que ele havia lhe contado tudo, Ambrose não havia contado nada. Quem era a menina? Quando tinha falecido? Ambrose tinha trocado Framingham por Harvard com apenas dezessete anos e nunca mais tinha morado na cidade. Portanto, o caso amoroso devia ter acontecido bem cedo, se é que tinha sido um caso amoroso. Deviam ser crianças, ou quase crianças. A menina devia ter sido linda. Alma podia vê-la, agora: uma doçura, uma cachorrinha fofa, um modelo de perfeição de cabelo castanho e olhos azuis que cantava hinos com uma voz melosa, e que andava com o jovem Ambrose pelos pomares primaveris em plena floração. Será que a morte da menina contribuíra para seu colapso mental? Qual era o nome da menina?

Por que Ambrose não tinha falado disso? Por outro lado, por que precisaria falar? Não tinha direito à privacidade em relação às histórias de seu passado? Por acaso Alma tinha contado a Ambrose, por exemplo, sobre seu amor desgastado, inútil, equivocado por George Hawkes? Deveria contar? Mas não havia nada a contar. George Hawkes nem ficara sabendo que era ator de uma história de amor, o que significava que, para começo de conversa, nunca houvera realmente uma história de amor.

O que Alma deveria fazer com essa informação? Pensando numa atitude mais imediata, o que deveria fazer com a carta? Leu-a outra vez, decorou o conteúdo e a escondeu. Responderia à sra. Pike depois, num estilo superficial e inócuo. Desejava nunca ter recebido tal missiva. Tinha que treinar para esquecer o que

acabara de descobrir.

Qual era o nome da menina?

Por sorte, havia outra carta na mala postal para distraí-la — um pacote embrulhado em papel encerado marrom, amarrado com barbante. O mais surpreendente era que vinha de Prudence Dixon. Quando Alma abriu o pacote, descobriu que era uma camisola de linho branco e macio com enfeites de renda. Parecia ser do tamanho certo para Alma. Era uma peça adorável e simples, modesta mas feminina, com pregas volumosas, de gola reta, botões de marfim e mangas bufantes. O corpete tinha um brilho suave devido às delicadas flores bordadas com fios de seda amarelo-claros. A camisola fora dobrada com cuidado, perfumada com lavanda e amarrada com uma fita branca, sob a qual havia um bilhete com a letra impecável de Prudence: “Com os melhores votos.”

Onde Prudence tinha arrumado uma peça luxuosa como essa? Não teria tempo de fazê-la com as próprias mãos; devia tê-la comprado de uma costureira habilidosa. Devia ter lhe custado bastante! Onde tinha arranjado dinheiro? Era feita exatamente do tipo de materiais a que a família Dixon renunciara fazia muito tempo: seda, renda, botões importados, requintes de qualquer espécie. Prudence não usava uma peça elegante como essa havia quase três décadas. Isso tudo queria dizer que devia ter custado *muito caro* para Prudence — tanto do ponto de vista financeiro como moral — providenciar o presente. Alma sentiu a garganta se fechando de emoção. O que ela tinha feito pela irmã, para merecer tamanha gentileza? Principalmente considerando-se o encontro mais recente, como Prudence tinha sido capaz de tal demonstração?

Por um instante, Alma pensou que deveria recusar. Deveria embrulhar a camisola e mandá-la de volta para Prudence, que poderia cortá-la e fazer peças bonitas para os próprios filhos, ou — o mais provável — vendê-la pela causa abolicionista. Mas não, pareceria rude e ingrata. Presentes não devem ser devolvidos. Beatrix mesmo sempre ensinara. Presentes nunca devem ser devolvidos. Tratava-se de um ato de clemência. Tinha de ser recebido com clemência. Alma precisava ser humilde e grata.

Foi só mais tarde, quando Alma foi para o quarto e fechou a porta, parou diante do espelho comprido e vestiu a camisola, que ela entendeu melhor o que a irmã queria lhe dizer e por que a peça não podia ser devolvida: Alma precisava usar aquela roupa adorável na noite de núpcias.

A bem da verdade, ficou bem bonita com ela.

Capítulo dezessete

O casamento aconteceu na terça-feira, 29 de agosto de 1848, na sala de estar de White Acre. Alma usou um vestido de seda marrom feito especialmente para a ocasião. Henry Whittaker e Hanneke de Groot serviram de testemunhas. Henry estava contente; Hanneke não. Um juiz do oeste da Filadélfia, que já tinha feito negócios com Henry, conduziu a cerimônia como um favor ao dono da casa.

“Deixem que a amizade os instrua”, ele concluiu, depois que os votos foram trocados. “Que vocês se afluam com as desventuras um do outro e que incentivem as alegrias um do outro.”

“Parceiros na ciência, no comércio e na vida!”, Henry berrou, numa atitude bastante inesperada, e em seguida assoou o nariz com uma força considerável.

Não havia outros amigos e familiares presentes. George Hawkes tinha mandado um caixote de peras a título de felicitações, mas estava com febre, segundo disse, e não poderia comparecer. Um enorme buquê também tinha chegado na véspera, cortesia da Garrick Pharmacy. Quanto a Ambrose, ninguém compareceu como seu convidado. O amigo Daniel Tupper, de Boston, enviou um telegrama naquela manhã dizendo apenas, “MUITO BEM PIKE”, mas não foi ao casamento. Seria apenas meio dia de trem partindo de Boston, mas mesmo assim ninguém apareceu para ficar ao lado de Ambrose.

Alma, olhando ao redor, percebeu como a família se tornara pequena. A reunião era pequena demais. Simplesmente não havia gente suficiente. Mal bastava para um casamento legítimo. Como haviam se isolado tanto? Lembrou-se do baile que os pais tinham organizado em 1808, exatamente quarenta anos antes: da varanda e do enorme gramado tomados pelos rodopios de dançarinos e músicos, e de si mesma correndo entre eles com a tocha. Era impossível imaginar agora que White Acre já tinha sido palco de tantos espetáculos, tantas risadas, tantos desvarios. Havia se tornado o sistema solar do silêncio desde então.

Quanto aos presentes de casamento, Alma deu a Ambrose uma extraordinária edição antiga de *Sacred Theory of the Earth*, de Thomas Burnet, publicada em 1684. Burnet foi o teólogo que supôs que a Terra — antes do dilúvio de Noé — era uma esfera lisa totalmente perfeita, que tinha “a beleza da juventude e natureza exuberante, viçosa e frutífera, sem nenhuma ruga, cicatriz ou fratura no corpo inteiro; sem rochas nem montanhas; sem cavernas ocas, nem canais abertos, mas regular e uniforme por completo”. Ele, Burnet, dava a isso o nome

de “A Terra Primitiva”. Alma imaginou que o marido fosse gostar, e de fato gostou. Conceitos de perfeição, sonhos de delicadeza imaculada — tudo isso era Ambrose, do início ao fim.

Quanto a Ambrose, ele presenteou Alma com um belo quadrado de papel italiano dobrado feito um envelope minúsculo e complexo e coberto de selos em quatro cores de cera. Todas as costuras estavam seladas, e cada selo era diferente. Era um belo objeto — tão pequenino que cabia na palma da mão —, mas era estranho e quase cabalístico. Alma virou e revirou o curioso objetinho.

“Como faz para abrir esse presente?”, ela indagou.

“Ele não deve ser aberto”, explicou Ambrose. “Peço que jamais o abra.”

“O que é que tem dentro dele?”

“Uma mensagem de amor.”

“Um mensagem de amor!”, disse Alma, deleitada. “Gostaria de vê-la!”

“Prefiro que você a imagine.”

“Minha imaginação não é tão fértil quanto a sua, Ambrose.”

“Mas para você que tanto ama o saber, Alma, será bom para a sua imaginação manter algo não revelado. Passaremos a nos conhecer tão bem, você e eu. Deixemos que algo permaneça fechado.”

Ela pôs o presente no bolso. Continuaria ali o dia inteiro — uma presença esquisita, leve, misteriosa.

Naquela noite, jantaram com Henry e seu amigo, o juiz. Henry e o juiz se excederam no vinho do Porto. Alma não tomou bebida alcoólica, Ambrose tampouco. O marido lhe sorria sempre que ela olhava em sua direção — mas sempre agira assim, mesmo antes de ser seu marido. A sensação era de que aquela era uma noite como outra qualquer, só que agora ela era a sra. Ambrose Pike. O sol se pôs lentamente naquela noite, como um velho sem pressa claudicando ao descer uma escada.

Por fim, após o jantar, Alma e Ambrose se recolheram ao quarto de Alma pela primeira vez. Alma sentou-se na beirada da cama e Ambrose a acompanhou. Ele segurou sua mão. Depois de um longo silêncio, ela disse: “Se você me der licença...”

Desejava vestir a camisola nova, mas não queria se despir na frente dele. Levou a camisola para o pequeno toalete no canto do quarto — instalado, junto com a banheira e as torneiras de água fria, na década de 1830. Tirou a roupa e vestiu a camisola. Não sabia se devia deixar o cabelo preso ou soltá-lo. Nem sempre ficava bonito quando solto, mas era desconfortável dormir com grampos e presilhas. Hesitou, mas resolveu deixá-lo preso.

Ao voltar para o quarto, viu que Ambrose também tinha posto um camisolão — uma peça simples de linho que ia até as canelas. Tinha dobrado cuidadosamente suas roupas e colocado-as na cadeira. Estava parado do outro lado da cama. O nervosismo percorreu o corpo dela como uma carga de

cavalaria. Ambrose não parecia tenso. Não disse nada sobre a camisola. Fez um gesto para que ela fosse para a cama, e ela foi. Ele entrou pelo lado oposto e se juntou a ela no meio do colchão. De imediato, passou pela cabeça dela a terrível ideia de que a cama era pequena demais para os dois. Ela e Ambrose eram muito altos. Onde poriam as pernas? E o que fariam com os braços? E se o chutasse durante o sono? E se desse uma cotovelada no olho dele sem perceber?

Ela se virou de lado, ele se virou de lado, e ficaram frente a frente.

“Tesouro da minha alma”, ele disse. Segurou uma das mãos dela, levou-a aos lábios e beijou-a, logo acima dos nós dos dedos, como vinha fazendo todas as noites no último mês, desde o noivado. “Você me trouxe tanta paz.”

“Ambrose”, ela respondeu, encantada com o nome dele, encantada com seu rosto.

“É durante o sono que vislumbramos mais de perto o poder do espírito”, ele declarou. “Nossas mentes se comunicarão através dessa distância reduzida. Será aqui, unidos nessa quietude noturna, que finalmente nos tornaremos livres do tempo, do espaço, das leis da natureza e das leis da física. Passearemos pelo mundo como quisermos, nos nossos sonhos. Falaremos com os mortos, nos transformaremos em animais e objetos, voaremos tempo afora. Nossos intelectos não estarão em lugar nenhum, e nossas mentes não serão tolhidas.”

“Obrigada”, ela disse, sem saber o que falar. Não conseguia imaginar o que mais dizer depois de um discurso tão inesperado. Seria uma espécie de galanteio? Era assim que faziam as coisas em Boston? Ela questionou se seu hálito não estava adocicado. O dele estava. Queria que ele apagasse a lamparina. Imediatamente, como se ouvisse seus pensamentos, ele se virou e apagou a lamparina. A escuridão era melhor, mais confortável. Desejava nadar em direção a ele. Sentiu que ele pegava sua mão de novo e a levava aos lábios.

“Boa noite, minha esposa”, ele disse.

Não soltou a mão dela. Instantes depois — ela percebeu por sua respiração — já havia adormecido.

Apesar de tudo o que Alma imaginara, esperara ou temera que acontecesse na noite de núpcias, essa situação jamais lhe passara pela cabeça.

Ambrose dormia, quieto e sereno a seu lado, a mão entrelaçada com confiança e leveza à dela, enquanto Alma, olhos arregalados na escuridão, jazia imóvel naquele silêncio contagioso. A perplexidade a dominou como algo oleoso e úmido. Buscou possíveis explicações para esse acontecimento esquisito, folheando a mente à procura de uma interpretação depois da outra, como alguém faria na ciência com qualquer experimento que desse muito errado.

Talvez ele ainda acordasse e eles comesçassem — ou melhor, *comesçassem* — com os prazeres conjugais? Talvez ele não tivesse gostado da camisola? Talvez ela parecesse pudica demais? Ou ávida demais? Será que ele queria a menina

morta? Estaria pensando em seu amor perdido de Framingham, de tantos anos atrás? Ou talvez estivesse sofrendo uma crise de nervos? Será que ele não estava à altura das obrigações do amor? Mas nenhuma dessas explicações fazia sentido, principalmente a última. O conhecimento que Alma tinha do assunto bastava para que soubesse que a incapacidade de ter relações sexuais provocava nos homens uma vergonha do tipo mais grave imaginável — mas Ambrose não parecia nem um pouco envergonhado. Nem tinha sequer *tentado* uma relação sexual. Pelo contrário, dormia com toda a tranquilidade que um homem poderia ter durante o sono. Dormia como um senhor feudal em um hotel refinado. Dormia como um rei após um longo dia caçando javalis e lutando. Dormia como um maometano principesco saciado por uma dúzia de concubinas atraentes. Dormia como uma criança debaixo da árvore.

Alma não dormiu. A noite estava quente e era desconfortável ficar tanto tempo deitada de lado, com medo de se mexer, com medo de afastar sua mão da dele. Os grampos e as presilhas do cabelo pressionavam o crânio. O ombro no qual se apoiava começava a formigar. Depois de muito tempo, finalmente se soltou dele e se virou de costas, mas foi em vão: o descanso não a encontraria essa noite. Permaneceu deitada, tensa e alerta, os olhos bem abertos, as axilas úmidas, a mente buscando sem sucesso uma conclusão reconfortante para essa surpreendente e desfavorável reviravolta.

Ao amanhecer, todos os pássaros da terra, alegremente inconscientes de sua apreensão, começaram a cantar. Com os primeiros raios de sol, Alma se permitiu lançar uma faísca de esperança de que o marido despertasse com a aurora e a abraçasse. Talvez fossem começar à luz do dia — todas as intimidades esperadas do matrimônio.

Ambrose de fato acordou, mas não a abraçou. Despertou num instante de vigor, renovado e satisfeito. “Que sonhos!”, ele declarou, e esticou os braços para cima num alongamento lânguido. “Fazia anos que eu não sonhava assim. Que honra é partilhar da eletricidade de sua existência. Obrigado, Alma! Que dia nós teremos! Você também tem esses sonhos?”

Alma não tinha sonhado com nada, é claro. Alma tinha passado a noite aprisionada em um terror vigilante. Apesar disso, fez que sim. Não sabia o que mais fazer.

“Você tem que me prometer”, pediu Ambrose, “que quando morrermos — não importa quem morrer primeiro — enviaremos boas vibrações um para o outro através da fronteira da mortalidade”.

De novo sem saber como agir, ela fez que sim. Era mais fácil do que tentar falar.

Rançosa e quieta, Alma observou o marido se levantar e molhar o rosto na pia. Ele pegou as roupas da cadeira e educadamente pediu licença para ir ao toalete, retornando todo vestido e cheio de alegria. O que estava à espreita por trás

daquele sorriso cordial? Alma não via nada por trás dele além de mais cordialidade. Ele a olhava exatamente da mesma forma que olhara no primeiro dia em que ela o vislumbrou — como um homem adorável, radiante e entusiástico de vinte anos.

Ela era uma boba.

“Vou lhe dar privacidade”, ele declarou. “E estarei esperando por você na mesa de café da manhã. Que dia nós teremos!”

Alma sentia dor no corpo inteiro. Em meio a uma nuvem terrível de tensão e desespero, ela se levantou da cama lentamente, como uma aleijada, e se vestiu. Olhou-se no espelho. Não devia ter olhado. Tinha envelhecido uma década em uma noite.

Henry estava à mesa do café da manhã quando Alma finalmente desceu. Ele e Ambrose estavam absortos em um tênue ouropele de conversação. Hanneke levou um bule de chá fresco para Alma e lhe lançou um olhar cortante — o tipo de olhar que todas as mulheres recebem na manhã seguinte aos seus casamentos —, mas Alma evitou seu olhar. Tentou impedir que seu semblante aparentasse distração ou austeridade, mas sua imaginação estava fatigada e sabia que seus olhos estavam vermelhos. Sentiu-se coberta de mofo. Os homens não pareceram notar. Henry contava uma história que Alma já tinha ouvido uma dezena de vezes — da noite em que ele dividira a cama de uma taberna peruana imunda com um pomposo francesinho, que tinha o sotaque francês mais carregado que se possa imaginar, mas não se cansava de insistir que não era francês.

Henry disse: “O parvo não parava de repetir ‘*Hi emm en Heenglishman!*’, e eu dizia o tempo todo: ‘Você não é inglês, seu idiota, você é francês! Ouça só o seu maldito sotaque!’ Mas não, a porcaria do parvo continuava dizendo: ‘*Hi emm en Heenglishman!*’ Por fim, eu falei para ele: ‘Então me diga — como é possível que você seja inglês?’ E ele cantou de galo: ‘*Hi emm en Heenglishman because Hi’ave en Heenglish wife!*’”

Ambrose ria sem parar. Alma o fitava como se fosse um espécime.

“Segundo a lógica dele”, Henry concluiu, “eu sou um maldito holandês!”.

“E eu sou um Whittaker”, acrescentou Ambrose, ainda gargalhando.

“Mais chá?”, Hanneke perguntou a Alma, de novo com o olhar penetrante.

Alma fechou bem a boca ao perceber que estava aberta demais. “Já está bom, Hanneke, obrigada.”

“Os homens vão trazer a última carga de feno hoje”, Henry anunciou. “Tome conta, Alma, para que façam isso da maneira certa.”

“Sim, pai.”

Henry voltou-se para Ambrose de novo. “Ela é uma preciosidade, essa sua esposa, principalmente quando se trata de trabalho. Um grande fazendeiro de saias, essa aí.”

A segunda noite foi igual à primeira — e a terceira noite, e a quarta e a quinta. Todas as noites subsequentes, a mesma coisa. Ambrose e Alma se despiam em particular, iam para a cama e ficavam de frente um para o outro. Ele lhe beijava a mão e elogiava sua bondade, depois apagava a lamparina. Em seguida, Ambrose caía no sono de um personagem encantado de conto de fadas, enquanto Alma ficava deitada num tormento silencioso a seu lado. O único aspecto que mudou com o tempo foi que Alma finalmente conseguiu ter algumas horas de sono intermitente por noite, e apenas porque seu corpo desmoronava de exaustão. Porém, o sono era interrompido por sonhos lacerantes e surtos tenebrosos de pensamentos inquietantes, inconsequentes, vigilantes.

Durante o dia, Alma e Ambrose eram os companheiros de sempre no estudo e na contemplação. A afeição dele por ela parecia maior do que nunca. Ela cumpria os próprios afazeres sem graciosidade, e o ajudava com os dele. Ele queria estar sempre perto dela — o mais perto possível. Não parecia se dar conta do incômodo que ela sentia. Ela tentava não demonstrar. Continuava esperando uma mudança. Mais semanas se passaram. Outubro chegou. As noites esfriaram. Nada mudou.

Ambrose parecia tão tranquilo com os termos do casamento que Alma — pela primeira vez na vida — temia estar enlouquecendo. Queria violentá-lo até a polpa, mas ele se contentava em apenas beijar-lhe os centímetros quadrados de pele abaixo do nó do dedo médio de sua mão esquerda. Será que estava mal informada a respeito da natureza da vida conjugal? Seria um truque? Fazendo jus ao sobrenome Whittaker, seu sangue fervia diante da ideia de que tinha sido feita de boba. Mas então olhava para o rosto de Ambrose, que nem de longe era o rosto de um salafrário, e a raiva, mais uma vez, dava lugar à perplexidade.

No início de outubro, a Filadélfia aproveitava os derradeiros dias de verão. As manhãs eram glórias coroadas de ar fresco e céu azul, e as tardes eram agradáveis e letárgicas. Ambrose agia como se estivesse mais inspirado do que nunca, pulando da cama todas as manhãs como se disparado por um canhão. Tinha conseguido fazer com que a rara *Aerides odorata* florescesse no orquidário. Já fazia anos que Henry importara a planta dos contrafortes do Himalaia, mas ela nunca tinha dado nem um botão até Ambrose tirar a orquídea do vaso alojado no chão e pendurá-la no alto das vigas, em um lugar ensolarado, numa cesta feita de casca de árvore e musgo umedecido. Agora aquela coisa se inflamava em uma flor inesperada. Henry estava exultante. Ambrose estava exultante. Ambrose a desenhava de todos os ângulos. Seria o orgulho do *florilegium* de White Acre.

“Se você tiver muito amor por alguma coisa, ela acabará revelando seus segredos”, Ambrose disse a Alma.

Ela poderia ter discordado, caso ele pedisse sua opinião. Seria impossível amar Ambrose mais do que já amava, mas ele não revelava segredo nenhum.

Percebeu que sentia uma inveja desagradável da vitória que ele obteve com a *Aerides odorata*. Invejava a planta em si e o cuidado que ele teve com ela. Não conseguia se concentrar no próprio trabalho, porém ele prosperava no dele. Passou a se ressentir da presença dele na cocheira. Por que ele a interrompia o tempo todo? Suas máquinas de impressão eram barulhentas e exalavam um cheiro de tinta quente. Alma não aguentava mais. Tinha a sensação de que apodrecia. Passou a ter pavio curto. Um dia, caminhando pela horta de White Acre, se deparou com um jovem trabalhador, sentado em cima da pá, tirando sem pressa uma lasca do dedão. Já tinha visto aquele rapaz — o tiradorzinho de lascas. Era mais comum vê-lo sentado na pá do que a manuseando.

“Seu nome é Robert, não é?”, ela indagou, abordando-o com um sorriso cordial.

“Sou o Robert”, ele confirmou, erguendo os olhos com certa despreocupação.

“Que serviço você tem que fazer esta tarde, Robert?”

“Revolver esse lote velho e podre das ervilhas, senhora.”

“E você pretende pôr mãos à obra um dia desses, Robert?”, ela sondou, a voz num perigoso tom baixo.

“Bom, entrou uma lasca aqui, veja...”

Alma se curvou na direção dele, jogando uma sombra em cima do corpo mignon do rapaz. Segurou-o pela gola, um dos pés acima do chão, e — sacudindo-o como um saco de forragem — urrou: “Volte ao trabalho, seu lerdinho imprestável, antes que eu arranque suas bolas com essa sua pá!”

Ela o atirou de volta ao chão. Ele caiu com força. Revirou-se como um coelho para sair debaixo de sua sombra e começou a escavar de um jeito violento, arbitrário, apavorado. Alma se afastou, relaxando os músculos dos braços, e imediatamente voltou a pensar no marido. Seria possível que Ambrose não *soubesse*? Alguém poderia ser tão inocente a ponto de contrair matrimônio sem saber dos deveres que acarretava, ou ignorar os mecanismos sexuais entre marido e esposa? Lembrou-se de um livro que tinha lido anos atrás, na época em que começou a colecionar textos libertinos no sótão da cocheira. Não pensava nesse livro havia pelo menos duas décadas. A obra era bastante tediosa, em comparação com as outras, mas agora lhe voltava à cabeça: *Os frutos do casamento: um guia do cavalheiro para a continência sexual. Um manual para casais em matrimônio, por dr. Horscht*.

O tal dr. Horscht escrevera o livro, segundo alegava, após orientar um modesto casal de jovens cristãos sem nenhum conhecimento — nem teórico nem prático — sobre a relação sexual, e que confundiam a si mesmos e um ao outro com sentimentos e sensações tão peculiares ao ingressar no leito conjugal que a impressão era de que estavam enfeitiçados. Por fim, umas semanas depois do casamento, o pobre do noivo inquireu um amigo, que lhe deu a informação chocante de que o marido recém-casado tinha que pôr seu órgão dentro do

“buraco irrigado” da noiva para que as relações propriamente ditas acontecessem. Isso causou tanto medo e vergonha no coitado do rapaz que ele correu para o dr. Horscht com perguntas acerca da possibilidade de esse ato aparentemente bizarro ser exequível ou virtuoso. O dr. Horscht, compadecido daquela jovem alma confusa, escrevera aquele guia sobre o funcionamento da sexualidade para auxiliar homens recém-casados.

Alma desdenhara o livro ao lê-lo muitos anos antes. Achava que ser um rapaz e ser totalmente ignorante a respeito da função geniturinária ultrapassava todos os limites da tolice. Era claro que não existia ninguém assim, não era?

No entanto, agora se perguntava.

Será que precisava *mostrar* a ele?

Na tarde daquele sábado, Ambrose foi cedo para o quarto deles e pediu licença para se banhar antes do jantar. Ela o seguiu até o quarto. Sentou-se na cama e escutou a água caindo na banheira larga de porcelana, do outro lado da porta. Ouviu-o cantarolar. Ele estava feliz. Ela, por outro lado, estava louca de tristeza e dúvida. Ele devia estar se despindo naquele momento. Ouviu esguichos abafados quando ele entrou na banheira, depois um suspiro de prazer. Depois, silêncio.

Levantou-se e se despiu também. Tirou tudo — ceroulas e camisa, até os grampos do cabelo. Se tivesse algo mais para tirar, teria tirado. Sua figura nua não era bela, e ela sabia disso, mas era a única que tinha. Foi se apoiar na porta do toalete, ouvindo com a orelha encostada. Não precisava agir assim. Existiam alternativas. Poderia aprender a aguentar as coisas como elas eram. Poderia se submeter pacientemente a seu sofrimento, a esse casamento-que-não-era-casamento esquisito e insuportável. Poderia aprender a vencer tudo que Ambrose provocava dentro dela — o apetite por ele, a decepção com ele, a sensação de ausência atordoante sempre que estava perto dele. Se conseguisse aprender a subjugar o próprio desejo, poderia manter o marido — do jeito que era.

Não. Não, não conseguiria aprender.

Ela girou a maçaneta, empurrou a porta e entrou fazendo o mínimo de barulho possível. Ele virou a cabeça para ela e arregalou os olhos com o susto. Ela não disse nada, e ele não disse nada. Ela desviou o olhar dos olhos dele e se permitiu examinar-lhe o corpo inteiro, apenas submerso na água fria da banheira. Ali estava ele, em toda a sua graça nua. A pele era branca como leite — bem mais branca no peito e nas pernas do que nos braços. Tinha apenas uma quantidade ínfima de pelos no torso. Não haveria como ter uma beleza mais perfeita.

Ela tinha se preocupado com a possibilidade de que ele nem sequer tivesse genitália? Tinha imaginado que talvez fosse esse o problema? Bom, não era esse o problema. Ele tinha genitália — genitália totalmente aceitável, e até admirável. Ela se permitiu observar com cuidado essa criatura adorável que ele tinha — essa criatura pálida, oscilante, marinha, que flutuava entre suas pernas em meio

a um emaranhado de pelugem molhada e íntima. Ambrose não se mexeu. Seu pênis tampouco se movimentou. Não gostava de ser olhado. Ela percebeu na mesma hora. Alma já tinha passado bastante tempo na floresta observando animais acanhados para saber quando uma criatura não gostava de ser vista, e a criatura entre as pernas de Ambrose não queria ser vista. Ainda assim, ela a fitava porque não conseguia desviar o olhar. Ambrose deixou que ela o fizesse — não tanto por ser permissivo, mas por estar paralisado.

Por fim, ela olhou para o rosto dele, desesperada para achar alguma abertura, algum canal, para dentro dele. Ele parecia congelado de medo. Por que *medo*? Ela caiu no chão ao lado da banheira. Parecia quase como se estivesse se ajoelhando diante dele numa súplica. Não — ela *estava* se ajoelhando diante dele numa súplica. A mão dele, com seus dedos longos e afunilados, estava apoiada na beirada da banheira, segurando a borda de porcelana. Ela afrouxou-lhe a mão, dedo por dedo. Ele deixou que ela afrouxasse. Ela segurou a mão e levou-a aos lábios. Pôs três dedos na boca. Não conseguiu se conter. Precisava de uma parte dele dentro de si. Queria mordê-lo, só o bastante para evitar que os dedos escapassem da boca. Não queria amedrontá-lo, mas também não queria soltá-lo. Em vez de morder, começou a sugar. Ela estava completamente concentrada no anseio. Seus lábios fizeram um barulho — um tipo grosseiro de ruído molhado.

Nesse momento, Ambrose despertou. Ele arfou e arrancou os dedos de sua boca. Sentou-se depressa, causando um esguicho sonoro, e cobriu os genitais com as mãos. Parecia que ia morrer de tanto horror.

“Por favor...”, ela disse.

Eles se encararam como uma mulher e um intruso no quarto — mas ela era o intruso, e ele a presa apavorada. Ele a fitava como se fosse uma estranha com uma faca em seu pescoço, como se ela pretendesse usá-lo para os prazeres mais perversos, depois cortar sua cabeça, arrancar as entranhas e comer seu coração com um garfo comprido e afiado.

Alma se acalmou. Que alternativa lhe restava? Levantou-se e saiu devagar do toalete, fechando tranquilamente a porta depois de passar. Vestiu-se. Desceu a escada. Seu coração estava tão partido que nem sabia como era possível ainda estar viva.

Encontrou Hanneke de Groot varrendo os cantos da sala de jantar. Com a voz embargada, pediu que a governanta fizesse o favor de arrumar o quarto de hóspedes da ala leste para o sr. Pike, que dali em diante dormiria lá, até que outras providências fossem tomadas.

“*Waarom?*”, Hanneke indagou.

Mas Alma não podia lhe contar o motivo. Ficou tentada a se jogar nos braços de Hanneke e chorar, mas resistiu.

“Há algum mal na pergunta de uma velha?”, Hanneke questionou.

“Por favor, avise ao sr. Pike sobre essas novas providências”, Alma disse e se

afastou. “Me considero incapaz de fazê-lo.”

Alma dormiu no divã da cocheira naquela noite e não jantou. Pensou em Hipócrates, que acreditava que ventrículos do coração não eram bombas de sangue, e sim de ar. Ele acreditava que o coração era uma extensão dos pulmões — espécies de foles grandes, musculosos, que alimentavam a fornalha do corpo. Nessa noite, Alma teve a sensação de que era verdade. Sentia um enorme jorro e sucção de vento dentro do peito. Era como se o coração tentasse tomar fôlego. Quanto aos pulmões, pareciam cheios de sangue. Afundava a cada respiração. Não conseguia se livrar da sensação de que afundava. Sentia-se louca. Sentia-se enlouquecida como Retta Snow, que também costumava dormir naquele sofá quando o mundo se tornava apavorante demais.

De manhã, Ambrose foi ao seu encontro. Estava pálido e com o rosto deformado pela dor. Chegou, se sentou ao lado dela e esticou o braço para segurar suas mãos. Ela recuou. Ele a fitou por muito tempo sem se pronunciar.

“Se você está tentando comunicar alguma coisa em silêncio, Ambrose”, ela disse por fim, com a voz tensionada pela ira, “serei incapaz de ouvir. Peço que você fale comigo diretamente. Me conceda essa cortesia, por favor”.

“Me perdoe”, ele disse.

“Você precisa me dizer *pelo quê* devo lhe perdoar.”

Ele se esforçou. “Este casamento...”, ele começou, e então ficou sem palavras.

Ela deu uma risada insincera. “O que é um casamento, Ambrose, quando ele é desprovido dos prazeres honestos que qualquer marido e esposa teriam razão em esperar?”

Ele assentiu. Aparentava desesperança.

“Você me ludibriou”, ela declarou.

“No entanto, eu acreditava que tínhamos nos entendido.”

“É mesmo? O que você achava que estava entendido? Me diga com todas as palavras: o que você achava que este casamento seria?”

Ele buscou uma resposta. “Uma troca”, ele disse por fim.

“De quê, exatamente?”

“De amor. De ideias e apoio.”

“Assim como eu achei, Ambrose. Mas imaginei que haveria também outras trocas. Se você queria viver como um shaker, por que não fugiu e se juntou a eles?”

Ele olhou para ela, confuso. Não fazia ideia de quem eram os shakers. Meu Deus, eram tantas as coisas que aquele garoto desconhecia!

“Não vamos discutir, Alma, ou entrar em conflito”, ele implorou.

“É da menina morta que você tem saudade? É esse o problema?”

De novo, a expressão confusa.

“A menina morta, Ambrose”, ela repetiu. “Aquele sobre a qual sua mãe me contou. Aquele morreu em Framingham, anos atrás. Aquele que você amava.”

Não haveria como ele ficar mais perplexo. “Você falou com a minha mãe?”

“Ela me escreveu uma carta. Me contou da menina — do seu verdadeiro amor.”

“Minha mãe mandou uma carta para você? Sobre a Julia?” O rosto de Ambrose nadava em espanto. “Mas nunca amei a Julia, Alma. Ela era uma criança querida e foi minha amiga na juventude, mas nunca a amei. Talvez minha mãe desejasse que eu a amasse, pois era de uma família honrada, mas a Julia não era nada além de uma vizinha inofensiva. Desenhávamos flores juntos. Ela era um geniozinho nisso. Morreu aos catorze anos. Mal pensei nela esses anos todos. Por que você está falando da Julia?”

“Por que você não consegue me amar?”, Alma indagou, odiando o desespero em sua voz.

“Eu não teria como amá-la *mais*”, declarou Ambrose, num desespero que se igualava ao dela.

“Sou feia, Ambrose. Sempre tive consciência disso. E também sou velha. No entanto, tenho muitas das coisas que você queria — riqueza, conforto, companheirismo. Você poderia ter tudo isso sem me humilhar por meio do casamento. Eu já tinha lhe dado essas coisas, e foi você quem quis se casar. Foi você quem me apresentou à ideia do matrimônio. Foi você quem disse que queria deitar sua cabeça ao lado da minha todas as noites. Foi você quem permitiu que eu ansiasse por coisas que há muito eu havia deixado de desejar.”

Ela teve que parar de falar. Sua voz se elevava e falhava. Era vergonha acrescida à vergonha.

“Não tenho necessidade de riqueza”, disse Ambrose, os olhos umedecidos de tristeza. “Você sabe disso a meu respeito.”

“Porém, está colhendo seus benefícios.”

“Você não me entende, Alma.”

“Não entendo nada mesmo, sr. Pike. Me instrua.”

“Perguntei a você”, ele disse. “Perguntei se você queria um casamento de almas — um *mariage blanc*.” Já que ela não respondeu logo, ele acrescentou: “Trata-se de um casamento casto, sem trocas carnavais.”

“Sei o que é *mariage blanc*, Ambrose”, ela vociferou. “Eu já falava francês antes de você nascer. O que não consigo entender é o que o levou a pensar que eu queria isso.”

“Eu perguntei a você. Perguntei se você aceitaria isso de mim, e você concordou.”

“*Quando?*” Alma tinha a sensação de que seria capaz de arrancar os cabelos da cabeça dele caso ele não fosse mais direto, mais verdadeiro.

“No quartinho de encadernação, naquela noite, depois de encontrá-la na

biblioteca. Quando estávamos juntos, em silêncio. Perguntei em silêncio ‘Você aceita isso de mim?’, e você disse sim. *Ouvi* você dizer sim. Senti você dizendo! Não negue, Alma — você ouviu minha pergunta através da barreira, e sua resposta foi afirmativa! Não é verdade?”

Ele a encarava com olhar de pânico. Foi emudecido pelo susto.

“E você também me fez uma pergunta”, Ambrose prosseguiu. “Você me perguntou em silêncio se era isso o que eu queria de você. Eu disse que sim, Alma! Acredito até que disse em voz alta! Minha resposta não poderia ter sido mais clara! Você ouviu minha resposta!”

Levou a mente de volta àquela noite no quatinho de encadernação, à sua detonação muda de prazer sexual, à sensação de que a pergunta dele percorria seu corpo e a sua pergunta percorria o corpo dele. *O que ela ouvira?* Ela o ouvira perguntar, com a clareza de um sino de igreja repicando: “Você aceita isso de mim?” Claro que ela disse sim. Imaginou que ele quisesse dizer: “Você aceita prazeres sensuais como este de mim?” Quando ela perguntou, por sua vez: “É isso o que você quer de mim?”, ela quis dizer: “Você quer esses prazeres sensuais comigo?”

Deus do céu, eles tinham entendido errado as perguntas um do outro! Tinham *sobrenaturalmente* entendido errado as perguntas um do outro. Havia sido o único milagre categórico da vida de Alma Whittaker, e ela o entendera errado. Era a pior piada que já tinha ouvido.

“Estava perguntando apenas”, ela declarou, cansada, “se você *me* queria. Ou seja — se você me queria *por inteiro*, da maneira como os amantes geralmente se querem. Pensei que você estivesse me perguntando a mesma coisa”.

“Mas eu jamais pediria o corpo físico de alguém desse jeito que você fala”, Ambrose afirmou.

“Por que não?”

“Porque não acredito nisso.”

Alma não conseguia entender o que escutava. Ficou um bom tempo incapaz de falar. Depois, indagou: “Você é da opinião de que o ato conjugal — mesmo entre um homem e sua esposa — é vil e perverso? Suponho que você saiba, Ambrose, o que outras pessoas fazem juntas, na privacidade do casamento? Você me acha imoral por querer que meu marido seja um marido? Imagino que você já tenha ouvido histórias sobre tais prazeres entre homens e mulheres!”

“Não sou como os outros homens, Alma. Você jura que isso é uma surpresa, a esta altura?”

“O que você imagina que seja, então, senão um homem?”

“Não se trata do que imagino que sou, Alma — se trata do que desejo ser. Ou melhor, o que já fui e desejo voltar a ser.”

“E o que é isso, Ambrose?”

“Um anjo de Deus”, declarou Ambrose, num tom de tristeza indizível. “Eu

esperava que pudéssemos ser anjos de Deus juntos. Isso não seria possível a não ser que nos libertássemos da carne, unidos na graça celestial.”

“Ah, pela santa misericórdia da danada da mãe de *Cristo!*”, Alma praguejou. Sua vontade era segurá-lo e sacudi-lo, assim como sacudira Robert, o jardineiro, dias antes. Queria discutir o evangelho com ele. As mulheres de Sodoma, queria lhe dizer, foram castigadas por Jeová devido à comunhão sexual que tiveram com os anjos — *mas ao menos tiveram chance de fazê-lo!* Que falta de sorte a dela, ter recebido um anjo tão bonito, mas nem um pouco cooperativo.

“Vamos, Ambrose!”, ela disse. “Acorde! Não vivemos no reino celestial — você não vive, e eu menos ainda. Como você consegue ser tão obtuso? Olhe para mim, menino! Com seus olhos de verdade — seus olhos de mortal. Eu pareço um anjo aos seus olhos, Ambrose Pike?”

“Parece”, ele respondeu, numa simplicidade melancólica.

A raiva escoou de Alma e foi substituída por uma dor plúmbea, inesgotável.

“Então você se enganou”, disse Alma, “e agora estamos no meio dessa confusão dos diabos”.

Ele não podia ficar em White Acre.

Isso se tornou evidente depois de transcorrida apenas uma semana — uma semana em que Ambrose dormiu no quarto de hóspedes da ala leste e Alma dormiu no sofá da cocheira, ambos aguentando os sorrisinhos e risinhos abafados das criadas. Estar casados há menos de um mês e já dormir não só em quartos separados, mas em *casas* separadas... bem, o escândalo era tão maravilhoso que os bisbilhoteiros da propriedade não conseguiam resistir.

Hanneke tentava manter os empregados quietos, mas os boatos mergulhavam e voavam como morcegos no crepúsculo. Diziam que Alma era tão velha e feia que Ambrose não a aturava, apesar da fortuna guardada em sua vulva seca. Diziam que Ambrose fora flagrado roubando. Diziam que Ambrose gostava de menininhas bonitas e que tinha sido pego com a mão na bunda de uma moça da leiteria. Diziam o que bem entendiam; Hanneke não podia demitir ninguém. Alma entreouviu algumas dessas fofocas, e o que não ouviu não foi difícil imaginar. Os olhares que lhe lançavam já eram bastante depreciativos.

O pai a chamou ao escritório em uma segunda-feira à tarde, no final de outubro.

“O que foi que aconteceu?”, ele indagou. “Já se cansou do brinquedinho novo?”

“Não zombe de mim, pai — juro para você, eu não vou suportar.”

“Então me dê uma explicação.”

“É vergonhoso demais para explicar.”

“Não imagino como isso seja possível. Você acha que ainda não ouvi boa parte dos boatos? Nada que você me disser será mais vergonhoso do que as coisas que

já andam dizendo.”

“Tem muitas coisas que não posso lhe contar, pai.”

“Ele foi desleal com você? Já?”

“Você o conhece, pai. Ele não seria capaz disso.”

“Nenhum de nós o conhece tão bem assim, Alma. Então o que foi? Roubou de você — de *mim*? Ele está quase matando você porque está no cio? Anda batendo em você com um cinto de couro? Não, por alguma razão, não consigo imaginar nada disso. Dê nome aos bois, menina. Qual foi o crime que ele cometeu?”

“Ele não pode continuar aqui e não posso lhe contar o motivo.”

“Você acha que sou do tipo de homem que desmaiaria ao saber da verdade? Sou velho, Alma, mas não estou morto. E não vá pensando que não vou adivinhar se precisar bombardear você com perguntas. Você é frígida? É esse o problema? Ou ele é coxo?”

Ela não respondeu.

“Ah”, ele disse. “Algo desse gênero, então. Quer dizer que os deveres conjugais não foram cumpridos?”

De novo, ela não respondeu.

Henry uniu as palmas das mãos. “Bom, e então? Vocês gostam da companhia um do outro, apesar disso. Já é mais do que a maioria das pessoas conseguem em seus casamentos. Você está velha demais para ter filhos, de qualquer forma, e muitos casamentos não são felizes no quarto. A maioria, para falar a verdade. Casais pouco compatíveis abundam por este mundo que nem mosquitos. Seu casamento pode ter azedado mais rápido que outros, mas você aguenta firme e atura, Alma, como todos nós fazemos — ou fazíamos. Você não foi criada para aguentar firme e aturar as coisas? Não deixe um contratempo acabar com a sua vida. Veja pelo lado bom. Pense nele como um irmão, se debaixo dos lençóis ele não faz nem cócegas. Ele seria um bom irmão. É uma companhia agradável para todos nós.”

“Não preciso de irmão nenhum. Estou dizendo, pai, *ele não pode continuar aqui*. Dê um jeito de mandá-lo embora.”

“E eu estou dizendo, filha, que não tem nem três meses que nós dois estávamos aqui mesmo e você insistia em dizer que precisava se casar com o homem — um homem sobre o qual eu não sabia nada, e sobre o qual você sabia só um pouquinho mais do que eu. Agora você quer que eu o ponha para fora daqui? O que você pensa que eu sou, seu bull terrier? Confesso que não aprovo sua atitude, não aprovo mesmo. Não é digna. É com as fofocas que você se incomoda? Encare como uma Whittaker. Fique cara a cara com as pessoas que zombam de você. Dê umas bofetadas se não gostar da maneira como olham para você. Elas vão aprender a lição. Vão logo achar outros assuntos para fofocar. Mas excluir o rapaz para sempre, pelo crime de — de quê? De não diverti-la? Adote um dos jardineiros, se precisar de um macho jovem na cama. Tem homens dispostos a

te entreter em troca de pagamento, assim como mulheres. Pessoas ávidas por dinheiro fazem qualquer coisa, e o dinheiro que você tem é mais do que suficiente. Use seu dote para montar um harém de rapazes para o seu prazer, se quiser.”

“Pai, por favor...”, ela suplicou.

“Mas enquanto isso o que você propõe que eu *faça* com o nosso sr. Pike?”, ele prosseguiu. “Prenda o moço a uma carruagem e o arraste pelas ruas da Filadélfia, coberto de alcatrão? Afogue no Schuylkill, amarrado a um barril cheio de pedras? Ponha uma venda nos olhos dele, mande para o paredão e atire nele?”

Ela só conseguia sentir vergonha e tristeza, era incapaz de falar. O que achava que o pai diria? Bom — por mais tolo que pareça —, ela imaginara que Henry a defenderia. Imaginou que Henry ficaria indignado por ela. Ela meio que esperava que ele saísse pisando duro pela casa, numa de suas típicas e famosas diatribes, balançando os braços como um ator numa farsa: *Como você foi capaz de fazer isso com a minha filha?* Esse tipo de coisa. Algo que estivesse à altura do tom e da intensidade de sua própria perda e fúria. Mas por que imaginava uma atitude dessas? Por acaso já tinha visto Henry Whittaker defender alguém? E se defendia alguém nesse caso, parecia ser Ambrose.

Em vez de partir em seu socorro, o pai só a humilhava ainda mais. Além disso, Alma agora se lembrava da conversa que ela e Henry tinham travado a respeito do casamento com Ambrose, ocorrida havia menos de três meses. Henry a alertara — ou pelo menos levantara a questão — sobre a possibilidade de que “esse tipo de homem” a satisfizesse no matrimônio. O que ele já sabia àquela altura que não tinha externado? O que sabia agora?

“Por que você não me impediu de casar com ele?”, Alma indagou, por fim. “Você suspeitava de alguma coisa. Por que não me falou nada?”

Henry deu de ombros. “Não cabia a mim, três meses atrás, decidir por você. Nem cabe agora. Se é preciso fazer alguma coisa com o rapaz, você mesma vai ter que fazer.”

Essa ideia deixou Alma zozza: Henry vinha tomando decisões por Alma desde sempre, desde que ela era uma criancinha — ou pelo menos era assim que ela sempre vira as coisas.

Ela não conseguiu se conter e perguntou: “Mas o que é que você acha que eu devo fazer com ele?”

“Faça o que lhe der na maldita veneta, Alma! A decisão é sua. O sr. Pike não é meu para eu descartar. Você trouxe essa coisa para dentro da nossa casa, agora se livre dela — se é isso o que você quer. E seja rápida. É sempre melhor cortar do que rasgar. De uma forma ou de outra, eu quero que esse assunto seja encerrado. Certo grau de bom senso abandonou esta família nos últimos meses, e quero que ele seja restabelecido. Temos muito trabalho a fazer para nos atermos a esse tipo de bobagem.”

Nos anos seguintes, Alma tentaria se convencer de que ela e Ambrose tinham tomado juntos a decisão — para onde ele iria na próxima etapa de sua vida —, mas nada poderia estar mais longe da verdade. Ambrose Pike não era um homem que tomava decisões por conta própria. Era um balão sem fio, com uma suscetibilidade fabulosa à influência de quem era mais poderoso — e todo mundo era mais poderoso do que ele. Sempre fizera o que mandavam. A mãe lhe dissera para estudar em Harvard, e então ele foi para Harvard. Os amigos o tiraram de um montinho de neve e o mandaram para a ala dos doentes mentais, e ele obedeceu e permitiu que o mantivessem trancafiado. Daniel Tupper, de Boston, disse que ele devia ir para as selvas do México para pintar orquídeas, e ele foi para a selva e pintou orquídeas. George Hawkes o convidara para ir à Filadélfia, e ele viajou para a Filadélfia. Alma o acomodara em White Acre e o instruíra a montar um grandioso *florilegium* com a coleção de plantas de seu pai, e ele o fizera sem questioná-la. Ele iria para onde o mandassem.

Queria ser um anjo de Deus, mas o Senhor tivesse piedade dele, pois não passava de um cordeiro.

Ela tinha realmente tentado pensar em qual seria o melhor plano para ele? Mais tarde, disse a si mesma que sim. Não se divorciaria dele: não havia motivo para pôr nenhum dos dois no meio de um escândalo desses. Ela lhe daria muito dinheiro — não que ele tivesse pedido algum, mas porque era essa a atitude certa a tomar. Não o mandaria de volta para Massachusetts, não só porque ela detestava a mãe dele (só por causa daquela única carta, ela detestava a mãe dele!), mas também porque a ideia de que Ambrose dormiria para sempre no sofá de seu amigo Tupper lhe causava agonia. Tampouco poderia mandá-lo de volta para o México, sem sombra de dúvida. Ele já tinha quase morrido de febre por lá.

Entretanto, não poderia mantê-lo na Filadélfia, já que sua presença lhe causava grande sofrimento. Misericórdia, como ele a rebaixara! Porém, ela ainda amava seu rosto — por mais pálido e atormentado que tivesse se tornado. Só de ver aquele rosto já brotava uma tamanha carência escancarada e vulgar dentro dela que ela mal suportava. Ele teria de ir para outro lugar — algum lugar bem longe. Ela não poderia correr o risco de encontrá-lo nos anos seguintes.

Ela escreveu uma carta para Dick Yancey — o gerente mão de ferro das transações de seu pai — que naquele momento estava em Washington, D.C., pondo em ordem alguns negócios com os jardins botânicos que surgiam por lá. Alma sabia que Yancey logo embarcaria para o Pacífico Sul em um baleeiro. Iria ao Taiti para investigar as complicadas plantações de baunilha da Whittaker Company, e para tentar organizar a tática da polinização artificial que o próprio Ambrose havia sugerido ao pai de Alma, na noite de sua primeira visita a White Acre.

Yancey planejava partir para o Taiti em breve, dentro de quinze dias. Era

melhor navegar antes das tempestades do final do outono e antes que o porto congelasse.

Alma sabia de todos esses dados. Por que Ambrose não ia ao Taiti com Dick Yancey, então? Era uma solução honrosa, até mesmo ideal. Ambrose poderia assumir a gestão da plantação de baunilha. Seria excelente nisso, não seria? Baunilhas eram orquídeas, não eram? Henry Whittaker ficaria satisfeito com o plano: mandar Ambrose para o Taiti era exatamente o que ele queria no começo, antes de Alma dissuadi-lo, para seu duro prejuízo.

Seria um banimento? Alma tentava não pensar assim. Os boatos eram de que o Taiti era um paraíso, Alma disse a si mesma. Não tinha nada a ver com uma colônia penal. Sim, Ambrose era delicado, mas Dick Yancey garantiria que nenhum mal lhe acontecesse. O trabalho seria interessante. O clima era ameno e saudável. Quem não invejaria essa oportunidade de ver as costas lendárias da Polinésia? Era uma expedição que qualquer homem da botânica ou do comércio receberia bem — e estaria tudo pago, além disso.

Não deu atenção às vozes dentro de si que afirmavam que sim, aquilo era sem sombra de dúvida um banimento — e cruel. Ignorava o que sabia muito bem — que Ambrose não era nem um homem da botânica nem um homem do comércio, e sim um ser humano de talentos e sensibilidades únicos, cuja mente era uma coisa delicada, e que talvez não fosse nem um pouco compatível com uma longa jornada em um baleeiro, ou com a vida numa plantação agrícola nos longínquos Mares do Sul. Ambrose era mais uma criança do que um homem e já tinha dito várias vezes a Alma que não queria mais nada da vida além de um lar seguro e uma companheira tranquila.

Bem, há muitas coisas na vida que nós queremos, ela disse a si mesma, e nem sempre as conseguimos.

Além do mais, ele não tinha outro lugar para onde ir.

Depois de decidir tudo, Alma acomodou o marido no United States Hotel por duas semanas — do outro lado da rua onde ficava o grande banco em que o dinheiro de seu pai estava guardado, em enormes caixas-fortes secretas —, enquanto ela esperava Dick Yancey voltar de Washington.

Foi no saguão do United States Hotel, uma quinzena depois, que Alma finalmente apresentou o marido a Dick Yancey — ao imponente, silencioso Dick Yancey, com seus olhos apavorantes e o maxilar entalhado em pedra, que não fazia perguntas, e que fazia exatamente o que mandavam. Bom, Ambrose também fazia exatamente o que mandavam. Encurvado e pálido, Ambrose não fazia perguntas. Ele nem sequer perguntou quanto tempo previam que ficaria na Polinésia. Ela não saberia como responder essa questão. Não era um banimento, ela continuava a dizer a si mesma. Porém, nem ela sabia quanto tempo duraria.

“O sr. Yancey cuidará de você a partir de agora”, ela disse a Ambrose. “Seu

bem-estar será providenciado, na medida do possível.”

Tinha a sensação de que deixava um bebê aos cuidados de um crocodilo treinado. Naquele instante, amava Ambrose tanto quanto sempre o amara — ou seja, *plenamente*. Já sentia uma carência escancarada ao pensar nele navegando até o outro lado do mundo. Entretanto, não sentia nada além de uma carência escancarada desde a noite de núpcias. Queria abraçá-lo, mas *sempre* queria abraçá-lo, e não podia fazê-lo. Ele não permitiria. Queria se agarrar a ele, implorar que ficasse, implorar que ele a amasse. Nada disso era permitido. Não havia serventia nisso.

Apertaram-se as mãos, assim como fizeram no jardim grego da mãe dela no dia em que se conheceram. A mesma valise de couro gasta estava junto aos pés de Ambrose, recheada de todos os seus pertences. Usava o mesmo terno marrom de veludo cotelê. Não levava nada de White Acre.

A última coisa que ela lhe disse foi: “Rogo que você, Ambrose, me faça o favor de não contar a ninguém que conhecer sobre o nosso casamento. Ninguém precisa saber o que ocorreu entre nós. Você não viajará como genro de Henry Whittaker, mas como seu funcionário. Qualquer coisa além disso só levaria a questionamentos, e não almejo os questionamentos do mundo.”

Ele concordou, assentindo. Não disse nada mais. Parecia doente e exausto.

Alma não precisava pedir a Dick Yancey que guardasse segredo de sua história com o sr. Pike. Dick Yancey só fazia guardar segredos; era por isso que a família Whittaker o mantinha por perto havia tanto tempo.

Dick Yancey era competente nesse quesito.

Capítulo dezoito

Alma não teve nenhuma notícia de Ambrose no decorrer dos três anos seguintes; na verdade, mal teve notícias *sobre* ele. No início do verão de 1849, Dick Yancey mandou o aviso de que tinham chegado bem no Taiti após uma viagem sossegada. (Alma sabia que isso não queria dizer que a viagem fora *tranquila*; para Dick Yancey, qualquer jornada que não acabasse em naufrágio ou numa captura por piratas era sossegada.) Yancey relatou que Ambrose tinha sido deixado na baía de Matavai, aos cuidados de um missionário que estudava botânica chamado reverendo Francis Welles, e que o sr. Pike fora apresentado às tarefas da plantação de baunilha. Logo depois, Dick Yancey foi embora do Taiti para cuidar dos negócios em Hong Kong. Depois disso, não chegaram mais notícias.

Foi uma época de muito desespero para Alma. O desespero é um negócio tedioso e em pouco tempo se torna repetitivo, e por isso todos os dias de Alma eram uma cópia do dia precedente: triste, solitário e indistinto. O primeiro inverno foi o pior. Os meses pareciam mais frios e escuros do que qualquer outro inverno vivenciado por Alma, e sentia aves de rapina invisíveis pairando sobre si sempre que transitava entre a cocheira e a mansão. As árvores sem folhas lhe lançavam olhares incisivos, implorando para serem aquecidas ou vestidas. O Schuylkill congelou tão rápido e grosso que à noite havia homens acendendo fogueiras em sua superfície, assando carne de boi em espetos. Sempre que Alma dava um passo para fora de casa, o vento a golpeava, a agarrava e se enrolava nela como um manto duro e gelado.

Parou de dormir em seu quarto. Quase parou de dormir. Estava mais ou menos morando na cocheira desde o confronto com Ambrose; não conseguia se imaginar dormindo em seu leito conjugal novamente. Deixou de fazer as refeições com a família e comia no jantar a mesma comida do café da manhã: caldo e pão, leite e melado. Sentia-se letárgica, trágica e levemente homicida. Andava irritadiça e impaciente exatamente com as pessoas que lhe eram mais amáveis — Hanneke de Groot, por exemplo —, e deixou de lado qualquer cuidado e preocupação com gente como a irmã, Prudence, ou a coitada da velha amiga Retta. Evitava o pai. Mal mantinha em dia as tarefas oficiais de White Acre. Reclamou com Henry que ele a tratava de forma injusta — que sempre a tratara como uma criada.

“Nunca aleguei ser justo!”, ele berrou, e mandou-a de volta ao exílio na cocheira até que ela retomasse o domínio de si mesma.

Tinha a impressão de que o mundo escarnecia dela, portanto era difícil encarar o mundo.

Alma sempre tivera uma compleição robusta e jamais conhecera as desolações dos acamados, mas nesse primeiro inverno após a partida de Ambrose, ela achava difícil sequer se levantar de manhã. Perdeu o ímpeto pelos estudos. Não conseguia entender o que a levava a se interessar por musgos — ou por qualquer coisa. Todos os interesses antigos estavam cobertos de ervas daninhas. Não convidava ninguém a White Acre. Não tinha vontade. As conversas eram um tédio insuportável; o silêncio era ainda pior. Seus pensamentos eram uma nuvem de veneno que não lhe faziam bem nenhum. Caso uma criada ou um jardineiro ousasse cruzar seu caminho, era grande a probabilidade de que berrasse “Por que ninguém me dá nem um instante de privacidade?” e saísse pisando forte na direção oposta.

Em busca de respostas a respeito de Ambrose, ela revirou o escritório dele, que o havia deixado intacto. Achou um caderno cheio de seus escritos na primeira gaveta da escrivaninha. Não tinha o direito de ler tamanha relíquia da privacidade, e sabia disso, porém dizia a si mesma que, se Ambrose tivesse a intenção de guardar segredo de seus pensamentos mais íntimos, não teria posto seus registros em um lugar tão óbvio quanto a primeira gaveta destrancada da escrivaninha. O caderno, no entanto, não lhe dava respostas. Aliás, a confundia e assustava ainda mais. As folhas não eram tomadas nem de confissões nem de ânsias, tampouco era um simples registro de transações cotidianas, como os diários que seu pai fazia. Nenhuma das entradas era sequer datada. Muitas das frases mal eram orações — apenas fragmentos de reflexões, seguidas de traços longos e elipses:

Qual é a tua vontade—? ... Um eterno esquecimento de toda discórdia... almejar apenas o que é vigoroso e puro, conforme o padrão divino da autonomia por si só... Descobrir que todos os cantos contêm aquilo que é afeição... Os anjos se contorcem tão dolorosamente contra si mesmos e alinham a carne? Tudo que é corrompido dentro de mim ser incessante e recuperado com uma reforma não automutiladora! ... Ser minucioso — regenerado! — na firmeza benevolente! ... Somente por meio do fogo roubado ou do conhecimento roubado a sabedoria progride! ... Não há força na ciência, e sim na compilação dos dois — o eixo em que o fogo dá à luz a água... Cristo, seja meu mérito, ponha dentro de mim o exemplo! ... TÓRRIDA fome, quando saciada, dá luz somente a mais fome!

Eram folhas e mais folhas assim. Eram confetes de pensamento. Começavam do nada, levavam a nada e não concluíam nada. No universo da botânica, esse linguajar confuso seria chamado de *Nomina Dubia* ou *Nomina Ambigua* — isto é, nomes equivocados e obscuros de plantas que impossibilitam a classificação dos espécimes.

Uma tarde, Alma acabou sucumbindo e rasgando os selos do papelzinho dobrado com esmero que Ambrose lhe dera de presente de casamento — o objeto, a mensagem de amor que ele pedira com todas as letras que ela nunca abrisse. Ela desfez as dobras e esticou o papel. No meio da folha havia uma palavra, escrita com sua letra elegante, inconfundível: ALMA.

Inútil.

Quem era aquela pessoa? Ou melhor — quem tinha sido? E quem era Alma, agora que ele tinha ido embora? *O que* era ela, se questionou ainda? Era uma virgem casada que dividira um leito casto com o jovem e delicado marido por pouco mais de um mês. Podia sequer se chamar de esposa? Acreditava que não. Não conseguia mais suportar que se referissem a ela como “sra. Pike”. O sobrenome era uma piada cruel, e vociferava com qualquer pessoa que ousasse usá-lo. Continuava a ser Alma Whittaker, e sempre fora Alma Whittaker.

Era inevitável pensar que, se pelo menos fosse uma mulher mais bonita ou mais jovem, talvez tivesse convencido o marido a amá-la como um marido deveria. Por que Ambrose sequer a marcara como candidata a um *mariage blanc*? Sem dúvida era porque parecia adequada ao papel: uma figura feiosa, sem atrativos. Também se torturou ponderando se deveria ter se educado para aguentar a humilhação que era o casamento deles, como o pai sugerira. Talvez devesse ter aceitado as condições de Ambrose. Caso tivesse sido capaz de engolir o orgulho ou suprimir seus desejos, ainda o teria a seu lado naquele momento — o companheiro de seus dias. Talvez um indivíduo mais forte tivesse conseguido suportar a situação.

Havia apenas um ano, era uma mulher satisfeita, útil e diligente, que nunca tinha ouvido falar de Ambrose Pike, e agora sua existência tinha sido destruída por ele. Essa pessoa havia chegado, ele a iluminara, ele a encantara com noções de milagre e beleza, ele a entendera e ao mesmo tempo entendera mal, se casara com ela, partira seu coração, olhara para ela com aqueles olhos tristes e desesperançados, aceitara seu banimento, e agora estava longe. Que coisa dura e atordoante era a vida — que fosse possível tamanho cataclismo entrar e sair a tal velocidade e deixar para trás tamanha ruína!

As estações passaram, porém de má vontade. Já era 1850. Alma acordou numa noite do início de abril de um pesadelo brutal, sem rosto. Estava apertando o próprio pescoço, se engasgando em seco com as últimas migalhas de terror. Em pânico, tomou uma atitude esquisitíssima. Pulou do sofá na cocheira e correu de pés descalços pelo gramado congelado, atravessou a trilha de cascalho, o jardim grego da mãe e entrou em casa. Deu a volta na casa às pressas para chegar à porta da cozinha, nos fundos, e empurrou-a, o coração disparado e os pulmões ofegantes. Correu escada abaixo — seus pés conheciam cada um dos degraus gastos de madeira em meio à escuridão — e só parou de correr quando chegou

às grades que rodeavam o quarto de Hanneke de Groot, no canto mais quente do porão. Agarrou as grades e balançou-as como uma presidiária enlouquecida.

“Hanneke!”, Alma berrou. “Hanneke, estou com medo!”

Se tivesse parado ao menos um instante entre o despertar e a corrida, talvez se contivesse. Era uma mulher de cinquenta anos correndo para os braços da antiga babá. Era ridículo. Mas não se conteve.

“*Wie is daar?*”, Hanneke gritou, assustada.

“*Ik ben het, Alma!*”, disse ela, recaindo no caloroso e familiar holandês. “Você tem que me ajudar! Tive sonhos ruins.”

Hanneke se levantou e destrancou o portão, descontente e confusa. Alma correu para seus braços — aqueles grandes presuntos salgados que eram seus braços — e chorou feito uma criança. Surpresa, mas se adaptando à situação, Hanneke levou Alma até a cama e sentou-a, abraçando-a e deixando que ela soluçasse.

“Calma, calma”, disse Hanneke. “Não vai matá-la.”

Porém, Alma achava que *iria* matá-la a intensidade da tristeza. Não conseguia sondar o fundo daquilo. Vinha se afundando havia um ano e meio, e temia que fosse se afundar para sempre. Chorou no pescoço de Hanneke, trazendo à tona com seus soluços a colheita de sua longa melancolia. Devia ter derramado tanques de lágrimas no peito de Hanneke, mas Hanneke não se mexeu nem falou, exceto para repetir: “Calma, calma, criança. Não vai matá-la.”

Quando Alma enfim se recompôs um pouco, Hanneke pegou um pano limpo e enxugou as duas com uma eficiência superficial, exatamente como teria enxugado as mesas da cozinha.

“É preciso suportar aquilo a que não podemos escapar”, ela disse a Alma, ao limpar-lhe o rosto. “Você não vai morrer pela dor do luto — assim como nenhum de nós morreu por causa disso.”

“Mas como é possível suportar?”, Alma suplicou.

“Através do cumprimento honrado das responsabilidades que temos”, declarou Hanneke. “Não tenha medo de trabalhar, menina. É assim que você encontrará alívio. Se você tem saúde para chorar, tem saúde para trabalhar.”

“Mas eu o amava”, explicou Alma.

Hanneke suspirou. “Então cometeu um erro que custou caro. Você amou um homem que achava que o mundo era feito de manteiga. Você amou um homem que queria ver estrelas durante o dia. Ele era um tolo.”

“Ele não era um tolo.”

“Ele era *um tolo*”, Hanneke repetiu.

“Ele era peculiar”, retrucou Alma. “Não queria viver no corpo de homem mortal. Queria ser uma figura celestial — e queria que eu fosse assim também.”

“Bom, Alma, sou obrigada a dizer outra vez: ele era um tolo. No entanto, você o tratava como se ele fosse um visitante caído dos céus. Na verdade, vocês todos

o tratavam desse jeito!”

“Você acha que ele era um salafrário? Acha que ele tinha uma alma perversa?”

“Não. Mas também não era um visitante caído dos céus. Era só meio tolo, eu garanto. Seria um tolo inofensivo, mas você caiu nas garras dele. Bom, todo mundo cai nas garras da tolice de vez em quando, menina, e às vezes somos bobos de chegar a amá-la.”

“Homem nenhum vai me querer”, disse Alma.

“É provável que não”, Hanneke confirmou com firmeza. “Mas agora você vai ter que suportar isso — e não será a primeira. Já faz muito tempo que você vem se entregando a um pântano de tristeza, e sua mãe se envergonharia de você. Você está esmorecendo, e isso é uma desgraça. Você acha que é a única que sofre? Leia a sua Bíblia, Alma: este mundo não é o paraíso, e sim um vale de lágrimas. Acha mesmo que Deus abriu uma exceção para você? Olhe ao redor, o que você vê? Só existe angústia. É sofrimento para todos os lados. Se você não enxerga a tristeza à primeira vista, olhe com mais atenção. Você logo a verá.”

Hanneke falava em tom sério, mas a sonoridade de sua voz bastava para confortá-la. O holandês não era um idioma adorável como o francês, ou um idioma forte como o grego, ou um idioma nobre como o latim, mas, para Alma, era reconfortante como mingau. Queria pôr a cabeça no colo de Hanneke e ser repreendida para sempre.

“Sacode essa poeira!”, Hanneke prosseguiu. “Sua mãe vai me assombrar do túmulo se eu permitir que você vague por essa casa de sorriso amarelo, chafurdando na lama da tristeza, como você vem fazendo há meses. Seus ossos não estão quebrados, portanto trate de andar com as próprias pernas. Quer que a gente sofra por você eternamente? Alguém enfiou um galho no seu olho? Não, ninguém enfiou — então pare de se lastimar pelos cantos! Pare de dormir feito cachorro naquele sofá da cocheira. Cumpra os seus deveres. Cuide do seu pai — você não está vendo que ele está doente e idoso e que vai morrer em breve? E me deixe em paz. Estou velha demais para essas bobagens, e você também está. A essa altura da vida, depois de tudo que lhe foi ensinado, seria uma pena você não ser capaz de ter mais domínio de si. Volte para o seu quarto, Alma — o seu quarto *verdadeiro*, nesta casa. Amanhã, você vai tomar o café na mesa com todos nós, como sempre fez, e, além disso, espero vê-la devidamente vestida para o dia quando se sentar à mesa. E você vai comer tudo, e vai agradecer à cozinha. Você é uma Whittaker, menina. Trate de se restabelecer. Já chega disso.”

Assim, Alma seguiu o que lhe fora dito. Voltou, ainda que intimidada e fatigada, para o quarto. Voltou à mesa do café da manhã, aos seus deveres para com o pai, à administração de White Acre. Da melhor maneira possível, ela voltou à vida

que tinha antes do advento de Ambrose. Não havia cura para as fofocas das criadas e dos jardineiros, mas — como Henry previra — uma hora eles passaram a outros escândalos e dramas, e de modo geral pararam de tagarelar sobre os infortúnios de Alma.

Ela mesma não se esqueceu dos infortúnios, mas remendou as fendas na trama de sua vida da melhor maneira que conseguiu, e seguiu em frente. Reparou pela primeira vez que a saúde do pai de fato deteriorava, e rapidamente, como Hanneke de Groot havia dito. Isso não deveria ser uma surpresa (o homem tinha noventa anos!), mas ela sempre o vira como um colosso, como um exemplo de ser humano invencível, que a recente fragilidade a impressionava e assustava. Henry passava períodos mais longos no quarto, sem esconder a falta de interesse nos problemas referentes a negócios importantes. A visão estava embaçada; a audição era quase inexistente. Ele precisava de uma corneta acústica para escutar qualquer coisa. Precisava de Alma tanto mais como menos do que sempre precisara: mais como enfermeira, menos como secretária. Ele nunca mencionava Ambrose. Ninguém mencionava. Relatórios mandados por Dick Yancey davam conta de que as plantações de baunilha finalmente geravam frutos. Foi o mais perto que Alma chegou de ouvir notícias do marido perdido.

No entanto, Alma nunca deixou de pensar nele. O silêncio da gráfica ao lado de seu escritório na coqueira era um lembrete constante da ausência dele, bem como o descuido poeirento do orquidário e o tédio na mesa de jantar. Precisava ter umas conversas com George Hawkes sobre a iminente publicação do livro de orquídeas de Ambrose — que Alma agora supervisionava. Também era um lembrete, e muito doloroso. Mas não podia fazer nada. Não dá para apagar todos os lembretes. Na verdade, não dá para apagar lembrete *nenhum*. Sua tristeza era incessante, mas a mantinha em quarentena num cantinho administrável do coração. Era o máximo que podia fazer.

Mais uma vez, como fizera em outros momentos de solidão, ela se concentrou no trabalho em busca de conforto e distração. Voltou a trabalhar em *Os musgos da América do Norte*. Voltou aos penedos e inspecionou suas bandeirinhas e marcações. Observou mais uma vez o avanço ou declínio vagaroso de uma subespécie em comparação com a outra. Revisitou a ideia que tivera dois anos antes — naquelas semanas inebriantes e alegres antes do casamento — a respeito das similaridades entre algas e musgos. Não conseguia retomar sua confiança desenfreada que tivera nesse conceito, porém ainda lhe parecia totalmente possível que a planta aquática tivesse se transformado na planta terrestre. Havia algo ali, um tipo de confluência ou ligação, mas não conseguia resolver a charada.

Procurando por respostas, buscando ocupação intelectual, ela voltou a atenção para os debates correntes sobre mutações das espécies. Releu Lamarck de novo, e com cuidado. Lamarck tinha conjecturado que a transmutação biológica

ocorria por causa do uso exagerado ou falta de uso de uma parte específica do corpo. Ele alegava, por exemplo, que a girafa tinha o pescoço tão comprido porque algumas girafas ao longo da história tinham se esticado tanto, para se alimentar da copa das árvores, que haviam *feito* seus pescoços realmente crescerem durante a vida. Então passaram o atributo — alongamento do pescoço — aos filhotes. Num caso oposto, os pinguins tinham asas tão inúteis porque haviam parado de usá-las. As asas foram atrofiadas pela falta de uso, e essa característica — um par de membros curtos e incapazes de alçar voo — foi passada para a prole dos pinguins, moldando a espécie.

Era uma teoria provocativa, mas não fazia total sentido para Alma. Segundo o raciocínio de Lamarck, ela avaliava, mais transmutações deveriam estar acontecendo na terra do que de fato aconteciam. De acordo com essa lógica, Alma ponderou, o povo judeu, após séculos de prática da circuncisão, já deveria gerar meninos nascidos sem prepúcio há muito tempo. Homens que passavam a vida inteira barbeando o rosto deveriam gerar filhos cujas barbas jamais cresceriam. Mulheres que cacheavam os cabelos todos os dias deveriam gerar filhas de cabelos cacheados. Estava claro que nada disso acontecia.

Contudo as coisas *mudavam* — Alma tinha certeza. Também não era só Alma que acreditava nisso. Quase todo mundo no mundo científico discutia a possibilidade de que as espécies pudessem mudar de uma coisa para outra — não diante de seus olhos, talvez, mas no decorrer de longos períodos. Eram extraordinárias as teorias e batalhas que assolavam o tópico. Apenas recentemente a palavra “cientista” tinha sido cunhada pelo polímata William Whewell. Muitos eruditos se opuseram a esse termo novo e brusco, já que tinha uma similitude sinistra com a sonoridade da tenebrosa palavra “ateísta”; não seria melhor simplesmente continuarem a se denominar “filósofos naturais”? Essa designação não era mais sacra, mais pura? Porém, divisões estavam sendo traçadas entre o âmbito da natureza e o âmbito da filosofia. Sacerdotes que faziam as vezes de botânicos ou geólogos se tornavam cada vez mais raros, já que a investigação do mundo natural incitava objeções demais às verdades bíblicas. Antigamente Deus se revelava nas maravilhas da natureza; agora Deus era desafiado por essas mesmas maravilhas. Agora os estudiosos tinham de escolher um lado ou o outro.

Enquanto velhas certezas estremeciam e vibravam nas bases em eterna erosão, Alma Whittaker — sozinha em White Acre — cedia às próprias ideias perigosas. Refletia sobre Thomas Malthus, com suas teorias acerca do crescimento populacional, doença, cataclismo, fome e extinção. Refletia sobre as magníficas novas fotografias da lua feitas por William Draper. Refletia sobre a teoria de Louis Agassiz de que o mundo já tinha atravessado uma Era Glacial. Um dia fez uma longa caminhada até o museu da Sansom Street para ver a ossatura totalmente reconstruída de um mastodonte gigante, que a levou a pensar

outra vez na antiguidade deste planeta — de todos os planetas, aliás. Reconsiderou as algas e os musgos, e como uma poderia ter se transformado no outro. Voltou a se concentrar no *Dicranum*, questionando de novo como esse gênero específico de musgo podia existir de formas cujos detalhes eram tão diversos; o que o moldara em centenas e mais centenas de silhuetas e aspectos diferentes?

No final de 1850, George Hawkes trouxe ao mundo o livro de orquídeas de Ambrose — uma obra luxuosa e cara intitulada *As orquídeas da Guatemala e do México*. Todo mundo que se deparava com o livro declarava Ambrose Pike o melhor artista botânico da época. Todos os jardins mais proeminentes queriam incumbir o sr. Pike de documentar suas coleções, mas Ambrose Pike estava sumido — perdido do outro lado do mundo, cultivando baunilha, bem longe de seu alcance. Alma sentia culpa e vergonha por isso, mas não sabia o que fazer quanto à situação. Passava tempo com o livro todos os dias. A beleza da obra de Ambrose lhe causava dor, mas ao mesmo tempo não conseguia ficar longe dela. Tomou providências para que George Hawkes enviasse um exemplar do livro para Ambrose no Taiti, mas nunca soube se o tomo chegou ao destino. Tomou providências para que a mãe de Ambrose — a formidável sra. Constance Pike — recebesse todo o lucro obtido com o livro. Isso incitou algumas trocas educadas de missivas entre Alma e a sogra. A sra. Pike, muito infelizmente, acreditava que o filho havia fugido da nova esposa para realizar seus sonhos temerários — e Alma, mais infelizmente ainda, não tratou de corrigir o engano.

Uma vez por mês, Alma visitava a velha amiga Retta no Hospício Griffon. Retta não sabia mais quem era Alma — nem, ao que parecia, sabia quem era ela mesma.

Alma não via a irmã Prudence, mas tinha notícias vez por outra: pobreza e abolição, abolição e pobreza, sempre a mesma história macabra.

Alma pensou em todas essas coisas, mas não soube que conclusão tirar delas. Por que a vida delas tinha seguido esse rumo, e não outro? Pensou de novo nos quatro tipos diferentes e concomitantes de tempo, como outrora os nomeara: Tempo Divino, Tempo Geológico, Tempo Humano, Tempo do Musgo. Ocorreu-lhe que tinha passado grande parte da vida desejando que pudesse viver no âmbito lento e microscópico do Tempo do Musgo. Era um desejo bastante esquisito, mas então conheceu Ambrose Pike, cujos anseios eram ainda mais extremos do que os seus: ele queria viver no eterno vazio do Tempo Divino — isto é, ele queria viver fora do tempo como um todo. Queria que ela vivesse assim junto com ele.

Uma coisa era certa: o Tempo Humano era o tipo de tempo mais triste, insano, o mais devastador que já tinha existido. Fez todo o esforço possível para ignorá-lo.

Apesar disso, os dias passavam.

No início de maio de 1851, em uma manhã fria e chuvosa, uma carta endereçada a Henry Whittaker chegou a White Acre. Não havia endereço para resposta, mas as bordas do envelope tinham sido pintadas com margem preta, o que indicava luto. Alma lia todas as cartas de Henry, portanto também abriu esse envelope quando estava cumprindo o dever de atualizar as correspondências no escritório do pai.

Prezado sr. Whittaker,

Escrevo hoje tanto para me apresentar como para dar notícias lastimáveis. Meu nome é reverendo Francis Welles e sou missionário na baía de Matavai, Taiti, há trinta e sete anos. Algumas vezes, no passado, fiz negócios com o seu agradável representante, o sr. Yancey, que sabe que sou um amador entusiástico no campo da botânica. Coletei amostras para o sr. Yancey e mostrei a ele lugares de interesse para a botânica, &c., &c. Ademais, lhe vendi espécimes marinhos, corais e conchas do mar — um interesse especial meu.

Nos últimos tempos, o sr. Yancey solicitou meu auxílio para preservar a plantação de baunilha que o senhor tem aqui — um empreendimento facilitado enormemente pela chegada, em 1849, de um jovem funcionário seu, cujo nome era sr. Ambrose Pike. Lamento ser o portador da notícia de que o sr. Pike faleceu, devido ao tipo de infecção que — com bastante facilidade neste clima tórrido — pode levar a vítima a morrer de forma ligeira e precoce.

Talvez o senhor deseje avisar à família dele que Ambrose Pike recebeu o chamado do nosso Senhor no dia 30 de novembro de 1850. Talvez também queira informar a seus entes queridos que o sr. Pike recebeu um enterro devidamente cristão e que providencie uma pequena lápide para marcar seu túmulo. Sinto muito pelo falecimento dele. Era um cavalheiro de grande integridade moral e caráter puríssimo. Não é fácil encontrar pessoas assim nestas bandas. Duvido que um dia eu conheça outro como ele.

Não posso lhe oferecer outro consolo que não a certeza de que agora ele está em um lugar melhor e de que jamais sofrerá as indignidades da velhice.

Com o mais sincero pesar,

Reverendo F. P. Welles

A notícia atingiu Alma com a força de uma cabeça de machado golpeando o granito: retinia em seus ouvidos, gelava seus ossos e soltava faíscas diante dos olhos. Arrancou a lasca de alguma coisa de dentro dela — a lasca de algo muito importante — e essa lasca rodopiou pelos ares e nunca mais seria encontrada. Caso não estivesse sentada, teria desmoronado. Assim, ela desfaleceu sobre a escrivaninha do pai, o rosto espremido contra a carta muito gentil e atenciosa do reverendo F. P. Welles, e chorou como se tentasse derrubar todas as nuvens da abóbada celeste.

Como poderia sofrer ainda mais por Ambrose do que já havia sofrido? No entanto sofreu. Existe dor por baixo da dor, ela logo descobriu, assim como existe estrato debaixo de estrato no fundo do mar — e ainda mais estrato abaixo dele, se alguém continuar escavando. Ambrose estava longe dela havia muito tempo, e ela devia saber que ficaria longe para sempre, mas nunca pensara na possibilidade de ele morrer antes dela. A simples mágica da aritmética deveria impedir que isso acontecesse: ele era bem mais jovem do que ela. Como era possível ele morrer primeiro? Ele era a imagem da juventude. Ele era a antologia de toda a inocência já conhecida pela juventude. Entretanto, estava morto e ela estava viva. Ela o mandara para a morte.

Existe um grau de tristeza tão profundo que deixa de parecer tristeza. A dor se torna tão forte que o corpo não é mais capaz de senti-la. A tristeza se cauteriza, forma cicatriz, evita emoções inflamadas. Esse torpor é uma espécie de clemência. Foi esse o grau de tristeza que Alma atingiu depois de levantar o rosto da escrivanhinha do pai, depois de parar de chorar.

Ela seguiu em frente como se manipulada por uma força externa abrupta, implacável. A primeira coisa que fez foi contar ao pai a triste notícia. Encontrou-o deitado na cama, olhos fechados, grisalho e extenuado, parecendo a máscara da morte em si. Foi constrangedor, mas teve de gritar a notícia na corneta acústica de Henry para que ele entendesse o que tinha ocorrido.

“Bom, lá se vai”, ele declarou e tornou a fechar os olhos.

Ela contou a Hanneke de Groot, que franziu os lábios, apertou as mãos contra o coração e disse apenas: “*God!*” — uma palavra igual em holandês e em inglês.

Alma escreveu uma carta a George Hawkes explicando o que tinha acontecido e agradecendo pela gentileza que ele tivera com Ambrose, e por honrar a memória do sr. Pike por meio do requintado livro das orquídeas. George respondeu imediatamente com um bilhete perfeito na ternura e no pesar cortês.

Pouco tempo depois, Alma recebeu uma carta da irmã Prudence, dando-lhe as condolências pela perda do marido. Não sabia quem tinha contado a Prudence. Ela não havia pedido. Mandou um bilhete de agradecimento a Prudence.

Ela escreveu uma carta ao reverendo Francis Welles, que assinou em nome do pai, lhe agradecendo por transmitir a triste notícia sobre o falecimento de seu funcionário mais respeitado, e perguntando se haveria alguma coisa que a família Whittaker pudesse fazer para recompensá-lo.

Ela mandou uma carta para a mãe de Ambrose, em que transcreveu cada palavra da missiva do reverendo Francis Welles. Teve receio de enviá-la. Alma sabia que Ambrose era o filho predileto, apesar do que a sra. Pike chamava de “seu jeito incontrolável”. Por que não seria o predileto dela? Ambrose era o predileto de todo mundo. A notícia a destruiria. Pior ainda, Alma achava inevitável a sensação de que ela tinha assassinado o filho preferido da mulher —

o melhor deles, a joia, o anjo de Framingham. Ao enviar a carta, Alma só podia esperar que a fé cristã da sra. Pike servisse para protegê-la pelo menos um pouco desse golpe.

Quanto a Alma, ela não tinha o conforto desse tipo de fé. Acreditava no Criador, mas nunca recorria a Ele em momentos de desespero — e tampouco o faria agora. A crença dela não era desse gênero. Alma aceitava e admirava o Senhor como autor e força motora do universo, mas na sua cabeça Ele era uma figura assustadora, distante e até impiedosa. Um ser capaz de criar um mundo onde o sofrimento era tão pungente não era um ser que se devia abordar em busca de consolo para os tormentos desse mesmo mundo. Para essa espécie de consolo, só era possível recorrer a pessoas como Hanneke de Groot.

Depois que os tristes deveres de Alma foram cumpridos — depois que todas as cartas sobre a morte de Ambrose foram redigidas e enviadas —, ela não tinha mais nada a fazer além de se adequar à viuvez, à vergonha e à tristeza. Mais por hábito do que vontade, voltou ao estudo dos musgos. Sem essa atividade, talvez ela também tivesse morrido. O pai ficava cada vez mais adoentado. As responsabilidades dela se acumulavam. O mundo se tornava menor.

E seria assim que o resto da vida de Alma transcorreria, se não fosse pela chegada — apenas cinco meses depois — de Dick Yancey, que subiu os degraus de White Acre a passos largos em uma bela manhã de outubro, levando na mão a valise de couro pequena e gasta outrora pertencente a Ambrose Pike e pedindo para dar uma palavrinha em particular com Alma Whittaker.

Capítulo dezenove

Alma conduziu Dick Yancey até o escritório do pai e fechou a porta. Nunca tinha ficado a sós com ele. Ele esteve presente em sua vida desde que se entendia por gente, mas sempre fez com que ela sentisse calafrios e inquietude. Sua estatura imponente, a brancura cadavérica, a careca luzidia, o olhar gélido, o perfil de machadinha — tudo isso se somava para criar uma figura realmente intimidante. Até agora, depois de conhecê-lo há quase cinquenta anos, Alma não conseguia definir a idade que ele tinha. Ele era eterno. Isso só o tornava ainda mais aterrorizante. O mundo inteiro temia Dick Yancey, e era exatamente isso o que Henry Whittaker queria. Alma jamais entendeu a lealdade de Yancey para com Henry, ou como Henry conseguia controlá-lo, mas uma coisa estava clara: a Whittaker Company não funcionaria sem aquele homem apavorante.

“Sr. Yancey”, disse Alma, apontando para a poltrona. “Rogo que o senhor fique à vontade.”

Ele não se sentou. Ficou de pé no meio do cômodo e segurou sem força a valise de Ambrose numa das mãos. Alma tentou não fitá-la — o único pertence do finado marido. Ela também não se sentou. Era evidente que não ficariam à vontade.

“Tem algum assunto que o senhor queira tratar comigo, sr. Yancey? Ou prefere ver o meu pai? Ele anda indisposto, como o senhor já sabe, mas hoje está num de seus melhores dias e está com a mente lúcida. Ele pode recebê-lo no quarto dele, se for mais conveniente para o senhor.”

Porém, Dick Yancey continuou mudo. Essa sua tática era famosa: o silêncio como arma. Quando Dick Yancey se calava, os que estavam por perto, nervosos, enchiam o ar de palavras. As pessoas falavam mais do que pretendiam. Dick Yancey observava detrás de sua fortaleza silenciosa os segredos fluírem. Depois levava os segredos a White Acre. Era uma finalidade de seu poder.

Alma decidiu não cair na armadilha e falar sem pensar. Assim, permaneceram em silêncio durante o que deve ter sido mais dois minutos. Então Alma não aguentou. Falou de novo: “Vejo que está com a valise do meu falecido marido. Imagino que o senhor esteve no Taiti e conseguiu reavê-la. O senhor veio para devolvê-la a mim?”

Ele nem se mexeu nem se pronunciou.

Alma prosseguiu. “Se o senhor está se perguntando se eu gostaria de ficar com

a valise, sr. Yancey, a resposta é sim — gostaria muito. Meu falecido marido era um homem de poucos pertences e significaria muito para mim guardar como lembrança o único objeto que sei que ele estimava enormemente.”

Ainda assim, ele continuou mudo. Será que ele a obrigaria a suplicar? Será que deveria pagar? Ele queria algo em troca? Ou — a ideia passou pela cabeça dela num lampejo errante, ilógico — ele teria algum motivo para hesitar? Será que estava em dúvida? Não havia como saber quando se tratava de Dick Yancey. Ele era inescrutável. Alma começou a sentir tanto impaciência como inquietação.

“Tenho de insistir, sr. Yancey”, ela disse, “para que o senhor se explique”.

Dick Yancey não era homem de dar explicações. Alma sabia disso tão bem quanto qualquer outra pessoa. Ele não desperdiçava palavras em banalidades como as explicações. Ele não desperdiçava palavras de jeito nenhum. Desde a mais tenra infância, na verdade, Alma raramente o ouvira dizer mais de três palavras em sequência. Quanto a esse dia, no entanto, Dick Yancey foi capaz de deixar clara sua opinião com apenas duas palavras, que agora rosnava pelo canto da boca enquanto passava ao lado de Alma e saía porta afora, enfiando a valise em seus braços ao esbarrar nela.

“Queime isso”, ele disse.

Alma passou uma hora sentada no escritório do pai com a valise, olhando fixo para o objeto como se tentasse determinar — através do exterior de couro gasto e manchado de sal — o que estava escondido ali dentro. Por que diabos Yancey teria dito aquilo? Por que se daria ao trabalho de trazer a valise do outro lado do planeta e agora orientar que ela a queimasse? Por que ele não a queimara, se era preciso queimá-la? E será que ele quis dizer que ela queimasse *depois* de abrir e examinar o conteúdo, ou *antes*? Por que hesitara tanto em entregar a valise?

Fazer qualquer uma dessas perguntas a ele, é claro, ia muito além do âmbito da possibilidade: ele já tinha ido embora havia muito tempo. Dick Yancey se movimentava numa velocidade improvável: poderia muito bem já estar na metade do caminho rumo à Argentina, pelo que ela sabia. Mesmo se tivesse permanecido em White Acre, no entanto, não teria respondido a mais nenhuma pergunta. Ela sabia disso. Esse tipo de conversa jamais faria parte do serviço de Dick Yancey. Só sabia que a preciosa valise de Ambrose agora estava em seu poder — bem como um dilema.

Resolveu levar o objeto para o próprio escritório, na cocheira, a fim de contemplá-lo com privacidade. Pôs no divã do canto — onde Retta conversava com ela tantos anos antes, onde Ambrose se esparramava confortavelmente com as pernas para fora, e onde Alma dormira nos meses sombrios após a partida de Ambrose. Estudou a valise. Tinha cerca de sessenta centímetros de comprimento, quarenta e cinco de largura e quinze de profundidade — um retângulo simples de couro de vaca barato, cor de mel. Era arranhada,

manchada e modesta. A alça tinha sido remendada com arame e cordão de couro diversas vezes. Os gonços foram corroídos pela maresia e o tempo. Mal dava para ver, acima da alça, o monograma em alto-relevo “A.P.”. Duas tiras de couro davam a volta na valise para fechá-la, como cilhas em torno da barriga de um cavalo.

Não havia fecho, o que era típico de Ambrose. Era de natureza tão crédula — ou melhor, tinha sido. Talvez, caso houvesse fecho na valise, ela não a abrisse. Talvez tivesse lhe bastado um leve indício de sigilo para recuar. Ou talvez não. Alma era o tipo de pessoa que nascera para investigar as coisas apesar das consequências, mesmo se fosse necessário quebrar um fecho.

Não teve nenhuma dificuldade para abrir a valise. Havia ali dentro um paletó dobrado de cotelê marrom, que reconheceu de imediato, o que lhe causou um nó na garganta de emoção. Ela o pegou e o apertou contra o rosto na esperança de sentir um pouco do cheiro de Ambrose em suas fibras, mas só conseguiu detectar um vestígio de mofo. Debaixo do paletó achou um maço volumoso de papéis: esboços e desenhos em papel grande e áspero da cor de casca de ovo. O primeiro desenho era um retrato da árvore tropical *Pandanus*, reconhecível à primeira vista pelas folhas espiraladas e as raízes grossas. Ali estava a mão virtuosa de Ambrose para a botânica em ação, na perfeição dos detalhes que lhe era típica. Era apenas um esboço a lápis, mas era magnífico. Alma o examinou, depois o deixou de lado. Debaixo desse desenho havia outro — um detalhe da flor de baunilha, feito com tinta e pintado com delicadeza, que quase tremulava na folha.

Alma sentiu a esperança crescer dentro de si. A valise, portanto, guardava as impressões botânicas de Ambrose no Pacífico Sul. Era reconfortante em inúmeros aspectos. Em primeiro lugar, queria dizer que Ambrose encontrara consolo na arte durante a estadia no Taiti, em vez de simplesmente definhar num desespero ocioso. Em segundo, ao tomar posse desses retratos, Alma teria *algo mais* de Ambrose agora — algo primoroso e tangível que serviria de lembrança dele. Acima de tudo, aqueles desenhos seriam uma janela para os seus anos derradeiros: ela poderia ver o que ele tinha visto como se olhasse através dos olhos dele.

O terceiro desenho era de um coqueiro, esboçado com simplicidade e rapidez, inacabado. O quarto desenho, no entanto, pegou-a de surpresa. Era um rosto. Tratava-se de uma surpresa, já que Ambrose — até onde Alma sabia — nunca tinha demonstrado interesse em retratar a figura humana. Ambrose não era retratista e nunca declarara sê-lo. Todavia, ali estava um retrato, feito com pena e tinta pela mão precisa de Ambrose. Era o perfil direito da cabeça de um jovem. As feições evidenciavam sua origem polinésia. Maçãs largas, nariz achatado, lábios carnudos. Atraente e forte. Cabelos curtos como os de um europeu.

Alma passou ao esboço seguinte: outro retrato do mesmo jovem, de perfil esquerdo. O retrato seguinte era de um braço masculino. Não era o braço de Ambrose. O ombro era mais largo que o dele, o antebraço mais forte. Depois vinha um desenho minucioso de um olho humano. Não era o olho de Ambrose (Alma reconheceria o olho de Ambrose em qualquer lugar). Era o olho de outra pessoa, diferente pelos cílios emplumados.

Em seguida havia um estudo de corpo inteiro de um jovem, nu, de costas, aparentemente se distanciando do artista. As costas eram largas e musculosas. Todas as costelas foram meticulosamente reproduzidas. Outro nu mostrava o jovem apoiado no coqueiro. Seu rosto já era familiar para Alma — a mesma testa orgulhosa, os mesmos lábios grandes, os mesmos olhos amendoados. Ali, ele parecia um pouco mais novo do que nos outros desenhos — não mais que um menino. Talvez dezesete ou dezoito anos.

Não havia mais nenhum estudo botânico. Todos os desenhos, esboços e aquarelas que restavam na valise eram nus. Deviam ser mais de uma centena — todos do mesmo jovem local de cabelo curto europeu. Em alguns, ele parecia dormir. Em outros, estava correndo, ou segurando uma lança, ou levantando uma pedra, ou puxando uma rede de pesca — não muito diferente dos atletas e semideuses nas cerâmicas gregas da Antiguidade. Em nenhuma das imagens ele usava alguma peça de roupa — nem mesmo sapato. Na maioria dos estudos, seu pênis estava flácido e relaxado. Em outros definitivamente não estava. Nesses, o rosto do jovem se voltava para o retratista com uma candura franca, talvez até divertida.

“Meu Deus”, Alma se pegou dizendo em voz alta. Em seguida percebeu que vinha dizendo isso o tempo todo, a cada retrato novo e chocante.

Meu Deus, meu Deus, meu Deus.

Alma Whittaker era uma mulher de avaliações rápidas e estava longe de ser ingênua do ponto de vista sensual. A única conclusão possível de ser tirada a respeito do conteúdo da valise era esta: Ambrose Pike — um exemplo de pureza, o anjo de Framingham — era sodomita.

Sua mente voltou à primeira noite dele em White Acre. Durante o jantar, ele deslumbrou os dois, Henry e Alma, com suas ideias sobre a polinização manual das orquídeas de baunilha no Taiti. O que ele tinha dito mesmo? Seria muito fácil, ele prometeu: *Só são necessários garotinhos de dedos pequenos e varas pequenas.* Parecera um gracejo. Agora, ecoando o passado, soava perverso. Mas também respondia muitas coisas. Ambrose fora incapaz de consumir o casamento não porque Alma era velha, não porque Alma era feia, e não porque ele queria se igualar aos anjos — mas porque ele queria garotinhos de dedos pequenos e varas pequenas. Ou garotões, de acordo com aqueles desenhos.

Meu Deus, o que ele a fizera passar! As mentiras que ele contou! As manipulações! A repugnância que ele a levava a sentir de si mesma por seus

desejos completamente naturais. A maneira como ele a olhara da banheira naquela tarde em que enfiara os dedos dele na sua boca — como se ela fosse uma espécie de súcubo, pronta para devorar sua carne. Ela se recordou de uma frase de Montaigne, algo que lera havia muitos anos, de que nunca se esqueceu e que agora lhe parecia terrivelmente pertinente: “Essas são duas coisas que sempre observei estarem em perfeita harmonia: opiniões supercelestes e conduta subterrânea.”

Foi feita de boba por Ambrose e suas opiniões supercelestiais, seus sonhos grandiosos, sua falsa inocência, sua pretensa religiosidade, sua conversa magnânima sobre a comunhão com o divino — e olha onde ele acabou! Em um paraíso vulgar, com um garoto receptivo e um belo pau ereto!

“Seu duas caras filho de uma vadia”, ela exclamou em voz alta.

Outra mulher talvez tivesse ouvido o conselho de Dick Yancey sobre queimar a valise e tudo o que havia nela. Alma, no entanto, tinha muito pendor de cientista para queimar qualquer tipo de evidência. Pôs a valise debaixo do divã do escritório. Ninguém a acharia ali. Ninguém entrava naquele cômodo, de qualquer modo. Avesa a interrupções no trabalho, ela nunca permitia que ninguém além de si mesma sequer limpasse o escritório. Ninguém ligava para o que uma velha solteirona fazia numa sala cheia de microscópios bobos, livros enfadonhos e frascos de musgo seco. Ela era uma boba. Sua vida era uma comédia — uma comédia terrível, triste.

Foi jantar e não deu atenção à comida.

Quem mais sabia daquilo?

Ouvira as piores fofocas a respeito de Ambrose nos meses seguintes ao casamento — ou pensava ter ouvido —, mas não se lembrava de terem-no acusado de ser um maricas. Então será que tinha sodomizado os cavaleiros? Ou os jovens jardineiros? Era isso o que ele fazia? Mas quando o teria feito? Alguém teria dito alguma coisa. Estavam sempre juntos, Alma e Ambrose, e segredos tão obscenos não ficam em segredo por muito tempo. Boatos são uma moeda preciosa que fazem buracos no bolso e sempre acabam sendo gastos. Entretanto, ninguém disse nada.

Será que Hanneke sabia? Alma se perguntou, olhando para a velha governanta. Era por isso que se opunha a Ambrose? *Nós não o conhecemos*, ela dissera, inúmeras vezes...

E quanto a Daniel Tupper, de Boston — o melhor amigo de Ambrose? Teria sido mais que um amigo? O telegrama que enviara no dia do casamento, MUITO BEM PIKE — seria uma espécie de código insolente? Porém, Daniel Tupper era um homem casado com a casa cheia de filhos, Alma se lembrou. Ou era isso o que Ambrose dizia. Não que fosse relevante. As pessoas podiam ser várias coisas, aparentemente, e todas ao mesmo tempo.

E quanto à mãe? Será que a sra. Constance Pike sabia? Era a isso que se referia quando escrevera: “Rezo para que um casamento digno o impeça de fugir às suas responsabilidades morais”? Por que Alma não tinha lido aquela carta com mais atenção? Por que não investigara?

Como foi que deixou passar despercebido?

Após o jantar, andou de um lado para outro em seus aposentos. Sentia-se dividida e deslocada. Sentia-se inundada de curiosidade, lustrada pela raiva. Incapaz de se conter, voltou à cocheira. Entrou na gráfica que tinha montado com tanto cuidado (e tantas despesas) para Ambrose havia mais de três anos. Todas as máquinas estavam debaixo de lençóis, e a mobília também. Achou o caderno de Ambrose de novo na primeira gaveta de sua escrivaninha. Abriu-o numa página qualquer e encontrou uma amostra do disparate conhecido, místico:

Nada existe além da MENTE, e ela é impulsionada pela FORÇA... Para não escurecer o dia, para não brilhar em troca... Abolir as aparências, abolir as aparências!

Ela fechou o caderno e soltou um ruído grosseiro. Não aguentava nem mais uma palavra. Por que o homem nunca era *claro*?

Voltou para o escritório dela e tirou a valise debaixo do divã. Dessa vez examinou de forma mais metódica o conteúdo. Não era uma tarefa agradável, mas achava necessário. Revistou as beiradas da valise em busca de um compartimento secreto ou qualquer coisa que não tivesse notado no primeiro exame. Revirou os bolsos do paletó puído de Ambrose, mas achou somente um toco de lápis.

Depois voltou aos retratos — os três desenhos habilidosos de plantas e as dezenas de desenhos obscenos do mesmo belo rapaz. Se questionou se, numa análise mais minuciosa, poderia chegar a outra conclusão, mas não: os retratos eram diretos demais, sensuais demais, íntimos demais. Não existia outra maneira de interpretar aquilo. Alma se concentrou nos nus e percebeu algo escrito no verso, na adorável e graciosa letra de Ambrose. Estava espremido num canto, como uma assinatura vaga e modesta. Mas não se tratava de uma assinatura. Eram duas palavras apenas, em letras minúsculas: *amanhã cedo*.

Alma virou outro nu e viu, no mesmo canto direito ao pé da folha, as mesmas duas palavras: *amanhã cedo*. Um a um, ela virou os desenhos. Todos diziam a mesma coisa, na mesma letra familiar e elegante: *amanhã cedo, amanhã cedo, amanhã cedo...*

O que queria dizer com isso? Seria tudo um código demoníaco?

Ela pegou um papel e separou as letras de “amanhã cedo”, reorganizando-as em outras palavras e frases:

CHAMA AONDE

ACHADO AMEN

ACANHO DA ME

Nada disso fazia sentido. Nem traduzir as palavras para francês, holandês, latim, grego ou alemão levava a esclarecimentos. Nem lê-las de trás para a frente, nem atribuir números correspondentes a seus lugares no alfabeto. Talvez, então, não fosse um código. Talvez fosse um adiamento. Talvez algo sempre fosse acontecer com o menino *amanhã cedo*, ou ao menos segundo Ambrose. Bom, era bem o estilo de Ambrose, em todo caso: misterioso e irritante. Talvez estivesse simplesmente adiando a consumação com o lindo muso local: “Não vou sodomizá-lo agora, rapaz, mas esta será a primeira coisa que farei *amanhã cedo*!” Vai ver que era assim que se mantinha puro, diante da tentação. Talvez nunca tivesse tocado no garoto. Então, para que desenhá-lo nu, para início de conversa?

Outra ideia passou pela cabeça de Alma: aqueles desenhos teriam sido encomendados? Será que alguém — outro sodomita, talvez, só que rico — pagou a Ambrose para que fizesse retratos do garoto? Mas para que Ambrose precisaria de dinheiro se Alma tomara todo o cuidado para que ele fosse tão bem provido? E por que aceitaria tal encomenda se era uma pessoa de sensibilidade tão apurada — ou fingia sê-lo? Se sua integridade moral era mero fingimento, então estava claro que dera continuidade à representação até depois de partir de White Acre. A reputação que tinha no Taiti não era de degenerado, senão o reverendo Francis Welles não teria se dado ao trabalho de elogiar Ambrose Pike como “um cavalheiro de grande integridade moral e caráter puríssimo”.

Por que, então? Por que *esse* garoto? Por que um garoto nu e excitado? Por que um companheiro jovem e belo com feições tão singulares? Por que se esforçar tanto para fazer *tantos* retratos? Por que não desenhar flores? Ambrose amava flores e o Taiti era inundado de flores! Quem era esse muso? E por que Ambrose chegou à morte planejando constantemente fazer alguma coisa com o garoto — e fazê-lo, para sempre e infinitamente, *amanhã cedo*?

Capítulo vinte

Henry Whittaker estava morrendo. Era um homem de noventa e um anos, portanto não deveria ser nenhum choque, mas Henry estava chocado e furioso por se ver nesse estado tão degradado. Fazia meses que não andava e mal conseguia respirar fundo, mas ainda assim era incapaz de acreditar em seu destino. Preso à cama, fraco e humilhado, seus olhos se arrastavam sem parar pelo ambiente, como se procurasse um meio de escapar. Parecia que tentava achar alguém para intimidar, subornar ou persuadir a mantê-lo vivo. Não conseguia acreditar que não tinha como escapar disso. Estava consternado.

Quanto mais consternado ficava, mais Henry tiranizava as pobres enfermeiras. Queria suas pernas esfregadas constantemente, e — temendo a asfixia por causa dos pulmões inflamados — exigia que a cabeceira da cama fosse inclinada num ângulo íngreme. Recusava travesseiros por medo de ser sufocado durante o sono. Ficava cada dia mais beligerante, embora definhasse. “Que bagunça miserável você fez nesta cama!”, ele berrava para uma garota pálida e assustada que saía correndo do quarto. Alma se admirava do fato de que conseguia achar forças para vociferar como um cão acorrentado, ainda que sumisse debaixo das cobertas. Ele era difícil, mas também havia algo admirável em sua luta, algo majestoso em sua recusa de morrer quieto.

Não pesava nada. Seu corpo tinha se transformado em um envelope frouxo cheio de ossos compridos e pontudos, e completamente tomado por feridas. Não conseguia ingerir nada além de caldo de carne, e só em pequenas quantidades. Mas, apesar de tudo isso, a voz de Henry foi a última parte de seu corpo a abandoná-lo. Era uma pena, de certo modo. A voz de Henry causava sofrimento às boas criadas e enfermeiras que o rodeavam, pois — como um valente marujo inglês que afunda com o navio — ele deu para entoar canções libidinosas, como se para manter a coragem perante o colapso. A morte tentava puxá-lo com ambas as mãos, mas ele cantava para afugentá-la.

“Com a bandeira vermelha, infle a bujarrona! Enfia ela no traseiro da solteirona!”

“Era só isso mesmo, Kate, obrigada”, Alma dizia à coitada da jovem enfermeira que estava de plantão, acompanhando a pobrezinha até a porta, embora Henry continuasse cantando: *“Em Liverpool vive a velha dona Sanha! Ela teve uma escola de piranha!”*

Henry nunca tinha dado muita importância à civilidade, mas agora não dava a mínima. Dizia o que tinha vontade de dizer — e talvez, Alma teve um lampejo, até mais do que tinha vontade. Era de uma indiscrição inacreditável. Dava gritos sobre dinheiro, sobre negócios que azedaram. Acusava e sondava, atacava e soltava evasivas. Chegava a provocar brigas com os mortos. Discutia com sir Joseph Banks, tentando convencê-lo a cultivar cinchona no Himalaia. Declarava ao pai há muito falecido de sua finada esposa: “Eu vou lhe mostrar, seu velhote holandês com cara de gambá, o ricaço que eu pretendo ser!” Acusava o próprio pai, que já estava morto havia muito tempo, de ser um puxa-saco servil. Mandava que chamassem Beatrix para cuidar dele e lhe servir sidra. Onde estava sua mulher? Com que propósito um homem tinha esposa se não para cuidar dele quando estava acamado?

Então um dia olhou no fundo dos olhos de Alma e disse: “E você pensa que eu não sei o que aquele seu marido era!”

Alma hesitou um pouco demais para pedir que a enfermeira se retirasse do quarto. Deveria tê-lo feito no mesmo instante, mas esperou, sem saber o que o pai queria dizer.

“Você acha que não conheci homens assim nas minhas viagens? Você acha que eu mesmo já não fui assim? Você acha que me aceitaram no *Resolution* porque era um navegador habilidoso? Eu era um garotinho imberbe, Ameixa — um rapazote imberbe da ilha, com um traseiro limpo. Não tem vergonha nenhuma nisso!”

Estava se referindo a ela como “Ameixa”. Não a chamava assim fazia anos — décadas. Nos últimos meses, às vezes nem sequer a reconhecia. Mas agora, com o uso do adorado apelido, estava nítido que sabia exatamente quem era ela — o que significava que também sabia muito bem o que estava dizendo.

“Você pode ir agora, Betsy”, Alma instruiu a enfermeira, mas ela não parecia ter pressa de sair.

“Pergunte a si mesma o que foi que fizeram comigo naquele navio, Ameixa! O menino mais novo dali era eu! Ah, minha nossa, mas eles se divertiram comigo!”

“Obrigada, Betsy”, Alma disse, se deslocando para levar a enfermeira até a porta. “Feche a porta ao sair. Obrigada. Você ajudou muito. Obrigada. Pode ir.”

Henry agora cantava um verso horrível que Alma nunca tinha escutado: “*Eles me jogavam de lado a lado, O imediato me fez de gato e sapato!*”

“Pai”, pediu Alma, “você tem que parar com isso”. Ela se aproximou e pôs as mãos no peito dele. “Você *tem* que parar.”

Ele parou de cantar e a encarou com um olhar furioso. Segurou-a pelos punhos com suas mãos ossudas.

“Pergunte a si mesma por que ele se casou com você, Ameixa”, sugeriu Henry, numa voz clara e forte como a juventude em si. “Não foi por dinheiro,

aposto! Também não foi pelo seu traseiro limpo. Deve ter sido por alguma outra razão. Não faz sentido para você, faz? Para mim também não, não faz sentido.”

Alma livrou os punhos das garras do pai. O hálito dele estava podre. Boa parte dele já estava morta.

“Pare de falar, pai, e tome um pouco de caldo de carne”, ela disse, levando a xícara até a boca dele e evitando seu olhar. Tinha a impressão de que a enfermeira ouvia atrás da porta.

Ele cantou: “*Toca logo esse barco, ô marinheiro! A gente quer fugir das dívidas de estupro e de dinheiro!*”

Ela tentou derramar o caldo na boca do pai — para interromper a cantoria, além do mais —, mas ele cuspiu tudo e lhe deu um tapa na mão. O caldo respingou nas cobertas e a xícara rolou pelo assoalho. Ele ainda tinha força, o velho briguento. Ele esticou o braço de novo e segurou-a por um dos pulsos.

“Não seja simplória, Ameixa”, recomendou. “Não acredite em nem uma palavra que uma vadia ou um canalha disserem neste mundo. *Vá ver com os próprios olhos!*”

Ao longo da semana seguinte, à medida que Henry desabava rumo à morte, ele diria e cantaria muitas outras coisas — a maioria delas obscenas e todas lastimáveis —, mas essa frase dele pareceu tão convincente e prudente para Alma que ela sempre pensaria nela como as últimas palavras do pai: *Vá ver com os próprios olhos.*

Henry Whittaker faleceu em 19 de outubro de 1851. Foi como uma tempestade se extinguindo no mar. Ele se debateu até o fim, lutou até o último fôlego. A calmaria no final, depois que ele enfim partiu, foi desconcertante. Ninguém acreditava que tinha sobrevivido a ele. Hanneke, enxugando uma lágrima tanto de exaustão como de tristeza, declarou: “Ah, àqueles que já habitam o céu — boa sorte com o que está por vir!”

Alma ajudou a lavar o corpo do pai. Pediu para ficar a sós com o cadáver. Não queria rezar. Não queria chorar. Havia algo que precisava descobrir. Levantando o lençol que cobria o cadáver nu do pai, ela explorou a pele em volta do abdômen, procurando com os dedos e os olhos algo parecido com uma cicatriz, uma protuberância, algo estranho, pequeno e fora do comum. Procurava a esmeralda que Henry jurava, décadas antes, quando ela era criança, que havia costurado sob a própria pele. Nem pestanejou em procurá-la. Era uma naturalista. Se estivesse ali, a acharia.

Você tem que sempre ter uma forma de suborno decisiva, Ameixa.

Não estava ali.

Ficou pasma. Sempre acreditara em tudo que o pai dizia. Por outro lado, ela ponderou, talvez ele tivesse oferecido a esmeralda à Morte, já perto do fim. Como as canções não funcionaram e a valentia não funcionou, e com toda a sua

astúcia tinha sido incapaz de negociar um jeito de escapar de seu derradeiro e aterrador contrato, talvez tivesse dito: “Leva também a melhor esmeralda que eu tenho!” E talvez a Morte a tenha levado, pensou Alma — mas também levou Henry junto.

Nem mesmo o pai conseguiu pagar para escapar dessa cláusula.

Henry Whittaker estava morto, e seu último truque se foi com ele.

Ela herdou tudo. O testamento — apresentado apenas um dia após o enterro, pelo antigo advogado de Henry — era o documento mais simples que se podia imaginar, sem mais do que algumas frases. À sua “única filha biológica”, o testamento instrua, Henry Whittaker deixava sua fortuna inteira. Todos os terrenos, todos os negócios empresariais, toda a riqueza, todos os investimentos — tudo isso seria exclusivamente de Alma. Não havia cláusulas referentes a mais ninguém. Não havia menção à filha adotiva, Prudence Whittaker Dixon, nem aos leais funcionários. Hanneke não receberia nada; Dick Yancey não receberia nada.

Alma Whittaker era agora uma das mulheres mais ricas do Novo Mundo. Administrava uma das maiores importadoras de artigos botânicos da América, cujos negócios gerenciara sozinha nos últimos cinco anos, e tinha metade da próspera Garrick & Whittaker Pharmaceutical Company. Era a única moradora de uma das casas residenciais mais imponentes da Comunidade da Pensilvânia, tinha direitos sobre várias patentes lucrativas, e era dona de milhares de hectares de terra produtiva. Sob suas ordens havia inúmeros criados e funcionários, enquanto uma enorme quantidade de gente mundo afora trabalhava para ela na base do contrato. Suas estufas rivalizavam com quaisquer das existentes nos melhores jardins botânicos europeus.

Não achava uma bênção.

Alma estava cansada e entristecida pela morte do pai, é claro, mas também se sentia sobrecarregada, em vez de honrada, por esse legado gigantesco. Que interesse ela tinha em um poderoso negócio de importação botânica, ou numa movimentada manufatura de produtos farmacêuticos? Que necessidade ela tinha de ser dona de meia dúzia de fábricas e minas espalhadas pela Pensilvânia? Que utilidade teria uma mansão de trinta e quatro cômodos cheia de tesouros raros e empregados desafiantes? De quantas estufas uma dama da botânica precisava para estudar musgos? (Essa resposta, pelo menos, era fácil: nenhuma.) No entanto, era tudo dela.

Depois que o advogado foi embora, Alma, sentindo-se atordoada e compadecida de si mesma, foi procurar Hanneke de Groot. Almejava o conforto da pessoa mais familiar que lhe restava no mundo. Encontrou a velha governanta de pé dentro da lareira fria e enorme da cozinha, cutucando a chaminé com um cabo de vassoura, tentando soltar um ninho de andorinhas enquanto derrubava

sobre si uma camada de fuligem e sujeira.

“Com certeza alguém pode fazer isso no seu lugar, Hanneke”, Alma declarou em holandês, a título de saudação. “Deixa que eu acho uma menina.”

Hanneke saiu da lareira, ofegante e imunda. “Você acha que não pedi para fazerem?”, ela reclamou. “Mas você acha que tem alguma outra alma cristã nesta casa disposta a enfiar o pescoço na chaminé da lareira além de mim?”

Alma pegou um pano umedecido para que Hanneke limpasse o rosto, e as duas se sentaram em torno da mesa.

“O advogado já foi embora?”, Hanneke indagou.

“Foi há uns cinco minutos”, disse Alma.

“Que rápido.”

“Foi um negócio simples.”

Hanneke franziu a testa. “Então ele deixou tudo para você, não foi?”

“Foi sim”, respondeu Alma.

“Nada para a Prudence?”

“Nada”, disse Alma, reparando que Hanneke não tinha perguntado pelos próprios interesses.

“Amaldiçoado seja ele, então”, praguejou Hanneke, após um momento de silêncio.

Alma estremeceu. “Tenha mais respeito, Hanneke. Não tem nem um dia que meu pai está no túmulo.”

“Repito: amaldiçoado seja ele”, reforçou a governanta. “Amaldiçoado seja por ser um pecador cabeçudo, que desprezou sua outra filha.”

“Ela não aceitaria nada que viesse dele, de qualquer forma, Hanneke.”

“Você não tem como saber ao certo, Alma! Ela faz parte desta família, ou deveria fazer. A mãe que você tanto pranteou queria que ela fosse parte desta família. Imagino que você mesma vá tomar conta de Prudence, então?”

Alma foi pega de surpresa. “De que forma? Minha irmã mal quer me ver e recusa todos os meus presentes. Não posso nem oferecer um bolinho sem ter de ouvir suas afirmações de que ele vai além de suas necessidades. Francamente, você acredita mesmo que ela vai permitir que eu divida a fortuna do nosso pai com ela?”

“É uma menina orgulhosa aquela lá”, admitiu Hanneke, com mais admiração do que preocupação.

Alma queria mudar de assunto. “Como é que vai ser White Acre agora, Hanneke, sem o meu pai? Não tenho vontade de gerenciar a propriedade sem a presença dele. A sensação que tenho é de que um coração enorme e vivo foi arrancado desta casa.”

“Não vou permitir que você despreze a sua irmã”, disse Hanneke, como se Alma não tivesse falado nada. “Uma coisa é o Henry ser pecaminoso, burro e egoísta no túmulo, outra totalmente diferente é você se comportar desse jeito em

vida.”

Alma se irritou. “Vim procurá-la em busca de carinho e conselho, Hanneke, e no entanto você me ofende.” Ela se levantou como se fosse se retirar da cozinha.

“Ah, sente-se, criança. Não ofendo ninguém. Só estou querendo dizer que você tem uma grande dívida para com a sua irmã e tem que garantir que a dívida seja paga.”

“Não tenho dívida nenhuma para com a minha irmã.”

Hanneke levantou os braços, ainda enegrecidos pela fuligem. “Você não enxerga *nada*, Alma?”

“Se você se refere, Hanneke, à falta de afeição entre Prudence e eu, rogo que você não jogue a culpa toda sobre mim. A culpa é tanto dela quanto minha. Nunca nos sentimos à vontade na companhia uma da outra, nenhuma das duas, e ela me evitou todos esses anos.”

“Não estou falando de afeição fraternal. Muitas irmãs não têm afeição uma pela outra. Falo de sacrifício. Sei de tudo o que acontece nesta casa, criança. Você acha mesmo que foi a única que já me procurou com lágrimas nos olhos? Acha que é a única que foi bater na porta da Hanneke quando o sofrimento era demais? Sei de todos os segredos.”

Perplexa, Alma tentou imaginar Prudence, sua ativa irmã, se atirando nos braços da governanta aos prantos. Não, não conseguia imaginar. Prudence nunca tivera a intimidade que Alma tinha com Hanneke. Prudence não conhecia Hanneke desde que nascera, e Prudence nem sequer falava holandês. Como seria possível existir alguma intimidade?

Porém, Alma teve que perguntar: “Que segredos?”

“Por que você não pergunta para a própria Prudence?”, Hanneke retrucou.

Agora a governanta estava agindo de forma propositalmente evasiva, sentia Alma, e ela não conseguiria suportar essa atitude. “Não posso mandar que você me conte qualquer coisa, Hanneke”, disse Alma, passando ao inglês. Estava irritada demais para se expressar no velho e familiar idioma holandês. “Seus segredos são seus, se quiser guardá-los. Mas ordeno, sim, que você pare de brincar comigo. Se você tem alguma informação sobre esta família que imagine que eu deva saber, então peço que você a revele. Mas se o seu jogo é apenas ficar aqui zombando da minha ignorância — minha ignorância a respeito *de quê*, não tenho como saber —, então lamento ter vindo conversar com você hoje. Estou diante de decisões importantes acerca de todo mundo que vive nesta casa, e estou muito triste pelo falecimento do meu pai. Tenho muitas responsabilidades agora. Não tenho tempo nem forças para brincar de adivinha com você.”

Hanneke examinou Alma com atenção, fechando um pouco os olhos. Ao final do discurso de Alma, ela assentiu, como se aprovasse o tom e teor de suas palavras.

“Muito bem, então”, disse Hanneke. “Você já se perguntou por que Prudence

se casou com Arthur Dixon?”

“Pare com essas charadas, Hanneke”, explodiu Alma. “Estou avisando, não vou aguentar isso hoje.”

“Não são charadas, criança. Estou tentando lhe contar uma coisa. Pergunte a si mesma: você nunca ficou intrigada com aquele casamento?”

“Claro que sim. Quem se casaria com Arthur Dixon?”

“Quem, não é? Você acha que Prudence um dia amou o preceptor? Você os viu juntos durante vários anos, quando ele vivia aqui e dava aulas a vocês duas. Você alguma vez percebeu um indício de amor dela por ele?”

Alma pensou naquela época. “Não”, admitiu.

“Porque ela não o amava. Ela amava outro, e sempre amou. Alma, sua irmã amava George Hawkes.”

“George Hawkes?”, Alma só conseguiu repetir o nome. De repente, viu o editor de botânica em sua mente; não como era atualmente (um homem abatido de sessenta anos, com as costas recurvadas e uma esposa demente), mas como era trinta anos antes, quando ela mesma o amava (uma figura grande e afável, com uma cabeleira castanha e um sorriso gentil e acanhado). “George Hawkes?”, ela tornou a indagar, num ato ridículo.

“Sua irmã Prudence amava George Hawkes”, repetiu Hanneke. “E digo mais: George Hawkes retribuía esse amor. Eu aposto que ela ainda o ama, e aposto que ele ainda a ama, até hoje.”

Isso não fazia sentido para Alma. Era como se estivesse ouvindo que a mãe e o pai não eram seus pais verdadeiros, ou que seu nome não era Alma Whittaker, ou que ela não morava na Filadélfia — como se uma grande e simples verdade fosse destroçada.

“Por que Prudence teria amado George Hawkes?”, Alma questionou, confusa demais para fazer uma pergunta mais inteligente.

“Porque ele era *gentil* com ela. Você acha, Alma, que é uma dádiva ser tão linda quanto a sua irmã? Você se lembra de como ela era aos dezesseis anos? Lembra-se de como os homens a olhavam? Velhos, rapazes, homens casados, trabalhadores — todos eles. Não tinha homem que pusesse os pés nesta casa e não olhasse para a sua irmã como se quisesse pagar por uma noite de diversão com ela. Foi assim desde que ela era pequena. A mesma coisa aconteceu com a mãe dela, só que a mãe era mais fraca e realmente se vendeu. Mas Prudence era uma menina modesta, e era uma boa menina. Por que você acha que a sua irmã nunca falava nada à mesa? Você acha que ela era boba demais para ter alguma opinião sobre qualquer assunto? Por que você acha que ela sempre se mostrava inexpressiva? Você acha que era porque ela nunca sentia nada? Só o que a Prudence desejava, Alma, era ser invisível. Você não tem como saber como é ser encarada pelos homens a vida inteira como se você estivesse em um tablado de leilão.”

Alma não poderia negar. Ela realmente *não* sabia como era.

Hanneke prosseguiu: “George Hawkes foi o único homem que olhou com gentileza para a sua irmã — não como um objeto, e sim como uma alma. Você conhece muito bem o sr. Hawkes, Alma. Não percebe como um homem desses faz uma mulher se sentir segura?”

Sem dúvida percebia. George Hawkes sempre fez com que Alma se sentisse segura. Segura e reconhecida.

“Você nunca se perguntou por que o sr. Hawkes estava sempre aqui em White Acre, Alma? Você acha que ele vinha tanto para ver o seu pai?” Hanneke, num ato de misericórdia, não acrescentou “Você acha que ele vinha tanto aqui para ver *você*?”, mas a questão, velada, pairava no ar. “Ele amava a sua irmã, Alma. Ao seu estilo sossegado, estava lhe fazendo a corte. Além disso, ela o amava.”

“Como você não se cansa de repetir”, Alma criticou. “É complicado para mim ouvir isso, Hanneke. Eu também já amei George Hawkes.”

“Você acha que eu não sabia disso?”, Hanneke exclamou. “Claro que você o amava, criança, já que ele era cordial com você! Você teve a inocência de confessar seu amor à sua irmã. Você acha que uma jovem íntegra como Prudence seria capaz de se casar com George Hawkes sabendo dos sentimentos que você tinha por ele? Você acha que ela agiria desse jeito contigo?”

“Eles queriam *se casar*?”, Alma indagou, incrédula.

“Óbvio que queriam se casar! Eram jovens e estavam apaixonados! Mas ela não faria isso com você, Alma. George pediu a mão dela, pouco depois que a sua mãe morreu. Ela o rejeitou. Ele pediu de novo. Ela o rejeitou de novo. Ele pediu diversas vezes. Ela se negava a revelar os motivos que tinha para rejeitá-lo, para proteger *você*. Já que ele não parava de perguntar, ela se atirou no pescoço do Arthur Dixon, porque ele era o homem mais próximo e com quem seria mais fácil se casar. Conhecia Dixon bem o suficiente para saber que ele não lhe faria nenhum mal, em todo caso. Jamais bateria nela ou a humilharia. Ela tinha até certa estima por ele. Ele havia lhe apresentado àquelas ideias abolicionistas que ela tem, na época em que era o preceptor de vocês duas, e essas ideias abalaram muito a consciência dela — como fazem até hoje. Portanto, ela respeitava o sr. Dixon, mas não o amava, e continua não amando. Ela simplesmente precisava se casar com alguém — *qualquer um* — para se retirar das perspectivas de George, na esperança, preciso lhe dizer isso, de que George se casasse com *você*. Ela sabia que George gostava de você como amiga e esperava que ele aprendesse a amá-la como esposa e lhe trouxesse felicidade. Foi isso o que a sua irmã fez por você, criança. E você vem me dizer que não lhe deve nada.”

Alma passou um bom tempo sem conseguir falar.

Então, numa atitude idiota, declarou: “Mas George Hawkes se casou com a Retta.”

“Portanto, não funcionou — não é, Alma?”, indagou Hanneke, numa voz

firme. “Você está entendendo? Sua irmã abriu mão do homem que amava por nada. Ele não se casou com você, no final das contas. Ele fez a mesma coisa que Prudence tinha feito: se atirou no pescoço da primeira pessoa que passou na frente dele, só para se casar com alguém.”

Ele nem sequer me cogitou, Alma percebeu. Vergonhosamente, esse foi o primeiro pensamento que passou por sua cabeça, antes de sequer começar a absorver a abrangência do sacrifício de sua irmã.

Ele nem sequer me cogitou.

Mas George nunca tinha visto em Alma algo além de uma colega de botânica e uma microscopista boazinha. Agora tudo fazia sentido. Por que sequer notaria Alma? Por que sequer veria Alma como mulher, se a bela Prudence estava por perto? George nem por um instante soube que Alma o amava, mas Prudence sim. Prudence sempre soube. Prudence também devia saber, Alma se deu conta com uma tristeza crescente, que não existiam muitos homens no mundo que seriam bons maridos para Alma, e que George era provavelmente sua melhor chance. Prudence, por outro lado, poderia ter quem quisesse. Devia ser assim que enxergava a situação.

Portanto, Prudence abriu mão de George por causa de Alma — ou tentou fazê-lo, em todo caso. Mas não dera em nada. A irmã desistira do amor e terminou passando a vida na miséria e abnegação com um acadêmico frugal incapaz de ternura ou afeto. Desistira do amor, e George terminou passando a vida com uma bela esposinha louca que nunca tinha lido um livro e agora morava em um hospício. Desistira do amor, e Alma terminou passando a vida na mais completa solidão — deixando Alma volúvel na meia-idade aos encantos de um homem como Ambrose Pike, que sentia aversão ao seu desejo e que desejava apenas ser anjo (ou, ao que constava agora, que desejava apenas amar meninos taitianos nus). Que desperdício de bondade, então, havia sido o sacrifício juvenil de Prudence! Que sequência longa de sofrimentos havia causado para todo mundo. Que bagunça triste que era, e que série grave de erros.

Coitada da Prudence, Alma pensou, enfim. Após um bom tempo, acrescentou em pensamento: Coitado de George! Em seguida: Coitada de Retta! E depois, aproveitando o ensejo: Coitado de Arthur Dixon!

Coitados deles todos.

“Se o que você diz é verdade, Hanneke”, disse Alma, “você está me contando uma história melancólica”.

“O que estou dizendo é verdade.”

“Por que você nunca me disse isso?”

“Com que propósito?”, Hanneke encolheu os ombros.

“Mas por que Prudence faria uma coisa dessas por mim?”, Alma perguntou. “Prudence nem gostava muito de mim.”

“Pouco importa o que ela achava de você. Ela é uma pessoa boa e vive de

acordo com bons princípios.”

“Ela tinha pena de mim, Hanneke? Foi isso?”

“No mínimo, ela tinha admiração por você. Sempre tentava imitá-la.”

“Que bobagem! Ela nunca tentou.”

“Você é que tem a cabeça cheia de bobagem, Alma! Ela sempre a admirou, criança. Pense só na impressão que ela teve assim que chegou aqui! Pense em tudo o que você sabia, nas suas habilidades. Ela sempre tentou conquistar sua admiração. Mas você nunca a demonstrou. Você alguma vez lhe fez um elogio? Você alguma vez notou o esforço que ela fazia para alcançá-la nos estudos? Você alguma vez admirou os talentos dela, ou os desdenhou, achando que eram menos dignos que os seus? Como foi que você pôde ser tão teimosa a ponto de permanecer cega às qualidades admiráveis que ela tem?”

“Eu nunca entendi as qualidades admiráveis que ela tem.”

“Não, Alma — você nunca acreditou nelas. Admita. Você acha que a bondade dela é só pose. Você acha que ela é uma charlatã.”

“É só porque ela usa uma *máscara* tão...”, Alma murmurou, pelejando para encontrar uma base para a sua defesa.

“Ela usa mesmo, já que prefere não ser vista nem conhecida. Mas eu a conheço, e afirmo que por trás daquela máscara existe a melhor, a mais generosa, a mais admirável das mulheres. Como é que você não vê isso? Você não percebe que ela é digna de louvores até hoje — que é muito sincera em suas boas ações? O que mais ela precisa fazer, Alma, para conquistar o seu respeito? No entanto, você nunca a elogiou, e agora pretende menosprezar totalmente a sua irmã, sem nem sinal de mal-estar, na hora de herdar uma caverna de pirata cheia de riquezas daquele bobo morto do seu pai — um homem que era tão cego quanto você sempre foi aos sofrimentos e aos sacrifícios dos outros.”

“Seja cuidadosa, Hanneke”, advertiu Alma, enfrentando um maremoto de dor. “Você me fez passar por um grande choque e agora me ataca, quando ainda estou assombrada. Portanto, lhe imploro — seja cuidadosa comigo hoje, por favor, Hanneke.”

“Mas todo mundo foi cuidadoso com você, Alma”, retrucou a velha governanta, sem um pinga de piedade. “Talvez o cuidado que tiveram com você tenha se estendido por tempo demais.”

Alma, trêmula, correu para o escritório na cocheira. Sentou-se no divã surrado do canto, incapaz de suportar o próprio peso sobre os pés. Sua respiração estava curta e acelerada. Estranhava a si mesma. A bússola dentro dela — aquela que sempre a orientava quanto às verdades mais simples de seu mundo — girava sem parar, buscando um ponto seguro onde pousar, mas não encontrava nenhum.

A mãe havia morrido. O pai havia morrido. O marido — independentemente do que tinha ou não sido — havia morrido. A irmã Prudence havia destruído a

própria vida por causa de Alma, sem beneficiar absolutamente ninguém. George Hawkes era uma completa tragédia. Retta Snow era um desastrezinho arruinado e dilacerado. E agora parecia que Hanneke de Groot — a última pessoa viva que Alma amava e admirava — não tinha respeito nenhum por ela. Tampouco deveria ter.

Sentada no escritório, Alma enfim se obrigou a analisar a própria vida com honestidade. Era uma mulher de cinquenta e um anos, saudável de mente e corpo, forte como uma mula, tão instruída quanto um jesuíta, tão rica quanto qualquer nobre do reino. Não era bonita, ela admitia, mas ainda tinha a maioria dos dentes e não era assolada por nenhum problema físico. Do que poderia reclamar? Era cheia de luxos desde o nascimento. Não tinha marido, verdade, mas também não tinha filhos ou — agora — o pai ou a mãe que precisasse de seus cuidados. Era competente, inteligente, diligente e (sempre acreditara, embora agora não tivesse plena certeza) corajosa. Sua imaginação fora exposta às ideias mais audaciosas das ciências e das invenções apresentadas naquele século, e havia conhecido, na sala de jantar da própria casa, algumas das mentes mais ilustres de sua época. Tinha uma biblioteca que faria os Médici chorarem de inveja, e havia lido a biblioteca de cabo a rabo várias vezes.

Com toda essa erudição e todo esse privilégio, o que Alma fizera de sua vida? Era autora de dois livros obscuros de briologia — livros que não eram de modo algum necessários para o mundo — e atualmente se ocupava do terceiro. Nunca tinha dedicado nem um instante a ajudar alguém, exceto o pai egoísta. Era virgem, viúva, órfã, herdeira, era uma senhora e uma tola completa.

Achava que sabia muita coisa, mas não sabia nada.

Não sabia nada sobre a irmã.

Não sabia nada sobre sacrifício.

Não sabia nada sobre o homem com quem se casara.

Não sabia nada sobre as forças invisíveis que haviam ditado sua vida.

Sempre tinha se visto como uma mulher digna e conhecedora do mundo, mas na verdade era uma princesa petulante e de idade avançada — aparentava ter mais idade do que tinha, a essa altura — que nunca se arriscara em nada digno de menção e cuja única incursão para além da Filadélfia tinha sido a um hospital para dementes em Trenton, Nova Jersey.

Deveria ter sido insuportável encarar esse triste inventário, mas por algum motivo não foi. Por mais estranho que pareça, foi um alívio. A respiração de Alma abrandou. A bússola parou de girar. Ficou quieta, com as mãos no colo. Não se mexia. Permitiu-se assimilar essa nova verdade por completo e não estremeceu diante dela.

Na manhã seguinte, Alma foi sozinha até o escritório do antigo advogado do pai e ali passou nove horas com o homem em torno de sua mesa, redigindo

documentos e assinando cláusulas e ignorando objeções. O advogado não aprovava nada do que ela estava fazendo. Não ouviu nem uma palavra do que ele disse. Ele balançou tanto a velha cabeça amarela que as papadas debaixo do queixo ondularam, mas não a dissuadiu de modo algum. Cabia somente a ela tomar as decisões, como ambos sabiam muito bem.

Após encerrar esse assunto, Alma cavalgou até a Thirty-ninth Street, onde ficava a casa da irmã. Já era noite e a família Dixon terminava de jantar.

“Venha dar uma caminhada comigo”, Alma pediu a Prudence, que, se ficou surpresa com a visita repentina de Alma, não demonstrou.

As duas passearam pela Chestnut Street, mantendo a cordialidade, os braços dados.

“Como você sabe”, declarou Alma, “nosso pai faleceu”.

“Sim”, disse Prudence.

“Agradeço pelo cartão de condolências.”

“Não há de quê”, respondeu Prudence.

Prudence não tinha comparecido ao enterro. Ninguém esperava que o fizesse.

“Passei o dia com o advogado do nosso pai”, Alma continuou. “Estávamos revendo o testamento. Tive muitas surpresas.”

“Antes de você prosseguir”, Prudence interpelou, “devo lhe dizer que não faria bem à minha consciência aceitar dinheiro do nosso finado pai. Tivemos uma briga e eu não tive capacidade ou vontade de fazer as pazes, e não seria ético de minha parte lucrar com suas benesses agora que ele se foi”.

“Não se preocupe”, disse Alma, interrompendo o passo e se virando para encarar a irmã. “Ele não deixou nada para você.”

Prudence, contida como sempre, não esboçou reação. Apenas disse: “Então é simples.”

“Não, Prudence”, disse Alma, segurando a mão dela. “Não é nada simples. O que o papai fez foi bastante surpreendente, aliás, e rogo que você me ouça com atenção. Ele deixou o terreno de White Acre inteiro, além de grande parte de sua fortuna, para a Associação Abolicionista da Filadélfia.”

Ainda assim, Prudence não reagiu ou respondeu. *Céus, como ela é forte*, Alma se admirou, quase fazendo uma reverência à irmã pela sua inabalável circunspeção. Beatrix ficaria orgulhosa.

Alma prosseguiu. “Mas outra cláusula foi acrescentada ao testamento. Ele instruiu que a propriedade seja doada à Associação Abolicionista contanto que a casa de White Acre vire uma escola para crianças negras, e que você, Prudence, a dirija.”

Prudence lançou um olhar penetrante para Alma, como se buscasse provas de embuste no rosto da irmã. Alma não encontrou dificuldade de manter no semblante uma expressão genuína, pois era isso mesmo que os documentos diziam — ou pelo menos era isso o que os documentos diziam *agora*.

“Ele deixou uma carta explicativa bem longa”, Alma continuou, “que posso resumir para você. Ele disse que tinha a sensação de que não fez muita coisa boa em vida, apesar de ter sido extremamente bem-sucedido. Tinha a sensação de que não deu nada digno de nota ao mundo para retribuir a tremenda sorte que teve. Sentia que você seria a melhor pessoa para garantir que White Acre, no futuro, se torne um alicerce da bondade humana”.

“Ele escreveu essas palavras?”, Prudence indagou, com a astúcia típica. “Essas mesmas palavras, Alma? Nosso pai, Henry Whittaker, falou em ‘um alicerce da bondade humana’?”

“Foram as palavras exatas”, insistiu Alma. “A escritura e as instruções já foram rascunhadas. Caso você não aceite essas cláusulas — caso não se mude para White Acre com a sua família e assuma o controle da criação da escola, como nosso pai desejava —, então o dinheiro todo simplesmente volta para nós duas, e teremos que vender tudo ou dividir os bens de alguma outra forma. Se for esse o caso, acho uma pena não honrar o desejo dele.”

Prudence perscrutou o rosto de Alma novamente. “Não acredito em você”, ela acabou declarando.

“Você não precisa acreditar em mim”, retrucou Alma. “Mas essa é a verdade. Hanneke vai continuar lá para gerenciar a casa e ajudá-la a se adaptar à responsabilidade de administrar White Acre. Papai deixou um dote bem generoso para Hanneke, mas eu sei que ela vai querer continuar por lá e ajudá-la. Ela tem muita admiração por você, e gosta de ser útil. Os jardineiros e paisagistas serão mantidos para preservar a propriedade. A biblioteca permanecerá intacta, para o aperfeiçoamento dos alunos. O sr. Dick Yancey continuará administrando os negócios do nosso pai no exterior e assumirá a parte dos Whittaker na empresa farmacêutica, com todo o lucro sendo revertido para a escola, para o salário dos funcionários e para as causas abolicionistas. Entendeu?”

Prudence não respondeu.

Alma prosseguiu: “Ah, mas havia também outra cláusula. Papai separou um bom montante para pagar as despesas da nossa amiga Retta no Hospício Griffon até o fim da vida, assim George Hawkes não sofrerá com o fardo de lidar com a assistência dela.”

Agora Prudence parecia perder o controle de algo no semblante. Seus olhos umedeceram, bem como as mãos, agarradas às de Alma.

“Não há nada que você diga”, afirmou Prudence, “que me convença de que nosso pai quis qualquer uma dessas coisas”.

Porém, Alma não recuou. “Não fique tão surpresa assim. Você sabe como ele era imprevisível. E você verá, Prudence — a documentação da escritura e as cláusulas de transferência são bem claras e legítimas.”

“Sei bem, Alma, que você tem grande facilidade em redigir documentos legítimos claros.”

“Mas você me conhece há tanto tempo, Prudence. Você já me viu fazer alguma coisa na vida além do que o nosso pai permitia que eu fizesse, ou mandava que eu fizesse? Pense bem, Prudence! Já viu?”

Prudence desviou o olhar. Então seu rosto desmoronou, sua discrição enfim se rachou e ela sucumbiu às lágrimas. Alma tomou a irmã — a irmã extraordinária, valente, pouco conhecida — nos braços e as duas ficaram assim por bastante tempo, abraçadas em silêncio, enquanto Prudence chorava.

Por fim, Prudence se afastou e enxugou as lágrimas. “E o que foi que ele deixou para *você*, Alma?”, ela indagou, a voz embargada. “O que foi que o nosso generosíssimo pai deixou para você, em meio a essa caridade inesperada?”

“Não se preocupe com isso agora, Prudence. O que eu tenho vai muito além do que um dia me será necessário.”

“Mas o que *exatamente* ele lhe deixou? Você tem que me dizer.”

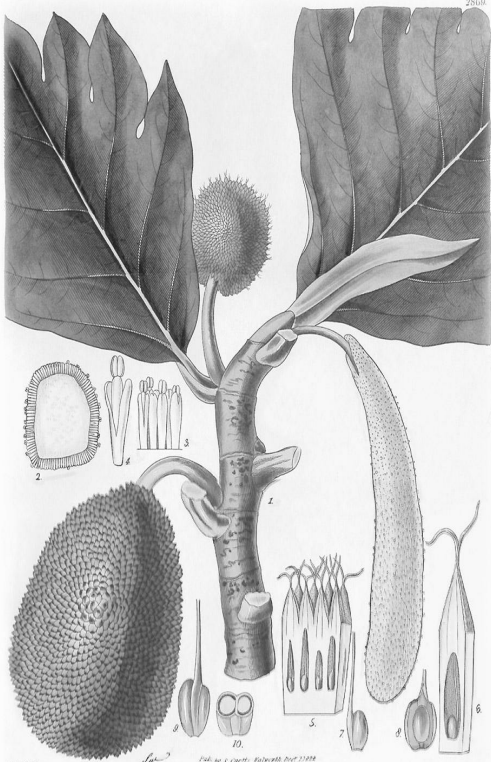
“Um pouco de dinheiro”, declarou Alma. “E também a cocheira; ou melhor, todos os meus pertences que estão lá.”

“A ideia é de que você viva para sempre na cocheira?”, Prudence perguntou, estupefata e confusa, tornando a apertar a mão de Alma.

“Não, minha querida. Não vou viver nem perto de White Acre, nunca mais. A casa está totalmente sob os seus cuidados a partir de agora. Mas meus livros e meus pertences ficarão na cocheira enquanto eu estiver viajando. Uma hora ou outra me instalo em algum lugar e mandarei que busquem tudo o que me for necessário.”

“Mas aonde você vai?”

Alma não conteve a risada. “Ah, Prudence”, ela disse. “Se eu contasse, você acharia que perdi a cabeça!”



Artocarpus incisa

PARTE QUATRO

As consequências das missões

Capítulo vinte e um

Alma zarpou rumo ao Taiti no décimo terceiro dia de novembro de 1851.

O Palácio de Cristal tinha acabado de ser erigido em Londres para a Grande Exposição. O pêndulo de Foucault fora recém-instalado no Observatório de Paris. Fazia pouco tempo que o primeiro homem branco avistara o vale de Yosemite. Um cabo de telégrafo submarino era bobinado no oceano Atlântico. John James Audubon havia morrido de velhice; Richard Owen ganhou a Medalha Copley pela contribuição à paleontologia; a Female Medical College of Pennsylvania estava prestes a diplomar sua primeira classe de médicas; e Alma Whittaker — aos cinquenta e um anos — era uma passageira pagante em um baleeiro que iria aos Mares do Sul.

Viajava sem criada, sem amigos, sem guia. Hanneke de Groot chorara no pescoço de Alma ao saber da notícia de que ela partiria, mas logo readquiriu a compostura e preparou-lhe uma coleção de roupas práticas, inclusive dois vestidos de viagem feitos especialmente para a ocasião: trajes modestos de linho e lã, com botões reforçados (não muito diferentes dos que Hanneke sempre usava), de que Alma poderia cuidar sem assistência. Assim paramentada, Alma parecia mais uma criada, mas sentia-se extremamente confortável e podia se movimentar com tranquilidade. Perguntou-se por que não havia se vestido desse jeito a vida inteira. Depois de terminados os vestidos de viagem, Alma instruiu Hanneke a coser bolsos secretos nas bainhas dos dois, que Alma usava para esconder as moedas de ouro e prata de que precisaria para custear as viagens. Essas moedas constituíam uma boa parte da riqueza que restava a Alma. Não era de modo algum uma fortuna, mas era o suficiente — Alma esperava de todo o coração — para sustentar uma viajante frugal durante dois ou três anos.

“Você sempre foi tão bondosa comigo”, Alma disse a Hanneke, quando os vestidos foram entregues.

“Bom, vou sentir saudades de você”, respondeu Hanneke, “e vou chorar de novo quando você partir, mas vamos admitir, criança — nós duas somos velhas demais para temer as grandes mudanças da vida”.

Prudence presenteou Alma com uma pulseira comemorativa, com fios de cabelo da própria Prudence (ainda platinado e belo como açúcar) trançados a mechas do cabelo de Hanneke (cinza como aço polido). Prudence fechou a pulseira com um nó em torno do punho de Alma, que prometeu jamais tirá-la.

“Não conseguiria imaginar um presente mais precioso do que este”, Alma declarou, e falava a verdade.

Assim que ela tomou a decisão de ir ao Taiti, Alma escreveu uma carta ao missionário da baía de Matavai, o reverendo Francis Welles, alertando que iria até lá para passar um período indefinido. Sabia que existia uma grande possibilidade de que chegasse a Papeete antes da carta, mas não havia nada que pudesse fazer. Precisava viajar antes que o inverno chegasse. Não queria esperar tanto a ponto de mudar de ideia. Só lhe restava ter esperança de que, quando chegasse ao Taiti, tivesse um lugar para ficar.

Levou três semanas para arrumar a bagagem. Sabia exatamente o que levar, pois há décadas orientava coletores de botânica a respeito de viagens seguras e proveitosas. Portanto, embrulhou sabão de arsênico, cerol, barbante, cânfora, pinça, cortiça, caixas para insetos, uma prensa de plantas, alguns sacos de borracha à prova d’água, duas dúzias de lápis duráveis, três frascos de nanquim, uma lata de pigmentos de aquarela, pincéis, alfinetes, redes, lentes, betume, arame de latão, bisturis pequenos, flanelas de limpeza, fio de seda, um kit de primeiros socorros e vinte e cinco resmas de papel (mata-borrões, de escrever, papéis pardos). Pensou em carregar uma arma, mas como não era boa de tiro, resolveu que o bisturi serviria à queima-roupa.

Escutava a voz do pai enquanto se preparava, lembrando-se de todas as vezes que anotara o que ele ditava ou entreouvia suas instruções a jovens botânicos. *Seja vigilante e atento, ouvíra Henry recomendar. Não se esqueça de que você não é o único passageiro que pode ler e escrever cartas. Se precisar achar água, siga um cachorro. Se estiver morrendo de fome, é melhor comer insetos do que gastar energia caçando. Você pode comer tudo o que as aves comem. Os maiores perigos não são as cobras, leões ou os canibais: os maiores perigos são pés cheios de bolhas, desleixo e fadiga. Nunca deixe de escrever seus diários e mapas numa letra legível: se você morrer, suas anotações poderão ser úteis para algum explorador no futuro. Em caso de emergência, sempre se pode escrever com sangue.*

Alma estava ciente de que devia usar roupas claras nos trópicos para não passar calor. Sabia que a espuma do sabão que ficava no tecido e secava durante a noite era perfeita para impermeabilizar as peças. Sabia que tinha de usar flanela junto à pele. Sabia que seria vista com bons olhos se levasse presentes tanto para os missionários (jornais recentes, sementes de verduras, quinina, machadinhos e potes de vidro) como para os locais (calicô, botões, espelhos e fitas). Embrulhou um de seus adorados microscópios — o mais leve —, apesar do enorme temor de que fosse destruído na jornada. Pôs na bagagem um cronômetro tão novo que brilhava e um termômetro pequeno de viagem.

Tudo isso ela enfiou em baús e caixas de madeira (carinhosamente acolchoados com musgo seco), que depois empilhou numa pirâmidezinha do lado de fora da cocheira. Alma sentiu um tremor de pânico ao ver seus artigos

essenciais reduzidos a uma pilha tão pequena. Como poderia viver com tão pouco? O que faria sem a sua biblioteca? Sem o herbário? Como seria esperar uns seis meses por notícias da família ou da ciência? E se o navio afundasse e todos aqueles artigos básicos se perdessem? Sentiu uma súbita compaixão por todos os rapazes intrépidos que os Whittaker tinham mandado em expedições de coleta no passado — pelo medo e a incerteza que deviam ter sentido, mesmo que fingissem estar seguros de si. Alguns desses rapazes nunca mais deram notícias.

Durante os preparativos e a arrumação da bagagem, Alma fez questão de se dar ares de *botaniste voyageuse*, mas a verdade era que não ia ao Taiti procurar plantas. A motivação verdadeira poderia ser encontrada em um objeto, escondido no fundo de uma das caixas maiores: a valise de couro de Ambrose, muito bem fechada, cheia de desenhos de um menino taitiano nu. Pretendia procurar aquele garoto (a quem passou a se referir em sua mente como O Garoto) e tinha certeza de que o encontraria. Pretendia procurar O Garoto na ilha inteira do Taiti se necessário, procurá-lo de forma quase *botânica*, como se fosse um espécime raro de orquídea. Ela o reconheceria assim que o visse, tinha plena certeza. Conheceria aquele rosto até o fim de seus dias. Ambrose era um artista brilhante, afinal de contas, e as feições foram retratadas com nitidez. Era como se Ambrose tivesse lhe deixado um mapa e agora ela o estivesse seguindo.

Não sabia o que faria com O Garoto quando o achasse. Mas o acharia.

Alma pegou o trem até Boston, passou três dias em um hotel barato à beira do porto (que recendia a gim, tabaco e suor de hóspedes anteriores) e dali embarcou. Seu navio era o *Elliot* — um baleeiro de 120 pés, amplo e resistente como uma égua velha —, que iria às ilhas Marquesas pela décima segunda vez desde a sua construção. O capitão concordara, por uma bela quantia, em desviar 1.370 quilômetros da rota para deixar Alma no Taiti.

O capitão era o sr. Terrence, oriundo de Nantucket. Era um marinheiro muito admirado por Dick Yancey, que garantira a Alma um lugar na embarcação. O sr. Terrence era severo como um capitão devia ser, Yancey prometeu, e impunha mais disciplina aos seus homens do que a maioria. Terrence era mais conhecido pela audácia do que pelo cuidado (era famoso por erguer as velas durante as tempestades, em vez de tirá-las, na esperança de ganhar velocidade com a ventania), mas era um homem religioso e sóbrio, que se esforçava para manter um alto teor moral em alto-mar. Dick Yancey confiava nele e já tinha navegado com ele inúmeras vezes. Dick Yancey, que estava sempre com pressa, preferia capitães que navegavam rápido e eram destemidos, e Terrence era exatamente desse tipo.

Alma nunca tinha estado em um navio. Ou melhor, já tinha entrado em muitos navios, quando ia com o pai às docas da Filadélfia para inspecionar a carga que chegava, mas nunca tinha *navegado* em um antes. Quando o *Elliot* se afastou da

carreira, ela estava no convés com o coração martelando como se fosse saltar do peito. Observava quando as últimas estacas da doca estavam à sua frente, e depois — numa rapidez de tirar o fôlego — de repente estavam atrás dela. Em seguida, voavam pelo enorme porto de Boston, com barcos de pesca menores balançando em seu encaicho. Ao final da tarde, Alma estava em mar aberto pela primeira vez na vida.

“Vou lhe prestar qualquer serviço que esteja dentro das minhas possibilidades para que a viagem lhe seja confortável”, o capitão Terrence jurara a Alma assim que ela embarcou. Ela gostou da solicitude, mas logo percebeu que nenhum aspecto daquela jornada seria confortável. Sua cabine, bem ao lado da cabine do capitão, era apertada e escura, além de ter cheiro de esgoto. A água potável recendia a água de lagoa. O navio levava uma carga de mulas a Nova Orleans, e os animais eram inexoráveis nas reclamações. A comida era desagradável e também causava prisão de ventre (nabo e biscoitos salgados no café da manhã; bife seco e cebolas de jantar), e o clima era, na melhor das hipóteses, um negócio duvidoso. Nas três primeiras semanas da jornada ela nem viu o sol. Imediatamente, o *Elliot* enfrentou ventanias que quebraram louças de barro e derrubaram marujos numa quantidade incrível. Às vezes ela tentava se amarrar à mesa do capitão para comer seu bife seco com cebolas sem correr riscos. Comia como uma nobre, no entanto, e sem se queixar.

Não havia outra mulher a bordo, tampouco algum homem educado. Os marujos jogavam cartas noite adentro, gargalhando, berrando e impedindo seu sono. Às vezes os homens dançavam no convés como espíritos possuídos até o capitão Terrence ameaçar quebrar seus violinos caso não parassem. Eram todos tipos rudes, a bordo do *Elliot*. Um dos marujos pegou um falcão na costa da Carolina do Norte, cortou-lhe as asas e ficou olhando o pássaro saltitar pelo convés, só por diversão. Alma achou uma barbaridade, mas não falou nada. No dia seguinte, os marujos, entediados e distraídos, encenaram o casamento de duas mulas, enfeitando os animais com golas de papel colorido para a ocasião. Houve uma grande balbúrdia de vaías e gritos. O capitão permitiu que fizessem aquilo; não viu mal nenhum (talvez, Alma ponderou, por ter sido um casamento *cristão*). Alma nunca tinha visto alguém se comportar daquele jeito.

Alma não tinha com quem conversar sobre assuntos sérios, portanto resolveu parar de falar de assuntos sérios. Decidiu ser uma boa companhia e entabular conversas simples com todos. Jurou não fazer inimigos. Já que estariam juntos em alto-mar ao longo de cinco a sete meses, parecia uma estratégia sensata. Permitiu-se até rir de algumas piadas, contanto que os homens não fossem vulgares demais. Não se preocupava com a possibilidade de que lhe fizessem mal: o capitão Terrence não tolerava liberdades, e os homens não demonstravam nenhuma licenciosidade para com Alma. (Isso não a surpreendia. Se nenhum homem se interessava por Alma quando ela tinha dezenove anos, claro que

ninguém a notaria aos cinquenta e um.)

Seu amigo mais íntimo era o macaquinho que o capitão Terrence tinha como bicho de estimação. Seu nome era Little Nick, e passava horas sentado no colo de Alma, examinando-a com delicadeza, sempre em busca de coisas novas e estranhas. Era muito inteligente e curioso. Acima de tudo, o macaco ficava fascinado com a pulseira de cabelo trançado que Alma usava no pulso. Nunca superava a perplexidade por não haver pulseira semelhante no outro pulso — embora todas as manhãs averiguasse se não havia surgido outra pulseira durante a noite. Depois suspirava e lançava um olhar resignado para Alma, como se dissesse: “Será que você não poderia ser *simétrica*, só para variar?” Com o tempo, Alma aprendeu a dividir o rapé com Little Nick. Ele enfiava delicadamente uma migalha em uma das narinas, espirrava para desobstruí-la e depois adormecia no colo dela. Ela não sabia o que teria feito sem a sua companhia.

Contornaram a ponta da Flórida e pararam em Nova Orleans para entregar as mulas. Ninguém ficou pesaroso com a partida dos animais. Em Nova Orleans, Alma viu uma bruma incrível sobre o lago Pontchartrain. Viu fardos de algodão e barris de cana-de-açúcar empilhados no cais, aguardando o despacho. Viu barcos a vapor enfileirados até onde alcançavam os olhos, esperando para serem remados Mississippi acima. Descobriu que seu francês era de boa serventia em Nova Orleans, embora o sotaque fosse confuso. Admirou as casinhas com jardins de conchas e arbustos aparados e se encantou com o estilo apurado das mulheres. Queria ter mais tempo para a exploração, mas logo recebeu a ordem de voltar a embarcar.

Navegaram pela costa do México em direção ao Sul. Um surto de febre varreu o navio. Quase ninguém escapou. Havia um médico a bordo, mas como ele era mais que imprestável, Alma se viu distribuindo tratamentos de seu precioso estoque de purgantes e eméticos. Não se considerava uma enfermeira muito boa, mas era bastante competente como farmacêutica, e sua assistência lhe conquistou um grupinho de admiradores.

Pouco depois, a própria Alma sentiu-se mal e foi obrigada a permanecer na cabine. As febres geravam sonhos distantes e medos vívidos. Não conseguia ficar com os dedos longe da vulva e acordava com acessos tanto de dor como de prazer. Sonhava sempre com Ambrose. Vinha fazendo um esforço heroico para não pensar nele, mas a febre despertava a fortaleza de sua mente, e as lembranças dele se impunham — mas de forma terrivelmente distorcida. Nos sonhos, ela o via na banheira — exatamente como o vira, nu, uma tarde —, mas agora seu pênis ficava lindo e ereto, e ele lhe sorria lascivamente enquanto ordenava que o chupasse até ela ficar sem ar. Em outros sonhos, via Ambrose se afogar na banheira e acordava em pânico, com a certeza de que o matara. Ela ouviu a voz dele sussurrar uma noite “Então agora você é a criança e eu sou a

mãe”, e despertou gritando, abanando os braços. Mas não havia ninguém ali. A voz dele falava em alemão. Por que em alemão? O que isso significava? Passou o resto da noite acordada na cama, lutando para entender a palavra “mãe” — *mutter*, em alemão —, palavra que, na alquimia, também significava “prova de fogo”. Não conseguia interpretar o sonho, mas tinha a sensação pesada de que era uma maldição.

Sentiu-se pela primeira vez arrependida de ter se aventurado nessa viagem.

No dia seguinte ao Natal, um dos marujos morreu de febre. Foi enrolado em uma lona, pesado feito uma bala de canhão e calmamente jogado no mar. Os homens encararam a morte sem nenhum sinal nítido de tristeza, leiloando entre si os pertences do falecido. À noite, era como se o homem jamais tivesse existido. Alma imaginou seus pertences sendo leiloados entre aqueles companheiros. *O que pensariam ao ver os desenhos de Ambrose?* Quem poderia saber? Talvez um tesouro de sensualidade sodomita desses fosse valioso para alguns daqueles marujos. Todos os tipos de homem viravam marinheiros. Alma sabia muito bem disso.

Alma se recuperou da doença. Um vento favorável os levou ao Rio de Janeiro, onde Alma viu navios negreiros portugueses que seguiriam para o norte, em direção a Cuba. Viu lindas praias, onde pescadores arriscavam a vida em jangadas que não pareciam mais resistentes do que tetos de galinheiro. Viu palmeiras grandiosas, maiores do que as das estufas de White Acre, e desejou, a ponto de ficar agoniada, poder mostrá-las a Ambrose. Não conseguia não pensar nele. Ela se perguntava se ele também teria visto aquelas palmeiras ao passar por ali.

Distraía-se com caminhadas investigativas inesgotáveis. Viu mulheres que não usavam gorros e fumavam charuto ao andar pelas ruas. Viu refugiados, comerciantes, crioulos sujos e negros cortesões, mestiços semisselvagens e elegantes. Viu gente vendendo papagaios e lagartos em troca de comida. Alma regalou-se com laranjas, limões e limões-galegos. Comeu tantas mangas — dividindo algumas com Little Nick — que teve erupções na pele. Viu as corridas de cavalo e as rodas de dança. Se hospedou em um hotel gerenciado por um casal multirracial — foi a primeira vez que viu algo do gênero. (A mulher era uma negra afável e competente, que não fazia nada devagar; o homem era branco e velho, e não fazia absolutamente nada.) Nem um dia transcorria sem que visse homens conduzindo escravos pelas ruas do Rio, oferecendo esses seres algemados a compradores. Alma não suportava ver aquilo. Sentia-se nauseada de vergonha por todos os anos que passara sem notar essa abominação.

De volta ao mar, seguiram para o cabo Horn. Ao se aproximarem do cabo, o clima adquiriu uma ferocidade tão atípica da estação que Alma — já enrolada em várias camadas de flanela e lã — agregou também um capote masculino e um gorro russo emprestado ao guarda-roupa. Tão empacotada, agora não se

distinguia de nenhum homem a bordo. Viu as montanhas da Terra do Fogo, mas o navio não pôde aportar, já que o clima estava muito brutal. Quinze dias de tormento se sucederam enquanto contornavam o cabo. O capitão insistia em seguir adiante com todas as velas levantadas, e Alma não entendia como os mastros aguentavam a pressão. O navio primeiro cambaleava para um lado, depois para outro. O próprio *Elliot* parecia urrar de dor — sua pobre alma de madeira espancada e açoitada pelo mar.

“Se for da vontade de Deus, vamos passar safos”, declarou Terrence, se negando a arriar as velas, tentando galgar mais uns vinte nós antes do breu.

“Mas e se alguém morrer?”, Alma gritou contra o vento.

“Sepultamento no mar”, o capitão respondeu gritando, e continuou avançando.

Foram quarenta e cinco dias de frio cruel depois disso. As ondas faziam investidas infinitas, encrespadas. Às vezes os temporais eram tão terríveis que os velhos marujos entoavam salmos em busca de tranquilidade. Outros praguejavam e vociferavam, e uns poucos permaneciam em silêncio — como se já estivessem mortos. As tempestades arrancavam os galinheiros do lugar e faziam as galinhas voarem pelo convés. Uma noite, o botaló foi esmigalhado em pedaços belos como aparas. No dia seguinte, os marujos tentaram construir um botaló novo e não conseguiram. Um dos marujos, derrubado por uma onda, caiu no porão de carga e quebrou as costelas.

Alma pairava o tempo todo entre a esperança e o medo, certa de que morreria a qualquer instante — porém nunca soltou um grito de pânico, ou levantou a voz de susto. No fim daquilo tudo, quando o tempo clareou, o capitão Terrence disse “Você é mesmo uma filha de Netuno, srta. Whittaker”, e Alma teve a sensação de que nunca havia recebido um elogio tão forte.

Por fim, em meados de março, atracaram em Valparaíso, onde os marujos descobriram abundantes casas de prostituição para atender às suas carências amorosas, enquanto Alma explorava a complexa e acolhedora cidade. A região próxima ao porto era um alagadiço depravado, mas as casas junto aos sopés dos morros eram lindas. Passou dias subindo as colinas e sentiu que as pernas voltavam a se fortalecer. Viu quase tantos americanos em Valparaíso quanto vira em Boston — todos eles a caminho de San Francisco para procurar ouro. Encheu a barriga de peras e cerejas. Viu uma procissão religiosa que se estendia por oitocentos metros, para um santo que desconhecia, e a seguiu até a formidável catedral. Leu jornais e enviou cartas a Prudence e Hanneke. Num dia claro e fresco, subiu até o ponto mais alto de Valparaíso e dali — a uma grande e nebulosa distância — pôde vislumbrar os cumes cobertos de neve dos Andes. Sentiu uma dor profunda pela ausência do pai. Isso lhe causou um alívio estranho — ter saudades de Henry, e não, para variar, de Ambrose.

Depois tornaram a navegar, adentrando as águas extensas do Pacífico. Os dias ficaram mais quentes. Os marujos se acalmaram. Fizeram faxina na área entre

os conveses e limpavam o mofo e o vômito de outrora. Assobiavam enquanto trabalhavam. De manhã, com a agitação das atividades, o navio parecia um vilarejo do interior. Alma já estava habituada à escassez de privacidade, e agora se sentia confortada pela presença dos marujos. Eles lhe eram familiares, e ficava contente por estarem ali. Eles lhe ensinaram nós e cantigas, e ela limpava suas feridas e lancetava seus furúnculos. Alma comeu um albatroz, morto por um jovem marinheiro. Viram uma carcaça inchada de baleia boiando — a gordura arrancada por outras baleias —, mas não viram nenhuma baleia viva.

O oceano Pacífico era imenso e despovoado. Agora Alma entendia por que os europeus tinham levado tanto tempo para achar a Terra Australis nessa tremenda vastidão. Os primeiros exploradores haviam presumido que existia um continente ao sul tão amplo quanto a Europa por ali, para manter o equilíbrio total do planeta. Mas estavam enganados. Não havia muita coisa além de água. No mínimo, o hemisfério sul era o *contrário* da Europa: era um continente gigantesco de oceano, salpicado de laguinhos de terra muito distantes, na verdade.

Dias e mais dias de vazio azul se seguiram. Por todos os lados, Alma via prados de água, que se estendiam até onde sua mente era capaz de imaginar. Porém, não viam baleias. Tampouco viam pássaros, mas viam o clima vindo de centenas de quilômetros de distância, e geralmente parecia péssimo. O ar era mudo até virem os temporais, e então os ventos guinchavam de aflição.

No início de abril, se depararam com a mudança climática mais assustadora, que enegreceu o céu diante de seus olhos, assassinando o dia no meio da tarde. Sentiram o ar pesado e ameaçador. Essa transformação súbita preocupou tanto o capitão Terrence que ele arriou as velas — todas elas — ao ver séries de raios os atacando de todas as direções. As ondas viraram montanhas rolantes de negrume. Mas depois — na mesma rapidez com que chegara — o temporal passou, e o céu voltou a clarear. Em vez de alívio, entretanto, os homens gritaram de susto, pois no mesmo instante viram uma tromba-d'água se aproximar. O capitão mandou que Alma fosse para a área coberta, mas ela não se mexia; a tromba-d'água era uma visão magnífica demais. Em seguida, houve outro berro, quando os homens perceberam que havia, na realidade, *três* trombas-d'água rodeando o navio a distâncias pequenas demais para ficarem calmos. Alma se sentia hipnotizada. Uma das trombas chegou tão perto que ela viu as longas correntes de água fazendo um espiral do oceano até o céu, em uma enorme coluna giratória. Era a coisa mais sublime que já tinha visto na vida, e a mais divina, e a mais impressionante. A pressão no ar era tão densa que os tímpanos de Alma pareciam correr o risco de estourar, e foi uma luta puxar o ar até os pulmões. Nos cinco minutos seguintes, sentiu-se tão comovida que não sabia se estava viva ou morta. Não sabia que mundo era aquele. Alma se deu conta de que seu tempo nesse mundo havia acabado. Nem uma única alma que tinha

conhecido cruzou seus pensamentos — nem Ambrose, nem ninguém. Não se arrependia de nada. Continuou nessa perplexidade enlevada, preparada para qualquer acontecimento.

Depois que as trombas-d'água finalmente passaram e o mar voltou a ficar tranquilo, Alma teve a sensação de que aquela fora a experiência mais feliz de sua vida.

Seguiram em frente.

Ao sul, remota e insondável, ficava a gelada Antártica. Ao norte não havia nada, ao que constava — ou foi o que disseram os enfadados marujos. Continuaram a navegar na direção oeste. Alma sentia falta dos prazeres da caminhada e do aroma da terra. Sem outra botânica para estudar, pediu que os homens pegassem algas marinhas para examiná-las. Não entendia muito de algas, mas sabia distinguir as coisas uma da outra, e logo descobriu que certas algas tinham raízes aglomeradas e outras eram comprimidas. Algumas tinham textura; outras eram lisas. Tentou descobrir como conservar as algas para estudá-las, sem transformá-las em muco ou flocos pretos insignificantes. Nunca conseguiu dominar a técnica, mas pelo menos tinha o que fazer. Também ficou muito contente em descobrir que os marujos embrulhavam as pontas de seus arpões em chumaços de musgo seco; o fato também lhe dava algo maravilhoso e familiar para examinar.

Alma passou a admirar marinheiros. Não conseguia entender como aguentavam temporadas tão longas sem os confortos da terra firme. Como não enlouqueciam? O oceano lhe causava tanto espanto como incômodo. Nada lhe provocara tamanha impressão. Tinha a sensação de que era a pura destilação da matéria, a maior obra-prima dos enigmas. Uma noite, cruzaram um campo de diamantes de fosforescência líquida. O navio levantava moléculas esquisitas de luz verde e púrpura enquanto se movia, até causar a impressão de que o *Elliot* arrastava um véu comprido e fulgurante em seu encalço, espalhando-o pelo mar. Era tão lindo que Alma se perguntou como os homens não se atiravam no mar, afogados à morte por essa magia inebriante.

Em outras noites, quando não conseguia dormir, andava pelo convés de pés descalços, tentando endurecer as solas para o Taiti. Ela viu os longos reflexos das estrelas na água sossegada, brilhantes como tochas. O céu lá em cima era tão desconhecido quanto o mar que a rodeava. Viu algumas constelações que traziam à tona lembranças de casa — Órion, as Plêiades —, mas a estrela do norte havia sumido, e a Ursa Maior também. Esses tesouros desaparecidos da abóboda celestial lhe provocavam uma desorientação desesperadora e incontrollável. Porém, tinha novos presentes para ver no céu, em compensação. Agora podia ver o Cruzeiro do Sul e os Gêmeos, e a ampla e transbordante nebulosa da Via Láctea.

Maravilhada com as constelações, Alma disse ao capitão Terrence uma noite:

“*Nihil astra praeter vidit et undas.*”

“O que isso significa?”, ele indagou.

“É das Odes de Horácio”, explicou. “Significa que não há nada a ver além de estrelas e ondas.”

“Infelizmente não sei latim, srta. Whittaker”, ele se desculpou. “Não sou católico.”

Um dos marujos mais velhos, que vivera nos Mares do Sul por muitos anos, contou a Alma que, quando os taitianos escolhiam uma estrela para seguir na navegação, eles a chamavam de *aveia* — seu deus da orientação. Mas em geral, explicou, a palavra mais comum no idioma taitiano para a estrela era *fetia*. Marte era a estrela vermelha, por exemplo: a *fetia ura*. A estrela-d'alva era a *fetia ao*: a estrela da luz. Os taitianos eram navegadores extraordinários, o marujo afirmou com uma admiração explícita. Eram capazes de navegar em noites sem estrelas e sem lua, declarou, contando apenas com a sensação da correnteza do mar. Conheciam dezesseis tipos de vento.

“Sempre me perguntei se eles não foram nos visitar no norte antes de nós os visitarmos no sul”, ele disse. “Me pergunto se não pegaram suas canoas e foram a Liverpool ou a Nantucket. É possível, viu? Vai ver que eles velejaram até lá em cima e ficaram olhando a gente dormir, depois saíram remando antes que os víssemos. Não me surpreenderia.”

Portanto, agora Alma sabia algumas palavras em taitiano. Sabia “estrela”, “vermelho”, “luz”. Pediu ao marujo que lhe ensinasse mais. Ele fez o que pôde, tentando ser útil, mas sabia basicamente termos náuticos, se desculpou, e todas as coisas que são ditas às meninas bonitas.

Continuavam sem ver baleias.

Os homens ficaram decepcionados. Estavam entediados e irrequietos. Os mares sofriam caçadas a ponto da depleção. O capitão temia a falência. Alguns dos marujos — ou pelo menos aqueles com os quais Alma fizera amizade — queriam lhe exibir sua habilidade na caça.

“Vai ser a coisa mais emocionante que você já viu”, prometeram.

Todos os dias eles procuravam baleias. Alma também procurava. Mas nunca viu nenhuma, pois aportaram no Taiti em junho de 1852. Os marujos foram para um lado e Alma foi para outro, e foi a última vez que ela soube do *Elliot*.

Capítulo vinte e dois

O primeiro vislumbre que Alma teve do Taiti, do convés do *Elliot*, foi de abruptos cumes de montanhas que se erguiam até os céus cerúleos e claros. Tinha acabado de despertar nessa manhã agradável e desanuviada e foi até o convés para examinar seu mundo. Não estava esperando o que via. A visão do Taiti arrebatou o ar do peito de Alma: não pela beleza, mas pela estranheza. Ao longo da vida, escutara histórias sobre aquela ilha, e vira desenhos e também retratos, mas ainda assim não tinha ideia de que o lugar seria tão *alto*, tão extraordinário. Aquelas montanhas não guardavam nenhuma semelhança com os morros ondulados da Pensilvânia: eram declives verdejantes e agrestes — assustadoramente íngremes, pavorosamente irregulares, inacreditavelmente altos, gritantemente verdes. Aliás, tudo naquele lugar era coberto de verde. Até mesmo nas praias, era tudo excessivo e verde. A impressão era de que os coqueiros brotavam da água.

Ela ficou desanimada. Ali estava ela, literalmente no meio do nada — no meio do caminho entre Austrália e Peru —, e não conseguiu escapar do próprio questionamento: por que sequer existe uma ilha aqui? O Taiti lhe parecia uma interrupção misteriosa da vasta, infundável lisura do Pacífico — uma catedral lúgubre e arbitrária, irrompendo do meio do oceano sem nenhuma razão. Esperava encará-lo como uma espécie de paraíso, pois era assim que o Taiti era sempre descrito. Esperava ser desarmada por sua beleza, sentir que havia chegado ao Éden. Bougainville não tinha chamado a ilha de La Nouvelle Cythère, em homenagem à ilha onde Afrodite nascera? Porém, a reação inicial de Alma, para ser muito sincera, foi de medo. Naquela manhã radiante, naquele clima agradável, diante da aparição súbita daquela famosa utopia, não teve consciência de nada além da sensação de perigo. Ela se perguntou: O que Ambrose achara daquilo? Não queria ficar sozinha ali.

Mas aonde mais poderia ir?

Um navio velho e vagaroso deslizou até o porto de Papeete, com aves marinhas de dezenas de espécies girando e rodando em torno dos mastros com tanta rapidez que Alma não pôde contá-los nem identificá-los. Alma e sua bagagem foram deixadas no cais movimentado e colorido. O capitão Terrence, num ato muito gentil, tratou de tentar alugar uma carruagem que levasse Alma até a colônia dos missionários na baía de Matavai.

As pernas dela tremiam, após meses no mar, e quase teve uma crise de nervos. As pessoas que a rodeavam eram de todos os tipos — marujos, oficiais da marinha e comerciantes, além de uma pessoa de tamancos, que talvez fosse um mercador holandês. Viu um par de comerciantes de pérolas chinesas, com longas trilhas de cabelo que se estendiam às suas costas. Viu indígenas, indígenas mestiços e sabe-se lá mais o quê. Viu um taitiano corpulento com uma jaqueta grossa de lã, que evidentemente conseguira com um marujo britânico, mas que não usava calças — somente uma saia de grama, e o desconcertante peito nu debaixo da jaqueta. Viu as mulheres locais vestidas em todos os estilos. Algumas das mais velhas mostravam os seios descaradamente, mas as jovens tendiam a usar vestidos compridos, com os cabelos arrumados em tranças recatadas. Eram recém-convertidas ao cristianismo, Alma supôs. Viu uma mulher enrolada no que parecia ser uma toalha de mesa, usando sapatos de couro masculinos da Europa bem maior que seus pés, vendendo frutas desconhecidas. Viu um homem vestido de forma fantástica, usando calças europeias como uma espécie de jaqueta, com a cabeça irrequieta em uma coroa de folhas. Considerou-o uma figura peculiar, mas ninguém mais prestou atenção nele.

Os naturais da ilha eram maiores do que as pessoas com quem Alma estava acostumada. Algumas das mulheres eram grandes como a própria Alma. Os homens eram maiores ainda. A pele era de cobre escovado. Certos homens tinham cabelo longo e aparência assustadora; outros tinham cabelo curto e pareciam civilizados.

Alma viu um triste grupo de prostitutas correndo em direção aos marujos do *Elliot* com insinuações imediatas, atrevidas, no exato momento em que seus pés tocaram a doca. Essas mulheres usavam o cabelo solto, batendo abaixo da cintura em ondas pretas lustrosas. De costas, todas pareciam iguais. De frente, dava para perceber as diferenças de idade e beleza. Alma observou o início das negociações. Se perguntou quanto custava uma coisa daquelas. Se perguntou o que as mulheres ofereciam, especificamente. Se perguntou quanto tempo aquelas transações duravam e onde aconteciam. Se perguntou aonde os marujos iam se quisessem comprar garotos em vez de garotas. Não havia sinal desse tipo de comércio no cais. Era provável que acontecesse em um lugar mais discreto.

Viu tudo que era estilo de bebês e crianças — com e sem roupas, dentro e fora da água, no meio do seu caminho e longe dele. As crianças se movimentavam como cardumes de peixes, ou revoadas de pássaros, com todas as decisões tomadas num acordo imediato, coletivo: *Agora vamos pular! Agora vamos correr! Agora vamos esmolar! Agora vamos zombar!* Viu um velho com uma perna inflamada do dobro do tamanho normal. Seus olhos eram brancos por causa da cegueira. Viu carruagens minúsculas, puxadas pelos ponezinhos mais tristes que se possa imaginar. Viu um grupo de cachorrinhos malhados se enroscando à sombra. Viu três marujos franceses, braços dados, cantando aos

brados, já embriagados naquela manhã aprazível. Viu placas indicando um salão de bilhar e, incrivelmente, uma gráfica. A terra sólida balançava sob seus pés. Estava encalorada debaixo do sol.

Um belo galo preto notou Alma e marchou ao seu encontro com um andar impertinente, como se fosse um emissário enviado para recebê-la. Era tão elegante que não se espantaria se ele usasse uma faixa oficial no peito. O galo parou bem na sua frente, autoritário e vigilante. Alma praticamente esperava que ele falasse, ou ordenasse que ela mostrasse os documentos. Sem saber o que fazer, esticou o braço e acariciou a ave palaciana, como se fosse um cachorro. O mais espantoso foi que ele permitiu. Ela o afagou um pouco mais e ele cacarejou com muita satisfação. Uma hora, o galo se aboletou nos pés dela e afofou suas penas com tranquilidade. Ele dava todos os sinais de que sentia que a interação dos dois havia saído exatamente como planejada. Alma se sentia reconfortada, de certo modo, por essa simples troca. A calma e a firmeza do galo ajudaram-na a ficar em paz.

Os dois — ave e mulher — aguardaram juntos no cais, em silêncio, para ver o que aconteceria em seguida.

Onze quilômetros separavam Papeete e a baía de Matavai. Alma ficou com tanta pena do coitado do pônei que tinha de puxar sua bagagem que desceu da carruagem e caminhou a seu lado. Era uma delícia usar as pernas depois de tantos meses de estagnação no mar. A estrada era adorável e coberta por uma treliça de palmeiras e frutas-pão. A paisagem era ao mesmo tempo familiar e confusa para Alma. Reconhecia muitas das espécies de palmeiras por causa das estufas do pai, mas outras eram mesclas misteriosas de folhas pregueadas e troncos escorregadios, coriáceos. Conhecendo-as somente em estufas, Alma nunca tinha *ouvido* palmeiras. O som do vento nas copas era como o do rumor da seda. Às vezes, nas rajadas mais fortes, os troncos rangiam como portas velhas. Eram todas muito ruidosas e vivas. Quanto às frutas-pão, eram mais majestosas e mais elegantes do que seria capaz de imaginar. Pareciam os olmos de casa: luzidios e magnânimos.

O cocheiro — um velho taitiano com tatuagens perturbadoras nas costas e peito luzidio — ficou perplexo com a insistência de Alma em andar. Parecia temer que não seria pago. Para tranquilizá-lo, ela tentou pagar no meio do caminho até seu destino. Isso só gerou mais confusão. O capitão Terrence havia negociado o preço de antemão, mas agora o acordo parecia nulo. Alma se ofereceu para pagar em moedas americanas, mas o homem tentou trocar o dinheiro dela por um punhado de piastras espanholas imundas e pesos bolivianos. Alma não conseguia entender que cálculo ele estava fazendo para chegar a essa taxa de câmbio, mas depois se deu conta de que estava trocando suas moedas velhas e foscas pelas dela, novas e brilhantes.

Ela foi deixada numa margem sombreada sob um aglomerado de bananeiras no meio da colônia da missão na baía de Matavai. O cocheiro empilhou a bagagem em uma pirâmidezinha; ficou igual à de sete meses antes, em frente à cocheira de White Acre. A sós, Alma fruiu o ambiente. A situação ali era bastante agradável, ela pensou, apesar de mais humilde do que imaginara. A igreja da missão era uma estruturazinha modesta, de cal e sapê, cercada de um grupo de cabanas também de cal e sapê. Não poderia haver mais que algumas dezenas de pessoas vivendo ali.

A comunidade, com todos os seus defeitos, foi construída à beira de um riacho que desembocava direto no mar. O rio cortava a praia, que era longa e curva, formada por areia densa, preta, vulcânica. Devido à cor da areia, a baía não era do tom turquesa cintilante que as pessoas em geral associam aos Mares do Sul; era imponente, pesada, uma enseada de tinta de ondulações vagarosas. Um recife de cerca de trezentos metros mantinha as ondas bastante calmas. Até daquela distância Alma escutava as ondas arrebatando contra o recife longínquo. Pegou um punhado de areia — da cor de fuligem — e deixou-a escorregar por entre os dedos. Parecia um veludo cálido, e limpou-lhe os dedos.

“Baía de Matavai”, ela disse em voz alta.

Mal acreditava que estava ali. Todos os grandes exploradores do último século estiveram ali. Wallis estivera ali, e Vancouver, e Bougainville. O capitão Bligh passara seis meses acampado naquela mesma praia. O mais impressionante, na cabeça de Alma, era o fato de ser exatamente a mesma praia onde o capitão Cook desembarcara no Taiti pela primeira vez, em 1769. À esquerda de Alma, não muito longe, estava o promontório alto de onde Cook observara o trânsito de Vênus — o momento vital da esferazinha planetária preta passando na face do Sol, que ele havia viajado o mundo para testemunhar. O riacho tranquilo à direita de Alma outrora marcava a última fronteira na história dos taitianos com os britânicos. Logo depois da chegada de Cook à terra firme, os dois povos pararam em lados opostos do rio, se olhando com uma curiosidade desconfiada por várias horas. Os taitianos achavam que os britânicos vinham do céu em seus navios, e que suas embarcações enormes e impressionantes eram ilhas — *motu* — que se soltaram das estrelas. Os ingleses tentavam descobrir se os índios eram agressivos ou perigosos. As mulheres taitianas foram até a beirada do rio e provocaram os marinheiros ingleses do outro lado com danças divertidas, insinuas. Não parecia haver perigo nenhum ali, resolveu o capitão Cook, e deixou seus homens correrem para cima das garotas. Os marinheiros trocaram pregos de ferro por favores sexuais das mulheres. As mulheres pegaram os pregos e os plantaram na terra, na esperança de cultivar mais daquele ferro precioso, assim como alguém semearia árvore com um galho.

O pai de Alma não estivera nessa viagem. Henry Whittaker foi ao Taiti oito anos depois, na terceira expedição de Cook, em agosto de 1777. Àquela altura, os

ingleses e os taitianos já estavam bem acostumados uns com os outros — e se gostavam, ademais. Alguns dos marujos britânicos tinham até esposas na ilha esperando entre as mulheres, e filhos ilhéus também. Os taitianos chamavam o capitão Cook de “Toote”, porque não conseguiam pronunciar seu nome. Alma sabia disso tudo por meio das histórias do pai — histórias de que não se lembrava havia décadas. Se recordava de todas agora. O pai tinha se banhado naquele rio quando jovem. Desde então, os missionários o usavam, Alma sabia, para batismos.

Agora que enfim estava ali, Alma não sabia muito bem o que fazer em seguida. Não havia ninguém por perto, à exceção de uma criança brincando sozinha no rio. Ele não devia ter mais que três anos, estava totalmente nu e não parecia estar preocupado por estar sozinho na água. Ela não queria descuidar da bagagem, então simplesmente se sentou na pilha e esperou alguém chegar. Estava morrendo de sede. Como estivera entusiasmada demais naquela manhã para tomar o café do navio, também estava com fome.

Passado um longo tempo, uma taitiana corpulenta de vestido longo e modesto e gorro branco emergiu de uma das cabanas mais distantes carregando uma enxada. Levou um susto quando viu Alma. Ela se levantou e alisou o vestido. “*Bonjour*”, ela berrou. Agora que o Taiti pertencia oficialmente à França, Alma imaginou que o francês fosse a melhor alternativa.

A mulher deu um sorriso lindo. “Aqui nós falamos inglês!”, berrou de volta.

Alma queria se aproximar para que não precisassem berrar, mas — tolamente — ainda se sentia presa à bagagem. “Estou procurando o reverendo Francis Welles!”, ela gritou.

“Hoje ele está no curral!”, a mulher anunciou com alegria, e seguiu caminho pela estrada que levava a Papeete, deixando Alma outra vez sozinha com seus baús.

O curral? Criavam gado ali? Se sim, Alma não via nem sentia o cheiro dos bois. Do que a mulher estaria falando?

Nas horas seguintes, mais uns taitianos passaram por Alma e sua pilha de baús e caixas. Todos foram amistosos, mas nenhum pareceu ficar muito intrigado com a sua presença, e ninguém estendeu a conversa com ela. Todos reiteravam a mesma informação: o reverendo Francis Welles passaria o dia no curral. E a que horas ele voltaria do curral? Ninguém sabia. Antes do anoitecer, todos esperavam de todo o coração.

Uns meninos cercaram Alma e brincaram de atirar pedras em sua bagagem, e às vezes em seus pés, até que uma mulher robusta e mais velha de olhar furioso os afugentou e eles saíram correndo para brincar no rio. Enquanto o dia passava, alguns homens com varas de pesca pequenas cruzaram o caminho de Alma a caminho da praia e se arrastaram mar adentro. Esticavam o pescoço na marola ondulante, tentando pegar peixes. Sua sede e fome se tornaram prementes. Ainda

assim, não ousava perambular e deixar seus pertences para trás.

O lusco-fusco chega veloz nos trópicos. Alma já tinha descoberto esse fato nos meses em alto-mar. As sombras se alongaram. As crianças saíram correndo do rio e entraram às pressas nas cabanas. Alma observou o sol descendo rapidamente sobre os cumes íngremes da ilha de Moreia, do outro lado da baía. Começou a entrar em pânico. Onde dormiria naquela noite? Mosquitos voavam em volta de sua cabeça. Agora era invisível aos taitianos. Eles cuidavam das próprias vidas ao seu redor, como se ela e a bagagem fossem um monte de pedras que estava ali na praia desde o começo dos tempos. As andorinhas da noite emergiram das árvores para caçar. A luz resplandecia na água com as chamas deslumbrantes do sol poente.

Então Alma viu alguma coisa na água, algo rumando em direção à praia. Era uma canoinha havaiana, ligeira e estreita. Levou a mão à testa e apertou os olhos para evitar o reflexo do sol, tentando distinguir os vultos dos passageiros. Não, era somente um vulto, ela percebeu, e o vulto remava com grande vigor. A canoa subiu na areia com uma força extraordinária — uma flechinha de ímpeto perfeito — e dela saltou um elfo. Ou foi o que Alma pensou de início: É um elfo! Uma análise mais detalhada, no entanto, revelou que o elfo era um homem, um homem branco, com uma coroa desgrenhada de fios nevados e, para combinar, uma barba esvoaçante. Era baixinho, ágil e tinha pernas arqueadas, e arrastou a canoa até a praia com uma força surpreendente para alguém tão pequeno.

“Reverendo Welles?”, ela gritou com esperança, abanando os braços num gesto totalmente desprovido de dignidade.

O homem se aproximou. Era complicado dizer qual era o seu aspecto mais notável — a estatura diminuta ou o físico descarnado. Tinha metade do tamanho de Alma, com corpo de criança, e um corpo bastante esquelético, além disso. As faces eram encovadas e os ombros pontudos e salientes por baixo da camiseta. As calças eram presas em torno da cintura emaciada por um cordão que dava duas voltas. A barba batia no peito. Usava umas sandálias esquisitas, também feitas de corda. Não usava chapéu, e o rosto era muito queimado de sol. As roupas não eram exatamente farrapos, mas estavam quase lá. Parecia uma barraca de praia quebrada. Parecia um naufrago idoso, em miniatura.

“Reverendo Welles?”, ela perguntou de novo, hesitando em se aproximar.

Ele ergueu o rosto para olhá-la — ergueu *bastante* — com os olhos azuis francos e vivazes. “Sou o reverendo Welles”, ele disse. “Ou pelo menos creio que ainda sou, entende?”

Falava com um sotaque britânico leve, vago, engolindo certas letras.

“Reverendo Welles, meu nome é Alma Whittaker. Imagino que o senhor tenha recebido a minha carta.”

Ele meneou a cabeça: como um pássaro, curioso, impassível. “Sua carta?”

Era exatamente como temia. Eles não a esperavam. Ela respirou fundo e

tentou pensar na melhor forma de se explicar. “Vim fazer uma visita, reverendo Welles, e talvez ficar um tempo — como o senhor pode ver.” Fez um gesto apologetico em direção à pirâmide de bagagens. “Interesso-me pela botânica natural e gostaria de estudar as plantas locais. Sei que o senhor também é um naturalista. Venho da Filadélfia, Estados Unidos. Também vim para vistoriar a plantação de baunilha que pertence à minha família. Meu pai era o Henry Whittaker.”

Ele levantou as ralas sobrancelhas brancas. “Henry Whittaker *era* o seu pai, foi isso o que a senhorita disse?”, ele indagou. “Aquele bondoso homem faleceu?”

“Infelizmente faleceu, reverendo Welles. No ano passado.”

“A notícia me entristece. Que o Senhor o receba em Sua glória. Trabalhei para o pai da senhorita ao longo dos anos, sabe, à minha própria maneira insignificante. Vendi inúmeros espécimes a ele, pelos quais ele teve a gentileza de me pagar quantias justas. Nunca conheci seu pai, sabe, mas fiz transações por meio de seu emissário, o sr. Yancey. Ele sempre foi um homem muito generoso e correto, o seu bom pai. Muitas vezes no decorrer dos anos, os dividendos do sr. Whittaker ajudaram a salvar esta pequena colônia. Nem sempre podemos contar com a ajuda da Associação dos Missionários de Londres, não é? Mas sempre pudemos contar com o sr. Yancey e o sr. Whittaker, sabe? Diga-me, a senhorita conhece o sr. Yancey?”

“Conheço bem, reverendo Welles. Eu o conheço desde que nasci. Foi ele quem organizou a minha viagem até aqui.”

“Claro! É claro que o conhece. Então a senhorita sabe que ele é um homem bom.”

Alma jamais se diria capaz de acusar Dick Yancey de ser “um homem bom”, mas anuiu mesmo assim. Também nunca tinha ouvido alguém descrever seu pai como generoso, correto ou bondoso. Levaria um tempo para se habituar a essas palavras. Lembrou-se de um homem da Filadélfia que uma vez se referira ao pai como “um bípede de rapina”. Imagine a surpresa que o homem teria agora, ao perceber como o nome do bípede era bem-visto por ali, no meio dos Mares do Sul! Alma sorriu ao pensar nisso.

“Ficaria muito contente em mostrar a plantação de baunilha à senhorita”, o reverendo Welles continuou. “Um nativo que faz parte da nossa missão assumiu a direção depois que perdemos o sr. Pike. A senhorita conheceu Ambrose Pike?”

O coração de Alma deu piroetas dentro do peito, mas ela manteve o semblante neutro. “Sim, conheci um pouquinho. Eu trabalhava em conjunto com o meu pai, reverendo Welles, e fomos nós dois, na verdade, que tomamos a decisão de mandar o sr. Pike para o Taiti.”

Alma havia decidido meses antes, antes mesmo de ir embora da Filadélfia, que não contaria a ninguém do Taiti sobre a relação com Ambrose. No decorrer da jornada inteira, viajara como “srta. Whittaker” e deixara que o mundo a visse

como solteirona. De certo modo bem realista, é claro, ela *era* uma solteirona. Ninguém em sã consciência teria visto seu casamento com Ambrose como qualquer espécie de casamento. Ademais, ela sem dúvida parecia uma solteirona — e se sentia assim. De modo geral, não gostava de mentir, mas tinha ido até ali para juntar as peças da história de Ambrose Pike, e duvidava muito que alguém fosse sincero se soubesse que Ambrose havia sido seu marido. Supondo que Ambrose honrara seu pedido e não contara a ninguém sobre o casamento, ela não imaginava que alguém fosse desconfiar de que havia uma ligação entre os dois, para além do fato de que o sr. Pike tinha sido funcionário de seu pai. Quanto a Alma, ela era apenas uma naturalista viajante e a filha de um famoso importador botânico e magnata dos farmacêuticos; faria todo o sentido para qualquer pessoa que ela fosse ao Taiti por razões próprias — para estudar os musgos e para averiguar a plantação de baunilha de sua família.

“Bom, sentimos uma saudade tremenda do sr. Pike”, declarou o reverendo Welles, com um sorriso doce. “Talvez seja a pessoa de quem mais sinto falta. A morte dele foi uma perda para a nossa coloniazinha, sabe? Quem nos dera que todos os estranhos que veem para cá dessem um exemplo tão bom aos locais quanto o sr. Pike, que era amigo dos órfãos de pai e dos desgraçados, inimigo do rancor e da maldade, e todas essas coisas, sabe? Ele era um homem de bem, o seu sr. Pike. Eu o admirava, sabe, porque acho que ele conseguiu mostrar aos locais — e inúmeros cristãos *são incapazes* de mostrar aos locais — qual deve ser a verdadeira índole cristã. A conduta de muitos outros cristãos que nos visitam, sabe, nem sempre parece ser calculada para elevar a estima pela nossa religião aos olhos deste povo simplório. Mas o sr. Pike era um exemplo de bondade. Além disso, o dom que ele tinha para fazer amizade com os locais era raro de se ver. Ele falava com todo mundo de um jeito muito simples e generoso, sabe? Nem sempre as pessoas agem assim, infelizmente, com os homens que veem de longe para esta ilha. O Taiti pode ser um paraíso perigoso, sabe? Para quem está acostumado com, digamos, o cenário moral mais rigoroso da sociedade europeia, a ilha e seu povo podem oferecer tentações que são difíceis de resistir. Os visitantes tiram proveito, sabe? Até os missionários, me entristece dizer, às vezes exploram este povo, que é feito de gente ingênua e inocente como criança, mas com a ajuda do Senhor tentamos ensiná-los a se salvaguardarem mais. O sr. Pike não era desse tipo — que tira proveito, sabe?”

Alma ficou perplexa. Considerou esse o discurso de apresentação mais extraordinário que já tinha ouvido (salvo, ela supunha, o da primeira vez que encontrara Retta Snow). O reverendo Welles não tinha nem sondado a razão que Alma Whittaker tinha para vir da Filadélfia até ali e se sentar em uma pilha de caixas e baús no meio de sua missão, e ali estava ele, falando de Ambrose Pike! Por essa, ela não esperava. Tampouco esperava que o marido, com a valise cheia de desenhos secretos e lúbricos, seria elogiado com tamanha veemência

como exemplo de integridade moral.

“É, reverendo Welles”, ela deu conta de dizer.

Por incrível que pareça, o reverendo Welles levou o assunto ainda mais adiante: “Além do mais, sabe, passei a amar o sr. Pike como um estimado amigo. A senhorita nem imagina o quanto é reconfortante ter um companheiro inteligente num lugar solitário como este. Na realidade, eu andaria quilômetros e mais quilômetros para rever o rosto dele ou para segurar sua mão num gesto de amizade, se isso fosse possível — mas esse milagre não há de acontecer enquanto eu estiver vivo, sabe, pois o sr. Pike foi chamado ao paraíso, senhorita Whittaker, e nós fomos abandonados.”

“É, reverendo Welles”, Alma repetiu. O que mais poderia dizer?

“Pode me chamar de irmão Welles”, ele declarou, “se eu puder chamar a senhorita de irmã Whittaker?”.

“Claro, irmão Welles”, ela disse.

“Junte-se a nós na prece noturna, irmã Whittaker. Estamos com um pouco de pressa, sabe? Vamos começar mais tarde do que de hábito, pois passei o dia no nosso coral, sabe, e perdi a noção do tempo.”

Ah, pensou Alma — o *coral*. Claro! Ele havia passado o dia inteiro no mar, no recife de coral, e não cuidando do gado.

“Obrigada”, disse Alma. Ela tornou a olhar para a bagagem e hesitou. “Será que não há um lugar onde eu possa guardar minha bagagem por enquanto, para que fique segura? Na minha carta, irmão Welles, eu perguntei se poderia ficar um tempo na colônia. Estudo musgos, entende, e gostaria de explorar a ilha...” Ela emudeceu, enervada com aqueles francos olhos azuis sobre ela.

“Claro!”, ele disse. Ela esperou que prosseguisse, mas isso não aconteceu. Impressionante como não questionava nada! Sua presença gerava tanto incômodo a ele quanto se viessem planejando o encontro há dez anos.

“Tenho uma quantia suficiente em dinheiro”, Alma disse constrangida, “que eu poderia dar à missão em troca de acomodação...”.

“Claro!”, ele estridulou de novo.

“Ainda não resolvi de quanto tempo será a minha estadia... Farei de tudo para não ser um incômodo... Não espero luxos...” Sua voz foi diminuindo de novo. Dava respostas a perguntas que ele não fazia. Com o tempo, Alma descobriria que o reverendo Welles nunca fazia perguntas a ninguém, mas naquele momento achava fora do comum.

“Claro!”, ele disse pela terceira vez. “Agora venha fazer a prece noturna conosco, irmã Whittaker.”

“Claro”, ela respondeu, e desistiu.

Ele a levou para longe da bagagem — para longe de tudo o que tinha e tudo que lhe era valioso — e marchou em direção à igreja. Só restava a ela segui-lo.

A capela não tinha mais que seis metros de comprimento. No interior havia fileiras de bancos simples, e as paredes eram caiadas e lisas. Quatro lâmpadas a óleo de baleia mantinham o ambiente parcamente iluminado. Alma contou dezoito devotos, todos naturais do Taiti. Onze mulheres e sete homens. Até onde era possível (ela não queria ser rude), Alma examinou os rostos dos homens. Nenhum deles era O Garoto dos desenhos de Ambrose. Os homens trajavam calças simples de estilo europeu e camisetas, e as mulheres usavam aqueles vestidos longos e largos que Alma via em todos os cantos desde que chegara. A maioria das mulheres usava gorros, mas uma — Alma reparou que se tratava da senhora carrancuda que afugentara os meninos — ostentava um chapéu de palha de aba larga decorado com um arranjo esmerado de flores frescas.

O que se seguiu foi a cerimônia religiosa mais incomum que Alma já havia testemunhado, e de longe a mais curta. Primeiro, cantaram um hino na língua taitiana, embora ninguém tivesse hinário. A música era estranha aos ouvidos de Alma — dissonante e sustentada, com vozes sobrepostas em arranjos que não conseguia entender, acompanhada somente por um único tambor, tocado por um menino de cerca de catorze anos. O ritmo do tambor não parecia casar com o da canção — não de alguma forma identificável para Alma. As vozes femininas se elevavam em berros pungentes sobre o canto dos homens. Não percebia nenhuma melodia escondida naquela música esquisita. Prestou atenção a qualquer palavra familiar (Jesus, Cristo, Deus, Senhor, Jeová), mas nada era reconhecível. Constrangeu-se por estar sentada em silêncio enquanto as mulheres ao redor cantavam aos brados. Não podia acrescentar nada ao evento.

Depois que a cantoria terminou, Alma esperava que o reverendo Welles fizesse o sermão, mas ele permaneceu sentado de cabeça abaixada, orando. Ele nem ergueu os olhos quando a corpulenta taitiana com flores no chapéu se levantou e se aproximou do púlpito simplório. A mulher foi breve na leitura, em inglês, do livro de Mateus. Alma ficou admirada com o fato de que a mulher sabia ler, e em inglês, além do mais. Embora Alma nunca tivesse feito o estilo devota, havia certo conforto nas palavras familiares. Bem-aventurados os pobres, os mansos, os misericordiosos, os puros de coração, os caluniados e perseguidos. Bem-aventurados, bem-aventurados, bem-aventurados. Tanta bem-aventurança, expressa com tanta generosidade.

Em seguida a mulher fechou a Bíblia e — ainda falando inglês — fez um sermão rápido, sonoro e estranho.

“Nós nascemos!”, ela gritou. “Nós engatinhamos! Nós andamos! Nadamos! Nós trabalhamos! Temos filhos! Nós envelhecemos! Andamos com bengala! Mas apenas em Deus existe paz!”

“Paz!”, disse a congregação.

“Se voamos ao céu, Deus está lá! Se navegamos no mar, Deus está lá! Se andamos na terra, Deus está lá!”

“Lá!”, disse a congregação.

A mulher esticou os braços e abriu e fechou as mãos numa ligeira sucessão, várias vezes seguidas. Depois abriu e fechou a boca rapidamente. Se movimentava como um fantoche de cordas. Parte da congregação dava risadinhas. A mulher não parecia se importar com os risos. Em seguida, parou de se mexer e gritou: “Olhem para nós! Somos *feitos* com engenhosidade! Somos cheios de *juntas*!”

“*Juntas*!”, disse a congregação.

“Mas as juntas vão *enferrujar*! Nós vamos *morrer*! E só Deus *restará*!”

“*Restará*!”, disse a congregação.

“O rei dos corpos não tem *corpo*! Mas ele nos dá *paz*!”

“*Paz*!”, disse a congregação.

“*Amém*!”, disse a mulher de chapéu coberto de flores, antes de voltar para o banco.

“*Amém*!”, disse a congregação.

Então o reverendo Welles foi ao altar e ofereceu a comunhão. Alma entrou na fila com os outros. O reverendo era tão baixinho que ela praticamente teve que dobrar o corpo todo para receber a comunhão. Não havia vinho, mas o suco de coco fazia as vezes do sangue de Cristo. Quanto ao corpo de Cristo, era uma bolinha de algo grudento e doce que Alma não soube identificar. Ela o recebeu de bom grado: estava esfomeada.

O reverendo Welles fez uma prece que impressionou pela concisão: “Nos dê determinação, ó Cristo, para suportar toda a angústia que nos cabe. *Amém*.”

“*Amém*”, disse a congregação.

Assim foi encerrado o culto. Não devia ter durado nem quinze minutos. Porém, foi tempo suficiente para que — quando Alma saiu ao ar livre — descobrisse o céu totalmente preto e todos os seus pertences desaparecidos.

“Levados para *onde*?”, Alma exigiu saber. “E por quem?”

“Hmm”, disse o reverendo Welles, coçando a cabeça e olhando para o lugar onde a bagagem de Alma estivera até pouco antes. “Pois bem, não é uma resposta fácil de dar. É provável que os meninos tenham levado tudo embora, sabe? Em geral são os meninos, nesse tipo de coisa. Mas não há dúvidas de que levaram embora.”

A confirmação não tinha serventia.

“Irmão Welles!”, ela disse, no frenesi do susto. “Eu lhe disse que tínhamos de guardá-la em um lugar seguro! Eu preciso dessas coisas com urgência! A gente podia ter posto tudo dentro de uma casa, escondido atrás de uma porta trancada, talvez! Por que o senhor não sugeriu isso?”

Ele assentiu, sinceramente de acordo, mas sem sinal de consternação. “Poderíamos ter guardado a sua bagagem em alguma casa, sim. Mas, sabe,

teriam levado tudo mesmo assim. Ou levariam agora, sabe, ou levariam mais tarde.”

Alma pensou no microscópio, nas resmas de papel, no nanquim, nos lápis e remédios e frascos para coleta. E as roupas? Meu Deus, e a valise de Ambrose, cheia daqueles desenhos perigosos, indescritíveis? Pensou que cairia no choro.

“Mas eu trouxe presentes para os locais, irmão Welles. Não precisavam roubar de mim. Eu lhes daria coisas. Eu trouxe tesouras e fitas para presenteá-los!”

Ele abriu um sorriso radiante. “Bom, me parece que os presentes foram recebidos, sabe?”

“Mas tem objetos que preciso que me devolvam — objetos de valor e carinho inexprimíveis.”

Ele não estava totalmente insensível. Isso ela tinha que admitir. Ele anuí com delicadeza, e dava atenção, pelo menos um pouco, à sua aflição. “Imagino que lhe seja sofrido, irmã Whittaker. Mas, por favor, fique segura — nada foi roubado para sempre. Simplesmente levaram embora, talvez apenas temporariamente. Certas coisas talvez sejam devolvidas, se tiver paciência. Se houver algo que tenha um valor especial, posso ser específico ao pedi-lo de volta. Às vezes, se eu pedir da maneira certa, os objetos reaparecem.”

Ela pensou em tudo o que tinha posto na bagagem. Do que precisava com mais urgência? Não podia pedir a valise cheia dos desenhos sodomitas de Ambrose, embora fosse uma tortura tê-la perdido por ser o seu pertence mais relevante.

“Meu microscópio”, ela declarou baixinho.

Ele fez que sim outra vez. “Vai ser difícil, sabe? O microscópio é um objeto relativamente inédito por aqui. Ninguém nunca viu um. Creio que nem eu tenha visto! No entanto, vou começar a perguntar agora mesmo. Só nos resta a esperança, sabe? Quanto a esta noite, vamos lhe arrumar uma acomodação. Descendo a praia, a cerca de quatrocentos metros, tem uma cabana pequena que ajudamos a construir para o sr. Pike, quando ele veio para ficar. A cabana está quase intocada desde que ele faleceu, que Deus o tenha. Eu pensava que um dos locais a reivindicaria para si, mas parece que ninguém se dispõe a entrar nela. Foi maculada pela morte, sabe — na cabeça deles, quero dizer. É um povo supersticioso. Mas é uma cabana agradável com móveis suficientes, e se não for uma pessoa supersticiosa, a senhorita poderá ficar em paz vivendo lá. Não é uma pessoa supersticiosa, ou é, irmã Whittaker? Não me parece. Vamos dar uma olhada nela?”

Alma teve a sensação de que desmoronaria no chão. “Irmão Welles”, ela disse, lutando para que sua voz não ficasse embargada. “Por favor, me perdoe. Eu vim de muito longe. Estou distante de tudo o que me é familiar. Estou em estado de choque por ter perdido meus pertences, que eu consegui salvar para vinte e quatro mil quilômetros de viagem, e eles desaparecem um instante atrás! Eu não como nada, a não ser a sua gentil comunhão, desde o jantar no

baaleiro ontem de tarde. É tudo novidade, e é tudo estranho. Estou muito assoberbada e muito distraída. Peço que me perdoe...” Alma se calou. Havia perdido o fio da meada do discurso. Não sabia *pelo que* pedia perdão.

Ele juntou as mãos. “Comer! É claro que a senhorita precisa comer! Mil desculpas, irmã Whittaker! Sabe, eu também não como — ou como raramente. Esqueço que os outros precisam comer! Minha esposa me poria de castigo e faria o diabo comigo se soubesse da minha falta de modos!”

Sem dizer mais nada, e sem nenhuma explicação complementar a respeito da esposa, o reverendo Welles saiu correndo e bateu à porta da cabana mais próxima à igreja. A taitiana corpulenta — a mesma que fizera o sermão naquela noite — abriu a porta. Trocaram umas poucas palavras. A mulher olhou Alma de relance e assentiu. O reverendo Welles voltou correndo para perto de Alma com seus passos flexíveis, de penas arqueadas.

Alma se perguntou: seria aquela a esposa do reverendo?

“Já foi providenciado!”, ele anunciou. “A irmã Manu vai arranjar para a senhorita. Nossa comida aqui é simples, mas sim, no mínimo a senhorita tem que comer! Ela vai levar alguma coisa à sua cabana. Também pedi que ela leve um *ahu taoto* — um xale de dormir, que é o que nós usamos aqui de noite. Também vou lhe dar um lampião. Agora vamos nos pôr a caminho. Não imagino nada mais de que a senhorita possa precisar.”

Alma conseguia imaginar muitas coisas de que precisava, mas a promessa de comida e sono bastava para aliviá-la por enquanto. Ela caminhava atrás do reverendo Welles pela areia negra. Ele andava numa velocidade impressionante para quem tinha pernas tão curtas e tortas. Mesmo com os passos largos que dava, Alma não conseguia acompanhá-lo. Ele balançava o lampião junto ao corpo, mas não o havia acendido, já que a lua tinha surgido e estava luminosa no céu. Alma se assustava com as figuras largas e pretas que corriam na areia, ao longo do caminho. Achou que eram ratos, mas ao olhá-los de perto viu que eram caranguejos. Eles a inquietavam. Eram bem grandes, com uma pata de tenaz cada, que arrastavam ao correr, trincando de forma pavorosa. Chegavam muito perto de seus pés. Talvez preferisse ratos, ponderou. Ficou satisfeita por estar de sapatos. O reverendo Welles havia perdido as sandálias em algum ponto entre o culto na igreja e aquele instante, mas não estava preocupado com os caranguejos. Tagarelava enquanto caminhava.

“Estou curioso para saber o que a senhorita vai achar do Taiti, irmã Whittaker, do ponto de vista da botânica, sabe?”, ele disse. “Muitos se decepcionam. O ambiente é vigoroso, sabe, mas a ilha é pequena, então a senhorita vai perceber que aqui há muito mais abundância do que variedade. Sir Joseph Banks sem sombra de dúvida achou o Taiti deficiente — botanicamente, quero dizer. Ele achou o povo bem mais interessante do que as plantas. Talvez tivesse razão! Só temos dois tipos de orquídeas — o sr. Pike ficou muito triste ao saber disso,

embora procurasse outras com avidez — e depois que a senhorita descobrir as palmeiras, o que fará num piscar de olhos, não terá muito mais a descobrir. Tem uma árvore chamada *apage*, sabe, que a senhorita vai achar parecida com as gomíferas, e ela chega a doze metros — mas não tem nada de magnífica para uma mulher criada nas florestas densas da Pensilvânia, aposto! Rá-rá-rá!”

Alma não tinha energia para dizer ao reverendo Welles que não fora criada em uma floresta densa.

Ele prosseguiu: “Tem um tipo de loureiro adorável chamado *tamanu* — útil, bom. Sua mobília é feita disso. Imune a insetos, sabe? Também temos uma espécie de magnólia, chamada *hutu*, que mandei para o seu bondoso pai em 1838. Há hibisco e mimosa à beira-mar. A senhorita vai gostar do castanheiro *mape* — talvez já o tenha visto à beira do rio. Considero a árvore mais bonita da ilha. As mulheres fazem roupas com o tronco de uma espécie de amoreira com textura de papel — chamam de *tapa* —, mas agora muitas preferem o algodão e o calicô trazidos pelos marinheiros.”

“Eu trouxe calicô”, Alma murmurou com tristeza. “Para as mulheres.”

“Ah, elas vão gostar!”, o reverendo Welles declarou com indiferença, como se já tivesse se esquecido de que os pertences de Alma haviam sido roubados. “Trouxe papel? Livros?”

“Trouxe sim”, confirmou Alma, sentindo-se cada vez mais pesarosa.

“Bom, a questão do papel é difícil por aqui, a senhorita verá. O vento, a areia, o sal, a chuva, os insetos — nunca houve um clima menos condutivo aos *livros*! Vi todos os meus papéis desaparecerem diante dos meus olhos, sabe?”

Assim como eu, agora mesmo, Alma quase disse. Achava que nunca havia sentido tanta fome na vida, ou tanto cansaço.

“Eu gostaria de ter *memória* taitiana”, o reverendo Welles prosseguiu. “Assim não haveria necessidade de papéis! O que nós guardamos em bibliotecas, eles guardam na cabeça. Me sinto um imbecil, em comparação. O pescador mais novo daqui sabe o nome de duzentas estrelas! O que os mais velhos sabem a senhorita nem imagina. Eu tinha o hábito de documentar as coisas, mas me dava muito desânimo vê-los sendo corroídos no instante em que eu as botava no papel. O clima daqui gera frutas e flores em abundância, sabe, mas também mofo e pragas. Não é uma ilha para eruditos! Mas o que é a história para nós, eu pergunto? Nossa estadia no mundo é tão breve! Para que se incomodar tanto em registrar nossas frágeis vidas? Se os mosquitos causarem muito aborrecimento à senhorita durante a noite, peça à irmã Manu que lhe mostre como queimar esterco de porco seco perto da porta: ajuda a sossegar-los. A senhorita verá como a irmã Manu é de grande serventia. Eu fazia os sermões aqui, mas ela gosta muito mais do que eu e os locais preferem os sermões dela aos meus, então agora é ela quem prega. Ela não tem família, portanto cuida dos porcos. Ela dá comida a eles com a mão, sabe, para incitá-los a ficar perto da colônia. Ela é

rica, a seu modo. Pode trocar um único leitão por peixe suficiente para um mês e outros tesouros. Os taitianos dão valor a leitão assado. Antigamente, eles acreditavam que o cheiro da carne atraía os deuses e espíritos. Claro, alguns ainda acreditam nisso, apesar de serem cristãos, rá-rá-rá! Em todo caso, é bom conhecer a irmã Manu. Ela canta muito bem. Aos ouvidos europeus, falta à música do Taiti todas as qualidades que a tornaria agradável, mas talvez com o tempo a senhorita aprenda a tolerá-la.”

Portanto a irmã Manu *não* era a esposa do reverendo Welles, Alma refletiu. Quem era a esposa, então? Onde estava ela?

Ele continuava a falar, incansável: “Caso veja luzes acesas na baía durante a noite, não se assuste. São apenas os homens que vão pescar com lampiões. É quase pitoresco. Os peixes-voadores são atraídos pela luz e aterrissam nas canoas. Certos garotos conseguem pegá-los com as mãos. Vou lhe dizer uma coisa: os espécimes naturais que faltam à ilha do Taiti são muito bem recompensados pela abundância de maravilhas que há no mar! Se quiser, lhe mostro os jardins de coral amanhã, junto dos recifes. Aí a senhorita verá as evidências mais incríveis da criatividade do Senhor. Chegamos — a casa do sr. Pike! Agora a casa é da senhorita! Ou, melhor dizendo, a *fare* da senhorita! Em taitiano, chamamos casa de *fare*. Nunca é cedo demais para aprender umas palavrinhas, sabe?”

Alma repetiu a palavra na cabeça: *fã-rei*. Ela a decorou. Estava exausta, mas, mesmo assim, Alma Whittaker teria que estar muito mais exausta para não aguçar os ouvidos ao escutar uma língua nova e desconhecida. Sob a luz turva do luar, subindo um leve declive que se erguia da praia, viu a minúscula *fare* escondida debaixo de uma série de palmeiras. Não era muito maior que o menor telheiro de White Acre, mas era agradável aos olhos. No mínimo, lembrava uma cabana inglesa à beira-mar, mas numa escala bem reduzida. Uma trilha doida em zigue-zague feita de conchas esmigalhadas mostrava o caminho da praia até a porta.

“É uma trilha esquisita, eu sei, mas foi feita pelos taitianos”, declarou o reverendo Welles com uma risada. “Eles não veem nenhuma vantagem em fazer uma trilha reta, nem para distâncias curtas! A senhorita vai se acostumar com maravilhas como esta! Mas é bom que esteja um pouco longe da praia. A senhorita está uns quatro metros acima da maré mais alta, sabe?”

Quatro metros. Não parecia muita coisa.

Alma e o reverendo Welles se aproximaram da cabana pela trilha tortuosa. Alma reparou que o objetivo da porta era atendido por uma tela simples de folhas pregueadas de palmeira, que ele empurrou sem dificuldades. Estava claro que não tinha tranca — e que nunca havia tido. Depois de entrar, ele acendeu o lampião. Estavam juntos em um cômodo apertado, debaixo de um teto simples de palha. Alma quase batia a cabeça na viga mais baixa quando estava de pé.

Um lagarto deslizou pela parede. O chão de grama seca farfalhava sob os pés de Alma. Havia um banquinho de madeira áspera sem acolchoamento, mas ao menos tinha espaldar e braços. Havia uma mesa com três cadeiras — uma das quais estava quebrada e virada. Parecia mesa de criança, em um berçário miserável. Sem cortina, janelas sem vidro se abriam para todos os lados. A última peça da mobília era uma caminha — um pouco maior que o banco — com um catre fino amarrado em cima. O ambiente inteiro, com todas as suas imperfeições, parecia mais adequado a alguém do tamanho do reverendo Welles do que ao dela.

“O sr. Pike vivia como os locais”, ele declarou, “o que quer dizer — ele vivia num cômodo só. Mas se quiser divisórias, imagino que a gente possa fazê-las para a senhorita”.

Alma nem imaginava onde alguém botaria uma divisória naquele lugarzinho minúsculo. Como dividir o nada em partes?

“Talvez a certa altura a senhorita prefira se mudar para Papeete, irmã Whittaker. A maioria prefere. A capital é mais civilizada, suponho. Há mais vícios, também, e mais malícia. Mas por lá a senhorita teria um chinês para lavar as suas roupas e esse tipo de coisa. Tem também vários tipos de portugueses e russos por lá — tudo gente que cai dos baleeiros e nunca vai embora. Não que portugueses e russos formem uma civilização, mas a humanidade por lá é mais diversa do que a senhorita encontrará aqui na nossa coloniazinha, sabe?”

Alma assentiu, mas sabia que não iria embora da baía de Matavai. Esse tinha sido o exílio de Ambrose; agora seria o dela.

“A senhorita verá um lugar para cozinhar nos fundos, junto ao jardim”, o reverendo Welles prosseguiu. “Não espere muito de seu jardim, embora o sr. Pike tenha tido a gentileza de tentar cultivá-lo. Todo mundo tenta, mas depois que os porcos e as cabras fazem seus ataques, não nos restam muitas abóboras! Podemos arrumar uma cabra para a senhorita, se quiser leite fresco. É só pedir à irmã Manu.”

Como se evocada pelo som de seu nome, a irmã Manu apareceu na soleira da porta. Devia estar logo atrás deles. Mal havia espaço para que entrasse, com Alma e o reverendo Welles já dentro da cabana. Alma nem tinha certeza se a irmã Manu passaria pela porta com aquele chapéu largo e coberto de flores na cabeça. De alguma forma, no entanto, todos couberam ali. A irmã Manu abriu um embrulho de pano e espalhou a comida pela mesinha, usando folhas de bananeira como pratos. Alma precisou reunir toda a sua descrição para não pular na refeição imediatamente. A irmã Manu entregou a Alma um pedaço de bambu com rola de cortiça.

“Água para a senhorita *beber!*”, anunciou irmã Manu.

“Obrigada”, disse Alma. “Que gentileza sua.”

Todos se entreolharam por um bom tempo depois disso: Alma com exaustão,

irmã Manu com cautela, o reverendo Welles com alegria.

Por fim, o reverendo Welles fez uma mesura e disse: “Agradecemos a vocês, Senhor Jesus e Deus nosso pai, por nossa irmã Whittaker ter chegado sã e salva. Pedimos que vocês a protejam. Amém.”

Em seguida, ele e a irmã Manu finalmente se retiraram, e Alma devorou a comida com ambas as mãos, engolindo-a com tanta sofreguidão que nem parou um instante para investigar o que exatamente era aquilo.

Ela despertou de madrugada com gosto de ferro quente na boca. Sentia cheiro de sangue e pele. Havia um bicho dentro de seu quarto. Um mamífero. Soube desse fato antes mesmo de se dar conta de onde estava. Não era a Filadélfia. Estava no Taiti — pronto, já havia se orientado! Estava no Taiti, na cabana onde Ambrose vivera e onde havia morrido. Qual era a palavra para a cabana? *Fare*. Estava em sua *fare* e havia um animal ali dentro.

Ouviu um ganido, alto e lúgubre. Sentou-se na caminha desconfortável e olhou ao redor. Havia luar suficiente entrando pela janela para que agora visse — o cão que estava parado no meio do cômodo. Era um cachorrinho, de talvez dez quilos. As orelhas estavam para trás e ele lhe mostrava os dentes. Fixaram o olhar um no outro. O ganido do cão se transformou em uivo. Alma não queria brigar com um cachorro. Nem mesmo um cachorro pequeno. Esse pensamento lhe ocorreu de maneira ingênua, até mesmo tranquila. Ao lado da cama estava o pedaço de bambu que a irmã Manu lhe dera, cheio de água fresca. Era a única coisa que tinha a seu alcance que poderia usar como arma. Tentou analisar se poderia pegá-lo sem assustar o cão ainda mais. Não, definitivamente não queria lutar com o cachorro, mas se fosse preciso, gostaria que fosse uma briga justa. Esticou o braço devagar até o chão, sem desviar o olhar do bicho. O cachorro latiu e se aproximou. Ela encolheu o braço. Fez outra tentativa. O cachorro latiu de novo, dessa vez com mais raiva. Ela não teria chance de achar uma arma.

Tanto faz. Estava cansada demais para sentir medo.

“Qual é o seu problema comigo?”, ela perguntou ao cachorro, em tom aborrecido.

Ao ouvir sua voz, o cão soltou uma enorme torrente de queixas, latindo com tanta força que seu corpo inteiro parecia se afastar do chão a cada sílaba. Ela o fitava imparcialmente. Era a calada da noite. Sua porta não tinha tranca. Não tinha travesseiro para deitar a cabeça. Tinha perdido todas as suas posses e dormia num vestido de viagem imundo, com a bainha repleta de moedas escondidas — todo o dinheiro que ainda lhe restava, depois do furto de seus pertences. Não tinha nada além de um pedacinho de bambu para se defender, e nem conseguia alcançá-lo. A casa era cercada por caranguejos e infestada de lagartos. E agora isso: um cão taitiano em seu quarto. Estava tão esgotada que quase sentia tédio.

“Vá embora”, ela lhe disse.

O cachorro latiu mais alto. Ela desistiu. Deu-lhe as costas, virou de lado e tentou, mais uma vez, achar uma posição confortável no catre fino. Ele latia sem parar. A indignação do cachorro não tinha limite. Pois me ataque, ela pensou. Adormeceu ao som de seu ultraje.

Alma tornou a acordar poucas horas depois. A luz tinha mudado. Estava quase amanhecendo. Agora havia um menino sentado de pernas cruzadas no meio do chão, com o olhar fixo nela. Ela pestanejou e suspeitou de magia: que feiticeiro havia entrado ali e transformado o cachorrinho em um menininho? O garoto tinha cabelo comprido e rosto solene. Devia ter uns oito anos. Não usava camiseta, mas Alma ficou aliviada ao perceber que usava calça — embora uma das pernas estivesse encurtada por um rasgo, como se tivesse escapado de uma armadilha e deixado um pedaço da roupa para trás.

O menino se levantou de supetão, como se estivesse esperando que ela acordasse. Aproximou-se da cama. Ela recuou, assustada, mas viu que ele segurava algo, e, além do mais, o oferecia a ela. O objeto brilhava à luz baça da manhã, equilibrado na palma da mão dele. Era algo pequeno de metal. Ele o pôs na beirada da cama. Era o óculo do microscópio.

“Ah!”, ela exclamou. Ao ouvir sua voz, o menino correu. A coisa frágil que chamavam de porta balançou e se fechou sem emitir ruído.

Alma não conseguiria voltar a dormir depois disso, mas também não se levantou na mesma hora. Sentia o mesmo cansaço da noite anterior. Quem mais entraria no seu quarto? Que lugar era esse? Teria de achar uma maneira de bloquear a porta — mas com o quê? Poderia botar a mesinha na frente da porta durante da noite, mas não teriam dificuldade de arrastá-la. E com as janelas que não passavam de buracos nas paredes, que utilidade teria bloquear a porta? Ela tateou o óculo de metal com a mão, confusa e saudosa. Onde estava o resto do adorado microscópio? Quem era aquela criança? Devia tê-lo seguido para ver onde escondia todos os seus pertences.

Fechou os olhos e prestou atenção aos barulhos desconhecidos ao seu redor. Teve a sensação de que dava quase para ouvir o sol irrompendo. Certamente dava para ouvir as ondas quebrando ao lado da porta. A arrebentação parecia tão próxima que se sentia inquieta. Preferiria estar um pouco mais distante do mar. Tudo lhe parecia perto demais, perigoso demais. Um pássaro, empoleirado no teto, bem em cima de sua cabeça, soltou um pio esquisito. Seu gorjeio soava como: “*Pense! Pense! Pense!*”

Como se ela tivesse feito outra coisa na vida!

Alma enfim se levantou, resignada ao estado de vigília. Se perguntou onde poderia achar uma latrina, ou um lugar que servisse de latrina. Na noite anterior tinha se agachado atrás da *fare*, mas esperava que houvesse algo melhor nas redondezas. Saiu porta afora e quase tropeçou. Olhou para baixo e viu — bem na

soleira da porta, se é que dava para chamá-la de soleira — a valise de Ambrose, aguardando-a com educação, fechada e afivelada como sempre. Ela se ajoelhou, soltou as fivelas e a abriu, depois revirou rapidamente o conteúdo: todos os retratos continuavam ali.

Subindo e descendo a praia, até onde seus olhos alcançavam na luz turva da manhã, não havia sinal de gente — nem mulher nem homem, nem menino nem cachorro.

“*Pense!*”, berrou o pássaro acima de sua cabeça. “*Pense!*”

Capítulo vinte e três

Como o tempo não se opõe a passar — nem mesmo nas situações mais estranhas e desconhecidas —, o tempo passou para Alma na baía de Matavai. Com lentidão, hesitação, ela começou a compreender seu novo mundo.

Assim como na infância, quando de seu primeiro despertar para o conhecimento, Alma começou examinando a casa. Não levou muito tempo, pois sua minúscula *fare* taitiana não era exatamente White Acre. Nada havia além do único cômodo, a pretensa porta, as três janelas ocas, os galhos da mobília rudimentar e o telhado de palha repleto de lagartos. Naquela primeira manhã, Alma revirou cada detalhe da casa à procura de algum vestígio de Ambrose, mas não havia nada. Buscou sinais de Ambrose antes mesmo de dar início à (totalmente infrutífera) localização da própria bagagem perdida. O que esperava encontrar? Uma mensagem dirigida a ela, escrita na parede? Desenhos escondidos? Talvez um pacote de cartas, ou um diário que de fato revelasse algo além de anseios místicos inescrutáveis? Mas não havia nada dele ali.

Resignada, pegou uma vassoura emprestada com a irmã Manu e tirou as teias das paredes. Substituiu a grama seca antiga do chão por grama seca nova. Encheu o colchão e aceitou a *fare* como sua. Também aceitou, como orientara o reverendo Welles, a realidade frustrante de que seus pertences ou acabariam aparecendo um dia ou não, e que não havia nada — nada mesmo — que pudesse fazer. Embora a situação fosse aflitiva, havia nela um estranho toque de conveniência, e até de justiça. Ser despojada de tudo o que lhe era valioso resultava numa espécie de penitência imediata. Fazia com que se sentisse um pouco mais próxima de Ambrose: o Taiti era o lugar onde ambos tinham perdido tudo.

Usando um dos vestidos que lhe restavam, portanto, ela continuou explorando os arredores.

Atrás da casa havia algo chamado *hima*, um forno aberto, em que aprendeu a ferver água e preparar uma parca variedade de alimentos. A irmã Manu a ensinou a lidar com as frutas e os legumes da região. Alma não pensava que o produto final de sua cozinha devia ter tanto gosto de fuligem ou areia, mas perseverou, e sentia orgulho de poder se alimentar por conta própria, o que — no decorrer de sua longa vida — ela nunca precisara fazer. (Ela era autotrófica, pensou com um sorriso triste; que orgulho Retta Snow teria dela!) Havia um

jardinzinho lastimável, mas ele não servia para muita coisa: Ambrose tinha construído a casa sobre a areia queimada, então era inútil sequer tentar. Tampouco podia fazer algo a respeito dos lagartos, que corriam pelas vigas a noite inteira. Como pelo menos ajudavam no abate dos mosquitos, Alma tentava não lhes dar importância. Sabia que não lhe fariam mal, embora desejasse que não rastejassem sobre ela quando dormia. Ficava feliz por não serem cobras. O Taiti, por sorte, não era um país de cobras.

Entretanto, era um país de caranguejos, mas Alma logo aprendeu a não se incomodar com os caranguejos de todos os tamanhos que corriam na praia, em volta de seus pés. Também não lhe fariam mal. Assim que era vista com seus olhos oscilantes, talosos, eles seguiam na direção oposta num pânico rápido, matraqueado. Ela passou a andar descalça logo que percebeu que assim estaria muito mais segura. O Taiti era quente demais, úmido demais, arenoso demais e escorregadio demais para usar sapatos. Felizmente, os arredores eram agradáveis aos pés descalços: a ilha não tinha nenhuma planta espinhosa, e a maioria das trilhas era de pedras lisas ou areia.

Alma entendeu o formato e as características da praia e os hábitos normais da maré. Não era boa nadadora, mas se animou a mergulhar um pouco mais fundo na água vagarosa e escura da baía de Matavai a cada semana. Ficava contente com a existência do recife, que mantinha a baía bem sossegada.

Aprendeu a se banhar no rio de manhã com as outras mulheres da colônia, todas elas robustas e fortes como a própria Alma. Os taitianos eram fanáticos pela higiene pessoal, lavando o cabelo e o corpo todos os dias com a seiva espumosa dos gengibres junto às margens. Alma, que não tinha o costume de se banhar todos os dias, logo se questionou o porquê de não ter feito isso a vida inteira. Aprendeu a ignorar os grupos de meninos pequenos que rodeavam o rio, rindo das mulheres nuas. Não havia sentido em tentar se esconder deles: as crianças achariam quem quisessem a qualquer hora do dia ou da noite.

As taitianas não faziam objeções aos risos das crianças. Pareciam se preocupar muito mais com o cabelo crespo, áspero, desbotado de Alma, que provocavam estardalhaço incitado tanto por tristeza como preocupação. Todas elas tinham cabelos lindíssimos, que desciam até as costas em ondas pretas, e ficavam simplesmente consternadas porque Alma não partilhava dessa característica espetacular. Ela também se sentia terrível com isso. Uma das primeiras coisas que Alma aprendeu a comunicar em taitiano era um pedido de desculpas pelo cabelo que tinha. Se perguntava se haveria algum lugar no mundo, algum dia, em que seu cabelo não seria considerado uma tragédia. Desconfiava de que não.

Alma aprendeu tanto taitiano quanto lhe foi possível, com qualquer um que falasse com ela. Achou o povo caloroso e prestativo, e eles incentivavam seus esforços numa espécie de brincadeira. Ela começou com as palavras relativas

aos itens mais comuns na baía de Matavai: as árvores, os lagartos, os peixes, o céu e as lindas pombinhas chamadas *uuairo* (uma palavra que soava exatamente como seus pios suaves, murmurados). Ela passou à gramática o mais rápido que pôde. Os habitantes da colônia da missão falavam inglês em níveis diversos de competência — alguns eram bem fluentes, outros simplesmente criativos —, mas Alma, eterna linguista, estava decidida a interagir em taitiano sempre que possível.

Porém, o taitiano, ela descobriu, não era uma língua simples. Aos seus ouvidos, parecia mais um canto de pássaros do que um idioma, e não era suficientemente musical para dominá-la. Alma concluiu que o taitiano não era sequer uma língua confiável. Não tinha as normas inflexíveis do latim ou do grego. A população da baía de Matavai era especialmente travessa e ignóbil com as palavras, alterando-as da noite para o dia. Às vezes misturavam partículas do inglês e do francês, inventando palavras novas e criativas. Os taitianos adoravam trocadilhos obscuros que Alma só teria a capacidade de entender se os avós de seus avós tivessem nascido ali. Além disso, a fala do povo da baía de Matavai era diferente do de Papeete, separadas por meros onze quilômetros, e *este* povo falava de forma diferente do de Taravao e de Teahupo. Não dava para ter certeza de que uma frase tinha o mesmo significado em um lado da ilha e do outro, ou que o sentido era o mesmo que tinha na véspera.

Alma analisava as pessoas ao redor com atenção, tentando entender a ordem daquele lugar curioso. A irmã Manu era a mais importante, pois não só cuidava dos porcos como policiava a colônia toda. Era uma rígida mestra dos protocolos, aquela lá, muito atenta aos modos e às condutas inadequadas. Todos na colônia amavam o reverendo Welles, mas temiam a irmã Manu. A mulher — cujo nome significava “pássaro” — era alta como Alma, e musculosa como um homem. Seria capaz de carregar Alma nas costas. Não podia dizer *isso* de muitas mulheres.

A irmã Manu sempre usava o chapéu de palha de abas largas, adornado com flores frescas que trocava todos os dias, mas Alma reparou na hora do banho de rio que a testa de Manu era cheia de cicatrizes brancas causadas por cortes. Duas ou três das mulheres mais velhas tinham marcas misteriosas semelhantes na testa, porém Manu também tinha outra marca: não tinha a última falange de ambos os mindinhos. Alma achava aquela lesão estranha, demasiadamente certa e simétrica. Não conseguia imaginar o que uma pessoa estaria fazendo para perder a ponta dos dois mindinhos de forma tão exata. Não ousou perguntar.

A irmã Manu era quem tocava o sino para chamá-los à oração todas as manhãs e noites, e as pessoas — os dezoito adultos da colônia — obedeciam à ordem. Até Alma tentava não faltar às missas na baía de Matavai, pois a irmã Manu ficaria ofendida, e Alma não iria sobreviver muito tempo sem estar em sua graça. De todo modo, Alma não achava difícil comparecer aos serviços: era

raro durarem mais que quinze minutos, e os sermões da irmã Manu, com seu inglês obstinado, eram sempre interessantes. (Se as reuniões luteranas na Filadélfia fossem simples e divertidas assim, Alma ponderou, talvez tivesse virado luterana.) Alma prestava muita atenção e com o passar do tempo captou palavras e expressões dos densos cânticos no idioma taitiano.

Te rima atua: a mão de Deus.

Te mau pure atua: o povo de Deus.

Quanto ao garoto que levava o óculo do microscópio a Alma na primeira noite, ela descobriu que fazia parte de um bando de cinco meninos pequenos que perambulavam pela colônia da missão sem outra ocupação perceptível além de brincar sem parar até desmoronarem de exaustão na areia, e — como cachorros — dormir onde caíam. Alma levou semanas para distinguir os meninos. O que havia aparecido em seu quarto e entregue o óculo, ela soube, chamava-se Hiro. Seu cabelo era o mais comprido e ele parecia estar no alto da hierarquia da gangue. (Mais tarde soube que, na mitologia taitiana, Hiro era o rei dos ladrões. Ficou satisfeita por seu primeiro encontro com o reizinho dos ladrões da baía de Matavai ter sido quando ele devolveu algo que lhe roubara.) Hiro era irmão do menino chamado Makea, embora talvez não fossem irmãos de fato. Também afirmavam ser irmãos de Papeiha, Tinomana e outro Makea, mas Alma achava que não podia ser verdade, já que os cinco aparentavam a mesma idade e dois tinham o mesmo nome. Ela não conseguia de jeito nenhum descobrir quem eram os pais. Não havia o menor sinal de que alguém cuidava daquelas crianças afora elas mesmas.

Havia outras crianças na baía de Matavai, mas elas encaravam a vida com muito mais seriedade do que os cinco meninos que na cabeça de Alma eram “o contingente de Hiro”. Essas outras crianças frequentavam a escola da missão para tomar aulas de inglês e leitura todas as tardes, ainda que seus pais não residissem na colônia do reverendo Welles. Eram menininhos de cabelo arrumado, curto, e meninhas com belas tranças, vestidos compridos e sorrisos abertos. Tinham aulas na igreja, ministradas pela jovem de semblante radiante que gritara para Alma em seu primeiro dia: “Aqui nós falamos inglês!” O nome da mulher era Etini — “flores brancas espalhadas na beira da estrada” — e falava inglês com perfeição, com um nítido sotaque britânico. Diziam que a esposa do reverendo Welles a ensinara pessoalmente quando era criança, e agora Etini era considerada a melhor professora de inglês da ilha inteira.

Alma se impressionava com as crianças comportadas e disciplinadas da escola, mas ficava ainda mais intrigada com os cinco meninos selvagens e malcriados do contingente de Hiro. Nunca tinha visto crianças tão soltas quanto Hiro, Makea, Papeiha, Tinomana e o outro Makea. Eles eram pequeninos lordes da liberdade, e muito alegres, aliás. Como uma mistura mítica de peixe, pássaro e macaco, pareciam se sentir igualmente à vontade na água, nas árvores e na

terra. Penduravam-se em videiras e pulavam no rio com berros impávidos. Remavam até o Recife em cima de tabuazinhas e depois, incrivelmente, ficavam *de pé* nas tábuas e navegavam nas ondas de rebentação espumantes, balançantes. Chamavam essa atividade de *faheei*, e Alma nem conseguia imaginar a agilidade e a autoconfiança que deviam sentir ao surfar na arrebenção com tanta facilidade. De volta à praia, socavam e lutavam uns com os outros sem se cansar. Outra das brincadeiras prediletas era a de construir pernas de pau, cobrir o corpo com um pó branco, segurar os olhos abertos com galhos e perseguir uns aos outros na areia como monstros altos e bizarros. Também empinavam o *uo* — uma pipa feita de folhas de palmeira secas. Nos momentos mais tranquilos, faziam algo que parecia um jogo de cartas, usando pedrinhas em vez de baralho. Tinham como bichos de estimação uma mistura alternada de gatos, cães, papagaios e até enguias (as enguias eram sitiadas por tijolos em um chiqueiro aquoso dentro do rio; ao ouvir os assobios dos meninos, elas levantavam a cabeça sobre a superfície da água de um jeito sinistro, prontas para comer pedaços de frutas de suas mãos). Às vezes o contingente de Hiro comia os bichos de estimação, tirando a pele e assando-os num espeto improvisado. Comer cachorro era um ato normal por ali. O reverendo Welles disse a Alma que cães taitianos eram tão gostosos quanto cordeiros ingleses; por outro lado, fazia décadas que o homem não comia cordeiro inglês, então ela não tinha certeza de que poderia confiar nele. Alma esperava que ninguém comesse Roger.

Pois Roger, Alma soube, era o nome do cachorrinho que a visitara em sua primeira noite na *fare*. Aparentemente, Roger não era de ninguém, mas ao que constava nutria certa afeição por Ambrose, que havia lhe atribuído esse nome majestoso, poderoso. A irmã Etini explicou tudo isso a Alma, acrescentando uma recomendação perturbadora: “O Roger nunca vai mordê-la, irmã Whittaker, a não ser que tente alimentá-lo.”

Nas primeiras semanas de estadia de Alma, Roger entrava em seu quartinho noite após noite, para latir de todo o coração. Passou muito tempo sem vê-lo à luz do dia. Aos poucos, com nítida relutância, a indignação dele se aplacou e suas crises de ultraje se abreviaram. Numa manhã, Alma acordou e viu Roger dormindo no chão, ao lado de sua cama, o que queria dizer que tinha entrado na noite anterior sem dar nenhum latido. Parecia um ato sugestivo. Ao ouvir Alma se mexer, Roger rosnou e saiu correndo, mas voltou na noite seguinte, e a partir de então ficou calado. Como era inevitável, naturalmente ela tentou alimentá-lo, e naturalmente ele tentou mordê-la. Feito esse aparte, se davam muito bem. Não que Roger tenha se tornado amistoso, para ser exato, mas não parecia mais ter desejo de arrancar o pescoço dela do resto do corpo, e isso já era um avanço.

Roger era um cachorro de aparência pavorosa. Não era apenas laranja e sarapintado, com focinho de formato irregular e perna manca, mas também dava a impressão de que alguém havia se empenhado bastante para mascar uma

grande parte de seu rabo. Também era *tuapu'u* — corcunda. Ainda assim, Alma passou a apreciar a presença de Roger. Ambrose devia ter algum motivo para amá-lo, ela ponderou, e isso a intrigava. Passava horas fitando o cachorro e pensando no que ele sabia a respeito de seu marido — o que ele teria testemunhado. Seu companheirismo se tornou um alívio. Apesar de não poder afirmar que Roger era protetor e leal com *ela*, ele parecia ter alguma ligação com a casa. Isso aplacava um pouco seu medo de dormir sozinha à noite, por saber que ele estava chegando.

Era ótimo, já que Alma tinha perdido a esperança em qualquer outra medida de segurança ou privacidade. Não teria nada a ganhar com a mera tentativa de definir limites para a sua casa ou os poucos bens que lhe sobraram. Adultos, crianças, fauna, condições meteorológicas — a qualquer hora do dia ou da noite, sem motivo nenhum, tudo e todos da baía de Matavai se sentiam à vontade para entrar na *fare* de Alma. Nem sempre chegavam de mãos vazias, sejam justos. Alguns de seus pertences foram reaparecendo com o tempo, aos pedaços e fragmentos. Nunca sabia quem os devolvia. Nunca viu com os próprios olhos. Era como se a ilha aos poucos tossisse partes de sua bagagem engolida.

Na primeira semana, recuperou uns papéis, uma anágua, um frasco de remédio, uma peça de fazenda, uma bola de barbante e uma escova de cabelo. Ela pensou, se eu esperar tempo suficiente, tudo será devolvido. Mas não era verdade, já que a probabilidade de objetos sumirem era igual à de aparecerem. Ela conseguiu de volta o outro vestido de viagem — a bainha cheia de moedas incrivelmente intacta —, o que foi uma grande bênção, embora nunca tenha reavido nenhum dos gorros de reserva. Algumas folhas de papel usadas para escrever voltaram às suas mãos, mas não muitas. Ela nunca mais viu o kit de primeiros socorros, mas uns vidrinhos para coleta botânica apareceram na soleira de sua porta, numa fileira alinhada. Numa manhã, percebeu que um sapato tinha sumido — só um sapato! —, apesar de não entender o que alguém haveria de querer com um pé de sapato, enquanto, ao mesmo tempo, um estojo de aquarelas bastante útil foi devolvido. Em outro dia, recuperou a base do precioso microscópio, porém a pessoa mais uma vez levou em troca o óculo. Era como o fluxo e refluxo da maré entrando e saindo de sua casa, depositando e tirando os destroços de sua antiga vida. Ela não tinha opção a não ser aceitar, e se admirar, dia após dia, com o que achava e perdia, depois achava e perdia de novo.

A valise de Ambrose, contudo, nunca mais lhe foi tirada. Naquela manhã em que foi deixada na soleira da porta, ela a colocou em cima da mesinha da *fare*, e ali ela permaneceu — totalmente intocada, como se guardada por um Minotauro polinésio invisível. Além disso, nenhum dos desenhos do Garoto sumiu. Ela não sabia por que a valise e seu conteúdo eram tratados com tamanha reverência, já que nada mais estava a salvo na baía de Matavai. Não teria a audácia de

perguntar a alguém: *Por que vocês nem tocam neste objeto, ou roubam estes desenhos?* Mas como poderia explicar o que eram aqueles desenhos, ou o que a valise significava para ela? Só lhe restava guardar silêncio e não entender nada.

Ambrose estava nos pensamentos de Alma o tempo inteiro. Ele não tinha deixado rastro no Taiti, afora o carinho residual que todos lhe tinham, mas ela via vestígios dele de maneira incessante. Tudo o que fazia, tudo o que tocava, gerava nela a questão: ele também tinha feito isso? Como passava seu tempo ali? O que ele achava daquela casinha minúscula, da comida curiosa, da língua complicada, do mar constante, do contingente de Hiro? Teria amado o Taiti? Ou, como Alma, achou o país muito diferente e peculiar para ser capaz de amá-lo? Teria se queimado debaixo do sol, como agora Alma se queimava naquela praia de areia preta? Tinha sentido saudade das violetas frescas e dos tordos silenciosos de casa, como Alma sentia, apesar de admirar o hibisco viçoso e os barulhentos papagaios verdes? Tinha enfrentado a melancolia e a tristeza, ou se enchera de alegria ao descobrir o Éden? Tinha pensado em Alma em algum momento? Ou a esquecera rapidamente, aliviado por estar livre de seus desejos confusos? Teria se esquecido dela porque se apaixonara pelo Garoto? E quanto ao Garoto, onde ele estava? Não era de fato um *garoto* — Alma teve que admitir para si mesma, principalmente depois de estudar os desenhos outra vez. A figura retratada estava mais para um garoto prestes a se tornar adulto. A essa altura, uns dois ou três anos depois, já devia ser um homem-feito. Na cabeça de Alma, entretanto, continuava a ser O Garoto, e ela nunca parava de procurá-lo.

Mas Alma não percebia nenhum rastro ou menção ao Garoto na baía de Matavai. Ela o buscava no rosto de todos os homens que passavam pela colônia e no rosto de todos os pescadores que usavam a praia. Quando o reverendo Welles disse a Alma que Ambrose ensinara a um taitiano o segredo do cultivo da baunilha (*meninos pequenos, dedos pequenos, varas pequenas*), Alma pensou: deve ser ele. Mas, quando foi à plantação para investigar, não era O Garoto: era um cara robusto mais velho, de olho vesgo. Alma fez vários passeios na plantação de baunilha, simulando interesse nos procedimentos, mas nunca viu ninguém que sequer lembrasse O Garoto. De poucos em poucos dias, ela anunciava que ia estudar plantas, mas na verdade regressava à capital de Papeete, pegando um pônei emprestado da plantação para percorrer o longo trajeto. Quando chegava, andava pelas ruas o dia inteiro e parte da noite, observando todos os rostos que passavam. O pônei ia atrás dela — uma versão esquelética, tropical de Soames, o velho amigo de infância. Procurava O Garoto nos embarcadouros, do lado de fora dos bordéis, em hotéis abarrotados de belos colonos franceses, na nova catedral católica, no mercado. Às vezes via um índio alto, forte, de cabelo curto caminhando à sua frente, e corria até ele e cutucava seu ombro, pronta para fazer alguma pergunta, só para fazê-lo se virar. A cada

encontro tinha certeza: esse aí é ele.

Nunca era.

Sabia que em breve teria de expandir a busca, procurá-lo fora das imediações de Papeete e da baía de Matavaí, mas não sabia muito bem como começar. A ilha do Taiti tinha cinquenta e seis quilômetros de comprimento e dezenove de largura, do formato de um oito assimétrico. Era difícil ou impossível cruzar grandes distâncias. Depois de sair da estrada arenosa cheia de sombras cujo caminho sinuoso ficava perto da costa, o terreno se tornava um desafio atemorizante. Plantações escalonadas de inhame se arrastavam morros acima, ao lado de bosques de coqueiros e ondas de cerrado, mas depois, de repente, não havia nada além de rochedos altos e selvas inacessíveis. Poucas pessoas viviam nas montanhas, disseram a Alma, afora os habitantes dos penhascos — que eram quase lendários e tinham um talento extraordinário como alpinistas. Eram caçadores, não pescadores. Alguns nunca tinham chegado perto do mar. Os taitianos que moravam nos penhascos e os taitianos do litoral sempre foram cautelosos uns com os outros, e havia limites que nenhum dos dois grupos queria cruzar. Quem sabe O Garoto não era de uma das tribos que vivia nas montanhas? Porém, os desenhos de Ambrose o retratavam na beira do mar, segurando redes de pescar. Alma não conseguia encaixar as peças.

Também era possível que O Garoto fosse um marujo — um auxiliar em um baleeiro de passagem por ali. Se fosse o caso, ela jamais o acharia. A essa altura, podia estar em qualquer lugar do mundo. Podia até estar morto. Mas a inexistência de prova — como Alma sabia muito bem — não era prova de inexistência.

Teria de continuar procurando.

Definitivamente não colheu informação nenhuma na colônia da missão. Nunca ouviu fofocas maldosas sobre Ambrose — nem no rio onde se banhavam, onde as mulheres fofocavam sem restrições. Ninguém fazia sequer comentários atravessados sobre o muito saudoso e muito lastimado sr. Pike. Alma chegou a ponto de perguntar ao reverendo Welles: “O sr. Pike teve algum amigo mais íntimo quando esteve aqui? Alguém por quem tivesse um carinho especial?”

Ele apenas encarou-a com seu olhar franco e disse: “O sr. Pike era amado por todos.”

O diálogo aconteceu no dia em que foram visitar o túmulo de Ambrose. Alma pediu que ele a levasse até lá, para honrar o finado funcionário de seu pai. Em uma tarde fria e nublada, subiram juntos a colina Tahara, onde um pequeno cemitério inglês fora instalado perto do cume. O reverendo Welles era um companheiro agradável de caminhada, Alma descobriu, pois era rápido e hábil ao andar por qualquer espécie de terreno, e recitava tipos diversos de dados enquanto avançavam.

“Na primeira vez que estive aqui”, ele contou naquele dia, enquanto subiam o

morro íngreme, “tentei detectar quais das plantas e verduras eram nativas do Taiti e quais foram trazidas pelos exploradores e colonos antigos, mas é uma dificuldade angustiante averiguar essas coisas, sabe? Os próprios taitianos não foram de grande serventia nessa empreitada, porque eles dizem que todas as plantas — até as agrícolas — foram semeadas aqui pelos deuses”.

“Os gregos falavam a mesma coisa”, declarou Alma, entre arfadas. “Diziam que as videiras e as oliveiras eram plantadas pelos deuses.”

“É”, concordou o reverendo Welles. “Parece que as pessoas se esquecem do que elas mesmas criam, não é? Agora nós sabemos que a população inteira da Polinésia carrega inhame, coqueiro e fruta-pão quando se assentam em ilhas novas, mas essas pessoas dizem que foram os deuses que plantaram essas coisas lá. Algumas das histórias que contam são fabulosas. Dizem que a fruta-pão foi feita pelos deuses para parecer o corpo humano, como uma pista para os seres humanos, sabe — para nos avisar que a árvore é útil. Dizem que é por isso que as folhas da fruta-pão parecem mãos — para mostrar aos seres humanos que eles devem pôr as mãos nas árvores e encontrar sua subsistência nelas. Na verdade, os taitianos falam que *todas* as plantas úteis desta ilha parecem partes do corpo humano, como uma mensagem dos deuses, sabe? É por isso que o óleo de coco, que é bom para dor de cabeça, vem do coco, que parece uma cabeça. As castanhas *mape* são boas para os problemas renais, já que elas parecem rins, ou pelo menos foi o que eu ouvi. A seiva vermelha da planta *fei* é boa para tratar problemas sanguíneos.”

“A assinatura de todas as coisas”, murmurou Alma.

“Sim, sim”, disse o reverendo Welles. Alma não tinha certeza de que ele a escutara. “Galhos de bananeiras, como estes aqui, irmã Whittaker, também simbolizariam o corpo humano. Por causa do formato, as bananeiras são usadas como gestos de paz — como gestos de *humanidade*, pode-se dizer. A gente joga um aos pés dos inimigos para declarar que se rende ou que está disposto a chegar a um meio-termo. Foi de grande valia para mim descobrir esse fato quando era novo no Taiti, garanto! Eu atirava galhos de bananeiras para todos os lados, sabe, para evitar que me matassem e me comessem!”

“O senhor realmente seria morto e comido?”, indagou Alma.

“É mais provável que não, apesar de missionários sempre terem medo dessas coisas. A senhorita sabia que há um exemplo ótimo e espirituoso de piada de missionário, em que se pergunta: ‘Se um missionário é comido por um canibal, e o missionário é digerido e o canibal morre, o corpo digerido do missionário é ressuscitado no Dia do Juízo Final? Se não é, como São Pedro sabe quais pedaços mandar para o céu e quais mandar para o inferno?’ Rá-rá-rá!”

“O sr. Pike alguma vez conversou com o senhor sobre o conceito que acabou de mencionar?”, Alma perguntou, sem dar muita atenção ao gracejo do missionário. “Sobre deuses que criam plantas de formatos peculiares, quero

dizer, a fim de mostrar as utilidades que podem ter no auxílio aos homens?”

“O sr. Pike e eu conversamos sobre tantas coisas, irmã Whittaker!”

Alma não sabia como abordar especificidades sem se revelar demais. Por que teria se importado tanto com o funcionário do pai? Ela não queria levantar suspeitas. Mas ele era um homem tão bizarro! Ela o achava ao mesmo tempo franco e insondável. Sempre que Ambrose era trazido à baila, Alma examinava o semblante do reverendo Welles em busca de pistas, mas o homem era impossível de desvendar. Sempre encarava o mundo com a mesma fisionomia impassível. Seu temperamento não se alterava em nenhuma situação. Era estável como um farol. Sua sinceridade era tão plena e perfeita que era quase uma máscara.

Por fim chegaram ao cemitério, com suas lápides pequenas e branqueadas, algumas entalhadas em cruzes. O reverendo Welles levou Alma direto ao túmulo de Ambrose, arrumado e marcado por uma pedrinha. Era um lugar adorável, de onde se via a baía de Matavai inteira e também o mar luminoso. Alma temera que, ao ver o túmulo, fosse incapaz de conter a emoção, mas na verdade ficou tranquila — até mesmo distante. Não sentia Ambrose ali. Não o imaginava enterrado debaixo daquela pedra. Lembrou-se de como ele se esparramava no gramado com suas belas pernas compridas, falando de encantos e mistérios enquanto ela estudava musgos. A sensação era de que ele existia mais na Filadélfia, mais na sua memória, do que ali. Não imaginava os ossos dele apodrecendo sob seus pés. Ambrose não era do solo: era do ar. Ele praticamente não era do solo quando vivo, ela ponderou. Como era possível que estivesse dentro da terra agora?

“Não tínhamos madeira serrada para usar no caixão”, disse o reverendo Welles, “então enrolamos o sr. Pike num tecido local e o enterramos na quilha de uma canoa velha, como às vezes fazem aqui. O entubamento é complicado nessa região, sem as ferramentas adequadas, sabe, e quando os indígenas conseguem tábuas boas, preferem não desperdiçá-las em túmulos, então improvisamos com canoas velhas. Mas os locais demonstraram muito carinho pela fé cristã do sr. Pike, sabe? Puseram o túmulo voltado do leste para o oeste, sabe — para que ele fique de frente para o sol nascente, como em todas as igrejas cristãs. Gostavam muito dele, como eu já disse. Rezo para que tenha morrido feliz. Ele era um grande homem”.

“Ele lhe parecia feliz quando estava aqui, irmão Welles?”

“Ele descobriu muitas coisas que o agradavam na ilha, como todos nós aprendemos a fazer. Tenho certeza de que ele queria mais orquídeas, sabe? O Taiti pode ser frustrante, como eu já disse, para quem vem estudar história natural.”

“O sr. Pike alguma vez lhe pareceu perturbado?”, Alma ousou instigar.

“As pessoas vêm para esta ilha por vários motivos, irmã Whittaker. Minha

esposa sempre dizia que elas são jogadas na nossa costa, esses estranhos confusos, e muitas vezes nem sabem onde vieram parar! Alguns dão a impressão de que são cavalheiros impecáveis, mas depois descobrimos que são criminosos condenados em seus países de origem. Por outro lado, sabe, alguns eram cavalheiros impecáveis em suas vidas na Europa, mas vêm para cá a fim de se comportarem como condenados! Nunca se sabe o que se passa no coração dos outros.”

Ele não tinha respondido a pergunta.

E quanto a Ambrose?, ela queria inquirir. O que se passava no coração dele?

Ela segurou a língua.

Em seguida, o reverendo Welles anunciou, no tom alegre que lhe era habitual: “A senhorita verá os túmulos das minhas filhas ali, do outro lado daquela mureta.”

A declaração fez Alma cair no silêncio. Não sabia que o reverendo Welles tivera filhas, muito menos que tinham morrido ali.

“São túmulos pequeninhos, veja só”, ele disse, “porque as meninas não viveram muito tempo. Nenhuma delas completou um ano. Aqui estão Helen, Eleanor, e Laura está à esquerda. Penelope e Theodosia descansam ao lado delas, à direita”.

As cinco lápides eram minúsculas, menores que tijolos. Alma não conseguia encontrar palavras para confortá-lo. Era a coisa mais triste que já tinha visto.

O reverendo Welles, vendo seu semblante baqueado, deu um sorriso gentil. “Mas existe alívio. A caçula, Christina, está viva, sabe? O Senhor nos deu uma filha que conseguimos conduzir pela vida, e ela continua viva. Mora em Cornwall, onde agora cria os três filhos. A sra. Welles vive com ela. Minha esposa mora com a nossa filha sobrevivente, sabe, e eu moro aqui, para fazer companhia a quem partiu.”

Ele olhou por cima do ombro de Alma. “Ah, olha só!”, exclamou. “O jasmim está florindo! É bom a gente colher alguns e levar para a irmã Manu. Ela pode usar flores frescas no chapéu para a missa desta noite. A senhorita não acha que ela vai gostar?”

O reverendo Welles sempre deixava Alma sem rumo. Ela nunca tinha conhecido um homem tão alegre, tão conformado, que havia perdido tanto e que vivia para — e com — tão pouco. Com o tempo, ela descobriu que ele nem tinha casa. Nenhuma *fare* era dele. O homem dormia na igreja da missão, em um dos bancos. Era comum que não tivesse um *ahu taoto* para se cobrir. Como um gato, era capaz de dormir onde fosse. Não tinha nenhum pertence além da Bíblia — e até ela às vezes ficava semanas desaparecida, até que alguém acabava devolvendo-a. Ele não tinha nenhum animal, nem cuidava de um jardim. A canoinha que gostava de usar para ir ao recife de coral era de um garoto de

catorze anos que tinha a generosidade de emprestá-la. Não existia prisioneiro, monge ou mendigo no mundo, refletiu Alma, que tivesse menos que ele.

Mas as coisas nem sempre foram assim, Alma descobriu. Francis Welles fora criado em Cornwall, em Falmouth, bem diante do mar, em uma família grande de pescadores bem-sucedidos. Apesar de não ter revelado a Alma detalhes precisos de sua juventude (“Não gostaria que o meu conceito caísse com a senhorita, caso soubesse dos atos que cometi!”), ele deu a entender que tinha sido um rapaz violento. Um golpe na cabeça o levava ao Senhor — ou ao menos era assim que o reverendo Welles relatava sua conversão: uma taberna, uma briga, “uma garrafada nos meus miolos” e então... revelação!

A partir daí, ele se voltara para o aprendizado e a devoção vitalícia. Pouco depois se casou com uma moça chamada Edith, a educada e virtuosa filha de um pastor metodista da cidade. Por meio de Edith, ele aprendeu a falar, pensar e se comportar de modo mais dócil e honrado. Adquiriu o apreço pelos livros e tinha “vários tipos de ideias sublimes”, nas palavras dele. Ocupou-se da ordenação. Jovem e volúvel a ideais extravagantes, o novo reverendo Francis Welles e a esposa Edith se candidataram à Associação dos Missionários de Londres, pleiteando ser despachados para a mais remota das terras pagãs, para apresentar a palavra do Redentor em território estrangeiro. A Associação dos Missionários de Londres recebeu Francis de braços abertos, pois era incomum encontrar um homem de Deus que também fosse um marinheiro calejado e competente. Para esse ramo, não queriam cavalheiros de Cambridge de mãos macias.

O reverendo Welles e a sra. Welles desembarcaram no Taiti em 1797, no primeiro navio missionário a chegar à ilha, acompanhados de mais quinze evangelistas ingleses. Na época, o deus dos taitianos era personificado por uma madeira de um metro e oitenta de altura, envolta em tecido *tapa* e plumas vermelhas.

“Assim que desembarcamos”, ele contou a Alma, “os locais ficaram maravilhados com as nossas roupas. Um deles tirou o meu sapato e, dando uma olhada na meia, deu um pulo para trás, de medo. Ele achou que eu não tinha dedos, sabe? Bom, pouco depois eu já não tinha sapatos, já que ele os levou embora!”

Francis Welles gostou dos taitianos à primeira vista. Gostou da sagacidade, ele disse. Eram mímicos habilidosos, que adoravam caçoar. Trouxeram-lhe lembranças do humor e das brincadeiras do porto de Falmouth. Achava divertido o fato de que, sempre que usava chapéu de palha, as crianças o seguiam, gritando: “Sua cabeça é de palha! Sua cabeça é de palha!”

Ele gostava, sim, dos taitianos, mas não deu sorte ao tentar convertê-los.

Como disse a Alma, “A Bíblia nos instrui: ‘Assim que souberem de mim, eles me obedecerão: os estrangeiros se submetem a mim.’ Bom, irmã Whittaker, talvez dois mil anos atrás fosse assim! Mas não foi assim quando chegamos ao

Taiti! Apesar da delicadeza deste povo, sabe, eles resistiram a todas as nossas tentativas de convertê-los — e cheios de entusiasmo! Não conseguimos dobrar nem as crianças! A sra. Welles montou uma escola para os mais novinhos, mas os pais reclamavam: 'Por que é que vocês seguram o meu filho? Que luxos ele vai conseguir através do seu Deus?' A coisa mais adorável a respeito dos nossos alunos taitianos, sabe, era que eles eram muito bondosos, gentis e educados. A coisa mais incômoda era que não tinham interesse no nosso Senhor! Eles só faziam rir da pobre sra. Welles quando ela tentava ensinar o catecismo."

A vida era árdua para os missionários pioneiros. Pobreza e perplexidade atrapalhavam suas ambições. O evangelho era visto com indiferença ou hilaridade. Dois dos membros faleceram no primeiro ano. Os missionários levavam a culpa por todas as calamidades que acometiam o Taiti, e não eram creditados por nenhuma das dádivas. Seus pertences ou apodreciam, ou eram devorados por ratos, ou roubados bem diante de seus narizes. A sra. Welles tinha levado da Inglaterra apenas uma relíquia de família: um belo cuco que repicava de hora em hora. Da primeira vez que os taitianos viram o relógio anunciar a hora, correram apavorados. Da segunda vez, levaram fruta para dar ao relógio e se abaixaram diante dele, numa súplica temerosa. Da terceira vez, roubaram-no.

"É difícil converter alguém", ele explicou, "que está mais interessado nas suas tesouras do que no seu deus! Rá-rá-rá! Mas como criticar alguém por querer tesoura se a pessoa nunca tinha visto uma? Um par de tesouras não pareceria um milagre em comparação com uma lâmina feita de dente de tubarão?"

Ao longo de quase vinte anos, Alma descobriu, nem o reverendo Welles nem ninguém naquela ilha tinha sido capaz de convencer um taitiano a abraçar o cristianismo. Muitas ilhas polinésias iam de bom grado ao encontro do Deus Verdadeiro, mas o Taiti continuava resistindo. Eram amigáveis, mas teimosos. As ilhas Sandwich, as Navigator, as ilhas Gambier, as ilhas havaianas — até as temíveis Marquesas! —, todas aceitaram Cristo, mas o Taiti não. Tão adoráveis e alegres são os taitianos, e ao mesmo tempo tão obstinados. Eles sorriam, gargalhavam e dançavam, e simplesmente não abriam mão do hedonismo. "A alma deles é feita de latão e ferro", se queixavam os ingleses.

Cansados e frustrados, alguns dos membros do grupo inicial de missionários voltaram para Londres, onde logo se descobriram capazes de se sustentar muito bem relatando suas aventuras nos Mares do Sul em palestras e livros. Um missionário foi enxotado do Taiti sob ameaças com lanças porque tentou derrubar um dos templos mais sagrados da ilha, a fim de usar as pedras para construir uma igreja. Quanto aos homens de Deus que permaneceram no Taiti, alguns se dispersaram e adotaram atividades mais simples. Um se tornou comerciante de mosquetes e pólvora. Outro abriu um hotel em Papeete, assumindo não uma, mas duas jovens esposas locais que lhe aquecessem a cama. Um camarada — James, o afável rapaz que era primo de Edith Welles — simplesmente perdeu a

fê, caiu no desespero, partiu ao mar como um marinheiro comum, e nunca mais souberam dele.

Mortos, banidos, caducos ou exaustos — acabou que todos os missionários do início foram extirpados, exceto Francis e Edith Welles, que continuaram na baía de Matavai. Nos primeiros anos, Edith gerara as primeiras meninas — Eleanor, Helen e Laura —, que morreram, uma depois da outra, quando bebês. Ainda assim, o casal Welles não se entregava. Construíram a igreja, praticamente sozinhos. O reverendo Welles descobriu como fazer cal com coral alvejado, cozinhando-o num forno rudimentar até que virasse pó. Deixava a igreja com aparência mais convidativa. Fez foles com couro de cabra e bambu. Tentou plantar um jardim com sementes inglesas deploráveis, úmidas. (“Depois de três anos de empenho, conseguimos apenas um morango”, ele contou a Alma, “e o dividimos, a sra. Welles e eu. O gosto bastou para minha boa esposa chorar. Nunca mais consegui outro. Mas até que tive sorte, às vezes, com repolho!”) Ele adquiriu, e depois perdeu para os ladrões, um rebanho de quatro vacas. Tentou cultivar café e tabaco, mas não deu certo. Bem como batata, trigo e uva. Os porcos da missão se deram bem, mas nenhum outro animal se adaptava ao clima.

A sra. Welles ensinava inglês aos nativos da baía de Matavai e os considerava rápidos e habilidosos em relação à língua. Ensinou dezenas de crianças da região a ler e escrever. Algumas foram morar com o casal Welles. Houve um menino que passou — em dezoito meses — do total analfabetismo à capacidade de ler o Novo Testamento sem tropeçar em nenhuma palavra, mas o menino não virou cristão. Nenhum se converteu.

O reverendo Welles disse a Alma: “Eles viviam me perguntando, os taitianos, ‘Que prova você tem do seu deus?’. Eles queriam que eu falasse de milagres, irmã Whittaker. Queriam indícios de bênçãos a quem merecia, sabe, ou de punições aplicadas a quem tinha culpa. Teve um homem sem perna que me pediu para fazer o favor de instruir meu deus a lhe dar outra perna. Disse a ele: ‘Onde encontrarei uma perna nova para você, neste país ou em outro?’ Rá-rá-rá! Eu não posso fazer milagres, sabe, então eles não ficavam muito impressionados. Vi um garoto taitiano parado diante do túmulo da irmãzinha e perguntar: ‘Por que Deus Jesus plantou a minha irmã no chão?’ Ele queria que eu instrísse Deus Jesus a ressuscitar a menina — mas eu não podia nem ressuscitar as minhas filhas, sabe, então como eu poderia realizar tamanho prodígio? Eu não tinha como oferecer nenhum indício do meu salvador, irmã Whittaker, além do que a minha boa esposa, a sra. Welles, chama de meu ‘indício interno’. Eu sabia na época e sei agora apenas o que o meu coração sente que é verdade, sabe — que, sem o amor do nosso Senhor, sou um desgraçado. Esse é o único milagre que posso comprovar, e continua a ser milagre suficiente para mim. Para os outros, talvez não baste. Nem posso pôr a culpa neles, afinal eles não podem ver o meu

coração. Não podem ver as trevas que haviam nele, tampouco podem ver o que entrou no lugar delas. Mas até hoje é o único milagre que tenho a oferecer, sabe, e é um milagre modesto.”

Além disso, Alma ficou sabendo, havia muita confusão entre os locais quanto a qual tipo de deus era aquele — o deus dos ingleses — e acerca de onde o deus vivia. Por muito tempo, os habitantes da baía de Matavai acreditaram que a Bíblia que o reverendo Welles carregava era, na verdade, seu deus. “Eles achavam perturbador que eu carregasse meu deus enfiado debaixo do braço, ou que eu deixasse meu deus largado na mesa, ou que de vez em quando eu emprestasse meu deus aos outros! Eu tentei explicar que meu deus estava em todos os lugares, sabe? Eles quiseram saber: ‘Então por que não o vejo?’ Eu disse: ‘Porque o meu deus é invisível’, e eles retrucaram: ‘Então como você faz para não tropeçar no seu deus?’ e eu falei ‘Na verdade, meus amigos, às vezes eu tropeço!’”.

A Associação dos Missionários de Londres não mandava nada a título de assistência. Por quase dez anos, o reverendo Welles não teve nenhuma notícia de Londres — nenhuma instrução, nenhum auxílio, nenhum incentivo. Ele assumiu a tarefa de difundir sua religião. Para começar, passou a batizar quem quisesse ser batizado. Essa postura estava em profundo desacordo com as diretrizes da Associação dos Missionários de Londres, que insistia que ninguém fosse batizado até ter *bastante certeza* de que havia renunciado a seus antigos ídolos e adotado o Verdadeiro Salvador. Mas os taitianos *queriam* ser batizados, porque era muito divertido — e ao mesmo tempo manter as velhas crenças. O reverendo Welles cedeu. Batizou centenas de infieis, e também de semifieis.

“Quem sou eu para impedir que alguém receba o batismo?”, ele indagou, para o assombro de Alma. “A sra. Welles não aprovou, devo admitir. Ela acreditava que possíveis cristãos deviam passar por um teste rígido de sinceridade antes do batismo, sabe? Mas, para mim, parecia a Inquisição! Ela sempre me lembrava de que nossos colegas de Londres queriam que nós zelássemos pela uniformidade da fé. Mas não existe uniformidade de fé nem mesmo entre mim e a sra. Welles! Como eu sempre dizia à minha boa esposa: ‘Querida Edith, viemos de tão longe para acabar que nem os espanhóis?’ Se um homem quer ser mergulhado no rio, eu o mergulho no rio! Se é para um homem alcançar a Deus, sabe, que seja pela vontade do Senhor — não pelo que faço ou deixo de fazer. Então, qual é o mal do batismo? O homem sai do rio um pouco mais limpo do que ao entrar, e talvez um pouco mais perto do céu.”

Em certos casos, o reverendo Welles confessou, ele batizava as pessoas várias vezes por ano, ou dezenas de vezes seguidas. Simplesmente não via nenhum mal nisso.

No transcorrer dos anos seguintes, o casal Welles teve mais duas filhas: Penelope e Theodosia. Elas também morreram na primeira infância e foram

enterradas na montanha, ao lado das irmãs.

Novos missionários chegaram ao Taiti. A tendência era ficarem longe da baía de Matavai e das ideias perigosamente liberais do reverendo Welles. Esses novos missionários eram mais firmes com os nativos. Instituíram uma série de leis contra adultério e poligamia, contra transgressões, não guardar o dia do descanso, roubo, infanticídio e catolicismo romano. Enquanto isso, Francis Welles se afastava cada vez mais das práticas missionárias ortodoxas. Em 1810, traduziu a Bíblia para o taitiano sem a aprovação prévia de Londres. “Não traduzi a Bíblia inteira, sabe, só os trechos que imaginei que os taitianos gostariam. A minha versão é bem mais breve do que a que a senhorita conhece, irmã Whittaker. Deixei de fora todas as menções a Satã, por exemplo. Cheguei à conclusão de que é melhor não falar abertamente de Satã, sabe, porque quanto mais os taitianos ouvem falar do Príncipe das Trevas, mais respeito e curiosidade sentem por ele. Eu já vi uma jovem casada ajoelhada na minha igreja, rezando com toda sinceridade para que Satã lhe desse um menino como primogênito. Quando tentei corrigir o triste rumo que ela estava tomando, ela disse: ‘Mas quero cair na boa graça do único deus que todos os cristãos temem!’ Portanto, eu desisti de falar de Satã. É preciso se adaptar, srta. Whittaker. É preciso se adaptar!”

A Associação dos Missionários de Londres acabou sabendo dessas adaptações e, muito desgostosa, mandou o recado de que os Welles parassem de pregar e voltassem para a Inglaterra imediatamente. Mas a Associação dos Missionários de Londres estava do outro lado do mundo, então como poderia impor qualquer coisa? Nesse ínterim, o reverendo Welles *já* tinha parado de pregar e dado permissão para que a mulher chamada irmã Manu fizesse os sermões, apesar do fato de que ela ainda não havia *exatamente* renunciado a todos os outros deuses. Porém, gostava de Jesus Cristo, e falava dele de uma forma bastante eloquente. A notícia deixou Londres ainda mais furiosa.

“Mas simplesmente não posso responder à Associação dos Missionários de Londres”, ele explicou a Alma, quase lhe pedindo desculpa. “A lei deles foi deixada na Inglaterra, sabe? Eles não têm noção de como são as coisas. Aqui, só posso responder ao Autor de todas as nossas misericórdias, e sempre acreditei que o Autor de todas as nossas misericórdias gosta da irmã Manu.”

Contudo, nenhum taitiano havia abraçado o cristianismo plenamente até 1815, quando o rei do Taiti — rei Pōmare — mandou todas as suas imagens sacras a um missionário britânico em Papeete, junto com uma carta, em inglês, declarando que gostaria que seus antigos ídolos fossem incinerados: desejava se tornar cristão, enfim. Pōmare esperava que sua decisão salvasse o povo, já que o Taiti enfrentava muitas adversidades. Com cada navio, chegavam novas pragas. Famílias inteiras morriam — de sarampo, de varíola, das terríveis doenças da prostituição. O capitão Cook tinha estimado que a população do Taiti fosse de duzentas mil pessoas em 1772, mas ela havia caído para cerca de oito mil em

1815. Ninguém estava imune às doenças — nem os grandes líderes, nem os proprietários de terras, nem os pobres. O filho do próprio rei tinha morrido de tuberculose.

Os taitianos, em consequência, começaram a duvidar de seus deuses. Quando a morte visita tantas casas, todas as certezas são questionadas. À medida que as doenças se espalhavam, se espalhavam também os boatos de que o Deus dos ingleses estaria punindo os taitianos por terem rejeitado Seu filho Jesus Cristo. O temor preparou os taitianos para o Senhor, e o rei Pōmare foi o primeiro a se converter. Seu ato inaugural como cristão foi organizar um banquete e ingerir a comida na frente de todos sem antes fazer uma oferenda aos velhos deuses. Multidões se aglomeraram em volta do rei, em pânico, certos de que ele cairia morto pelas mãos das furiosas deidades diante de seus olhos. Ele não caiu morto.

Depois disso, todos se converteram. O Taiti, fragilizado, humilhado e dizimado, enfim se tornava cristão.

“Não demos sorte?”, o reverendo Welles disse a Alma. “Não demos uma baita sorte?”

Ele disse isso no mesmo tom radiante com que sempre se expressava. Esse era o enigma do reverendo Welles. Alma achava impossível compreender o que, se é que existia alguma coisa, estava por trás dessa eterna alegria. Seria ele um cínico? Seria um herege? Seria um tolo? Seria sua inocência simulada ou natural? Era impossível saber por seu semblante, sempre banhado na luz clara da sinceridade. Tinha uma fisionomia tão franca que envergonharia os desconfiados, os gananciosos, os cruéis. Era uma fisionomia que envergonharia um mentiroso. Era um semblante que às vezes envergonhava Alma, pois nunca tinha sido honesta com ele sobre sua história e motivações. De vez em quando tinha vontade de esticar o braço e segurar a mãozinha dele na sua gigantesca e — abandonando os títulos respeitáveis de irmão Welles e irmã Whittaker — lhe dizer simplesmente: “Não fui franca com você, Francis. Vou contar a minha história toda. Vou lhe contar do meu marido e do nosso casamento anormal. Por favor, me ajude a entender quem era o Ambrose. Por favor, me diga o que você sabia a respeito dele e, por favor, me diga o que você sabia sobre O Garoto.”

Mas não o fez. Ele era sacerdote do Senhor e um cristão honrado, casado. Como poderia falar dessas coisas com ele?

O reverendo Welles tinha contado sua história toda a Alma, no entanto, e não escondeu quase nada. Ele lhe disse que, poucos anos após a conversão do rei Pōmare, ele e a sra. Welles, inesperadamente, tiveram outra filha. Dessa vez, a criança sobreviveu. A sra. Welles viu como sinal da aprovação do Senhor — porque os Welles tinham ajudado a cristianizar o Taiti. Portanto, deram à criança o nome Christina. Nessa época, a família morava na melhor cabana da colônia, bem ao lado da igreja, na mesma cabana agora habitada pela irmã Manu, e eram realmente felicíssimos. A sra. Welles e a filha cultivavam boca-de-leão e

esporas, e criaram ali um jardimzinho inglês. A menina aprendeu a nadar antes de saber andar, como qualquer criança da ilha.

“Christina foi minha alegria e minha recompensa”, declarou o reverendo Welles. “Mas o Taiti não é lugar, minha esposa achava, para uma inglesinha ser criada. São muitas as influências corruptoras, sabe? Eu discordo, mas era isso o que a sra. Welles achava. Quando a Christina ficou moça, a sra. Welles a levou de volta para a Inglaterra. Não as vejo desde então. Não as verei de novo.”

Esse destino não só parecia solitário aos olhos de Alma, como terrivelmente injusto. Nenhum bom inglês, ela pensou, devia ser deixado ali, a sós no meio dos Mares do Sul, tendo de enfrentar a velhice na solidão. Ela pensou no pai em seus anos derradeiros: o que teria feito sem Alma?

Como se lesse seu semblante, o reverendo Welles acrescentou: “Tenho saudeade da minha boa esposa e de Christina, mas não fiquei completamente excluído do convívio familiar. Não considero a irmã Manu e a irmã Etini minhas irmãs só no nome. Na escola da nossa missão também tivemos a sorte de criar vários estudantes brilhantes e de bom coração, que vejo como meus filhos, e alguns também viraram missionários, sabe? Agora são sacerdotes nas ilhas distantes, esses nossos alunos nativos. Tem o Tamatoa Mare, que leva o evangelho à grande ilha de Raiatea. Tem o Patii, que amplia o reino do Salvador até a ilha de Huanhine. Tem o Paumoana, incansável em nome do Senhor em Bora Bora. Todos são filhos meus, e todos são muito admirados. Existe uma coisa no Taiti chamada *taio*, sabe, que é uma espécie de adoção, um meio de acolher estranhos na sua família. Quando você entra no *taio* com um nativo, você troca de genealogia, e vocês se tornam parte da linhagem um do outro. A linhagem é muito importante aqui. Tem taitianos que sabem de cor trinta gerações de ascendentes — como as figuras da Bíblia, sabe? Ser recebido numa linhagem é uma grande honra. Então, tenho meus filhos taitianos a meu lado, por assim dizer, que vivem por essas ilhas, e eles são um alívio para este velho aqui.”

“Mas eles *não* estão com o senhor”, Alma não conseguiu se conter. Sabia exatamente a que distância estavam de Bora Bora. “Não estão aqui para ajudá-lo, nem para cuidar do senhor caso seja necessário.”

“O que a senhorita diz é verdade, mas só de saber que eles existem já me sinto reconfortado. Temo que a senhorita ache minha vida muito triste. Não se engane. Vivo onde estava destinado a viver. Eu jamais abandonaria minha missão, sabe? Meu trabalho aqui não é uma incumbência, irmã Whittaker. Meu trabalho aqui não é um emprego, sabe, em que o homem se aposenta e tem uma velhice tranquila. Meu trabalho é manter essa igreja viva até o fim dos meus dias, como uma jangada contra os ventos e os sofrimentos do mundo. Quem quiser entrar na minha jangada será bem-vindo. Não obrigo ninguém a entrar, sabe, mas como abandonar a minha jangada? Minha boa esposa me acusa de ser melhor como cristão do que como missionário. Talvez ela tenha razão! Não tenho

certeza se já converti alguém. Porém, essa igreja é a minha missão, irmã Whittaker, e tenho de ficar.”

Ele tinha setenta e sete anos, Alma descobriu.

Tinha mais tempo na baía de Matavai do que ela tinha de vida.

Capítulo vinte e quatro

Outubro chegou.

A ilha entrou na estação que os taitianos chamavam de *Hia'ia* — a estação das ânsias, quando é difícil achar fruta-pão e o povo às vezes passa fome. Não havia fome na baía de Matavai, felizmente. Tampouco havia abundância, sem dúvida, mas também ninguém morria de fome. Peixe e raiz de taro davam conta do recado.

Ah, raiz de taro! A enfadonha, insossa raiz de taro! Triturada e amassada, fervida e escorregadia, assada no carvão, enrolada em bolinhas úmidas chamadas *poi*, e usada para tudo, do café da manhã à comunhão, servindo até para alimentar os porcos. A monotonia da raiz de taro vez por outra era interrompida pelo acréscimo de bananinhas ao cardápio — bananas doces e maravilhosas que praticamente podiam ser engolidas de uma vez só —, mas até elas eram complicadas de achar àquela altura. Alma olhava para os porcos com desejo, mas a irmã Manu, ao que parecia, os guardava para outro dia, um dia de mais fome. Portanto, não havia porco a saborear, somente raiz de taro em todas as refeições, e às vezes, se a pessoa tivesse sorte, um peixe de bom tamanho. Alma teria feito qualquer coisa por um dia sem raiz de taro — mas um dia sem isso era um dia sem comida. Ela começava a entender por que o reverendo Welles simplesmente abria mão de comer.

Os dias eram serenos, quentes e parados. Todo mundo estava apático e indolente. Roger, o cão, cavou um buraco no jardim de Alma e dormia nele praticamente o dia inteiro, a língua para fora da boca. Galinhas carecas procuravam comida, desistiam e se acocoravam à sombra, desanimadas. Até o contingente de Hiro — o grupo dos meninos mais agitados — cochilava a tarde toda à sombra, como cachorros velhos. De vez em quando se movimentavam em atividades lânguidas. Hiro conseguiu uma cabeça de machado, que pendurou em uma corda e na qual batia com uma rocha, como se fosse um gongo. Um dos Makea golpeava um arco de barril velho com uma pedra. Estavam inventando uma espécie de música, Alma imaginou, mas ela lhe soava pouco inspirada e aborrecida. O Taiti inteiro estava moroso e cansado.

Na época de seu pai, a região era iluminada pelas tochas de guerra e a luxúria. Os belos rapazes e moças taitianos dançavam de forma tão obscena e selvagem em volta das fogueiras que Henry Whittaker — jovem e pouco desenvolvido —

teve de virar o rosto por causa do espanto. Agora era tudo um tédio. Os missionários, os franceses e os navios baleeiros, com seus sermões, burocracias e doenças, tinham botado o diabo para fora do Taiti. Os fortes guerreiros tinham morrido. Agora havia apenas crianças preguiçosas cochilando debaixo da sombra, batendo em cabeças de machado e arcos de barril para mal e mal se divertirem. O que os jovens teriam para fazer com sua selvageria àquela altura?

Alma continuou a procura pelo Garoto, fazendo caminhadas cada vez mais longas, sozinha, com o cão Roger ou com o pônei magricelo sem nome. Explorava vilarejos e assentamentos junto à costa da ilha em ambos os lados da baía de Matavai. Viu tudo quanto era tipo de homens e garotos. Viu uns jovens bonitos, sim, com a aparência nobre que os primeiros visitantes europeus tanto admiravam, mas também viu rapazes com casos graves de elefantíase nas pernas, e garotos com escrófulas nos olhos por causa das doenças venéreas de suas mães. Viu crianças tortas e curvadas por conta da tuberculose da espinha. Viu moços que provavelmente seriam atraentes, mas foram marcados pela varíola e pelo sarampo. Descobriu vilarejos quase vazios, desocupados ao longo dos anos pelas doenças e mortes. Viu colônias de missões bem mais rígidas que a baía de Matavai. Às vezes chegava a ir aos cultos dessas outras missões, onde ninguém cantava no idioma taitiano; as pessoas entoavam hinos presbiterianos anódinos com sotaques carregados. Não viu O Garoto em nenhuma dessas congregações. Passava perto de trabalhadores cansados, viandantes perdidos, pescadores quietos. Viu um homem bem velho sentado debaixo do sol escaldante, tocando flauta taitiana ao estilo tradicional, soprando-a com a narina — um som tão melancólico que os pulmões de Alma doeram de nostalgia pela própria casa. Mas mesmo assim nunca viu O Garoto.

Suas buscas eram vãs, seu recenseamento ficava em branco todos os dias, mas sempre se alegrava ao voltar para a baía de Matavai e à rotina da missão. Ficava contente sempre que era convidada a acompanhar o reverendo Welles até os jardins de corais. Alma percebeu que seus jardins de corais eram semelhantes aos leitos de musgo em White Acre — suntuosos e de crescimento vagaroso, que poderiam ser estudados por anos a fio como forma de passar décadas sem desabar na solidão. Gostava muito das conversas que tinham nos passeios pelo recife. Ele pedira à irmã Manu que fizesse um par de sandálias iguais às dele para Alma, de tranças grossas de folhas de pandano, assim ela poderia andar pelo coral afiado sem cortar os pés. Ele mostrou a Alma o espetáculo circense das esponjas, anêmonas e corais — toda aquela beleza absorvente das águas tropicais rasas e cristalinas. Ensinou os nomes dos peixes coloridos e contou histórias do Taiti. Jamais fez perguntas sobre a vida dela. Era um alívio: não precisava mentir para ele.

Alma também se afeiçoou à igrejainha da baía de Matavai. A construção definitivamente era desprovida de luxos ou glórias (Alma viu igrejas bem

melhores em outros cantos da ilha), mas ela sempre gostava dos sermões curtos, enfáticos, inventivos da irmã Manu. Soube pelo reverendo Welles que — para a mentalidade taitiana — havia elementos familiares na história de Jesus, e esses fiapos de familiaridade tinham ajudado os primeiros missionários a apresentar Cristo aos nativos. No Taiti, o povo acreditava que o mundo era dividido em *pô* e *ao*, as trevas e a luz. O grande senhor Taroa, o criador, havia nascido no *pô* — nascido à noite, dado às trevas. Os missionários, após saberem dessa mitologia, explicaram aos taitianos que Jesus Cristo também nasceu no *pô* — nasceu à noite, surgindo das trevas e do sofrimento. Isso capturou a atenção dos taitianos. Era um destino perigoso e potente nascer à noite. O *pô* era o mundo dos mortos, do incompreensível e do aterrador. O *pô* era fétido, podre e apavorante. Nosso Senhor, ensinaram os ingleses, veio para tirar a humanidade do *pô* e conduzi-la à luz.

Tudo isso fazia certo sentido para os taitianos. No mínimo, os levava a admirar Cristo, já que a fronteira entre o *pô* e o *ao* era um território perigoso, e apenas uma alma especialmente valente faria a travessia de um mundo ao outro. O *pô* e o *ao* se assemelhavam ao céu e ao inferno, o reverendo Welles explicou a Alma, porém havia outras ligações entre eles, e nos pontos em que se misturavam, as coisas se tornavam loucas. Os taitianos nunca deixaram de temer o *pô*.

“Quando pensam que não estou vendo”, ele disse, “eles ainda fazem oferendas a esses deuses que habitam o *pô*. Fazem essas oferendas, sabe, não porque reverenciam ou amam esses deuses das trevas, mas para suborná-los a continuar no mundo dos fantasmas, para mantê-los longe do mundo da luz. O *pô* é um conceito difícilíssimo de derrubar, sabe? O *pô* não deixa de existir na cabeça dos taitianos simplesmente porque o dia nasce.”

“A irmã Manu crê no *pô*?”, Alma indagou.

“De jeito nenhum”, afirmou o reverendo Welles, impassível como de hábito. “Ela é uma perfeita cristã, a senhorita já percebeu. Mas ela respeita o *pô*, sabe?”

“Então ela acredita em fantasmas?”, Alma instigou.

“Claro que não”, declarou o reverendo Welles, sereno. “Não seria cristão da parte dela. Mas ela também não *gosta* de fantasmas, e não quer que eles apareçam na colônia, então às vezes a única alternativa que tem é a de fazer oferendas, para que eles fiquem longe.”

“Então ela *acredita* em fantasmas”, retrucou Alma.

“É óbvio que não acredita”, corrigiu o reverendo Welles. “Ela simplesmente os controla, sabe? A senhorita há de descobrir também que tem certas partes da ilha que a irmã Manu desaprova que alguém da nossa colônia visite. Nos lugares mais altos e inacessíveis do Taiti, sabe, dizem que a pessoa pode entrar no meio de uma bruma e se dissolver para sempre, ir direto para o *pô*.”

“Mas a irmã Manu realmente acredita que isso possa acontecer?”, Alma inquiriu. “Que uma pessoa pode se dissolver?”

“De jeito nenhum”, o reverendo Welles disse num tom alegre. “Mas ela desaprova totalmente.”

Alma se perguntou: teria O Garoto simplesmente se esvaído no pó?

Teria Ambrose?

Alma não tinha notícias do mundo lá fora. Não recebia nenhuma correspondência no Taiti, embora tivesse o hábito de mandar cartas para Prudence e Hanneke, e às vezes até para George Hawkes. Tinha o cuidado de enviar as cartas por meio de baleeiros, ciente de que a possibilidade de que um dia chegassem à Filadélfia era pequena. Soube que às vezes o reverendo Welles passava dois anos sem notícias da esposa e da filha que estavam em Cornwall. Vez por outra, quando as correspondências de fato eram entregues, estavam ensopadas e ilegíveis depois da longa jornada em alto-mar. Aos olhos de Alma, era ainda mais trágico do que não ter notícia nenhuma da família, mas o amigo aceitava a situação como aceitava todas as amolações: com muita tranquilidade.

Alma se sentia só e o calor era insuportável — de noite não fazia mais frio do que durante o dia. O casebre de Alma virava um forno abafado. Despertou uma noite com uma voz masculina lhe sussurrando no ouvido: “*Ouçá!*” Mas quando deu um pulo e se sentou, não havia ninguém no quarto — nem do contingente de Hiro, nem o cão Roger. Não havia nem sinal de vento. Ela pôs o pé para fora da casa, o coração acelerado. Não havia ninguém. Viu que a baía de Matavai havia se tornado, na noite silenciosa e amena, lisa como um espelho. A abóbada de estrelas acima dela se refletia com perfeição na água, como se agora existissem dois céus: um lá em cima, outro lá embaixo. A quietude e a pureza eram formidáveis. A praia parecia estar repleta de presenças.

Será que Ambrose tinha visto algo desse gênero quando estava ali? Dois céus em uma noite? Teria sentido esse receio e assombro, essa sensação tanto de solidão como de presença? Teria sido ele quem a acordara, com aquela voz no ouvido? Ela tentou se lembrar se parecia a voz de Ambrose, mas não saberia dizer. Ela sequer reconheceria a voz de Ambrose, se a ouvisse de novo?

Seria bem o estilo de Ambrose, entretanto, acordá-la e instigá-la a ouvir. Sem dúvida, sim. Se havia um morto que tentaria falar com um vivo, ele seria Ambrose Pike — ele, com todas aquelas ideias sublimes sobre o metafísico e o miraculoso. Ele tinha quase chegado a convencer Alma a crer em milagres, e ela não era suscetível a tais crenças. Afinal, não pareceram bruxos naquela noite no quatinho de encadernação — se comunicando sem palavras, falando através da sola dos pés e da palma das mãos? Ele queria dormir a seu lado, dissesse, para ouvir-lhe os pensamentos. Ela queria dormir ao lado dele para que enfim pudesse fornicar, pôr o membro de um homem dentro da boca — mas ele queria apenas ouvir-lhe os pensamentos. Por que ela não fora capaz de deixá-lo simplesmente ouvir? Por que ele não fora capaz de deixar que ela o tocasse?

Teria pensado nela, ao menos uma vez, enquanto estava ali no Taiti?

Talvez estivesse tentando lhe mandar mensagens agora, mas a fissura era ampla demais. Talvez as palavras ficassem empapadas e indecifráveis ao percorrer o enorme abismo entre a morte e a terra — assim como as cartas tristes, destruídas, que o reverendo Welles às vezes recebia da esposa na Inglaterra.

“Quem *era* você?”, Alma perguntou a Ambrose na noite plúmbea, olhando a baía silenciosa, reflexiva. Sua voz na praia vazia era tão alta que ela se assustou. Fez tanta força para escutar uma resposta que seus ouvidos doeram, mas não escutou nada. Não havia nem uma ondinha quebrando na praia. A água poderia muito bem ser de estanho pastoso, e também o ar.

“Onde você está agora, Ambrose?”, ela indagou, agora numa voz mais baixa. Silêncio total.

“Me mostre onde achar O Garoto”, ela pediu, num murmúrio.

Ambrose não respondeu.

A baía de Matavai não respondeu.

O céu não respondeu.

Estava soprando brasas frias: não havia nada ali.

Alma se sentou e aguardou. Pensou na história que o reverendo Welles lhe contara sobre Taroa, o deus original dos taitianos. Taroa, o criador. Taroa, que nascera numa concha do mar. Taroa permaneceu em silêncio ao longo de inúmeras eras como único ser vivo do universo. O mundo era tão vazio que ele ao gritar para as trevas não ouvia nem eco. Quase morreu de solidão. Devido à solidão e ao vazio incomensuráveis, Taroa criou o nosso mundo.

Alma se deitou na areia e fechou os olhos. Era bem mais confortável ali do que no colchão de sua *fare* abafada. Não ligava para os caranguejos, que cambaleavam e deslizavam sem parar à sua volta. Eles, dentro das carapaças, eram as únicas coisas que se moviam na praia, as únicas coisas vivas do universo. Ela esperou naquele pedacinho de terra entre dois céus até o sol nascer e todas as estrelas sumirem tanto do céu como do mar, porém ninguém lhe disse nada.

O Natal chegou, e com ele a estação das chuvas. A chuva abrandava o calor infernal, mas também trazia lesmas de tamanhos incríveis e manchas úmidas de mofo que cresciam nas dobras das saias cada vez mais surradas de Alma. A areia preta da baía de Matavai ficou empapada feito pudim. Tempestades mantinham Alma dentro de casa o dia inteiro, onde mal conseguia ouvir os próprios pensamentos sob o troar da água no teto. A natureza ia tomando conta de seu alojamento minúsculo. A população de lagartos no telhado de Alma triplicou da noite para o dia — uma peste quase bíblica — e deixavam gotas grossas de excremento e insetos parcialmente digeridos espalhados pela *fare*. O único sapato

que lhe restava no mundo tinha fundos supurados de onde brotavam cogumelos. Pendurou seus cachos de banana nas vigas para impedir que os ratos molhados e insistentes os roubassem.

O cão Roger apareceu uma noite, como era de praxe na sua ronda noturna, e ficou por vários dias; ele simplesmente não tinha coragem de enfrentar a chuva. Alma queria que ele se encarregasse dos ratos, mas parecia também não ter coragem de fazê-lo. Roger continuava se negando a deixar que Alma lhe desse comida na boca sem mordê-la, mas agora ele dividia a comida caso ela a botasse no chão e virasse as costas. De vez em quando permitia que ela fizesse carinho na sua cabeça enquanto dormia.

Os temporais caíam em ataques irregulares. Dava para ouvi-los se formando do outro lado do mar — ventanias rugindo constantemente do sudoeste que se tornavam cada vez mais ruidosas, como um trem se aproximando. Quando a tempestade prometia ser de uma brutalidade incomum, ouriços-do-mar se arrastavam pela baía, procurando terrenos mais altos, mais seguros. Às vezes se abrigavam na casa de Alma: outra razão para olhar bem onde pisava. A chuva caía como uma rajada de flechas. O rio na outra extremidade da praia se misturava com a lama e a superfície da baía fervilhava e cuspiam. Enquanto a tempestade piorava, Alma observava o mundo se fechar sobre ela. A cerração e o breu se avizinham a partir do mar. Primeiro o horizonte sumia, depois a ilha de Morea se esvaía a distância, depois o recife desaparecia, em seguida a praia, e então ela e Roger ficavam sozinhos na névoa. O mundo agora era do tamanho de sua casa minúscula e não exatamente à prova d'água. O vento soprava de lado, os trovões rugiam de forma horrenda, e a chuva atacava com toda a força.

Depois a chuva cessava por um tempo e o sol intenso voltava — repentino, brilhante, estonteante —, mas nunca ficava o bastante para que Alma secasse bem o catre onde dormia. Um vapor se levantava da areia em vagalhões de ondas. Correntes de ventos úmidos varriam as montanhas. A atmosfera da praia estrepitava e vibrava, como um lençol balançado — como se a praia em si se desvencilhasse da violência que acabara de visitá-la. Em seguida prevalecia uma calmaria úmida, durante umas horas ou uns dias, e depois outra tempestade desabava.

Esses eram os dias de sentir saudade da biblioteca e da ampla, seca, quente mansão. Alma poderia ter se entregado ao desespero durante a estação das chuvas no Taiti, se não fosse por uma descoberta encantadora: as crianças da baía de Matavai adoravam chuva. O contingente de Hiro adorava mais que todo mundo — e por que não adoraria? Pois essa era a época de deslizar na lama e de pular nas poças e das corridas arriscadas pelas torrentes brutais do rio agora inflado. Os cinco menininhos viraram cinco lontras, que não só não se intimidavam com o aguaceiro como se deleitavam com ele. Toda a preguiça demonstrada durante a estação quente e seca das ânsias foi levada embora,

substituída pela *vida* animada, súbita. O contingente de Hiro era igual aos musgos, Alma reparou: podiam ficar murchos e molengas no calor, mas eram ressuscitados na mesma hora por uma boa inundação. Eles eram os próprios motores de ressurreição, aqueles meninos extraordinários! Tinham tanta determinação, vigor e exuberância ao voltar à ação nesse novo mundo encharcado que Alma foi instigada a pensar na própria infância. A chuva e o lamaçal tampouco a impediam de fazer suas explorações. Essa lembrança trouxe à baila uma questão pungente e repentina: então por que se acovardava dentro de casa agora? Nunca tinha evitado o clima inclemente quando criança, então por que o evitava agora, já adulta? Se não existia lugar onde se abrigar e permanecer seca naquela ilha, então por que não simplesmente se molhar? Essa questão provocou em Alma outra questão repentina: por que não tinha recrutado o contingente de Hiro para ajudá-la a achar O Garoto? Haveria alguém melhor para encontrar um jovem taitiano sumido do que outros jovens taitianos?

Depois desses lampejos, Alma saiu correndo de casa e chamou os cinco meninos selvagens, que — naquele momento — atiravam lama uns nos outros com uma tremenda firmeza. Foram correndo ao encontro de Alma como um bloco escorregadio, enlameado, risonho. Divertiam-se ao ver a senhora branca no meio da praia debaixo de um temporal, de vestido encharcado, se ensopando perante seus olhos. Era um bom espetáculo e não lhes custava nada.

Alma puxou os meninos para perto e falou com eles numa mistura de taitiano, inglês e gestos entusiasmados. Mais tarde, não lembraria como dera conta de apresentar a ideia, mas a mensagem básica foi: *Essa é a época certa para aventuras, meninos!* Ela perguntou se eles sabiam quais os locais no centro da ilha nos quais a irmã Manu não gostava que o pessoal da colônia fosse. Eles sabiam de *todos* os lugares proibidos onde o povo das montanhas vivia e onde as aldeias pagãs mais remotas ficavam? Será que levariam a irmã Whittaker até lá, numa grande aventura?

Levariam? Ora bolas, claro que levariam! Era uma ideia tão divertida que deram início a ela no mesmo dia. Na verdade, deram início na mesma hora, e Alma os seguiu sem hesitar. Sem sapatos, sem mapas, sem comida, sem — Deus me livre — *guarda-chuvas*, os meninos guiaram Alma direto pelos morros além da colônia da missão, para longe das aldeias costeiras seguras que ela já tinha explorado sozinha. Foram direto ao ponto, no meio da neblina, entrando nas nuvens, subindo os cumes das selvas que Alma viu pela primeira vez do convés do *Elliot* e que lhe pareceram tão temíveis e estranhos na época. Seguiram em frente — e não só nesse dia, mas todos os dias do mês seguinte. A cada dia exploravam trilhas mais remotas e destinos mais ermos, muitas vezes debaixo de chuva torrencial, e sempre com Alma Whittaker no encalço deles.

No começo Alma temeu não conseguir acompanhá-los, mas logo percebeu duas coisas: que seus anos de coleta botânica tinham-na deixado numa forma

física excepcional e que aquelas crianças encaravam com docilidade as limitações dos convidados. Desaceleravam o passo em atenção a Alma nos pontos mais perigosos e não pediam que ela pulasse fendas profundas como eles, ou que escalasse despenhadeiros molhados usando as mãos, como faziam com grande competência. Às vezes o contingente de Hiro ficava atrás dela em subidas extremamente íngremes e a empurrava de um jeito bastante desonroso, com as mãos em seu traseiro largo, mas Alma não se importava: apenas tentavam ajudar. Eram generosos com ela. Comemoravam quando ela fazia escaladas, e se a noite caía quando ainda estavam no meio da selva, seguravam sua mão ao conduzi-la de volta à segurança da missão. Nessas caminhadas pela escuridão, ensinavam-lhe cantos de guerra de taitiano — as canções que os homens entoavam para reunir coragem diante do perigo.

Nos Mares do Sul, os taitianos tinham a reputação de alpinistas habilidosos e peregrinos destemidos (Alma tinha ouvido falar de ilhéus capazes de andar cinquenta quilômetros por dia naquele terreno inacessível sem vacilar), mas Alma também não era de vacilar — não estando numa caçada, e tinha a forte sensação de que essa era a caçada de sua vida. Essa era sua grande chance de achar O Garoto. Se ele ainda estivesse em algum lugar da ilha, aquelas crianças incansáveis o encontrariam.

As ausências cada vez mais longas de Alma não passaram despercebidas na missão.

Quando a doce irmã Etini enfim perguntou a Alma, com o semblante preocupado, onde ela passava seus dias, Alma disse apenas: “Estou procurando musgos com a ajuda dos cinco jovens naturalistas mais saudáveis que vocês têm!”

Ninguém desconfiou dela, já que era a estação perfeita para observar musgos. Alma, de fato, localizou inúmeros tipos de briófitas interessantes nas pedras e árvores por onde passavam, mas não parou para olhá-las de perto. Os musgos sempre estariam lá; ela procurava algo mais efêmero, mais premente: um homem. Um homem que guardava segredos. Para achá-lo, precisava se mexer de acordo com o Tempo Humano.

Os meninos, por sua vez, adoravam essa brincadeira inesperada de guiar uma senhora peculiar de ponta a ponta do Taiti, por ver tudo o que era proibido e por conhecer os povos mais distantes. Levavam Alma a templos abandonados e a cavernas de aspecto sinistro, onde ossos humanos ainda eram vistos pelos cantos. Vez por outra também havia taitianos vivos assombrando esses lugares macabros, mas O Garoto nunca era um deles. Levaram-na a uma pequena colônia à margem do lago Maeva, onde as mulheres ainda usavam saias de grama e o rosto dos homens era coberto de tatuagens sinistras, mas O Garoto tampouco estava lá. O Garoto também não estava acompanhando os caçadores com que cruzavam nas trilhas escorregadias, nem nos declives do monte Orohena, nem do

monte Aorii, nem dos longos túneis vulcânicos. O contingente de Hiro a levou a um espinhaço esmeralda no topo do mundo, tão alto que parecia cortar o céu — pois chovia de um lado do espinhaço, mas do outro fazia sol. Alma esteve nesse pico precário com as trevas à esquerda e a claridade à direita, mas até ali — do posto de observação mais alto que se possa imaginar, na própria colisão climática, na interseção do *pô* e do *ao* — não se via O Garoto em lugar nenhum.

Como eram espertos, os meninos acabaram percebendo que Alma procurava alguma coisa, mas foi Hiro — o mais esperto de todos — que percebeu que ela procurava alguma *pessoa*.

“Ele não aqui?”, Hiro perguntava a Alma com preocupação, no fim de cada dia. Hiro passou a falar inglês e se achava supremo nisso.

Alma nunca confirmou que procurava uma pessoa, mas também nunca negou.

“Nós acha ele amanhã!”, Hiro prometia todos os dias, mas janeiro passou e fevereiro passou e Alma continuava sem achar O Garoto.

“Nós acha ele shabat seguinte!”, Hiro prometeu — pois “shabat” era o termo que usavam para “a semana”. Mas quatro outras semanas passaram e Alma nunca encontrou O Garoto. Já era abril. Hiro começou a ficar preocupado e irritado. Não conseguia pensar em nenhum lugar novo nas trilhas silvestres da ilha para onde levar Alma. Não era mais uma diversão interessante; estava claro que a empreitada tinha se tornado uma campanha séria, e Hiro estava ciente de seu fracasso. Os outros membros do contingente, notando o mau humor de Hiro, também perderam a alegria. Foi então que Alma resolveu tirar a responsabilidade dos ombros dos cinco meninos. Eram jovens demais para carregar o fardo de *seu* fardo; não queria vê-los oprimidos pela preocupação e a responsabilidade só para caçar um fantasma em prol dela.

Alma liberou os meninos do contingente de Hiro da brincadeira e nunca mais voltou a passear com eles. Como agradecimento, deu a cada um deles uma peça do precioso microscópio — que eles mesmos tinham lhe devolvido *quase* intacto ao longo dos meses anteriores — e apertou suas mãos. Falando taitiano, declarou que eram os melhores guerreiros que já tinham existido. Agradeceu pela corajosa excursão pelo mundo conhecido. Disse ter encontrado tudo o que precisava encontrar. Depois os dispensou, para que retomassem a ocupação anterior das brincadeiras constantes e sem rumo.

A estação das chuvas terminou. Alma estava no Taiti fazia quase um ano. Ela tirou a grama mofada do chão da casa e pôs grama nova outra vez. Trocou o enchimento do colchão apodrecido por palha seca. Viu a população de lagartos diminuir à medida que os dias ficavam mais claros e frescos. Fez uma vassoura nova e tirou as teias de aranha das paredes. Numa manhã, dominada pela necessidade de revigorar o instinto de missão, ela abriu a valise de Ambrose para

olhar de novo os desenhos do Garoto, e foi então que descobriu que — no decorrer da estação das chuvas — eles tinham sido completamente consumidos pelo mofo. Tentou separar as folhas, mas elas se dissolviam em uma pasta esverdeada. Alguma espécie de mariposa também estivera nos desenhos e fizera deles uma refeição de migalhas. Não dava para salvar nada. Não dava mais para ver nem vestígio do rosto do Garoto, nem os belos traços feitos pela mão de Ambrose. A ilha tinha devorado a única prova restante de seu inexplicável marido e seu muso incompreensível, quimérico.

Alma sentiu a desintegração dos desenhos como outra morte: agora, até o fantasma havia desaparecido. Teve vontade de chorar, e claro que começou a duvidar de seu juízo. Tinha visto tantos rostos no Taiti ao longo dos últimos dez meses, mas agora se perguntava se realmente teria sido capaz de identificar O Garoto, mesmo se estivesse parado na sua frente. Talvez o tivesse visto, no final das contas? Será que não era um daqueles rapazes no cais de Papeete, no dia em que desembarcou? Será que não tinha cruzado com ele várias vezes? Será que não era possível até que morasse ali na colônia e ela tivesse simplesmente se tornado imune ao seu rosto? Não tinha mais com o que comparar sua lembrança. O Garoto mal existira, e agora era completamente inexistente. Ela fechou a valise como se fechasse a tampa de um caixão.

Alma não podia continuar no Taiti. Sabia disso sem sombra de dúvida. Nunca deveria sequer ter ido. Que enorme desperdício de energia, determinação e *dinheiro* fora necessário para que chegasse àquela ilha de charadas, e agora estava presa, e sem nenhum bom motivo. E o pior era que havia se tornado um fardo para aquela coloniazinha de almas honestas, cujos alimentos havia comido, cujos recursos havia extenuado, cujas crianças havia usado para seus objetivos irresponsáveis. Que bela situação tinha arrumado! Alma sentiu que tinha perdido totalmente o fio da meada de seu propósito na vida, fosse qual fosse esse fio tênue. Interrompera o maçante mas respeitável estudo dos musgos para levar a cabo essa busca medíocre por um fantasma — ou melhor, *dois* fantasmas: ambos, Ambrose e O Garoto. E para quê? Não sabia mais a respeito de Ambrose agora do que já sabia ao chegar. Todos os relatos no Taiti informavam que seu marido era exatamente o homem que sempre aparentara ser: uma alma delicada e virtuosa, incapaz de maldade, bom demais para este mundo.

Começava a ficar evidente para ela que, muito possivelmente, O Garoto nunca tivesse existido. Do contrário, Alma já o teria achado, ou alguém teria falado dele — ainda que de maneira bem indireta. Ambrose devia tê-lo inventado. Essa ideia era ainda mais triste do que qualquer outra que tivesse passado pela cabeça de Alma. O Garoto era invenção de um homem solitário de mente doentia. Ambrose queria tanto uma companhia que desenhara uma. Por meio dessa conjuração de um amigo — um belo amante fantasma —, ele obteve o casamento espiritual que sempre desejara. Fazia certo sentido. A mente de

Ambrose jamais fora constante, nem na melhor das circunstâncias! Tratava-se de um homem cujo melhor amigo o internara em um hospital para dementes, e que acreditava ser capaz de ver as marcas dos dedos de Deus nas plantas. Ambrose era um homem que via anjos em orquídeas e que já havia acreditado ser um anjo — imagine só! Ela tinha atravessado meio mundo em busca de um fantasma forjado pela imaginação frágil e insana de um solitário.

Era uma história simples, mas ela a complicara com suas investigações vãs. Talvez desejasse que a narrativa fosse mais sinistra, nem que fosse para tornar sua própria história mais trágica. Talvez desejasse que Ambrose fosse culpado de coisas abomináveis, de pederastia e depravação, assim poderia desprezá-lo em vez de sentir saudade. Talvez desejasse achar indícios não de um Garoto ali no Taiti, mas de *muitos* garotos — uma multidão de meninos que teriam sido abusados e arruinados por Ambrose, um depois do outro. Porém, não havia indícios de qualquer coisa assim. A verdade era apenas essa: Alma tinha sido tola e libidinosa o bastante para se casar com um rapaz inocente cuja sanidade era falha. Quando o rapaz a decepcionou, ela foi cruel e raivosa o bastante para exilá-lo ali nos Mares do Sul, onde ele morreu sozinho e louco, absorto em fantasias, perdido numa colônia desesperadora governada — se é que alguém podia chamar aquilo de governo! — por um velho missionário ingênuo e ineficaz.

Quanto à razão para a valise e os desenhos de Ambrose terem ficado intocadas (exceto pela natureza) na *fare* desprotegida de Alma no Taiti por quase um ano, quando todos os seus outros pertences tinham sido pegos emprestados, surrupiados, desmontados ou revistados... bom, a imaginação que tinha não era suficiente para desvendar esse mistério. Além disso, não tinha mais forças para lutar com outra questão impossível.

Não tinha mais nada a aprender ali.

Não conseguia achar estímulo para permanecer ali. Teria de traçar um plano para os anos que lhe restavam de vida. Tinha sido impulsiva e imprudente, mas partiria no próximo navio baleeiro rumo ao norte e encontraria um lugar para viver. Só sabia que não devia voltar à Filadélfia. Abrira mão de White Acre e jamais poderia regressar: seria injusto com Prudence, que tinha o direito de se apossar do terreno sem que Alma a incomodasse. Em todo caso, seria humilhante voltar para casa. Teria de recomeçar do zero. Também teria de encontrar uma maneira de se sustentar. Mandaria um recado a Papeete no dia seguinte, avisando que procurava uma cabine em um bom navio com um capitão respeitável que já tivesse ouvido falar em Dick Yancey.

Não estava em paz, mas pelo menos estava decidida.

Capítulo vinte e cinco

Quatro dias depois, Alma acordou ao amanhecer com os gritos alegres do contingente de Hiro. Saiu de sua *fare* para saber a causa da comoção. Os cinco meninos selvagens corriam de um lado para outro da praia, dando estrelas e cambalhotas à luz da matina, berrando num taitiano entusiasmado. Ao vê-la, Hiro correu em zigue-zague pela trilha que levava à porta dela numa velocidade incrível.

“Amanhã cedo chegou!”, ele gritou. Seus olhos brilhavam com uma empolgação que ela nunca havia presenciado, nem naquela criança tão propensa à empolgação.

Confusa, Alma segurou seu braço, tentando acalmá-lo e entendê-lo.

“Do que você está falando, Hiro?”, ela indagou.

“Amanhã cedo chegou!”, ele tornou a berrar, pulando enquanto falava, incapaz de se conter.

“Me diga em taitiano!”, ela ordenou, em taitiano.

“*Tēie o amanhã cedo!*”, ele respondeu aos berros, dizendo em taitiano apenas o mesmo absurdo que dissera em inglês: “Amanhã cedo chegou.”

Alma ergueu o rosto e viu muita gente se aglomerando na praia — todo mundo que fazia parte da missão, bem como os povos dos vilarejos vizinhos. Todos estavam entusiasmados como os meninos. Ela viu o reverendo Welles correndo em direção à costa com seus passos engraçados, tortos. Viu a irmã Manu correndo, e a irmã Etini também, além dos pescadores locais.

“Olha!”, disse Hiro, direcionando o olhar de Alma para o mar. “Amanhã cedo aqui!”

Alma olhou para a baía e viu — como foi que não percebeu imediatamente? — uma frota de canoas compridas partindo a água rumo à praia numa rapidez incrível, impulsionada por dezenas de remadores de pele escura. Naquele tempo todo que passara no Taiti, jamais abandonou a perplexidade diante da potência e agilidade das canoas. Quando flotilhas como essa atravessavam a baía, ela sempre tinha a sensação de que testemunhava a chegada de Jasão e os argonautas ou da frota de Odisseu. Acima de tudo, adorava o instante em que, se aproximando da costa, os remadores contraíam os músculos para dar o último impulso e as canoas voavam sobre o mar como se impelidas por enormes arcos invisíveis, pousando na praia numa cena dramática, exuberante.

Alma tinha perguntas a fazer, mas Hiro já tinha corrido para saudar as canoas, assim como o resto da multidão. Alma nunca tinha visto tanta gente na praia. Envolvida pela empolgação, ela também disparou em direção aos barcos. Eram canoas de qualidade excepcional, até mesmo majestosas. A maior devia ter uns sessenta pés, e na proa havia um homem de estatura e compleição impressionantes — nitidamente o líder da expedição. Era taitiano, mas quando ia se aproximando ela percebeu que ele estava impecável em um terno de europeu. Os aldeões o cercaram, entoando canções de boas-vindas, tirando-o da canoa como um rei.

O povo carregou o estranho até o reverendo Welles. Alma se acotovelou para atravessar a multidão, se aproximando ao máximo. O homem se abaixou até a altura do reverendo Welles e os dois encostaram os narizes no cumprimento que usavam para expressar enorme afeição. Ela ouviu o reverendo Welles dizer, com a voz embargada pelas lágrimas: “Seja bem-vindo de volta ao lar, abençoado filho de Deus.”

O estranho se desvencilhou do abraço. Virou-se para sorrir para a multidão e Alma conseguiu enxergar bem seu rosto pela primeira vez. Caso não estivesse sendo espremida por tanta gente, talvez desmoronasse pelo baque do reconhecimento.

As palavras *amanhã cedo* — que Ambrose escrevera no verso de todos os desenhos do Garoto — não eram um código. “Amanhã cedo” não era uma espécie de anseio sonhador por um futuro utópico, ou um anagrama, ou uma tentativa de encobrir um segredo. Pelo menos uma vez na vida, Ambrose Pike fora totalmente direto: Amanhã Cedo era apenas o nome de uma pessoa.

E agora, de fato, Amanhã Cedo havia chegado.

Ela ficou furiosa.

Foi a sua reação inicial. Sentia — talvez numa atitude irracional — que tinha sido enganada. Por que, ao longo dos meses de procura e privação, nunca ouvira nenhuma menção a ele — a essa figura régia, esse visitante adorado, esse homem que fizera o norte do Taiti inteiro dar vivas e correr até a costa para saudá-lo? Como era possível que nunca tivessem aludido à sua existência, nem mesmo de leve? Ninguém tinha dito as palavras *amanhã cedo* para Alma, exceto em referências literais a coisas planejadas para o dia seguinte, e definitivamente ninguém havia mencionado a veneração geral da ilha por um nativo esquivo e belo que talvez um dia chegasse do nada e fosse idolatrado. Nunca houvera boatos sobre a existência de alguém assim. Como podia uma pessoa tão importante simplesmente *aparecer*?

Enquanto o resto da aglomeração caminhava em direção à igreja da missão numa massa alegre, cantante, Alma ficou parada na praia, lutando para entender

a situação. Novas perguntas substituíam velhas crenças. Todas as certezas que tinha na semana anterior se despedaçavam, como um acúmulo de gelo no início da primavera. A visão que a levava até lá realmente existia, mas não era um Garoto; na verdade, parecia ser uma espécie de rei. Que relação Ambrose tivera com o rei da ilha? Como haviam se conhecido? Por que Ambrose retratava Amanhã Cedo como um simples pescador, se de fato ele era um homem de poder substancial?

A máquina obstinada, inexorável de especulação interna tornou a girar. Essa sensação só a deixou mais furiosa. Estava cansada de especular. Não aguentava mais inventar teorias novas. Tinha a impressão de que passara a vida especulando. A única coisa que queria era *saber das coisas*, mas agora — mesmo depois de todos esses anos de perguntas intermináveis — só fazia ponderar, questionar e palpitar.

Bastava de especulações. Não as faria mais. Agora precisaria saber de tudo. Insistiria em saber.

Alma ouvia a igreja antes de chegar nela. A cantoria oriunda daquele edifício humilde era diferente de tudo o que já tinha escutado na vida. Era um estrondo de júbilo. Não havia espaço para ela dentro da igreja; ficou do lado de fora com a multidão espremida, cantante, e escutou. Os hinos que Alma já ouvira naquela igreja — as vozes dos dezoito congregados da missão do reverendo Welles — eram canções pobres e agudas em comparação com os que ouvia agora. Pela primeira vez, entendia como a música taitiana realmente devia ser, e por que precisava de centenas de vozes bradando e urrando juntas para exercer sua função: superar o canto do oceano. Era isso o que aquelas pessoas estavam fazendo, numa expressão estrondosa de veneração, ao mesmo tempo bela e perigosa.

Por fim fez-se silêncio e Alma escutou um homem falando — de maneira clara e firme — à congregação. Falava taitiano, numa dissertação que, às vezes, era quase um cântico. Ela se acotovelou para chegar mais perto da porta e olhou lá dentro: era Amanhã Cedo, alto e esplêndido, diante do púlpito, braços levantados, evocando a congregação. O conhecimento que Alma tinha do taitiano ainda era muito básico para que acompanhasse o sermão inteiro, mas conseguia entender que o homem dava um testemunho entusiástico da vida de Cristo. Mas não era só isso que fazia: ele também pulava com aquela multidão de gente, da mesma forma que Alma volta e meia via os meninos do contingente de Hiro pular nas ondas. Seu ânimo e energia eram inabaláveis. Arrancou risadas e lágrimas da congregação, bem como seriedade e alegria desmedida. Ela sentia as próprias emoções sendo abaladas pelo timbre e intensidade de sua voz, embora a maioria das palavras lhe fosse incompreensível.

A atuação de Amanhã Cedo durou bem mais de uma hora. Ele os fez cantar;

os fez rezar; os preparou, ao que parecia, para atacar ao amanhecer. Alma pensou: minha mãe acharia isso um horror. Beatrix Whittaker nunca gostara do entusiasmo evangélico: acreditava que pessoas arrebatadas corriam o risco de se esquecer dos bons modos e da razão, e então o que seria de nós como civilização? Em todo caso, o solilóquio ruidoso de Amanhã Cedo não se parecia em nada com o que Alma já tinha ouvido na igreja do reverendo Welles — ou em *qualquer lugar*, aliás. Não se tratava de um sacerdote da Filadélfia, cumprindo o dever de difundir preceitos luteranos, nem a irmã Manu com suas homilias simples, monossilábicas: tratava-se de um sermão. Eram os tambores de guerra. Era Demóstenes defendendo Ctesifonte. Era Péricles honrando os mortos de Atenas. Era Cícero repreendendo Catilina.

O que o discurso de Amanhã Cedo definitivamente não trouxe à mente de Alma foi a humildade e a delicadeza que ela aprendera a associar àquela modesta missãozinha à beira-mar. Não havia humildade ou delicadeza em Amanhã Cedo. Na verdade, nunca tinha visto uma figura tão audaz, controlada. Um adágio de Cícero chegou a seus ouvidos no original, poderoso latim (a única língua, ela achava, capaz de fazer frente ao maremoto fulminante de eloquência indígena que testemunhava naquele momento): “*Nemo umquam neque poeta neque orator fuit, qui quemquam meliorem quam se arbitraretur.*”

Nunca houve um poeta ou orador que acreditasse existir outro melhor do que ele.

O dia só se tornou mais fervoroso dali em diante.

Por meio do sistema telegráfico extremamente eficaz dos nativos do Taiti (meninos de pés ligeiros com vozes estrondosas), a notícia da chegada de Amanhã Cedo logo se espalhou e a praia da baía de Matavai ficava cada vez mais cheia e exuberante. Alma queria achar o reverendo Welles, para lhe fazer inúmeras perguntas, mas sua figura pequenina sempre desaparecia no meio da turba e ela só conseguia breves vislumbres dele, seu cabelo grisalho esvoaçando com a brisa, o sorriso largo de felicidade. Ela tampouco conseguia se aproximar da irmã Manu, que de tão eletrizada havia perdido o gigantesco chapéu florido e que chorava como uma menina em meio a mulheres tagarelas, eufóricas. Não via os meninos do contingente de Hiro em lugar nenhum — ou melhor, os via por todos os lados, mas eles se moviam tão rápido que Alma não conseguia alcançá-los e inquiri-los.

A multidão na praia — como se numa decisão unânime — iniciou uma festança. Abriram espaço para lutas romanas e boxe. Rapazes tiravam as camisetas, se besuntavam de óleo de coco e começavam o corpo a corpo. As crianças corriam pelo litoral em competições espontâneas. Um ringue apareceu na areia e de repente uma rinha de galos estava em andamento. À medida que o dia passava, músicos surgiram, trazendo tambores e flautas típicas dos nativos e

trompas e rabecas europeias. Em outro canto da praia, os homens se empenhavam para cavar um forno e contorná-lo com pedras. Planejavam um tremendo assado. Depois Alma viu a irmã Manu, do nada, pegar um porco, imobilizá-lo e abatê-lo — para grande consternação do porco. Alma não pôde evitar certo ressentimento ao ver a cena. (Há quanto tempo esperava um pedaço de porco? Bastava, ao que parecia, a chegada de Amanhã Cedo, e a proeza era levada a cabo.) Com uma faca comprida e a mão firme, Manu desmembrou o porco com alegria. Tirou as vísceras como uma mulher brincando com uma bala puxa-puxa. Ela e algumas das mulheres mais fortes seguravam a carcaça do porco sobre as brasas do forno para queimar os pelos. Depois o enrolaram em folhas e o puseram em cima das pedras quentes. Várias galinhas, indefesas nessa maré de celebração, se juntaram ao porco na morte.

Alma viu a bela irmã Etini correndo, os braços cheios de fruta-pão. Alma deu um pulo, tocou no ombro de Etini e disse: “Irmã Etini — por favor, me diga: quem é Amanhã Cedo?”

Etini se virou com um sorriso aberto. “Ele é filho do reverendo Welles”, declarou.

“Filho do reverendo Welles?”, Alma repetiu. O reverendo Welles só tinha filhas — e somente uma filha viva, aliás. Se o inglês da irmã Etini não fosse tão ligeiro e fluente, Alma imaginaria que ela cometera um erro.

“Filho dele por *taio*”, explicou Etini. “Amanhã Cedo é filho adotivo dele. É meu filho também, e da irmã Manu. Ele é filho desta missão inteira! Somos todos da mesma família através do *taio*.”

“Mas de onde ele veio?”, Alma indagou.

“Ele veio daqui”, Etini afirmou, e não conseguia disfarçar o orgulho enorme que sentia disso. “Amanhã Cedo é nosso, sabe?”

“Mas de onde ele veio hoje?”

“Ele veio de Raiatea, onde vive agora. Ele tem uma missão própria por lá. Faz muito sucesso em Raiatea, numa ilha que já foi muito hostil ao Deus verdadeiro. As pessoas que ele trouxe hoje são algumas de suas convertidas — algumas das convertidas por ele, em outras palavras. Certamente ele tem muitas outras.”

Certamente, Alma tinha muitas outras perguntas, mas a irmã Etini estava ansiosa para participar da festa, então Alma agradeceu e a dispensou. Ela foi até a goiabeira à beira do rio e se sentou à sombra para refletir. Tinha muito que ponderar e reconstituir. Desesperada para entender todos aqueles dados surpreendentes, ela recapitulou a conversa que teve com o reverendo Welles meses antes. Lembrava-se vagamente de o reverendo Welles ter lhe falado dos três filhos adotivos — os três produtos mais exemplares da escola de sua missão na baía de Matavai — que agora lideravam missões respeitadas em várias ilhas distantes. Ela se esforçou para se recordar dos detalhes daquela conversa de tanto tempo atrás, mas sua lembrança era tão indistinta que causava frustração.

Raiatea podia ser uma das ilhas mencionadas por ele, Alma achava, mas tinha certeza de que não fizera nenhuma referência ao nome “Amanhã Cedo”. Alma teria percebido o nome caso o ouvisse. Essas palavras chamariam sua atenção imediatamente, já que lhe eram cheias de associações pessoais. Não, nunca tinha ouvido aquele nome. O reverendo Welles o chamara de outra coisa.

A irmã Etini passou correndo de novo, dessa vez de braços vazios, e mais uma vez Alma pulou e a deteve. Sabia que estava sendo uma chata, mas não se continha.

“Irmã Etini”, ela chamou. “Qual é o nome do Amanhã Cedo?”

Irmã Etini parecia confusa. “O nome dele é Amanhã Cedo”, ela respondeu sem afetação.

“Mas como o irmão Welles o chama?”

“Ah!” Os olhos da irmã Etini brilharam. “O irmão Welles o chama pelo nome taitiano, que é Tamatoa Mare. Mas Amanhã Cedo foi o apelido que ele inventou para si, quando era pequenininho! Ele prefere ser chamado assim. Ele sempre teve tanta facilidade com a língua, irmã Whittaker — foi o melhor aluno que a sra. Welles e eu tivemos, e você verá que ele fala inglês bem melhor do que eu —, e ele percebeu, desde a mais tenra infância, que seu nome em taitiano soava como essas palavras do inglês. Ele sempre foi muito inteligente. Mas o nome lhe cai bem, todos concordamos, pois ele traz muita esperança, entende, a todos que o conhecem. Como um novo dia.”

“Como um novo dia”, repetiu Alma.

“Exatamente, sim.”

“Irmã Etini”, disse Alma. “Perdão, mas tenho mais uma pergunta. Quando foi a última vez que Tamatoa Mare esteve aqui na baía de Matavai?”

A irmã Etini respondeu sem hesitar: “Novembro de 1850.”

A irmã Etini saiu em disparada. Alma sentou-se sob a mesma sombra e observou o alegre caos se desdobrar. Observou sem prazer. Sentia uma dor no coração, como se enfiassem o dedão em seu peito, com firmeza e lá no fundo.

Ambrose Pike morrera ali em novembro de 1850.

Alma levou um tempo para se aproximar de Amanhã Cedo. Naquela noite houve uma celebração colossal — um banquete digno de um monarca, e sem dúvida era assim que o viam. Centenas de taitianos se aglomeraram na praia, comendo porco assado, peixe e fruta-pão, e aproveitando o pudim de araruta, o inhame e incontáveis cocos. Fogueiras foram acesas, e as pessoas dançaram — não as danças muito obscenas, claro, que antigamente davam má fama ao Taiti, mas a dança tradicional menos ofensiva, que chamavam de *hura*. Nem essa seria permitida em outra colônia missionária da ilha, mas Alma sabia que o reverendo Welles às vezes a consentia. (“Eu simplesmente não vejo mal nisso”, ele uma vez explicou a Alma, que começava a achar que essa frase tão repetida era o lema

perfeito para o reverendo Welles.)

Alma nunca tinha visto a dança e ficou tão fascinada quanto todo mundo. As jovens dançarinas usavam os cabelos presos em três tranças enfeitadas com flores de jasmim e gardênia e flores em volta do pescoço. A música era lenta e sinuosa. Algumas das meninas tinham o rosto marcado pela varíola, mas à luz da fogueira todas eram igualmente lindas. Dava para entrever o balanço dos membros e quadris das mulheres, embora encobertos pelos vestidos disformes de manga longa receitados pelos missionários. Era a dança mais provocativa que Alma já tinha visto (ela se admirou com as mãos, que já eram bastante provocativas), e nem conseguia imaginar a impressão que a dança teria causado em seu pai nos idos de 1777, quando as mulheres usavam saias de grama e nada mais. Devia ter sido um belo espetáculo para um rapaz de Richmond que tentava preservar sua virtude.

De vez em quando homens atléticos entravam na roda de dança para realizar interrupções cômicas, burlescas ao *hura*. A intenção, Alma imaginou de início, era quebrar o clima sensual com alegria, mas pouco depois eles também começaram a testar os limites da lascívia com seus movimentos. Havia uma piada recorrente em que os homens tentavam agarrar as dançarinas e elas se afastavam graciosamente sem errar os passos. Até as crianças mais novas pareciam entender a alusão latente ao desejo e reprovar quando era deixada de fora da apresentação, e os uivos que soltavam em meio a gargalhadas fazia com que parecessem sofisticados demais para a idade que tinham. Até a irmã Manu — aquele exemplo ilustre de decoro cristão — entrou na roda a certa altura e se juntou às dançarinas de *hura*, balançando seu corpo volumoso com uma agilidade surpreendente. Quando um dos jovens dançarinos foi atrás dela, ela deixou-se agarrar, instigando gritos empolgados na plateia. O dançarino então se imprensou contra o quadril dela, numa série de movimentos cuja vulgaridade deslavada não seria mal interpretada por ninguém; a irmã Manu apenas o fitou com um olhar galanteador comicamente cheio de si e continuou a dançar.

Alma ficou de olho no reverendo Welles, que parecia encantado com o que via. Amanhã Cedo estava sentado a seu lado, com uma postura perfeita, vestido como um impecável cavalheiro londrino. Ao longo da noite, as pessoas iam se sentar a seu lado e esfregar o nariz no nariz dele, e para lhe fazer saudações. Ele recebia todo mundo com ares de fineza e generosidade. Sinceramente, Alma foi obrigada a admitir, nunca tinha visto um ser humano mais lindo que aquele. Claro que a beleza física existia em todos os cantos do Taiti, e depois de um tempo as pessoas se acostumavam com ela. Os homens dali eram lindos, as mulheres mais lindas ainda, e as crianças mais lindas que os adultos. Que bando de corcundas pálidos e de braços compridos a maioria dos europeus parecia em comparação com os extraordinários taitianos! Essa constatação já tinha sido feita milhares de vezes, por milhares de estrangeiros espantados. Portanto, sim, a beleza não estava

em falta por ali, e Alma tinha visto muita — mas Amanhã Cedo era o mais bonito de todos.

Sua pele era escura e lustrosa, o sorriso era o lento nascer da lua. Quando fitava alguém, era um ato de generosidade, de luminescência. Era impossível não encará-lo. Apesar da bela fisionomia, seu tamanho já chamava a atenção. Era um verdadeiro prodígio em termos de estatura, um Aquiles encarnado. Sem dúvida, seguiriam o homem numa batalha. O reverendo Welles havia dito a Alma que nos velhos tempos nos Mares do Sul, quando os ilhéus entraram em guerra uns com os outros, os vitoriosos reviravam os cadáveres dos oponentes em busca dos mortos mais altos e mais escuros. Após achar esses finados beemontes, eles abriam seus corpos e retiravam os ossos para fazer anzóis, cinzeiros e armas. Acreditavam que a ossatura dos homens mais largos era carregada de tremenda potência, e por isso as ferramentas e armas feitas deles dotariam seus portadores de invencibilidade. Quanto a Amanhã Cedo, Alma pensou de maneira abominável, poderiam fazer um arsenal inteiro de armas com ele — se sequer conseguissem matá-lo.

Alma circulava pelos arredores da fogueira, para passar despercebida enquanto absorvia a situação. Ninguém a notava, dominados como estavam pelo júbilo. A folia continuou noite adentro. As fogueiras queimavam altas e flamejantes, projetando sombras tão escuras e tão sinuosas que as pessoas praticamente sentiam medo de tropeçar nelas ou de serem capturadas por elas e puxadas até o pó. A dança ficou ainda mais desenfreada e as crianças se comportavam como espíritos possuídos. Alma não imaginava que a visita de um proeminente missionário cristão provocaria *tamanha* fanfarra e bebedeira; no entanto, ainda era nova no Taiti. Nada disso perturbava o reverendo Welles, que nunca lhe pareceu tão contente, tão animado.

Muito depois da meia-noite, o reverendo Welles enfim reparou em Alma.

“Irmã Whittaker!”, ele chamou. “Onde foram parar meus bons modos? A senhorita tem que conhecer o meu filho!”

Alma se aproximou dos dois, que estavam sentados tão perto do fogo que pareciam estar em chamas. Foi um encontro embaraçoso, pois Alma estava de pé, e os homens — acatando o costume local — continuaram sentados. Ela não se sentaria. Ela não esfregaria o nariz no nariz de ninguém. Mas Amanhã Cedo esticou o braço comprido para lhe dar um aperto de mãos.

“Irmã Whittaker!”, disse o reverendo Welles, “este é o meu filho, sobre o qual já lhe falei. E meu querido filho, esta é a irmã Whittaker, sabe, que veio dos Estados Unidos da América para nos visitar. É uma naturalista de certo renome”.

“Uma naturalista!”, exclamou Amanhã Cedo com distinto sotaque britânico, anuindo com interesse. “Quando criança, eu adorava história natural. Meus amigos me achavam maluco por valorizar o que ninguém valorizava — folhas, insetos, corais e coisas afins. Mas era prazeroso e educativo. Que vida digna,

fazer um estudo aprofundado do mundo. Que afortunada é a senhorita em sua vocação.”

Alma olhava fixo para ele. Enfim ver aquele rosto de perto — o rosto indelével, o rosto que a perturbara e fascinara por tanto tempo, o rosto que a levara a atravessar o mundo para chegar ali, o rosto que insistira em cutucar sua imaginação, o rosto que a importunara a ponto da obsessão — era simplesmente desconcertante. Aquele rosto causou um impacto tão grande nela que achou incrível que ele, por sua vez, não ficasse desconcertado diante *dela*: como era possível ela conhecê-lo tão bem e ele nem saber de sua existência?

Mas por que diabos ele saberia?

Placidamente, ele retribuiu o olhar. Seus cílios eram de um comprimento absurdo. Não pareciam apenas excessivos, como quase confrontadores — uma ostentação de cílios, uma franja desnecessariamente abundante. Sentia a irritação surgindo dentro dela — ninguém precisava de cílios como aqueles.

“É um prazer conhecê-lo”, ela disse.

Com a graciosidade de um chefe de Estado, Amanhã Cedo insistiu que não, o prazer era todo dele. Em seguida soltou a mão dela, Alma pediu licença e Amanhã Cedo voltou sua atenção para o reverendo Welles — para seu pai branco, diminuto, feliz.

Ele ficou uma quinzena na baía de Matavai.

Ela raramente tirava os olhos dele, ávida para descobrir — pela observação e proximidade — tudo o que pudesse. O que descobriu, e bem rápido, era que Amanhã Cedo era querido. Era quase exasperante, na verdade, o quanto ele era querido. Ela se perguntou se era exasperante para ele. Nunca tinha um instante para si, embora Alma ficasse atenta a algum, na esperança de conversar com ele em particular. A impressão era de que nunca teria essa oportunidade: havia refeições e reuniões e encontros e cerimônias, todos centrados nele, todos os momentos do dia. Ele dormia na casa da irmã Manu, tomada pelo zumbido das visitas constantes. A rainha 'Aimata Pomare IV Vahine do Taiti convidara Amanhã Cedo para um chá em seu palácio em Papeete. Todos queriam ouvir — em inglês ou taitiano, ou nos dois — a história do sucesso extraordinário de Amanhã Cedo como missionário em Raiatea.

Ninguém queria ouvi-la mais do que Alma, e no transcorrer da estadia de Amanhã Cedo, ela conseguiu encaixar as peças da história toda com a ajuda de vários espectadores e admiradores do Grande Homem. Raiatea, ela soube, era o berço da mitologia polinésia, e, portanto, o lugar onde a aceitação do cristianismo era mais improvável. A ilha — extensa e acidentada — era a terra natal e a morada de Oro, o deus da guerra, cujos templos eram homenageados com o sacrifício de seres humanos e repletos de caveiras. Raiatea era um lugar sério (a irmã Etini usou a palavra “pesado”). O monte Temehani, no meio da ilha, era

tido como residência eterna de todos os mortos da Polinésia. Um manto permanente de neblina pairava sobre o pináculo da montanha, segundo diziam, pois os mortos não gostavam de sol. O povo de Raiatea não era dado ao riso: se tratava de um povo firme — um povo de sangue e esplendor. Não eram os taitianos. Tinham resistido aos ingleses. Tinham resistido aos franceses. Não tinham resistido a Amanhã Cedo. Chegara seis anos antes de forma espetacular: sozinho em uma canoa, que abandonou ao se aproximar da ilha. Despiu-se e nadou até a costa, batendo os braços com tranquilidade contra a arrebentação estrondosa, levando a Bíblia em cima da cabeça e entoando: “Canto a palavra de Jeová, o único Deus verdadeiro! Canto a palavra de Jeová, o único Deus verdadeiro!”

A população de Raiatea lhe deu atenção.

Desde então Amanhã Cedo havia construído um império evangelizador. Erigira uma igreja — ao lado do principal templo pagão de Raiatea — que seria facilmente confundida com um palácio, se não fosse uma casa de Deus. Agora, era o maior edifício da Polinésia. Era escorada em quarenta e seis colunas talhadas dos troncos de fruta-pão e lixadas com pele de tubarão.

Amanhã Cedo contava entre seus convertidos cerca de três mil e quinhentas almas. Viu gente jogando seus ídolos ao fogo. Viu até os templos antigos passando por uma ligeira transformação, de altares dedicados a sacrifícios violentos a pilhas inofensivas de rochas musguntas. Convenceu o povo de Raiatea a usar modestos trajes europeus: homens de calças, mulheres de vestidos compridos e gorros. Rapazes faziam fila para que ele lhes cortasse o cabelo curto e se tornassem honrados. Ele supervisionou a construção de uma comunidade de cabanas brancas e organizadas. Ensinou ortografia e leitura às pessoas que, antes de sua chegada, nunca tinham visto o alfabeto. Quatrocentas crianças por dia começaram a frequentar a escola e a aprender o catecismo. Amanhã Cedo fazia questão de que as pessoas não macaqueassem as palavras do Evangelho, e sim entendessem o que queriam dizer. Agindo assim, já tinha treinado sete missionários próprios, recentemente enviados a ilhas ainda mais remotas; eles também nadariam até a costa com a Bíblia em cima da cabeça, entoando o nome de Jeová. Acabava a época de tumulto, falácia e superstição. Acabava o infanticídio. Acabava a poligamia. Alguns chamavam Amanhã Cedo de profeta; de acordo com os rumores, ele preferia a designação “servo”.

Alma soube que Amanhã Cedo tinha uma esposa em Raiatea, Temanava, cujo nome significava “a receptiva”. Também tinha duas filhas jovens, de nomes Frances e Edith, em homenagem ao reverendo e à sra. Welles. Era o homem mais estimado das ilhas da Sociedade, Alma descobriu. Ouviu isso tantas vezes que já estava ficando cansada.

“E pensar”, declarou a irmã Etini, “que saiu da nossa escolinha na baía de Matavai”.

Alma só achou um momento para conversar com Amanhã Cedo tarde da noite, dez dias após a sua chegada, quando o encontrou fazendo sozinho a curta caminhada entre a casa da irmã Etini, onde ele acabara de jantar, e a da irmã Manu, onde pretendia dormir.

“Posso dar uma palavrinha com o senhor?”, ela pediu.

“Claro, irmã Whittaker”, ele concordou, sem dificuldade para lembrar o nome dela. Não pareceu nem um pouco surpreso em vê-la sair das sombras e ir ao seu encontro.

“Tem algum lugar mais sossegado para nós conversarmos?”, ela perguntou. “O que preciso discutir com o senhor eu gostaria de tratar com privacidade.”

Ele soltou uma risada tranquila. “Se a senhorita já conseguiu alguma privacidade aqui na baía de Matavai, irmã Whittaker, lhe dou meus cumprimentos. O que a senhorita quiser me dizer, pode me dizer aqui mesmo.”

“Muito bem”, ela disse, embora tenha sido inevitável olhar ao redor para garantir que ninguém a escutaria. “Amanhã Cedo”, ela começou, “o senhor e eu — creio — temos uma ligação muito mais íntima com o destino um do outro do que seria de se imaginar. Fui apresentada ao senhor como irmã Whittaker, mas preciso que entenda que, por um breve período da minha vida, eu fui a sra. Pike”.

“Não preciso que estenda o assunto”, ele disse com delicadeza, levantando a mão. “Sei quem você é, Alma.”

Eles se olharam em silêncio pelo que pareceu bastante tempo.

“Então”, ela prosseguiu, enfim.

“De fato”, ele retrucou.

De novo, o longo silêncio.

“Também sei quem você é”, ela declarou por fim.

“Sabe?” Ele não parecia nem um pouco assustado. “Quem sou eu, então?”

Mas agora — instigada a dizê-lo — ela descobriu que não era fácil responder a questão. Diante da necessidade de dizer alguma coisa, entretanto, ela declarou: “Você conheceu bem o meu marido.”

“De fato conheci. Além do mais, tenho saudade dele.”

A reação chocou Alma, mas ela preferia isso — o choque causado pela admissão — a uma discussão ou um desmentido. Ao prever a conversa nos dias anteriores, Alma imaginou que perderia a cabeça caso Amanhã Cedo a acusasse de contar mentiras nefandas ou fingisse nunca ter conhecido Ambrose. Mas ele não parecia disposto a resistir ou repudiar. Ela o examinou com atenção, procurando em seu rosto algo além da serenidade, mas não via nada de errado.

“Você tem saudade dele”, ela repetiu.

“E sempre terei, pois Ambrose Pike foi um grande homem.”

“É o que todo mundo diz”, declarou Alma, contrariada e um pouco derrotada.

“Porque era verdade.”

“Você o amava, Tamatoa Mare?”, de novo examinando-lhe o semblante para

ver se ele não perdia a calma. Queria pegá-lo de surpresa, assim como ele a pegara. Porém, o rosto dele não traía nem um pingo de mal-estar. Ele nem piscou ao ouvir seu nome verdadeiro.

Ele retrucou: “Ele era amado por todos que o conheciam.”

“Mas você nutria um amor *especial* por ele?”

Amanhã Cedo enfiou as mãos nos bolsos e olhou para a lua. Não tinha pressa de responder. Ele olhou o mundo inteiro como um homem relaxado aguardando um trem. Passado um tempo, voltou a olhar para o rosto de Alma. Tinham quase a mesma altura, ela reparou. Seus ombros não eram muito mais estreitos que os dele.

“Imagino que você se pergunte certas coisas”, ele disse, a título de resposta.

Ela sentiu que perdia terreno. Teria de ser mais direta.

“Amanhã Cedo”, ela disse. “Posso ser sincera com você?”

“Por favor”, ele instigou.

“Permita-me contar uma coisa a meu respeito, pois talvez isso o ajude a se expressar com mais liberdade. Arraigado no meu temperamento — apesar de nem sempre considerar essa característica uma virtude ou uma bênção — está o desejo de entender a natureza das coisas. Portanto, eu gostaria de entender quem era o meu marido. Vim até aqui para entendê-lo melhor, mas até agora a tentativa não deu frutos. O pouco que obtive para entender Ambrose só me causou mais confusão. Admito que nosso casamento não foi nem usual nem longo, mas este fato não anula o amor e a preocupação que eu sentia pelo meu marido. Não sou ingênua, Amanhã Cedo. Não preciso que me escondam a verdade. Por favor, entenda que meu objetivo não é nem atacá-lo nem fazer de você um inimigo. Seus segredos também não correm risco caso decida confiá-los a mim. No entanto, tenho meus motivos para desconfiar que você guarde segredos a respeito do meu finado marido. Eu vi os desenhos que ele fez de você. Esses desenhos, estou certa de que você compreenderá, me obrigam a lhe perguntar a verdade sobre a sua ligação com Ambrose. Será que você pode honrar o pedido de uma viúva e me contar o que sabe? Não é necessário poupar meus sentimentos.”

Amanhã Cedo assentiu. “Você estaria livre amanhã, para passar o dia comigo?”, ele indagou. “Talvez até depois do anoitecer?”

Ela fez que sim.

“Você está bem fisicamente?”, ele perguntou.

A questão e sua incongruência deixaram-na aturdida. Ele notou o incômodo e esclareceu: “Minha intenção é me certificar de que você está apta a percorrer longas distâncias a pé. Imagino que, como naturalista, você esteja sadia e em boa forma, mas mesmo assim preciso perguntar. Eu gostaria de lhe mostrar uma coisa, mas não quero sobrecarregá-la. Você consegue subir uma colina íngreme e esse tipo de coisa?”

“Acho que sim”, Alma respondeu, de novo irritada. “Andei por esta ilha inteira no último ano. Já vi tudo o que há para ver no Taiti.”

“Nem tudo, Alma”, Amanhã Cedo a corrigiu com um sorriso benevolente. “Nem tudo.”

Logo após o amanhecer do dia seguinte, eles partiram. Amanhã Cedo havia providenciado uma canoa para o passeio. Não uma canoinha frágil que os botaria em risco, como a que o reverendo Welles usava para visitar seus corais, mas uma de boa qualidade, resistente e bem-feita.

“Iremos ao Taiti Iti”, ele explicou. “Levaríamos alguns dias por terra, mas contornando a costa chegaremos lá em umas cinco ou seis horas. Você se sente confortável na água?”

Ela fez que sim. Achava difícil saber se ele estava sendo atencioso ou condescendente. Ela tinha enchido um tubo de bambu de água para si e um pouco de *poi* para o almoço, embrulhado em um quadrado de musselina que poderia amarrar ao cinto. Usava seu vestido mais puido — o que já tinha aguentado os piores abusos por parte da ilha. Amanhã Cedo lançou um olhar para seus pés descalços, que, após um ano de Taiti, estavam ásperos e calejados como os de um trabalhador rural. Não disse nada, mas ela viu que ele tinha notado. Os pés dele também estavam descalços. Dos tornozelos para cima, entretanto, ele era um perfeito cavalheiro europeu. Trajava o costumeiro terno limpo com camisa branca, mas tirou o paletó, o dobrou com esmero e o usou como almofada na canoa.

Não havia razão para puxar conversa na viagem ao Taiti Iti — a península pequena, arredondada, escarpada e remota do lado oposto da ilha. Amanhã Cedo precisava se concentrar e Alma não queria se virar toda vez que tivesse que falar. Portanto, seguiram em silêncio.

Percorrer a costa litorânea era difícil em certas áreas, e Alma lamentou que Amanhã Cedo não tivesse providenciado um remo para ela também, para que ao menos pudesse ter a sensação de que os ajudava a avançar — embora, na verdade, ele não parecesse precisar de sua ajuda. Ele cavava a água numa eficiência elegante, atravessando recifes e canais sem hesitar, como se já tivesse feito aquele caminho centenas de vezes — o que, ela suspeitou, era bem provável. Ela ficou satisfeita por estar com seu chapéu de aba larga, já que o sol estava forte e a luz que vinha da água fazia com que pontos dançassem diante de seus olhos.

Cinco horas depois, os declives de Taiti Iti estavam à direita deles. Para seu alarme, parecia que Amanhã Cedo seguia na direção deles. A intenção era que se atirassem contra os rochedos? Era esse o propósito mórbido da viagem? Mas então Alma viu um portal arqueado na encosta do despenhadeiro, uma fenda escura, a entrada de uma gruta ao nível do mar. Amanhã Cedo sincronizou a

canoa ao balanço de uma onda forte e então — de forma eletrizante, destemida — foram impelidos abertura adentro. Alma tinha certeza de que seriam jogados de volta à luz do sol pela água vazante, mas ele remou furiosamente, quase de pé na canoa, e assim foram lançados ao cascalho úmido de uma praia rochosa, bem no interior da gruta. Foi quase um golpe de mágica. Nem mesmo o contingente de Hiro, ela pensou, arriscaria uma manobra dessas.

“Pule, por favor”, ele pediu, e embora não tenha exatamente vociferado, ela inferiu que tinha de agir com rapidez, antes que a onda seguinte chegasse. Ela saltou e correu até um ponto mais alto — que, honestamente, não parecia alto o bastante. Uma onda grande, ela ponderou, e eles sumiriam para sempre. Amanhã Cedo não transparecia preocupação. Ele arrastou a canoa até a praia.

“Posso lhe pedir que me ajude?”, ele disse em tom delicado. Apontou para a saliência acima deles e Alma entendeu que ele queria colocar a canoa lá, para que ficasse segura. Ela o ajudou a levantar a canoa e juntos empurraram-na para longe da borda, muito além do alcance das ondas de rebentação.

Ela se sentou e ele se acomodou a seu lado, ofegante devido ao esforço.

“Você está confortável?”, ele perguntou por fim.

“Estou”, ela disse.

“Agora temos que esperar. Quando a maré baixar totalmente, você vai ver que tem um caminho estreito junto ao despenhadeiro por onde podemos caminhar, e depois subimos até um platô. De lá, vou levá-la para ver o lugar que quero mostrar. Se você achar que dá conta. Aguenta?”

“Eu aguento”, ela afirmou.

“Ótimo. Por enquanto, vamos descansar.” Ele se recostou sobre o paletó que servia de almofada, esticou as pernas e relaxou. Quando as ondas entraram na gruta, quase molharam os pés dele — mas não chegaram a molhar. Alma viu que ele devia saber exatamente como eram as ondas na gruta. Era extraordinário. Vendo Amanhã Cedo estirado a seu lado, de repente lhe veio a lembrança pungente da maneira como Ambrose se esticava em qualquer lugar — no gramado, no sofá, no chão da sala de estar de White Acre.

Concedeu uns dez minutos de descanso a Amanhã Cedo, mas não se conteve mais que isso.

“Como você o conheceu?”, ela indagou.

A gruta não era um lugar muito silencioso para a conversa, com a água indo e voltando em cima dos rochedos e os diversos tipos de ecos úmidos. Mas também havia algo naquele som ritmado que dava a Alma a impressão de que aquele era o lugar mais seguro do mundo para exigir respostas e revelar segredos. Quem os ouviria? Quem os veria? Ninguém além dos fantasmas. Suas palavras seriam arrastadas para fora da gruta pela maré e jogadas ao mar, rompidas pelas ondas agitadas, devoradas pelos peixes.

Amanhã Cedo respondeu sem se sentar. “Voltei ao Taiti para visitar o

reverendo Welles em agosto de 1850, e Ambrose estava lá — assim como você está agora.”

“Que impressão você teve dele?”

“Achei que era um anjo”, ele declarou sem vacilar, sem nem mesmo abrir os olhos.

Ele respondia quase rápido demais, ela pensou. Não queria respostas superficiais: queria a história toda. Não queria somente as conclusões: queria o desenvolvimento. Queria ver Amanhã Cedo e Ambrose ao se conhecerem. Queria observar suas conversas. Queria saber o que pensavam, o que sentiam. Acima de tudo, queria saber o que tinham feito. Aguardou, mas ele não prosseguiu. Depois de um bom tempo calados, Alma tocou no braço de Amanhã Cedo. Ele abriu os olhos.

“Por favor”, ela disse. “Continue.”

Ele se sentou e virou o rosto para ela. “O reverendo Welles já lhe contou como cheguei à missão?”, ele inquiriu.

“Não”, ela disse.

“Eu só tinha sete anos”, ele relatou. “Talvez oito. Meu pai morreu primeiro, depois a minha mãe, depois os meus dois irmãos. Uma das esposas do meu pai se responsabilizou por mim, mas ela também morreu. Havia mais uma mãe — outra das esposas do meu pai —, mas depois ela morreu. Todos os filhos das esposas do meu pai morreram, um depois do outro. Também tinha avós, mas elas também morreram.” Ele parou, refletiu sobre alguma coisa e depois continuou, se corrigindo: “Não, estou confundindo a ordem das mortes, Alma, me perdoe. Foram as avós que morreram primeiro, pois eram as mais frágeis da família. Então, sim, primeiro as minhas avós morreram, depois o meu pai e assim em diante, como já disse. Passei um tempo muito doente, mas não morri — como você vê. Mas essas histórias são comuns no Taiti. Você já deve tê-las ouvido, não é?”

Alma não sabia o que dizer, então não disse nada. Embora soubesse do elevado número de mortos na Polinésia ao longo dos cinquenta anos anteriores, ninguém tinha lhe contado de perdas pessoais.

“Você viu as cicatrizes na testa da irmã Manu?”, ele indagou. “Alguém já lhe explicou a origem delas?”

Ela fez que não. Não sabia o que tudo aquilo tinha a ver com Ambrose.

“São as cicatrizes do luto”, ele explicou. “Quando as mulheres aqui do Taiti estão de luto, elas cortam a cabeça com dentes de tubarão. Sei que é horripilante para a mente europeia, mas se trata de um meio que a mulher tem de demonstrar e liberar a dor. A irmã Manu é quem tem mais cicatrizes porque ela perdeu a família inteira, inclusive vários filhos. Talvez seja por isso que eu e ela sempre nos gostamos tanto.”

Alma se surpreendeu com o uso que fazia da palavra “gostar” como forma de

exprimir o laço entre uma mulher que perdera todos os filhos e um garoto que perdera todas as mães. Não parecia uma palavra forte o bastante.

Então Alma pensou na outra anomalia física da irmã Manu. “E quanto aos dedos?”, ela indagou, levantando as mãos. “As pontas decepadas?”

“É outro legado da dor. Às vezes as pessoas daqui cortam a ponta dos dedos numa expressão do luto. Ficou mais fácil cortá-las depois que os europeus nos trouxeram ferro e aço.” Ele deu um sorriso pesaroso. Alma não retribuiu o sorriso: era horrível demais. Ele prosseguiu. “Agora, quanto ao meu avô, que ainda não mencionei, ele era *rauti*. Você sabe o que é *rauti*? O reverendo Welles tentou durante muitos anos recrutar a minha ajuda para traduzir essa palavra, mas ela é complicada. Meu bom pai usa a palavra ‘arengador’, mas ela não transmite a importância do cargo. ‘Historiador’ chega perto, mas também não é muito precisa. A função do *rauti* é andar ao lado dos homens quando eles entram na batalha, instigá-los a ter coragem e lembrá-los de quem são. O *rauti* grita a ascendência e a linhagem de cada um deles para que o guerreiro se lembre da glória de sua história familiar. Ele garante que não se esqueçam do heroísmo de seus antepassados. O *rauti* conhece a árvore genealógica de cada um dos homens desta ilha, chegando até os deuses, e entoa a valentia que tinham para eles. Pode-se dizer que é uma espécie de sermão, só que violento.”

“Como eram os versos?”, Alma indagou, se reconciliando com essa narrativa longa e incongruente. Ele devia ter motivos para levá-la até ali, ela imaginou, e devia ter motivos para lhe contar essa história.

Amanhã Cedo virou o rosto para a entrada da gruta e refletiu um pouco. “Em inglês? Não tem tanta força, mas fica mais ou menos assim: *‘Ostente sua vigilância até que a determinação deles seja abalada! Parta para cima deles feito um trovão! Você é Arava, filho de Hoani, neto de Paruto, que veio de Parati, que era fruto de Tapunui, que arrancou a cabeça do poderoso Anapa, o pai das enguias — é este o homem que você é! Avance sobre eles feito o mar!’*” Amanhã Cedo vociferou tais palavras e elas reverberaram nas pedras, afastando as ondas. Ele voltou a olhar para Alma — que estava com os pelos dos braços eriçados e não conseguia imaginar o impacto que essas frases deviam ter em taitiano, se já tinham lhe comovido em outra língua — e declarou no tom normal: “As mulheres também lutavam de vez em quando.”

“Obrigada”, ela disse, embora não soubesse por quê. “O que aconteceu com o seu avô?”

“Ele morreu junto com os outros. Depois que a minha família morreu, virei uma criança sozinha. No Taiti, não é um destino tão grave para uma criança quanto deve ser, suponho, em Londres ou na Filadélfia. As crianças daqui se tornam independentes cedo, e qualquer um capaz de subir em árvores ou pescar pode garantir os próprios alimentos. Ninguém aqui congela de frio à noite. Eu era parecido com os meninos que você vê na praia da baía de Matavai, que também

não têm família, embora talvez eu não fosse feliz como eles parecem ser, já que eu não tinha uma turma de amigos. O meu problema não era a fome do corpo, e sim a fome da alma, entende?”

“Entendo”, disse Alma.

“Então rumei para a baía de Matavai, onde havia uma colônia povoada. Passei várias semanas observando a missão. Vi que, por mais que vivessem de maneira humilde, ainda tinham coisas melhores do que as outras regiões da ilha. Tinham facões afiados o bastante para matar porcos de um golpe só e machados que derrubavam árvores tranquilamente. Aos meus olhos, as cabanas eram luxuosas. Vi o reverendo Welles, tão branco que me parecia um fantasma, mas não um fantasma maligno. Ele falava a língua dos fantasmas, sim, mas também falava um pouquinho da minha língua. Assisti aos batismos, que todo mundo achava divertido. A irmã Etini já levava a escola adiante junto com a sra. Welles, e eu via as crianças entrando e saindo. Eu me deitava debaixo das janelas e escutava as aulas. Não era totalmente sem instrução. Sabia listar cento e cinquenta tipos de peixe e sabia desenhar um mapa das estrelas na areia, mas eu não era educado ao estilo europeu. Algumas dessas crianças tinham lousas pequenas para fazer as lições. Tentei fazer uma lousa para mim com os flocos negros de pedra vulcânica que eu lixei com areia. Pinteí minha lousa num tom mais preto ainda, usando seiva de banana-da-terra, e depois desenhei traços com coral branco. A invenção quase foi bem-sucedida, mas, infelizmente, não dava para apagar!” Ele sorriu com a lembrança. “Você teve uma bela de uma biblioteca quando criança, não foi? E o Ambrose me contou que você já falava várias línguas desde a mais tenra infância.”

Alma fez que sim. Então Ambrose falara dela! Ela sentiu um tremor de prazer diante da revelação (*ele não havia se esquecido dela!*), mas isso também lhe causava inquietude: o que mais Amanhã Cedo sabia a seu respeito? Muito mais, estava claro, do que ela sabia sobre ele.

“Sempre tive o sonho de ver uma biblioteca”, ele declarou. “Também gostaria de ver janelas de vitral. De qualquer modo, um dia o reverendo Welles me flagrou e me abordou. Ele foi gentil. Com certeza você não vai precisar dar asas à imaginação para entender como ele foi gentil, Alma, pois você o conhece. Ele me deu uma tarefa. Disse que precisava mandar uma mensagem a um missionário de Papeete. Perguntou se eu poderia levar a mensagem ao amigo dele. Claro que concordei. Perguntei: ‘Qual é a mensagem?’ Ele simplesmente me entregou uma lousa com linhas escritas e declarou, em taitiano: ‘A mensagem é essa.’ Fiquei desconfiado, mas fui correndo. Poucas horas depois, achei o outro missionário na igreja dele, perto do cais. O homem não falava uma palavra de taitiano. Não tinha ideia de como fazer para lhe dar a mensagem se eu nem sabia qual era a mensagem e não tínhamos como nos comunicar! Mas lhe entreguei a lousa. Ele a olhou e entrou na igreja. Quando saiu, me deu uma

pequena pilha de papel de carta. Essa foi a primeira vez que eu vi papel, Alma, e achei que era o pedaço de *tapa* mais lindo e mais branco que eu já tinha visto na vida — mas eu não entendia que tipo de roupa alguém faria com pedaços tão pequenos. Imaginei que costurassem os pedacinhos para fazer peças de roupa.

“Voltei correndo para a baía de Matavai, corri os onze quilômetros todos e entreguei os papéis ao reverendo Welles, que ficou muito satisfeito, porque — ele me disse — era essa a mensagem que ele tinha mandado: ele queria folhas de papel emprestadas. Eu era uma criança taitiana, Alma, o que quer dizer que eu sabia de mágicas e milagres, mas eu não entendi a mágica daquele truque. De alguma forma, me parecia que o reverendo Welles tinha convencido a lousa a *dizer uma coisa* ao outro missionário. Ele devia ter mandado que a lousa falasse em nome dele, e assim, seu desejo fora concedido! Ah, eu queria entender aquela mágica! Sussurrei uma ordem à minha imitação fajuta de lousa e tracei umas linhas nela com coral. Minha ordem foi: ‘Traga meu irmão de volta do mundo dos mortos.’ Agora me pergunto por que não pedi a minha mãe, mas na época eu devia sentir mais falta do meu irmão. Talvez porque fosse protetor. Sempre admirei meu irmão, que era muito mais corajoso do que eu. Imagino que não lhe cause nenhuma surpresa, Alma, saber que a minha tentativa de fazer mágica não funcionou. No entanto, quando o reverendo Welles viu o que eu estava fazendo, ele veio conversar comigo, e esse foi o começo da minha nova educação.”

“O que foi que ele ensinou?”, Alma inquiriu.

“A piedade de Cristo, em primeiro lugar. Em segundo, inglês. Por último, a ler.” Depois de uma longa pausa, tornou a falar. “Fui um bom aluno. Pelo que sei, você também foi uma boa aluna, não foi?”

“Sim, sempre fui”, declarou Alma.

“Os meandros da mente sempre foram fáceis para mim, e creio que também foram para você, não é verdade?”

“É”, concordou Alma. O que mais Ambrose lhe contara?

“O reverendo Welles se tornou o meu pai, e desde então sempre fui o filho preferido. Ele me ama mais, ousou dizer, do que ama a filha e a esposa. Certamente me ama mais do que ama os outros filhos adotivos. Constatei pelo que o Ambrose me contou que você também era a preferida do seu pai — que Henry amava você até mais, talvez, do que amava a esposa?”

Alma levou um susto. Era uma afirmação chocante. Ela se sentiu totalmente incapaz de responder. Que espécie de lealdade sentia com relação à mãe e a Prudence no decorrer de todos aqueles anos e quilômetros — e até através da fronteira da morte — que a impedia de dar uma resposta sincera a essa pergunta?

“Mas a gente sabe quando é o preferido do próprio pai, não sabe, Alma?”, Amanhã Cedo indagou, sondando com mais delicadeza. “Isso nos confere um

poder único, não é? Se a pessoa mais importante do mundo opta por preferir a nós acima de todos os outros, nos acostumamos a conseguir o que a gente quer. Também não foi o seu caso? Como não sentir que somos fortes — gente como você e eu?”

Alma fez uma autoanálise para decidir se isso era verdade.

Mas claro que era verdade.

O pai lhe deixara tudo — sua fortuna inteira, omitindo todas as outras pessoas do mundo. Ele nunca permitira que ela deixasse White Acre, não só porque precisava dela, ela de repente se deu conta, mas também porque a amava. Alma lembrou que ele a pegava no colo quando era pequena e contava histórias fantásticas. Lembrou-se do pai dizendo: “Para mim, a feinha vale dez vezes mais do que a bonitinha.” Lembrou-se da noite do baile em White Acre, em 1808, em que o astrônomo italiano organizara os convidados em um *tableau vivant* dos céus e os conduziu numa dança esplêndida. Seu pai — o sol, o centro de tudo — gritara do outro lado do universo: “Dê um *papel* para a menina!”, e incentivara Alma a correr. Pela primeira vez na vida, lhe ocorreu que devia ter sido ele, Henry, quem pusera a tocha em suas mãos naquela noite, confiando-lhe o fogo, libertando-a como um cometa prometeico gramado afora, e mundo afora. Ninguém mais teria o poder de confiar o fogo a uma criança. Ninguém mais concederia a Alma o direito de ganhar um *papel*.

Amanhã Cedo prosseguiu. “Meu pai sempre me viu como uma espécie de profeta, sabe?”

“É assim que você se vê?”, ela perguntou.

“Não”, ele disse. “Eu sei o que sou. Para começo de conversa, sou um *rauti*. Sou um arengador, assim como o meu avô. Eu vou ao encontro das pessoas e entoo palavras de incentivo. Meu povo sofreu muito, e o instigo a voltar a ser forte — mas em nome de Jeová, pois o novo deus é mais potente que os nossos velhos deuses. Se isso não fosse verdade, Alma, o meu povo inteiro ainda estaria vivo. É assim que atuo: com poder. Creio que nessas ilhas as novas do Criador e de Jesus Cristo não devem ser transmitidas através da delicadeza e da persuasão, mas através do poder. Por isso tive sucesso onde os outros fracassaram.”

Ele assumiu uma atitude casual ao revelar isso a Alma. Praticamente dava a entender que era fácil.

“Mas tem algo mais”, ele disse. “No modo de pensar antigo, havia seres conhecidos como intermediários — mensageiros, por assim dizer, entre os deuses e os homens.”

“Como os sacerdotes?”, Alma questionou.

“Como o reverendo Welles, você quis dizer?”, Amanhã Cedo sorriu, olhando de novo para a boca da gruta. “Não. Meu pai é um bom homem, mas não é o tipo de ser ao qual me refiro. Ele não é um mensageiro divino. Não estou pensando nos sacerdotes. Acho que poderia dizer... qual é a palavra? Um

emissário. No modo de pensar antigo, nós acreditávamos que cada deus tinha um emissário. Em caso de emergência, o povo taitiano rezava aos emissários em busca de salvação. ‘Venha ao mundo’, o povo dizia. ‘Venha à luz e nos ajude, pois há guerra e fome e medo, e nós estamos sofrendo.’ Os emissários não eram nem deste mundo nem do outro, mas transitavam entre os dois.”

“É assim que você se vê?”, Alma perguntou de novo.

“Não”, ele disse. “Era assim que eu via Ambrose Pike.”

Ele se virou para ela logo depois de tal afirmativa, e seu rosto — por apenas um instante — foi dominado pela dor. O coração dela ficou apertado e teve que se conter para não perder a compostura.

“Você também o via assim?”, ele questionou, examinando o rosto dela para saber a resposta.

“Via”, ela disse. Enfim tinham chegado ao ponto. Enfim tinham chegado a Ambrose.

Amanhã Cedo anuiu e ficou aliviado. “Ele ouvia meus pensamentos, sabia?”

“É”, Alma confirmou. “Ele sabia fazer isso.”

“Ele queria que eu ouvisse os pensamentos dele”, contou Amanhã Cedo, “mas eu não tenho esse dom”.

“É”, disse Alma. “Entendo. Eu também não.”

“Ele conseguia ver o mal — o jeito como ele se aglomerava em cachos. Foi assim que ele me explicou o mal, como um cacho de cor sinistra. Ele conseguia ver a ruína. Também conseguia ver o bem. Vagalhões de bondade rodeando certas pessoas.”

“Eu sei”, disse Alma.

“Ele ouvia as vozes dos mortos. Alma, ele ouviu meu irmão.”

“É.”

“Ele me falou que uma noite ouviu a luz das estrelas, mas foi apenas uma noite. Ficava triste por nunca mais tê-la ouvido. Ele achava que se ele e eu tentássemos ouvi-la juntos, se usássemos a cabeça dos dois, receberíamos uma mensagem.”

“É.”

“Ele se sentia sozinho na terra, Alma, pois não havia ninguém parecido com ele. Não conseguia encontrar um lar.”

Alma tornou a sentir o coração apertado — um aperto de vergonha, culpa e arrependimento. Ela fechou as mãos em punhos e as apertou contra os olhos. Não se permitiria chorar. Ao abaixar os braços e abrir os olhos, Amanhã Cedo a observava como se esperasse um sinal, como se esperasse para saber se devia se calar. Mas ela só queria que ele continuasse a falar.

“O que ele queria com você?”, Alma questionou.

“Ele queria companhia”, disse Amanhã Cedo. “Querida um gêmeo. Querida que fôssemos iguais. Ele se enganou a meu respeito, entende? Ele achou que eu fosse

melhor do que sou.”

“Ele também se enganou a meu respeito”, disse Alma.

“Então você sabe como é.”

“O que você queria com ele?”

“Eu queria copular com ele, Alma”, Amanhã Cedo declarou em tom melancólico, mas sem hesitar.

“Eu também queria”, ela disse.

“Então somos iguais nisso”, disse Amanhã Cedo, embora tal ideia não tenha lhe gerado alívio. Ela tampouco ficou aliviada.

“Você *copulou* com ele?”, ela perguntou.

Amanhã Cedo suspirou. “Deixei que ele acreditasse que eu também era inocente. Acho que ele me via como O Primeiro Homem, como uma espécie de Adão, e eu deixei que ele acreditasse nisso. Deixei que ele fizesse aqueles retratos meus — não, eu o *incentivei* a fazer aqueles retratos meus — porque sou vaidoso. Disse a ele para me desenhar como desenharia uma orquídea, numa nudez inocente. Afinal, qual era a diferença, aos olhos de Deus, entre um homem nu e uma flor? Foi o que eu falei para ele. Foi assim que o aproximei de mim.”

“Mas você copulou com ele?”, ela repetiu, se preparando para uma resposta mais direta.

“Alma”, ele disse. “Você me permitiu entender que tipo de pessoa você é. Você explicou que é instigada pelo desejo de compreender. Agora, me deixe explicar que tipo de pessoa eu sou: eu sou um conquistador. Não me gabo disso. É simplesmente a minha natureza. Talvez você nunca tenha conhecido um conquistador e por isso seja difícil para você entender.”

“Meu pai era um conquistador”, ela afirmou. “Entendo melhor do que você imagina.”

Amanhã Cedo assentiu, reconhecendo o argumento. “Henry Whittaker. Segundo todos os relatos, sim. Pode ser que você tenha razão. Talvez, então, você me entenda. A natureza do conquistador, como você sabe, é a de conseguir o que ele quiser.”

Depois desse comentário, passaram um bom tempo em silêncio. Alma tinha outra pergunta, mas achava quase insuportável fazê-la. Mas se não a fizesse agora, ela nunca saberia e a pergunta criaria buracos nela pelo resto da vida. Ela juntou coragem de novo e indagou: “Como foi que o Ambrose morreu, Amanhã Cedo?” Já que ele não respondeu de imediato, ela acrescentou: “Fui informada pelo reverendo Welles que ele morreu de infecção.”

“Imagino que realmente tenha morrido de infecção — já no final. Seria isso o que o médico lhe diria.”

“Mas como foi que ele morreu, de verdade?”

“Não é agradável falar disso”, disse Amanhã Cedo. “Ele morreu de luto.”

“Como assim — de luto? Mas de que forma?”, Alma instigou. “Você tem que

me contar. Eu não vim aqui para ter uma conversa amena e garanto que sou capaz de aguentar qualquer coisa que eu ouvir. Diga-me: qual foi o mecanismo?”

Amanhã Cedo suspirou. “Ambrose se cortou, e bem fundo, uns dias antes de morrer. Lembra que eu disse que as mulheres daqui — quando elas perdem um ente querido — pegam um dente de tubarão e fazem cortes na cabeça? No entanto, elas são taitianas, Alma, e esse é o costume taitiano. As mulheres daqui sabem como fazer essa coisa pavorosa de forma segura. Elas sabem da profundidade certa dos cortes para sangrar suas tristezas sem causar danos horrendos. Elas cuidam das feridas logo depois. Infelizmente, o Ambrose não tinha prática na arte da automutilação. Ele estava muito angustiado. O mundo o decepcionou. Eu o decepcionei. O pior de tudo, creio, foi ele ter decepcionado a si mesmo. Ele não conseguiu se segurar. Quando o encontramos na *fare*, já não dava mais para salvá-lo.”

Alma fechou os olhos e viu seu amor, seu Ambrose — sua bondosa e bela cabeça —, banhado no sangue da autoflagelação. Ela também tinha decepcionado Ambrose. A única coisa que ele queria era pureza, e a única que ela queria era prazer. Ela o exilara nesse lugar solitário, e ali ele sofrera uma morte terrível.

Sentiu o toque de Amanhã Cedo em seu braço e abriu os olhos.

“Não sofra”, ele pediu com serenidade. “Você não teria como evitar que isso acontecesse. Você não o levou à morte. Se alguém o levou à morte, este alguém fui eu.”

Porém, ela não conseguia falar. Mas em seguida outra pergunta tenebrosa lhe ocorreu e sua única alternativa era fazê-la: “Ele também cortou as pontas dos dedos? Que nem a irmã Manu?”

“Não de todos”, declarou Amanhã Cedo, com uma delicadeza louvável.

Alma tornou a fechar os olhos. Aquelas mãos de artista! Ela se lembrou — apesar de não querer lembrar — da noite em que pôs seus dedos na boca, na tentativa de trazê-lo para dentro de si. Ambrose se retraía de medo, se encolhera. Ele era tão frágil. Como ela tinha conseguido cometer tamanha violência contra ele? Ela ficou nauseada.

“Esse é o fardo que vou ter de carregar, Alma”, disse Amanhã Cedo. “Tenho força suficiente para carregar esse fardo. Deixe que eu o carregue.”

Quando ela reencontrou sua voz, constatou: “O Ambrose tirou a própria vida. No entanto, o reverendo Welles lhe deu um enterro cristão.”

Não era uma pergunta, e sim uma manifestação de perplexidade.

“Ambrose era um cristão exemplar”, disse Amanhã Cedo. “Quanto ao meu pai, que Deus o conserve, ele é um homem de compaixão e generosidade incomuns.”

Alma, encaixando as peças da história aos poucos, indagou: “O seu pai sabe quem eu sou?”

“Devemos presumir que sim”, disse Amanhã Cedo. “Meu bom pai sabe de tudo o que acontece na ilha.”

“No entanto ele foi muito gentil comigo. Ele nunca se intrometeu, nunca fez perguntas...”

“Você não devia ficar surpresa com isso, Alma. Meu pai é a bondade em pessoa.”

Outra longa pausa. Em seguida: “Mas isso quer dizer que ele sabe de você, Amanhã Cedo? Ele sabe o que aconteceu entre você e o meu finado marido?”

“De novo, é razoável presumir que sim.”

“No entanto ele continua a ter tamanha admiração...”

Alma não conseguiu completar o pensamento, e Amanhã Cedo não se deu ao trabalho de responder. Alma passou um bom tempo assombrada depois disso. Estava claro que o dom extremo que o reverendo Welles tinha para a compaixão e o perdão não seguia a lógica nem as palavras.

Uma hora, entretanto, outra questão terrível surgiu em sua cabeça. A questão fazia com que parecesse raivosa e um pouco maluca, mas — outra vez — precisava de uma resposta.

“Você se impôs ao Ambrose?”, ela inquiriu. “Você o machucou?”

Amanhã Cedo não se ofendeu com a acusação implícita, mas de repente aparentou ter mais idade. “Ah, Alma”, ele disse com tristeza. “Parece que você não entende muito bem o que é um conquistador. Não me é necessário impor nada — depois que estou decidido, os outros não têm alternativa. Você não percebe? Por acaso forcei o reverendo Welles a me adotar como filho e me amar mais do que ama sua família de sangue? Por acaso forcei a ilha de Raiatea a aceitar Jeová? Você é uma mulher inteligente, Alma. Tente entender.”

Alma tornou a apertar os punhos cerrados contra os olhos. Não se permitiria chorar, mas agora sabia da terrível verdade: Ambrose *permitira* que Amanhã Cedo o tocassem, mas a rechaçara como se ela fosse repugnante. Era possível que essa informação lhe provocasse uma sensação ainda pior do que tudo o que havia descoberto naquele dia. Sentiu vergonha por se preocupar com uma questão tão banal e egoísta depois de ouvir tantos horrores, mas não conseguia evitar.

“O que foi?”, perguntou Amanhã Cedo ao ver seu rosto abatido.

“Eu almejava copular com ele também”, ela acabou confessando. “Mas ele me rejeitava.”

Amanhã Cedo a encarou com uma ternura infinita. “É nisso que diferimos, você e eu”, ele concluiu. “Pois você condescendeu.”

Agora a maré enfim estava baixa, e Amanhã Cedo disse: “Vamos logo, antes que a gente perca a chance. Se é para fazermos isso, temos que ir agora.”

Deixaram a canoa na saliência inalcançável e saíram da gruta. Havia, como prometera Amanhã Cedo, um caminho estreito no início do declive por onde

podiam andar sem correr risco. Percorreram alguns metros e começaram a subir. Da canoa, o despenhadeiro parecia íngreme, vertical e impossível de escalar, mas agora, seguindo Amanhã Cedo, pondo os pés e as mãos exatamente onde ele pusera os dele, ela via que de fato existia uma via de subida. Era praticamente como se tivessem feito degraus com apoios para os pés e mãos bem nos pontos onde seriam necessários. Ela não olhou para as ondas lá embaixo, mas confiou — assim como aprendera a confiar no contingente de Hiro — na competência do guia e no equilíbrio dos próprios pés.

Depois de subirem cerca de quinze metros, se depararam com um espinhaço. Dali, entraram numa selva densa, tateando uma ladeira íngreme cheia de raízes e trepadeiras úmidas. Após as semanas passadas com o contingente de Hiro, Alma estava com um bom preparo físico para caminhadas, com o coração de um pônei das montanhas, mas aquela escalada era muito perigosa. Folhas úmidas sob seus pés podiam causar escorregões arriscados, e mesmo descalça era difícil ter firmeza nos pés. Estava se cansando. Não via nem sinal da trilha. Não entendia como Amanhã Cedo sabia para onde ir.

“Tome cuidado”, ele disse por cima do ombro. “*C’est glissant.*”

Ele também devia estar cansado, ela se deu conta, pois não parecia ter notado que se dirigira a ela em francês. Ela nem sabia que ele falava francês. O que mais ele tinha naquela cabeça? Ficou maravilhada. Para um órfão, tinha se saído bem.

O declive ficou um pouco mais nivelado e agora caminhavam ao lado de um córrego. Pouco depois ela escutou um leve ribombar distante. No começo, o som era apenas um rumor, mas quando chegaram a uma curva, ela viu: uma cachoeira de uns vinte metros, uma faixa de espuma branca que caía ruidosamente num lagozinho turbulento. A força da queda-d’água criava rajadas de vento e a bruma dava forma a esse vento, como fantasmas que ficassem visíveis. Alma queria parar ali, mas a cachoeira não era o destino de Amanhã Cedo. Ele se aproximou para ser ouvido, apontou para o céu e gritou: “Agora a gente sobe de novo.”

Mão após mão, escalaram junto à cachoeira. Em pouco tempo o vestido de Alma ficou encharcado. Ela se segurou em galhos firmes de bananeira e talos de bambu para se equilibrar e rezou para que não se quebrassem. Perto do alto da cachoeira havia uma cômoda elevação feita de rochas lisas e capim alto, além de um bando de seixos. Alma concluiu que aquele era o platô que ele mencionara — o destino final —, embora a princípio não conseguisse entender o que havia de tão especial naquele lugar. Porém, Amanhã Cedo se posicionou atrás do maior seixo e ela agiu da mesma forma. Ali, de súbito, havia uma entrada para uma gruta pequena — entalhada no despenhadeiro com tanto esmero que era como o quarto de uma casa, com paredes de dois metros e meio em todos os lados. A gruta era fria e silenciosa e cheirava a minério e terra. E

estava coberta — totalmente acarpetada — pelo manto de musgos mais luxuoso que Alma Whittaker já tinha visto.

A gruta não era apenas musguenta: ela vibrava de tanto musgo. Não era apenas verde: era freneticamente verde. Era de um verdor tão esplendoroso que a cor quase falava, como se — irrompendo do universo da visão — ela almejasse migrar para o universo do som. O musgo era uma peliça grossa, viva, que transformava a superfície das rochas em uma besta mítica, dormente. Contra todas as probabilidades, os recônditos da gruta eram os que mais brilhavam: eram cravejados de cima a baixo, Alma percebeu e perdeu o fôlego, pelas filigranas preciosas da *Schistotega pennata*.

Ouro de duende, ouro de dragão, ouro de elfo — a *Schistotega pennata* era o mais raro dos musgos de gruta, uma gema falsa que brilhava como olho de gato no lusco-fusco permanente da sombra geológica, a planta reluzente sobrenatural que só precisa de um feixe de luz todos os dias para cintilar em toda a sua glória para sempre, a trapaceira brilhante cujas facetas resplandecentes levou tantos expedicionários ao longo dos séculos a acreditarem que tinham encontrado um tesouro escondido. Mas para Alma, *era* um tesouro mais estonteante do que riquezas de fato, pois enfeitava a gruta inteira com aquela luz estranha, deslumbrante, esmeralda que só tinha visto em miniatura, em vislumbres de musgo vistos através do microscópio... mas agora estava totalmente envolta por ele.

Sua primeira reação ao entrar naquele lugar miraculoso foi fechar os olhos diante de tamanha beleza. Era insuportável. A impressão era de que não poderia enxergar aquilo sem permissão, sem uma espécie de concessão religiosa. Não se sentia digna. De olhos fechados, relaxou e se permitiu acreditar que aquela visão não passava de sonho. Quando teve a audácia de abri-los de novo, no entanto, tudo continuava ali. A gruta era tão linda que seus ossos doíam de desejo. Nunca tinha cobiçado nada como cobiçava esse espetáculo luminoso dos musgos. Queria ser engolida por ele. Naquele instante — embora ainda estivesse ali — já sentia saudade do lugar. Sabia que teria saudade pelo resto da vida.

“O Ambrose sempre achou que você fosse gostar daqui”, declarou Amanhã Cedo.

Foi só então que ela começou a soluçar. Soluçava tanto que não emitia nem ruído — ela não conseguia emitir ruído —, e seu rosto se transformou na máscara da tragédia. Algo em seu âmago se rompeu, estilhaçando o coração e os pulmões. Ela se atirou nos braços de Amanhã Cedo assim como um soldado ferido cai nos braços do companheiro. Ele a amparou. Ela tremia como um esqueleto chocalhando. Não parava de soluçar. Ela se agarrou nele com tanta força que, se ele fosse um homem de menor envergadura, ela teria lhe quebrado as costelas. Ela queria passar por dentro dele e sair do outro lado — ou melhor, ser apagada por ele, absorvida por suas entranhas, aniquilada, anulada.

Em meio ao choro convulsivo, ela a princípio não reparou, mas passado um tempo notou que ele também chorava — não aos prantos, mas com lágrimas vagarosas. Ela o segurava com a mesma força que ele a segurava. E assim ficaram, juntos, no tabernáculo dos musgos, lacrimejando o nome dele.

Ambrose, lamentavam. Ambrose.

Ele jamais voltaria.

No fim, caíram no chão como árvores derrubadas. Suas roupas estavam ensopadas e batiam os dentes por causa do frio e da fadiga. Sem discussão ou desconforto, tiraram as roupas molhadas. Ou as tiravam ou morriam de frio. Agora não estavam só exaustos e encharcados, mas também nus. Deitaram-se em cima do musgo e se olharam. Não era uma avaliação. Não era uma sedução. A figura de Amanhã Cedo era linda — mas isso era evidente, previsível, indiscutível e irrelevante. O corpo de Alma não era belo — mas isso também era evidente, previsível, indiscutível e irrelevante.

Pegou a mão dele. Pôs os dedos em sua boca, como uma criança. Ele deixou. Não a rechaçou. Em seguida, ela pegou em seu pênis, que fora — como o pênis de todos os meninos taitianos — circuncidado na infância usando um dente de tubarão. Precisava tocá-lo de modo mais íntimo: ele era a única pessoa que havia tocado em Ambrose. Ela não pediu permissão a Amanhã Cedo para tocá-lo; a permissão vinda do homem, velada. Estava tudo entendido. Ela desceu por seu corpo grande, quente, e enfiou seu membro na boca.

Esse ato era o que mais vontade tinha de realizar na vida. Tinha desistido de tantas coisas, e nunca tinha reclamado — mas não poderia, ao menos uma vez, realizar esse? Não precisava estar casada. Não precisava ser bonita, nem desejada pelos homens. Não precisava estar rodeada de amigos e frivolidades. Não precisava de uma propriedade, uma biblioteca, uma fortuna. Havia tantas coisas de que não precisava. Não precisava nem que o terreno inexplorado de sua arcaica virgindade fosse finalmente escavado, na idade exaustiva dos cinquenta e três anos — embora soubesse que Amanhã Cedo lhe faria esse favor, caso ela quisesse.

Porém — nem que fosse apenas por um instante de sua vida — ela precisava disso.

Amanhã Cedo não hesitou, tampouco a apressou. Deixou que ela o investigasse, e que pusesse o que bem entendesse dentro da boca. Deixou que ela o chupasse como se puxasse o ar através dele — como se ela estivesse submersa e ele fosse sua única fonte de ar. Com os joelhos no musgo, o rosto em seu ninho secreto, ela o sentiu pesar dentro de sua boca, e ficar mais quente, e ainda mais permissivo.

Foi exatamente como ela sempre imaginou. Não, foi além do que ela sempre imaginou que seria. Em seguida ele se derramou em sua boca e ela o recebeu como se fosse uma oferenda, um ato de caridade.

Ela sentiu gratidão.

Depois disso, não choraram mais.

Passaram a noite juntos naquela gruta elevada coberta de musgo. Seria perigoso demais àquela hora, no breu, voltar à baía de Matavai. Embora Amanhã Cedo não se opusesse a pegar a canoa de noite (na verdade, ele alegava preferir assim, já que o ar estava mais fresco), ele não achava seguro descer a cachoeira e o despenhadeiro sem luz. Conhecendo a ilha como conhecia, devia saber desde o início que teriam de passar a noite ali. Ela não fez caso de sua presunção.

Descansar ao ar livre não era promessa de uma noite de sono agradável, mas tentaram aproveitar a situação. Fizeram uma fogueirinha com pedras do tamanho de bolas de bilhar. Juntaram hibiscos secos, que Amanhã Cedo conseguiu transformar em brasas numa questão de minutos. Alma colheu frutas-pão, as embrulhou em folhas de bananeira e as assou até que se esmigalhassem. Usaram talos de bananeira como roupa de cama depois de amaciá-los com pedradas, deixando-os macios como um tecido. Dormiram juntos debaixo desse lençol rudimentar feito de bananeira, espremidos para se aquecerem. Estava úmido, mas não insuportável. Eles se entocaram como duas raposas irmãs. De manhã, Alma acordou e descobriu que a seiva dos talos de bananeira deixou manchas azuis em sua pele, mas não, ela reparou, na pele de Amanhã Cedo. A pele dele tinha absorvido as manchas, mas a dela, mais pálida, as deixava às claras.

Achava mais sensato não falar dos acontecimentos da véspera. Mantiveram o silêncio a respeito do assunto não por vergonha, mas por algo que se aproximava do respeito. Além disso, estavam exaustos. Vestiram-se, comeram as frutas-pão que restavam, desceram a cachoeira, galgaram o despenhadeiro, entraram de novo na gruta, acharam a canoa seca e fizeram a viagem de volta à baía de Matavai.

Seis horas depois, quando a praia negra da colônia missionária entrou em seu campo de visão, Alma virou-se para Amanhã Cedo e pôs a mão no joelho dele. Ele interrompeu suas remadas.

“Perdão”, ela disse. “Posso incomodá-lo com uma última pergunta?”

Havia mais uma coisa que precisava saber, e — como não tinha certeza se eles voltariam a se ver — tinha de perguntar agora. Ele assentiu respeitosamente, incentivando-a a prosseguir.

“Ao longo de quase um ano, a valise do Ambrose — cheia de desenhos seus — ficou na minha *fare* na praia. Qualquer um poderia tê-la levado embora. Qualquer um poderia ter espalhado seus retratos pela ilha. No entanto, ninguém nesta ilha sequer encostou na valise. Por que agiram assim?”

“Ah, a resposta é simples”, Amanhã Cedo declarou com tranquilidade. “É porque todos têm pavor de mim.”

Então Amanhã Cedo pegou o remo e os conduziu de volta à praia. Estava quase na hora do culto vespertino. Foram recebidos com ternura e alegria. Ele proferiu um belo sermão.

Ninguém ousou perguntar onde estiveram.

Capítulo vinte e seis

Amanhã Cedo foi embora do Taiti três dias depois, rumo à sua missão em Raiatea — e à esposa e aos filhos. De modo geral, no decorrer dos últimos dias, Alma se recolheu. Passou boa parte do tempo em sua *fare*, sozinha com o cão Roger, ponderando tudo o que aprendera. Sentia-se ao mesmo tempo livre e sobrecarregada: livre das antigas perguntas; sobrecarregada pelas respostas.

Não participava dos banhos matinais no rio com a irmã Manu e as outras mulheres porque não queria que vissem a tinta azul que ainda marcava de leve o seu corpo. Ia aos cultos na igreja, mas ficava atrás da congregação para se manter imperceptível. Ela e Amanhã Cedo nunca mais tiveram um momento a sós. Na verdade, pelo que ela via, ele nunca tinha um momento para si. Era um milagre ter sequer conseguido se isolar com ele.

No dia anterior à partida de Amanhã Cedo, houve outra comemoração em sua homenagem — uma cópia das notáveis festividades ocorridas duas semanas antes. De novo, houve dança e banquete. De novo, houve músicos e lutas e rinhas de galo. De novo, havia fogueiras e porcos abatidos. Agora, Alma via com mais clareza como Amanhã Cedo era venerado, ainda mais do que amado. Também percebia a responsabilidade que ele tinha, e com que competência ele a exercia. As pessoas botavam inúmeros colares de flores em torno de seu pescoço; as flores pesavam em volta dele, como correntes. Ele recebeu presentes: um par de pombas verdes numa gaiola, alguns porquinhos que se queixavam, uma arma holandesa enfeitada do século XVIII que não funcionava mais, uma Bíblia encadernada em couro de cabra, joias para a esposa, pinos de calicô, sacos de açúcar e chá, um belo sino de ferro para a igreja dele. As pessoas deixavam presentes a seus pés e ele os recebia graciosamente.

Ao anoitecer, um grupo de mulheres com vassouras foi até a costa e começou a varrer a praia para uma partida de *haru raa puu*. Alma nunca tinha visto um jogo de *haru raa puu*, mas sabia o que era porque o reverendo Welles lhe explicara. A brincadeira — cujo nome queria dizer “pegando a bola” — era tradicionalmente feita com dois times de mulheres que se enfrentavam em um trecho da praia de cerca de trinta metros. Nas duas pontas do campo improvisado elas traçavam uma linha da areia para indicar o gol. A função da bola era exercida por um feixe grosso de folhas trançadas, mais ou menos do diâmetro de uma abóbora média, mas não tão pesada. O objetivo do jogo, como Alma

descobriu, era agarrar a bola do time rival e ir até a ponta oposta do campo sem ser derrubada pelos adversários. Se a bola caísse no mar, o jogo continuava nas ondas. As jogadoras podiam fazer qualquer coisa para impedir que as adversárias marcassem ponto.

O *haru raa puu* era considerado pelos missionários ingleses tanto indigno de damas como estimulante, e, portanto, era proibido em todas as outras colônias. Realmente, para ser justo com os missionários, o jogo não era nem um pouco digno de damas. As mulheres viviam se machucando nas partidas de *haru raa puu* — membros quebrados, crânios rachados, sangue derramado. Era, como o reverendo Welles declarou em tom de admiração, “um espetáculo desconcertante de selvageria”. Mas a violência era exatamente o propósito. Antigamente, enquanto os homens treinavam para a guerra, as mulheres praticavam *haru raa puu*. Assim, as senhoras também estariam preparadas caso chegasse a hora de lutar. Por que o reverendo Welles permitia o *haru raa puu*, então, se os outros missionários haviam-no proibido por ser uma expressão pagã de selvageria pura? Ora, pela mesma razão de sempre: ele simplesmente não via mal naquilo.

Depois de iniciado o jogo, contudo, foi inevitável para Alma pensar que dessa vez o reverendo Welles estava muito enganado: existia a possibilidade de danos gravíssimos numa partida de *haru raa puu*. No momento em que a bola estava em jogo, as mulheres se transformavam em criaturas ao mesmo tempo formidáveis e assustadoras. As gentis e hospitaleiras taitianas — cujos corpos Alma vira nos banhos matinais, cujas comidas partilhara, cujos bebês pusera em seu colo, cujas vozes ouvira se elevarem em orações sinceras e cujos cabelos vira enfeitados com flores — se reorganizaram no mesmo instante em batalhões rivais de bruxas demoníacas. Alma não entendia se o objetivo do jogo era, de fato, agarrar a bola ou arrancar os membros das adversárias — ou talvez fosse uma mistura dos dois. Viu a doce irmã Etini (*irmã Etini!*) puxar uma mulher pelo cabelo e jogá-la no chão — e a mulher não estava nem perto da bola!

A plateia na praia adorava o espetáculo e levantou um clamor de vivas. O reverendo Welles também berrava, e Alma viu pela primeira vez o rufião do porto de Cornwall que foi outrora, antes de Cristo e da sra. Welles salvarem-no de seu comportamento beligerante. Ao ver as mulheres atacando a bola e umas às outras, o reverendo Welles não parecia mais um elfo inofensivo: se assemelhava mais a um terrier destemido.

Então, de repente, totalmente do nada, Alma foi atropelada por um cavalo.

Ou foi essa a sensação que teve. Não foi um cavalo, no entanto, que a derrubou no chão: foi a irmã Manu, que saiu correndo do campo para desferir um golpe lateral contra Alma com toda a sua força. A irmã Manu segurou Alma pelo braço e a arrastou para o campo. A multidão adorou. O clamor aumentou. Alma vislumbrou o semblante do reverendo Welles, entusiasmado com essa

reviravolta surpreendente, berrando seu gáudio. Ela deu uma olhada em Amanhã Cedo, cuja conduta era educada e discreta. Ele era uma figura majestosa demais para rir de tal brincadeira, mas também não a reprovava.

Alma não queria jogar *haru raa puu*, mas ninguém quis saber sua opinião. Já estava no jogo antes que se desse conta. Tinha a sensação de que sofria ataques de todos os lados, mas era provável que se sentisse assim porque sofria *mesmo* ataques de todos os lados. Alguém enfiou a bola em suas mãos e a empurrou. Foi a irmã Etini.

“CORRE!”, ela gritou.

Alma correu. Não foi muito longe antes de ser derrubada no chão outra vez. Levou uma braçada no pescoço, voou e caiu de costas. Mordeu a língua durante a queda e sentiu gosto de sangue. Pensou em simplesmente ficar deitada na areia para evitar danos mais graves, mas temia ser pisoteada pela manada impiedosa. Ela se levantou. A multidão tornou a se animar. Ela não tinha tempo para pensar. Foi arrastada por uma briga feminina e sua alternativa foi ir para onde as outras iam. Não tinha a menor noção de onde estava a bola. Nem imaginava como alguém poderia saber onde a bola estava. Quando se deu conta, estava na água. Foi derrubada outra vez. Emergiu ofegando, a água salgada nos olhos e na garganta. Alguém a empurrou com mais força, ainda mais fundo.

Agora começava a ficar assustada de verdade. Aquelas mulheres, como todos os taitianos, tinham aprendido a nadar antes de sequer andar, mas Alma não se sentia nem confiante nem habilidosa dentro d’água. As saias estavam ensopadas e pesadas, o que a deixou ainda mais apavorada. As ondas não estavam grandes, mas ainda assim eram ondas, e cresciam sobre ela. A bola bateu em sua orelha; não viu quem a atirou. Alguém a chamou de *poreito* — o que, traduzido a rigor, era “marisco”, mas no vernáculo era um termo bastante rude para a genitália feminina. O que Alma tinha feito para merecer o insulto *poreito*?

Então estava debaixo d’água de novo, derrubada por três mulheres que tentavam passar por cima dela. Conseguiram: passaram por cima dela. Uma delas empurrou o peito de Alma com os pés — usando o corpo de Alma para tomar impulso, assim como se usaria uma pedra em um laguinho. Outra lhe deu um chute no rosto, e agora ela tinha quase certeza de que seu nariz estava quebrado. Alma se debateu de novo para subir à tona, lutando para respirar e cuspidando sangue. Ouviu alguém chamá-la de *pua’a* — uma porca. Foi empurrada de novo. Dessa vez, tinha certeza de que era proposital: sua cabeça foi segurada por trás por duas mãos fortes. Ela emergiu outra vez e viu a bola passar acima de si. Ouviu de leve os berros da plateia. De novo, foi atropelada. De novo, mergulhou na água. Quando tentou sair da água dessa vez, não conseguia: alguém estava sentado em cima dela.

O que aconteceu em seguida foi uma coisa inacreditável: o tempo parou por completo. Olhos abertos, boca aberta, nariz escorrendo sangue na baía de

Matavai, imobilizada e indefesa debaixo d'água, Alma percebeu que estava à beira da morte. Embora pareça chocante, ela relaxou. Não era tão ruim assim, ponderou. Seria fácil, na verdade. A morte — tão temida e tão evitada — era, quando finalmente encarada, a coisa mais simples do mundo. A fim de morrer, só era necessário parar de tentar viver. Só era necessário concordar em desaparecer. Se Alma ficasse apenas parada, oprimida pelo volume da rival desconhecida, seria facilmente aniquilada. Com a morte, todo sofrimento acabaria. Dúvidas acabariam. Vergonha e culpa acabariam. Todas as suas perguntas acabariam. A memória — no ato mais misericordioso de todos — acabaria. Poderia pedir licença e sair de fininho da vida. Ambrose tinha saído de fininho, afinal de contas. Que alívio ele devia ter sentido! Ficaria penalizada com o suicídio de Ambrose, mas que liberdade adorável ele devia ter sentido! Ela precisava era invejá-lo! Podia seguir seu encaicho, seguir para a morte. Que motivo ela tinha para brigar por ar? Qual era o propósito da luta?

Ela relaxou ainda mais.

Viu uma luz pálida.

Sentiu-se convidada a ir em direção a algo adorável. Sentiu-se convocada. Lembrou-se das últimas palavras da mãe: *Het is fijn*.

É prazeroso.

Então — nos segundos que restavam antes que fosse tarde demais para reverter o rumo — Alma de repente soube de algo. Soube com todos os fragmentos de seu ser, e a informação era inegociável: ela soube que ela, a filha de Henry e Beatrix Whittaker, não tinha sido posta na terra para morrer afogada em um metro e meio de água. Também soube disso: se tivesse que matar alguém para salvar a própria vida, não hesitaria em fazê-lo. Por fim, soube de mais uma coisa, e essa foi a percepção mais importante que teve: concluiu que o mundo se dividia claramente entre os que travavam uma batalha incessante para viver e os que capitulavam e morriam. Era um fato básico. Esse fato não era verdadeiro apenas no tocante à vida dos seres humanos; também era uma verdade que dizia respeito a todos os seres vivos do planeta, das criações mais complexas às mais humildes. Valia até para os musgos. Esse fato era o próprio mecanismo da natureza — a força motriz por trás de toda existência, por trás de toda transmutação, por trás de toda variação — e servia de explicação para o mundo inteiro. Era uma explicação que Alma vinha buscando desde sempre.

Ela saltou da água. Atirou para o lado o corpo que estava em cima dela como se não fosse nada. Nariz pingando sangue, olhos ardendo, punho torcido, peito contundido, ela subiu à tona e puxou o ar. Procurou ao redor a mulher que a segurara debaixo d'água. Era sua querida amiga, a destemida gigante irmã Manu, cuja cabeça era repleta de cicatrizes das várias batalhas terríveis que travara na vida. Manu ria da expressão no rosto de Alma. Era um riso afetuoso — talvez até cúmplice —, mas, ainda assim, era risada. Alma pegou Manu pelo

pescoço. Apertou a amiga como se fosse esmigalhar seu pescoço. Em alto e bom som, Alma vociferou, da maneira como o contingente de Hiro havia lhe ensinado:

*“OVAU TEIE!
TOA HAU A'E TAU METUA I TA 'OE!
E 'ORE TAU 'SOMORE E MAE QE IA 'EO!”*

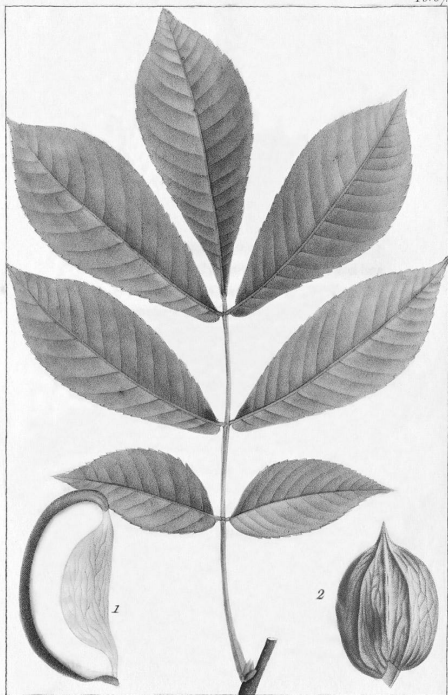
ESTA SOU EU!
MEU PAI FOI UM GUERREIRO MELHOR DO QUE O SEU PAI!
VOCÊ NÃO CONSEGUE NEM LEVANTAR MINHA LANÇA!

Então Alma relaxou, tirou as mãos do pescoço da irmã Manu. Sem um instante de hesitação, Manu uivou na cara de Alma um uivo magnífico de aprovação.

Alma marchou em direção à praia.

Estava imune a tudo e todos que a rodeavam. Se alguém na praia dava vivas a favor ou contra ela, não tinha como perceber.

Saiu caminhando da água como se tivesse nascido dela.



Boott del.

Thick Shell bark Hickory
Juglans laciniosa.

Gabriel Sc.

Juglans laciniosa

PARTE CINCO

A curadora dos musgos

Capítulo vinte e sete

Alma Whittaker chegou à Holanda em meados de julho de 1854.

Havia passado mais de um ano em alto-mar. Tinha sido uma jornada absurda — ou melhor, tinha sido uma *série* de jornadas absurdas. Partira do Taiti no meio de abril do ano anterior, embarcada em um cargueiro francês rumo à Nova Zelândia. Teve de passar dois meses em Auckland esperando algum navio mercante holandês disposto a aceitá-la como passageira até Madagascar, para onde viajou na companhia de uma grande remessa de ovelhas e gado. De Madagascar, navegou até a Cidade do Cabo em um *fluyt* holandês antiquíssimo — um navio que representava o que havia de melhor na tecnologia naval do século XVII. (Esse deve ter sido o trecho da viagem em que realmente temeu pela própria vida.) Da Cidade do Cabo, subiu vagarosamente a costa oeste do continente africano, parando para trocar de embarcação nos portos de Acra e Dakar. Em Dakar, conseguiu outro navio mercante holandês que iria primeiro a Madeira, depois a Lisboa, passaria pela baía de Biscaia, atravessaria o Canal da Mancha e seguiria até Roterdã. Em Roterdã, ela comprou uma passagem em um barco a vapor (foi a primeira vez que entrou num barco a vapor), que subiu e contornou o litoral holandês e por fim desceu o Zuiderzee para chegar a Amsterdã. Lá, em 18 de julho de 1854, ela finalmente desembarcou.

A jornada poderia ter sido mais rápida e mais fácil caso não estivesse acompanhada do cão Roger. Porém, o levava consigo, pois quando enfim chegou a hora de ir embora do Taiti, ela se sentiu moralmente incapaz de abandoná-lo. Quem tomaria conta do detestável Roger, na falta dela? Quem se arriscaria a levar suas mordidas a fim de alimentá-lo? Não tinha como ter certeza de que o contingente de Hiro não comeria Roger depois de sua partida. (Roger não daria uma refeição muito farta; no entanto, não suportava imaginá-lo girando em um espeto.) O aspecto mais relevante de todos era o fato de ser o último elo tangível que Alma ainda tinha com o marido. Era provável que Roger estivesse na *fare* quando da morte de Ambrose. Alma imaginava o cãozinho sempre de guarda no meio do cômodo durante as horas derradeiras de Ambrose, latindo para protegê-lo de fantasmas e demônios e todos os horrores concomitantes ao desespero incomum. Só por esse motivo já sentia ter uma dívida de honra para com ele.

Infelizmente, poucos capitães recebiam de bom grado a companhia de um cãozinho ilhéu acabrunhado, corcunda e hostil em seus navios. A maioria

simplesmente rechaçava Roger, e, portanto, seguia em frente sem Alma, o que lhe atrasava bastante a jornada. Quando não se negavam, às vezes lhe cobravam duas passagens pelo privilégio de ter a companhia de Roger. Ela pagava. Abriu mais bolsos escondidos nas bainhas dos vestidos de viagem e tirava mais ouro, uma moeda de cada vez. Era preciso ter sempre uma forma de suborno.

Alma não se incomodou com a duração onerosa da viagem nem um pouco. Na verdade, precisava de cada hora dela, e aceitou com prazer os longos meses de isolamento em navios estranhos e portos estrangeiros. Desde o quase afogamento na baía de Matavai naquela partida turbulenta de *haru raa puu*, Alma vinha se equilibrando na linha de pensamento mais aguçada que já tinha vivenciado, e não queria seus pensamentos interrompidos. A ideia que lhe ocorria com tanta força quando estava debaixo d'água agora morava nela, e não seria abalada. Nem sempre era capaz de definir se era perseguida pela ideia ou se ela perseguia a ideia. Às vezes, a ideia lhe parecia uma criatura no canto de um sonho — se aproximando, depois sumindo, e então ressurgindo. Insistia na ideia o dia inteiro, em folhas e mais folhas de anotações rabiscadas, enérgicas. Mesmo à noite, sua mente seguia as pegadas da ideia numa caçada tão implacável que ela acordava de poucas em poucas horas com a necessidade de se sentar na cama e escrever mais.

O ponto forte de Alma não era a escrita, é preciso admitir, embora já fosse autora de dois — quase três — livros. Jamais alegou ter talento literário. As obras sobre musgos não eram nada que alguém fosse ler por deleite, tampouco eram exatamente *legíveis*, exceto para um grupinho de briologistas. Seu ponto forte era como taxonomista, pois tinha uma memória infundável para a diferenciação de espécies e um olhar que marretava os detalhes de forma implacável. Definitivamente, não era uma contadora de histórias. Mas desde sua luta para subir à tona naquela tarde na baía de Matavai, Alma acreditava que agora tinha uma história para contar — uma história imensa. Não era uma história alegre, mas explicava muitos aspectos do mundo natural. Na verdade, ela acreditava explicar tudo.

A história que Alma queria contar era a seguinte: o mundo natural era um espaço de brutalidade severa, em que espécies grandes e pequenas competiam para sobreviver. Nessa luta pela existência, os fortes permaneciam; os fracos eram eliminados.

Não era em si uma ideia original. Cientistas usavam a expressão “a luta pela sobrevivência” havia décadas. Thomas Malthus a utilizava para descrever as forças que moldavam as explosões e quedas demográficas ao longo da história. Owen e Lyell também faziam uso dela, em suas obras acerca de extinção e geologia. A luta pela sobrevivência era, no mínimo, uma questão óbvia. Porém, a história de Alma tinha uma reviravolta. Ela levantara a hipótese, e passara a crer, que a luta pela sobrevivência — quando ocorrida no decorrer de vastos períodos

— não apenas *definia* a vida na terra: ela *criava* a vida na terra. A luta era o mecanismo. A luta era a explicação por trás de todos os enigmas biológicos mais importunos: diferenciação de espécies, extinção de espécies e transmutação de espécies. A luta explicava tudo.

O planeta era um lugar de recursos limitados. A competição por tais recursos era acalorada e constante. Indivíduos que conseguiam resistir às provações da vida geralmente conseguiam fazê-lo devido a alguma característica ou mutação que os tornavam mais fortes, mais astutos, mais criativos, ou mais flexíveis do que os outros. Depois que essa diferenciação vantajosa era alcançada, os indivíduos sobreviventes eram capazes de passar seus traços benéficos para a prole, que consequentemente podia desfrutar dos confortos de sua posição dominante — isto é, até que outro concorrente, superior a eles, surgisse, ou um recurso necessário desaparecesse. No desenrolar dessa luta interminável pela sobrevivência, era inevitável que a própria estrutura das espécies se alterasse.

Alma estava pensando mais ou menos nos termos que o astrônomo William Herschel chamara de “criação contínua” — a ideia de algo ao mesmo tempo eterno e em desenvolvimento. Mas Herschel acreditara que a criação só poderia ser contínua na escala do cosmos, enquanto Alma agora acreditava que a criação era contínua *em toda parte*, em todos os níveis de vida — até no nível microscópico, até no nível humano. Os desafios eram onipresentes, e as condições do mundo natural mudavam a cada instante. Vantagens eram obtidas; vantagens eram perdidas. Havia períodos de abundância, seguidos de períodos de *hia'ia* — as estações das ânsias. Sob as circunstâncias erradas, tudo poderia ser extinto. Mas sob as circunstâncias certas, tudo poderia sofrer transmutação. Extinção e transmutação vinham ocorrendo desde o despontar da vida, continuava ocorrendo naquele instante e seguiria ocorrendo até o fim dos tempos — e se isso não era uma “criação contínua”, Alma não sabia o que poderia ser.

A luta pela sobrevivência, ela tinha a certeza, também moldara a biologia humana e o destino humano. Não havia exemplo melhor, Alma ponderou, do que Amanhã Cedo, cuja família inteira fora aniquilada por doenças estranhas causadas pela chegada dos europeus ao Taiti. Sua linhagem foi *quase* extinta, mas por algum motivo Amanhã Cedo não morreu. Algo em sua constituição permitiu que sobrevivesse, mesmo quando a Morte fez sua colheita com ambas as mãos, levando todos que o rodeavam. Amanhã Cedo havia resistido, no entanto, e sobrevivido para gerar descendentes, que talvez tivessem até herdado suas forças e sua imunidade extraordinária às doenças. Esse era o tipo de acontecimento que moldava uma espécie.

Além disso, Alma refletiu, a luta pela sobrevivência também *definia* a vida *interior* do ser humano. Amanhã Cedo era um pagão que se transmutara em cristão devoto — pois era sagaz e buscava a autopreservação, e percebeu o rumo que o mundo estava tomando. Escolheu o futuro em detrimento do passado.

Como resultado de sua perspicácia, os filhos de Amanhã Cedo vicejariam em um novo mundo, onde o pai era venerado e poderoso. (Ou, pelo menos, os filhos vicejariam até que outra onda de desafios surgisse para confrontá-los. Então teriam de se virar sozinhos. Essa seria a luta deles, e ninguém poderia poupá-los.)

Por outro lado, havia Ambrose Pike, um homem que recebera de Deus as quatro bênçãos da genialidade, originalidade, beleza e graciosidade, mas que simplesmente não tinha o dom da resistência. Ambrose tinha interpretado o mundo da forma errada. Desejava que o mundo fosse um paraíso, mas na verdade ele era um campo de batalha. Passara a vida almejando o eterno, o constante e o puro. Queria um pacto etéreo de anjos, mas estava preso — assim como tudo e todos — às regras duras da natureza. Além do mais, como Alma sabia muito bem, não eram sempre os mais belos, brilhantes, originais ou graciosos que venciam a luta pela sobrevivência: às vezes eram os mais cruéis, ou os mais sortudos, ou talvez os mais teimosos.

O truque a cada virada era aguentar o teste de viver o máximo de tempo possível. As probabilidades de sobrevivência eram violentamente baixas, pois o mundo nada era além de uma escola de calamidades e uma fornalha perpetuamente chamejante de sofrimentos. Porém, quem sobrevivia ao mundo o moldava — ainda que o mundo, ao mesmo tempo, os moldasse.

Alma chamou sua ideia de “Uma teoria da alteração competitiva”, e acreditava-se capaz de prová-la. Como seria de esperar, não poderia prová-la usando como exemplos Amanhã Cedo e Ambrose Pike — embora fossem viver para sempre em sua imaginação como figuras desconhecidas, românticas, ilustrativas. Até fazer menção a eles seria uma falta de cientificismo grosseira.

Poderia, entretanto, prová-la com os musgos.

Alma escrevia com rapidez e profusão. Não desacelerava para revisar, mas simplesmente rasgava os rascunhos anteriores e recomeçava do zero, quase todos os dias. Não podia diminuir o ritmo: não tinha interesse em diminuir o ritmo. Como uma bêbada entorpecida — capaz de correr sem cair, mas incapaz de *andar* sem cair —, Alma só podia seguir em frente com a sua ideia numa velocidade cega. Tinha medo de diminuir a marcha e escrever com mais cuidado, pois temia tropeçar, perder a coragem, ou — pior! — perder a ideia.

Para contar essa história — a história da transmutação das espécies, demonstrável por meio da metástase gradual dos musgos — Alma não precisava de anotações, ou de acesso à velha biblioteca de White Acre, ou ao seu herbário. Não precisava de nada disso, dado que uma vasta compreensão da taxonomia dos musgos já existia na sua cabeça, preenchendo todos os cantos do crânio com fatos e detalhes bem conservados. Também tinha ao alcance das mãos (ou melhor, ao alcance da mente) todos os conceitos escritos no decorrer do século anterior sobre o tema das metamorfoses das espécies e evolução geológica. Sua

cabeça era como um repositório espantoso de prateleiras ilimitadas, ocupadas por milhares incontáveis de livros e caixas, organizadas por minúcias infinitas, em ordem alfabética.

Não precisava de biblioteca: ela *era* uma biblioteca.

Durante os primeiros meses de viagem, ela escreveu e reescreveu as hipóteses norteadoras essenciais de sua teoria, até que enfim sentiu que as destilara da maneira correta e irredutível nessas dez:

Que a distribuição de terra e água na face da Terra nem sempre foi igual à dos tempos atuais.

Que, de acordo com os registros de fósseis, os musgos pareciam ter sobrevivido a todas as eras geológicas desde o despontar da vida.

Que musgos pareciam ter sobrevivido a essas diversas eras geológicas por meio do processo de mudança adaptativa.

Que os musgos podem alterar seu destino ao mudar de lugar (i.e., mudando-se para um clima mais favorável), ou ao mudar sua estrutura interna (i.e., transmutação).

Que a transmutação dos musgos se exprimiu ao longo do tempo em uma apropriação e descarte quase infinita de características, o que levou a adaptações tais como: aumento de resistência à secura, diminuição de dependência de raios solares diretos e capacidade de renascer depois de anos de aridez.

Que o índice de mudanças nas colônias de musgos e a extensão dessas mudanças são substanciais a ponto de indicar mudanças perpétuas.

Que a competição e a luta pela sobrevivência é o mecanismo por trás desse estado de mudanças perpétuas.

Que era quase irrefutável que o musgo tivesse sido outra entidade (provavelmente alga) antes de ser musgo.

Que o musgo — na medida em que o mundo continua se transformando — um dia poderia se transformar em uma entidade diferente.

Que o que era fato para os musgos devia ser fato para todos os seres vivos.

Alma tinha a impressão de que sua teoria era audaciosa e perigosa, até para si mesma. Sabia que pisava em um terreno traiçoeiro — não só do ponto de vista

religioso (embora não se preocupasse muito com esse aspecto), mas também da perspectiva científica. Enquanto marchava rumo à conclusão como uma alpinista, Alma tinha consciência de que corria o risco de cair numa armadilha que consumira muitos pensadores franceses grandiosos ao longo dos séculos — a saber, a armadilha do *l'esprit de système*, em que a pessoa idealiza uma explicação universal gigantesca e sensacional e depois tenta forçar todos os fatos e a lógica a se curvarem à explicação, fizesse ou não algum sentido. Mas Alma tinha certeza de que sua teoria *tinha* sentido. O segredo seria prová-la por escrito.

Um navio era um lugar tão bom quanto qualquer outro para escrever — e vários navios, um seguido de outro, se arrastando por mares desolados, era melhor ainda. Ninguém incomodava Alma. O cão Roger se deitava num canto de sua cabine e a observava trabalhar, ofegando e se coçando e volta e meia aparentando estar extremamente decepcionado com a vida, mas agiria da mesma forma em qualquer lugar do mundo onde estivesse. Às vezes, de noite, pulava no beliche dela e se encolhia na curva de suas pernas. De vez em quando, acordava Alma com seus gemidinhos.

Às vezes, Alma também soltava gemidinhos durante a noite. Assim como acontecera na primeira viagem em alto-mar, percebia que seus sonhos eram vívidos e fortes, e que Ambrose Pike era uma figura proeminente neles. Mas agora Amanhã Cedo também fazia aparições frequentes em seus sonhos — às vezes até misturado com Ambrose em imagens estranhas, sensuais, quiméricas: a cabeça de Ambrose no corpo de Amanhã Cedo; a voz de Amanhã Cedo emergindo da garganta de Ambrose; um homem, durante o ato sexual com Alma, de repente se transformando no outro. Mas não eram apenas Ambrose e Amanhã Cedo que se fundiam nesses sonhos estranhos — *tudo* parecia se amalgamar. Nos devaneios noturnos mais convincentes que Alma tinha, o velho quartinho de encadernação de White Acre se metamorfoseava numa gruta coberta de musgo; a cocheira virava um quarto minúsculo mas agradável do Hospício Griffon; os prados de aroma adocicado da Filadélfia se transformavam em áreas de areia negra e quente; Prudence de repente surgia com as roupas de Hanneke; a irmã Manu cuidava dos arbustos do jardim euclidiano de Beatrix Whittaker; Henry Whittaker remava pelo rio Schuylkill em uma canoinha polinésia.

Por mais impressionantes que fossem essas imagens, por alguma razão os sonhos não perturbavam Alma. Na verdade, era tomada por uma sensação muito espantosa de síntese — como se os elementos mais disparatados de sua biografia enfim se entrelçassem. Todas as coisas que já havia conhecido ou amado no mundo se costuravam e viravam *uma coisa só*. Entender isso fez com que se sentisse ao mesmo tempo livre e triunfante. Tinha de novo aquela sensação — a sensação que só tinha vivenciado uma vez na vida, nas semanas anteriores ao casamento com Ambrose — de estar espetacularmente viva. Não apenas viva,

mas equipada por uma mente que operava nos limites mais elevados de sua capacidade — uma mente que enxergava tudo, e entendia tudo, como se observasse tudo do cume mais alto que se poderia imaginar.

Ela despertava, respirava fundo e no mesmo instante voltava a escrever.

Após consolidar os dez princípios que norteariam sua audaciosa teoria, Alma agora canalizava suas energias mais vibrantes e elétricas para escrever a história das Guerras dos Musgos de White Acre. Narrou a história dos vinte e seis anos que passara observando o avanço e recuo de colônias de musgos adversárias em uma confusão de seixos às margens da floresta. Concentrou sua atenção principalmente no gênero *Dicranum*, já que tinha a gama mais complexa de variação dentro da família dos musgos. Alma conhecia espécies de *Dicranum* que eram baixinhas e simples, e outras adornadas com franjas exóticas. Havia espécies com folhas lisas, outras com folhas torcidas, outras que viviam apenas em toras apodrecidas junto às pedras, outras que se apossavam do topo ensolarado dos seixos altos, algumas que proliferavam em poças d'água, e uma que crescia com mais agressividade perto dos excrementos de veados-galheiros.

No decorrer de décadas de estudo, Alma tinha reparado que as espécies mais similares de *Dicranum* eram as encontradas lado a lado. Afirmava que não era por acaso — que os rigores da competição pela luz solar, o solo e a água forçaram as plantas, ao longo dos milênios, a desenvolver minúsculas adaptações que lhes daria uma pequena vantagem sobre as vizinhas. Era por isso que três ou quatro variedades de *Dicranum* podiam coexistir em um seixo: cada uma tinha achado seu nicho naquele ambiente reservado, apertado, e agora defendiam o próprio território por meio de pequenas adaptações. Essas adaptações não tinham de ser extraordinárias (os musgos não precisavam dar flores, ou frutos, ou criar asas): simplesmente precisavam ser diferentes o bastante para superar os rivais — e nenhum rival no mundo era mais ameaçador do que o rival que ia se encostando. A guerra mais premente é sempre aquela travada em casa.

Alma relatava nos mínimos detalhes batalhas cujas vitórias e derrotas eram medidas em centímetros e se prolongavam por décadas. Narrou como as mudanças climáticas ao longo dessas décadas deram vantagens a uma subespécie e não outra, como os pássaros alteraram o destino dos musgos, e como — quando o velho carvalho junto à cerca do pasto caiu e a disposição das sombras mudou da noite para o dia — o universo inteiro da esfera da rocha mudou junto.

Escreveu: “Quanto maior a crise, aparentemente, mais rápida a evolução.”

Escreveu: “Todas as transformações parecem ser motivadas pelo desespero e a urgência.”

Escreveu: “A beleza e variedade do mundo natural são apenas os legados visíveis da guerra interminável.”

Escreveu: “O vencedor sairá vitorioso, mas somente até deixar de vencer.”

Escreveu: “Esta vida é um experimento hesitante e difícil. Às vezes, haverá vitória após o sofrimento, mas nada é garantido. O indivíduo mais valioso ou belo pode não ser o mais flexível. A batalha da natureza não é marcada pelo mal, e sim pela seguinte lei natural poderosa e indiferente: há simplesmente organismos demais, e os recursos são insuficientes para a sobrevivência de todos.”

Escreveu: “A luta permanente entre espécies e dentro delas é inescapável, assim como a perda, assim como a transformação biológica. A evolução é uma matemática brutal, e a longa estrada de tempo é semeada pelos restos fossilizados de incalculáveis experimentos fracassados.”

Escreveu: “Os despreparados para aguentar a luta pela sobrevivência talvez, de saída, nunca dessem ter feito a tentativa de viver. O único crime imperdoável é interromper a própria vida antes de seu fim natural. Fazê-lo é uma fraqueza e uma pena — pois o experimento da vida logo será tolhido, no caso de todos nós, e o melhor é ter a coragem e a curiosidade de continuar na luta até o eventual e inevitável fim. Qualquer ato que não a luta pela resistência é covarde. Qualquer ato que não a luta pela resistência é uma recusa do grande pacto da vida.”

Às vezes precisava riscar folhas inteiras de trabalho, quando desviava o olhar das páginas e percebia que horas haviam se passado e não tinha parado de escrever nem por um instante, mas não estava mais discutindo musgos.

Então saía para dar um passeio revigorante no convés — em qualquer navio onde estivesse — com o cão Roger se arrastando em seu encaixo. Suas mãos tremiam e o coração era acelerado pela emoção. Clareava as ideias e os pulmões e repensava seu ponto de vista. Depois, voltava para a cabine, sentava-se diante de uma folha de papel em branco e começava a escrever tudo de novo.

Repetiu esse exercício centenas de vezes, por quase catorze meses.

Quando Alma chegou a Roterdã, sua tese estava quase terminada. Não a considerava terminada porque ainda faltava alguma coisa. A criatura no canto de seus sonhos ainda a fitava, insatisfeita e inquieta. Era mastigada por essa sensação de incompletude, e decidiu guardar a ideia até dominá-la. Todavia, tinha a impressão de que grande parte da teoria era de uma precisão irrefutável. Se sua linha de pensamento estava certa, tinha nas mãos um documento científico de quarenta páginas bastante revolucionário. E se, por outro lado, suas conjecturas estivessem erradas? Bom, então havia — no mínimo — escrito a descrição mais minuciosa da vida e morte de uma colônia de musgos da Filadélfia que a comunidade científica veria um dia.

Em Roterdã, descansou por uns dias no único hotel que se dispôs a aceitar a presença de Roger. Ela e Roger tinham passado praticamente a tarde inteira rodando a cidade numa procura quase vã por hospedagem. No caminho, foi se irritando cada vez mais com os olhares raivosos que os recepcionistas sempre lhe

lançavam. Foi inevitável pensar que se Roger fosse um cachorro mais bonito, ou um cachorro mais charmoso, não teria tido tanto trabalho para conseguir um quarto. Isso pareceu a Alma uma tremenda injustiça, pois tinha passado a ver o vira-lata laranjinha como um nobre a seu próprio estilo. Ele não tinha acabado de cruzar o mundo? Quantos recepcionistas desdenhosos poderiam dizer que haviam feito a mesma coisa? Mas ela imaginava que assim era a vida — preconceito e ignomínia e seus lamentáveis equivalentes.

Quanto ao hotel que os aceitou, tratava-se de um ambiente sórdido, gerenciado por uma velha reumática que perscrutou Roger por cima do balcão e disse: “Já tive um gato igualzinho a ele.”

Meu Deus!, Alma pensou, horrorizada com a ideia de um bicho tão lamentável.

“A senhora não é prostituta, é?”, indagou a mulher, só para ter certeza.

Dessa vez, Alma proferiu o “Meu Deus!” em alto e bom som. Simplesmente não pôde evitar. A resposta pareceu contentar a proprietária.

O espelho embaçado no quarto do hotel revelou que Alma não parecia muito mais civilizada do que Roger. Não podia chegar a Amsterdã com aquela aparência. Suas vestimentas eram ruína e devastação. O cabelo, cada vez mais branco, também era ruína e devastação. Não tinha o que fazer quanto ao cabelo, mas arranjou para que vários vestidos novos lhe fossem costurados nos dias seguintes. Não eram refinados (inspirou-se no modelo original e prático de Hanneke), mas ao menos sabia que estavam novos, limpos e intactos. Comprou sapatos novos. Sentou-se no parque e escreveu longas cartas para Prudence e Hanneke, avisando-as de que havia chegado à Holanda e pretendia permanecer ali por um período indefinido.

Estava quase sem dinheiro. Ainda tinha um pouco de ouro escondido nas bainhas esfarrapadas, mas não muito. Para começar, já tinha ficado com uma parca quantia preciosa da herança do pai, e agora — depois dos últimos anos de viagens — já tinha gastado a maior parte do modesto legado, uma moeda valiosa por vez. Havia restado uma soma quase insuficiente para fazer frente às necessidades básicas da vida. Claro que sabia que sempre teria como obter mais dinheiro, se houvesse alguma emergência. Imaginava que poderia entrar em qualquer escritório de contabilidade do cais de Roterdã e — usando o nome de Dick Yancey e o legado do pai — não teria dificuldades de obter um empréstimo garantido pela fortuna dos Whittaker. Mas não queria fazê-lo. Não sentia que a fortuna era sua de direito. Achava uma questão de extrema importância pessoal que ela — dali em diante — conseguisse se sustentar no mundo por conta própria.

Correspondências despachadas e guarda-roupa novo providenciado, Alma e Roger partiram de Roterdã em um barco a vapor — de longe, a parte mais fácil da jornada — e rumaram para o porto de Amsterdã. Quando chegaram, Alma deixou a bagagem em um hotel modesto perto do cais e contratou um cocheiro

(que, pela taxa extra de vinte níqueis, acabou sendo persuadido a aceitar Roger como passageiro). O coche os levou até a vizinhança sossegada de Plantage, parando em frente aos portões do Hortus Botanicus.

Alma desceu debaixo do sol oblíquo do fim de tarde, diante das muralhas altas de tijolo do jardim botânico. Roger estava ao seu lado; debaixo do braço, ela levava um pacote envolto em papel pardo. Um rapaz de uniforme asseado de guarda estava parado diante do portão, e Alma se aproximou e perguntou com seu holandês fluente se o diretor estava no local naquele dia. O rapaz confirmou que o diretor estava no local, já que o diretor ia trabalhar todos os dias do ano.

Alma sorriu. Era óbvio que ia, ponderou.

“Seria possível eu dar uma palavrinha com ele?”, ela indagou.

“Posso lhe perguntar quem é a senhora e qual é o seu ramo de negócios?”, perguntou o rapaz, disparando olhares condenatórios para ela e Roger. Ela não fazia objeções às perguntas, mas definitivamente fazia objeções ao tom.

“Meu nome é Alma Whittaker, e meu ramo é o estudo dos musgos e a transmutação de espécies”, ela declarou.

“E por que o diretor iria querer vê-la?”, o rapaz inquiriu.

Ela se empertigou até atingir o ápice de sua estatura e, como um *rauti*, deu início a uma récita imponente de sua linhagem. “Meu pai era Henry Whittaker, a quem certas pessoas do seu país chamavam outrora de ‘Príncipe do Peru’. Meu avô paterno era o Mago das Maças de Sua Majestade o rei George III da Inglaterra. Meu avô materno era Jacob van Devender, perito em aloés ornamentais e diretor desse jardim durante uns trinta anos — cargo que herdou do pai dele, que, por sua vez, o herdou do pai *dele*, e assim em diante, desde a fundação dessa instituição, em 1638. Creio que o diretor atual seja um homem chamado doutor Dees van Devender. Ele é meu tio. A irmã mais velha dele se chamava Beatrix van Devender. Ela era minha mãe, e era uma virtuose da botânica euclidiana. Minha mãe nasceu, se não me engano, na esquina desta rua aqui, numa casa residencial fora dos muros do Hortus — onde nasceram todos os Van Devender desde meados do século XVII.”

O guarda a olhava embasbacado.

Ela concluiu: “Se for muita informação para você guardar, rapaz, basta dizer ao meu tio Dees que a sobrinha americana dele gostaria muito de conhecê-lo.”

Capítulo vinte e oito

Dees van Devender fitou Alma através da escrivaninha bagunçada de seu gabinete.

Alma deixou que ele a encarasse. O tio não falava desde que ela fora conduzida a seus aposentos uns minutos antes, tampouco a convidara a se sentar. Não estava sendo mal-educado; simplesmente era holandês, portanto cauteloso. Ele a estava captando. Roger estava sentado ao lado de Alma, parecendo uma hienazinha curvada. Tio Dees também observou o cachorro. De modo geral, Roger não gostava de ser olhado. Normalmente, quando estranhos fitavam Roger, ele lhes dava as costas, abaixava a cabeça e dava suspiros pesados. Mas de repente Roger tomou uma atitude esquisitíssima. Afastou-se de Alma, andou debaixo da escrivaninha e apoiou o queixo nos pés do dr. Dees van Devender. Alma nunca tinha visto nada parecido. Estava prestes a tecer um comentário, mas o tio — totalmente despreocupado com o vira-lata em cima dos sapatos — falou primeiro.

“*Je lijkt niet op je moeder*”, disse ele.

Você não se parece com a sua mãe.

“Eu sei”, Alma disse em holandês.

Ele prosseguiu: “Você é igualzinha ao tal do seu pai.”

Alma anuiu. Dava para perceber pelo tom de voz que não contava a seu favor a similaridade que tinha com Henry Whittaker. Entretanto, nunca tinha contado.

Ele a fitou um pouco mais. Ela retribuiu o olhar. Estava tão fascinada com o rosto dele quanto ele pelo dela. Se Alma não se parecia com Beatrix Whittaker, aquele homem *sem dívida* parecia. Era uma semelhança marcante — era o rosto da mãe, porém mais idoso, masculino, barbado e, naquele momento, desconfiado. (Bem, para ser sincero, a desconfiança só o deixava ainda mais parecido com Beatrix.)

“O que foi feito da minha irmã?”, ele indagou. “Ouvimos falar da ascensão do seu pai — todo mundo da botânica europeia ficou sabendo —, mas nunca mais tivemos notícias de Beatrix.”

Ela tampouco teve notícias suas, Alma pensou, mas não falou. A verdade era que não culpava ninguém de Amsterdã por não ter tentado se comunicar com Beatrix desde — quando tinha sido? — 1792. Sabia como eram os Van Devender: teimosos. Jamais daria certo. Sua mãe nunca cederia.

“Minha mãe teve uma vida próspera”, Alma respondeu. “Foi uma pessoa contente. Ela criou um jardim clássico extraordinário, muito admirado na Filadélfia. Ela trabalhou junto com o meu pai no comércio de botânica até a morte.”

“Que aconteceu em?”, ele inquiriu, num tom mais adequado a um funcionário da polícia.

“Em agosto de 1820”, ela respondeu.

Ouvir a data provocou uma careta no rosto do tio. “Faz tanto tempo”, ele disse. “Jovem demais.”

“Foi uma morte súbita”, Alma mentiu. “Ela não sofreu.”

Ele a observou um pouco mais, depois tomou um gole vagaroso de café e deu uma mordida em um *wentelteeffe* do pratinho que estava à sua frente. Estava claro que ela interromperia o lanche da tarde. Daria praticamente qualquer coisa para provar aquele *wentelteeffe*. A aparência e o cheiro eram maravilhosos. Quanto tempo fazia que não comia pão com canela? Provavelmente desde a última vez que Hanneke fizera para ela. O aroma a deixava fraca de tanta nostalgia. Mas o tio Dees não lhe ofereceu café, e definitivamente não lhe ofereceu um pedaço de seus belos, dourados, amanteigados *wentelteeffes*.

“Quer que eu lhe conte alguma coisa a respeito da sua irmã?”, Alma enfim perguntou. “Creio que as lembranças que o senhor tem dela são lembranças da infância. Posso lhe contar histórias, se quiser.”

Ele não reagiu. Tentou imaginá-lo da maneira como Hanneke sempre o descrevera — como um garoto dócil de dez anos, chorando ao ver a irmã mais velha fugindo para a América. Hanneke tinha lhe contado inúmeras vezes que Dees se agarrara às saias de Beatrix e foi difícil desvencilhá-las dele. Também relatou que Beatrix repreendera o irmãozinho, dizendo-lhe que nunca mais deixasse o mundo ver suas lágrimas. Alma achou difícil imaginar. Agora ele estava terrivelmente velho, e terrivelmente taciturno.

Ela disse: “Cresci rodeada de tulipas holandesas — descendentes dos bulbos que minha mãe pegou aqui do Hortus e levou consigo para a Filadélfia.”

Porém, ele continuou calado. Roger suspirou, se mexeu e se aconchegou ainda mais às pernas de Dees.

Pouco depois, Alma mudou de assunto. “Acho que é de bom tom eu lhe informar que Hanneke de Groot ainda está viva. Creio que o senhor a tenha conhecido.”

Agora uma nova expressão dominava o rosto do velho: surpresa.

“Hanneke de Groot”, ele se admirou. “Tinha muitos anos que não pensava nela. Hanneke de Groot? Imagine só...”

“O senhor ficará contente em saber que Hanneke está forte e saudável”, afirmou. Havia um toque de pensamento positivo nessa declaração, já que fazia quase três anos que Alma não via Hanneke. “Ela ainda é a governanta da

propriedade do meu falecido pai.”

“Hanneke era irmã da minha empregada”, explicou Dees. “Ela era bem novinha quando foi para a nossa casa. Foi uma espécie de babá para mim, durante um tempo.”

“Sim”, disse Alma, “ela também foi como uma babá para mim”.

“Então nós dois demos sorte”, ele comentou.

“Concordo. Considero uma das maiores bênçãos que tive na vida ter passado a mocidade sob os cuidados de Hanneke. Ela me formou, praticamente na mesma medida em que meus pais me formaram.”

O olhar fixo foi retomado. Dessa vez, Alma deixou que o silêncio se prolongasse. Assistiu ao tio dando uma garfada no *wentelteefje* e mergulhando-o no café. Ele saboreou o pedaço sem pressa, sem deixar um pingo ou uma migalha cair. Ela precisava descobrir onde conseguir *wentelteefjes* gostosos como aquele.

Por fim, Dees limpou a boca em um guardanapo simples e decretou: “Seu holandês não é péssimo.”

“Obrigada”, ela disse. “Falava muito holandês quando criança.”

“Como estão os seus dentes?”

“Muito bem, obrigada”, disse Alma. Não tinha nada a esconder daquele homem.

Ele assentiu. “Os Van Devender têm dentes bons.”

“Bela herança.”

“Minha irmã teve outros filhos, além de você?”

“Teve mais uma filha — adotiva. É a minha irmã Prudence, que agora dirige uma escola montada na antiga casa do meu pai.”

“Adotiva”, repetiu em tom neutro.

“Minha mãe não foi abençoada no tocante à fertilidade”, Alma desenvolveu.

“E quanto a você?”, ele questionou. “Tem filhos?”

“Eu, assim como minha mãe, não fui abençoada no que diz respeito à fertilidade”, disse Alma. A declaração amenizava bastante a situação, mas ao menos respondia a pergunta.

“Tem marido?”, ele inquiriu.

“Falecido, infelizmente.”

Tio Dees assentiu, mas não lhe deu as condolências. Alma achou divertido; a mãe reagiria da mesma forma. Fatos são fatos. Morte é morte.

“E o senhor?”, ela arriscou. “Existe uma sra. Van Devender?”

“Finada, sabe como é.”

Ela assentiu, exatamente como ele fizera. Era uma atitude um pouco perversa, mas deleitava-se com todos os aspectos dessa conversa franca, direta, inconsistente. Sem noção de quando ou onde tudo acabaria, ou se o seu destino estaria ou não planejado para se entrelaçar ao destino daquele velho, sentiu que

estava em território familiar — território holandês, território Van Devender. Fazia muito tempo que não se sentia tão em casa.

“Quanto tempo você pretende ficar em Amsterdã?”, Dees perguntou.

“Por tempo indeterminado”, declarou Alma.

Ele se espantou. “Se você veio em busca de caridade”, ele retrucou, “não temos nada a oferecer”.

Ela sorriu. Ah, Beatrix, ela pensou, quanta saudade senti de você esses anos todos.

“Não preciso de caridade”, ela disse. “Meu pai me deixou muito bem provida.”

“Então quais são as suas intenções para a estadia em Amsterdã?”, ele questionou, sem disfarçar a cautela.

“Gostaria de trabalhar aqui, no Hortus Botanicus.”

Ele pareceu genuinamente assustado. “Céus!”, exclamou. “Qual seria a sua possível função?”

“Como botânica. Para ser mais específica, como briologista.”

“*Briologista*? Que diabos você sabe a respeito de musgos?”

Nesse ponto, Alma não conseguiu conter a risada. Era uma coisa maravilhosa dar risada. Não se lembrava da última risada que dera. Riu tanto que teve de apoiar o rosto nas mãos por um tempo, a fim de esconder sua alegria. Esse espetáculo só deixou o coitado do tio ainda mais aborrecido. Ela estava se prestando um desserviço.

Por que imaginou que sua humilde reputação a precedera? Ah, orgulho bobo!

Depois que Alma se recompôs, enxugou os olhos e lhe deu um sorriso. “Sei que peguei o senhor de surpresa, tio Dees”, disse, adotando naturalmente um tom mais terno e familiar. “Por favor, me desculpe. Gostaria que o senhor entendesse que sou uma mulher de modos independentes, que não veio aqui para tumultuar sua vida de jeito nenhum. No entanto, o caso é que também tenho certas habilidades — tanto como estudiosa quanto como taxonomista — que poderiam ser proveitosas para uma instituição como a do senhor. Posso dizer, sem restrições, que me daria enorme prazer e satisfação passar o resto da minha vida útil aqui, dedicando meu tempo e minha energia a uma instituição que é tão proeminente na história da botânica e na história da minha própria família.”

Após a explicação, ela tirou o pacote embrulhado em papel pardo que estava debaixo do braço e o pôs na beirada da escrivaninha.

“Não peço que o senhor acredite no que digo sobre minhas aptidões, tio”, ela disse. “Este pacote contém uma teoria que criei há pouco tempo, baseada na pesquisa que conduzi ao longo dos últimos trinta anos da minha vida. Algumas das ideias talvez lhe pareçam bastante audaciosas, mas peço apenas que as leia de cabeça aberta — e, nem preciso dizer, que guarde segredo dessas descobertas. Mesmo se não concordar com as minhas conclusões, acho que o senhor

perceberá minha aptidão para a ciência. Peço que o senhor trate este documento com respeito, pois ele é tudo o que tenho e tudo o que sou.”

Ele não se comprometeu.

“Estou certa em presumir que o senhor leia inglês?”, ela indagou.

Ele ergueu uma das sobrancelhas grisalhas, como se dissesse: *Francamente, mulher — tenha mais respeito.*

Antes de entregar o pacotinho ao tio, Alma pegou um lápis na escrivaninha e perguntou: “Posso?”

Ele fez que sim e ela anotou alguma coisa no embrulho.

“Este é o nome e o endereço do hotel onde estou hospedada, próximo ao porto. Leia esse documento sem pressa e me avise se quiser falar comigo de novo. Caso eu não tenha notícias suas em uma semana, volto aqui, pego minha tese, me despeço do senhor e tomo meu rumo. Depois disso, prometo não incomodar o senhor nem ninguém da família outra vez.”

Enquanto Alma falava, observava o tio furando outro triângulo de um *wentelteeffe* com o garfo. Em vez de levar o garfo à boca, no entanto, ele se inclinou para o lado na cadeira, abaixando o ombro com lentidão, para oferecer a comida ao cão Roger — ainda que não desviasse os olhos de Alma, fingindo estar totalmente absorto na tarefa de ouvi-la.

“Ih, tome cuidado...” Alma se debruçou na escrivaninha, preocupada. Estava prestes a avisar ao tio que o cachorro tinha o terrível hábito de morder quem tentasse alimentá-lo, mas antes que tivesse a chance de falar, Roger já tinha levantado a cabecinha disforme e — com a delicadeza de uma dama bem-educada — tirado a torrada com canela dos dentes do garfo.

“Bem, eu tomarei”, Alma se admirou, recuando.

Como o tio ainda não tinha feito nenhuma menção clara ao cachorro, entretanto, Alma não disse mais nada sobre o assunto.

Ela alisou a saia e se recompôs. “Foi um imenso prazer conhecê-lo”, ela disse. “Este encontro significou mais para mim do que o senhor poderia suspeitar. Imagine que nunca tive o prazer de conhecer um tio. Espero que o senhor goste do meu estudo e que não lhe seja muito chocante. Pois bem, tenha um bom-dia.”

Ele respondeu apenas assentindo.

Alma partiu em direção à porta. “Vem, Roger”, ela chamou, sem se virar para trás.

Esperou, segurando a porta aberta, mas o cão não se mexeu.

“Roger”, ela disse com firmeza, virando-se para olhá-lo. “Vem, agora.”

Porém, o cão não se afastou dos pés de tio Dees.

“Vai, cachorro”, disse Dees, em tom pouco convincente e sem se mover nem um centímetro.

“Roger!”, Alma ordenou, se inclinando para vê-lo com clareza debaixo da escrivaninha. “Vem, agora, larga de ser bobo!”

Nunca tinha precisado chamá-lo; ele simplesmente a seguia. Mas Roger abaixou as orelhas e defendeu sua posição. Não iria embora.

“Ele nunca se comportou assim”, ela se desculpou. “Vou carregá-lo.”

Porém, o tio levantou a mão. “Talvez o rapazinho possa ficar aqui comigo por uma ou duas noites”, ele sugeriu de um jeito casual, como se não tivesse importância, de uma forma ou de outra. Nem olhou nos olhos de Alma ao dizê-lo. Pareceu — por um breve instante — um garotinho tentando convencer a mãe a deixá-lo adotar um vira-lata.

Ah, tio Dees, ela pensou. Agora consigo enxergá-lo.

“Claro”, disse Alma. “Mas o senhor tem certeza de que não será um incômodo?”

Dees deu de ombros, totalmente indiferente, e apunhalou outra fatia de um *wentelteefje*.

“Daremos um jeito”, ele afirmou, e tornou a alimentar o cachorro com o garfo.

Alma apressou o passo ao sair do Hortus Botanicus, caminhando sem rumo certo na direção do porto. Não queria tomar uma carruagem de aluguel: estava animada demais para ficar sentada. Sentia-se de mãos vazias, tonta, um pouco agitada e muito viva. E faminta. Não parava de virar a cabeça para procurar Roger, por força do hábito, mas ele não a seguia. Deus do céu, tinha acabado de deixar tanto o cachorro como a obra de sua vida no escritório daquele homem, após meros quinze minutos de entrevista!

Que encontro! Que risco!

Porém, era um risco que precisava correr, pois era ali que Alma queria ficar — se não no Hortus, ali em Amsterdã, ou pelo menos na Europa. Tinha sentido muita falta do Norte durante a temporada nos Mares do Sul. Sentira falta das mudanças de estação e do sol quente, luminoso, revigorante do inverno. Sentira falta da inclemência do frio, e também da inclemência da mente. Simplesmente não tinha nascido para viver nos trópicos — nem em termos de pele nem de temperamento. Havia quem amasse o Taiti por vê-lo como um Éden — como o princípio da história —, mas Alma não desejava viver no princípio da história; desejava viver no momento mais recente da humanidade, no ápice da invenção e do progresso. Não tinha vontade de morar numa terra de espíritos e fantasmas; queria o mundo dos telégrafos, trens, avanços, teorias e ciência, onde as coisas mudavam dia após dia. Almejava trabalhar de novo em um ambiente produtivo e sério, rodeada de pessoas produtivas e sérias. Queria o conforto das estantes de livros cheias, potes de coleta, papéis que não se acabariam com o mofo e microscópios que não sumiriam no meio da noite. Ansiava por acesso aos últimos periódicos científicos. Ansiava por colegas.

Acima de tudo, desejava a família — e o tipo de família com a qual fora

criada: perspicaz, curiosa, desafiadora e inteligente. Queria voltar a se sentir uma Whittaker, cercada por vários Whittaker. Mas como não restavam outros Whittaker no mundo (fora Prudence Whittaker Dixon, que estava ocupada com sua escola; e fora os membros quaisquer do clã estarecedor e desconhecido de seu pai que ainda não tivessem morrido em presídios ingleses), queria ficar perto dos Van Devender.

Se a aceitassem.

Mas e se não a aceitassem? Bom, era um risco. Os Van Devender — o que restasse *deles* — talvez não quisessem sua companhia na mesma intensidade com que ela desejava a deles. Talvez não recebessem de bom grado as contribuições que ela oferecia ao Hortus. Talvez a vissem como uma mera intrusa, uma amadora. Foi uma jogada duvidosa de Alma deixar o tratado com o tio Dees. A reação dele ao seu trabalho poderia ser qualquer uma — de tédio (*os musgos da Filadélfia?*) a ofensa religiosa (*criação contínua?*), passando pelo sobressalto científico (*uma teoria para o mundo natural inteiro?*). Alma sabia que seu ensaio poderia fazê-la parecer imprudente, arrogante, ingênua, anarquista, degenerada e até um bocadinho francesa. No entanto, o ensaio também era — mais do que qualquer outra coisa — um retrato de suas habilidades, e, se era para a família saber alguma coisa a seu respeito, queria que soubesse de suas habilidades.

Caso os Van Devender e o Hortus Botanicus rejeitassem Alma, contudo, ela decidiu que endireitaria os ombros e seguiria em frente. Talvez devesse assentar residência em Amsterdã mesmo assim, ou talvez devesse voltar a Roterdã, ou talvez se mudar para Leida e viver perto da universidade. Se não a Holanda, haveria sempre a França, sempre a Alemanha. Podia achar um cargo alhures, talvez até em outro jardim botânico. Era difícil para mulheres, mas não impossível — principalmente com o nome de seu pai e a influência de Dick Yancey para lhe darem credibilidade. Sabia de todos os professores eminentes de briologia da Europa; muitos tinham sido seus correspondentes ao longo dos anos. Podia procurá-los e se oferecer como assistente. Também haveria sempre a alternativa de lecionar — não em nível universitário, mas sempre era possível achar um emprego como professora particular de alguma família abastada. Se não botânica, poderia ensinar línguas. Deus sabia quantas existiam em sua cabeça.

Passou horas caminhando pela cidade. Não estava preparada para voltar ao hotel. Não conseguia se imaginar dormindo. Ao mesmo tempo em que sentia falta de Roger, sentia-se livre sem ele atrás de si. Ainda não entendia a geografia de Amsterdã, então vagou, se perdendo e se encontrando, pela configuração curiosa da cidade — serpenteando por seu arco armado até a metade, com seus cinco canais gigantescos e sinuosos. Atravessou as águas repetidas vezes, em dezenas de pontes cujos nomes desconhecia. Passeou pelo Herengracht,

admirando as belas casas de chaminés bifurcadas e frontões salientes. Passou pelo Palácio. Descobriu a agência central dos correios. Achou um café, onde enfim pôde pedir um prato de *wentelteeffes*, que comeu com mais prazer do que qualquer outra refeição de que se lembrasse — enquanto lia um exemplar ultrapassado do *Lloyd's Weekly Newspaper*, provavelmente abandonado por um amável turista britânico.

A noite caiu e ela continuou andando. Passou por igrejas antigas e teatros novos. Viu tabernas e bares e salões de jogos e lugares piores. Viu velhos puritanos de capas curtas e rufos no pescoço, como se tivessem saído dos tempos de Charles I. Viu moças de braços desnudos, gesticulando para que os homens subissem em soleiras escuras. Viu — e sentiu o cheiro — de firmas de acondicionamento de arenques. Viu barcos que serviam de moradia espalhados pelos canais, com seus frugais jardins em vasos e gatos à espreita. Passeou pelo bairro judaico e viu as oficinas de lapidários. Viu hospitais e orfanatos para enjeitados; viu gráficas, bancos e escritórios comerciais; viu o estupendo mercado central de flores, fechado porque já era noite. Por todos os lados — mesmo àquela hora — ela percebia o zumbido do comércio.

Amsterdã — construída sobre lodo e estacas, protegida e mantida por bombas, eclusas, válvulas, dragas e diques — não parecia exatamente uma cidade para Alma, mas uma *máquina*, um triunfo da diligência humana. Era o lugar mais planejado que alguém poderia imaginar. Era a soma da inteligência humana. Era perfeita. Não queria ir embora nunca mais.

Já passava muito da meia-noite quando ela por fim voltou ao hotel. Os pés se enchiam de bolhas dentro dos sapatos novos. A proprietária não reagiu com gentileza às suas batidas tardias na porta.

“Cadê o seu cachorro?”, interpelou a mulher.

“Deixei com um amigo.”

“Humpf”, resmungou a mulher. Reagiu com o mesmo ar de reprovação que teria se Alma tivesse declarado: “Eu o vendi a uma cigana.”

Ela entregou a chave a Alma. “Nada de homem no seu quarto esta noite, não se esqueça.”

Nem esta noite, nem em noite nenhuma, minha querida, pensou Alma. Mas obrigada por sequer imaginá-lo.

Na manhã seguinte, Alma foi acordada com pancadas à porta. Era sua velha amiga, a rabugenta dona do hotel.

“Tem uma carruagem esperando a senhora!”, a mulher gritou, numa voz cristalina como alcatrão.

Alma foi tropeçando até a porta. “Não estou esperando carruagem nenhuma”, declarou.

“Bom, a carruagem está esperando a senhora”, berrou a mulher. “Vista-se. O

homem disse que não vai embora sem a senhora. Ele falou que é para levar as malas. Já pagou o quarto da senhora. Não sei de onde essa gente tira a ideia de que sou moça de recados.”

Alma, a mente embaçada, se vestiu e preparou as duas malas. Gastou um tempinho extra arrumando a cama — talvez num gesto consciente, ou talvez numa tentativa de protelar a situação. Que carruagem? Será que seria presa? Expatriada? Tratava-se de um disparate, uma peça que pregavam nos turistas? Mas não era turista.

Ela desceu a escada e viu um condutor uniformizado aguardando-a junto a uma modesta carruagem particular.

“Bom dia, srta. Whittaker”, disse ele, tocando na aba do chapéu. Ele jogou as bagagens dela no banco da frente. Ela teve a péssima sensação de que seria enfiada em um trem.

“Perdão”, ela disse. “Não creio ter pedido uma carruagem.”

“Foi o dr. Van Devender quem me mandou”, declarou ele, abrindo a porta da carruagem. “Agora suba — ele está esperando, e está ansioso para vê-la.”

Passaram quase uma hora rodando a cidade rumo ao jardim botânico. Alma imaginou que seria bem mais rápido se fossem andando. Além de mais tranquilizador. Ela ficaria menos agitada caso pudesse ir caminhando. O cocheiro por fim a deixou em frente a uma bela casa de tijolos aparentes atrás do Hortus, no Plantage Parklaan.

“Siga adiante”, ele disse por cima do ombro, mexendo na bagagem dela. “Pode entrar — a porta está aberta. Eu disse que ele está à sua espera.”

Era um bocado incômodo para Alma entrar numa residência sem que sua presença fosse anunciada, mas cumpriu as diretivas. Por outro lado, a casa também não lhe era totalmente estranha. Se não estava enganada, a mãe havia nascido ali.

Viu uma porta aberta logo depois do hall de entrada e deu uma olhada. Era a sala de estar. Avistou o tio sentado em um divã, à sua espera.

A primeira coisa que percebeu foi que o cão Roger — por incrível que pareça — estava encolhido no colo dele.

A segunda coisa que percebeu foi que tio Dees segurava seu tratado na mão direita, que estava apoiada com delicadeza nas costas de Roger, como se o cachorro fosse uma escrivaninha portátil.

A terceira coisa que percebeu foi que o rosto do tio estava banhado em lágrimas. A gola da camisa também estava ensopada. A barba também parecia ensopada. O queixo tremia e os olhos assustavam de tão vermelhos. Parecia estar chorando havia horas.

“Tio Dees!” Ela correu para o lado dele. “O que foi que aconteceu?”

O velho engoliu em seco e segurou sua mão. Estava com a mão quente e úmida. Passou um tempo sem conseguir falar. Segurava os dedos de Alma com

força. Não a largaria.

Por fim, com a outra mão, ele levantou o tratado.

“Ah, Alma”, ele disse, e não se deu ao trabalho de enxugar as lágrimas. “Que Deus a abençoe, menina. Você tem a cabeça da sua mãe.”

Capítulo vinte e nove

Passaram-se quatro anos.

Foram anos felizes para Alma Whittaker, e por que não seriam? Tinha um lar (o tio a levou para morar direto na casa dos Van Devender); tinha uma família (os quatro filhos do tio, suas adoráveis esposas e suas proles de crianças); conseguia se comunicar regularmente com Prudence e Hanneke na Filadélfia através dos correios; e tinha um cargo de importância considerável no Hortus Botanicus. Seu título oficial era Curator van Mossen — a Curadora dos Musgos. Ganhou um escritório próprio, no segundo andar de um edifício agradável na mesma rua que a residência dos Van Devender, a apenas duas portas de distância.

Mandou buscar todos os livros e anotações que guardara na cocheira de White Acre, além do herbário. Foi como uma festa para ela a semana em que recebeu seu carregamento; passou dias mergulhada na nostalgia, desembulhando tudo. Sentira saudades de cada objeto e tomo. Enrubescceu ao descobrir, escondido no fundo dos baús de livros, todo o antigo material de leitura lascivo. Decidiu guardar tudo — embora soubesse que teria de escondê-lo muito bem. Em primeiro lugar, não sabia como se desfazer daqueles textos tão escandalosos de maneira respeitável. Em segundo, aqueles livros ainda tinham o poder de excitá-la. Mesmo em idade avançada, uma pontada persistente de desejo insolente continuava em seu corpo, e ainda requeria sua atenção em certas noites, quando, debaixo dos lençóis, ela revisitava a vulva de sempre, lembrando-se mais uma vez do gosto de Amanhã Cedo, do cheiro de Ambrose, da premência dos anseios mais insistentes e inexoráveis da vida. Nem tentava mais lutar contra esses impulsos; a essa altura, já era óbvio que faziam parte dela.

Alma ganhava um salário digno — seu primeiro — no Hortus, e dividia um assistente e um escriturário com o diretor de micologia e o supervisor de samambaias (todos eles se tornaram bons amigos — os primeiros amigos cientistas que teve na vida). Com o tempo, ela adquiriu reputação não só de taxonomista brilhante como de boa prima. Não era pouca a alegria e a surpresa de Alma por ter se adaptado tão bem à agitação e ao tumulto da vida em família, já que sempre fora uma pessoa bastante solitária. Ela se deliciava com as respostas inteligentes dos filhos e netos de Dees à mesa de jantar, e se orgulhava de suas inúmeras realizações e talentos. Sentia-se honrada quando as meninas

recorriam a ela em busca de conselhos ou consolo por causa das emocionantes ou terríveis inquietações amorosas. Via um quê de Retta em seus momentos de entusiasmo; um quê de Prudence nos momentos de discrição; um quê de si mesma nos momentos de dúvida.

Com o tempo, Alma passou a ser vista por todos os Van Devender como uma grande bênção tanto para o Hortus como para a família — embora as duas entidades fossem completamente indiscerníveis, em todo caso. O tio de Alma lhe cedeu um canto pequeno e escuro do palmário e a convidou a criar uma exposição permanente chamada Gruta dos Musgos. A tarefa era ao mesmo tempo complicada e gratificante. Musgos não gostavam de crescer fora de onde tinham nascido, e Alma teve dificuldade de orquestrar as condições necessárias e exatas (a umidade correta, a mistura certa de luz e sombra, pedras, cascalhos e toras adequadas como base) para instigar as colônias de musgos a vicejar nesse ambiente artificial. Teve êxito nessa missão, entretanto, e em pouco tempo a gruta ostentava espécimes de musgos de todos os lugares do mundo. Seria um projeto para a vida inteira manter a exposição, que exigia nevoeiro constante (obtido com o auxílio de máquinas a vapor), precisava ser esfriada por meio de paredes revestidas de material isolante e jamais ficar vulnerável à luz direta do sol. Musgos agressivos e que cresciam rápido tinham de ser controlados para que as espécies mais raras, mais diminutas, pudessem se desenvolver. Alma tinha lido sobre monges japoneses que faziam a manutenção de seus jardins de musgos limpando-os com pinças minúsculas, e resolveu adotar o método. Era vista todas as manhãs na Gruta dos Musgos, extraindo um filamento invasivo de cada vez, sob a luz de um lampião de mineiro, usando as pontas de uma pinça de aço. Queria que ficasse perfeita. Queria que cintilasse como fogo esmeralda — assim como a gruta de musgos extraordinária que reluzira para ela e Amanhã Cedo, anos antes, no Taiti.

A Gruta dos Musgos se tornou uma atração popular do Hortus, mas somente para um tipo de pessoa: o tipo que almejava o frio da escuridão, o silêncio, a fantasia. (O tipo de pessoa, em outras palavras, que nutria pouco interesse por flores vistosas, ninfeias enormes ou montes de famílias barulhentas.) Alma gostava de se aboletar num canto da gruta e observar esses tipos de gente entrando no mundo que havia criado. Ela os via acariciando a pele dos musgos, e via suas feições se abrandarem, a postura relaxar. Sentia a afinidade que tinha com eles — os quietos.

Ao longo desses anos, Alma também dedicou uma boa quantidade de tempo lapidando a teoria da alteração competitiva. Tio Dees insistia para que ela publicasse o artigo desde que o lera logo após sua chegada, em 1854, mas Alma resistira na época e continuava resistindo. Ademais, lhe negava permissão para que discutisse a teoria com quem quer que fosse. A relutância só causava frustração no amável tio, que acreditava que a teoria de Alma era relevante e

muito provavelmente certa. Ele a acusava de ser acanhada demais, de se esconder. Ele a acusava principalmente de temer a condenação religiosa, caso levasse a público seus conceitos de criação contínua e transmutação de espécies.

“Você simplesmente não tem coragem de ser assassina de Deus”, disse o protestante holandês exemplar, que, como bom devoto, ia à igreja em todos os dias de descanso de sua vida. “Ora, Alma — do que você tem medo? Mostre um pouco da audácia do seu pai, menina! Vá em frente e seja um terror para o mundo! Faça o canil inteiro latir perante a polêmica, se for preciso. O Hortus vai protegê-la! Podemos publicar por conta própria! Podemos até publicar com o meu nome, se é da censura que você tem medo.”

Porém, Alma não hesitava pelo medo da igreja, mas pela profunda convicção de que sua teoria ainda não era cientificamente incontestável. Existia uma lacunazinha em sua lógica, ela tinha certeza, e não conseguia descobrir como fechá-la. Alma era perfeccionista e um bocadinho pedante, e não havia dúvida de que não seria pega lançando uma teoria que tivesse uma lacuna, mesmo que fosse uma lacuna mínima. Não temia ofender religiões, como vivia dizendo ao tio; temia ofender algo que lhe era muito mais sagrado: *a razão*.

Pois a lacuna na teoria de Alma era a seguinte: ela não conseguia, por nada no mundo, entender os benefícios evolutivos do altruísmo e da abnegação. Se o mundo natural realmente era o campo de amoralidade e de luta constante pela sobrevivência que aparentava ser, e se superar os rivais era essencial para a predominância, a adaptação e a permanência — então que conclusão tirar, por exemplo, de alguém como sua irmã Prudence?

Sempre que Alma mencionava o nome da irmã no âmbito da teoria da alteração competitiva, o tio resmungava. “De novo, não!”, ele pedia, mexendo na barba. “Ninguém nunca ouviu falar da Prudence, Alma! Ninguém liga para isso!”

Mas Alma ligava, e o “Problema da Prudence”, como passou a chamá-lo, perturbava sua cabeça de forma considerável, pois ameaçava destruir sua teoria inteira. Ficava perturbada principalmente por ser tudo tão pessoal. Alma tinha sido a suposta beneficiária, afinal de contas, de um ato de grande generosidade e abnegação da parte de Prudence quase quarenta anos antes, e nunca se esquecera dele. Sem dizer nada, Prudence abria mão de seu verdadeiro amor — na esperança de que George Hawkes se casasse com Alma e de que *Alma se beneficiasse do casamento*. O fato de que o sacrifício de Prudence tinha sido em vão de modo algum reduzia sua sinceridade.

Por que alguém agiria dessa forma?

Alma conseguia responder essa pergunta do ponto de vista moral (*Porque Prudence é bondosa e altruísta*), mas não do biológico (*Por que a bondade e o altruísmo existem?*). Alma entendia totalmente por que o tio arrancava fios da barba sempre que ela mencionava o nome de Prudence. Ela reconhecia que —

no vasto campo da história natural e humana — esse triângulo trágico formado por Prudence, George e ela mesma era tão minúsculo e tão insignificante que era quase ridículo sequer trazer o assunto à baila (e numa discussão científica, para completar). Mas ainda assim a questão não se dissipava.

Por que alguém agiria dessa forma?

Toda vez que Alma pensava em Prudence, era obrigada a se fazer essa pergunta de novo, e em seguida ver, sem poder fazer nada, a teoria da alteração competitiva se despedaçar perante os seus olhos. Pois Prudence Whittaker Dixon, afinal, nem era um exemplo ímpar. Por que *alguém* agia fora do âmbito do desprezível interesse pessoal? Alma era capaz de criar um argumento razoavelmente convincente para o fato de mães, por exemplo, fazerem sacrifícios em nome dos filhos (porque era vantajoso dar continuidade à linhagem da família), mas não sabia explicar por que um soldado ia ao encontro de uma linha de baionetas para proteger um camarada ferido. De que maneira essa atitude fortalecia ou beneficiava o valente soldado ou sua família? Isso simplesmente não acontecia: por meio da abnegação, o soldado agora morto aniquila não só o próprio futuro como também a continuidade de sua linhagem.

Alma tampouco sabia como explicar por que um prisioneiro esfomeado daria comida a seu companheiro de cela.

Tampouco sabia como explicar por que uma senhora pularia em um canal para salvar o bebê de outra mulher e acabar se afogando durante a tentativa — um acontecimento trágico ocorrido pouco tempo antes, na rua onde ficava o Hortus.

Alma não sabia se, caso enfrentasse uma situação dessas, se comportaria de maneira tão nobre, mas era indiscutível que os outros se comportavam — e de forma bastante rotineira, levando em consideração todas as coisas. Alma não tinha dúvida nenhuma de que a irmã ou que o reverendo Welles (como exemplo de bondade fora do comum) não hesitariam em recusar comida para que outra pessoa sobrevivesse, e tampouco hesitariam em correr o risco de se ferir ou morrer para salvar o bebê de um estranho, ou até o gato de estimação de um estranho.

Além do mais, não existia nada análogo a exemplos tão extremos de abnegação humana no resto da natureza — não pelo que podia perceber. Sim, em um enxame de abelhas, ou uma matilha de lobos, ou uma revoada de pássaros, ou até uma colônia de musgos, às vezes indivíduos morriam pelo bem do grupo. Porém, nunca se viu um lobo salvando a vida de uma abelha. Nunca se viu um filamento de musgo optar pela morte ao ceder sua quantidade preciosa de água a uma formiga, por mera caridade!

Eram esses os tipos de argumento que exasperavam o tio, nas noites em que Alma e Dees se reuniam, ano após ano, e debatiam a questão. A primavera de 1858 já tinha começado e continuavam debatendo.

“Mas que sofista entediante você está sendo!”, Dees reclamou. “Publique o ensaio do jeito que está.”

“Não tenho como evitar, tio”, retrucou Alma, sorridente. “Lembre-se: tenho a cabeça da minha mãe.”

“Minha paciência está se esgotando, sobrinha”, ele disse. “Publique o ensaio, deixe o mundo discutir o assunto e a gente descansar dessa tentativa enfadonha e bicuda de achar defeitos nele.”

Mas ela não seria persuadida. “Se eu consigo ver a lacuna que existe no meu argumento, tio, com certeza os outros também vão ver, e aí meu trabalho não será levado a sério. Se a teoria da alteração competitiva estiver mesmo certa, ela tem que estar certa para o mundo natural como um todo — inclusive para a humanidade.”

“Abra exceção para os seres humanos”, o tio sugeriu encolhendo os ombros. “Foi o que Aristóteles fez.”

“Não estou falando da Grande Cadeia dos Seres, tio. Não me interessam os argumentos éticos ou filosóficos; o que me interessa é uma teoria biológica universal. As leis da natureza não podem admitir exceções, senão não podem ser leis. Prudence não é imune à gravidade; portanto, não pode ser imune à teoria da alteração competitiva, se a teoria for mesmo verdadeira. Por outro lado, se ela é imune, a teoria não pode ser verdadeira.”

“Gravidade?” Ele revirou os olhos. “Nossa, menina, preste atenção no que você está dizendo. Agora você quer ser Newton?”

“Eu só quero estar certa”, corrigiu Alma.

Nos momentos de leveza, Alma achava o Problema de Prudence quase cômico. Ao longo da juventude inteira, Prudence tinha sido um problema para Alma, e agora — apesar de Alma ter aprendido a amar, gostar e respeitar imensamente a irmã — Prudence *ainda* era um problema.

“Às vezes a minha vontade é de nunca mais ouvir o nome Prudence dentro desta casa”, declarou tio Dees. “Já estou farto de Prudence para lá e Prudence para cá.”

“Então a explique para mim”, insistiu Alma. “Por que ela adota os órfãos de escravos negros? Por que dá cada centavo que tem aos pobres? Que vantagem ela ganha com isso? Que vantagem isso dá aos filhos dela? Me explique!”

“A vantagem que ela ganha, Alma, é a de ser uma mártir cristã e saborear um pouquinho de crucificação de vez em quando. Conheço esse tipo, minha querida. Tem pessoas, como você já deve ter percebido a essa altura, que tiram tanto prazer da ajuda e da abnegação quanto outras tiram da pilhagem e do homicídio. Esses exemplares tediosos são raros, mas sem dúvida existem.”

“Mas então chegamos ao cerne da questão outra vez!”, Alma retorquiu. “Se a minha teoria estivesse certa, essas pessoas nem sequer existiriam. Lembre-se, tio, que o título da minha teoria não é ‘Uma teoria sobre os prazeres da

abnegação’.”

“Trate de publicar, Alma”, ele disse, exausto. “É uma bela linha de raciocínio, sem nenhum defeito. Publique como está e deixe que o mundo discuta essa questão.”

“Só posso publicar”, ela insistiu, “quando a questão for *indiscutível*”.

Portanto, a conversa rodava, circungirava e terminava como sempre, presa na mesma curva frustrante. Tio Dees olhou para o cão Roger, deitado em seu colo, e disse: “Você me salvaria se eu estivesse me afogando em um canal, não me salvaria, amigo?”

Roger balançou sua versão curiosa de rabo como resposta.

Alma tinha de admitir: era provável que Roger *de fato* salvasse tio Dees caso ele estivesse se afogando num canal, ou preso num incêndio, ou morrendo de fome na prisão, ou soterrado embaixo de um edifício desmoronado — e era óbvio que Dees agiria da mesma forma pelo cachorro. O amor entre tio Dees e Roger era tão duradouro quanto havia sido imediato. Nunca foram vistos separados, homem e cão, não desde o instante em que foram apresentados. Logo depois de chegarem a Amsterdã, quatro anos antes, Roger dera a entender que não era mais o cachorro dela — que, na verdade, nunca fora o cachorro dela, nem o cachorro de Ambrose, mas que era o cachorro de Dees desde sempre, por força do puro e simples destino. O fato de que Roger nascera longe, no Taiti, e Dees van Devender morava na Holanda, era consequência, Roger parecia acreditar, de um erro de escrita lastimável, agora felizmente corrigido.

Quanto ao papel de Alma na vida de Roger, ela tinha sido apenas uma mensageira, responsável por transportar o receoso camaradinho laranja de um lado a outro do mundo para unir cão e homem no amor eterno e devoto que lhes era devido.

Amor eterno e devoto.

Por quê?

Roger era outro que Alma não conseguia interpretar.

Tanto Roger como Prudence.

O verão de 1858 chegou, e com ele uma repentina temporada de falecimentos. O sofrimento começou no último dia de junho, quando Alma recebeu uma carta da irmã comunicando um terrível compêndio de notícias tristes.

“Tenho três falecimentos a relatar”, Prudence avisava na primeira linha. “Talvez, irmã, seja melhor você se sentar antes de continuar a leitura.”

Alma não se sentou. Continuou de pé na soleira da porta da residência dos Van Devender em Plantage Parklaan, lendo esse comunicado lamentável da longínqua Filadélfia, com as mãos trêmulas de aflição.

Em primeiro lugar, Prudence informava, Hanneke de Groot havia morrido aos oitenta e sete anos. A velha governanta falecera em seus aposentos no porão de

White Acre, segura atrás das grades de sua galeria particular. Parecia ter morrido durante o sono e sem sofrimento.

“Não conseguimos imaginar como levar isto aqui adiante sem ela”, escrevera Prudence. “Nem preciso lembrá-la de sua bondade e valor. Ela era uma mãe para mim, e sei que também era para você.”

Mas o cadáver de Hanneke mal havia sido descoberto, Prudence continuava, quando um garoto apareceu em White Acre com um recado de George Hawkes de que Retta — “transformada por todos esses muitos anos de loucura, totalmente irreconhecível” — tinha morrido em seu quarto no Hospício Griffon para Doentes Mentais.

Prudence prosseguiu: “É um desafio descobrir o que é mais lamentável: a morte de Retta ou as circunstâncias tristes de sua vida. Esforço-me para recordar a Retta de muitos anos atrás, tão alegre e despreocupada. Mal consigo vê-la na minha imaginação como aquela garota, antes de sua mente se tornar tão pavorosamente enevoada... pois foi há tanto tempo, como eu disse, quando éramos tão jovens.”

Em seguida, vinha a notícia mais chocante. Nem dois dias após a morte de Retta, Prudence contou, o próprio George Hawkes faleceu. Tinha acabado de chegar de Griffon, logo depois de tomar as providências para o enterro da esposa, e desfaleceu na rua, em frente à gráfica. Tinha sessenta e sete anos.

“Peço desculpas por ter demorado mais de uma semana para lhe escrever esta missiva desagradável”, concluía Prudence, “mas minha cabeça é importunada por tantos pensamentos e angústias que me é difícil seguir adiante. Isso deixa a cabeça confusa. Estamos todos em choque por aqui. Talvez eu tenha protelado a escrita desta carta porque me era inevitável pensar: cada dia que eu passar sem dar essas notícias à minha pobre irmã, ela não terá de suportá-las. Reviro meu coração em busca de qualquer ninharia capaz de confortá-la, mas não consigo encontrá-la. Mal consigo confortar a mim mesma. Que o Senhor receba e proteja todos eles. Não sei mais o que dizer, me perdoe, por favor. A escola continua bem. Os alunos prosperam. O sr. Dixon e as crianças lhe mandam seu eterno carinho — sinceramente, Prudence.”

Depois disso, Alma de fato se sentou e deixou a carta ao seu lado.

Hanneke, Retta e George — todos falecidos, numa varredura só.

“Pobre Prudence”, Alma murmurou.

Pobre Prudence, realmente, por ter perdido George Hawkes para sempre. Claro que Prudence havia perdido George muito tempo antes, mas agora o perdia de novo, e dessa vez para sempre. Prudence nunca deixara de amar George, nem ele a ela — ou pelo menos foi isso o que Hanneke contou a Alma. No entanto, George seguira Retta a caminho do túmulo, ligado para sempre ao destino da trágica esposinha que nunca tinha amado. Todas as possibilidades da juventude, Alma ponderou, todas desperdiçadas. Pela primeira vez, considerou a

similaridade do desenrolar de seu destino e o da irmã — ambas condenadas a amar homens que não podiam ter, e ambas decididas a seguir em frente com coragem apesar disso. Era preciso agir da melhor forma possível, claro, e havia dignidade no estoicismo, mas na verdade havia momentos em que a tristeza do mundo era quase insuportável, e a violência do amor, Alma refletiu, às vezes era a violência mais impiedosa de todas.

Seu primeiro impulso foi o de voltar para casa às pressas. Porém, White Acre não era mais sua casa, e só de se imaginar entrando na antiga mansão sem ver o rosto de Hanneke de Groot já fazia Alma se sentir indisposta e perdida. Então, foi para o escritório e escreveu uma carta de resposta, revirando o próprio coração em busca de ninharias de conforto, mas achou difícil obtê-las. Numa atitude atípica, recorreu à Bíblia, aos Salmos. Escreveu para a irmã: “O Senhor está perto dos que têm o coração despedaçado.” Passou o dia a portas fechadas, encolhida em silêncio devido ao luto. Não afligiu o tio com nenhuma dessas notícias tristes. Ficara tão contente ao saber que a adorada babá Hanneke de Groot ainda estava viva; não aguentaria dar a notícia da morte a ele, ou aos outros. Não queria causar nenhum aborrecimento ao seu espírito bondoso e alegre.

Transcorrida uma mera quinzena, ficaria satisfeita com a decisão tomada, quando o tio Dees contraiu uma febre, ficou de cama e faleceu em apenas um dia. Era uma daquelas febres sazonais que varriam Amsterdã no verão, quando os canais ficavam rançosos e fétidos. Um dia, Dees, Alma e Roger tomaram o café da manhã juntos, e no café da manhã seguinte Dees já havia partido. Tinha setenta e seis anos. Alma ficou tão abalada por essa perda — imediatamente depois das outras — que mal sabia como se conter. Passava as noites perambulando pelos cômodos, apertando o peito com a mão por medo de que as costelas se rompessem e o coração caísse no chão. Alma tinha a sensação de que convivera com o tio por muito pouco tempo — não tivera tempo suficiente! Por que o tempo nunca era suficiente? Num dia estava ali, e depois, no dia seguinte, havia partido para sempre. Todos eles haviam partido.

Metade de Amsterdã, ao que parecia, compareceu ao funeral do dr. Dees van Devender. Seus quatro filhos e dois netos mais velhos carregaram o caixão da casa de Plantage Parklaan à igreja da esquina. Um bando de noras e netos se abraçava e chorava; puxaram Alma para o meio deles, e ela se confortou com o agrupamento dos familiares. Dees era adorado. Todos estavam desolados. Além disso, o pastor da família revelou que o dr. Van Devender havia contribuído silenciosamente para obras de caridade a vida inteira: havia muitas pessoas naquela multidão de pranteadores cujas vidas ele apoiara ou até salvara ao longo dos anos.

A ironia dessa revelação — à luz dos intermináveis debates noturnos de Alma e

Dees — fez Alma sentir vontade de chorar e rir ao mesmo tempo. Uma vida inteira de generosidade anônima certamente o colocava no alto da escada de Maimônides, ponderou, mas poderia tê-la mencionado em algum momento! Como fora capaz de ficar ali, ano após ano, repudiando a relevância científica do altruísmo e ao mesmo tempo se dedicar secretamente a ele de forma incansável? Isso fez com que Alma o admirasse. Fez com que sentisse saudade. Fez com que tivesse vontade de questioná-lo e caçoá-lo — mas ele estava morto.

Após o funeral, o filho mais velho de Dees, Elbert, que assumiria a diretoria do Hortus, teve a atitude graciosa de se aproximar de Alma e lhe afirmar que seu cargo, tanto na família como no Hortus, estava totalmente garantido.

“Você jamais precisará se preocupar com o futuro”, ele disse. “Todos nós queremos que você fique.”

“Obrigada, Elbert”, ela deu conta de dizer, e os dois primos se abraçaram.

“Me consola saber que você o amava, assim como todos nós”, declarou Elbert.

No entanto, ninguém tinha amado Dees mais do que o cão Roger. Desde o primeiro instante da doença de Dees, o vira-lata laranjinha se negara a sair da cama do dono; também se recusava a sair depois que o cadáver foi levado embora. Plantou-se nas cobertas frias e não se mexia. Não aceitava comida — nem mesmo os *wentelteefjes* que Alma tinha feito com as próprias mãos e tentado aos prantos lhe dar na boca. Ele virou a cabeça para a parede e fechou os olhos. Ela afagou a cabeça dele, falou com ele em taitiano e relembrou a nobreza de sua linhagem, mas o cachorro nem esboçou reação. Em uma questão de dias, Roger também se foi.

Não fosse pela nuvem sombria da morte que devastou a paisagem de Alma no verão de 1858, seria quase certo que teria ouvido falar dos acontecimentos na Sociedade Lineana de Londres no dia 1^o de julho daquele ano. Em geral, fazia questão de ler as anotações de todos os encontros científicos mais importantes da Europa e da América. Mas sua cabeça estava — e era perdoável que estivesse — bastante distraída naquele verão. Periódicos se amontoavam em cima da escrivaninha sem serem lidos, enquanto ela vivia o luto. Cuidar da Gruta dos Musgos consumia a parca energia que conseguia reunir. De resto, negligenciava quase tudo.

E, portanto, lhe passou despercebido.

Na verdade, só ficaria sabendo do fato numa manhã no final de dezembro do ano seguinte, ao abrir seu exemplar do jornal *The Times* e ler a resenha de um livro novo, escrito pelo sr. Charles Darwin, intitulado *Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural, ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*.

Capítulo trinta

É claro que Alma sabia da existência de Charles Darwin: todo mundo sabia. Em 1839, ele havia lançado um livro bastante popular sobre sua viagem pelas ilhas Galápagos. A obra — um relato encantador — o tornara bem famoso na época. Darwin escrevia com leveza e havia conseguido transmitir seu deleite com a natureza em um tom agradável e simpático que admitiu leitores de todas as origens. Alma se lembrava da admiração que sentira pelo talento de Darwin, pois ela jamais seria capaz de escrever algo parecido com aquela prosa divertida, democrática.

Ao pensar nisso agora, o que ficara mais nítido em suas lembranças a respeito de *O diário do Beagle* era a descrição dos pinguins nadando à noite em águas fosforescentes, deixando, segundo Darwin narrava, um “rastro flamejante” na escuridão. *Um rastro flamejante!* Alma gostara dessa descrição, que ficara guardada em sua mente nos últimos vinte anos. Tinha até se lembrado da expressão durante a viagem ao Taiti, naquela noite maravilhosa a bordo do *Elliot*, quando viu com os próprios olhos tal fosforescência. Mas não se recordava de muito mais a respeito do livro, e Darwin não atingia nenhuma notoriedade fora do comum desde então. Abandonara as viagens em troca de atividades mais eruditas — uns trabalhos ótimos e criteriosos sobre cirrípedes, se Alma não estava enganada. Não restava dúvida de que jamais o considerara o maior naturalista de sua geração.

Mas agora, ao ler a resenha daquele livro novo e surpreendente, Alma descobriu que Charles Darwin — o especialista em cirrípedes de voz macia, o afável apaixonado por pinguins — vinha escondendo as cartas que tinha na manga. Ao que constava, tinha algo grandioso para mostrar ao mundo.

Alma largou o jornal e apoiou a cabeça nas mãos.

Um rastro flamejante, realmente.

Demorou quase uma semana para que um exemplar do livro chegasse da Inglaterra, e Alma atravessou esses dias como se estivesse em transe. A impressão era de que não teria a capacidade de esboçar uma reação que fizesse jus a essa reviravolta até poder ler — palavra a palavra — o que o próprio Darwin tinha a dizer, e não o que já diziam sobre ele.

Em 5 de janeiro — seu aniversário de sessenta anos — o livro chegou. Alma

se recolheu ao escritório com comidas e bebidas suficientes para sustentá-la o tempo que fosse necessário, e se trancou no cômodo. Então abriu *Sobre a origem das espécies* na primeira página, iniciou a leitura da adorável prosa de Darwin e daí em diante desabou em uma caverna profunda que de todos os lados ecoava suas próprias ideias.

Não é preciso dizer que ele não tinha roubado sua teoria. Nem por um segundo essa ideia absurda lhe passou pela cabeça — pois Charles Darwin nunca tinha ouvido falar de Alma Whittaker, e nem teria motivos para tal. Mas como dois exploradores procurando o mesmo tesouro a partir de direções diferentes, ela e Darwin haviam tropeçado em baús idênticos de riquezas. O que ela deduziu com os musgos, ele deduzira com tentilhões. O que ela tinha observado nos penedos de White Acre, ele vira se repetir no arquipélago de Galápagos. Os penedos dela nada eram do que um arquipélago em miniatura. Uma ilha era uma ilha, afinal — tivesse um metro ou cinco quilômetros de extensão —, e todos os acontecimentos mais drásticos da natureza se davam nos campos de batalha silvestres, competitivos, minúsculos, que eram as ilhas.

Tratava-se de um belo livro. Ela oscilava, durante a leitura, entre o desgosto e o desagravo, entre o arrependimento e a admiração.

Darwin escreveu: “Nascem mais indivíduos do que poderiam sobreviver. Um grão na balança determina qual indivíduo viverá e qual morrerá.”

Ele observou: “Em suma, vemos belas adaptações em todos os cantos, em todas as partes do mundo orgânico.”

Ela sentiu uma onda de emoções confusas tão aterradora, tão intensa, que achou que iria desmaiar. Levou um golpe como de um sopro de fornalha: ela estava certa.

Ela estava certa!

Lembranças do tio Dees fervilhavam em sua mente, ainda que continuasse a leitura. Os pensamentos que tinha a respeito dele eram constantes e contraditórios: se ao menos estivesse vivo para testemunhar aquilo! Graças a Deus não estava vivo para testemunhar aquilo! Como ficaria, ao mesmo tempo, orgulhoso e zangado! Ele nunca pararia de dizer: “Viu, eu *avisei* que era para você publicar!” No entanto, também teria comemorado essa confirmação grandiosa, convergente, do trabalho da sobrinha. Não sabia como digerir a situação sem ele. Sentia muita saudade dele. Ficaria contente em aguentar suas broncas em troca de seu consolo. Foi inevitável, também, o desejo de que o pai estivesse vivo para ver aquilo. Queria que a mãe estivesse viva para ver aquilo. Ambrose também. Queria ter publicado a própria obra. Não sabia o que pensar.

Por que não tinha publicado?

A questão a atormentava; contudo, ao ler a obra-prima de Darwin (e era, estava bem claro, uma obra-prima), ela percebeu que a teoria pertencia a ele, e que precisava pertencer a ele. Mesmo se a dissesse antes, nunca conseguiria

dizê-la melhor. Era até possível que ninguém lhe desse ouvidos caso publicasse a teoria — não por ser mulher ou por ser desconhecida (embora tais fatores não contassem a seu favor), mas apenas porque não saberia como convencer o mundo com a mesma eloquência de Darwin. Sua ciência era perfeita, mas sua escrita não. A tese de Alma tinha quarenta páginas, e *Sobre a origem das espécies* tinha mais de quinhentas, mas não tinha nem sombra de dúvida de que a obra de Darwin era de longe a mais legível. O livro de Darwin era astucioso. Era simpático. Era divertido. Era como ler um romance.

Ele chamava sua teoria de “seleção natural”. O termo era de uma concisão esplêndida, mais simples e melhor do que o prolixo “teoria da alteração competitiva” de Alma. Ao desenvolver pacientemente o argumento da seleção natural, Darwin nunca era estridente ou ficava na defensiva. Dava a impressão de ser o vizinho gentil do leitor. Falava do mesmo mundo sombrio e violento que Alma observava — um mundo de matanças e mortes infundáveis —, mas seu discurso não continha nenhum rastro de violência. Alma jamais teria a audácia de escrever com a mão tão leve: não saberia como escrever assim. Sua prosa era um martelo; a de Darwin era um salmo. Ele não carregava uma espada, e sim uma vela. Em todas as suas páginas, ademais, ele insinuava uma alma divina — sem nunca evocar o Criador! Transmitia uma sensação de milagre através de rapsódias sobre o poder do tempo em si. Escreveu: “Que número infinito de gerações, que a mente nem é capaz de calcular, deve ter se sucedido no longo rol de anos!” Admirava-se com todas as “belas ramificações” das mudanças. Apresentava a adorável observação de que as maravilhas da adaptação faziam com que todas as criaturas do planeta — mesmo um simples besouro — parecessem valiosas, espantosas e “enobrecidas”.

Ele perguntava: “Que limite pode ser imposto a esse poder?”

Escreveu: “Nós contemplamos a face da natureza, radiante de alegria...”

Concluía: “Há grandeza nessa percepção da vida.”

Ela terminou o livro e se permitiu chorar.

Não havia o que fazer diante de uma realização tão esplêndida e tão devastadora além de chorar.

Todo mundo leu *Sobre a origem das espécies* em 1860, e todo mundo o discutiu, mas ninguém o leu com tanta atenção quanto Alma Whittaker. Manteve a boca fechada durante todos os debates de salão sobre a seleção natural — mesmo quando sua família holandesa abordou o tema —, mas escutava cada palavra. Compareceu a todas as preleções sobre o tópico e leu todas as resenhas, todos os ataques, todas as críticas. Além disso, revisitava o livro com frequência, com uma mentalidade tão inquiridora quanto admiradora. Era uma cientista e queria pôr a teoria de Darwin sob o microscópio. Queria testar a própria teoria ante a dele.

Claro que sua principal questão era como Darwin tinha resolvido o Problema da Prudence.

A resposta apareceu logo: ele não tinha resolvido.

Darwin não a resolvera porque — numa atitude astuciosa — evitara o tema dos seres humanos em sua obra. *Sobre a origem das espécies* falava da natureza, mas não falava abertamente sobre o Homem. Darwin tinha sido cuidadoso nesse ponto. Escreveu sobre a evolução dos tentilhões, dos pombos, dos galginhos italianos, dos cavalos de corrida e dos cirrípedes, mas nunca aludia aos seres humanos. Escreveu “Os vigorosos, os sadios e os felizes sobrevivem e multiplicam-se”, mas em nenhuma hora acrescentava: “Nós também fazemos parte desse sistema.” Leitores voltados para a ciência chegariam a essa conclusão por conta própria — e Darwin sabia muito bem. Leitores voltados para a religião também chegariam a essa conclusão e achariam um sacrilégio exasperante, mas Darwin *não tinha realmente dito isso*. Assim, ele havia se protegido. Podia ficar na sossegada casa de campo que tinha em Kent, inocente diante da indignação pública: *Que mal há numa simples discussão sobre tentilhões e cirrípedes?*

Na opinião de Alma, a estratégia constituía o maior toque de brilhantismo de Darwin: ele não tinha abordado a questão *por completo*. Talvez fosse abordá-la depois, mas não a abordava agora, ali, naquele discurso cauteloso inaugural sobre a evolução. Essa percepção fascinou Alma, e ela quase estapeou a própria testa por causa da admiração pasmada que sentia: nunca lhe passaria pela cabeça que um bom cientista não precisava atacar a questão *inteira* de uma vez só — fosse qual fosse o assunto! Basicamente, Darwin fez o que o tio Dees passara anos tentando convencê-la a fazer: ele havia publicado uma bela teoria da evolução, mas somente no âmbito da botânica e da zoologia, legando aos seres humanos a tarefa de debater as próprias origens.

Estava louca para falar com Darwin. Sua vontade era de cruzar às pressas o canal rumo à Inglaterra, pegar o trem em direção a Kent, bater na porta de Darwin e perguntar: “Como o senhor explica a minha irmã Prudence e o conceito de abnegação no contexto das provas esmagadoras acerca da luta biológica constante?” Porém, todo mundo queria conversar com Darwin na época, e Alma não tinha a espécie de influência necessária para organizar um encontro com o cientista mais disputado daqueles tempos.

Com o tempo, adquiriu uma noção mais clara do tal de Charles Darwin, e ficou evidente que o cavalheiro não era dado aos debates. Provavelmente, não aceitaria de bom grado a oportunidade de discutir com uma briologista americana obscura, de qualquer modo. Seria bem capaz de lhe lançar um sorriso gentil e dizer “Mas o que é que *a senhora* acha?”, antes de fechar a porta.

Aliás, enquanto todas as pessoas instruídas lutavam para se decidir quanto a Darwin, o próprio guardava um silêncio espantoso. Quando Charles Hodge, no

seminário de Princeton, acusou Darwin de ateísmo, Darwin não se defendeu. Quando o Lorde Kelvin se negou a adotar a teoria (o que Alma achou uma pena, já que o aval de Kelvin seria digno de crédito), Darwin não protestou. Tampouco se envolvia com seus defensores. Quando George Searle — um importante astrônomo católico — escreveu que a teoria da seleção natural lhe parecia bastante lógica e não representava uma ameaça à Igreja Católica, Darwin não reagiu. Quando o pároco anglicano e romancista Charles Kingsley anunciou que ele também se sentia confortável com a ideia de um Deus que “criou organismos primitivos capazes de autoaperfeiçoamento”, Darwin não deu um pio de concordância. Quando o teólogo Henry Drummond tentou elaborar uma defesa bíblica da evolução, Darwin evitou completamente a discussão.

Alma observava os clérigos de ideias liberais se refugiando na metáfora (alegando que os sete dias de criação, como mencionados na Bíblia, eram na verdade sete *eras geológicas*), enquanto paleontólogos conservadores como Louis Agassiz ficavam com os olhos vermelhos de raiva, acusando Darwin e seus defensores de apostasia abominável. Outros travavam as batalhas de Darwin no lugar dele — o poderoso Thomas Huxley na Inglaterra; o eloquente Asa Gray na América. Porém, o próprio Darwin mantinha uma distância inglesa e cavalheiresca do debate inteiro.

Alma, por outro lado, levava todas as investidas contra a seleção natural para o lado pessoal, assim como ficava secretamente animada com todos os endossos, pois não era somente a ideia *de Darwin* sendo examinada: também era *a dela*. Às vezes achava que estava mais aflita e entusiasmada com o debate do que o próprio Darwin (outro motivo, talvez, para ele ser um embaixador melhor da teoria do que ela poderia ter sido). Mas também se frustrava com a discrição de Darwin. Não era raro querer sacudi-lo e obrigá-lo a lutar. No lugar dele, ela revidaria com força assim como Henry Whittaker. Seu nariz sairia sangrando, sem dúvida, mas também deixaria alguns narizes sangrando. Lutaria até o fim para defender a teoria deles (era inevitável pensar nela como a teoria “deles”)... isto é, se ao menos tivesse publicado a teoria. O que, claro, não tinha feito. Portanto, não tinha prerrogativa para lutar. Consequentemente, não dizia nada.

A situação toda era muito incômoda, muito cativante, muito confusa.

Além do mais — era impossível a questão passar despercebida para Alma — ninguém havia solucionado o Problema da Prudence de maneira que lhe fosse satisfatória.

Pelo que notava, ainda havia uma lacuna na teoria.

Ela continuava incompleta.

Mas pouco depois, Alma se distraiu, em seguida ficou cada vez mais fascinada, com outra coisa.

De forma vaga e crescente, enquanto o debate sobre Darwin seguia aberto, ela

tomou conhecimento de outra figura escondida em suas margens sombrias. Do mesmo jeito que Alma — quando era jovem — às vezes vislumbrava algo se mexendo na borda da lâmina de microscópio e se esforçava para se concentrar ali (desconfiando, antes que soubesse do que se tratava, que pudesse ser relevante), agora também via algo estranho e quicá importante pairando num canto. Algo estava fora do lugar. Algo existia na história de Charles Darwin e da seleção natural que não deveria existir. Ela girou os punhos e levantou as alavancas e voltou toda a atenção para o mistério — e foi assim que soube de um homem chamado Alfred Russel Wallace.

Alma se deparou com o nome de Wallace pela primeira vez quando, por curiosidade, resolveu investigar a primeira menção oficial da seleção natural — que havia ocorrido em 10 de julho de 1858, num encontro da Sociedade Lineana de Londres. Alma não tinha visto as anotações sobre a reunião quando foram publicadas devido ao seu período de luto, mas agora as procurava e estudava a ata com muita atenção. De imediato, notou algo peculiar: outro ensaio tinha sido apresentado naquele dia, após a introdução da tese de Darwin. O outro ensaio era intitulado “Sobre a tendência das variedades a afastarem-se indefinidamente do tipo original” e fora escrito por A. R. Wallace.

Alma encontrou o ensaio e o leu. Dizia exatamente a mesma coisa que Darwin dizia em sua teoria da seleção natural. Na verdade, dizia exatamente a mesma coisa que Alma dizia em sua teoria da alteração competitiva. O sr. Wallace argumentava que a vida era uma batalha constante pela existência: que não havia recursos suficientes para todos; que a população era controlada por predadores, doenças e escassez de alimentos; e que os mais fracos sempre morreriam primeiro. O ensaio de Wallace prosseguia com a ideia de que qualquer variação numa espécie que afetasse a possibilidade de sobrevivência poderia acabar mudando a espécie para sempre. Alegava que as variedades mais bem-sucedidas se proliferariam, enquanto a menos próspera seria extinta. Era assim que as espécies surgiam, se transmutavam, vicejavam e desapareciam.

O ensaio era curto, simples e — na opinião de Alma — muito familiar.

Quem era essa pessoa?

Alma nunca tinha ouvido falar dele. Isso, por si só, já era improvável, pois ela se esforçava para ficar a par de todo e qualquer indivíduo da classe científica. Mandou cartas para uns colegas da Inglaterra perguntando: “Quem é Alfred Russel Wallace? O que as pessoas falam a respeito dele? O que houve em Londres em julho de 1858?”

As histórias de que tomou conhecimento a intrigaram ainda mais. Descobriu que Wallace nascera em Monmouthshire, perto de Gales, numa família de classe média que mais tarde passou por dificuldades; e que ele era mais ou menos autodidata, topógrafo por profissão. Jovem aventureiro, viajara por várias selvas ao longo de anos e se tornara um colecionador infatigável de espécimes de

insetos e pássaros. Em 1853, Wallace lançara um livro intitulado *Palmeiras da Amazônia e suas utilidades*, de cuja existência Alma nem sabia, já que na época estava viajando do Taiti à Holanda. Desde 1854, estivera no arquipélago malaio, estudando pererecas e afins.

Ali, nas florestas distantes dos Celebes, Wallace contraiu malária e quase morreu. Em meio à febre, concentrado na morte, teve um lampejo: uma teoria da evolução baseada na luta pela existência. Em poucas horas já havia botado a teoria no papel. Em seguida, remeteu a tese escrita às pressas de Celebes à Inglaterra, para um cavalheiro chamado Charles Darwin, que tinha encontrado uma vez e por quem nutria grande admiração. Wallace, com muito respeito, perguntara ao sr. Darwin se a sua teoria da evolução tinha algum valor. Era uma questão inocente: Wallace não tinha como saber que o próprio Darwin vinha desenvolvendo essa mesma ideia desde aproximadamente 1840. Na verdade, Darwin já tinha escrito quase duzentas páginas do que viraria *Sobre a origem das espécies*, mas não havia mostrado o trabalho a ninguém, salvo o grande amigo Joseph Hooker, do Jardim Botânico Real de Kew. Fazia anos que Hooker incentivava Darwin a publicar, mas Darwin — numa decisão que Alma entendia muito bem — hesitava por falta de confiança ou certeza.

Agora, numa das maiores coincidências da história científica, parecia que a ideia bela e original de Darwin — que ele cultivava em segredo havia quase duas décadas — acabava de ser exprimida, praticamente palavra por palavra, por um naturalista autodidata quase desconhecido, de trinta e cinco anos, que sofria de malária e vivia do outro lado do mundo.

As fontes de Alma em Londres relataram que Darwin se sentira obrigado pela missiva de Wallace a anunciar sua teoria da seleção natural, temendo perder a autoria do conceito todo caso Wallace fosse o primeiro a publicar. Era muito irônico, Alma ponderou, mas parecia que Darwin receava ser *vencido* quanto à ideia de competição! Por cavalheirismo, Darwin resolveu que a carta de Wallace devia ser apresentada na Sociedade Lineana no dia 1º de julho de 1858 — lado a lado com sua própria pesquisa sobre seleção natural — e que ao mesmo tempo ele daria provas de que fora o primeiro a aventar aquela hipótese. O lançamento de sua *A origem das espécies* aconteceu logo depois, em menos de um ano e meio. Agora, Alma achava que a correria para publicar se deveria ao pânico de Darwin — bem justificável! Wallace estava fechando o cerco! Como muitos animais e plantas sob ameaça de aniquilação, Charles Darwin se sentira forçado a se mexer, a tomar uma atitude — forçado a se adaptar. Alma se lembrou do que havia escrito em sua versão da teoria: “Quanto maior a crise, aparentemente, mais rápida a evolução.”

Ao recapitular essa história extraordinária, não restou nenhuma dúvida na cabeça de Alma: foi Darwin quem primeiro teve a ideia da seleção natural. Mas a ideia não foi *somente* de Darwin. Houve Alma, sim, mas também houve outra

peessoa. Alma estava mais do que pasma com essa descoberta. Parecia uma total impossibilidade intelectual. Mas também lhe causou um alívio esquisito saber que Alfred Russel Wallace existia. Ficou entusiasmada ao perceber que não estava sozinha nessa. Tinha um par. Eram Whittaker e Wallace: companheiros de obscuridade — apesar de Wallace, claro, não fazer nem ideia de que eram companheiros de obscuridade, já que ela conseguia ser *bem mais obscura do que ele*. Porém, Alma sabia. Sentia que ele estava lá fora — seu desconhecido, miraculoso irmãozinho de cérebro. Caso fosse mais religiosa, talvez agradecesse a Deus pela existência de Alfred Russel Wallace, pois foi essa sensaçãozinha de afinidade que a ajudou a agir com graciosidade e segurança — sem ser enfraquecida por ressentimentos, desespero ou vergonha — em meio a toda a comoção clamorosa que cercava o sr. Charles Darwin e sua teoria colossal, transformadora, capaz de mudar o mundo.

Darwin entraria para a história, sim, mas Alma tinha Wallace.

E isso, pelo menos por enquanto, já era um alívio.

A década de 1860 estava em curso. A Holanda estava sossegada, enquanto os Estados Unidos eram dilacerados por uma guerra impensável. O discurso científico teve menos peso para Alma nesses anos terríveis, com as notícias da carnificina interminável, estarrecidora em sua terra. Prudence perdeu o filho mais velho, um comandante, em Antietam. Dois de seus jovens netos morreram de doenças que se alastravam em acampamentos militares sem sequer ver um campo de batalha. A vida inteira, Prudence lutara pelo fim da escravidão, mas havia perdido três membros da própria família na luta. “Eu me alegro e em seguida sofro”, escreveu para Alma. “Depois, sofro mais um pouco.” De novo, Alma se perguntava se não devia voltar para casa — ou ao menos se oferecer para voltar —, mas a irmã a incentivava a ficar na Holanda. “Nossa nação, no momento, está trágica demais para visitantes”, Prudence informou. “Permaneça onde o mundo é mais tranquilo, e louve essa tranquilidade.”

De alguma forma, Prudence manteve a escola aberta no decorrer da guerra. Ela não só resistiu, como aceitou ainda mais crianças durante o conflito. A guerra terminou. O presidente foi assassinado. A união foi mantida. A ferrovia transcontinental foi concluída. Alma imaginou que talvez fosse ser ela a responsável por manter os Estados Unidos costurados — os pontos rugosos de aço da imensa ferrovia. Naquela época, a América parecia, vista por Alma de uma distância segura, um lugar de crescimento incontrolável, violento. Estava feliz por não estar lá. A América já estava a uma vida de distância; imaginava que não reconheceria mais o país, nem o país a reconheceria. Gostava da vida como holandesa, como estudiosa, como Van Devender. Lia todos os periódicos científicos e publicou em muitos deles. Tinha discussões animadas com os colegas, acompanhadas de café e doces. Todos os verões, o Hortus lhe concedia

licença de um mês para coletar musgos continente afora. Passou a conhecer muito bem os Alpes e passou a amá-los à medida que vagava por aquela grandiosidade com a bengala e o kit de coleta. Também conheceu as selvas umedecidas por samambaias da Alemanha.

Havia se tornado uma senhora muito contente.

A década de 1870 chegou. Na pacata Amsterdã, Alma entrou na oitava década de vida, mas continuou dedicada ao trabalho. Já achava difícil caminhar, mas cuidava da Gruta dos Musgos e às vezes dava palestras sobre briologia no Hortus. Sua visão começou a falhar, e se preocupou com a possibilidade de não conseguir mais identificar musgos. Como medida preventiva diante dessa triste inevitabilidade, se exercitava mexendo nos musgos no escuro, para aprender a reconhecê-los pelo tato. Tornou-se exímia nisso. (Não precisava *ver* musgos para sempre, mas queria sempre *conhecê-los*.) Felizmente, agora tinha ajuda no trabalho. A jovem prima predileta, Margaret — que ganhara o apelido carinhoso de Mimi —, revelou um fascínio inato pelos musgos e logo virou pupila de Alma. Quando a menina terminou os estudos, foi trabalhar com Alma no Hortus; com o auxílio de Mimi, Alma conseguiu finalizar o abrangente *Os musgos do Norte da Europa*, em dois tomos, que foi bem recebido. Os livros tinham belas ilustrações, embora o artista não fosse nenhum Ambrose Pike.

Mas ninguém era um Ambrose Pike. Ninguém jamais seria.

Alma via Charles Darwin se tornar cada vez mais o grande homem da ciência. Não invejava seu sucesso: ele merecia os elogios, e se portava com dignidade. Dava continuidade ao trabalho a respeito da evolução, o que Alma gostava de ver, com a mistura de excelência e discrição que lhe era típica. Em 1871, publicou o enciclopédico *A origem do homem* — em que finalmente aplicava os princípios da seleção natural aos seres humanos. Fora sábio em esperar tanto tempo, pensou Alma. A essa altura, a conclusão final do livro (*Sim, somos macacos*) era quase uma certeza. Nos doze anos desde a primeira edição de *Origem*, o mundo vinha aguardando e debatendo “A Questão do Macaco”. Partidos foram tomados, ensaios foram escritos e incontáveis refutações e argumentos foram levantados. Era praticamente como se Darwin tivesse esperado o mundo se adaptar ao conceito incômodo de que talvez Deus não tivesse criado a humanidade a partir do pó antes de apresentar seu veredicto sereno, bem organizado, cuidadoso sobre a questão. Alma, mais uma vez, leu o livro com a mesma atenção que todo mundo, e o admirou muito.

No entanto, ainda não via a solução para o Problema da Prudence.

Nunca contou a ninguém sobre a sua própria teoria evolutiva — e sobre sua pequena, tênue ligação com Darwin. Continuava muito mais interessada em seu irmão de obscuridade, Alfred Russel Wallace. Também acompanhara com atenção a carreira dele ao longo dos anos, sentindo um orgulho vicário de seus êxitos e se angustiando com seus fracassos. A princípio, parecia que Wallace

seria sempre uma nota de rodapé de Darwin — ou até um laçao, já que havia passado boa parte dos anos 1860 escrevendo ensaios para defender a seleção natural, e, por conseguinte, Darwin. Mas depois Wallace tomou um rumo inesperado. Em meados da década, descobriu o espiritualismo, o hipnotismo e o mesmerismo, e começou a explorar o que as pessoas mais respeitáveis chamavam de “o oculto”. Alma quase conseguia escutar os resmungos de Charles Darwin, do outro lado do canal, em resposta a essa transformação — pois os nomes dos dois estariam interligados para sempre, e Wallace se lançara numa fantasia realmente pouco científica e bastante infame. O fato de que Wallace frequentava sessões espíritas e leituras de mãos, e jurava ter falado com mortos, talvez fosse perdoável, mas não o fato de que publicava ensaios com títulos como “O aspecto científico do sobrenatural”.

Porém, era inevitável que Alma amasse Wallace ainda mais devido a essas crenças heterodoxas e aos argumentos veementes, destemidos. Sua própria vida vinha se tornando cada vez mais banal e limitada, mas sentia muito prazer ao ver Wallace — o pensador extravagante, desenfreado — provocar caos acadêmico em tantas direções ao mesmo tempo. Não tinha o decoro aristocrático de Darwin: se derramava em inspirações e distrações e conceitos simplórios. Também não se concentrava muito tempo numa única ideia, preferindo saltar de capricho a capricho.

Em seus enlevos mais transcendentais, Wallace inevitavelmente fazia Alma se lembrar de Ambrose, e isso só aumentava o carinho que nutria por ele. Assim como Ambrose, Wallace era um sonhador. Defendia com força o lado dos milagres. Alegava que nada era mais importante do que as coisas que pareciam desafiar as regras da natureza, pois quem somos nós para declarar que entendemos as regras da natureza? Tudo era milagre até ser esclarecido por nós. Wallace escreveu que o primeiro homem que viu um peixe-voador devia ter se imaginado testemunha de um milagre — e que sem dúvida o primeiro homem que *descreveu* um peixe-voador foi chamado de mentiroso. Alma o adorava por essas justificativas tão galhofeiras, insistentes. Ele teria se saído bem à mesa de jantar de White Acre, ela pensava volta e meia.

Wallace não negligenciava totalmente as investigações científicas mais legítimas, no entanto. Em 1876, publicou a própria obra-prima: *A distribuição geográfica dos animais*, imediatamente celebrado como o melhor texto sobre zoogeografia produzido até então. Tratava-se de um livro atordoante. Foi a jovem prima de Alma, Mimi, quem leu grande parte do livro em voz alta, pois a visão de Alma já estava muito ruim àquela altura. Alma gostava tanto das ideias de Wallace em certos trechos da obra que chegava a levantar vivas.

Mimi desviava o olhar da leitura e dizia: “Você gosta muito desse tal de Alfred Russel Wallace, não é, tia?”

“Ele é um príncipe da ciência!” Alma sorria.

Pouco depois Wallace minou a reputação que resgatara, entretanto, devido ao envolvimento crescente no radicalismo político — lutando aos gritos pela reforma agrária, pelo sufrágio feminino, pelos direitos dos pobres e dos despossuídos. Simplesmente não conseguia ficar de fora da briga. Amigos e admiradores influentes tentaram lhe obter cargos estáveis em boas instituições, mas Wallace adquirira a fama de ser tão extremista que poucos se arriscariam a contratá-lo. Alma se preocupava com as finanças dele. Tinha a impressão de que ele não era sensato em relação a dinheiro. Em todos os aspectos, Wallace simplesmente se negava a interpretar o papel de bom cavalheiro inglês — talvez por não ser, de fato, um bom cavalheiro inglês, e sim um agitador da classe trabalhadora que nunca pensava antes de falar e nunca hesitava antes de publicar. Seus entusiasmos resultavam em certo grau de caos e a controvérsia aderida a ele como um carrapato, mas Alma queria que ele jamais cedesse. Gostava de vê-lo alfinetar o mundo.

“É isso mesmo, garoto”, Alma murmurava sempre que tomava conhecimento do último escândalo. “É isso mesmo!”

Darwin nunca falou mal de Wallace em público, nem Wallace de Darwin, mas Alma sempre se perguntava o que os dois — tão brilhantes, mas tão diferentes em termos de temperamento e estilo — realmente pensavam um do outro. Sua pergunta foi respondida em abril de 1882, quando Charles Darwin faleceu e Alfred Russel Wallace, seguindo as instruções redigidas por Darwin, carregou o caixão no enterro do notável cientista.

Eles se amavam, ela entendeu. Eles se amavam porque se conheciam.

Ao pensar nisso, Alma sentiu pela primeira vez uma solidão profunda que não vivenciava havia dezenas de anos.

A morte de Darwin assustou Alma, que a essa altura tinha oitenta e dois anos e estava cada vez mais frágil. Ele tinha apenas setenta e três! Jamais esperava sobreviver a ele. Meses depois do falecimento de Darwin, a sensação de alarme permanecia. Era como se uma parte de sua história tivesse morrido com ele e ninguém fosse tomar conhecimento dela. Não que alguém tivesse tomado conhecimento antes, claro, mas sem dúvida uma ligação havia se perdido — uma ligação muito importante para ela. Em breve a própria Alma morreria e só restaria um elo — o jovem Wallace, que estava à beira dos sessenta anos, e talvez já não fosse tão jovem assim, no final das contas. Se as coisas acontecessem como sempre aconteciam, ela morreria sem conhecer Wallace, assim como jamais conhecera Darwin. Pareceu-lhe de uma tristeza insuportável, de repente, que isso pudesse ocorrer. Não poderia deixar que ocorresse.

Alma refletiu sobre a situação. Refletiu por vários meses. Por fim, tomou uma atitude. Pediu a Mimi que escrevesse uma missiva amável, em papel de carta do Hortus, pedindo a Alfred Russel Wallace que por obséquio aceitasse o convite

para falar de seleção natural no Hortus Botanicus de Amsterdã, na primavera de 1883. O honorário de novecentas libras era assegurado em troca do tempo e incômodo do cavalheiro, e todas as despesas de viagem, logicamente, seriam custeadas pelo Hortus. Mimi empacou ao ouvir a remuneração — para certas pessoas, aquilo eram anos de salário! —, mas Alma respondeu com tranquilidade: “Eu que vou pagar tudo, e além do mais o sr. Wallace precisa do dinheiro.”

A carta informava também que o sr. Wallace seria muito bem-vindo caso desejasse se hospedar na confortável residência dos Van Devender, situada ao lado do jardim, no bairro mais bonito de Amsterdã. Haveria inúmeros botânicos jovens no local que ficariam contentes em mostrar ao famoso biólogo todos os encantos do Hortus e da cidade. Seria uma honra para o jardim receber um convidado tão distinto. Alma assinou a carta: “Muito sinceramente, senhorita Alma Whittaker — Curadora dos Musgos.”

A resposta chegou logo, pela mão da esposa de Wallace, Annie (cujo pai, Alma ficou emocionada ao descobrir, era o formidável William Mitten, químico farmacêutico e briologista de primeira grandeza). A sra. Wallace comunicava que o marido ficaria contentíssimo em ir a Amsterdã. Chegaria no dia 19 de março de 1883 e ficaria uma quinzena. Os Wallace estavam muito gratos pelo convite e louvavam a enorme generosidade dos honorários. A oferta, insinuava a carta, chegava na hora certa — bem como o dinheiro.

Capítulo trinta e um

Ele era tão alto!

Alma não esperava por isso. Alfred Russel Wallace era alto e esguio como Ambrose. Também não havia muita diferença entre a idade dele e a que Ambrose teria caso houvesse sobrevivido — sessenta anos e em boa forma, apesar de um pouco corcunda. (Tratava-se de um homem que claramente passara anos demais debruçado sobre microscópios, perscrutando espécimes.) Era grisalho, com uma barba volumosa, e Alma teve de conter o ímpeto de esticar o braço e tocar seu rosto com a ponta dos dedos. Sua visão já não estava boa e queria conhecer melhor as feições dele. Mas seria grosseiro e chocante, portanto se controlou. Ainda assim, logo que o conheceu, teve a impressão de que recebia o amigo mais antigo que tinha no mundo.

No início da visita, contudo, havia tanta agitação que Alma meio que se perdeu na multidão. Era uma mulher grandalhona, sim, mas estava idosa, e a tendência é que mulheres idosas sejam deixadas de lado em reuniões numerosas — mesmo quando são responsáveis por pagar a conta da reunião. Havia muita gente que desejava conhecer o formidável biólogo evolucionário, e os jovens primos de Alma, todos eles estudantes ardorosos de ciência, absorviam boa parte da atenção dele, se acotovelando à sua volta como aspirantes a beaux e belles. Wallace era tão educado, tão simpático — principalmente com os jovens. Permitia que se gabassem dos próprios projetos e lhe pedissem conselhos. Como seria de se esperar, também queriam exibi-lo Amsterdã afora, e assim vários dias foram ocupados pelo turismo bobo e o orgulho cívico.

Depois ele fez a palestra no Palmário, e as questões enfadonhas vieram em seguida, feitas por estudiosos, jornalistas e dignitários, sucedidas pelo necessário jantar longo e chato em trajes formais. Wallace falou bem, tanto na palestra como no jantar. Deu conta de evitar polêmicas, respondendo a todas as perguntas tediosas e ignorantes sobre seleção natural sem perder a paciência. A esposa devia tê-lo orientado a se comportar da melhor forma possível, imaginou Alma. *Muito bem, Annie.*

Alma aguardou. Não era de ter medo da espera.

Com o tempo, a novidade que cercava a visita de Wallace esmoreceu e os agrupamentos clamorosos escassearam. Os jovens se voltaram para outros estímulos e Alma pôde se sentar ao lado de seu convidado numa série de cafés

da manhã. Ela o conhecia melhor do que ninguém, claro, e sabia que a vontade dele não era de falar de seleção natural eternamente. Então preferiu cativá-lo com assuntos que sabia que lhe eram queridos — o mimetismo das borboletas, variações dos besouros, leitura de mentes, vegetarianismo, os males da riqueza herdada, seu plano para abolir a bolsa de valores, seu plano para acabar com todas as guerras, sua defesa da autogovernança indiana e irlandesa, a sugestão de que as autoridades britânicas implorassem o perdão ao mundo pelas crueldades de seu império, o desejo de construir uma maquete da Terra de cento e vinte metros de diâmetro, na qual as pessoas pudessem dar uma volta usando um balão gigante, com fins educativos... esse tipo de coisa.

Em outras palavras, ele relaxava na companhia de Alma, e ela na dele. Ele era um interlocutor fascinante quando não era tolhido, como ela sempre imaginara que fosse — disposto a conversar sobre temas e paixões de várias ordens. Fazia anos que ela não se divertia tanto. Como era muito gentil e simpático, ele também quis saber da vida dela, e não falou só de si. Por conseguinte, Alma se viu contando da infância em White Acre, da coleta de espécimes botânicos quando tinha cinco anos e cavalgava um pônei coberto de seda, dos excêntricos pais e das desafiantes conversas que travavam à mesa de jantar, das histórias do pai a respeito de sereias e do capitão Cook, da biblioteca singular da casa, de sua educação tão obsoleta que era quase cômica, dos anos de investigação de colônias de musgos da Filadélfia, da abolicionista valente que era sua irmã e das aventuras no Taiti. O mais incrível — embora fizesse décadas que não falava de Ambrose com ninguém — foi que lhe contou sobre o notável marido, que retratava orquídeas com uma beleza que ninguém conseguira igualar e morrera nos Mares do Sul.

“Que vida a senhorita teve!”, disse Wallace.

Alma precisou desviar o olhar quando ele teceu esse comentário. Era a primeira pessoa que dizia isso. Ela se sentiu dominada pelo acanhamento, mas também pelo impulso, outra vez, de pôr as mãos no rosto dele e sentir suas feições — assim como sentia os musgos naquela época, memorizando com os dedos o que não podia mais adorar com os olhos.

Ela não tinha planejado em que momento lhe contaria, ou exatamente o que contaria. Nem sequer planejara que *iria* contar. Nos últimos dias da visita, passou a imaginar que provavelmente não contaria nada. Francamente, sentia que bastava ter conhecido o homem e tapado o vão que os separara todos aqueles anos.

Mas então, na última tarde dele em Amsterdã, Wallace perguntou se a própria Alma não lhe mostraria a Gruta dos Musgos, portanto ela o levou até lá. Ele se mostrou paciente ao caminhar pelo jardim no ritmo penosamente lento que ela impunha.

“Peço perdão por estar tão devagar”, disse Alma. “Meu pai me chamava de dromedário, mas hoje em dia fico cansada depois de dar dez passos.”

“Então descansaremos a cada dez passos”, ele declarou, e segurou-a pelo braço para conduzi-la.

Era uma tarde de quinta-feira, e garoava, portanto o Hortus estava quase deserto. Alma e Wallace teriam a Gruta dos Musgos só para eles. Ela o levou de seixo em seixo, mostrando os musgos de todos os continentes e explicando como havia costurado todos eles no mesmo lugar. Ele ficou admirado — como qualquer um que amasse o mundo ficaria.

“Meu sogro ficaria fascinado se visse isso”, ele disse.

“Eu sei”, disse Alma. “Sempre quis trazer o senhor Mitten aqui. Quem sabe um dia ele não faz uma visita?”

“Quanto a mim”, ele prosseguiu, sentando-se no banco que ficava no meio da gruta, “acho que viria aqui todos os dias, se pudesse”.

“Eu venho todos os dias”, declarou Alma, também se sentando no banco. “Em geral, de joelhos e com uma pinça na mão.”

“Que legado a senhorita criou”, ele disse.

“Que elogio gentil, sr. Wallace, e vindo de alguém que também criou um grande legado.”

“Ah”, ele exclamou, desdenhando a lisonja.

Passaram um tempo sem quebrar o agradável silêncio. Alma pensou na primeira vez que ficou a sós com Amanhã Cedo no Taiti. Lembrou-se de ter dito: “O senhor e eu — creio — temos uma ligação muito mais íntima com o destino um do outro do que seria de se imaginar.” Desejava dizer a mesma coisa a Alfred Russel Wallace, mas não sabia se seria correto fazê-lo. Não queria que ele achasse que ela estava se gabando da própria teoria da evolução. Ou — pior — que estava mentindo. Ou — pior ainda — que estava pondo o legado dele em dúvida, ou o de Darwin. Talvez fosse melhor não dizer nada.

Porém, ele se manifestou. Declarou: “Srta. Whittaker, preciso dizer que foi um enorme prazer esses dias que passei em sua companhia.”

“Obrigada”, ela disse. “Também foi um grande prazer para mim. Mais do que o senhor possa imaginar.”

“Foi uma enorme generosidade da parte da senhorita ouvir minhas ideias a respeito de tudo quanto é coisa. Existem poucas pessoas assim. Descobri no decorrer da vida que, quando falo de biologia, me comparam a Newton. Mas quando falo do universo espiritual, me declaram um idiota infantil e bobo.”

“Não dê ouvidos”, sugeriu Alma, dando tapinhas carinhosos em sua mão. “Nunca gostei dos insultos que fazem ao senhor.”

Ele passou um tempo calado, e depois: “Posso lhe fazer uma pergunta, srta. Whittaker?”

Ela assentiu.

“Posso lhe perguntar como a senhorita sabe tanto a meu respeito? Não quero que pense que me sinto ofendido — pelo contrário, me sinto lisonjeado —, mas simplesmente não entendo. Seu ramo é a briologia, veja só, e o meu não é. A senhorita tampouco é espiritualista ou adepta do mesmerismo. No entanto, a senhorita conhece muito bem todos os meus escritos, sobre todos os campos, e também conhece meus críticos. Sabe até quem é o pai da minha esposa. A que isso se deve? Não consigo encaixar as peças...”

Ele emudeceu, temendo, ao que parecia, ter sido indelicado. Ela não queria que ele pensasse ter sido rude com uma idosa. Tampouco queria que ele a visse como uma velhota desvairada tomada por uma obsessão inconveniente. Nesse caso, que alternativa lhe restava?

Ela lhe contou tudo.

Quando ela enfim parou de falar, ele guardou silêncio por bastante tempo, depois inquiriu: “A senhorita ainda tem o ensaio?”

“É claro”, ela respondeu.

“Posso ler?”, ele pediu.

Devagar, sem entabular outras conversas, atravessaram o portão dos fundos do Hortus a caminho do escritório de Alma. Ela destrancou a porta, ofegante por causa dos degraus, e convidou o sr. Wallace a se sentar à escrivaninha e ficar à vontade. Debaixo do divã que havia no canto, pegou uma pequena valise de couro empoeirada — surrada como se tivesse dado várias voltas ao mundo, o que, de fato, havia feito — e a abriu. Dentro dela havia só uma coisa: um documento de quarenta páginas, escrito à mão e delicadamente embrulhado em flanela, como um bebê.

Alma o levou a Wallace, depois se acomodou no divã enquanto ele lia. Levou um tempo. É provável que tenha cochilado — o que acontecia muito na época, e nos momentos mais estranhos —, já que se sobressaltou com o som de sua voz um tempo depois.

“Quando foi que a senhorita disse que escreveu isto, srta. Whittaker?”, ele indagou.

Ela esfregou os olhos. “A data está no verso”, explicou. “Acrescentei coisas depois, ideias e tal, e os adendos estão arquivados em algum lugar neste escritório. Mas o documento que está em suas mãos é o original, que escrevi em 1854.”

Ele refletiu.

“Então Darwin continua a ser o primeiro”, ele constatou.

“Ah, sim, sem dúvida”, disse Alma. “O sr. Darwin foi de longe o primeiro, e o mais completo. Nunca houve dúvida quanto a isso. Por favor, entenda, sr. Wallace, que não pretendo reivindicar...”

“Mas a senhorita teve essa ideia antes de mim”, disse Wallace. “Darwin foi

mais rápido que nós, com certeza, mas a senhorita teve a ideia quatro anos antes de mim.”

“Bem...” Alma hesitou. “Isso não é de modo algum o que eu quis dizer.”

“Mas srta. Whittaker”, ele interpelou, e levantou a voz devido à empolgação e à compreensão. “Isso quer dizer que éramos três!”

Por um instante, Alma parou de respirar.

Num lampejo, ela foi levada de volta a White Acre, a um belo dia do outono de 1819 — o dia em que ela e Prudence conheceram Retta Snow. As três eram muito jovens, e o céu estava azul, e o amor ainda não tinha ferido com crueldade nenhuma delas. Retta dissera, fitando Alma com seus olhos brilhantes, vivazes: “Então agora somos três! Que sorte!”

Como era a canção que Retta inventara para elas?

*Somos rabeça, colher e forquilha
Com a lua dançamos quadrilha
Se um beijo quiser nos roubar
É melhor você não demorar!*

Já que Alma demorou a responder, Wallace se levantou e se sentou a seu lado.

“Srta. Whittaker”, ele disse, num tom mais baixo. “Consegue entender? Éramos três.”

“Sim, sr. Wallace. Me parece que éramos.”

“Trata-se de uma simultaneidade extraordinária.”

“Foi o que sempre pensei”, ela declarou.

Ele fixou o olhar na parede, permanecendo mudo por um tempo.

Por fim, perguntou: “Quem mais sabe disso? Quem pode testemunhar pela senhorita?”

“Somente meu tio Dees.”

“E cadê o seu tio Dees?”

“Ele é falecido, sabe”, disse Alma, e não teve como conter a risada. Seria assim que Dees gostaria que ela falasse. Ah, que saudade tinha daquele velho holandês corpulento. Ah, como ele teria adorado esse momento.

“Mas por que a senhorita nunca o publicou?”, questionou Wallace.

“Porque não era bom o suficiente.”

“Bobagem! Está tudo aqui. A teoria inteira está aqui. Com certeza é mais elaborado do que a carta absurda, febril que mandei a Darwin em cinquenta e oito. Devíamos publicá-lo agora.”

“Não”, retrucou Alma. “Não há necessidade de publicá-lo. Eu realmente não preciso disso. Já basta o que o senhor acabou de dizer — que éramos três. Isso me basta. O senhor alegrou uma velha senhora.”

“Mas *podemos* publicá-lo”, ele insistiu. “Eu poderia apresentá-lo pela senhorita...”

Ela pôs sua mão na dele. “Não”, disse com firmeza. “Peço que o senhor confie em mim. Não há necessidade.”

Ficaram imóveis por um tempo.

“Posso ao menos perguntar por que a senhorita achava que não valia a pena publicá-lo em 1854?”, inquiriu Wallace, rompendo o silêncio.

“Não publiquei porque acreditava que faltava alguma coisa na teoria. E lhe digo, sr. Wallace — eu *ainda* acredito que falta alguma coisa na teoria.”

“O quê, exatamente?”

“Uma justificativa evolucionária convincente para o altruísmo e a abnegação humanas”, ela esclareceu.

Ela se perguntou se teria de entrar em detalhes. Não sabia se tinha energia para mergulhar de cabeça nessa questão gigantesca outra vez — para contar tudo a respeito de Prudence e os órfãos, e as mulheres que resgatavam bebês dos canais, e os homens que enfrentavam incêndios para salvar desconhecidos, e os prisioneiros esfomeados que dividiam suas últimas migalhas com outros prisioneiros esfomeados, e os missionários que perdoavam quem fornicava, e as enfermeiras que cuidavam dos dementes, e as pessoas que amavam cachorros que ninguém mais seria capaz de amar, e todo o resto.

Mas não havia necessidade de ser tão detalhista. Ele entendeu na mesma hora.

“Eu também me fiz essas perguntas, sabe”, declarou.

“Sei que sim”, ela disse. “Sempre me perguntei: Darwin se fazia essas perguntas?”

“Sim”, afirmou Wallace. Mas parou e ponderou: “Apesar de nunca ter descoberto exatamente a que conclusão Darwin chegou sobre a questão, para ser franco. Ele tomava muito cuidado, sabe, para nunca fazer declarações sobre algo de que não tivesse certeza. Ao contrário de mim.”

“Ao contrário do senhor”, Alma concordou. “Mas não ao contrário de mim.”

“Não, não ao contrário da senhorita.”

“O senhor gostava do sr. Darwin?”, Alma perguntou. “Sempre tive essa curiosidade.”

“Ah, sim”, Wallace disse com tranquilidade. “Bastante. Ele era um grande homem. Acho que foi o grande homem da nossa época, ou, aliás, da maioria das épocas. A quem podemos compará-lo? Houve Aristóteles. Houve Copérnico. Houve Galileu. Houve Newton. E houve Darwin.”

“Então o senhor nunca se ressentiu dele?”, questionou Alma.

“Céus, claro que não, srta. Whittaker. Na ciência, todo o mérito deve ser atribuído ao primeiro descobridor, portanto a teoria da seleção natural era para ser dele. Além disso, só ele tinha excelência para isso. Creio que ele foi o Virgílio da nossa geração, nos conduzindo a um passeio pelo céu, o inferno e o purgatório. Ele foi nosso guia divino.”

“Eu também sempre pensei assim.”

“Eu lhe digo, srta. Whittaker, não me causa nenhuma angústia saber que a senhorita foi mais rápida que eu na teoria da seleção natural, mas ficaria muito triste se soubesse que sobrepujou Darwin. Nutro tanta admiração por ele, sabe? Gostaria que ele se mantivesse no trono.”

“O trono dele está garantido no que depender de mim, rapaz”, assegurou Alma com docilidade. “Não há o que temer.”

Wallace riu. “Aprecio muito, srta. Whittaker, que me chame de rapaz. Para um homem sexagenário, é um grande elogio.”

“Vindo de uma senhora octogenária, senhor, é apenas a verdade.”

Ele realmente lhe parecia jovem. Era interessante — tinha a impressão de que havia passado os melhores momentos de sua vida na companhia de homens idosos. Participara daqueles jantares estimulantes na infância, sentada à mesa com uma série infundável de mentes brilhantes e idosas. Houve os anos em White Acre, com o pai, discutindo botânica e comércio noite adentro. Houve a temporada no Taiti, com o bondoso e digno reverendo Francis Welles. Houve os quatro anos felizes que passara com o tio Dees ali em Amsterdã, antes de seu falecimento. Mas agora ela estava idosa e não havia mais homens idosos! Agora estava ao lado de um corcunda de barba grisalha — uma criança de meros sessenta — e era ela a tartaruga anciã do ambiente.

“Sabe no que eu acredito, srta. Whittaker? Quanto à sua pergunta sobre a origem da compaixão e abnegação humanas? Acredito que a evolução explica *quase* tudo sobre nós, e obviamente acredito que explique tudo sobre o resto da natureza. Mas não creio que só a evolução responda por nossa singular consciência humana. Não existe necessidade evolutiva, entende, para a aguçada sensibilidade intelectual e emocional que temos. Não existe necessidade prática para a mente que temos. Não precisamos de uma mente capaz de jogar xadrez, srta. Whittaker. Não precisamos de uma mente capaz de inventar religiões ou de argumentar sobre as nossas origens. Não precisamos de uma mente que nos leve a chorar na ópera. Não precisamos de ópera, aliás — nem de ciência, nem de arte. Não precisamos de ética, moralidade, dignidade ou sacrifício. Não precisamos de afeto ou amor — não a ponto de senti-los, certamente. A bem da verdade, a nossa sensibilidade pode ser uma desvantagem, porque pode nos levar ao sofrimento. Então não creio que o processo de seleção natural nos deu essa mente — apesar de crer que ela nos deu esse corpo e grande parte das nossas habilidades. Sabe por que eu acho que temos essas mentes extraordinárias?”

“Sei sim, sr. Wallace”, Alma disse em voz baixa. “Li boa parte da sua obra, não se esqueça.”

“Vou lhe dizer por que temos essas mentes e almas incríveis, srta. Whittaker”, ele continuou como se não tivesse escutado. “Nós as temos porque existe uma inteligência suprema no universo que deseja uma comunhão conosco. Essa inteligência suprema anseia ser conhecida. Ela nos chama. Ela faz com que nos

aproximemos de seu mistério, e nos concede essas mentes dignas de nota, a fim de que tentemos alcançá-la. Ela quer que a encontremos. Quer se unir a nós, acima de tudo.”

“Sei que é isso o que o senhor pensa”, disse Alma, voltando a afagar-lhe a mão, “e creio que seja uma ideia bastante criativa, sr. Wallace”.

“Acha que tenho razão?”

“Não sei dizer”, declarou Alma, “mas é uma bela teoria. É a que chega mais perto de responder a minha pergunta. No entanto, o senhor está respondendo um mistério com outro mistério, e não sei se eu daria a isso o nome de ciência — mas talvez desse o nome de poesia. Infelizmente, assim como o seu amigo, o sr. Darwin, ainda busco as respostas mais concretas dadas pela ciência empírica. Receio que seja da minha natureza. Mas o sr. Lyell concordaria com o senhor. Ele argumentava que somente um ser divino poderia ter criado a mente humana. Meu marido teria adorado a sua hipótese. Ambrose acreditava nessas coisas. Ele almejava a união que o senhor menciona, com a inteligência suprema. Morreu buscando essa união”.

Tornaram a se calar.

Passado um tempo, Alma sorriu. “Sempre me perguntei o que o sr. Darwin achava dessa sua ideia — sobre as nossas mentes serem uma exceção às regras da evolução, e sobre a existência de uma inteligência suprema conduzindo o universo.”

Wallace também abriu um sorriso. “Ele não aprovava.”

“Eu imaginava que não!”

“Ah, ele não gostava nem um pouco disso, srta. Whittaker. Ficava estarecido sempre que eu tocava no assunto. Ele não conseguia acreditar — depois de todas as nossas batalhas juntos — que eu estivesse pondo Deus no meio da conversa!”

“E o que o senhor dizia?”

“Tentava explicar a ele que eu jamais mencionei a palavra ‘Deus’. Que foi ele quem usou essa palavra. A única coisa que eu falei é que existe uma inteligência suprema no universo e que ela almeja se unir conosco. Eu acredito no mundo dos espíritos, srta. Whittaker, mas jamais poria a palavra ‘Deus’ no meio de uma discussão científica. Afinal, sou totalmente ateu.”

“Claro que é, meu querido”, ela disse, lhe afagando a mão outra vez. Estava gostando muito de afagar sua mão. Estava aproveitando cada instante.

“A senhorita me acha ingênuo”, disse Wallace.

“Eu acho o senhor maravilhoso”, corrigiu Alma. “Acho que é a pessoa mais maravilhosa que já conheci e que ainda está viva. O senhor me deixa contente de ainda estar aqui, de conhecer alguém assim.”

“Bom, a senhorita não está sozinha, ainda que tenha sobrevivido a todo mundo. Acredito que esteja rodeada por uma multidão de amigos e entes queridos, já finados, que exercem influência sobre nossas vidas e nunca nos abandonam.”

“Que ideia adorável”, disse Alma, e tornou a afagar a mão dele.

“Já foi a uma sessão espírita, srta. Whittaker? Eu poderia levá-la. A senhorita poderia falar com o seu marido, através da fronteira da morte.”

Alma ponderou a oferta. Lembrou-se da noite com Ambrose no quatinho de encadernação, quando se falaram através das palmas das mãos: sua única experiência com o místico e inefável. Ainda não sabia o que tinha sido aquilo, na verdade. Ainda não tinha certeza absoluta de que não imaginara a situação toda, num surto de amor e desejo. Por outro lado, às vezes se questionava se Ambrose de fato era um ser mágico — quicá uma mutação evolucionária à parte, que simplesmente nascera nas circunstâncias erradas, ou no momento errado da história. Talvez nunca mais fosse existir alguém como ele. Talvez ele fosse uma experiência fracassada.

Fosse ele o que fosse, no entanto, não tinha acabado bem.

“Devo dizer, sr. Wallace”, ela respondeu, “que é muita gentileza do senhor me convidar para uma sessão espírita, mas não o farei. Tive uma experiência breve com a comunicação silenciosa e sei que só o fato de que as pessoas se *escutam* não significa que elas necessariamente se *entendam*”.

Ele riu. “Bom, se a senhorita mudar de ideia, por favor, me mande um recado.”

“O senhor pode ter certeza de que mandarei. Mas é bem mais provável que o senhor mande algum recado *a mim*, depois que eu morrer, em uma de suas sessões espíritas! O senhor não terá de esperar muito por isso, já que partirei em breve.”

“A senhorita jamais partirá. O espírito apenas vive dentro do corpo, srta. Whittaker. A morte só separa essa dualidade.”

“Obrigada, sr. Wallace. Suas palavras são muito gentis. Mas não é preciso me confortar. Estou velha demais para temer as grandes mudanças da vida.”

“Sabe, srta. Whittaker... estou aqui, explicando todas as minhas teorias, mas ainda não parei para perguntar à senhorita, uma mulher sábia, a respeito de suas crenças.”

“Minhas crenças talvez não sejam tão empolgantes quanto as do senhor.”

“Mesmo assim, gostaria de ouvi-las.”

Alma suspirou. Era uma baita pergunta. *No que* ela acreditava?

“Acredito que estamos todos de passagem”, ela começou. Refletiu por um tempo e acrescentou: “Acredito que somos meio cegos e cheios de defeitos. Acredito que entendemos muito pouco, e que boa parte do que entendemos está errado. Acredito que não seja possível sobreviver à vida — *isso* é evidente! —, mas, se dermos sorte, podemos resistir à vida por bastante tempo. Se a pessoa for sortuda e obstinada, às vezes é possível até aproveitar a vida.”

“A senhorita acredita na vida após a morte?”, Wallace indagou.

Ela afagou-lhe a mão outra vez. “Ah, senhor Wallace, eu me esforço muito

para não dizer nada que chateie os outros.”

Ele riu mais uma vez. “Não sou tão sensível quanto a senhorita possa imaginar. Pode me contar no que a senhorita acredita.”

“Bom, se o senhor faz questão de saber, acredito que a maioria das pessoas é muito frágil. Acredito que tenha sido um golpe terrível na opinião que os homens tinham de si mesmos quando Galileu anunciou que não somos o centro do universo — assim como foi um golpe para o mundo quando Darwin anunciou que não somos uma criação especial de Deus, feita em um momento miraculoso. Acredito que seja difícil para a maioria das pessoas ouvir essas coisas. Acredito que isso faça com que as pessoas se sintam insignificantes. Dito isso, me pergunto, sr. Wallace, se o seu desejo pelo mundo espiritual e por uma vida após a morte não é apenas um sintoma da eterna busca do ser humano de se sentir... relevante? Peço perdão, não quero ofendê-lo. O homem que eu amava profundamente tinha essa mesma necessidade, vivia essa mesma busca — de comunhão com uma divindade misteriosa, de transcender o corpo e o mundo e de continuar relevante em um mundo melhor. Descobri que ele era uma pessoa solitária, sr. Wallace. Uma pessoa linda, mas solitária. Não sei se o senhor se sente só, mas fico me perguntando isso.

Ele não respondeu.

Passado um instante, ele perguntou apenas: “E a senhorita não tem esse desejo? De se sentir relevante, srta. Whittaker?”

“Vou lhe dizer uma coisa, sr. Wallace. Eu acho que sou a mulher mais afortunada que já existiu. Meu coração foi partido, sem dúvida, e a maioria dos meus desejos não foram concretizados. Decepcionei a mim mesma com o meu comportamento, e outras pessoas me decepcionaram. Sobrevivi a quase todo mundo que amei. A única pessoa que continua viva para mim neste mundo é uma irmã, que não vejo há mais de trinta anos — e com quem não tive nenhuma intimidade durante boa parte da minha vida. Não tive uma carreira ilustre. Tive uma única ideia original na vida — e por acaso foi uma ideia importante, uma ideia que poderia ter me dado a chance de ser reconhecida —, mas hesitei em divulgá-la, e assim perdi a oportunidade. Não tenho marido. Não tenho herdeiros. Já tive uma fortuna, mas eu a doe. Meus olhos estão me abandonando, e meus pulmões e pernas me geram muito sofrimento. Não acho que estarei aqui na próxima primavera. Vou morrer separada por um oceano do lugar onde nasci e serei enterrada aqui, longe dos meus pais e da minha irmã. Claro que o senhor deve estar se perguntando a essa altura — por que essa mulher tão azarada se diz afortunada?”

Ele não se pronunciou. Era muito gentil para responder uma questão dessas.

“Não se preocupe, sr. Wallace. Não estou brincando com o senhor. Eu realmente acredito que sou afortunada. Sou afortunada porque pude dedicar a minha vida ao estudo do mundo. Assim, nunca me senti insignificante. Esta vida é

um enigma, sim, e muitas vezes é uma provação, mas se a pessoa é capaz de achar nela alguns fatos, é bom sempre achá-los — pois conhecimento é o bem mais precioso de todos.”

Já que ele continuava mudo, Alma prosseguiu:

“Veja só, eu nunca senti necessidade de inventar um mundo além deste, pois este mundo sempre me pareceu bastante vasto e belo. Já me perguntei por que não é vasto e belo o bastante para os outros — por que precisam sonhar com lugares novos e maravilhosos, ou almejar viver alhures, além deste território... mas isso não me diz respeito. Somos todos diferentes, suponho. Tudo o que eu sempre quis foi conhecer *este* mundo. A essa altura, chegando ao meu fim, posso dizer que sei um pouco mais do que sabia ao chegar. Além disso, meu pouco conhecimento foi somado a todo o conhecimento acumulado pela história — somado à biblioteca, por assim dizer. Não é pouca coisa, senhor. Quem pode dizer uma coisa dessas teve uma vida afortunada.”

Agora foi ele quem afagou a mão dela.

“Muito bem dito, srta. Whittaker”, ele elogiou.

“Realmente, sr. Wallace”, ela disse.

Depois disso, parecia que a conversa estava encerrada. Ambos estavam pensativos e cansados. Alma pôs o manuscrito de volta na valise de Ambrose, enfiou a pasta debaixo do divã e trancou a porta do escritório. Nunca mais o mostraria a ninguém. Wallace a ajudou a descer a escada. Lá fora estava escuro e nebuloso. Caminharam devagar rumo à residência dos Van Devender, a duas portas dali. Ela abriu a porta para ele e, parados no corredor, se deram boa-noite. Wallace iria embora na manhã seguinte e não voltariam a se ver mais.

“Fico muito contente porque o senhor veio”, ela lhe disse.

“Fico muito contente porque a senhorita me chamou”, ele declarou.

Ela esticou o braço e tocou-lhe o rosto. Ele permitiu. Ela explorou suas feições ternas. Tinha um rosto bondoso — sentia que ele tinha.

Em seguida, ele subiu a escada a caminho do quarto, mas Alma aguardou no corredor. Não tinha vontade de dormir. Ao ouvir a porta se fechar, pegou a bengala e o xale e voltou ao ar livre. Estava escuro, mas isso não tinha mais importância para Alma: ela mal enxergava à luz do dia e conhecia bem os arredores através do tato. Encontrou o portão dos fundos do Hortus — o portão privativo que os Van Devender já usavam havia três séculos — e entrou no jardim.

Seu intuito era retornar à Gruta dos Musgos e passar um tempo contemplando as questões, mas como ficou com falta de ar, descansou um pouco, encostada na árvore mais próxima. Minha nossa, como estava velha! Como tinha acontecido rápido! Ficou grata pela árvore ao seu lado. Ficou grata pelo jardim, sob sua beleza obscura. Ficou grata pelo lugar tranquilo onde repousar. Lembrou-se do

que a pobre louca Retta Snow sempre dizia: “Graças aos céus temos a terra! Do contrário, onde nos sentariamos?” Alma estava um pouco zozza. Que noite aquela tinha sido!

Éramos três, ele dissera.

De fato, eram três, e agora havia apenas dois. Em breve, haveria apenas um. Depois, Wallace também partiria. Mas, pelo menos por enquanto, ele estava ciente dela. Ela era *conhecida*. Alma apertou o rosto contra a árvore e se admirou daquilo tudo — da velocidade das coisas, das confluências estupendas.

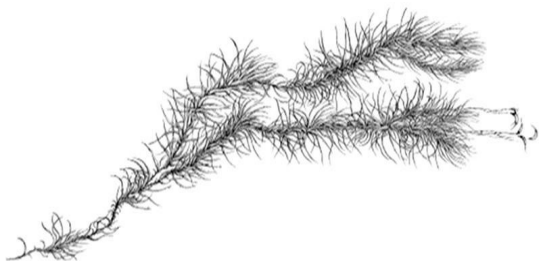
Ninguém pode ficar absorto no espanto abismado para sempre, contudo, e, passado um tempo, Alma se perguntou que árvore era aquela, exatamente. Conhecia todas as árvores do Hortus, mas tinha perdido a noção de onde estava, portanto não se lembrava. O aroma lhe era familiar. Acariciou o tronco e então soube — era a noqueira norte-americana, a única da espécie em Amsterdã. *Juglandaceae*. Família das noqueiras. Esse espécime específico viera da América havia mais de cem anos, provavelmente do oeste da Pensilvânia. Era difícil de ser transplantada por causa da raiz mestra comprida. Devia ter chegado quando era um broto minúsculo. Crescia nas terras baixas aluviais. Gostava de marga e sedimento; era amiga das codornas e raposas; resistente ao gelo; suscetível à putrefação. Era velha. Ela era velha.

Linhas de evidências convergiam sobre Alma — linhas de todas as direções — levando-a à conclusão derradeira, descomunal: em breve, muito em breve, sua hora chegaria. Sabia que era a verdade. Talvez não naquela noite, mas em alguma noite próxima. Não tinha medo da morte, em tese. No mínimo, tinha era respeito e reverência pelo Gênio da Morte, que moldara este mundo mais do que qualquer outra força. Dito isso, não queria morrer naquele instante. Ainda queria ver o que aconteceria em seguida, como de hábito. O negócio era resistir à submersão até onde fosse possível.

Agarrou-se à árvore grandiosa como se fosse um cavalo. Espremeu a bochecha contra seu flanco silencioso, vivaz.

Ela disse: “Você e eu estamos muito longe de casa, não estamos?”

No jardim escuro, no meio da noite urbana sossegada, a árvore não respondeu. Porém, sustentou-a por mais um tempinho.



AGRADECIMENTOS

Pela ajuda e inspiração, a autora deseja agradecer: ao Jardim Botânico Real, Kew; ao Jardim Botânico de Nova York; ao Hortus Botanicus de Amsterdã; ao Jardim de Bartram; às Woodlands; Liberty Hall Museum; e Esalen; também a Margaret Cordi, Anne Connell, Shea Hembrey, Rayya Elias, Mary Bly, Linda Shankara Barrera, Tony Freund, Barbara Paca, Joel Fry, Marie Long, Stephen Sinon, Mia D'Avanza, Courtney Allen, Adam Skolnick, Celeste Brash, Roy Withers, Linda Tumarae, Cree LeFavour, Jonny Miles, Ernie Sesskin, Brian Foster, Sheryl Moller, Deborah Luepnitz, Ann Patchett, Eileen Marolla, Karen Lessig, Michael e Sandra Flood, Tom e Deann Higgins, Jeannette Tynan, Jim Novak, Jim e Dave Cahill, Bill Burdin, Ernie Marshall, Sarah Chalfant, Charles Buchan, Paul Slovak, Lindsay Prevette, Miriam Feuerle, Alexandra Pringle, Katie Bond, Terry e Deborah Olson, Catherine Gilbert Murdock, John e Carole Gilbert, José Nunes, o saudoso Stanley Gilbert e o saudoso Sheldon Potter. Agradecimentos especiais são devidos à dra. Robin Wall-Kimmerer (a coletora de musgos original) e, aliás, a todas as mulheres da ciência ao longo da história.

Tenha a certeza, cara amiga, de que muitas ciências e artes magníficas e dignas de nota foram descobertas por meio da compreensão e da sutileza das mulheres, tanto na especulação cognitiva, demonstrada pela escrita, como nas artes, manifesta em trabalhos manuais. Vou lhes dar inúmeros exemplos.

Christine de Pizan,
O livro da cidade das damas